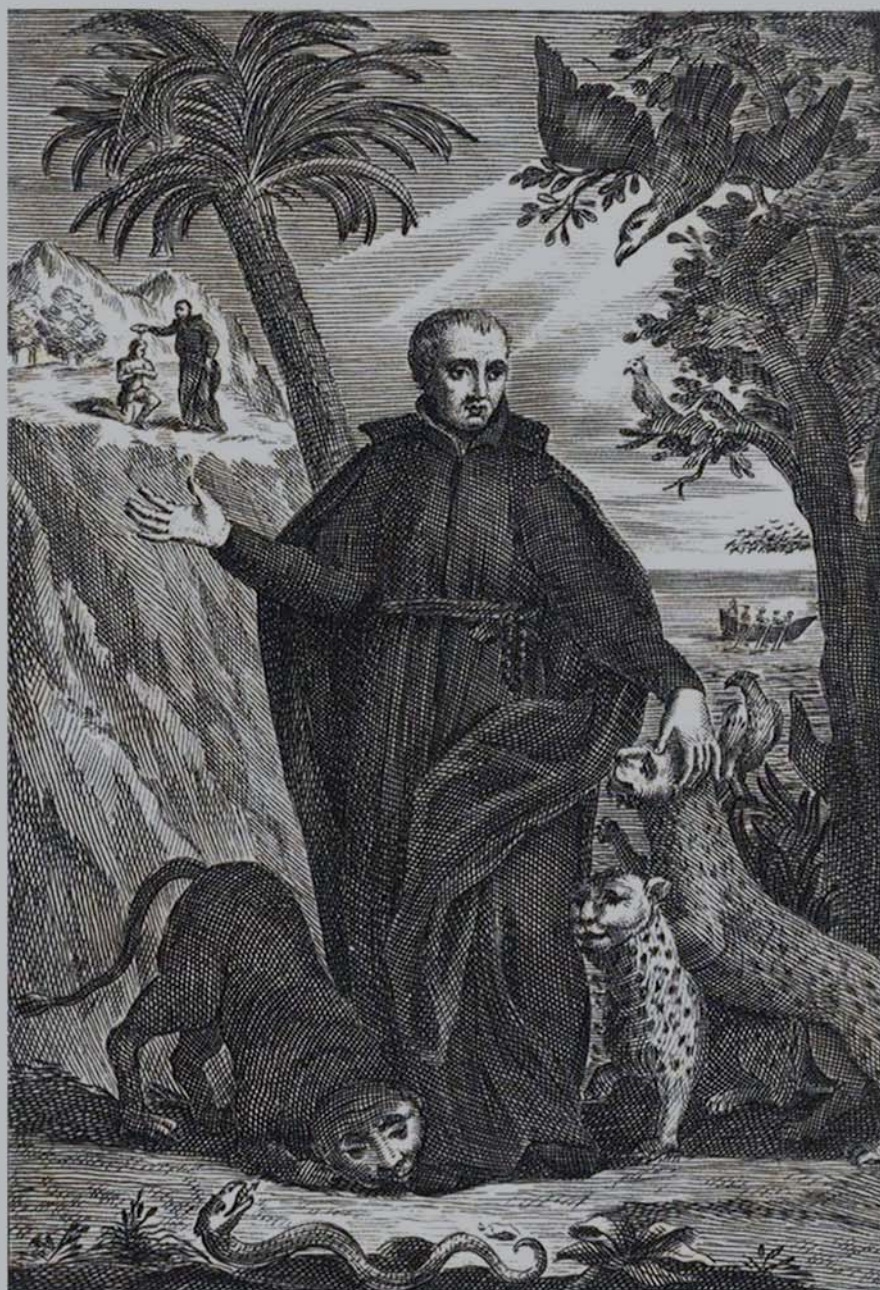


**NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM
ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**ZONÍMIA TUPI
NOS ESCRITOS QUINHENTISTAS
EUROPEUS**



NEHILP

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P213 Papavero, Nelson.

Zoonímia tupi nos escritos quinhentistas europeus [livro eletrônico] / Nelson Papavero, Dante Martins Teixeira ; [coordenador da série monográfica]: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2014.

47991 kb ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.3)

Modo de acesso:

<http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_3.pdf>

ISBN 978-85-7506-230-2

1. Etimologia. 2. Língua tupi. 3. Espécies animais – Brasil. 4. Autores europeus – Século 16. I. Teixeira, Dante Martins. II. Viaro, Mário Eduardo. III. Título. IV. Série.

CDD 469.2

Nelson Papavero
Dante Martins Teixeira

ZONÍMIA TUPI
NOS ESCRITOS QUINHENTISTAS
EUROPEUS

FFLCH/USP

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

VICE-REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

VICE-DIRETOR: Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

COMISSÃO ORGANIZADORA

COORDENAÇÃO GERAL: Mário Eduardo Viaro

PRODUÇÃO GRÁFICA: Heloisa Guimarães

ARQUIVOS DO NEHILP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp

arquivosdonehilp@usp.br

CONSELHO EDITORIAL:

Aldo Luiz Bizzocchi

Artur Costrino

Bruno Oliveira Maroneze

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Daniel Kölligan

Elis de Almeida Cardoso Caretta

Federico Corriente

Francisco da Silva Xavier

Graça Maria Rio-Torto

José Marcos Mariani de Macedo

Joseni Alcântara de Oliveira

Mamede Mustafa Jarouche

Maria Clara Paixão de Sousa

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Marcelo Módolo

Marco Dimas Gubitoso

Margarida Maria Taddoni Petter

Mariana Giacomini Botta

Maria Filomena Gonçalves

Mário Eduardo Viaro

Mario Ferreira

Martin Becker

Michael J. Ferreira

Nelson Papavero

Nilsa Areán-García

Paulo Chagas de Souza

Phablo Roberto Marchis Fachin

Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Sandra Aparecida Ferreira

Sílvio de Almeida Toledo Neto

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho

Valéria Gil Condé

Volker Noll

ISBN 978-85-7506-230-2

ISSN 2318-2032

Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.nehilp.usp.br/arquivosdonehilp

Volume 3: 1-329, 2014

ISBN 978-85-7506-230-2

ISSN 2318-2032

NELSON PAPAVERO

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

DANTE MARTINS TEIXEIRA

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

ZOONÍMIA TUPI NOS ESCRITOS QUINHENTISTAS EUROPEUS



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo

2014

Resumo

Cerca de 1330 nomes tupis de animais (incluindo as variantes) foram registrados por autores europeus durante o século XVI. Os trechos a eles referentes, de cada autor, são transcritos e os nomes identificados tanto quanto possível. Apresenta-se também um catálogo das espécies tornadas conhecidas nessa época.

Palavras-chave: Zoonímia, Tupi, Brasil, Autores europeus, Século XVI, Catálogo das espécies.

Abstract

About 1330 Tupi names of animals (including variations) were registered by European authors during the 16th century. The passages related to them, of each author, is transcribed and the names identified as far as possible. A catalogue of the species that were known at that time is also presented.

Key-words: Zoonymy, Tupi Language, Brazil, European authors, 16th Century, Catalogue of the species.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. A presença francesa no Brasil na primeira metade do século XVI	12
2. O <i>Regimento da nau Bretoa</i> (1511): O primeiro registro de nomes tupis de animais	17
3. A carta de Jehan de Moucheau a Lady Lisle (29 de novembro de 1539)	18
4. A querela de Marot e Sagon (1537).....	20
5. Jean Lamy e a <i>Langaige du Bresil</i> (1540's)	39
6. A 'festa brasileira' em Rouen em homenagem a Henri II segundo um autor anônimo (1551)...	40
7. Pierre Belon: <i>Les observations de plvsievrs singlaritez & choses memorables</i> (1553), <i>L'histoire de la natvre des oyseaux</i> (1555) e os <i>Portraits d'Animaux</i> (1557).....	49
8. O apêndice às <i>Historiae Animalium Liber ii de Quadrupedibus Oviparis</i> de Conrad Gesner (1554).....	58
9. A <i>Warhaftige Historia</i> de Hans Staden (1557).....	61
10. Júlio César Scaliger: <i>Exotericarvm Exercitationvm</i> (1557).....	66
11. As <i>Singularitez de la France Antarctique</i> de André Thevet (1557).....	68
12. A <i>Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem</i> do Pe. José de Anchieta (1560)	84
13. Os <i>Icones Animalium Quadrupedum Viviparorum et Oviparorum</i> , o <i>Nomenclator aqvati- livm animantivm</i> e os <i>Icones avium omnium</i> de Gesner (1560)	94
14. A triste sina dos saguis levados para Portugal por Roderich Linz (1564).....	101
15. O <i>Tratado da Provincia do Brasil</i> e o <i>Tratado da Terra do Brasil</i> de Pero de Magalhães de Gândavo (1570's)	104
16. A <i>Cosmographie Universelle</i> de Thevet (1575).....	105
17. A <i>Historia da Prouincia de Sãcta Cruz</i> de Pero de Magalhães de Gândavo (1576).....	116
18. Uma digressão sobre a <i>Ipupiara</i>	121
19. A <i>Histoire d'un voyage fait en la terre dv Bresil</i> de Jean de Léry (1578).....	134
20. Ambroise Paré (1579).....	146

21. Jeanne d'Albret e a ' <i>Dépense extraordinaire du Roy de Navarre pendant les mois d'avril, mai et juin 1582</i> '	149
22. Fernão Cardim (1583)	151
23. O <i>Auto da Festa de São Lourenço</i> (ca. 1583) e <i>Na aldeia de Guaraparim</i> (ca. 1585) de José de Anchieta	170
24. O <i>Vocabulario na Lingua Brasilica</i> do Pe. Leonardo do Valle, S. J. (1585).....	173
25. Gabriel Soares de Souza(1587)	180
26. O <i>Grand Insulaire</i> (1596) e a <i>Histoire d'André Thevet Angomoisin, Cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes Australes, et Occidentales</i> (1587-1588) O <i>Grand Insulaire</i> (Thevet, 1586)	204
A <i>Histoire de deux voyages</i> (15876-1588)	204
27. A <i>Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo) etc., desde o anno de 583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa</i> , do Pe. Fernão Cardim.....	211
28. As ' <i>Cousas notáveis do Brasil</i> ' do Pe. Francisco Soares (1590-1591).....	212
29. Heitor Furtado de Mendonça e a <i>Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil. Confissões da Bahia</i> (1591-92).....	224
30. A <i>Arte de Grammatica</i> de José de Anchieta (1595).....	225
31. A <i>Symbolorum & emblematum ex animalibus quadrupedibus desumptorum centuria altera collecta</i> de Joachim Camerarius (1595).....	226
32. Giovanni Botero (1595).....	229
33. Pe. Simão Travaços (1596).....	230
34. O tucano sobe aos céus (1597-1598).....	231
35. Levinus Hulsius (1599).....	240
36. Ulisse Aldrovandi (1599).....	245
37. Catálogo da fauna brasileira no Século XVI.....	248
Índice dos nomes tupis.....	301
Referências.....	312

Convenções

Nas listas de nomes de animais arrolados sob seus respectivos autores ou constantes no capítulo 37, o asterisco (*) indica ser a mais antiga citação conhecida; a adaga (†) que se trata de nome extinto e o sinal (§) um nome impossível de identificar presentemente (neste último caso quase todos são a única citação e quase todos extintos). Nomes sem nenhum sinal representam variantes juniores de um nome que tem prioridade (cronológica).

INTRODUÇÃO

Poucos foram os registros de nomes tupis de animais brasileiros registrados na primeira metade do século XVI. Com a exceção do pioneiro relato de Fernandes (1511), os outros registros foram feitos por franceses (Moucheau, 1539; Marot e Sagon e seus partidários, ao redor de 1537) e por Lamy (1540's).

Na segunda metade desse século é que vão aparecer contribuições mais substanciais. Como resultado da malograda invasão francesa e do estabelecimento da *França Antártica* (1555-1560) surgiram as obras de Thevet (1557, 1575, 1587-1588) e Léry (1578), baseadas em dados fornecidos pelos *truchemens* que por períodos mais ou menos longos haviam convivido com os Tupinambá do Rio de Janeiro. Gândavo (1571, 1576) vai publicar as primeiras obras escritas em português contendo nomes tupis de animais. Mas a maior contribuição foi dada pelos jesuítas (Anchieta, 1560, 1483, 1585, 1595; Cardim, 1583, 1590; Valle, 1585; Soares, 1590, 1591 e Travaços, 1596). Há que ser citado ainda Souza (1587), senhor de engenho na Bahia, que também contribuiu grandemente para o conhecimento da fauna da costa brasileira.

Várias outras obras, notadamente de grandes naturalistas quinhentistas, também citaram nomes tupis referentes a animais, quase sempre de segunda mão.

Graças a todos esses autores, ao findar o século XVI, pouco mais de 1330 nomes tupis (incluindo variantes) foram-nos transmitidos, resultando num extraordinário conhecimento da fauna brasileira pelos povos tupis, compreendendo desde primates até esponjas, como fica demonstrado no capítulo 37.

Fica também patente que muitos nomes desapareceram posteriormente da nomenclatura popular, como por exemplo os relativos a abelhas, vespas e gastrópodes marinhos.

O número de nomes citados por cada um desses autores é mostrado na Tabela I.

Tabela I. Número de nomes tupis (incluindo variantes) citados pelos autores, em ordem decrescente

Autores	No. de nomes citados	Autores	No. de nomes citados
Valle (1585)	364	Gândavo (1576)	21
Souza (1587)	308	Staden (1557)	18
Soares (1591)	179	Gândavo (1571) Anchieta (1595)	12
Cardim (1582)	96	Soares (1590)	11
Léry (1578)	68	Travaços (1596)	8
Thevet (1575)	61	Lamy (1540's)	6
Anchieta (1583)	40	Botero (1595)	4
Thevet (1587-88)	37	Fernandes (1511) Moucheau (1534) Gesner (1560a) Gesner (1560b) Clusius (1564) Cardim (1590) Paré (1589)	2

Thevet (1557)	33	Des Périers (1537) Marot (1537) Sagon (1537) Anôn. (1537) La Fontaine (1537) Belon (1553) Gesner (1554) Belon (1555) Belon (1557) Scaliger (1557) Gesner (1560c) Jeanne d'Albret (1582) Anchieta (1583) Mendoça (1591-92) Montaigne (1595) Hulsius (1599) Aldrovandi (1599)	1
Anchieta (1560)	26		

1. A PRESENÇA FRANCESA NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI

A presença francesa nas costas brasileiras, principalmente de normandos, foi marcante e gerou várias desavenças com Portugal¹. Um apanhado geral dessa época foi publicado por Anthiaume (1916: 181-198), aqui parcialmente transcrito:

‘Les Normands connaissaient certainement le Brésil dès les premières années du XVI^e siècle, et ils en fréquentaient les rivages comme trafiquants ou comme pirates. Ils avaient entre leurs mains, sinon de grandes cartes marines détaillées, du moins de bonnes esquisses de la route qui y conduisait et des parages qu’ils voulaient visiter. Ils savaient faire des relèvements de côtes, mais ils en cachaient les dessins avec soin ou ne les communiquaient qu’à des compatriotes bien discrets. Tous ces tracés rudimentaires, dont se servaient les Normands, ont disparu, et leur première carte connue du Brésil est une très bonne mapemonde dressée à Dieppe en 1541².

Les Normands ont tout tenté pour s’établir au Brésil. Mais les Portugais, s’attribuant la découverte et par suite la possession de ce vaste pays, leur firent toujours la plus vive opposition. Il y eut entre ceux deux peuples des luttes qui furent très longues et parfois très meurtrières.

(...).

D’après Ramusio, un capitaine Denys, de Honfleur, ayant pour pilote Gamart, de Rouen, aurait abordé le premier au Brésil en 1506. Deux ans plus tard, un navire de Dieppe, commandé par Thomas Auber, y aurait touché aussi. Ce fut le premier qui aurait conduit dans ces parages des navigateurs dieppois; et, ajoute Ramusio, ‘la partie du Brésil la plus fréquentée par les Français et les Bretons est entre le Cap Saint-Augustin et le Port-Royal qui est placé au douzième degré’.

Les voyages au Brésil se multiplièrent de 1516 à 1550. Les navigateurs normands étaient en relations permanentes avec les Brésiliens, qui leur fournissaient des bois de teinture, des épices, du coton, des perroquets et des singes.

Des interprètes normands s’établirent à leur tour parmi les populations brésiliennes, qui étaient plus accueillantes à nos compatriotes qu’aux Portugais.

Sans doute, en vertu des bulles des papes Nicolas V (1454), Calixte III (1546), Sixte IV (1481) et Alexandre V (1493), les Portugais et les Espagnols réclamaient la souveraineté exclusive des terres nouvellement découvertes et le monopole de la navigation dans les mers voisines de l’Afrique, des Indes et de l’Amérique. Le traité deTordesillas (7 juin 1494) substitué aux bulles pontificales obligeait de plein droit les deux puissances contractantes le Portugal et l’Espagne. L’Espagne ne se réservait que les terres situées à l’Ouest de la ligne méridienne passant à trois cents soixante-dix lieues au delà de l’Archipel du Cap Vert, et au Portugal revenaient les terres à l’Est de cette ligne méridienne.

¹ “On peut même dire que les incursions répétées des navigateurs et commerçants français au Brésil, dans cette première moitié du XVI^e siècle, vont conduire le Portugal à une redéfinition de sa politique vis-à-vis du Brésil, en prenant désormais en compte sa dimension internationale. Alarmé par des informations précises parvenues à Lisbonne sur l’activité des Français au Brésil, Dom João III commença de se préoccuper sérieusement du sort de sa colonie américaine. En même temps qu’il transmettait ses doléances au roi de France, il organisait une expédition armée sur le commandement de Christovam Jacques (1516). Les résultats mitigés de cette première mission l’incitent à envoyer une nouvelle escadre (1526), toujours sous la direction de Jacques avec pour mission de combattre les Français et d’activer le peuplement de la colonie. Cette inquiétude pousse le roi à publier un édit intimant l’ordre à tous ses sujets, sous peine de mort, de couler chaque navire français en partance ou en provenance du Brésil. Et en 1530, le roi envoie son fidèle le capitaine Martim Afonso de Souza réorganiser le système administratif colonial en vigueur au Brésil: les factoreries sont abandonnées au profit du système des capitaineries, ce qui doit théoriquement favoriser un contrôle plus efficace du territoire. Encore en 1548,

Luis de Gois avertit Dom João III: ‘se com tempo e brevidade Vossa Alteza não socorre a estas capitánias e costa do Brasil, que ainda que nós percamos as vidas e fazendas, Vossa Alteza perderá a terra’” (Vidal, 2000: 21).

² Provável referência ao mapa-múndi de 1541-1561 de Nicholas Desliens, que trabalhou em Dieppe, cujo original, que estava em Dresden, foi destruído. Na Biblioteca Nacional da França existe um seu mapa manuscrito, sobre pergaminho, de 1566, com 450 X 270 cm. Como era costumeiro na época, o norte está na parte inferior. A África é atravessada apenas por um rio, o Nilo. Na América do Norte aparece escrito em letras grandes *La Nouvelle France occidentale*; bandeiras com a flor-de-lis assinalam as regiões do Canadá (Labrador), da Flórida (rio May) e do Brasil (Rio da Prata), indicando as pretensões francesas sobre as terras recém-descobertas.

Le Portugal, par exemple, n'avait aucun droit vis à vis de la France, et, en usant de violence pour déloger les Français établis sur certains points de la côte brésilienne, il méconnaissait la priorité de découverte et même d'occupation et jouait ainsi le rôle d'usurpateur. Les papes eux-mêmes n'admettaient pas de semblables procédés, puisqu'ils conférèrent des pouvoirs spirituels aux missionnaires que la France envoyait dans les pays en apparence réservés exclusivement au Portugal et à l'Espagne.

Aussi les Normands ne reconnurent jamais les prétensions espagnoles et portugaises.

Le Portugal et l'Espagne s'en autorisèrent cependant pour traiter en pirates les navigateurs étrangers qui se hasardaient sur leurs domaines: mais ceux-ci ripostèrent toujours. Le plus fort ne manquait pas de prétextes pour attaquer et piller le plus faible. Le roi de Portugal ne se contentait pas d'interdire l'exportation des sphères ou des cartes représentant les régions situées au Sud de l'Équateur, et de défendre à ses navires de prendre à bord aucun matelot ou pilote étranger; il laissait ses capitaines traiter en pirates les Européens qu'ils rencontraient dans les parages du Brésil, de l'Afrique ou des Indes. L'Espagne agissait de même dans la mer des Antilles et dans le golfe du Mexique: tout étranger était un ennemi. Lors même que les gouvernements étaient en paix, les nations étaient en guerre.

Le XVI^e siècle se passa, entre la France et le Portugal, en négociations, en alliances, en hostilités et constestations réciproques.

Voici, dans leur ordre chronologique, les faits les plus saillants qui se rattachent à l'histoire des rivalités franco-portugaises.

En 1517, François I^{er} publia une Ordonnance sur la liberté des mers, et l'année suivante des navires français mouillaient à la Baie de tous les Saints.

Crignon, en 1539, déclare qu'une partie du Brésil a été découverte par les Portugais il y a trente-cinq ans (c'est-à-dire en 1504), et que l'autre partie le fut par Denys de Honfleur depuis vingt ans (c'est-à-dire vers 1519), et, ajoute Ramusio, 'les gens de ce pays (le Brésil) sont libres et n'ont ni roi ni loi; et ils aiment mieux les Français que toute autre nation qu'ils aient pratiquée'.

Le roi de Portugal, Jean III, voulant mettre fin aux pirateries des Normands, ordonna en 1523 à ses sujets de couler les navires français naviguant au Brésil. Mais il en fallait bien davantage pour intimider nos compatriotes. Ils continuèrent leur courses, et en 1525 on signalait la présence de Honfleurais dans la baie de Rio.

Vers le même temps, 'les marchands français de la ville de Honfleur y envoyèrent leurs navires pour traiter avec les habitants naturels, desquels ils tirèrent du bois de Brésil, des poyvres et autres marchandises. Iceux composèrent entre eux une alliance qui dure jusques aujourd'hui; depuis l'on a continué tous les ans la navigation'.

C'est aussi vers 1525 que le dieppois Jean Parmentier fit, pour le compte d'Ango [Figura 1], un voyage au Brésil 'où le premier des Français il aurait abordé'.

En 1526, le Portugal expédia, sous les ordres de Christovao Jacques, une escadre de quatre caravelles chargées de donner aux bâtiments français qui trafiquaient avec les Indiens sur la côte brésilienne. Trois de nos navires se trouvaient dans le Rio San Francisco. Jacques fit construire un petit fort à Pernambuco, fouilla toutes les anses jusqu'à La Plata et engagea un combat avec trois bâtiments bretons dans la rivière Paraguassu (*Bahia*, Baie de tous les Saints).

Plusieurs Portugais, qui commerçaient en France, renseignaient leur gouvernement sur les expéditions préparées par les Normands. En 1522, le Roi de Portugal était informé que Jean Verrazano avait offert ses services à François I^{er} dans le but de découvrir en Orient de nouvelles régions et d'aller peupler le Brésil. Jean III envoya en France, en qualité d'ambassadeur, Jean de Silveira, avec mission expresse de s'opposer à ces expéditions. 'Maître Verezano, écrivait Silveira, part de ce pays (de France) avec cinq navires, l'amiral l'ayant invité à se rendre à une grande rivière sur la côte du Brésil, laquelle a été découverte, dit-on, par un Espagnol. Il partira en février ou mars'. Les deux rois de France et de Portugal prétendaient tenir beaucoup au maintien et à l'accroissement de l'ancienne amitié qui existait entre eux.

Ango avait eu à subir des vexations de la part du Portugal et de l'Espagne qui s'arrogeaient le monopole commercial. Intéressé dans presque tous les voyages au Brésil et à la côte d'Afrique, le grand armateur dieppois ne pouvait assister avec indifférence aux violences des Portugais qui coulaient à fond nos vaisseaux dans le golfe de Guinée et qui ruinaient nos établissements au Brésil. Le pillage d'un vaisseau dieppois, *La-Marie*, qui appartenait à deux associés d'Ango, Nicolas et Guilbert Morel, lui fournit l'occasion d'intervenir. Le 27 août 1529, en vertu d'un acte passé avec le vice-amiral de France, Charles de Bec, seigneur de Bourry et successeur de Du Chillou au gouvernement du Havre, Ango s'engagea à poursuivre la restitution de *La-Marie*, et le 27 juillet 1530, grâce à l'intervention de Marguerite de Navarre, soeur de François I^{er}, il obtint des lettres de marque régulières et l'autorisation de prélever de gré ou de force sur les Portugais la valeur de la cargaison et du bâtiment, estimée à 250.000 ducats.

Mais Ango était un ennemi qu'il fallait ménager. Les Portugais chargèrent deux délégués de traiter au plus tôt avec lui. Une transaction eut lieu moyennant 60.000 ducats, et les lettres de marque furent retirées quelques semaines à peine après leur promulgation.

L'année même où le Portugal réussissait à désarmer Jean Ango (décembre 1530), le baron de Saint-Blancard, général des galères de la Méditerranée, envoya au Brésil un navire, *La-Pélerine*, avec un équipage de cent-vingt hommes sous les ordres du capitaine Dupéret. Un fort français fut construit dans la baie de

Pernambuco, sur l'île Saint-Alexis [Santo Aleixo], afin de défendre contre les indigènes leurs marchandises et leurs personnes.



Figura 1. François I e Jean Ango a bordo de um barco.

A son retour en Europe, *La-Pélerine*, qui était gouvernée par le capitaine Dubarau, fut capturée par trahison. Le roi de Portugal approuva cette prise, s'appropriant la nef et les marchandises, et envoya à Pernambouc trois navires commandés par Pero Lopes de Souza (vers décembre 1531), lequel détruisit le fort, fit pendre le commandant La Motte avec vingt de ses compagnons et en livra deux aux anthropophages brésiliens³.

Le roi de Portugal, dit la protestation de Bertrand d'Ornesan, baron de Saint-Blancard, remise à la Conférence de Bayonne le 11 mars 1538⁴, n'a sur ces îles (les îles de la côte du Brésil) aucun pouvoir de

³ Segundo Varnhagen (1854: 58-59), de onde Anthiaume (1916: 191, nota 5) retirou essa informação: “Em quanto Martim Affonso navegava pelo sul, fôra ter a Pernambuco uma não de Marselha, com desoito peças e cento e vinte homens, denominada ‘La Pélérine’, e armada à custa do Barão de St. Blancard. Em logar da feitoria portuguesa de seis homens, fez o capitão da Pélérine, Jean Duperet, construir uma fortaleza provisória, que deixou guarnecida de setenta homens, e regressava á Europa, com uma carga, que (segundo as declarações posteriores dos interessados, ás quaes nos cumpre dar algum desconto) montava a cinco mil quintais de brazil, seiscentos papagaios, trez mil pelles de animaes, grande numero de macacos e muitas bugiarias. Tanto a não como a fortaleza tinham de ser mui mal afortunadas. A primeira, entrando no Mediterraneo, se viu necessitada de arribar a Malaga; e, quando deste porto saía, foi apresada pela armada de guarda-costa, que Portugal mantinha á boca do estreito de Gibraltar, e que, pela mencionada arribada da não, soubera como vinha ella do Brazil. – A fortaleza franco-pernambucana, ou porque Pero Lopes teve conhecimento de sua existencia, ou porque necessitava ir no porto em que ella estava [a] fazer aguada, antes de atravessar o Atlantico, foi por tal forma pelo intrépido capitão combatida, durante desoito dias consecutivos, que se lhe rendeu. Então Pero Lopes, deixando a mesma fortaleza guarnecida de gente sua, ás ordens de um Paulo Nunes, fez-se de vela para Portugal, levando comsigo duas náos francezas que tomára, alguns Indios, e trinta e tantos prisioneiros. No principio do anno immediato aportou em Faro, onde então estava a côrte, a receber do rei expressões de recompensa pelos novos e anteriores triunfos. Suas náos se-mandaram recolher com os Francezas a Lisboa; e quatro principaes da terra, que o Soberano chegou a distinguir dando-lhes o nome de reis, foram por ordem régia vestidos de seda”.

⁴ Varnhagen (1854: 441-444) e Guénin (1901: 256-261) transcreveram integralmente esse documento, escrito em latim. Esse documento é valioso, pois enumera os produtos levados na *La Pélérine* e seu valor. De especial interesse para a história da zoologia constam os animais (peles ou vivos) levados por essa nave: “Et inter alias merces de quibus navem oneravit fuerunt quinque millia quintalia ligni brasili quod tunc in Gallia vendebatur pretio octo ducatorum pro quintallo; quare valloris erant quadraginta mille ducatorum. Et tricenta quintalla bonbiccis valloris trium mille ducatorum ad rationem decem ducatorum pro quintallo, et tantumdem granis illius patrie valloris nonigentorum ducatorum ad rationem trium ducatorum pro quintallo, et sex centos psittacos, jam linguam mostram conatos, valloris trium mille et sexcentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro quolibet, et ter mille pelles leopardorum et aliorum animalium diversorum colorum, valoris novem mille ducatorum ad rationem trium ducatorum pro pelle, et trescentas simias seu melius aguenones valloris mille et octocentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro aguenone et de mina auri q. purificata ut decebat ter mille ducatos reddidisset, et de oleis medicabilibus valloris mille ducatorum, et tanti ut preffactum est vendi potuissent in Galia ad quam destinata

plus que le roi de France, puisque la mer est à tout le monde, que les îles susdites sont ouvertes à tous ceux qui y abordent et qu'il est en conséquence permis non seulement aux Français, mais encore à toutes les autres nations de les fréquenter et d'y avoir commerce avec les indigènes. Les Français devaient être d'autant mieux traités que les Portugais circulaient librement en France et y faisaient ouvertement le commerce avec les Français, et que par réciprocité il devait en être de même pour les Français en Portugal et auxdites îles, étant donné surtout l'alliance existant entre les deux rois'.

Le résultat de la campagne de Lopes de Souza fut une nouvelle ruine des établissements de nos compatriotes sur la côte du Brésil. Aussi l'émotion fut bien vive en Provence et en Normandie, et Saint-Blancard demanda justice au roi. Les marchands de Rouen, de Dieppe et de Saint-Malo, qui déjà depuis 1527 avaient en vain engagé des négociations, redoublèrent leurs plaintes.

Mais une politique bien déplorable paralysait les efforts de nos négociants en Afrique et au Brésil, et sacrifiait les intérêts de notre commerce à l'alliance douteuse du Portugal.

François I^{er} s'était contenté jusqu'alors de délivrer des lettres de représailles, et avait évité d'intervenir personnellement dans la lutte. Il voyait avec terreur grandir chaque jour la puissance de son rival, et se croyait obligé de ménager le Portugal ou tout au moins de dégager sa responsabilité.

Lié par des traités envers le Portugal, et aussi influencé par sa seconde femme, Eléonore d'Autriche, veuve du roi de Portugal Manoel, François I^{er} se montra plusieurs fois favorable aux Portugais. A leur requête, il empêcha les navires de Rouen d'aller commercer en Guinée et au Brésil. En août 1531, il enjoignit à l'amiral Chabot d'arrêter dans les ports normands tous les bâtiments qui se rendaient dans les colonies portugaises. Six des négociants-armateurs de Rouen portèrent plainte au Conseil des Vingt-quatre de la ville, lequel décida le 26 août 1531 d'envoyer des délégués porter ses doléances au roi, mais François I^{er} ne voulut point retirer son Ordonnance. La défense fut maintenue, et même renouvelée le 30 mai, le 23 août et le 22 décembre 1532. L'amiral Chabot trahissait les intérêts qu'il avait mission de défendre.

Ango fut épargné parce qu'il fit entendre au roi que ses navires revenaient d'un pays où 'onques chrestien n'estoit encores allé'. D'ailleurs, les rouennais et les dieppois tinrent peu de compte des interdictions royales. Ils continuèrent à trafiquer avec le Brésil et l'Afrique, et à se venger comme ils purent des agressions portugaises.

Cependant, ne sacrifiant pas complètement ses intérêts, François I^{er}, le 13 novembre 1533, dans une nouvelle lettre de marque donnée à Marseille contre les Portugais, affirmait la liberté pour tous 'de naviguer sur la mer commune'. Cette lettre était la reproduction textuelle de celle de 1530.

Trois ans plus tard, le 14 juillet 1536, les rois de France et de Portugal signèrent entre eux, à Lyon, un traité d'amitié et d'alliance. On y proclamait le maintien et la liberté du commerce entre les sujets des deux couronnes, et tous les ports et havres de France et de Portugal étaient ouverts aux uns comme aux autres pour y apporter leurs marchandises et s'y approvisioner à juste prix les choses nécessaires.

Toute attaque contre les navires portugais venant des Indes fut prohibée. Mais bientôt de nouvelles patentes, datées des 30 mai et 23 août 1537 et du décembre 1538, vinrent arrêter les expéditions aux colonies portugaises. Ces trois dernières Ordonnances faisaient 'expresses inhibitions et défenses... sur certaines et grandes peines... aux sujets du roi tant généralement que particulièrement... qu'ils n'aient à voyager esdites terres de Brésil et Malaguette, ny aux terres découvertes par les rois de Portugal, sous peine de confiscation de leurs navires, denrées et marchandises et de tous et un chacun leurs biens et punition corporelle...'

Elle est vraiment bien étrange cette conduite d'un souverain qui se faisait le complice de l'étranger contre ses propres sujets, et nous ne saurions réprover le jugement sévère qu'en ont porté les contemporains.

Il y eut un vif mécontentement chez les Normands dont on anéantissait le commerce d'exportation déjà si précaire. Leur indignation fut traduite en termes assez vifs par Crignon dans son *Discours d'un grand capitaine*: 'Si le Roi, s'écrie-t-il, voulait lâcher la bride aux négociants français, en moins de quatre ou cinq ans ceux-ci lui auraient conquis l'amitié et assuré l'obéissance des indigènes brésiliens, sans autres armes que la persuasion et les bons procédés. Dans ce court espace de temps, les Français auraient pénétré plus avant dans l'intérieur du pays que n'ont fait les Portugais en cinquante ans, et probablement les

erant preffacte mercas. Et omnes sume preffate junte sumam sexaginta duorum mille ducatorum cum trescentis ascendebant"(Varnhagen, 1854: 412, com vários erros de transcrição; Guénin, 1901: 257). Ou seja, "Graças a essa contenda, sabe-se que a carga da 'Pélerine' compreendia 5.000 quintais de pau-brasil [ca. 300 toneladas] cotados em 40.000 ducados, bem como trezentos quintais de algodão [ca. 1,8 toneladas], sementes diversas, amostras de minérios e óleos medicinais avaliados em 904.900 ducados. Como se não bastasse, a embarcação transportava 3.000 peles de 'leopardos' [i.e., de onças-pintadas, *Panthera onca*] e de outros animais no valor de 9.000 ducados [três ducados ou 1.200 reais por pele], 600 papagaios 'já acostumados à nossa língua' [i.e., o francês] estimados em 3.600 ducados [seis ducados ou 2.400 reais por cabeça] e '300 símios', ou melhor, *guenons*, valendo 1.800 ducados [também seis ducados ou 2.400 reais por cabeça]". Em comparação com a nau 'Bretoa' [ver capítulo 1 adiante], as aves e mamíferos não só alcançariam um preço sete vezes mais elevado (336 reais contra 2.400 reais) como seriam onze vezes mais numerosos (72 espécimens contra 900 exemplares), o que reflete o alto custo e grande interesse despertado pela fauna exótica nos países situados à margem das navegações ibéricas" (Teixeira & Papavero, 2010: 260).

habitans en chasseraient ces derniers comme leurs ennemis mortels'. Et Crignon adressait ce reproche aux Portugais, qu'il appelait le plus petit peuple du monde: 'Ils croient tenir dans leur poing fermé ce qu'ils ne pourraient embrasser des deux mains; on croirait vraiment qu'ils se persuadent que Dieu a fait la mer et la terre pour eux et que les autres nations ne sont pas dignes de naviguer... Dès qu'ils ont navigué le long d'une côte, ils la réclament comme leur propriété. Mais de telles conquêtes sont trop faciles à faire et à trop peu de frais, puisqu'il n'y a eu ni attaque ni résistance'.

La disgrâce de l'amiral Chabot amena un revirement dans la politique du Roi, et une députation des armateurs de Rouen, presque au lendemain de l'arrestation de l'amiral, obtint le retrait de l'Ordonnance de décembre 1538, qui prohibait la navigation au Brésil et en Guinée.

En 1543, François I^{er}, par un édit enregistré au Parlement de Rouen le 7 juin, proclama encore une fois la liberté des mers.

Le 3 février 1544, ce même roi accorda à Ango une nouvelle autorisation d'attaquer les Portugais. Depuis 'onze ans en ça, plusieurs grandes inhumanités, déprédations, meurtres et violances' avaient été commises par les portugais contre les navires de Jean Ango et ses gens. En particulier, ils avaient pris une nef, *La-Michell*, qui avait touché au Brésil, au havre d'*Aster*. François I^{er} permit à Ango, après trois mois passés, de 'prendre et arrester, ou faire prendre et arrester par main forte et puissance d'armes les personnes, biens, navire, debtes et marchandises' des Portugais, 'en quelque part et lieu qu'il les puisse trouver, soit en mer, terre ou eau douce et en nostre royaume, terres et pays de nostre obéissance ou aultres'.

(...).

En 1546, les rapports étaient très tendus entre les Portugais et les Français. Marino Cavalli, ambassadeur vénitien accrédité près de la Cour de France, écrivait alors à sa Seigneurie: 'Avec le Portugal, il ne peut y avoir bonne intelligence, puisque une guerre sourde règne toujours entre les deux pays. Les Français prétendent avoir le droit de naviguer en Guinée et au Brésil, comme il leur plaît. Les Portugais les contestent, et quand ils en rencontrent en mer et qu'ils sont les plus forts, ils les combattent et les coulent à fond. Le roi concède alors contre lesdits Portugais des lettres de représailles, et on leur reprend plus qu'ils n'avaient pris'.

Les historiens portugais avouent que les indigènes entraient volontiers en relation avec les matelots français, surtout ceux de Normandie et de Bretagne, qui s'habituèrent à considérer ces régions comme leur appartenant. A Bahia et surtout à Rio leur prépondérance n'était même plus discutée.

Il est certain que les Brésiliens firent toujours le meilleur accueil aux Français, qu'ils considéraient plutôt comme des amis que comme des conquérants, et avec lesquels ils avaient des relations surtout commerciales. Les Normands, leur servant d'interprètes, furent de précieux intermédiaires entre les Français et les Brésiliens. Aussi vit-on de nos compatriotes se mêlant à leur vie adopter les usages nationaux des Brésiliens, parler leur langue, et pousser la condescendance jusqu'à accepter leurs rites religieux ou partager fraternellement leur repas, dont les membres rôtis de leurs ennemis composaient la plus savoureuse partie du menu.

Mais les Brésiliens étaient surtout heureux de trouver dans les Français des défenseurs contre les Portugais. C'est ce qui faisait dire au dieppois Crignon que, si le roi de France voulait laisser faire ses sujets, ils lui assureraient promptement l'amitié des Brésiliens et auraient avec eux un trafic facile.

(...).

Les Français prêchèrent toujours la paix et la conciliation aux divers peuples du Brésil; ils concilièrent entre elles des peuplades jusque là farouches ennemies. Ils gagnèrent leur confiance au point que plusieurs fois des Brésiliens s'embarquèrent volontiers pour venir en France. On sait que les Rouennais, en 1550, en exhibèrent cinquante lors de la visite que leur firent Henri II et Catherine de Médicis [Ver Capítulo 5 adiante].

(...).

Le 12 décembre 1549, des lettres patentes du roi de France, Henri II, relatives à l'exécution d'autres lettres délivrées le 28 février 1547, ordonnaient aux marins français de surseoir à tout acte d'hostilité et de suspendre toutes représailles contre les Portugais.

Par un édit du 10 septembre 1549, Henri II décida que les épices et les drogueries, importées des terres nouvelles dans l'Atlantique et la Manche, ne pourraient être introduites en France que par le port de Rouen''.

2. O REGIMENTO DA NAU BRETOA: O PRIMEIRO REGISTRO DE NOMES TUPIS DE ANIMAIS (1511)

Este importantíssimo documento, o *Roteiro de Duarte Fernandes* ou *Llyuro da náoo bertoa que vay para a terra do brazyll de que som armadores bertolameu marchone e benedito morelle e fernã de Noronha e francisco mjz que partio deste porto de lix.^a a xxij de feureiro de 511*, descoberto por Francisco Adolpho de Varnhagen na Torre do Tombo, em Lisboa (atualmente pode ser acessado pela *internet*, ‘Livro da Nau Bretoa, Torre do Tombo’) foi publicado por ele como ‘nota 13’ às páginas 427-432, de sua *Historia Geral do Brazil* (Varnhagen, 1854). O mesmo texto foi reproduzido por Moraes (A. J. M.) (1858: 83-90), sem citar o nome de Varnhagen. Este último (Varnhagen, 1861: 96-111) voltou a publicar a transcrição do texto.

Segundo Teixeira & Papavero (2010: 254-255):

‘O ‘Regimento da Nau Bretoa’ relata a viagem que a embarcação assim nomeada realizou ao Brasil em busca de uma partida de ‘paus-de-tinta’, exploração arrendada na época a particulares. Tendo como armadores Fernando de Loronha, Francisco Martins, Benedetto Morelli e seu tio Bartolomeo Marchioni, banqueiro florentino dono da maior fortuna de Portugal, a ‘Bretoa’ deixaria Lisboa em 22 de fevereiro de 1511, passando pelas Canárias em 28 de fevereiro. Largando rumo ao Brasil em 2 de março, a tripulação avistaria o Rio São Francisco em 6 de abril, atingindo a Baía de Todos os Santos em 17 de abril. Em 12 de maio, após uma permanência de 25 dias, a expedição tomaria o rumo da chamada ‘feitoria do Cabo Frio’, na qual aportou em 26 de maio. Como carregar os ‘paus-de-tinta’ desejados exigiu 62 dias de trabalho, a ‘Bretoa’ só partiria em 27 de julho, chegando a salvo em Lisboa em 22 de outubro, após 88 dias de travessia, concluindo uma viagem com pouco mais de oito meses de duração (Baião, 1923; Ribeiro & Moreira Neto, 1992; Varnhagen, 1854).

Descontadas as perdas, a ‘Bretoa’ transportaria cerca de 5.000 toros de ‘paus-de-tinta’, algo em torno de 125 toneladas. De acordo com o relato do veneziano Lunardo da Ca’ Masser – ou Leonardo Massari – escrito entre 1506 e 1507, a madeira posta em Lisboa saía aos arrendatários meio ducado por quintal (ca. 60 quilos) e podia ser vendida para Flandres, Castela e Itália por 2,5 a 3 ducados (*in* Scopoli, 1845). Nesses termos, a carga de pouco mais de 2.000 quintais da ‘Bretoa’ teria custado aos proprietários 1.000 ducados e valeria de 5.000 a 6.000 ducados, moeda de ouro que continha cerca de 3,5 gramas do metal precioso.

Além dos ‘paus-de-tinta’, a ‘Bretoa’ levaria para o Reino 35 escravos indígenas e nada menos de 72 animais, sendo 22 periquitos, 16 gatos, 16 saguis, 15 papagaios e três macacos, o que representa pouco mais de duas peças por tripulante. Apesar de permear toda a hierarquia de bordo – do capitão aos pajens – tais aquisições não parecem, contudo, refletir uma irresistível atração por xerimbabos exóticos, tendo sido praticada por 16 dos 35 membros da tripulação (46%). De fato, nada menos de 41 animais (57% do total) pertenciam ao piloto e ao despenseiro, enquanto os demais compradores adquiriam, em média, cerca de dois espécimens. Enquanto os 35 escravos transportados pela ‘Bretoa’ foram cotados em 173.000 reais, o total correspondente aos 72 animais embarcados não ultrapassaria os 24.220 reais, cerca de um sétimo do montante anterior. Como o ducado veneziano mais ou menos se equiparava ao cruzado português – o qual perfazia 400 reais – parece razoável afirmar que o preço desse pequeno zoológico girava em torno de 60 ½ ducados – apenas 1,2% da carga de ‘paus-de-tinta’. Não se levando em conta o pagamento de impostos, cada papagaio, periquito, gato ou primata custava por volta de 336 reais, pouco menos de uma décima quinta parte da média de 4.942 reais atribuída a um indígena cativo’.

As duas primeiras palavras tupis referentes a animais registradas nesse documento foram *çagoym e *toym. Os çagoyns eram os micos-leões-dourados, *Leontocebus rosalia*. Os toyns podiam ser o tuim propriamente dito (*Forpus xanthopterygius xanthopterygius*) ou periquitos.

3. A CARTA DE JEHAN DU MOUCHEAU A LADY LISLE (29 DE NOVEMBRO DE 1534)⁵

Honor Grenville, filha de Sir Thomas Grenville e de Isabella Gilbert, nasceu em 1493. Casou-se em 1515 com Sir John Bassett, com o qual teve três filhos e quatro filhas. Com a morte de seu marido, casou-se novamente com Arthur Plantagenet, Viscount Lisle, filho ilegítimo de Eduardo VII, tornando-se portanto Lady Lisle. Em 1532, Honor foi uma das ‘six beautiful ladies’ que acompanharam Henrique VIII e Ana Bolena a Calais, para encontrar o rei François I.

Em junho de 1533 toda sua família se instalou nessa cidade, ao ser Lisle nomeado ‘Lord Deputy’ e governador de Calais. Enquanto Ana Bolena foi rainha, Lady Lisle ofereceu-lhe muitos presentes, para conseguir favores, especialmente para as filhas. Entre eles figuravam muitos animais – no início de 1534, Sir Francis Bryan escrevia-lhe que o cão que ela havia enviado à rainha (o *Little Purkoy*) tinha-a deixado muito feliz; na primavera do mesmo ano, Lady Lisle enviou para a soberana 18 *dotterels* (*Charadrius morinellus*) e pássaros canoros. Em 1535 um agente informou-a que a rainha não gostaria de receber um macaco, pois ‘she loveth no such beasts nor can scant abide the sight of them’. Após a morte de Ana Bolena, em meados de julho de 1537, Lady Lisle enviou codornas a Jane Seymour.

Em 1540, Lord Lisle foi preso, acusado de traição. Honor e duas de suas filhas ficaram em prisão domiciliar. Lisle foi isentado das acusações em 1542, mas ao receber a notícia levou tamanho choque que morreu. Lady Lisle regressou então à Inglaterra, vivendo em obscuridade no West Country até sua morte. Foi enterrada em Logan, na Cornualha, em 30 de abril de 1566.



Figura 2. Philippe de Chabot.

Em 11 de novembro de 1534 desembarcava em solo inglês, como embaixador de François I, Philippe de Chabot [Figura 2], Senhor de Brion, Conde de Charny e Marquês de Mirabeau, Almirante da França.

⁵ Devemos este capítulo a uma nota publicada por Garcia (1944: 166). Sob *sagouin*, declara o ilustre escritor: ‘Uma carta datada de 19 [sic; 29] de novembro de 1533 [sic; 1534], do capitão Johan de Moncheau a Madame de Lisle, de Calais, refere que seu almirante, de regresso do Brasil [sic!], o encarregara de presenteá-la com ‘deux *Sagouins*... que ne mangent que pommes & petites nois ou amandes...’ – Calendar State Papers: Henry VIII, vol. VIII, n. 1439 [sic; 1489] – The Lisle Papers (Cópia fotográfica no Arquivo do Itamarati)’.

Trazia consigo três (?) macacos do Brasil, que mandaria enviar a Lady Lisle (que talvez conhecesse em 1532, durante a visita de Henrique VIII a François I, como vimos acima) em Calais. Recebeu dela, nessa ocasião, vários cães.

Um certo Jehan de Moucheau enviou, a 29 de novembro de 1534, uma carta a Lady Lisle, escrita em francês, informando-a do presente e do envio dos animais. Nessa carta consta, até onde sabemos, o mais antigo registro do nome *sagui* em francês (**sagouin*), antecedendo de quatro anos os registros de Marot, Sagon e seus partidários (1537; ver capítulo seguinte). Granger (1883: 555) reproduziu facsimilarmente a carta de Moucheau (só legível por paleógrafos) e ofereceu uma tradução para o inglês:

‘The Admiral [Chabot] has charged me to send his compliments to you and my lord. No man ever made such a high report to the King as he has of you. He is more bound to you and my lord than to any man. He has had some small animals brought to him to France, which came from Brazil (*Brossil*), and your friend Brian [Sir Francis Bryan] went to persuade him to give them to the Court; but he declared in my presence that no king or queen should be served before lady Lisle. The two small animals are named *sagouins* (marmosets); the large one is a *quine*, which is handsome and gentile. These animals only eat apples, small nuts and almonds, and they must not be given anything to drink but a little milk, warmed up. The large animal must be kept near the fire, and the little ones must be hung near the chimney, in their *boite (?) de nuit*, but by day they should be taken out. I send you the said three animals by the bearer, a merchant of Rouen.

Your nephew, Sir Richard Granfilde, has arrived in London. He had a couple of fine bloodhounds, which he has presented to the Admiral; and I have got him to give Sir Richard a little marmoset for his wife, of which he is very proud. The Admiral is informed that Master Spert is sending to my lord a couple of lanners and two mastiffs (*doges*), and Mons. Gernac, the Admiral’s nephew, desires me to say that you could not do the Admiral a greater pleasure than to give him these lanners and mastiffs. All the Admiral’s gentlemen send compliments. London. Sunday. 29 Nov. 1534’.

4. A QUERELA DE MAROT E SAGON (1537)

Grenier (1920: xxxi-xxxiii) relatou como teve início essa célebre querela:

‘Des fêtes étaient données le 16 août 1534, à Alençon, en l’honneur du mariage de M^{me} Isabeau, soeur d’Henri d’Albret⁶, avec le vicomte René de Rohan. Marot⁷ [Figura 4] et Sagon, en leur qualité de familiers de la maison, étaient au nombre des invités: leur talent poétique pouvait contribuer aux plaisirs de la fête; on mit en effet à contribution celui de Marot. Dans une épître qu’il fit présenter à la reine de Navarre⁸ par ‘M^{me} Ysabeau et deux autres damoyselles’, notre poète, sûr d’être agréable à la maîtresse du lieu et de plaire à son auditoire, ne craignit pas de rappeler les sottises incartades de la Sorbonne qui n’avaient eu d’autre résultat que de faire ressortir une fois de plus son impuissance. Le soir de ce jour, comme on se promenait dans la cour du château, Marot laissa échapper un mot que Sagon⁹ traita d’hérétique; Marot, sans s’émouvoir, persista dans son sentiment et fit doucement ce qu’il put pour y attirer Sagon, mais, celui-ci tenant bon et répliquant toujours vertement, Marot rebuté lui dit une parole de mépris. Sagon lui en rendit une autre, à quoi Marot, pour réponse, mettant la main au poignard, allait lui en porter un coup, si Sagon, voyant qu’il ne serait pas le plus fort, n’eût pris la fuite. Après les fêtes, tous deux tirèrent chacun de leur côté, mais en conservant l’un contre l’autre une haine implacable. Toutefois, les choses en restèrent là pour l’instant. Obligé de fuir, l’année suivante, Marot sentait bien d’où venait le coup qui le frappait, mais sa plus grande préoccupation était de revenir sans trop tarder dans sa patrie; il dédaigna ou plutôt feignit de dédaigner les outrages dont l’accablaient ses ennemis. (...) Il avait sans doute eu vent de tout ce que publiait Sagon contre lui. En effet, à l’épître qu’il avait écrite de Ferrare au roi (1535), pour se justifier, celui-ci [Sagon, s/d] avait répondu par son *Coup d’essai* [ver em Auquis, 1824: 118-124], diatribe dans laquelle l’emportement fait souvent extravaguer l’auteur. (...) [Marot] laissa à ses amis le soin de prendre sa défense, et ceux-ci ne faillirent pas à l’amitié’.

Bonaventure des Périers (Des Périers, 1537; cf. tb. Lacour, 1856: 177), em seu folheto *Pour Marot absent contre Sagon*, aparentemente, foi o primeiro, nessa ocasião, a publicar o nome *sagouin* [Figura 3], fazendo um trocadilho com o nome de Sagon. Isto mostra como eram relativamente comuns na Europa, a esse tempo, os saguis levados do Brasil e de outros países da América Latina (a ponto de aparecerem frequentemente nas pinturas seiscentistas; cf. Teixeira & Papavero, 2010)¹⁰ e o quão familiarizados estavam os franceses com o nome tupi.

⁶ Isabeau d’Albret de Navarra, filha de João III de Navarra e Catarina de Navarra.

⁷ Sobre Clément Marot (1406-1544) há uma grande quantidade de obras e edições; alguns poucos exemplos são: Clive, 1983; Defaux, 1993; Guiffrey & Yves-Plessis, 1876, 1881, 1912, 1929, 1931; Iraitlh, 1761; Leland, 1932; Morley, 1871; Services de Travaux Historiques de la Ville de Paris, 2004.

⁸ Margarida de Angoulême ou Margarida de Navarra ou ainda Margarida de Valois, irmã do rei François I. Casou-se em primeiras núpcias com Carlos IV de Alençon; em 1527 com o rei de Navarra, Henri d’Albret ou Henri II de Navarra.

⁹ François de Sagon nasceu em Rouen no final do século XV e morreu no século XVI. Antes de abraçar o estado eclesiástico foi secretário de Félix de Brie, abade de Saint-Évroult.

¹⁰ É interessante notar que, como assinalado por Teixeira & Papavero (2010: 264): ‘Ao contrário da assertiva de certos autores (e. g. Mason, 2007), a primeira representação de um sagui – e também de um primata brasileiro – executada na Europa parece caber a [xilografuras de] Albrecht Dürer, célebre pintor alemão apaixonado por animais (...). De fato, um *Callitrichinae* de cauda anelada, possivelmente um jovem sagui-estrela (*Callithrix jacchus*), pode ser observado nos detalhes ornamentais preparados por Dürer - entre 1512 e 1515 – tanto para o ‘Arco do Triunfo’ quanto para o ‘Livro de Horas’ do Imperador Maximiliano I [Figura 7], reaparecendo em um esboço datado de 1523 (Eisler, 1991; Groves, 2008; Kurth, 1946; Stieber *et al.*, 1995; Strauss, 1974, 1980; Wolfflin, 1970)’. Ainda segundo Teixeira & Papavero (2010: 266): ‘Exemplares de *Callithrix jacchus* também se encontram presentes no retrato do cardeal italiano Antonio Ciochi del Monte (sem data, ca. 1516) de Sebastiano del Piomo [Fig. 5 em Teixeira & Papavero, 2010: 267] e em um estudo dedicado ao futuro rei Edward VI da Inglaterra (sem data, ca. 1541-1542) de Hans Holbein, ocorrências indicativas da penetração da nossa fauna nos mais diferentes países (vide também Donattini, 1992; Urbani, 2007; Zuckerman, 1998)’.

**POVR MAROT ABSENT
CONTRE SAGON, PAR
BONAVENTURE VALET
de chambre de la Royne
de Nauarre.**



Ela de quoy ma Muse est animee,
C'est, qu'une plume orde, & enue-
nymee,
Plume d'harpye, ou de quelque
chouette,

Vole, & poursuyt du souuerain Poete
Maro Francoys le renom inuincible.
Vela de quoy. Mais est il bien possible
Que Sagon ayt vng si lasche & vain cueur
Que par mesdire il veuille estre vainqueur
Du grand Poete, apres lequel il chasse?
O le beau loz qu'il desire & pourchasse:
Par ses bons dieux, & par l'infernal Styx,
Nommer se veult second Maromastix
Ce Sagouin, puis que Marot facond
A eu l'honneur destre Maro second.
Mais quoy? l'effort des hayneux perira,
Et des Maroz les œuures on lira.

De qui eut il, l'impudent sacrilege,
Faveur, creance, adueu, ou priuilege
Pour oser rendre ainsi toute troublee
De Parnassus la diuine assemblee?

D ij

Figura 3. A primeira vez que o nome *sagouin* aparece na imprensa: Des Périers (1537).



Figura 4. Clement Marot.

LE VALET

DE MAROT CONTRE
SAGON,
Cum Commento.



On les vend a Paris en la Rue saint Iacques
pres saint Benoist, en la boutique de
Iehan Morin, pres les troys Couronnes
dargent.

1537.

Figura 5. Frontispício do *Valet de Marot contre Sagon* (1537a)¹¹.

¹¹). 'Et pour qu'il ne puisse y avoir doute sur l'intention qui inspira ce pamphlet, la page de frontispices représente Frippellippes levant une trique dont il corrige à tours de bras un singe qu'il tient en laisse. Ce singe est désigné sous le nom de Sagouin, corruption du nom de Sagon destinée à mettre l'ironie à la portée des moins clavoyants' (Guiffrey & Yves-Plessis, 1912: 351).

LE FROTTE, GROING DV SAGOVYN.

Auec scholies exposantz lartifice.&c.



On le vend a Paris, en la rue S. Iacques
a lenseigne des trois Brochetz.

1537.

Figura 6. Frontispício de *Le Frotte-groing dv Sagovyn* de Anôn.⁷ (1537).

Mas continua dizendo Grenier (1920: xxxiii-xxxv):

‘Christophe Richer [Richer, 1537], Jean Parrhasius [Parrhasius, 1537], poursuivent aussi Sagon de leurs épigrammes. Charles Fontaine [Fontaines, 1537] s’écrit dans son épître au même qu’il est facile de dire du mal d’un adversaire qui est loin. Enfin maistre Nicolle Glotelet [Glotelet, 1537], de Victry en Artoys, n’attend pas que marot soit arrivé pour célébrer son retour et blâmer sévèrement le *Coup d’essai*¹².

Mais ce n’était encore qu’une petite escaramouche. Marot ne songea d’abord qu’à jouir du bonheur de se retrouver à la cour et près de siens. (...).

La lutte ne commença sérieusement qu’à l’apparition d’une nouvelle pièce de vers de Sagon: au *Dieu gard à la court* de Marot celui-ci répondit par un autre *Dieu gard*, diatribe remplie de mots blessants et de souvenirs désagréables pour notre poète. Ce qui finit par lui échauffer la bile; mais, jugeant sans doute indigne du rang qu’il occupait à la cour d’en venir lui-même aux mains avec un adversaire si méprisable, il mit la réponse dans la bouche de son valet Frippelipes [Marot, 1537; Figura 5]. Celui-ci, rendant justice à son maître d’être estimé des bons écrivains et de n’avoir pour ennemis qu’un tas ‘de jeunes veaux’, fustigea d’importance Sagon et ses acolytes’.

Nesse folhetim, que não é paginado, encontramos na sétima página, a segunda menção publicada aos saguis:

‘Or des bestes que iay susdictes,
Sagon, tu nes des plus petites:
Combien que Sagon soyt vng mot
Et le nom d’un petit marmot’.

Na margem direita, ao lado desses versos, existe a seguinte nota: ‘Sagon/ ou Sa-/gouï e-/ spece d’/ singes./ Elegã-/ce Sa-/gouine/ La ma-/niere de/ corri-/ger les/ oeuvres/ de Sa-/gon’.

E à décima página consta ainda:

‘Zon¹³ dessus loeil, zon sur le groing¹⁴
Zon sur le dos du Sagouyn
Zon sur lasne de Balaan’.

Várias outras espécies de primates vão ser representadas em obras de arte europeias nos séculos XVI e XVII (ver Teixeira & Papavero, 2010: 266-272).

Entretanto, a prioridade de incluir figuras de saguis, apesar de serem toscas e imprecisas xilogravuras, em trabalhos impressos, cabe sem dúvida a Marot. Com efeito, na capa do folheto de Marot (1537a) [Figura 5], aparece Fripellipes açoitando um sagui (Sagon). Essa xilogravura foi reproduzida na capa do folheto de Anôn.⁷ (1537), intitulado *Le frotte-groing du Sagouyn* [Figura 6].

Outras xilogravuras representando toscos saguis aparecem no frontispício do *Rabais* de Sagon [1537] [Figura 8] e no frontispício da coletânea *Disciples et amys de Marot* (1537) [Figura 9] e da *Responce a Labbe des conars de Roven* de Des Périers (s/d) [Figura 17]. Nestes dois últimos, a figura em segundo plano tem um sagui deitado sob seus pés (uma alusão à derrota de Sagon) e as duas no primeiro plano bezerros, na mesma situação; os partidários de Marot intitulavam os asseclas de Sagot de ‘veaux’ (bezerros).

¹² Todos esses folhetos estão reproduzidos em *Disciples et Amys de Marot* (1537).

¹³ *Zon* – onomatopeia que exprime o som provocado no ar por uma vara com a qual se bate em alguma coisa.

¹⁴ *Groing* - Focinho.

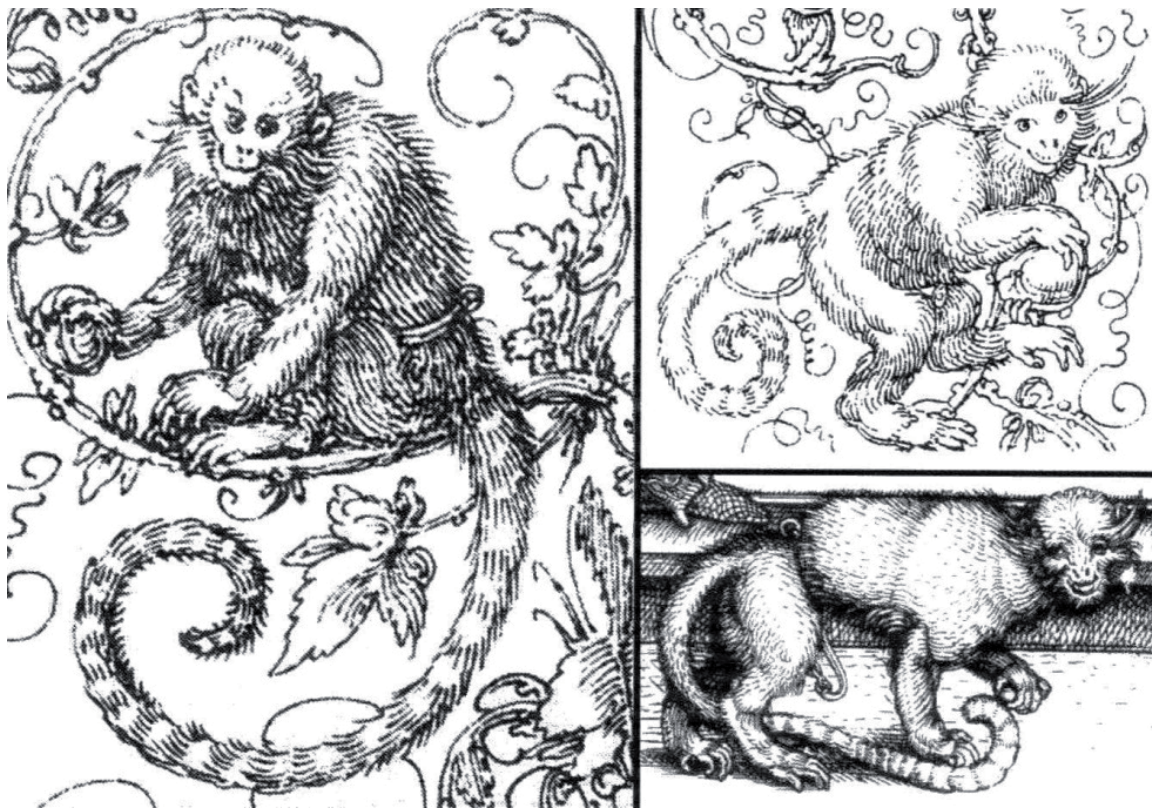


Figura 7. Detalhe do Callitrichinae de cauda anelada (possivelmente um jovem de *Callithrix jacchus*) representado por Albrecht Dürer no ‘Arco do Triunfo’ e no ‘Livro de Horas’ do Imperador Maximiliano (1512-1515) (apud Teixeira & Papavero, 2010: 266).

*

Logo os dois protagonistas principais da querela e os poetas e poetastros parisienses tomam partido de uma das duas facções, dividindo-se entre *Marotistes* e *Sagontistes*. Números folhetos são publicados por uns e outros (e. g., Anôn.¹ [ca. 1537]; Anôn.² [s/d]; Anôn.³ [ca. 1537]; Anôn.⁴ [ca. 1537]; Anôn.⁵ [ca. 1537]; Anôn.⁶ [ca. 1537]; Anôn.⁷ (1537); Anôn.⁸ [s/d]; Anôn.⁹ [ca. 1537]; Anôn.¹⁰ [ca. 1537]; Anôn.¹¹, 1537; Colet [ca. 1537]; Colin, [s/d]; La Fontaine, 1537a, 1537b; La Hueterie [ca. 1537]; Marot, 1537b, 1731c; Sagon, 1537a, 1537b; 1537c, 1731; Vauzelles [ca. 1537]).

Essas publicações¹⁵ serviram para difundir na França o nome tupi do primata. Assim, durante essa querela, foram registradas na literatura as seguintes variantes:

**Sagouin* – Des Périers (1537) [Figura 3]; Marot (1537) [Figura 5]; Sagon [1537] [Figura 8]; Montaigne, 1595: 441 (Second livre, cap. 18: *Du dementir*).

Sagouï – Marot (1537).

Sagouyn – Marot (1537); Anôn.⁷ (1537) [Figura 7]; La Fontaine, 1537a [Figuras 10-13], 1537b [Figuras 14-16]; Des Périers [s/d] [Figura 17]; Marot (um inédito encontrado no Musée Condé, ms. 748, fol. 69), publicado por Guiffrey & Yves-Plessis (1929: 148, 1931: 343): ‘Contre Sagon (1537). Si ie fais parler ung vallet./ Sagon fera parler ung page/ Si ie pains le premier feuillet./ Sagon painct la premiere page/ Si ie postille mon ouraige./ Sagon tout ainsy voudra faire./ Quand tout est dit, veu son affaire./ Ie trouue que le babouyn/ Ne fait rien synon contrefaire./ Comme vray singe ou sagouyn’.

¹⁵ Picot (1920) reproduziu facsimilarmente 20 desses folhetos.

Le rabais du

caquet de Fripelippes et de Marot dict
Rat pele adictione Avec le comment.



Fait par Mathieu de Boutigni pa-
ge de maistre francoys de Sagon secr
taire de Labbe de saint Ebaroult.

Figura 8. Frontispício do *Rabais* de Sagon [1537]¹⁶.

¹⁶ 'A la première page s'étalait une composition transparente. Dans le coin de gauche, une tête de zéphyr bouffi, sortant d'une collerette de nuages, lance tout son souffle sur un malheureux animal qui n'ose ni avancer ni reculer. Le dessinateur a voulu faire un rat; on reconnaîtrait presque cet animal à sa longue queue si l'on n'avait l'aide d'une légende ainsi rédigée: *M. Rat pelé*, qui peut se lire indifféremment: *Marot rappelé* ou *Monsieur Rat pelé*. En face du petit animal se dresse un monstre de fantaisie à figure d'homme et à queue héraldique qui barre le passage. Pour que le public n'en ignore, on a pris soin d'inscrire son nom: *Sagouin*, au-dessus de sa tête. Dans la partie inférieure de la gravure, se passe une autre scène. A gauche, un pauvre diable n'ayant que sa chemise, des brayes effilochées et des souliers qui ne lui tiennent plus aux pieds, reste en équilibre, un genou en terre, dans la posture d'un suppliant, en face d'un autre personnage assis sur une pierre, lequel n'a pas l'air plus fortuné, car ses vêtements sont percés au coude. A côté est une écuelle, celle probablement avec laquelle il va partout *Chercher la disnée ou souppée*' (Guiffrey & Yves-Plessis, 1912: 367-368).

Les disciples &
AMYS DE MAROT CONTRE
SAGON, LA HVETERIE, ET
Leurs Adherentz.



On les vend a Paris en la Rue saint Iac.
ques, pres saint Benoist, a lenseigne du
Croissant, en la boutique de Jehā Morin.

M.D.XXXVII.

Figura 9. Frontispício da coletânea *Disciples et amys de Marot* (1537).

**R E S P O N S E A C H A R L E S
H V E T, D I C T H V E T E R I E,
Q V I F E I T D U M Y S
t c u a r t l e G r y s, p a r C.
d e l a f o n t a i n e.**



F ij

Figura 10. O folheto de La Fontaine, in *Disciples et amys de Marot* (1537a).

Car en dix vers tu nous salues
 De bourgeons, de pleurs, & de prunes,
 De cousturiers, & de fortunes,
 D'allouettes, d'aller, de venir.
 Mais quant men vient a souuenir,
 Il ya bien en tes dix vers
 Dix sotz propos, & tous diuers,
 Qui ne seruent pas dung naueau,
 A ton escript: & par la, Veau,
 On voit que tu n'es q'un asnon
 En lettres, ou vng Champignon
 Né en vne nuyct. Au surplus
 Le te pry, ne te frotte plus
 A Marot: trop tu entreprends.
 Ha, il est bon, tu le reprends
 Que sur le finge de Sagouyn
 Il a rymé, dessus son groing.
 Vrayment c'a mon: qu'en veulx tu dire?
 Tu t'y congnois comme de cire.
 Je declare en deux petitiz motz
 A ce Sagouyn chef des Marmotz,
 Et dauantaige ie soustiens
 Encontre toy, & tous les tiens,
 Que c'est tres bien ryme. Va va,
 Au diable soit qui te couua.
 En ton escript bien follement
 Tu appelles beste Clement.

Figura 11. Trecho de La Fontaine (1537a) citando *sagouyn*.

Au demourant de ton escript
Le Roy congneut ton faulx voulloir,
Quand te pensoys faire valloir,
Et cherchois de l'absent le lieu:
Mais on te dict bien tost Adieu.

Aussi c'eust esté grand desroy
De tenir en chambre de Roy
Vng Huet, qui sent son farcin,
Sans que ie parle du larcin.

Après tu viens a controuuer
Ce que tu ne scaurois prouuer:
C'est, que Marot sans iugement
Blasme vngs & aultres lourdement.
Ou l'as tu veu, vieulx chassieux?
Toufiours Clement est gracieux.
Il est bien vray, depuis vng peu
Que Sagouyn & toy auez peu
Congnoistre comme il loue ou poingt.
Mais encor ne l'aez vous point
Veue en sa muse s'eschauffer.
S'il entreprend de triumpber,
Si contre vous il prend sa plume,
Si contre vous vng coup s'allume,
Vous estes mortes poures bestes.

Affin que saichez qui vous estes,
Sagouyn tu es vng Meuius,
Et toy, Huet, vng Bauius,

G j

Figura 12. Segundo trecho de La Fontaine (1537a) citando *sagouyn*.

Qui furent poetes anciens,
Tresmauuais rhetoriciens:
Et toutesfoys eulx pleins de baues
Iadis voullotent faire des braues,
Et a composer s'amufoient
Contre Maro: bien s'abusfoient:
Car ce grand Maro, ce Virgille
D'une muse prompte & agille,
En beaulx vers remplis de douceurs
Respondit a ses agresseurs,
Et a leur honneur ne meffit,
Mais sans les nommer il les fit
Deuenir foulz & insensez.

Ainsi aduint ces iours passez
A ce Sagouyn le grand refueur,
Et a Huet ce vieulx baueur:
Qui ont voulu l'honneur estaindre
Du Maro de France, & l'ataindre
De vers aussi picquans que Houlx:
Mais son valet en mett res doux
Leur a si bien baille leur change,
Que si chascun d'eux ne se range
A saint Mathurin, le plus saige
D'eulx deux en bries mourra de raige.
Maro fut l'honneur de Mantue,
Aussi Marot qui s'esuertue,
Dedans la France a tel credit,

Figura 13. Terceiro trecho de La Fontaine (1537a) citando *sagouyn*.

**LA COMPLAINCTE ET
TESTAMENT DE FRAN.
COIS SAGO VYN, DICT SA
gon, enuoyez a Frippe-
lippes valet de C.
Marot, par C.
de la fon-
taine.**

**Aux enfans d'Apollo salut &
prosperite.**

**Filz d'Apollo, deuant vous ie presente
De par Sagon mort par temerite,
Son testament & complaincte presente
Qui l'ont en fin d'honneur des herité.
Si vous supply que de seuerite
N'usez ce coup vers le deffunct Sagon,
Car s'il viuoit, ie vous dy verite,
Mercy cryroit a vostre paragon.**

Figura 14. A *Complaincte* de La Fontaine (1537b), com a citação de *sagouyn*.

FRANCOIS SAGO VYN, DICT

Sagon , a Frippelippes valet de C. Marot.

HA nostre dame, qu'esse cy?
Que diable? suis ie encor icy?
Frippelippes tes rudes coups
M'ont si bien gallé & secoux,
Et par derriere, & par deuant,
Que ie n'en puis plus hay auant:
Toutesfois i'en ay bon marché:
Car ie debuois estre escorché
Comme Marfyas, qui prisa
Tant son scauoir, que bien osa
(En tresgrande temerite)
Debatre avec la deite
D'Apollo, touchant la musique.
Ce beau Marfyas lunaticque
Vaincu par le saige Phebus
Fut mis dedans les prez herbuz,
Escorché des piedz a la teste
Pour y paistre comme vne beste,
Ayant dessoubz les piedz fenduz.
Ainsi (moy prince des penduz)
Deusse estre mis en confrairie
Des veaulx dedans vne prairie,
Et me deust on les deux piedz fendre,
Puis m'escorcher, quant entreprendre
H ij

Figura 15. Trecho de La Fontaine (1537b) citando *sagouyn*.

Tu as cousu mes grosses lippes
Tellement que i'en suis muet.

Viens tost a mon secours, Huet,
Accours soudain, ie n'en puis plus:
La Chouette est prinse a la glus:
Ie n'eusse sceu myeulx m'engluer,
Tesmoing mon mot de concluer.

Monstres maudictz griffans Griffons
Sortez du centre & du fin fons
D'enfer pour me mectre a repos.

Force est que fine mon propos:
Car contrainct suis de rendre l'ame.
Si te supply que sur ma lame,
Lecteur apres le mien trespas,
Meetz ce dizain, & ne faulx pas:

E P I T A P H E D E F R A N C O I S Sagouyn, dict Sagon.

Arreste toy passant par ce lieu cy,
Si tu veulx veoir de terribles merucilles,
Icy repose vng corps humain transsy,
Qui iadis eust au chef plusieurs ceruelles.
Comment cela? Or ne t'en esmerucilles,
Car ce gros beuf auoit semblable groyn
Que le Marmot que lon nomme Sagouyn.
Puis quant le monde eust veu de son cer ueau,

Figura 16. Segundo trecho de La Fontaine (1537b) citando *sagouyn*.

Responce a Lab- BE DES CONARS DE ROVEN.



On les vend en la rue saint Jacques par
Iehan Morin.

M.D.xxxvii.

Figura 17. Frontispício da *Responce* de Des Périers (s/d).

Et que ne tiens bonne mesure,
 Qui rend ta chanson laide & dure.
 (Vous troys nest qu'ung) n'a point de grace,
 Tu as mal mis(que tu leur face)
 Puys,(tarde attente,) est rude & lourd,
 Qui rend le vers muet & sourd
 Et ne scay a quel propos feis
 La ligne de,(filles, & filz)
 Et cetera, pour estre brief.
 Affin qu'au lecteur ne soys grief,
 Aussi le temps ne permet point
 Que ie discute chascun point.
 Si fault il toucher dauantage
 Encor ce notable passage
 La ou tu parles de cousteaux.
 Je ne voy que les Maroteaulx
 (Comme tu dis)ou Sagouyns
 Demy barbares, & Touyns
 Aient escript, ou faict,ou dict
 Vng seul mot qui vienne a ton dict.
 Et n'en croy nul si grand Follastre,
 Qui pretende a se faire battre.
 De ma part,ie n'en suis d'aduis:
 Mes espritz ne sont tant ravis
 De la fureur de Poésie
 Que vueille entrer en baterie:
 Aussi le discord Poétique

Figura 18. Trecho da *Responce* de Des Périers (s/d) citando *sagouyn*.

C Rescript A

**Francoys Sagon. & au ieune poete
Champestre facteur de la ge-
nealogie de Frippelippes.
Auecques vng Rons
deau faict par
Clement
Marot
dudict ieune poete.**

1 5 3 7

Figura 19. Frontispício do *Rescript* de Marot (1537).

5. JEHAN LAMY E A *LANGAIGE DU BRESIL* (1540's)

Muito cedo no século XVI naus francesas provindas dos portos de Rouen, Dieppe, Fécamp e Honfleur, na Normandia, como vimos na introdução, chegavam às costas brasileiras em busca de pau-brasil e outros artigos, entre eles animais e plantas, vendidos com bom lucro na Europa. Alguns aventureiros normandos aprendiam alguns vocábulos da língua Tupi, ou passavam a residir entre as tribos da costa brasileira, adquirindo um conhecimento bastante razoável da língua indígena. Eram os chamados *truchemans*, palavra originalmente provinda do árabe, que significa ‘intérprete’. Esses *truchemans* (turgimão em português; também conhecidos na época como ‘os línguas’) ou *truchements*¹⁷ serviam portanto de intérpretes e intermediários entre os navegantes franceses e os índios. Um raro documento dessa época é a *Langaige du Bresil*¹⁸.

Dalby & Hair (1966) publicaram essa lista de nomes tupis com o correspondente significado em francês constantes desse documento, compilado por um certo Jehan Lamy por volta de 1540, encontrado nos fôlios 53r-54r de uma coleção de três escritos¹⁹ sobre náutica ou navegações (MS 24269 da Biblioteca Nacional da França [o original está disponível; procurar em ‘Gallica’, sob *Regyme pour congnoistre la latitude de la region...*]).

Contém essa lista 85 termos ou locuções tupis, com uma tradução em francês (transcritos em Santos, 2000: 177-180). Apenas seis deles se referem a animais:

**Augerou-coural*. Jehan Lamy, 1540: fol. 54r (“Augerou-coural - *ung perrocquet*”).

**Cain*. Jehan Lamy, 1540: fol. 53v (“Cain – une monne”).

?*Omery*. Jehan Lamy, 1540: fol. 54r (“Omery – *ungmouchero*[n]”).

**Ouatapou*. Jehan Lamy, 1540: fol. 53v (“*Ouatapou – pierre blanche*”).

**Tabity*. Jehan Lamy, 1540: fol. 54r (“Tabity - *ung lievre*”).

**Tappire*. Jehan Lamy, 1540: fol. 54r (“Tappire - *ung chacal* [sic]”).

¹⁷ *Truchement* em Thevet (1557, 1558a: 97v), por exemplo.

¹⁸ Esse manuscrito já fora citado por Anthiaume (1916: 195-196): “Il existe à la Bibliothèque nationale de Paris un manuscrit normand remontant à l’année 1545 environ, et qui est un résumé en cinquante-cinq feuillets (275 X 190 millim.) des connaissances nécessaires pour naviguer. Aux fol. LIII et LIV, on reencontre ‘le langaige du Brésil et du françoys’. C’est un recueil des mots usuels de la langue brésilienne avec leur traduction française. Ce Manuel, composé à l’usage des navigateurs allant et déjournant au Brésil, démontre donc la fréquence des expéditions normandes dans ces régions”.

¹⁹ (i) *Regyme pour congnoistre la latitude de la region et aussi la haulteur de la ligne equinotiale sur nostre orison*, (ii) *Le langaige du Bresil et du françoys* e (iii) *Memoire de la mercque de mes basteaux et barques que je laisse en la Terre Noeufve, au havre de Jehan Denys, dict Rongnoust* (Leland, 1932: 70).

6. A 'FESTA BRASILEIRA' EM ROUEN EM HOMENAGEM A HENRI II, SEGUNDO UM AUTOR ANÔNIMO (1551)

Ensina-nos Wintroub (2001: 481-482) que:

‘Les festivités de l’entrée royale constituaient un rite monarchique majeur à l’époque de la Renaissance. Le rituel de cette célébration organisée pour accueillir un roi qui venait juste d’être sacré, lors de sa première visite dans une ville, était structuré (...) comme un don. Par conséquent, un investissement considérable de temps et d’argent était consacré à la création d’une splendide manifestation pour signifier la reconnaissance de l’autorité royale par la municipalité; en retour, on attendait du roi qu’il réaffirme (au moins) les droits et les privilèges habituels des citoyens et du clergé de la ville.

Simple cérémonie au départ, les entrées royales devinrent de plus en plus élaborées au fur et à mesure que les villes qui les promouvaient prenaient de l’importance. (...) Ainsi les festivités liées à l’entrée du roi à Rouen n’avaient-elles pas pour seul dessein d’impressionner Henri II; elles voulaient surpasser les prestigieuses cérémonies que lui avaient réservées Lyon (1548) et Paris (1549). Selon les chroniqueurs, l’entrée à Rouen fut parmi les plus spectaculaires jamais réalisées’.

A 1º de outubro de 1550 Henri II fazia sua entrada triunfal em Rouen, atravessando a velha ponte da abadia de Saint-Ouan [Figura 20].



Figura 20. Entrada de Henri II em Rouen.

Diz Wintroub (2001: 479-480):

‘Henri II trouva son trône dans une galère élevée sur des colonnes ioniques et décorées avec son emblème: une lune croissante. Du haut de son siège, il regardait sa ville parader devant lui, le clergé en tête, suivi des dignitaires royaux et municipaux, des négociants, des avocats et des commerçants. C’était là une vivante taxinomie des gens de la cité, une chaîne humaine dont l’extrémité était scellée par une démonstration de force: les juges vêtus d’écarlate suivis par trois cent archers, quinze cents soldats portant l’emblème du roi, un groupe de ‘gladiateurs romains’ simulant une bataille avec des épées tenues à deux mains ainsi qu’un régiment de cinquante chevaliers de Normandie des plus estimés, dont les exploits, accompli lors des conquêtes des ‘forts & opulents’ royaumes de Naples, de Sicile et d’Angleterre, avaient été immortalisés à la fois par les chroniqueurs et les historiens.

Leur passage indiquait le début de la seconde phase des festivités: une entrée triomphale calquée sur celles des anciens empereurs romains. Chevaux ailés, licornes et éléphants [Figura 21]; prisonniers enchaînés, chars et Turcs, ce triomphe défila devant le roi. Tout d’abord le char de la Gloire traînant la

Mort enchaînée. Ensuite Vespa, la déesse de la religion. Puis Fortune, en équilibre sur une roue d'argent et tenant une couronne impériale en or au-dessus de la tête d'un acteur qui figurait le roi. Et enfin, ce fut au souverain d'attirer l'attention de tous les regards. Il descendit de son trône et, avec sa suite, parcourut les rues de Rouen. Au milieu des couleurs brillantes que revêtaient les princes de sang, Henri II apparut devant la foule réunie sur la prairie dans une tenue simple, en velours noir, rehaussée de motifs en argent, et paré de bijoux. Il se dirigea vers la Seine.

De tous les lieux que vit Henri au long de son itinéraire dans et autour de Rouen, aucun n'égalait celui qu'il découvrit sur les rives de la Seine juste à l'extérieur des murs de la ville, à hauteur du faubourg Saint-Sever. Depuis l'estrade spécialement construite pour lui offrir une vue étendue, son regard pouvait embrasser à la fois l'Ancien et le Nouveau Monde, puisque, devant lui, sur une petite bande de terre de deux cents pas de long et de trente-cinq de large, se trouvait un village brésilien [Figura 23]".



Figura 21. Desfile de elefantes durante a homenagem a Henri II em Rouen (Merval, 1868).

Essa esplêndida festa em Rouen ao monarca francês foi detalhadamente descrita e ilustrada por um autor anônimo (Anôn.¹², 1551)²⁰ (Figura 22). Lembra-nos, ao ler essa descrição, de um desfile de escolas de samba, onde nem carros alegóricos faltavam.

A descrição da aldeia brasileira [Figura 23] desse autor é preciosa e rica em informações. Trezentos figurantes ocupavam essa aldeia, tendo sido cinquenta deles, Tabajaras e Tupinambás, recentemente trazidos do Brasil ('freschement apportez du pays'). Ficamos sabendo também o quão frequentemente aportavam naus francesas na costa brasileira para carregar pau-brasil, que havia muitos franceses falantes de tupi (os 'truchemans') (vide capítulo anterior), e que os saguis eram frequentemente levados para a França, tanto que havia vários vivos nessa aldeia brasileira criada para a recreação do rei francês. Mas demos-lhe a palavra:

'Le long de ladicté chaussée, qui s'estend depuis le deuant de la porte desdictes emmurées, iusques ao bort de la riuiere de seyne, sie dvne place, ou prarye non ediffiée, de deux centz pas de long, & de trente cinq de large, laquelle est pour la plus grãde partie, naturellement plantée & vmbragée, par ordre, d'vne

²⁰ Essa obra foi comentada por Pottier (1835, pp. 29-43, 85-108), mas sem citar a parte referente aos índios brasileiros, e reproduzida por Denis (1850), mas com alterações na grafia do texto original e por vezes com certos trechos faltando.

CEST LA DEDV-

ction du fumptueux ordre plaifantz spe-

CTACLES ET MAGNIFIQUES THEATRES

DRESSES, ET EXHIBES PAR LES CITOI-

ens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, A la

facree Maiefté du Treschristian Roy de France, Henry secōd

leur souuerain Seigneur, Et à Tresillustre dame, ma Dame

Katharine de Medicis, La Royne son espouze, lors de

leur triumphant ioyeux & nouuel aduenement en

icelle ville, Qui fut esiors de Mercredy & ieu

dy premier & secōdiours d'Octobre, Mil

cing cens cinquante, Et pour plus ex-

presse intelligence de ce tant ex-

cellent triumphe, Les figu-

res & pourtraictz des

principaulx aorne

mentz d'iceluy

y font apposez chascun en son lieu comme l'on pourra
veoir par le discours de l'histoire.

Auec priuilege du Roy.

*On les vend a rouen chez Robert le Hoy Robert et Iehan dictz
du Gord tenantz leur boutique, Au portail des Libraires.*

1551.

Figura 22. Frontispício da descrição da festa feita em Rouen para Henri II (Anôn¹², 1551).



Figura 23. A 'festa brasileira' segundo Anôn. (1551).

faussaye de moyenne fustaye, & d'abondant fut le vuyde artificiellement remply, de plusieurs autres arbres & arbrisseaux, comme genetz, geneures, buys, & leurs semblables, entreplantez de taillis especes: Le tronc des arbres estoit peint, de rouge & garny en la cyme, de branches & floquartz, de buys & fresne, r'aportantz assez pres du naturel, aux fueilles des arbres de bresil. Autres arbres fruictiers, estoient parmy eulx chargez de fruitz de diuerses couleurs & especes, imitans le naturel. A chacun bout de la place, à l'environ d'une quadrature, estoient basties loges ou maisons, de troncz d'arbres tous entiers, sans doller n'y preparer d'art de charpenterie, Icelles loges ou maisons couuertes de roseaux, & fueillartz, fortifies à l'entour de pal, en lieu de Rampart, ou bouleverd, en la forme & maniere, des mortuabes & habitations des Brisiliens, Parmy les branches des arbres, volloient & gazouilloient à leur mode, grand nombre de perroquetz, esteliers, & moysons de plaisantes & diuerses couleurs. Amont les arbres grympoiët **plusieurs guenonnez marmotes, sagouyns, que les nauires des bourgeois de Rouen, auoient n'agueres apportez de la terre du Bresil** [nosso negrito]. Le long de la place demenoient ça & la, iusques au nombre de trois centz hommes tous nudz, hallez & herissonnez, sans aucunement courir la partie que nature commande, ilz estoient saconnez & equipez, en la mode des sauuages de l'amerique, dont s'aporté le boysde bresil, du nombre desquelz il y en auoit bien cinquante naturelz sauuages, freschement aportez du pays, ayans oultre les autres scimulez, pour decorer leur face, les ioues, leures, & aureilles percées, & entrelardez, de pierres languettes, de l'estendue d'un doigt, pollyes & arrondies de couleur desmail blanc & verde emeraulde: Le surplus de la compagnie ayant frequenté le pays, parloit autant bien le lãgage, & exprimoit si nayfement les gestes & façons de faire des sauuages, commes'ilz fussent du mesmes pays: les vns s'esbatoient à tirer de l'arc aux oyseaux, si directement eiuculantz leur traict, fait de cannes, iong, ou reseaux, qu'en l'art Sagiptaire, ilz surpassoient, Meryonez, le grec, & Pandarus, letroyen. Les autres couroient apres les guenõnes, viste comme les troglodytes, apres la sauuagine: Aucuns branlloyent dans leurs lictz subtilement tressez de fil de Cotton, attachez chacun bout à l'estoc de quelque arbre ou bien se reposoient à l'vmbrage de quelque buysson tappys, Les autres coupoient du boys, qui par quelques vns d'entre eulx estoit porté, à un fort construt pour l'effect, sur la riuiere ainsi que les mariniers de ce pays, ont accoustumé faire, quã ilz traictent avec les Brisiliens; lequel boys iceulx sauuages troquoiët, & permotoiët aux mariniers dessusditz en haches, serpes & coings de fer, selon leur vsage & maniere de faire, La troque & commerce ainsi faite, Le boys estoit batellé par gondoles & esquiffes, en un grand nauire à deux Hunes ou gabyes, radiant sur les ancras: laquelle estoit brauement enfunallée & close sur son son belle, de paniers aux armaries de France, entremeslées de croix blanches, & pontée dauant arriere: l'artillerie rengée par les lumieres & sabortz; tant en poue qu'en poupe, & le long des escortartz: Entre les pauyers du belle & de fuzain, se monstroient force picques, l'ances & faulces l'ances à feu, dru & menu entrelardez, les Hunes garnies de dartz & de traict, entre les pauyers, imprimez de croix blanches, & fleurs de lys d'or sur champ d'azur. Les Bannieres & estendartz de soye tant hault que bas, estoient semées d'ancres & de Croissantz argentez, vndoyantz plaisamment en l'air. Les matelotz estoient vestus de sautembarques, & bragues de Satin, mypartis de blanc & noir, autres de blanc & verd, qui montoient de grande agillité le long des haul bancz, & de l'autre funaille. Et sur ses entre-faites voicy venir vne trope de sauuages, qui se nommoient à leur langue, tabagerres [Tabajara], selon leurs partialitez. Lesquelz estants accroupis sur les tallons, & rengez à l'enuiron de leur Roy autrement nommé par eulx, Morbicha [Morubixaba], avec grande attention & silence, ouyrent les remonstrances & h'arengues d'iceluy Morbicha, par un agitement de bras & geste passioné, en langaige Bresilian. Et ce fait, sans re- plique, de prõpte obeissance vindrent violement assaillir, vne autre troppe de sauuaiges qui s'apelloient en leurs langue, Toupinabaulx [Tupinambá], Et ainsi iongtz ensemble, se combatirent de telle fureur et puis- sance, à traict d'arc, à coups de masse, & d'autres batons de guerre desquelz ilz ont occoustumé vser, que finalement les Toupinabaulx desconfiterent, & mirent en route, les Tabagerres. Et non contens de ce tous d'une volte, coururent mettre le feu, & brusler à vifue flamme le Mortuabes, & forteresse Tabagerres, leurs aduersaires. Et de fait, ladicte scyomachie fut executee pres de la verité, tant à raison des sauuages naturelz, qui estoient meslés parmy eux, comme pour les mariniers, qui par plusieurs voyages auoient trafiqué & par long temps domestiquemēt residé, avec les sauuages, qu'elle sembloit estre veritable, & non simulée, pour la probation de laquelle chose, plusieurs personnes de ce royaume de France, en nôbre suffisant, ayans- frequenté le pays du Bresil, & canyballes, attesteront de bonne foy l'effect de la figure precedente estre le certain simulachre de la verité'.

Três outras obras de arte contemporâneas retratam os índios e os animais brasileiros. A primeira, descrita por Hamy (1907: 5-6) é:

“[une] enseigne que l'on a longtemps vue au-dessus de l'entrée d'une vieille maison n° 17 de la rue Mal- palu à Rouen²¹ et qui est aujourd'hui conservée au Musée departamental d'antiquités. Cette enseigne qui n'a jamais été fidèlement reproduite et dont je donne ci-joint une très bonne photographie [Prancha entre as páginas 4 e 5 desse trabalho], est composée de deux panneaux de 0^m06 d'épaisseur et 0^m54 de hauteur et qui, assemblées bout à bout, atteignent une longueur totale de 3^m87.

²¹ Essa casa foi demolida em 1837, e as esculturas de madeira guardadas no Musée d'Antiquités de Rouen (Dela- quérière, 1821: 151, 1841: 194; Cochet, 1868: 16; Anthiaume, 1916: 200; Enlart, 1921: 11, este último atribui a construção dessa casa e das esculturas a um comerciante).

Le premier, qui est en même temps le plus long, mesure 2^m19; toute la moitié droite en est occupé par une forêt en partie coupée, dans laquelle des Indiens abattent et préparent les bois; au milieu, une sorte de Samson à la longue chevelure, à la musculature puissante, soulève une lourde cognée qui va retomber sur le tronc déjà entamé d'un gros arbre. A droite, un autre Indien non moins vigoureux, arrache à la main les branches d'un autre arbre déjà coupée obliquement appuyé, tandis qu'à gauche un troisième, tenant à la main une forte raclette, blanchit un tronc complètement dépouillé. Un quatrième Indien agenouillé achève de préparer un arbre.

Plus à gauche, un robuste porteur, les deux épaules chargés, se dirige vers la mer tandis qu'un homme plus jeune, une bille sur l'épaule droite, le précède, tenant de la main gauche un enfant qui paraît porter un oiseau. Une femme, dans l'angle gauche, travaille accroupie; un homme barbu et chevelu, vu de dos, contemple la scène. Des perroquets volètent lourdement dans les arbres.

Dans le second panneau, plus raccorci (1^m68) les bois sont amassés à la droite du spectateur sous la surveillance d'une jeune fille accompagnée d'un enfant, et un Indien présente une pouter à l'un des deux marins qui arriment un canot, tandis qu'un peu plus loin surgit dans les flots une barque à deux mats avec ses châteaux de proue et de poupe et quelques hommes sur le pont.

La scène, dans son ensemble, est toute pleine de mouvement et de vie; les petits personnages dont la taille est d'un peu plus de 30 centimètres, sont d'un dessin élégamment tourmenté, avec des mouvements presque toujours justes et des formes à peine exagérées".

A segunda é citada por Anthiaume (1916: 201-202):

"Il existe à la Bibliothèque municipale de Rouen un manuscrit (Y. 28. – Ce ms., sur vélin, de 19 X 27 cm., comprend quarante feuillets. Le texte est un poème de 714 vers. En marge de trente-deux pages, on a dessiné trois croissants d'argent entrelacés, et sur les autres pages des arcs, des carquois, des flèches, et le double chiffre particulier aux monuments du règne de Henri II) qui remonte, paraît-il, au règne de Henri II et qui sans doute lui fut offert en souvenir de la fête brésilienne de 1550. Il a été acheté à Anvers en 1838 pour la ville de Rouen par le conservateur de la Bibliothèque, André Pottier: et Stéphan de Merval l'a publié en 1868 [cf. Merval, 1868] pour la Société des Bibliophiles rouennais, sous le titre: 'L'entrée de Henri II roi de France à Rouen au mois d'octobre 1550'. Des dix miniatures à pleine page qui ornent ce manuscrit, la neuvième est de beaucoup la plus curieuse. Outre la fête qui se déploie sur la Seine, et où l'on remarque principalement Neptune triomphant, des sirènes et des monstres marins, de nombreuses barques aux rameurs que protègent de larges boucliers décorés aux armes de France ou de l'amiral d'Annebaut, et l'île où des *Brasiliens* se livrent à leurs danses et à leurs combats.

(...).

Dans le texte, le poète anonyme glisse à l'adresse du roi un beau compliment dans lequel il célèbre le commerce des Brésiliens avec les Normands et nomme leurs ennemis communs, les Portugais:

'Voyez-vous poinct soubz vostre nom et port

Brésiliens ancrez en nostre port?

On voit par là que par vous tout dangier

Est assoupy voyant tout estranger

Qui securement à nostre rive applicque

Ainsy que nous à la leur pour trafficque.

Vous les verrez d'une cueur au nostre esgal,

Faire fuyre l'ennemy Portugal.

Autant en faict le pays de Guynée

Pour le renom de la grant renommée,

Sire, il n'est pas jusques aux caniballes,

Isles, à tous fors à nous, desloyalles,

Où ne soyons en bonne seureté

Pour la faveur de vostre auctorité'

(Fl. XVII v° de l'édition de Stéphan de Merval)".

A terceira é a chamada *Frise des Sauvages* da igreja de Saint-Jacques em Dieppe. Exce-lentes fotos desse friso foram publicados por Heulhard (1897: prancha entre as páginas 88 e 89) [Figura 24]. Aparentemente, o primeiro a descrevê-la foi Vitet (1833: 112-119, que forneceu também um desenho, uma prancha entre as páginas 112 e 113 de seu livro) [Figura 25]. Mais recentemente, essa obra foi descrita por Del Priore (1995: 47-50):

"No interior da igreja gótica de Saint Jacques, sob a abóbada do corredor do côro, a segunda capela é ornamentada, de alto a baixo, pela mais rica escultura. Atrás de sua parede central, fecha-se uma pequena sala, na qual se reuniam, no período medieval, os tesouros da paróquia, e onde, durante o Renascimento, assembléias deliberavam sobre os negócios da paróquia: ela é chamada ainda hoje *Le Trésor*. Na fachada que dá para a nave central, o anônimo artista contentou-se em extrair da pedra todos os graciosos caprichos do

estilo corrente durante o Renascimento: arabescos, medalhões redondos com animais fabulosos, pássaros alternados com cenas alegóricas, um adorável relevo de Adão e Eva.

Suportada por cinco pilastras de base alta, separada por sete pequenos nichos pouco profundos terminados em concha, a cerca de 20 pés do chão, encontra-se a *frisa dos selvagens*: a cena decididamente não se passa na Europa.

O primeiro grupo é composto por três personagens: um homem, uma mulher e uma criança. Com penachos de pluma à cabeça e nus não deixam dúvida quanto a ser a representação de índios brasileiros. Tanto o homem quanto a mulher vestem um cinto com plumas; a mulher traz ainda um colar também em plumas; tem à mão uma grande folha de palmeira, na outra um cetro ao que se pendura a criança. O homem está armado com um arco e nas suas costas, vê-se um feixe de flechas.

O segundo grupo tem outras características: um negro, uma negra amamentando sua cria, e uma criança dançando como se estivesse saindo de sua choupana; o negro carrega duas zagaias na mão esquerda e com a direita vibra outra, acima da cabeça; sua mulher e ele trazem às orelhas imensas argolas; todos estão nus.

Entre o casal, vê-se enrolada a um tronco, uma imensa serpente. Sobre o galho da mesma árvore, um pássaro (um papagaio) observa a cena.

O terceiro grupo é composto, como os dois outros, por uma ‘família’, ou seja, um homem, uma mulher e uma criança. Mas aqui os personagens têm novas características. Para começar, possuem vestimentas; o homem traz um pequeno manto e uma canga enrolada à volta dos rins. O resto do corpo está nu, salvo a cabeça enrolada num turbante com uma espécie de ‘queixeira’. A mulher apresenta-se coberta com um amplo véu que a cobre da cabeça aos pés; traz ainda uma canga amarrada aos quadris. A criança desnuda porta apenas um capacete de feitio hexagonal sobre as orelhas.

A América, as costas da Guiné e as costas da Índia (Moçambique ou Madagascar) estão aí, bem representadas, como uma mostra dos três povos frequentados pelos *dieppois*, na época em que a escultura foi realizada (c. 1530). A seguir, sucedem-se várias figuras, misturadas, sem aparente articulação narrativa e sem deixar supor uma ação comum entre elas.

Um selvagem americano isolado, com cocar de plumas e alfanje à mão esquerda apoia-se a uma árvore, como se quisesse arrancá-la do solo.

A seguir, seguem-se seis figuras; três homens nus, armados de escudos e lanças. O quarto personagem porta na cintura uma aljava cheia de flechas. Seu braço direito, hoje quebrado, carregava, sem dúvida, um arco; ele é talvez um chefe. Mais à frente vê-se um selvagem, em ferros, cujos cabelos amarrados atrás da cabeça anunciam uma diferente etnia. É sem dúvida um prisioneiro escravizado, sendo conduzido por um sexto elemento. O ‘chefe’ traz à cabeça um turbante e seus rins estão cobertos com uma canga. **Entre eles, uma copada árvore serve de moldura para um *haït*, ou bicho-preguiça²², e um macaco** [nosso negrito] [Figura 23]. Os guerreiros estão todos nus, usam os cabelos compridos, colados às têmporas e enrolados no pescoço; trazem nos braços pulseiras de plumas e escudos, alguns em casco de tartaruga, outros em plumas”.

Como comentou Vitet (1833: 127-129):

“Ce monument [o friso dos selvagens] ne nous apprend pas seulement quelle était alors à Dieppe la passion des voyages, la splendeur du commerce et l’importance des navigations, il nous prouve jusqu’à quel point ces contrées lointaines devaient être déjà connues, combien de fois elles avaient été visitées, observées, étudiées, puisque d’un côté les élèves et successeurs de Desceliers les traçaient sur leurs cartes, et que de l’autre les sculpteurs et les artistes en donnaient des portraits si détaillés et si fidèles.

Deux costumes qui s’étaient introduites dès le commencement des voyages expliqueront comment, en 1530, il se trouvait déjà à Dieppe des hommes capables de peindre ou de sculpter les costumes de ces régions situées à deux ou trois mille lieues. D’abord il était rare que soit le maître charpentier du bâtiment, soit ses apprentis, ne sussent pas un peu dessiner; souvent même on faisait monter à bord un dessinateur de profession, lequel prenait des croquis de costumes, d’armes, d’instruments et ustensiles, en un mot de toutes les singularités qu’on rencontrait dans le pays nouvellement découvert. Ces dessins étaient annexés au rapport du capitaine, et déposés avec ce rapport au greffe de l’amirauté. Si l’expédition faisait du bruit, les curieux et les artistes de la ville ne tardaient pas à aller consulter et copier les dessins.

D’un autre côté, c’était un usage chez presque tous les capitaines de long cours, de ramener sur leur bord, comme pièce de conviction, des habits de sauvages, et plus souvent encore des sauvages eux-mêmes, hommes, femmes ou enfants. Aussitôt arrivés on les exposait à la curiosité publique; s’ils étaient de naturel complaisant, on leur donnait le baptême, ce qui faisait grande cérémonie; puis, quand ils étaient bien apprivoisés, on les faisait remonter à bord, et l’on se servait d’eux en qualité d’interprètes pour un nouveaux voyage. Comme les vaisseaux allaient et venaient sans cesse, il était rare qu’il ne se trouvât pas toujours à Dieppe cinq ou six sauvages, tantôt des Grandes-Indes, tantôt d’Américains, tantôt nègres de Guinée; c’était autant de modèles vivans pour notre sculpteur du Trésor de Saint-Jacques”.

²² A ser correta essa identificação, trata-se da mais antiga representação conhecida de uma preguiça!

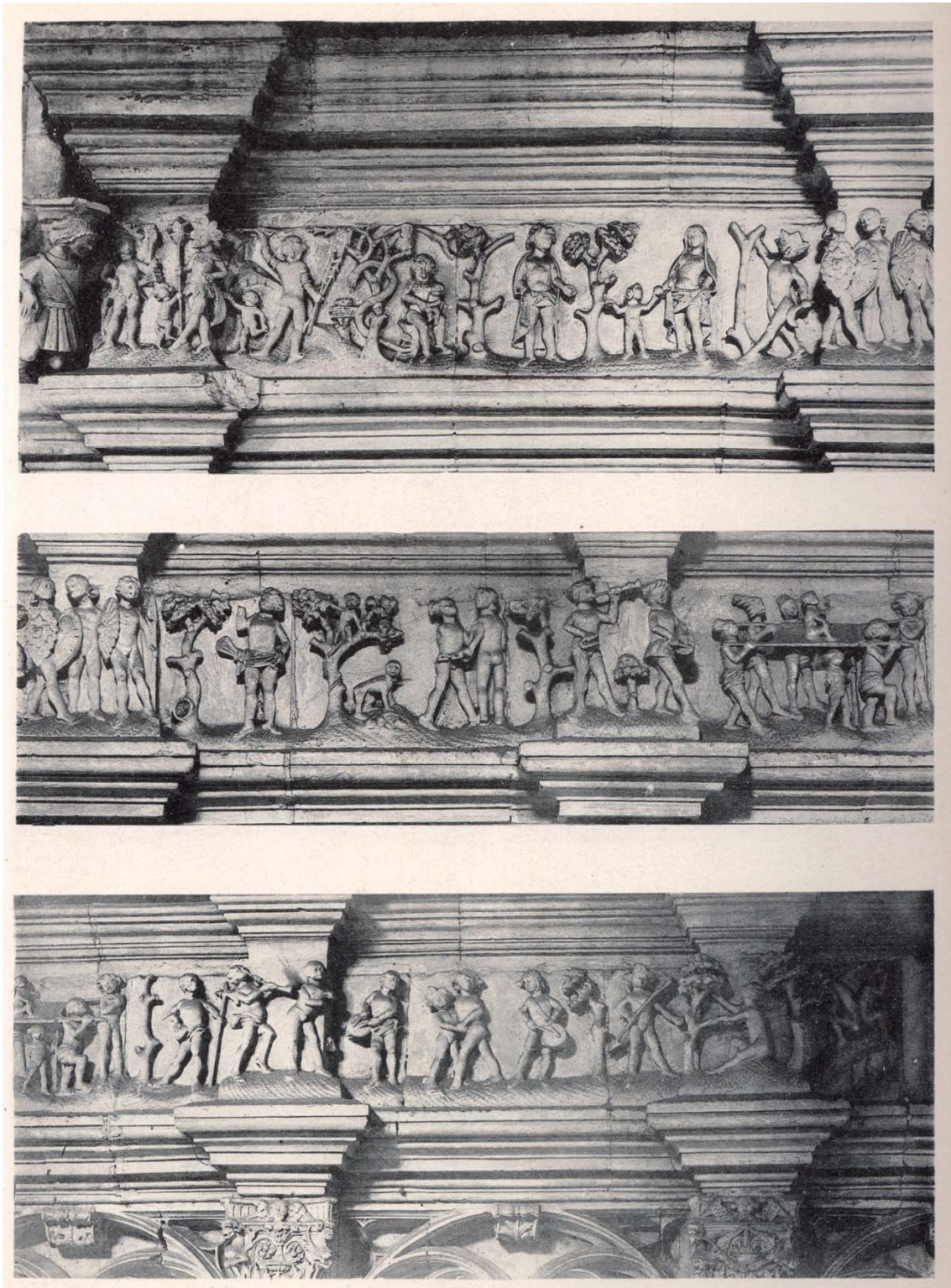


Figura 24. Detalhes do “Friso dos Selvagens” da igreja de Saint-Jacques em Dieppe (Heulhard, 1897: prancha entre as páginas 88 e 89).



Figura 25. Detalhe do *Frise des Sauvages* da igreja de Saint-Jaques em Dieppe (desenho de Vitet, 1833: prancha entre as páginas 112 e 113 (parte)).

7. PIERRE BELON: *LES OBSERVATIONS DE PLUSIEURS SINGULARITEZ & CHOSES MEMORABLES (1553), L'HISTOIRE DE LA NATURE DES OYSEAUX (1555) E OS PORTRAITS D'ANIMAUX (1557)*

Em 29 de maio de 1453 Constantinopla era conquistada pelo Império Otomano, sob o comando do Sultão Maomé II. Era o fim do Império Romano do Oriente. A data foi desde então considerada como o fim da Idade Média europeia.

Até então, as potências marítimas da época, Veneza e Gênova, tinham ali mantido uma espécie de representação diplomática, confirmada depois pelo Sultão. No início do século XVI a França também tentou estabelecer relações privilegiadas com a Sublime Porta e tentar romper o monopólio comercial de Veneza. Gabriel de Luetz, Baron et Seigneur d'Aramon et de Vallabregues foi nomeado embaixador (cf. Scheffer, 1887) junto à Sublime Porta por François I (e em seguida por François II), cargo que ocupou de 1546 a 1553. Foi acompanhado nessa viagem por vários cientistas: Jean de Monluc, o filósofo Guillaume Postel, o botânico Pierre Belon, o naturalista Pierre Gilles d'Albi, o futuro cosmógrafo André Thévet (do qual nos ocuparemos adiante), e Nicolas de Nicolay, que iria publicar seus achados após seu retorno à França (Nicolay, 1568, 1576).

Segundo Tricot (2004: 192-193):

‘Pierre Belon [Figura 26] nacquit en 1517 au hameau de la Soultière près du Mans. Il passa son adolescence en Basse Bretagne et pérégrina ensuite en Auvergne en qualité d'apothicaire au service de l'évêque de Clermont, dans le Massif Central, à Bourges, à Sancerre ainsi que dans le Maine, régions où il pratique déjà l'observation zoologique et botanique. Entre 1540 et 1541 il séjourna 12 mois à l'Université de Wittemberg, en Saxe, où il suivit les cours du célèbre botaniste Valerius Cordis (1515-1540) qui faisait 'démonstration et interprétation des plantes de Galien, Théophraste, Dioscoride'. En 1542 Belon entra à Paris comme 'domestique serviteur', comme 'apothicaire', en fait comme agent diplomatique au service du Cardinal de Tournon, singulier et libéral mécène des hommes de vertu mais aussi et surtout Ministre des Affaires étrangères de François Ier (...). Entre 1546 il fut introduit par le Cardinal de Tournon à l'ambassade, que François Ier envoya auprès du Grand Turc, le Sultan Soliman le Magnifique sous la conduite d'Aramont. Quitant Paris en décembre 1546 Belon atteignit Venise d'où il traversa l'Adriatique en felouque, visita les îles de Corfou et de Crète pour enfin arriver à Stamboul début mai 1547 et où il séjourna jusqu'en août 1547. Son grand périple oriental l'emmena ensuite en Egypte, en Terre Sainte, dans la plupart des pays du Moyen-Orient avant de regagner son pays en passant à nouveau par Constantinople (...). De retour en France Belon entreprit en 1550 ses études de médecine à la Faculté de Médecine de Paris où il ne fut promu que laborieusement licencié en médecine dix ans après en 1560 (...). Durant les dix dernières années de sa vie, entre 1555 et 1565, Belon entreprend encore quelques voyages en Europe (...). Il mourut assassiné dans des circonstances non élucidées dans le Bois de Boulogne de Paris en avril 1565. Il n'avait pas encore atteint l'âge de 50 ans et était médecin depuis à peine cinq ans’.

Na França, Belon publicou várias obras tratando de assuntos zoológicos - sobre animais marinhos (Belon, 1551, 1553a), as *Observations de plusieurs singularitez et choses memorables* (Belon, 1553b; outras edições em 1554, 1555a, 1555b) e os *Portraits d'oyseaux, animaux, etc.* (Belon, 1557)²³.

Em seu livro *Observations de plusieurs singularitez* (Belon, 1553b) [Figura 27] apareceu por primeira vez na literatura o nome tupi do tatu.

Como bom boticário e botânico, Belon preocupava-se em pesquisar as drogas medicinais existentes na Turquia (Belon, 1553b: 22v):

‘C'est quand i'arriuy à Constantinoble la premiere fois, pour ne consumer vn loisir en paresse, ie passoye tous les iours le canal du port qui separe Pere de Cōstantinoble, afin que voyant par les boutiques les choses que les Turcs ont acoustumé vendre, ie eusse l'intelligence de ce qu'ilz ont, dont n'auons point l'vsage. Et pour ce faire commodement, apres que i'eu trouué vn sçavant Turc, docte en Arabe, ie conuins

²³ Sobre Pierre Belon e sua obra, vide Céard (1975), Cole (1949), Crié (1882a, 1882b, 1883a, 1883b, 1883c, 1884), De Wit (1992-1994), Delaunay (1923, 1926a, 1926b, 1962), Gudger (1934), Legré (1901), Letessier (1975), Mesnard (1973), Miall (1912), Morren & Crié (1885), Papavero *et al.* (1995) e Stresemann (1951).

de pris avec luy, pour escrire vne table de toutes les especes de marchâdises, drogueries, & autres matieres qu'on vend par les boutiques de Turquie, laquelle contenoit la table d'Auicenne, escripte en langage Arabe, contenant en somme toutes choses qui leur sont apportées d'estrange pays. Et pour en parler sommairement, ce fut l'vne des choses qui m'a le mieulx instruit & aidé à sçauoir ce que ie voulois apprêdre. Car quand ladicte table fut paracheuée, le Turc me lisoit toutes les parolles l'vne apres l'autre. Et ainsi qu'il me les lisoit, i'escrui de ma lettre le mesme nom qu'il l'auoit escript en son vulgaire, tel qu'il m'auoit proferé en Arabe. En apres ie me faisois môstrer la chose qu'il l'auoit nommée, afin que l'ayant veue, i'escrui en mon langage au dessoubz de son escripture la chose que i'auois congneue: voulant par ce moyen là pouuoir demander ailleurs quand i'en auroye affaire: & quelque part que ie me soye troué par le pays de Turquie, ie m'en fuis grandement seruy entre les Turcs'.



Figura 26. Pierre Belon (*in* Belon, 1557)²⁴

Mais adiante (Belon, 1553b: 181v) comentou ainda sobre a prática da medicina, o conhecimento médico e a venda das drogas medicinais na Turquia:

‘Ceux qui medecinēt en Turquie, par Egypte, Syrie & Anatolie, & autres villes du pays du Turc, sont pour la plus grande partie Iuifs: toutesfois il y en a aussi des Turcs: & les Turcs sont les plus sçavants, & sont fort bons praticiens: mais au demeurant ilz ont bien peu des autres parties requises à vn bon medecin. Il est facile aus Iuifs de sçauoir quelque chose en medecine: car ilz ont la commodité des liures Grecs, Arabes, & Hebreux, qui ont esté tournez en leur langue vulgaire, comme Hippocrates, & Galien, Auicenne, Almansor ou Rasis, Serapion & autres authours Arabes. Les Turcs ont aussi les liures d’Aristote & de Platon tournez en Arabe & en Turc. Les drogueurs ou materialistes qui vendent ordinairement les drogues par les villes de Turquie, sont pour la pluspart hōmes Iuifs: mes les Turcs sont plus sçauās en la cognoissance d’icelles, & ont plus de matieres medecinales, c’est à dire des drogues simples en vente en leurs boutiques, que n’auons en Europe: tellement que le meilleur Droguiste de Venise, quelque bien fourni qu’il soit, n’aura pas tāt de petites droguerries en sa boutique, qu’vn drogueur de Turquie. Le ne dy pas en quantité de poix,

²⁴ Este retrato está acompanhado de um soneto de G. Aubert ‘Au Roy’: ‘Bellon passant, Sire, par le trauers/ Des flots glacez, & des mers alterées,/ Pour embellir les terres bienheurees,/ Aporte icy par maints aspres desers./ Ores des rocs les arbres tousiours verds,/ Or les poissons de leurs bleuës marées,/ Puis les oyseaux des celestes contrées,/ Ne laissant plus rien libre en l’vniuers./ De ses traux il remenace encores/ l’Inde emperlée, & les arenes Mores,/ Mais il ne peut plus rien sans ton secours./ Rechasse donc, Sire, celle souffrance:/ Ainsi tousiours la couronne de France/ Viue immortelle en ses rares discours./ Voy ce portrait, & dy qu’en le voyant/ Tu vois encore de celluy la semblance,/ Qui seul fait voir ores en nostre France,/ Tout ce qu’en soyt voit le ciel tournoyant’.

mais en diuersité de nombre des drogues simples. Quand le medecin a faict sa recepte, il l'enuoye au droguiste pour auoir des drogues qu'il demande: car il n'y a point de ceux que nous nommons apoticares, & lá prenât les hardes en detail les paye presentement: car toutes choses en Turquie se font à l'argent comptant'.

Belon também frequentava as feiras em busca de plantas e outros artigos trazidos de países estrangeiros:

“Ceux qui vendent les herbes au marché de Constantinople, en ont de plusieurs sortes, dont n'auons cognoissance ne vsage, & principalemēt au printemps...” (Belon, 1553b: 209r).

E foi numa dessas feiras em Constantinopla que encontrou uma raridade: **o casco de um tatu!**

“Les Turcs tiennent les marchez par les villes de Turquie par chascun iour de la sepmaine: car ie voy que telle place tient le marché en Constantinoble au lundy, l'autre place le mardy, & en Pere au ieudy, & ainsi des autres. Et s'il y a rien de rare, ils le monstrent ce iour là. Parquoy estant de retour en Constantinoble, & me trouuant souuēt fois à veoir leurs marchez, ay trouué plusieurs singularitez apportées d'estranges pays, & principalement entre les drogues de certains Theriacleurs²⁵ qui donnent ordre de recouurer tout ce qu'ils peuuent de nouveau, afin que les monstrant en public, ils facent amas de beaucoup de personnes, auxquels ils vendent quelque chose de leur art. Les vns mōstre des serpents en public: mais ie n'en diray autre chose en ce lieu: car i' en ay escript toutes choses par le menu, au liure ou i'ay baillé le portraict des serpēts. Les autres vendent des vnguents & racines tant seulemēt, & de la mort aux verms, & souuente fois passent d'Egypte en Constantinoble: car i'en ay recongneu à Constantinoble, que i'auoye ia au parauant veu au Caire, & dont i'ay peu recouurer certains portraits des poisson du Nil, que feray apparoir en autre mien oeuvre au liure des poissons²⁶. **Et pource que l'animal dont i'ay desia cy deuant parlé** [à p. 5r; ver citação abaixo], **qu'on nomme vn *Tatou, est trouué entre leurs mains, lequel toutefois est apporté de la Guinée, & de la terre neuue, dont les anciens n'en ont point parlé, neantmoins il m'a semblé bon d'en bailler le portraict** [negrito nosso]” [Figura 17] (Belon, 1553b: 209v).

Aqui temos duas surpresas.

Em primeiro lugar, como já dito, Belon foi o primeiro a registrar na literatura o nome tupi desse animal, que já deveria ser relativamente conhecido na França. Para não causar espécie entre seus leitores, comentando sobre o emprego dessa palavra estrangeira (*tatou*) em francês, explicou que:

“vne nation arriuant en vn lieu ou elle treuve quelque chose qui n'ha point de nom propre en sa langue, n'ayant l'authorité d'en pouuoir inuenter vn, ha bien liberté d'emprunter lenom des estrangiers pour s'en seruir. Tout ainsi comme nous faisons des animaulx& droguerues qui sont apportées des Indes, lesquelz nous nommons des mesmes noms qu'elles ont apporté de leurs pays; comme appert par vne petite beste apportée du Bresil, qu'ilz ont nommée ***Tatou** [nosso negrito]. C'est vne espece de Herisson que les anciens n'ont pas cogneu: mais pource que on la garde emplie de Bourre (car elle est couuerte d'escorce dure) il y en a qui l'ont nommée Ichneumon: mais cela est faulx, car telle beste ne participe rien de la nature de l'Ichneumon” (Belon, 1553b: 5r).

A segunda é que os restos deste animal estavam provavelmente sendo vendidos como matéria médica nessa feira de Constantinopla. Entretanto, na literatura, dados sobre o emprego medicinal (otalgias e sífilis) de partes do tatu só apareceriam publicados por Monardes (1574a, 1574b)²⁷

²⁵ Os fabricantes de teriagas ou triagas, misturas de várias drogas utilizadas como contravenenos.

²⁶ Cf. Belon (1551).

²⁷ Na edição espanhola de sua obra sobre a matéria médica das Índias Ocidentais (Monardes, 1574a: 81r-81v) lemos: “EL ARMADILLO. *Este animal saque de outro natural, que esta en el Museo de Gõçalo de Molina, vn cauallero desta ciudad, en el qual ay mucha cãtidad de libros de varia lection, y muchos generos de animales y aues, y otras cosas curiosas, traydas asi de la India Oriental, como Occidental, y de otras partes del mundo, y gran copia de monedas y piedras antiguas, y diferencias de armas, que con gran curiosidad y con generoso animo ha alegado.* Traen ansi mismo de tierra firme, vn huesso, que es de la cola de vn animal estraño, que esta todo encobertado de conchicas, hasta los pies, como vn cauallero, que esta encobertado de armas: por do le llaman, el Armadillo, es del tamaño de vn Lechon, y en el hocico parece a el, tiene vna colalarga, y gruesa, como de

e Ximénez (1615)²⁸, ambos referentes ao México. A única conjectura possível é que o conhecimento dessas pretensas qualidades terapêuticas do tatu tivesse sido disseminado pelo comércio, antes de chegar ao conhecimento dos cronistas do século XVI.

Baseado nesses despojos e talvez em outros animais que ele já tivesse visto na França (‘ceste beste ia commune en plusieurs cabinets’), apresentou uma figura do tatu [Figura 28], com pés de porco, mas já bastante próxima da realidade:

“Ce qui faict qu’on voit ceste beste ia cõmune en plusieurs cabinets, & estre portée en si loingtain pays: est que nature l’a armée de dure escorce & larges escailles à la maniere d’un corcelet, & aussi qu’on peut aisement oster sa chair de leans sans riẽ perdre de sa naifue figure. Ia l’ay-ie dicte espece de Herisson du Bresil. Car elle se retire en ses escailles comme vn Herisson en ses espines. Elle n’excede point la grandeur d’un moyen Pourcelet: aussi est elle espece de Pourceau, ayant iambes, pieds & museau de mesme: car on l’a desia veue viure en France, & se nourrir de grain & de fruits” (Belon, 1553b: 210r).

Na edição de Anvers das *Observations* (Belon, 1555b: 374v) a figura foi invertida, o tatu com o focinho para a esquerda do leitor [Figura 29]. A figura do tatu foi também por ele reproduzida em sua obra *Portraits* (Belon, 1557: 106v) [Figuras 30 e 31].

Lagarto, abita dentro de la tierra, como Topo, y dicen, que dela se mantiene, porque fuera dela, no le veen comer cosa alguna. **Tiene la virtud solo en el hueso de la cola, el qual hecho poluos subtiles, y tomando dellos tanto como vna cabeça de alfilel gordo, hecho vna pelotica: y metiendolo en el oydo, auiedo dolor en el, lo quita maravillosamente** [negrito nosso]. Y ansi mismo, si ay zumbido, con alguna sordedad haze grande efecto. En lo del dolor se tiene grande experiencia en aquellas partes en muchas personas que lo han vsado, y han sanado con el. Y el señor Obispo me certifico, auerlo visto muchas vezes, con grande admiracion: que tal es ella: ver que aya tal virtude en tan oculta parte. Ay estos animales en la India de Portugal, llaman los encobertados, por ser como tengo dicho, armados de launas y conchas”.

²⁸ Ximénez (1615: 178r-178v; Quarto Libro, Cap. I. Del animal, qve llaman, Ayotochtli, y los Españoles, armadillo, que quiere dezir, conejo com concha de tortuga) escreveu: “El Ayotochtli, es vn animal monstruosso, armado naturalmẽte de vnas laminas duras, como cõcha de tortuga, y es del tamaño de vn perrillo pequeno, ò gozo que aunq’ tiene la cola mucho mayor, los pies como los del heriço terrestre, el ozico, ni mas ni menos, aunq’ sutil, y largo, esta por todas partes cubierto de cierto cuero, ò corteza, muy semejante à las armaduras de los cauallos, la qual esta cõpuesta y partida con sus laminas, de manera q’ se rebuelue y rodea facilmẽte à todas partes, por lo qual los Españoles destas partes, le llamã armadillo, dicen, q’ la corteza deste animal, molida, y dada à beuer en peso de vna drama en cozimieto de salbia, provoca à sudor, y q’ es gran remedio para curar el mal frãces. El penultimo hueso de la cola, q’ esta asida el cuerpo, hecha polbos muy sutiles, y majadas, vnas pildorillas cõ azeyte rosado, y puestas en los oydos quãdo hay cumbido [sic], y dolor, aprouechã maravillosamẽte, y haze oyr à los q’ estan sordos, quãdo lo tal viene de causa calida la sordedad mia prouiene de causa fria, y assi digo q’ no me aprouecho. Hallase destes animalejos en toda la tierra firme, y en Cartagena, y en esta nueva España, auita dẽtro de la tierra, y aun afirmã algunos q’ della se mantiene, por q’ no lo an visto comer fuera de ella, lo qual se à visto muy al cõtrario en este conueto de santo Domingo, siendo Prouincial n’ro muy R. P. M. fr. Luys Vallejo, le traxerõ vnos gusanillos q’ los yndios les hechauã para q’ comieran, y los trayã para el proposito, por saber que es su particular comida (...) y tambiẽ dicen, q’ aprouecha para la orina el polbo de la cola, lo qual no sabre afirmar como lo haga. La cõcha hecha polbos, y amassados con agua, sacã las espinas de entre las viãs, y de otras partes del cuerpo”.

LES
OBSERVATIONS
DE PLUSIEURS SINGULARITEZ ET
choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Ju-
dée, Egypte, Arabie, & autres pays estran-
ges, redigées en trois liures,
Par Pierre Belon
du Mans.

A monseigneur le Cardinal de Tournon.

Le Catalogue contenant les plus notables choses de ce present
liure, est en l'autre part de ce feuillet.



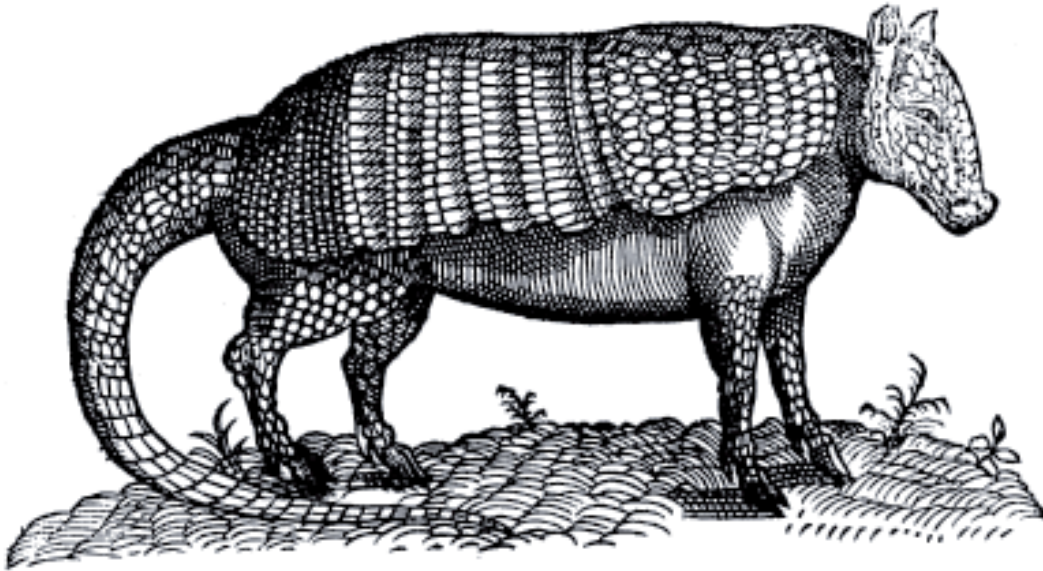
A PARIS,
Chez Guillaume Cauellat, à l'enseigne de la
poule grasse, devant le Colle-
ge de Cambray.

1 5 5 3.

Avec priuilege du Roy.

Figura 27. Frontispício das *Observations de plusieurs antiquitez* de Belon (1553).

La peinture du Tatou.



Ce qui fait qu'on voit ceste beste ia cõmune en plusieurs cabinets, & estre portée en si loingtain pais: est que nature l'a armée de dure escorse & larges escailles à la maniere d'un corcelet, & aussi qu'on peut aisement oster sa chair de leans sans riè perdre de sa naïve figure. Ia l'ay-ie diète espede de Herisson du Bresil. Car elle se retire en ses escailles comme un Herisson en ses espines. Elle n'excede point la grandeur d'un moyen Pourcelet: aussi est elle espede de Pourceau, aiant iambes, pieds & museau de mesmes: car on l'a desia veue vivre en France, & se nourrir de grain & de fruiçtz. Les François congnoissent une autre beste, nommée un Tartaret ou Tartarin, de laquelle signification i'ay bien voulu faire mention en ce lieu, afin que l'affinité des diçtions ne trompent, confondant le Tatou avec le Tartaret. Quant à moy, ie prens le

Tatou.
Tartaret.
Simia
porcaria.
Maimó.
Magot.

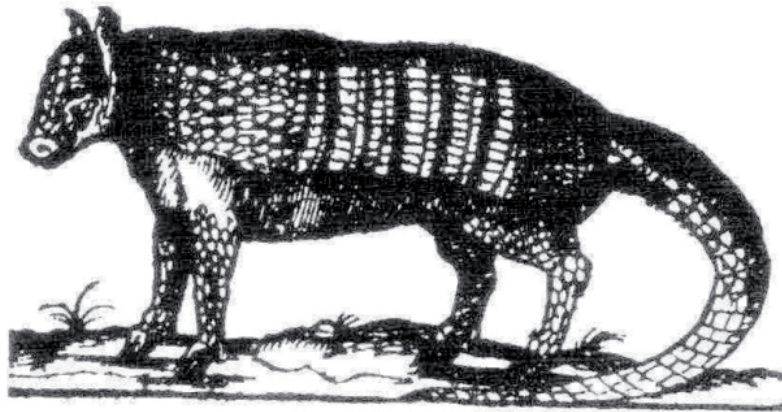
Maimon pour le Tartaret, qui est celuy dont Aristote a fait mention, qu'il nomme Simia porcaria, & dont i'ay par cy devant parlé en faisant mención des basteleries du Caire: car les autres nations qui le nomment un Maimon, font tout ainsi comme les François en autres contrées qui le nomment un Magot. Je n'en ay point baillé la peinture, ne fait description: car ie pretens le mettre en autre endroiçt avec plus ample discours, attendu qu'encor y a difficulté en ceste appellation François, d'autant qu'il y a quelques uns qui defendent que le Magot ou Maimon n'est pas mesme chose que le Tartaret.

Gg ij

Figura 28. Figura do tatu dada por Belon (1553: 210r).

LIVRE III. DES SINGVLA.

La peinture du Tatou.



Ce qui fait qu'on voit ceste beste ja commune en plusieurs cabinets, & estre portée en si loingtain pays, est, que nature l'a armée de dure escorce & larges escailles à la maniere d'un corcelet, & aussi qu'on peut aisement oster sa chair de leans sans rien perdre de sa naifue figure. La l'auons dict espece de Herisson du bresil. Car elle se retire en ses escailles comme vn Herisson en ses espines. Elle n'excede point la grandeur d'un moyen porcelet: aussi est elle espece de Pourceau, ayants jambes, pieds, & museau de mesme: car on l'a desja veu viure en France, & se nourrir de grain & de fruitts.

Figura 29. Desenho do tatu em Belon (1555b: 374v).

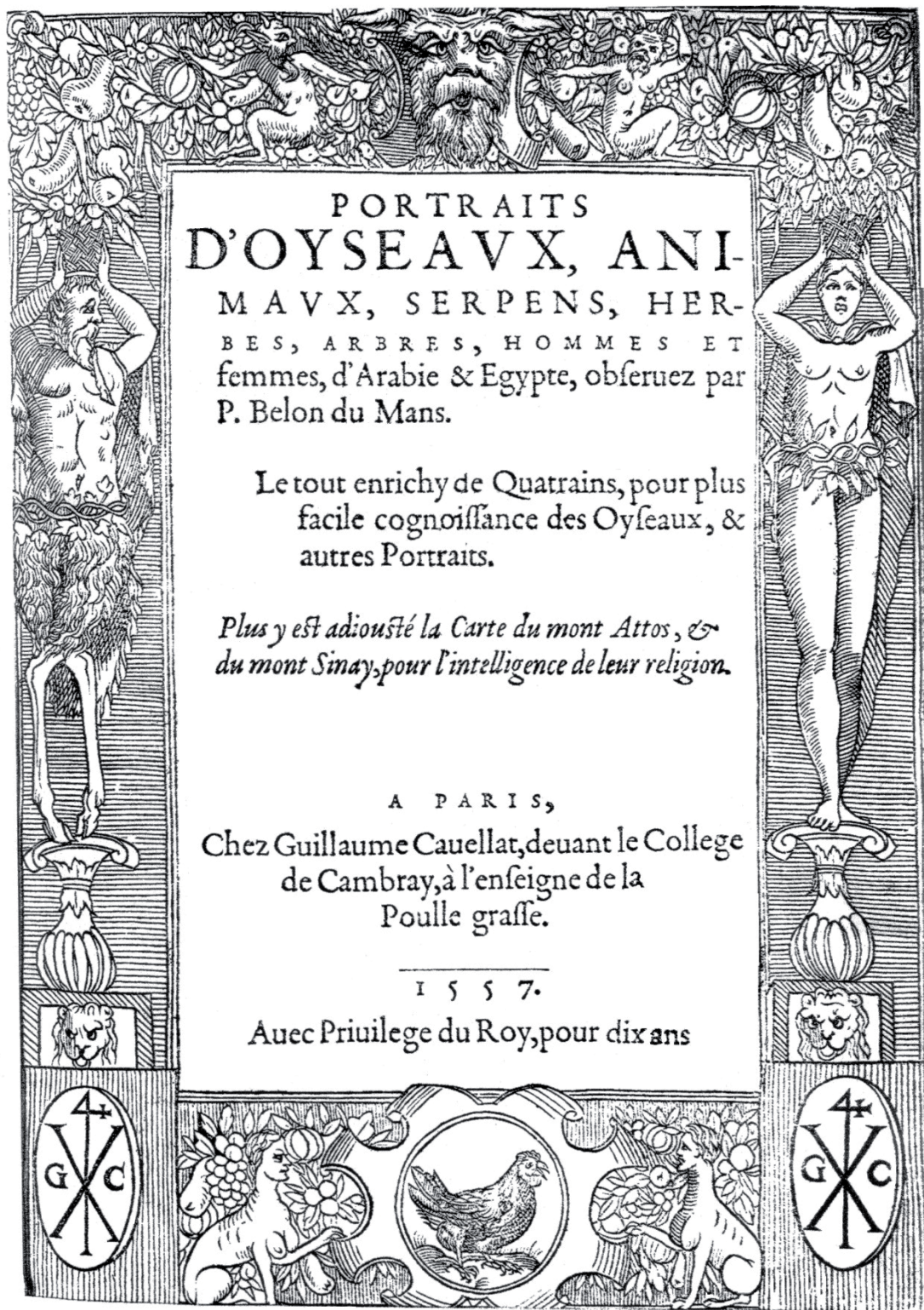
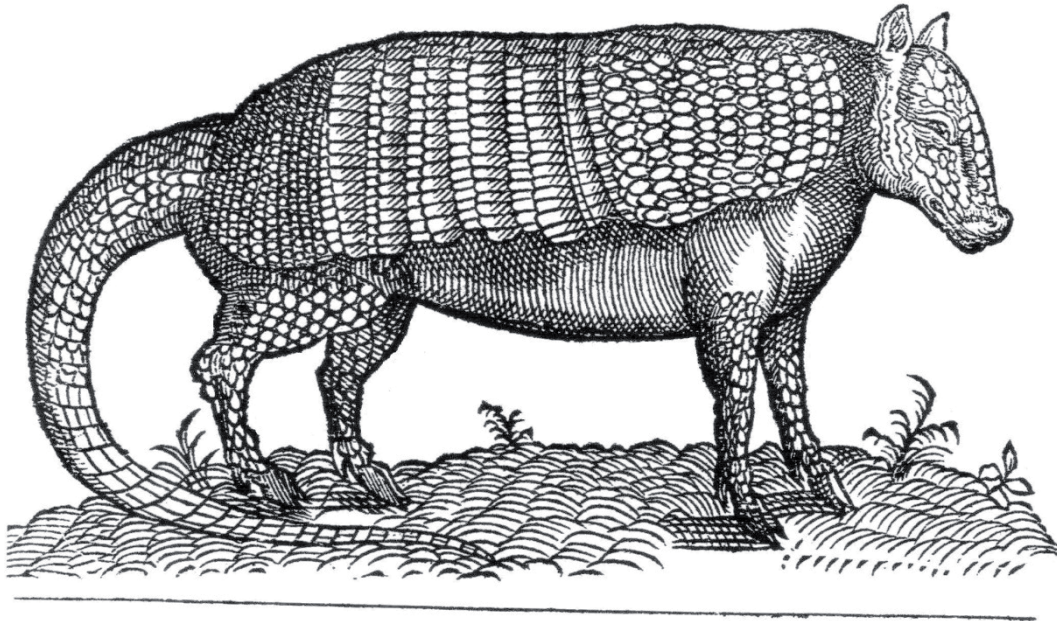


Figura 30. Frontispício dos *Portraits* de Pierre Belon (1557).

PORTRAITS

Le portrait du Tatou.



*Le Tatou est du rang de Herisson,
Qui se retire en ses escailles, comme
Le Herisson en ses espines. Somme
Qu'au reste il a d'un Porceau la facon.*

Figura 31. O tatu representado nos *Portraits* (Belon, 1557: 106v).

8. O APÊNDICE ÀS *HISTORIAE ANIMALIUM LIBER II DE QUADRUPEDIBUS OVIPARIS* DE CONRAD GESNER (1554)

O naturalista suíço Conrad Gesner (1516-1565) [Figura 32] recebeu de um certo Adrianus Marsilius, de Ulm, partes de um tatu preservado, que descreveu e ilustrou no apêndice de suas *Historiae Animalium Liber II de Quadrupedibus Oviparis* [Figuras 32-34].



Figura 32. Conrad Gesner.

No capítulo *DE TATO* escreveu (Gesner, 1554a: Appendix, pp. 19-20, 1554b: 19-20):

“Cum iter facerem per Turchiam, apud agyrtas & uagos phasrmacopolas inueni animal quod uulgò nominant TATV, quod è Guinea & Orbe nouo adfertur, cuius mētio nulla apud veteres. Facile autem in longinquas regiones transfertur hoc animal, quoniam natura munitum est duro cortice, & testa squamata ueluti loricatum, & quia facile postest caro eius intrinsecus eximi absq’ ulla noxa natiuae eius figurae. Videtur autem esse herinacei species Brasiliae insulae, retrahit enim se intra corticem suum, ut intra spinas herinaceus. Magnitudine non excedit porcellum mediocrem: & porcino generi affine videtur, quod cruribus, pedibus & rostro refert, iam enim in Galliam quoq’ allatum est hoc animal uiuum, ubi feminibus & fructibus uesci uisum est, Bellonium in libro gallico memorabilium rerum quas peregrinando obseruauit, ubi etiam huius quadrupedis figurã proponit, bisulcis pedibus ut in sue, & cruribus quam in nostra figura altioribus, & rictu etiam alio. Nostram quidē egregius uir Adrianus Marsilius à Dongē Pharmacopola Vlmēsis ad me misit, unà cum cortice ipso, cauda & cruribus huius animalis, unde picturam quoq’ rectissimè opera eius expressam omnino apparet, pedes in ea non bisulci, sed multifidi sunt: quin in posterioribus digitis, quaternis ante: duo quidem extremi utrobiqu’ breuissimi sunt, & introrsum ita reducti ut ferè lareant, unguibus omnes satis ualidis muniti”.

Este trecho é claramente baseado em Belon (vide capítulo anterior), mas Gesner, baseado no material recebido de Marsilius, corrigiu o número de dedos das pernas trazeiras e dianteiras do tatu.

CONRADI GESNERI
medici Tigurini Historiæ Anima-
lium Liber II. de Quadru-
pedibus ouiparis.

ADIECTAE sunt etiã nouæ aliquot Quadrupedum figuræ, in primo libro
de Quadrupedibus uiuiparis desideratæ, cum descriptionibus plero-
runque breuissimis: item Ouiparorum quorundam Appendix,



TIGVRI EXCVDEBAT C. FROSHOVERVS
ANNO SALVTIS M. D. LIIII.

Cum priuilegijs S. Cæfareæ Maieftatis ad octennium, & Christianiffimi
Regis Galliarum ad decennium.

Figura 33. Frontispício da *Historia Animalium* de Gesner (1554a).

APPENDIX HISTORIAE
Quadrupedum uiuiparorum & ouiparorum
Conradi Gesneri
Tigurini.



TIGVRI EXCVDEBAT C. FROSHOVERVS
ANNO SALVTIS M. D. LIIII.

Figura 34. Frontispício do *Appendix* de Gesner (1554b).

ubi etiam huius quadrupedis figurā proponit, bisulcis pedibus ut in lue, & cruribus quā in nostra figura altioribus, & rictu etiam alio. Nostram quidē egregius uir Adrianus Marsilius à Dongē Pharmacopola Vlmēsis ad me misit, unā cum cortice ipsō, cauda & cruribus huius animalis, unde picturam quoq; relictissimē opera eius expressam omnino apparet, pedes in ea non bisulci, sed multifidi sunt: quin in posterioribus digitis, quaternis ante; duo quidem extremi utrobique breuissimi sunt, & introrsum ita reducti ut ferē lateant, unguibus omnes satis ualidis muniti.

DE CIVETTA aut FELE Zibethi,
quam ueterum **HYAENA** esse conijcit Petrus Bellonius,

ROCVRATOR (consulem uocant) mercium Florentinorum Alexandriæ, ciuetam habebat adeo cicurem, ut ludēs cum hominibus nasos, aurículas & labia eorū leuiter & sine ulla noxa morsū perfringeret, nutrita enim erat mox à natuitate uberibus mulieris. Res certē mira & rara, bestiam tam feram & difficilem cicuratur, adeo mansuescere. Hanc ueteres hyaenā appellarunt, quod facile ipsorū uerbis probauerim: & si nunquam obseruauerint tanti odoris excrementum ab ea reddi, nam de panthera tantum specie odorata mentionem fecerunt. Ita quidem de hyaena scribūt auctores, tanquam de bestia Africana syluestri, unde cōijcio ciuetam Arabico nomine sic dictam, eo tempore caucis inclusam non fuisse. Hodie uerō cum cicuretur, non parū ex ea lucri ad suos nutritores redit. Corpore est compacto in se instar melis aut taxi, sed corpulentior. Et quoniam meatum alium præter naturalem (genitalium) habet, multū lecta hyaenæ historia, taxum esse arbitrati sunt. Sed taxus prisca & Aristoteli trochus est. Ciuetta pilos nigros in collo superius gerit, & per totam spinam dorsi, quos per iracundiam, non aliter quā fetas suas porcus, erigit, unde factum est ut glanis etiā piscis alio nomine hyaena diceretur. Rostrum ei acutius quā felis, barbatur similiter. Oculi splendēt & rubent, maculae duae nigrae sub oculis sunt, auriculae rotundae, ut in taxo ferē. Corpus albicat maculis atris distinctum, crura etiam eius & pedes nigri coloris sunt ut in ichneumone. Cauda longa est, superne nigra, maculis quibusdam albis inferne. Corpore est agili, uiuit carne. Hanc ciuetta descriptionem qui cum hyaena ueterum conuulerit, eandē esse animaduertit, Hæc Bellonius. ¶ Mihi quidē hyaena potius uidetur animal quod aliquibus papio dicitur, ut supra dictum est in Lupo aureo. Nos hyaenæ historiā copiosē teximus lib. 1. pagina 624. ciuetta uerō seorsim pagina 948. quod ab hyaena diuersam arbitraret, ubi etiam figuram addidi, quam in Italia amicus quidam ad uiuum fieri curarat: quæ à Bellonij figura normi-hil differt, quod cauda crassiore minusq; longa sit, nec alternas in ea maculas per transversum ostendat, ut Bellonij, &c. Vtra quidem melior sit, qui uiuam inspexerint iudicabunt.

DE HYAENA ex scriptis quibusdam Aeliani cuidam codici manuscripto
(quem habemus) adiunctis Græce.

HAET hyaena pilos acutos & densos, ceruicem non flectit, ut quæ unico ossē spondyli loco constet. Coit cum **LVPPO**, & parit eum qui *διόλωνος* (lego *διόλωνος*) uocatur, qui quidem nō gregatim sed solitarius degit, homines & pecora rapit, &c.

¶ **V**IDIMVS etiam Constantinopoli animalia duo parua, tam similia **FELI**, ut non nisi magnitudine differre uiderentur: quorum nomen antiquum non inuenio, nisi fortē de genere *lynx* sunt. Mirum est feras plerasq; illic tam benignē tractari ut prorsus mansuetas se exhibeant: ut **NETHAE** etiam quas Constantinopoli per domos cicures uagari sinunt tanquam caros, **Bele-** **60** **nus**: qui etiam figuram hanc quam subiecimus posuit, cuius pellem si conferas cum ea quam nos dedimus libro 1. pagina 1102, talem omnino, qualem apud pellificem spectauimus, macularum ip-

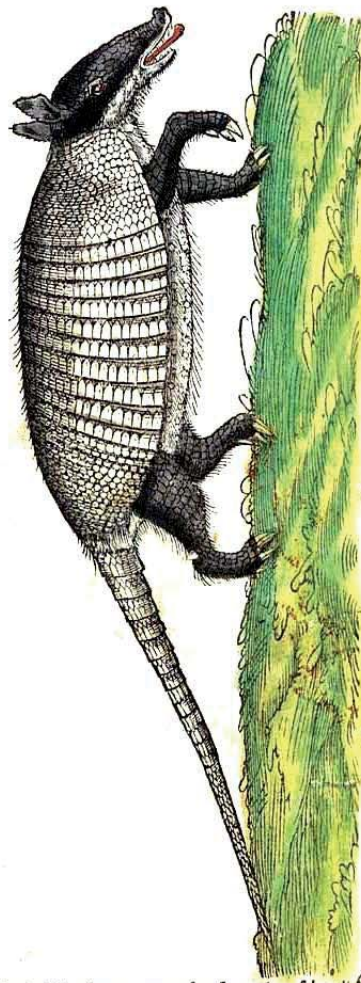


Figura 35. Figura do tatu em Gesner (1554a: Appendix, p. 20).

9. A *WARHAFTIGE HISTORIA* DE HANS STADEN (1557)

Numa segunda viagem à América do Sul Hans Staden [Figura 36] (Homberg, ca. 1525 – Wolfhagen, 1579), partindo de Sevilha para o Rio da Prata num navio espanhol, em 1549, passou dois anos nessa região com os outros integrantes da expedição. Decidindo depoisrumar para a cidade de Asunción, decidiram que uma parte iria por terra e outra por navio. Staden fazia parte desse segundo grupo, que rumou para a cidade de São Vicente, no Brasil, onde tentaria fretar um navio capaz de chegar àquela cidade paraguaia.



Figura 36. Hans Staden, relevo em sua cidade nativa de Homberg.

Antes de chegar a São Vicente o navio de Staden naufragou próximo a Itanhaém, seus ocupantes conseguiram nadar até a praia, de onde seguiram a pé para São Vicente. Ali Staden foi contratado como artilheiro pelos colonos portugueses, para defender o Forte de São Filipe da Bertioga. Ao sair caçando sozinho, Staden foi feito prisioneiro por uma tribo de Tupinambás e por eles levado à aldeia de Ubatuba. Foi resgatado só nove meses depois pelo navio corsário

francês *Catherine de Vatteville*, comandado por Guillaume Moner. De volta à Europa, publicou em 1557 seu famoso livro *Warhaftige Historia* [Figura 37], com valiosas informações sobre os costumes dos indígenas e sobre alguns elementos da fauna, que listamos na sequência.

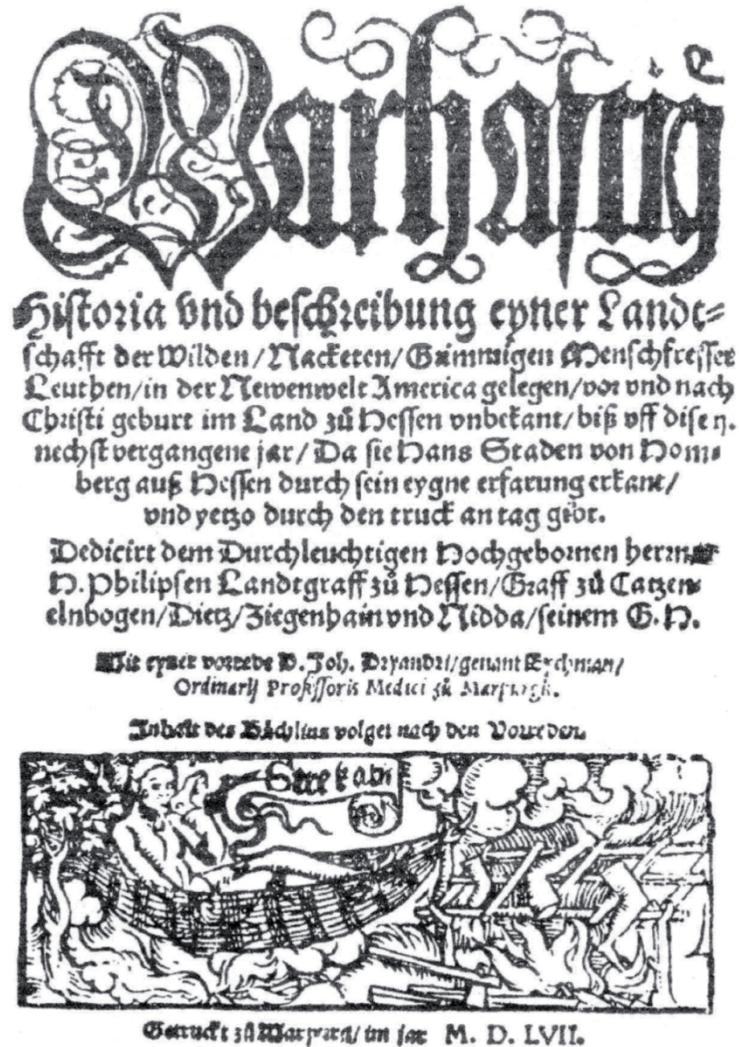


Figura 37. Frontispício da *Warhaftige Historia* (Staden, 1557).

- **Ackakey* – Livro II, cap. 30: ‘Dann ist noch eyn art die heysen Ackakey, Springen gemeyntlich mit grossen haussen auff den beumen, machen eyn gross geschrey im holtz’.
- **Acuttia* – Livro I, cap. 10 (como nome de uma aldeia indígena).
- **Attun* – Livro II, cap. 31: ‘Es hat würmlein sein wie flöhe, doch kleyner, heysen Attun auff der Wilden sprach, Werden in den hütten vō 8 leut vnreynigkeyt. Dieselben kriechen eynē in die füsse, vnd es jucket eynen nur unwendig wann sie hinein kriechen, die fressen sich ins fleysch hinein, das man es sonderlich nicht fület. Wann man es nicht gewar wirt vnd sie als bald herauss langt, hecket es eynen klumpen nisse, so rund wie eyn erbis. Wann mans dann gewar wirt vnd herauss langt, bleibt eyn löchlin im fleysch so gross wie ein erbis. Ich hab gesehen, wie ich ertsmals mit den Hispaniern da in die landtschafft kam, das sie etlichen von vnsern gesellen die füss gar verderbten, dann sie keynacht daruff hatten’
- **Boyassu* – Livro I, cap. 41 (como nome de chefe indígena, *Boyassu Kange*).
- **Bratti* – Livro I, cap. 17: ‘Auch musten wir vns jrer vermüten im Augusto, dann ziehen sie eyner art fische nach, die selbigen steigen auss dem meer in die süssen wasser so ins meer fliesen, das sie darinnen leychen. Die-

selbigen heysen auff jre spraach Bratti, Die Hispanier heysen sir Lysses. Vmb dieselbigen zeit pflegen sie auch gemeynlich autsszufaren vnd zustreiten, darmit sie essens halben desto besser hinkommens haben. Vnd derselbigē fische haben sie vil mit kleynen gernlein, schiessen sie auch mit pfeilen, führen vil gebraten mit heym, machen auch meel darauss, welches sie heysen Pira Kui²⁹ e cap. 42: ‘Vnd wie wir diesen auszüg des kriegs anfiengen, war im jar 1554. vngeferlich den xiiij. tag Augusti. So lauffen nun (wie hiebeur gedaxcht) in disem monat eyn art fische, heysen in Portugalesischer spraach Doynes Auss Hispanisch Liesses, vnd in der Wilden spraach Bratti, auss dem meer in die süssen wasser, darinn zuleychen, Vnd die Wilden heysen die Zeit pirakaen. Als dann ziehen sie zu beyden teylen gemeynlich zu kriege, jre feinde so wol als sie, der fische auff der reyse zufangen vnd zuessen. Vnd auff der hinreyse fahren sie sanffte, aber zu rück auffss schwindeste sie können’ [Figura 38].

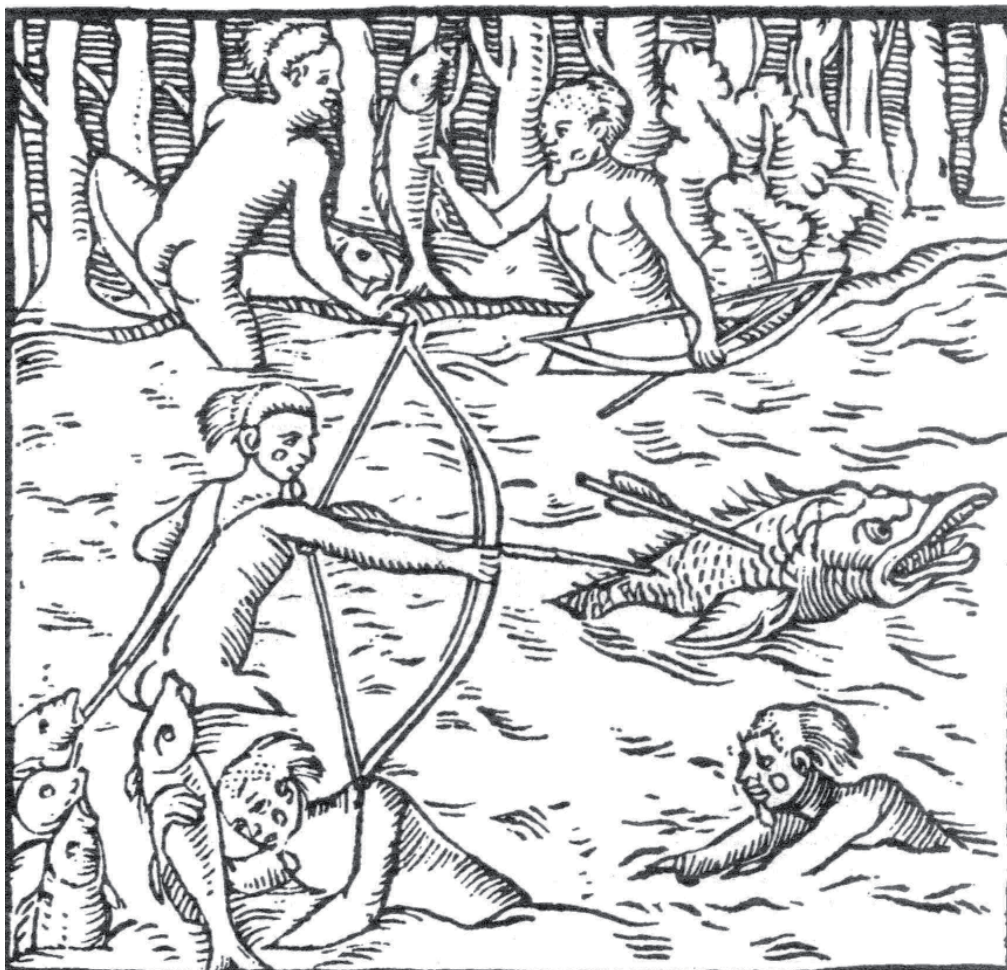


Figura 38. Pescando brattis (*paratis*) (Staden, 1557).

**Catiuare* – Livro II, cap. 30: ‘Es hat eyn thier genant Catiuare, helt sich auff dem land vnd in dem wasser. Der schilff so bei den vfern der süssenwasser stehet, essen sie. Wann sie sich vor etwas förchten, flichen sie ins wasser vff den grunt, sein grösser dañ eyn schaff, habē einen kopff nach der art wie eyn hase, doch grösser, vnd kurtz ohren, haben einen stumpffen schwantz, zymlich hohe beyne Lauffen auch schwind auff dē lande. Von eynem wasser zinn andern, ist schwartzgraw vhon haren, hat drei klötzen an yedem füss schmacket wie schweinen fleysch’.

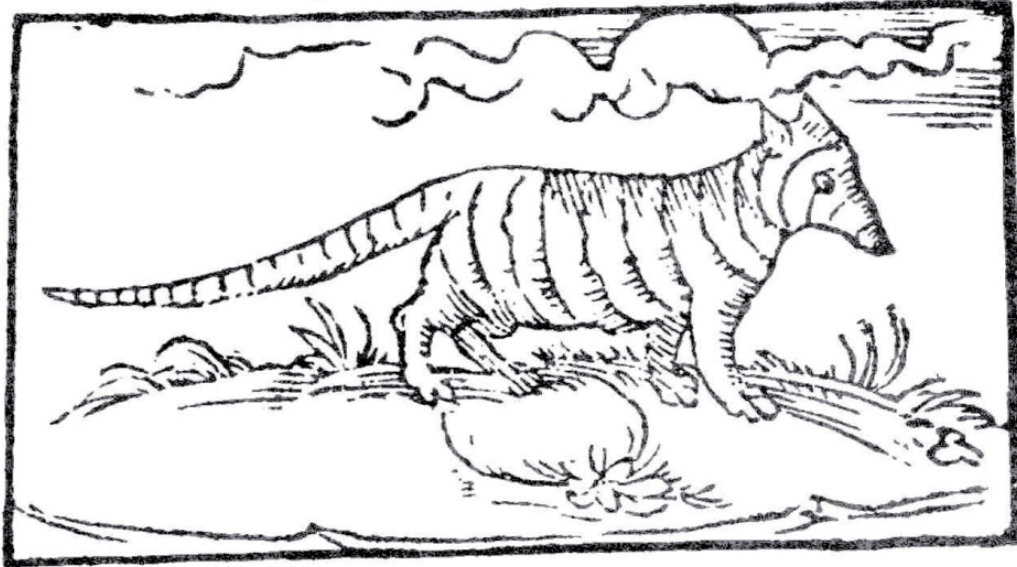
Dattu– Livro II, cap. 30: ‘Auch hat es eyn art thierer heysen Dattu, ist vngeferlich eyner spannen hoch, anderthalber spannen lang, ist gewapnet allenthalben vmb den leib her, nur alleyn am hauch hat es nichts. Das wapen ist wie horn, schleuset auff eyinander mit gelencken wie harnisch, hat eyn langes spitziges mündlein, eynen langen schwantz geht fern vmb steyn klippen her, sein speis ist omeysen, hat fett fleysch, hab oft daruon’ [Figura 39].

²⁹ Staden também foi o primeiro a registrar o nome tupi da farinha de peixe, *piracuí*, termo ainda em uso corrente na Amazônia.

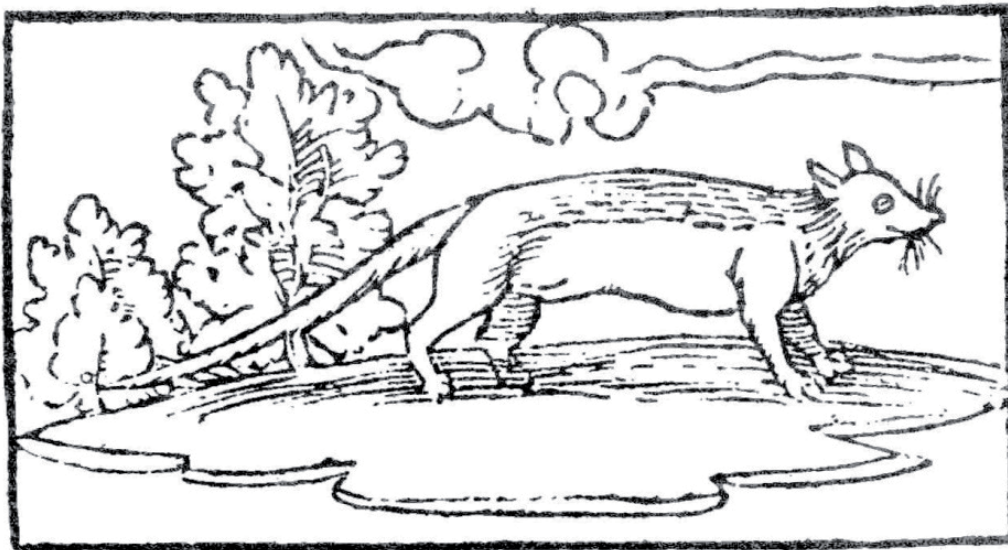
- **Ipperu* – Livro I, cap. 22 (como nome de chefe indígena, *Ipperu Wasu*).
- **Jauware* – Livro I, cap. 44: ‘Vnd derselbige Konyan Bebe hatte eynen grossen korb vol menschen fleysch vor sich, als von eynem beyne, hielt mir es vor den mundt, fragte Ob ich auch essen wölte. Ich sagte Eyn vnuer-nünfftig thier feisset kaum das ander, solte dann eyn mensch den andern fressen. Er beyss darein, sagte, Jauware sche, Ich bin eyn Tiger thier, es schmeckt wol, damit gieng ich von jm’.
- Key* – Livro II, cap. 30: ‘Es hat auch Meerkatzen da, dreierley art, Eyn art die heyszen Key, sein der die hieher ins landt kommen’.
- **Mattepue*– Livro II, cap. 15: ‘Und noch haben sie eynen zierzaht, den machen sie auss grossen meerschnechen heusern, die heyszen sie Matte pue’.
- **Mackukawa* – Livro II, cap. 28: ‘Des tages zuuorne, eheee sie anheben zutrincken, binden sie dem dgefangenen die schnur Mussurana vmb den hals. Desselbigen tages vermalen se das holtz, Iwera Pemme genant darmit sie jnen todt sch’agen wöllen, welches gestaltist, wie diese figur anzeygt. Ist lenger dann eyn klaffter, streichen ding daran das kleber. Dañ nemen sie eyer schalen die sein graw, vnd sein von eym vogel Mackukawa genât, die stossen sie klein wie staub, vñ streichen dann an das holtz. Dañ sitzet eyn fraw vnd kritze’ t in dem angeklebten eyerschaln staub. Dieweil sie malet, steht es voll weiber vmb sicher, die singen. Wañ das Iwera Pemme dann ist wie es sein sol, mit feder questen vñ anderer reytschafft hencken sie es dann in eyne ledige hütten vber die erden an eynen reydel, vñ singen dann darumb her die gantze nacht’
- **Pirakaen*³⁰ Livro I, cap. 41 – ver acima, sob *Bratti*.
- **Pricki*– Livro II, cap. 30: ‘Vnd ist noch eyn art die heyszen Pricki, sein Rot, haben bärte wie zigen, sein so gross wie eyn mittelmessig hundert’.
- **Serwoy* – Livro II, cap. 32: ‘Es hat ach eyn art Wildts, heysset Serwoy, ist so gross wie eyn katze, weisgraw von haren auch schwarzgraw. Hat eynen schwantz wie eyn katz. Vnnd wann es geberet, hants eyn junges odder sechs, hat eynen schlitz an dem bauch ist wol eyner halben spannen lang, vnd inwendig des schlitzes hats noch eyne haut, Dann der bauch ist jhmenit offen, vnd inwendig dem schlitz hats die düttebm vnd wo es hin gehet, tregt es die jungen inn dem schlitz zwischen den zweyen heuten. Ich hab sie offtmals helffen fanfen, vnd die jungen auss dem schlitz gelanget’ [Figura 39].
- **Teygatu* – Livro II, cap. 30: ‘Es hat in dem land Rebböck wie die wild schwein, zweyerley art. Deren art sein wie hie im land, Die andern kleyn wie junge Schweillein, heyszen Teygatu Dattu, sein sehr vbel zufahen in den fallen, welche die wilden brauchen wild
- **Uratinge Wasu* – Livro I, cap. 22 (como nome de chefe indígena).
- **Uwara pirange* – Livro II, cap. 36: ‘Es seind auch vil seltzamer vöggel daselbst, eyn art genant, Uwara Pirange, die haben ire fütterungen bei dem meer, nisten auff den klippen, welche leigen hart bei dem lande, ist bei nahe so gross wie eyn hun, hat eyn lange schnippen, beyne wie eyn reyger, doch nicht so lang, hat die natur, die ersten feddern, so den jungen autzspzissen sein weis graw Darnach wen sie flück werdē, sein sie schwarz graw, damit fliegen sie dann bekant eyn jar, dañ werwandeln sich die elbigen feddern vnd der gantze Vogel, wirdt so rodt, als eynige rote farbe sein mag, so bleibt er dann, seine feddern sein gross geacht von den Wilden’

³⁰ Piracema.

Die Figur Dattu. Cap. xxxij.



Gerwoy Cap. xxxij.



Es hat auch eyn art Wildts/heysset Gerwoy/ist so groß
wie eyn Katzen/weis grauw von haren auch schwarzgraw.
hat eynen schwantz wie eyn katz. Vnd wann es geberet/
hats

Figura 39. Figuras de tatu e sariguê (Staden, 1557).

10. JULIO CESAR SCALIGER: *EXOTERICARVM EXERCITATIONVM* (1557)

Julius Caesar Scaliger (em italiano Giulio Cesare Scaligero ou della Scala, cujo nome verdadeiro era Giulio Bordone (23 de abril de 1484–21 de outubro de 1558)) foi um escritor, filósofo e médico italiano [Figura 40]. Em suas *Exotericarvm exercitationvm liber qvintvvs decimvs. De Svbtillitate, ad Hieronymvm Cardanvm* [Figura 41] (Scaliger, 1557: 277v) dedicou apenas umas poucas linhas ao tatu (muito provavelmente baseado em Gesner (1553b)):

‘11. TATO.

TATO uocatur in Brasilia porcellus, rostro paulo contractiore, & latiore. Testis scutulatis loricatus ad uentrem usque. Quae in tegmina retrahens sese componit in ordem, sicut Erinaceus. Cauda est longissima, ac ueluti lacertacea, tesselis item incrustata’.



Figura 40. Julius Caesar Scaliger.

I V L I I C A E S A R I S
SCALIGERI
EXOTERICARVM EXERCITATIONVM
LIBER
QVINTVS DECIMVS,
DE
SVBTILITATE,
AD
HIERONYMV M CARDANVM.

**In extremo duo sunt indices : prior breuiusculus, conti-
nens sententias nobiliores: alter opulentissi-
mus, penè omnia complectens.**

L V T E T I A E,
Ex officina typographica Michaelis Vascofani,
uia Iacobæa, ad insigne Fontis.
M. D. LVII.
CVM PRIVILEGIO REGIS.

Figura 41. Frontispício de *Exoticarum exercitationum* de Scaliger (1557).

11. AS SINGULARITEZ DE LA FRANCE ANTARCTIQUE DE ANDRÉ THEVET (1557)

André Thevet [Figura 42] (cf. Lestringant, 2003) nasceu em 1516, em Angoulême, no seio de uma família de cirurgiões-barbeiros. Ao dez anos de idade, muito contra sua vontade, foi posto no colégio dos franciscanos dessa cidade. Mas deixou a ordem, a pedido seu, só em 1558. De 1549 a 1552 realizou uma viagem ao Levante, patrocinado pelo cardeal Jean de Lorraine. Regressando dela, publicou seu primeiro livro, a *Cosmographie du Levant* (Thevet, 1554, 1556).



Figura 42. André Thevet.

Thevet só visitaria o Brasil em 1555, na expedição de Villegagnon para fundar a ‘França Antártica’ [Figura 43]. Segundo La Roncière (1910: 13-15):

‘En ouvrant au vice-amiral Durand de Villegagnon un crédit de dix mille livres, en lui confiant les roberges de Brest et de Saint-Malo, le roi Henri II avait stipulé que le but de son voyage serait tenu secret. Mais les marchands rouennais souriaient de ce mutisme. L’achat, par centaines d’aunes, des frises rouges, bleues et vertes si prisées des sauvages du Brésil, était plus qu’un indice, un aveu. De la fête brésilienne de 1550, le roi tirait la moralité, en faisant à l’intelligente ténacité des Normands un succès triomphal. Il fondait outre-mer une colonie. Villegagnon emmenait six cents hommes, des gens de métier, des laboureurs, mais non des proscrits, comme on l’écrivit plus tard. (...).



Figura 43. Mapa da América do Sul (1575).

Deux faux départs, une voie d'eau qui força de relâcher à Dieppe, puis au Havre jusqu'au 14 août 1555, le bombardement de Ténériffe en punition d'une salve meurtrière, une épidémie terrible à bord du bâtiment amiral, des pluies infectes 'au promontoire d'Éthiopie', une déviation de route d'un millieu de lieues ver l'île de l'Ascension, telles furent les péripéties du voyage. Le 6 novembre, 'une rivière d'une bouche si étroite qu'une arbaleste tireroit de blanc en blanc de costé en autre', se trouvait en vue. On était au cap Frio. Non loin, les îles Maquehay des Tupinambas, dites les îles Perlé du nom d'un capitaine rochelais qui venait d'y faire sa convalescence, semblaient propices à un établissement. Un chef indigène nous y conviait en offrant à Villegagnon, suprême politesse!, la viande boucanée d'un Indien Margaïa, quand la brusque attaque du roi des Cannibales fit diversion. Nacol-Absou, un horrible bonhomme au visage marqueté de pierres blanches, fut du reste repoussé avec pertes.

Le 10 novembre, l'escadrille entrait dans 'la poche de mer', en indien Ganabara [sic], dont nos marins firent Genève. Et de fait, les montagnes qui ceignent la baie de Rio-de-Janeir, ne sont pas plus hautes que les collines baignées par le lac de Genève. Laissant à babord le mont du Pot à Beurre ou du Pain de Sucre qui commande le chenal, Villegagnon s'établit à l'intérieur de la baie dans une île d'une demi-lieue de tour, l'île aux Français, qui porte aujourd'hui le nom de Villegagnon. A la cime d'un roc, il établit son 'auditoire': de ses cinq boulevard bientôt élevés avec l'aide des sauvages, le Fort Coligny dominait l'île et croisait avec la batterie de deux pièces installées sur le rocher du Ratier, à l'entrée du chenal. Sur le continent, fut créée la bourgade de Henryville [Figuras 44 e 45]. La France Antarctique était fondée.

Des feux de joie avaient signalé notre arrivée; un palais de verdure avait été préparé pour nous recevoir. De nous, les Tupinambas et Tamoyos espéraient aide et protection contre les Margaïas et les Tabajares. D'eux, nous pensions tirer parti pour l'exploitation des bois, des marbres et des mies. Leur chef, Quoniambec, maître de la côte sur une longueur de vingt-huit milles, étendait sa domination jusqu'au rio Paraeibe et jusqu'aux montagnes des Margaïas'.

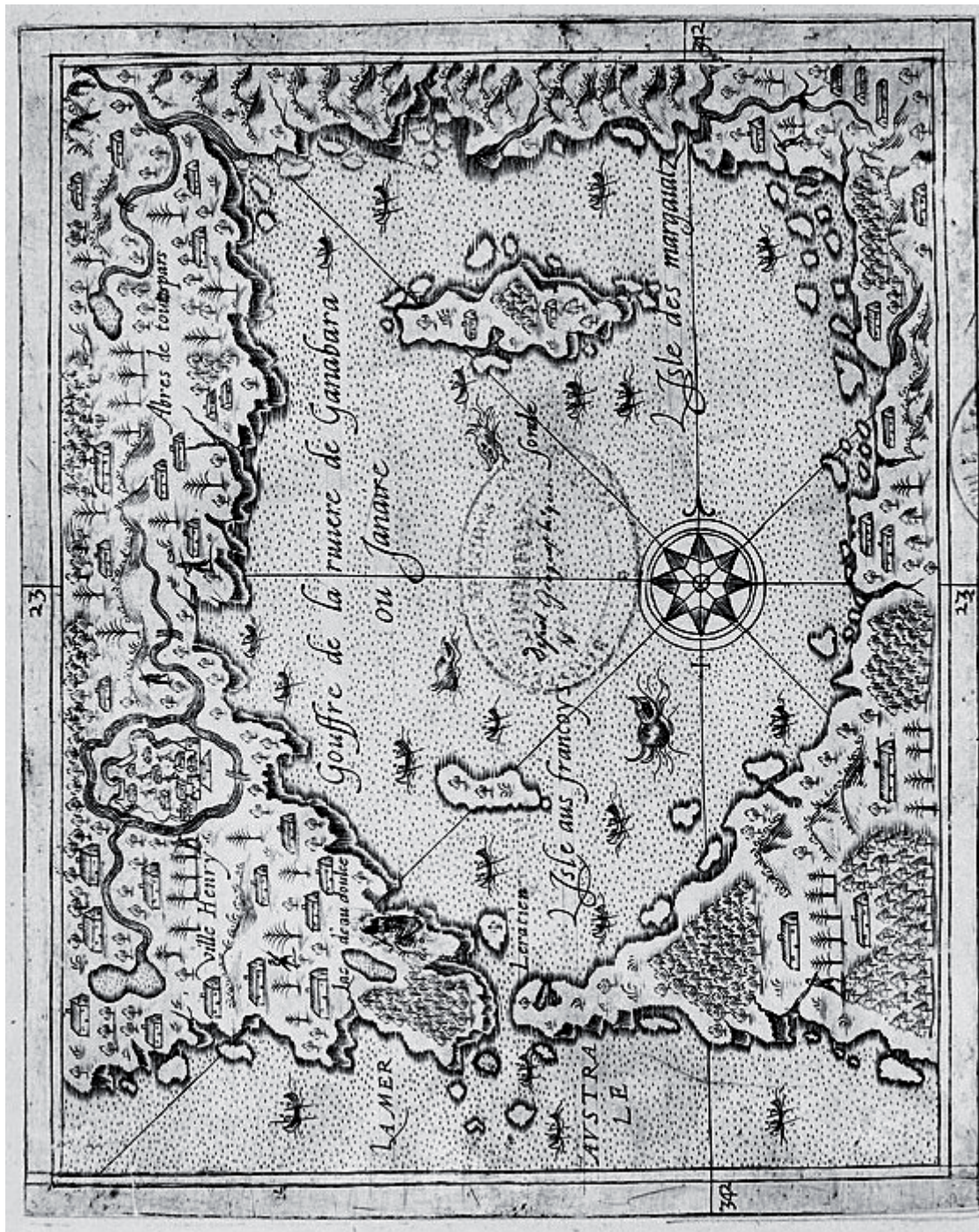


Figura 44. A baía de Guanabara ao tempo da invasão de Villegagnon (Heulhard, 1897).



Figura 45. A ilha de Villegagnon (Heulhard, 1897).

Thevet deixou o Rio de Janeiro a 31 de janeiro de 1556, chegando à França no mês seguinte. Trazia consigo grande quantidade de curiosidades, um chapéu de plumas de tucano para o rei; um maracá para o geógrafo Nicolas de Nicolai; uma pele de preguiça para Gesner; sementes para Melancton. Dois anos depois, publicava suas *Singularitez de la France Antartique* (Thevet, 1557, 1558a, 1558b) (Figuras 46, 47).

Como comentado por Lasserre (1954: 207-208):

[Thevet] ne connaissait pas la langue des indigènes. On pourrait s'étonner de la richesse de renseignements et du luxe de détails offerts (...), si l'on ignorait l'existence des 'truchements', ces Français fixées sur le littoral brésilien, et qui partageaient la vie des tribus indiennes. L'inlassable curiosité d'esprit de Thevet le poussa à fréquenter ces précieux informateurs, non seulement au Brésil, mais encore en France où, tel Montaigne, il s'enrichit à leur contact. Trop souvent, l'auteur laisse croire qu'il a tout vu de ses propres yeux, alors qu'il s'est contenté de compiler les renseignements recueillis par d'autres. Au moins a-t-il transcrit avec fidélité tout ce qu'il a entendu, sauvant ainsi de l'oubli ces précieuses observations sur le milieu géographique brésilien'.

Além disso, Thevet não acompanhou a impressão do livro e sua revisão, de que se incumbiu Ambroise de la Porte, que morreu antes de terminar sua tarefa. Isto vem explicado no *Avertissement au Lecteur* que Marice de la Porte inseriu no início das *Singularitez*:

‘D’auãtage s’il y a quelques dictionnaires Françoises qui te semblent rudes ou mal accommodées, tu en accuseras la fièvre, & la mort: la fièvre, laquelle a tellemēt detenu l’Auteur depuis son retour, qu’il n’a pas eu loisir de reuoir son liure auant que le bailler à l’Imprimeur, estant pressé de ce faire par le cōmandement de monseigneur le Cardinal de Sens. La mort qui a preuenu AMBROISE DE LA PORTE, hōme studieux & bien entendu en la langue Françoise, lequel auoit pris l’entiere charge du present liure’.

Não admira, portanto, que a grafia de alguns nomes tupis de animais seja tão estranha – além de obter essa informação de segunda mão, dos *truchements*, Thevet não pôde rever as provas de seu livro.

Os nomes registrados por ele foram os seguintes:

- ***Agoutin** (1557, 1558a: 62v, 96r;) ‘Là se trouue aussi vn autre petit animant, nommé Agoutin, grand comme vn lieure mesureu, le poil comme vn sanglier, droit & eleué, la teste comme celle d’vn gros rat, les oreilles, & la bouche d’vn lieure, ayant la queue longue d’vn pouce, glabre totalement sur le dos, depuis la teste iusq’s au bout de la queue, le pied fourchu comme vn porc. Ils viuent de fruits, aussi en nourrissent les Sauuages pour leur plaisir, ionct que la chair en est tresbonne à manger’; (1558b: 61v, 94r).
- ***Aiouroub** (1557, 1558a: 93; 1558b: 91; 1561: 203) – ‘Ils ont plusieurs autres especes de perroquets tous differēs de plumage les vns des autres. Il y en ‘a vn plus verd q’ nul autre, q’ se trouue par delà, qu’ils nōment *Aiouroub*’.
- ***Annon** (1557, 1558a: 94r; 1558b: 92r; 1561: 206; 1561: 206) – ‘Il y ‘a vne autre espece de la grosseur d’vn petit moineau, lequel est tout noir, viuant d’vne façon fort estrāge. Quand il est soul de formis, & autre petite vermine qu’il mange, il ira en quelque arbrisseau, dans lequel il ne fera que voltiger de haut en bas, de branche en branche, sans auoir repos quelconque. Les Sauuages le nomment *Annon*’.
- ***Arat** (1557, 1558a: 47v; 1558b: 83; 1561: 107) - ‘Entre ce nombre d’oyseaux tous differēs à ceux de nostre hemisphere, s’en trouue vn, qu’ils nōment en leur langue Arat, qui est vn vray heron quant à la corpulence, hors-mis que son plumage est rouge cōme sang de dragon’.
- ***Cacuycu** (1557, 1558a: 103r; 1558b: 101r [erradamente paginado como ‘109’]) – ‘Il se trouue là vne espece de monnes, que les Sauuages appellent *Cacuycu*, de mesme grandeur que les communes, sans autre difference, sinon qu’elle porte barbe au menton comme vne cheure. Cest animal est fort enclin à luxure’.
- ***Carinde** (1557, 1558a: 92v; 1558b: 90v; 1561: 202) – ‘Entre plusieurs gères d’oyseaux que nature diuersement produit, descourant ses dons par particulieres proprietes, dignes certes d’amiratiō, lesquelles elle ‘a baillé à chacun animal viuant, il s’en trouue vn qui excede en perfection & beauté, cestuicy, qui se voit coustumierement en l’Amerique, nommé des Sauuages *Carinde*, tāt nature se plaisoit à portraire ce bel oiseau, le reuestant d’vn si plaisant & beau pēnage, qu’il est impossible n’admirer telle ouuriere. Cest oiseau n’excede point la grandeur d’vn corbeau: & son plumage, depuis le vètre iusques au gosier, est iaune cōme fin or: les aelles & la queue, laquelle il ‘a fort longue, sont de couleur de fin azur. A cet oiseau se trouue vn autre semblable en grosseur, mais different en couleur: car au lieu que l’autre ‘a le plumage iaune, cestuicy l’‘a rouge, cōme fine escarlatte, & le reste azuré. Ces oyseaux sont especes de perroquets, & de mesme forme, tant en teste, bec, qu’en pieds’.
- ***Coaty** (1557, 1558a: 95v; 1558b: 93v; 1561: 210) – ‘vne [beste] qu’ils appellent *Coaty*, grāde comme vn regnard de ce païs, ayant le museau d’vn pied de long, noir comme vne taupe, & menu comme celuy d’vn rat: le reste enfumé, le poil rude, la queue gresle comme celle d’vn chat sauuage, moucheté de blanc & noir, ayant les oreilles cōme vn regnard. Ceste beste est rauissante, & vit de proye autour des ruisseaux’.
- ***Gerara** (1557, 1558a: 132v; 1558b: 129v; 1561: 288) – ‘Il se trouue là pareillement varieté de serpens, nōmez *Gerara*, lesquelles ne sont bons à manger’.
- ***Gouambuch** (1557, 1558a: 94r; 1558b: 92r, como *Gouābuch*; 1561: 206) – ‘Je ne veux oublier vn autre oiseau nommé *Gouambuch*, qui n’est pas plus gros qu’vn petit cerf volant³¹, ou une grosse mousche: lequel neantmoins qu’il soit petit, est si beau à le voir, qu’il est impossible de plus. Son bec est longuet & fort menu, & sa couleur grisastre. Et combien que ce soit le plus petit oiseau, qui soit (cōme ie pèse) sous le ciel, neantmoins il chante merueilleusement bien, & est fort plaisant à ouyr’.
- ***Haüt** (1557, 1558a: 99r, 99v, 100r; 1558b: 97v [erradamente paginado como ‘105’], 98r; 1561: 217, como *Hayt*) – ‘Ceste beste pour abreger, est autāt difforme qu’il est possible, & quasi incroyable à ceux qui ne l’auoient veü. Ils la nomment *Haüt* ou *Haüthi*, de la grādeur d’vn bien grād guenon d’Afrique, son ventre est fort aualé contre terre. Elle ‘a la teste presque semblable à celle d’vn enfant, & la face semblablement, comme pouuez voir par la presente figure retirée du naturel [Figura 52]. Estāt prise elle fait des souspirs comme un enfant affligé de douleur. Sa peau est cendrée & veluë comme celle d’vn petit ours. Elle ne porte sinō trois ongles aux pieds longs de quatre doigts, faits en mode de grosses arestes de carpe, avec lesquelles elle grimpe aux arbres, ou elle demeure plus qu’en terre. Sa queue est longue de trois doigts, ayant bien peu de

³¹ *Cerf-volant*: *Lucanus cervus* (Linnaeus, 1758), coleóptero da família Lucanidae.

poil. Vne autre chose digne de memoire, c'est que ceste beste n'a iamais esté veüe manger d'homme viuant, encores que les Sauuages en ayent tenu longue espace de temps, pour voir si elle mangeroit, ainsi qu'eux mesmes m'ont recité. Pareillement ie ne l'eusse encore creu, iusques à ce qu'un Capitaine de Normandie natif de Picardie, se promenâs quelque iour en des bois de haute fustaye, tiererent vn coup d'arquebuzes contre deux de ces bestes qui estoient au feste d'un arbre, dont tomberent deux à terre, l'une fort blessée, & l'autre seulement estourdie, de laquelle me fut fait present. Et la gardât bien l'espace de vingt six iours, ou ie congny que iamais ne voulut manger ne boire: mais tousiours à vn mesme estat, laquelle à la fin fut estranglée par quelques chiens qu'auions mené avec nous par delà. Aucuns estiment ceste beste viuere seulement des feuilles de certain arbre, nomé en leur langue *Amahut*. Cest arbre est haut eleué sur tous autres de ce païs, ses feuilles fort petites & deliées. Et pource que coustumierement elle est en cest arbre ils l'ont appellé *Haiüt*. Au surplus fort amoureuse de l'homme quand elle est appriuoisée, ne cherchant qu'à monter sur ses espaulles, comme si son naturel estoit d'appeter tousiours choses hautes, ce que malaisément peuvent endurer les Sauuages, pource qu'ils sont nuds, & que cest animant a les ongles fort aguës, & plus longues que le Lion, ne beste que i'aye veu, tant farouche & grande soit elle".

Haüthi (1557, 1558a: 99v; 1558b: 97 [erradamente paginado como '105']; 1561: 206, como **Haythi**) [Figura 52].

***Heyrat** (1557, 1558a: 98v; 1558b: 96r; 1561: 215) – 'Il se trouue là vn animant, nommé *Heyrat*, qui vaut autant à dire comme beste à miel, pource qu'elle recherche de toutes pars ces arbres, pour manger le miel que font ces mousches. Cest animant est tanné, grande côme vn chat, & 'a la methode de tirer le miel avec ses griffes, sans toucher aux mousches, ne elles à luy' [Figura 51].

‡**Hierousou** (1557, 1558a: 132v; 1558b: 129v; 1561: 288; 1561: 215) – 'Il y en 'a vne autre [espece de rat] nommée *Hierousou*, plus grands que les autres, mais non si bons à manger. Ils sont de telle grandeur que ceux d'Egypte, que lon appelle rats des Pharaon³².

†**Hira** (1557, 1558a: 97v; 1558b: 96r; 1561: 214) [Figura 51] – 'Allant quelque iour en vn village, distant du lieu ou estoit nostre residence enuiron dix lieuës, accompagné de cinq Sauuages, & d'un truchement Chrestien, ie me mis à contempler de tous costez les arbres, dont il y auoit diuersité: entre lesquels ie m'arretay à celuy duquel nous voulons parler, lequel à voir lon iugeroit estre ourage artificiel, & non de Nature. Cest arbre est merueilleusemēt haut, les branches passants les vnes par dedäs les autres, les feuilles semblables à celles d'un chou, chargées chacune branche de son fruit, qui est d'un pied de longueur. Interrogant donques l'un de la compagnie quel estoit ce fruit, il me monstre lors, & m'admoneste de contempler vne infinité de mouches, à lentour de ce fruit, qui lors estoit tout verd, duquel se nourrissent ces mousches à miel: dont s'estoit retiré vn grand nombre dedans vn pertuis de cest arbre, ou elles faisoient miel & cire. Il y 'a deux especes de ces mousches: les vnes grosses comme les nostres, qui ne viuent seulement que de bönes fleurs odorantes, aussi font elles vn miel tresbon, mais de cire en tout si iaune que la nostre. Il s'en trouue vne autre espece la moytié plus petites que les autres: leur miel est encore meilleur que le premier, & le nomment les Sauuages *Hira*. Elles ne viuent de la pasture des autres, qui cause à mon aduis, qu'elles font vne cire noire comme charbon: & s'en fait grande quantité, specialement pres la riuere des Vases, & de Plate'.

Houperou (1557, 1558a: 133r; 1558b: 130r; 1561: 288) – 'Pres ceste isle se trouue semblablement vne sorte de poisson, & sur toute la coste de l'Amerique, qui est fort dangereux, aussi craint & redouté des Sauuages: pource qu'il est rauissant & dangereux, comme vn Lion ou vn loup affamé. Ce poisson nommé *Houperou*³³ en leur langue, mange l'autre poisson en l'eau, hors-mis vn, qui est grand comme vne petite carpe, qui le suit tousiours, comme s'il y auoit quelque sympathie & occulte amytié entre les deux: ou bien le suit pour estre garanti & defendu contre les autres³⁴, dont les Sauuages quand ils peschent tous nuds, ainsi qu'ils font ordinairement, le craignent, & non sans raison, car s'il les peut ataindre, il les submerge & estranglé, ou bien il les touchera de la dent, il emportera la piece. Aussi ils se gardent bien de mâger de ce poisson, ains s'ils le peuuent prendre vif, ce qu'ils font quelquefois pour se venger, ils le font mourir à coups de fleches' [Figuras 53, 54].

***Iacareabsou** (1557, 1558a: 62v; 1558b: 61r) – 'Ie diray en passant, outre les fruits que nous vismes pres ce marais, que nous trouuames vn crocodile mort, de la grandeur d'un veau, qui estoit venu des prochains marais, & là auoit esté tué: car ils en mangent la chair, comme des lesards, dont nous auons parlé. Ils le nomment en leur langue *Iacareabsou*: & sont plus grands que ceux du Nil'.

‡**Ineonea** (1557, 1558a: 50v; 1558b: 49v; 1561: 113) – 'Il y à d'auantage en ce fleue grande aböndance de Raïes, mais d'une autre façon que les nostres: elles sont deux fois plus larges & plus longues, la teste platte & longue, & au bout y 'a deux cornes longues chacune d'un pié, au milieu desquelles sont les yeux. Elles ont six taillades soubz le ventre, pres l'une de l'autre: la queüe longue de deux pieds, & grosse comme celle d'un rat. Les Sauuages du païs n'en mangeroient pour rien, non plus que de la tortue, estimans que tout ainsi que

³² *Rat-du-pharaon: Herpestes ichneumon* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Herpestidae).

³³ Apparentemente, Thevet nunca viu um tubarão nas costas do Brasil, pois conhecia perfeitamente os *chiens-de-mer* (tubarões em francês).

³⁴ É estranho que Thevet não tenha percebido que este peixe é o mesmo que ele já havia tratado (105v) como *pira-ipouchi*.

ce poisson est tardif à cheminer en l'eau, rēdroit aussi ceux qui en māgeroient tardifs, qui leur seroit cause d'estre pris aisement de leurs ennemis, & de ne les pouuoir suyure legeremēt à la course. Ils l'appellent en leur langue Ineuonea'.

Macouacanna (1557, 1558a: 96; 1558b: 94r, també como **Macouacāna**; 1561: 210) – 'Ainsi y 'a des perdris nommées en leur langue *Macouacanna*'.

***Margana** (1557, 1558a: 93; 1558b: 91r) – 'autres [perroquets] ayans sur la teste petites plumes azurées, les autres vertes, que nōment les Sauuages, *Marganas*'.

***Panapana** (1557, 1558a: 50r; 1558b: 49r; 1561: 112) – 'Or sans plus long propos, i'en reciteray principalement quelques vns mōstrueux, representez par portrait, ainsi que voyez, comme vn qu'ils nomment en leur langage Panapana, semblable à vn chien de mer, quant à la peau, rude & inegale, comme vne lime. Ce poisson a six taillades ou pertuis de chacun costé du gosier, ordonnez à la façon d'une L'amproye, la teste telle que pouuez voir par la figure icy mise: les yeux presque au bout de la teste, tellement que l'vn à l'autre y à distance d'un pied & demy. Ce poisson au surplus est assez rare, toutesfois que la chair n'en est fort excellente à manger, approchant du goust à celle du chien de mer' [Figura 49].

***Panon** (1557, 1558a: 94r; 1558b: 92r; 1561: 205) – 'Il reste 'a descrire quelques autres oiseaux assez rares & estrāges: entre lesquels se trouue vne espece de mesme grandeur & couleur que petis corbeaux, sinon qu'ils ont le deuant de la poitrine rouge, comme sang, & se nomme *Panon*, son bec est cēdré, & ne vit d'autre chose, sinō d'un fruit d'une espece de palmier, nommé *Ierahhua*'.

†**Pira-ipouchi** (1557, 1558a: 105v; 1558b: 111r; 1561: 230, como **Pira i pouchi**) – 'Il y 'a là aussi vne riuere non fort grande, ou se trouuent quelques petites perles, & force poisson, vne espece principalement qu'ils appellent *Pira-ipouchi*, qui vaut autant à dire comme meschant poisson. Il est merueilleusement difforme, prenant sa naissance sur le dos d'un chien de mer, & le suit estāt ieune, comme son principal tuteur'.

***Pirauene** [Cacografia de *pirauene* ou *pirabebe*, 'peixe-voador'] (1557, 1558a: 136v; 1558b: 133v; 1561: 288) – 'Il est donc à noter qu'environ ladite ligne diz degrez deçà & delà, il se trouue abondance d'un poisson que lon voit voler haut en l'air, estant poursuyuy d'un autre poisson pour le manger. Et ainsi de la quantité de celui que lon voit voler, on peut aisément comprendre la quantité de l'autre viuant de proye. Entre lesquels la Dorade (...) le poursuit sur toutes autres, pource qu'il 'a la chair fort delicate & friande. Duquel y a deux especes: l'une est grāde comme vn haren de deçà: & c'est celui qui est tāt poursuyuy des autres. Ce poisson 'a quatre ailles, deux grādes faites cōme celles d'une Chauuesouris, deux autres plus petites aupres de la queuē. L'autre ressemble quasi à vne grosse lāproye. Et de telles especes ne s'en trouue gueres, sinō quinze degrez deçà e delà la ligne, qui est cause selon mō iugemēt, que ceux qui font liures des poissons l'ont omis, avec plusieurs autres. Les Ameriques nōment ce poisson *Pirauene*'.

***Quiapian** (1557, 1558a: 94r; 1558b: 92r; 1561: 206) – 'Il s'en trouue d'autres grans comme noz merles, tous rouges comme sang de dragon, qu'ils nomment en leur langue *Quiapian*'.

Sagouin (1557, 1558a: 103v; 1558b: 101r [erradamente paginado como '109']) – 'Auecques ces monnes se trouuent force petites beste iaunes, nommées *Sagouins*, non seulement en cest endroit, mais en plusieurs autres'.

†**Sohiatan** (1557, 1558a: 132v, també como **Sohiatā**; 1558b: 129v; 1561: 287) – 'Vne entre les autres [rats], qui mangent les Sauuages de l'Amerique, nommez en leur langue *Sohiatan* & ont la peau grise, la chair bonne & delicate, comme d'un petit leuraut'.

***Tamouhata** (1557, 1558a: 48r; 1558b: 47r) – 'Et si lon entre plus auant, se trouue vn plat pair couuert d'arbres autres que ceux de nostre Europe: enrichi dauantage de beaux fleues, avec eaux merueilleusement cleres, & riches de poisson. Entre lesquels i'en descriray vn en cest endroit, monstrueux, pour vn poisson d'eau douce, autant qu'il est possible de voir. Ce poisson est de grandeur & grosseur vn peu moindre que nostre harēc, armé de teste en queuē, comme vn petit animant terrestre nōmé Tatou, la teste sans comparaison plus grosse que le corps, ayant trois os dedans l'eschine, bon à māger, pour le moins en mangent les sauuages, & le nomment en leur langue, Tamouhata' [Figura 48].

Tapihire (1557, 1558a: 96r; 1558b: 94r; 1561: 210) – 'Il se trouue d'auantage en l'Amerique grande quantité de ces bestes, qu'ils nommēt *Tapihire*, desirées & recommandables pour leur deformité. Aussi les Sauuages les poursuyent à la chasse, non seulement pour la chair qui en est tresbonne, mais aussi pour les peaux, dont ces Sauuages font boucliers, desquels ils vsent en guerre. Et est la peau de cete beste si forte, qu'à grande difficulté vn trait d'arbalette la pourra percer. Ils les prennent ainsi que le cerf & le sanglier (...). Ces bestes sont de la grādeur d'un grand asne, mais le col plus gros, & la teste comme celle d'un taureau d'un an: les dents trenchātes & aigues: toutesfois elle n'est dāgereuse. Quand on la pourchasse, elle ne fait autre resistēce que la fuite, cherchant lieu propre à se cacher, courant plus legerement que le cerf. Elle n' 'a point de queuē, sinon bien peu, de la longueur de trois ou quatre doigts, laquelle est sans poil, cōme celle de l'Agoutin. Et de telles bestes sans queuē se trouue grande multitude par delà. Elle 'a le pié forchu, avec vne corne forte longue, autant presque deuant comme derriere. Son poil est rougeatre, comme celui d'aucunes mules, ou vache de par deçà: & voila pourquoy les Chrestiens qui sont par delà, nomment telles bestes vaches, non différentes d'autre chose à vne vache, hors-mis qu'elle ne porte point de cornes: & à la verité, elle me semble paticiper autāt de l'asne que de la vache: car il se trouue peu de bestes d'especes diuerses, qui se ressemblent entierement sans quelque grande difference'.

Tatou (1557, 1558a: 48r; 1558b: 47r).

Tattou (1557, 1558a: 103v; 1558b: 101r [erradamente paginado como ‘109’]) – ‘en recompense se trouue grand multitude de *Tattous*, qui sont bestes armées, dont les vns sont de la grandeur & hauteur d’un cochon, les autres sont moindres: & à fin que ie dise ce en passant, leur chair est merueilleusement delicate à manger’.

‡**Theïrab** (1557, 1558a: 132v; 1558b: 129v; 1561: 288) – ‘ouy bien ceuz qu’ils nōment *Theïrab*’.

Tom (1557, 1558a: 90r; 1558b: 88r) ‘‘Ie ne veux oublier comme par singularité entre les maladies vne indisposition merueilleuse, q’ leur causent certains petits vers, qui leur entrēt es pieds, appelez en leur langue *Tom*, lesquels ne sont gueres plus gros que cirons: & croirois qu’ils s’engendent & concrēt dedans ces mesmes parties, car il y en a aucunesfois telle multitude en vn endroit, qu’il se fait vne grosse tumeur comme vne febve, avec douleur & demangeaison en la partie. Ce que nous est pareillement adueni estans par delà, tellement que noz pieds estoyent couverts de petites bossettes, ausquelles quand sont creusées lon trouue seulement vn ver tout blanc avec quelque bouë. Et pour obuier à cela, les gens du païs font certaine huile d’un fruit nōmé *Hiboucouhu*, semblāt vne date, lequel n’est bon à manger: laquelle huile ils reseruent en petits vaisseaux de fruits, nommés en leur langue *Caramemo*, & en frottent les parties offensées: chose propre, ainsi qu’ils afferment, contre ces vers’.

***Toucan** (1557, 1558a: 90v, 91r; 1558b: 88v, 89r; 1561: 205) – ‘Sur la coste de la marine, la plus frequēte marchandise est le plumage d’un oyseau, qu’ils appellent en leur langue *Toucan*, lequel descrirons sommairement, puis qu’il vient à propos. Cest oyseau est de la grandeur d’un pigeon. Il y en ‘a vne autre espece de la forme d’une pie, de mesme plumage que l’autre: c’est à sçauoir noir tous deux, hors-mis autour de la queuë, ou il y ‘a quelque plumes rouges, entrelacées parmy les noires, soubz la poitrine plume iaune, enuirō quatre doigts, tant en longueur que largeur: & n’est possible trouuer iaune plus excellent que celuy de cest oyseau: au bout de la queuë il ‘a petites plumes rouges cōme sang. Les Sauuages en prēnent la peau, à l’endroit qui est iaune, & l’accomodēt à faire garnitures d’espées à leur mode, & quelques robes, chapeaux, & autres choses. I’ay apporté vn chapeau fait de ce plumage, fort beau & riche, lequel a esté présenté au Roy, comme chose singuliere. Et de ces oyseaux ne s’en trouue sinon en nostre Amerique, prenant depuis la riuire de Plate iusques à la riuire des Amazones. Ilz s’en trouue quelques vns au Peru, mais ne sont de si grande corpulēce que les autres. A la nouvelle Espagne, Floride, Messique, Terre neuue, il ne s’en trouue point, à cause que le païs est trop froid, ce qu’ils craignent merueilleusemēt. Au reste cet oyseau ne vit d’autre chose parmy les bois ou il fait sa residence, sinon de certains fruitz prouenans du païs. Aucuns pourroient penser qu’il fut aquatique, ce qui n’est vray semblable, comme i’ay veu par experience. Au reste cest oyseau est merueilleusement difforme & monstrueux, ayant le bec plus gros & plus long quasi que le reste du corps. I’en ay aussi apporté vn qui me fut donné par delà, avec les peaux de plusieurs de diuerses couleurs, les vnes rouges comme fine escarlatte, les autres iaunes, azurées, & les autres d’autres couleurs’ [Figura 50].

L E S
S I N G V L A R I -
T E Z D E L A F R A N C E A N -
T A R C T I Q U E , A V T R E M E N T N O M -
m é e A m e r i q u e , & d e p l u s i e u r s T e r -
r e s & I l l e s d e c o u v e r t e s d e n o -
s t r e t e m p s :

PAR F. ANDRE THEVET, NA-
TIF D'ANGOULESME.



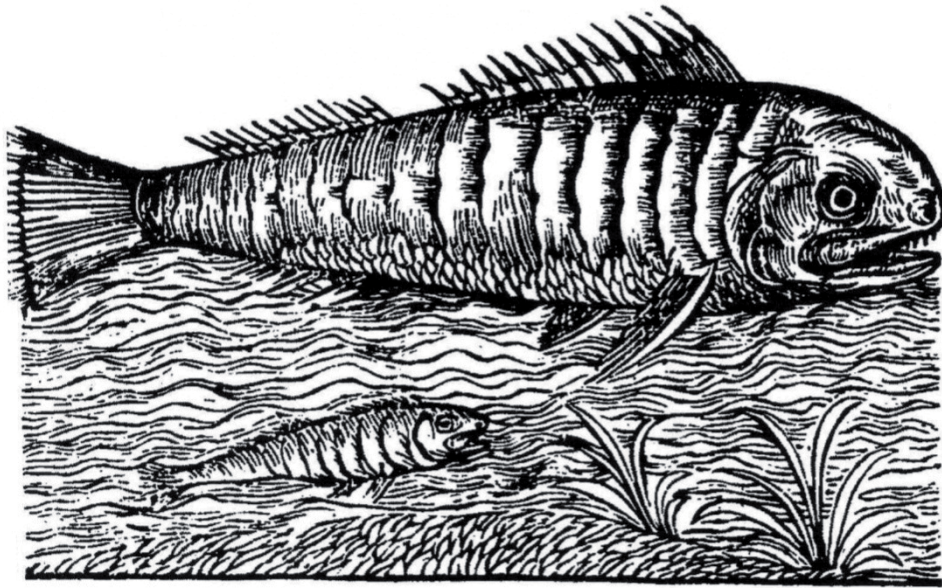
A A N V E R S ,
De l'imprimerie de Christophle Plantin
à la Licorne d'or.
1 5 5 8 .
A V E C P R I V I L E G E D U R O Y .

Figura 46. Frontispício das *Singularitez* de Thevet (1558).



Figura 47. Frontispício da tradução italiana da obra de Thevet (1561).

Espagnols par singuliere estime les emportét en leur pais, & les femmes & filles de maison en portent coustumierement à leur col enchassées en or, ou argét, ce qu'ils disent auoir vertu contre la colique, douleur de teste, & autres. Bref, ce lieu est fort plaisant & fertile. Et si lon entre plus auant, se trouue vn plat pais couuert d'arbres autres que ceux de nostre Europe: enrichy d'auantage de beaux fleues, avec eaux merueilleusement cleres, & riches de poisson. Entre lesquels i'en descriray vn en cest endroit, monstrueux, pour vn poisson d'eau douce, autant qu'il est possible de voir. Ce poisson est



de grandeur & grosseur vn peu moindre que nostre haréc, armé de teste en queue, comme vn petit animant terrestre nommé Tatou, la teste sans comparaison plus grosse que le corps, ayant trois os dedans l'eschine, bon à manger, pour le moins en mangent les Sauvages, & le nomment en leur langue, Tamouhata.

Tamouhata, espece de poisson admirable.

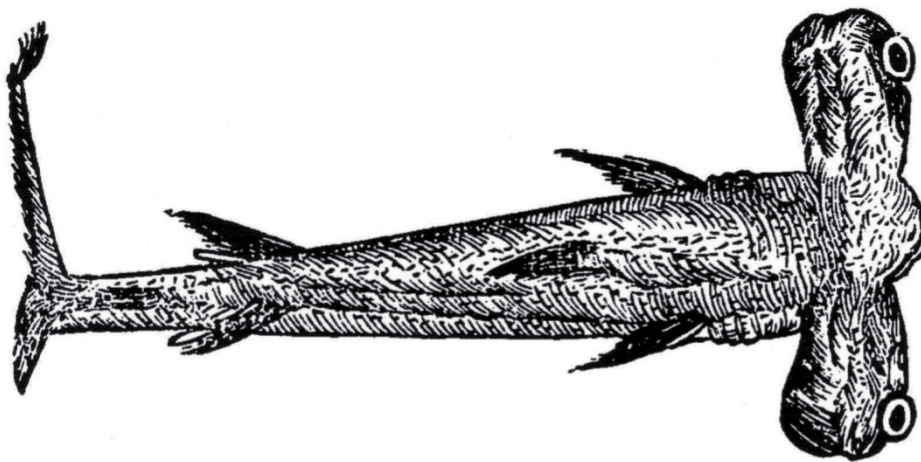
m iiij

Figura 48. O tamoatá (*Tamouhata*) segundo Thevet (1558: 48r).

quelques vnes, non pas si fines que celles de Calicut, & autres parties du Leuant. Au reste les plus grands pefchent aussi le grand poisson, dont ceste riuere porte en abondance. La maniere de le prendre est telle, que estás tous nuds en l'eau, soit douce ou falée leur tirent coups de flesches, à quoy sont fort dextres, puis les tirent hors de l'eau avec quelque corde faite de cotton ou escorce de bois, ou bien le poisson estant mort vient de soymesme sur l'eau. Or sans plus long propos, i'en reciteray principalement quelques vns môstrueux, representez par portrait, ainsi que voyez, comme vn qu'ils nomment en leur langage Panapana, semblable à vn chien de mer, quant à la peau, rude & inegale, comme vne lime. Ce poisson

Maniere des Sauvages à prendre du poisson.

Panapana espece de poisson.



à six taillades ou pertuis de chacun costé du gosier, ordonnez à la façon d'une L'amproye, la teste telle que pouuez voir par la figure icy mise: les yeux presque au bout de la teste, tellement que de l'un à l'autre y a distance d'un pied & demy. Ce poisson au surplus est assez rare, toutesfois que la chair n'en est fort excellente à

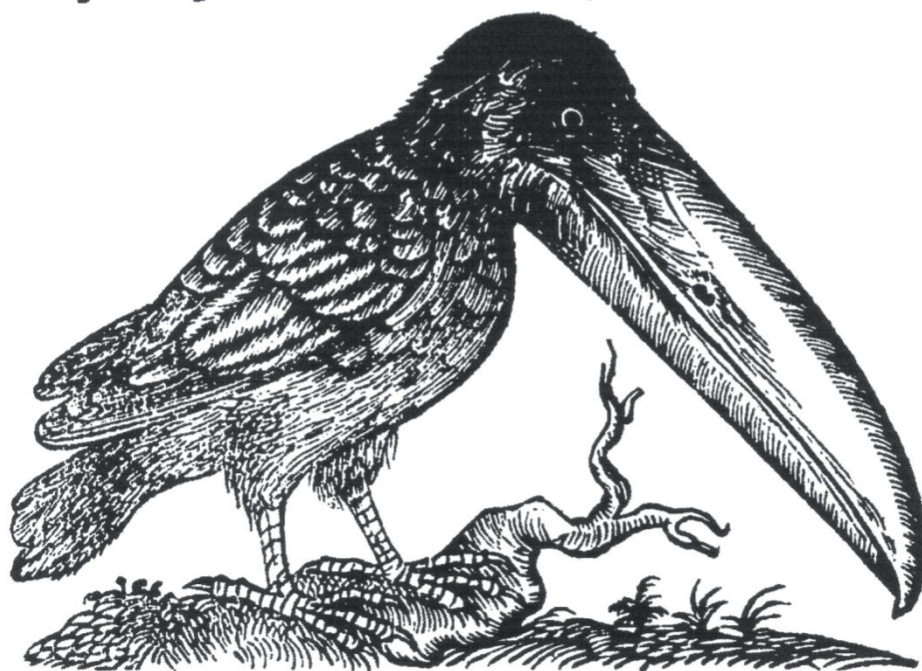
n ij

Figura 49. O panapaná segundo Thevet (1558: 50r).

pellent en leur langue *Toucan*, lequel descrirons sommairement, puis qu'il vient à propos. Cest oyseau est de la grandeur d'un pigeon. Il y en a vne autre espece de la forme d'une pie, de mesme plumage que l'autre: c'est à sçavoir noirs tous deux, hors-mis autour de la queuë, ou il y a quelques plumes rouges, entrelacées parmy les noires, sous la poitrine plume iaune, enuirõ quatre doigts, tant en longueur que largeur: & n'est possible trouuer iaune plus excellent que celui de cest oyseau: au bout de la queuë il a petites plumes rouges cõme sang. Les Sauvages en prennent la peau, à l'endroit qui est iaune, & l'accommodent à faire garnitures d'espees à leur mode, & quelques robes, chapeaux, & autres choses. l'ay apporté vn chapeau fait de ce plumage, fort beau & riche, lequel a esté présenté au

Description du Toucan, oyseau de l'Amérique.

Chapeau estrange composé de plumages.



Roy, comme chose singuliere. Et de ces oyseaux ne s'en trouue sinon en nostre Amerique, prenant depuis la ri-

z iij

Figura 50. O tucano (*Toucan*) segundo Thevet (1558: 91r).



B ij

Figura 51. A irara (*Heirat*) e as abelhas (*Hira*) segundo Thevet (1558: 98r).

LES SINGVLARITEZ

Descri-
ption d'un
animal
nommé
Haüthi.

beste pour abreger, est autät difforme qu'il est possible, & quasi incroyable à ceux qui ne l'auroient veü. Ils la nomment *Haüt*, ou *Haüthi*, de la grádeur d'un bien grád gueñon d'Afrique, son ventre est fort aualé contre terre. Elle à la teste presque semblable à celle d'un enfant, & la face semblablement, comme pouüez voir par la presente figure retirée du naturel. Estät prise elle fait des souspirs com-



me vn enfant affligé de douleur. Sa peau est cendrée & veluë comme celle d'un petit ours. Elle ne porte sinó trois ongles aux pieds longs de quatre doigts, faits en mode de grosses arestes de carpe, avec lesquelles elle grimpe aux arbres, ou elle demeure plus qu'en terre. Sa queuë est longue de trois doigts. ayant bien peu de poil. Vne autre chose digne de memoire, c'est que ceste beste n'a iamais esté veüë

Figura 52. A preguiça (*Haüt* ou *Haüthi*) segundo Thevet (1558: 99v).

lez de diuerfes couleurs: pareillement en ay veu de verds autát ou plus que la verde fueille de laurier que lon pourroit trouuer. Ils ne font si gros de corps que les autres, neantmoins ils font fort longs. Poutát ne se fault esmerueiller si les Sauuages là entour mangent de ces rats & serpens sans danger: ne plus ne moins que les lesarts, comme cy deuant nous auós dit. Pres ceste isle se trouue semblablement vne sorte de poisson, & sur toute la coste de l'Amérique, qui est fort dangereux, ausi craint & redouté des Sauuages: pource qu'il est rauissant & dangereux, comme vn Lion ou vn loup affamé. Ce poisson nommé *Houperou* en leur langue, mange l'autre poisson en l'eau, hors-mis vn, qui est grand comme vne petite carpe, qui le suit tousiours, comme sil y auoit quelque sympathie & occulte amytié entre les deux: ou bien le suit pour estre garanti & defendu contre les autres, dont les Sauuages quand ils peschent tous nuds, ainsi qu'ils font ordinairement, le craignent, & non sans raison, car sil les peut attaindre, il les submerge & estrágle, ou bien ou il les touchera de la dent, il emportera la piece. Aussi ils se gardent bien de máger de ce poisson, ains s'ils le peuuent prendre vif, ce qu'ils font quelquefois pour se venger, ils le font mourir à coups de fleches. Estans donc encores quelque espace de temps, & tournans ça & là, i'en contemplé plusieurs estranges que n'auons par deça: entre lesquels i'en veis deux fort monstrueux, ayans sous la gorge comme deux tetines de cheure, vn fanon ou menton, que lon iugeroit à le voir estre vne barbe. La figure cy apres mise, côme pouez voir, represente le reste du corps.

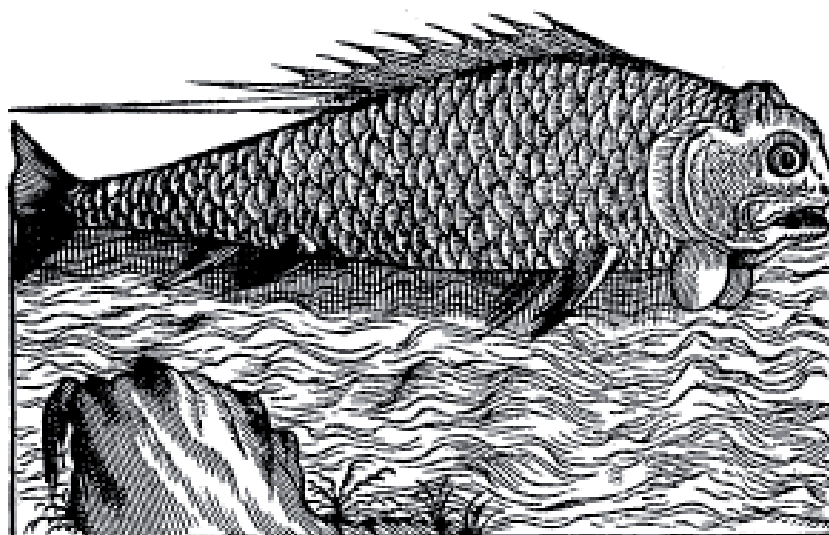
Houperou, espece de poisson.

Espect de poisson estrange.

L

Figura 53. Trecho de Thevet (1558: 133r) citando o *houperou* e um peixe anônimo.

LES SINGVLARITEZ



Voila comme Nature grande ouuriere prend plaisir à diuersifier ses ouurages tant en l'eau, qu'en la terre: ainsi que le sçauant ouurier enrichist son œuure de pourtraits & couleurs, outre la traditiue commune de son art.

La continuation de nostre chemin, avecques la declaration de l'Astrolabe marin.

CHAP. 68.

Indisposition de l'air au-pres de l'equino-Étial.

POur ne trouuer grand soulagement de noz trauaux en ceste isle, il fut question sans plus seiourner, de faire voile avecques vent assez propre iusques sous nostre equinoctial, à l'entour duquel & la mer & les vents sont asses inconstans. Aussi là voit on tousiours l'air indisposé: si d'un costé est sercin, de l'autre nous menasse d'orage: donc le plus sou-
uent

Figura 54. Peixe anônimo (Thevet, 1558: 133).

12. A EPISTOLA QUAM PLURIMARUM RERUM NATURALIUM QUAE S. VICENTII (NUNC S. PAULI) PROVINCIAM INCOLUNT SISTENS DESCRPTIONEM DO PE. JOSÉ DE ANCHIETA (1560)

Aos 29 dias de março de 1549 chegava ao Brasil o primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, acompanhado pela primeira missão de jesuítas, composta pelos padres Manuel da Nóbrega, João de Azpicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, e os noviços Diogo Jacome e Vicente Rodrigues. A segunda missão da Companhia de Jesus arribou em 1550, na frota de Simão da Gama e Andrade, com quatro jesuítas mais – os padres Salvador Rodrigues, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Afonso Brás. A 13 de julho de 1551 chegava ao Brasil o segundo Governador Geral, Duarte da Costa, com a terceira missão jesuítica, que incluía os padres Luís da Grã, Brás Lourenço, Ambrósio Pires, e os noviços Gregório Serrão, João Gonçalves, Antônio Blásquez e José de Anchieta [Figura 55].



Figura 55. O Pe. Anchieta, segundo Hazart (1667).

Iniciava-se com os padres da Companhia de Jesus uma nova era no conhecimento da zoonímia tupi, como veremos nos próximos capítulos.

Em sua biografia do Pe. José de Anchieta, disse o Pe. Simão de Vasconcellos (Vasconcellos, 1672 (*Recopilaçam*): 2, 3):

‘...a Ioseph [de Anchieta] qual nouo Adaõ doutro mundo, sogeitou o Senhor o dominio dos mesmos Elementos, & seus animais: a este guardaram também obediencia; elle conhecia seus nomes, suas especies, suas qualidades, & elles entendiam sua lingoa, hiam, & vinham a seu mandado da mesma maneira, que no mundo antigo, obedeciam, reconheciam, entendiam a Adam, naquelle ditoso estado da natureza, & da graça’.

‘Os animais da terra mais voluntarios, esquiuos, & feros, as cobras, serpentes, tigres, touros &c. lhe rendiam sogeiçam, & obediencia qual a outro Adam’.

*

A *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem* de Anchieta foi oferecida por Diogo de Toledo Lara Ordonhes³⁵ à Academia das Ciências de Lisboa, sendo publicada na *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia nas Nações Ultramarinas* (Anchieta, 1812), com notas redigidas por Ordonhes em latim (cf. também Anchieta, 1998 e Almeida, 1900). A tradução para o português segue Leite (1954: 203-136).

Nela registrou Anchieta os seguintes animais:

Aig (p. 151) – ‘*Est aliud animal (quod Indi Aig, nos propter nimiam tarditatem Pigrítiam³⁶ dicimus) vere pigrum; et quod tarditudine Cochleam vincat, grandi corpore, colore cinericio, ejus facies mulieris formam videtur aliquantulum referre: oblonga sunt brachia, unguibus etiam longis et recurvis munita, quorum usus ei a natura ad quarundam arborum, quarum foliis et germinibus teneris pascitur³⁷, ascensum concessus est, in quo bonam diej partem consumit; exprimi enim satis non potest, quantum in unius brachii motione faciat morae: ascendens autem tandiu ibi immoratur, donec totam absumat arborem, deinde ad aliam transit, aliquando etiam antequam ad cacumen perveniat; mediae arbori tam tenaciter unguibus inhaeret, ut inde, nisi brachia excindantur, evelli nequeat*’ (Há outro animal (que os Índios chamam *ai* e nós *preguiça*, por causa da sua excessiva lentidão em mover-se), verdadeiramente preguiçoso, pois é mais vagaroso que um caracol; tem o corpo grande, cor de cinza; a sua cara parece assemelhar-se alguma cousa do rosto de uma mulher; tem os braços compridos, munidos de unhas também compridas e curvas, com que o dotou a natureza para poder trepar em certas árvores, no que gasta uma boa parte do dia e alimenta-se das suas folhas e rebentos; não se pode dizer ao certo quanto tempo leva em mover um braço; tendo porém subido, ali se demora finalmente, até que consuma a árvore toda; passa depois para outra, algumas vezes também antes de chegar ao cume; com tanta facilidade se agarra no meio da árvore, com as unhas, que não se pode arrancá-lo dali, senão cortando-lhe os braços).

***Anhima** (pp. 157-158) – ‘*Est alia, quae Anhíma³⁸ dicitur, ingenti corpore: cum emittit vocem, asinum rudere credas: habet in singulis alis tria velut cornua³⁹, unum item in capite, qualia Gallinaceorum calcaria, multo tamen duriora: impugnantes se canes non fugit, liucet ei corporis magnitudo volatum non impediatur, sed eos armatis alis graviter vulnerans a se abigit*’ (Há outra ave que se chama *anhima*, muito grande; quando grita

³⁵ Nascido em São Paulo por volta de 1758, veio a falecer no Rio de Janeiro em 1826. Formado em leis pela Universidade de Coimbra, ocupou relevantes cargos na magistratura nacional, tendo inclusive chegado a Desembargador do Paço, Conselheiro da Fazenda e Fiscal das Mercês. Sócio da Real Academia das Ciências de Lisboa.

³⁶ Nota 40 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1840: 173): “*Bradypus tridactylus* Linn. A Lusitanis dicitur *Preguiça*: et ab aliis *Pigrus*, *Tardigradus*, *Ignavus*, etc.”.

³⁷ Nota 45 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 173): “*Arbor, quam praefert aliis Bradypus, est Ambayva, seu Cecropia peltata* Linn. Ideo ubi est magna ipsius copia, ibi plerumque inveniuntur *Bradypodes*”.

³⁸ Nota 70 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 176): “*Palamedea cornuta* Linn., *Anhima* Lusitanis. Avis rarissima. Unam tantummodo vidi et nacavi ad oras fluminis *Tietê*, magno sodalium meorum rusticorum gaudio, qui non solum quatuor spinas, sed etiam ossa, quae omnia, et maxime cornu, in numero eximiorum Antidotorum habebant, sollicite dempta servavere”.

³⁹ Nota 71 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 176): “*Decipitur Anchieta* his avibus tres spinas in singulis alis assignando: duas enim tantummodo in unaquaque ala habent”.

parece o zurrar de um asno. Tem em cada asa como que três cornos, um também na cabeça, iguais aos esporões dos galináceos, porém muito mais rijos; quando acossada pelos cães, não foge, ainda que a grandeza do corpo não a embarace de voar; antes os afugenta, ferindo-os gravemente com as asas assim armadas).

***Bóicininga** – (p. 145) – ‘*Aliud genus dicitur Bóicininga, id est, coluber tinniens, habet enim in cauda crepitaculum quoddam, quo sonat aliquid invasurus*⁴⁰. *Hi vivunt in campis, in cavernis subterraneis; invadunt homines, quo tempore procreandae soboli dant operam, citissimis saltibus labuntur per gramina, adeo ut ab Indis dicantur volare: cum semel momorderint, actum est; impediunt auditum, visum, gressum, omnesque corporis actus, solus remanet veneni per totum corpus diffusi dolor, et sensus, donec post viginti quatuor horarum intervallum exhaletur anima. Hos tamen, et reliquos fere omnes Indi detracto capite torrent igni, et comedunt; sicut et Bufonibus, Lacertis, Muribus, aliisque id genus animalibus minime parcut*’ (A outra variedade denominam *boicininga*, que quer dizer ‘cobra que tine’, porque tem na cauda uma espécie de chocalho, com o qual soa quando assalta alguém. Vivem nos campos, em buracos subterrâneos; quando estão ocupadas na procriação atacam a gente; andam pela grama em saltos de tal modo apressados, que os Índios dizem que elas voam; uma só vez que mordam, não há mais remédio: paralisam-se a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo, ficando somente a dor e o sentimento do veneno espalhados pelo corpo todo, até que no fim de vinte e quatro horas se expira. Entretanto, quase todos os índios torram ao fogo e comem dessas cobras e de outras, depois de lhes tirarem a cabeça; assim como também não poupam aos sapos, lagartos, ratos e outros animais desse gênero).

***Bóipeba** (p. 145) – ‘*Sunt et alii fere iidem, qui Jararaca; qui Bóipeba*⁴¹, *hoc est, colubri plani, appellantur; eo quod percussi contrahant se et latiores fiant, itidem mortiferi*’ (Há também outras quase semelhantes, chamadas *jararaca* e também *boipeba*, isto é, ‘cobras chatas’. Porque, quando feridas, contraem-se e ficam mais largas; a mordedura dessas é também mortal).

***Bóiquatiára** (p. 145) – ‘*Sunt et alii, qui ab Indis propter diversam picturae varietatem Bóiquatiára*⁴², *id est, colubri picti, dicuntur, itidem mortiferi*’ (Há também outras, que são denominadas pelos Índios *boiquatiara*, isto é, ‘cobras pintadas’, por causa das suas diversas variedades de pintura; estas são igualmente mortíferas).

‡**Bóiquiba** (pp. 146-147) – ‘*Sunt et alii velut Scorpiunculi sub quibusdam terrae tumulis [sic; humuli], quos Formicae congerunt, habitantes, quos Indi Bóiquiba, hoc est, colubri pediculos, appellant, coloris rubri, Araneolis paulo maiores: duo habent capita, sicut Cancri*⁴³, *recurvam caudam, in qua et [sic] aduncam unguem, horarum ductu mitigetur dolor*’ (Há também outras como pequenos escorpiões, que habitam em certos montes de terra feitos pelas formigas; a estas chamam os Índios *boiquiba*, isto é, ‘cobras de pés pequenos’ [sic; erro; ‘piolhos de cobra’]; são vermelhas, pouco maiores que aranhas; têm duas cabeças, como os caranguejos, e a cauda recurvada, na qual têm uma unha também curva, com que ferem. Não matam, mas incomodam extraordinariamente, de maneira que a dor que produzem não passa antes de vinte e quatro horas).

†**Bóiroçanga** (pp. 145-146) – ‘*Sunt et alii, qui Bóiroçanga*⁴⁴, *id est, colubri frigidi, vocantur, quod ictu suo corpori magnum frigus inducant: et hi quidem caeteris maiores sunt, licet minus virosi (nec enim necant), acutis dentibus totum os armati; quod in reliquis aliter se habet, quatuor enim duntaxat caeteri habent dentes recurvos, adeo subtiles, et absconditus, ut nisi diligenter inspexeris, credas eis carere; in quibus est venenum*’ (Há ainda outras, que se chamam *boiroçanga*, isto é, ‘cobras frias’, porque a sua mordedura comunica ao corpo um grande frio; estas, conquanto maiores do que as outras, são menos venenosas (por isso não causam a morte); têm toda a boca armada de dentes agudos, o que não se dá com as outras, pois as outras têm apenas quatro dentes agudos, tão sutis e ocultos que, se não se observa com cuidado, poder-se-á supor que não os têm; neles é que está a peçonha).

⁴⁰ Nota 24 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 171): “*Crotalus horridus* Linn. *Cascavel* Lusitanorum. *Boi*, seu *Boia* inter Brasiliae Indigenas nome est appellativum Serpentium; caetera ei adjuncta earum proprietates, sive characterem praecipuum denotant.

⁴¹ Nota 27 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 171): “In Paulopolitana Praefectura sunt frequentes; non tamen, nisi incitati, adoriuntur. Catesby pag. 44. *Viperam nigram* appellat”.

⁴² Nota 26 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 171): “Serpens nomine *Bóiquatiara* mihi incognitus est, idem enim nomen nunquam audivi. Seba Mus. 2.p. 86 Serpentem quemdam Amboinam *Boiguatrara*, id est *pictam*, appellat. At Lusitani, qui Brasiliam et Amboinam frequentarunt, nomen idem Brasilicum eidem speciei imposuerit? *Bomare* Dict. H. N. et Auth. *Encyclop. Method.* Verbi *Bojobi* Serpentem *Boiguatrara*, ‘Boam Caninam’ vocant; an recte, judicet qui Sebam antea consuluerit”.

⁴³ Nota 30 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 171): “Quae *Anchieta* capita denominat, sunt in Cancro *oculi*; in *Scorpione palpi*”.

⁴⁴ Nota 28 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 171); “*Boiroy* hodie a Lusitanis vocatur”.

Capyûára (p. 143) – ‘*Sunt et alia animali ex genere amphibio, quae Capyûára⁴⁵, hoc est, herbas pascentia nominantur, suis non multum dissimilia, colore rubrufo, dentibus cum Lepore conveniunt, praeter molares, quorum alios mandibulis, alios ipsi palato in medio ore fixos habent: cauda carent: pascuntur herbis, unde et nomen acceperunt: esui sunt accommodata, mansuefiunt haec, et ut catuli aluntur domi, exeunt ad pastum, et redeunt domum sine duce*’ (Há também outros animais do gênero anfíbio, chamados *capivara*, isto é, ‘que pastam ervas’, pouco diferentes dos porcos, de cor um tanto ruiva, com dentes como os da lebre, exceto os molares, dos quais alguns estão fixos nas mandíbulas e outros no meio do céu da boca. Não têm cauda; comem ervas, donde lhes provém o nome; são próprios para se comer; domesticam-se e criam-se em casa como os cães; saem para pastar e voltam para casa por si mesmos).

***Çucuryúba** (p. 142) - ‘*Inveniuntur in mediterraneo angues admirabilis magnitudinis, quos Çucuryúba Indi vocant⁴⁶, et hi quidem fere semper in fluviis vivunt, ubi animalia terrestria frequenter tranantia capiunt ad escam, sed et aliquando etiam exeunt ad terram, adorinturque ea in semitis, quò solent huc illud discurrere. Horum quanta sit corporis moles, haud facile est creditu; cervum solidum deglutiunt, et alia etiam maiora animalia. Probata res est omnium consensu; aliqui ex fratribus nostris viderunt cum stupore, adeo ut unus ex eis cum anguem aliquando fluvio natantem videret, malum navis esse existimaverit. Hi, ut aiunt, carent dentibus⁴⁷, solumque animalia spiris involvunt, caudaque per podicem adacta necant, vi oris commacerant et integra deglutiunt⁴⁸. De his mira referam, sed nescio an credibilia, ea tamen, quae omnes tum Indi, tum Lusitani, qui multos aetatis suae annos in hoc orbe transegerunt, uno ore affirmant. Deglutiunt hi, ut dixi, animalia quaedam grandia, quae Tapiiára Indi vocant (de quibus paulo post) quae cum non possit stomachus digerere, jacent humi velut exanimis, non valentes se movere, donec venter simul cum cibo computruerit; tum aves, quae laniatu vivunt, uterum dilaniant, et totum cum pabulo absumunt; deinde informis, et semivoratus anguis incipit reformari, succrescunt carnes, superextenditur cutis, et in pristinam formam restituitur⁴⁹’ (Encontram-se nas terras cobras a que os Índios denominam *sucurijuba*, de maravilhoso tamanho; vivem quase sempre nos rios, onde apanham para comer os animais terrestres, que a miúdo os atravessam a nado; saem porém às vezes para a terra e os acometem nos atalhos, em que costumam correr daqui para ali. Não é fácil acreditar-se na extraordinária corpulência destas cobras; engolem um veado inteiro e até animais maiores; isto tem sido observado por todos; alguns dos nossos irmãos o viram com espanto, e até um deles vendo uma serpente a nadar no rio, pensou que era um mastro de navio. Dizem que não têm dentes e só se enroscam nos animais, matam-nos introduzindo-lhes a cauda pelo ânus, e triturando-os com boca os devoram inteiros. A este respeito, contarei cousas estupendas e não sei se serão críveis; mas, tanto os Índios, como os Portugueses que passaram muitos anos de sua vida nesta parte do globo, *uni ore* as afirmam. Estas cobras engolem, como disse, certos animais grandes, que os índios chamam *tapiira*, de que tratarei ao diante; como porém o seu estômago não os pode digerir, caem por terra como mortas, sem poderem mover-se, até que apodreça o ventre justamente com a comida; então, as aves de rapina rasgam-lhe a barriga e devoram toda com o seu conteúdo; depois a cobra, disforme, meio devorada, começa a reformar-se, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe por cima a pele e volta à antiga forma).*

‡**Eíraaquâyêta** (p. 155) – ‘*Cum autem (ut dixi) mellis multa sint genera, unius tantum meminero, quod Indi Eíraaquâyêta, hoc est mel foraminem multorum, dicunt, quia multos in alveari Apes habent ingressus. Hoc simul ac popatur, omnes juncturas corporis occupat, contrahit nervos, dolorem et tremorem immittit, excitat*

⁴⁵ Nota 19 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 169): “*Cavia capybara* Linn. *Capivára*, pronuntiatione, atque dictione Brasilica hujam vitata, ut omnibus fere accidit aliis vocabilis, a Lusitanis nuncupatur. *Bomare* aliorum testimonio innixus, haec animalia nocte tatummodo ambulare scribens, decipitur. Innumerabilia vidi, multa quoque ego aliique per litora die deambulantia occidimus”.

⁴⁶ Nota 14 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 168-169): “*Boa Scytale* Linn. [sic]. *Sucury* Lisitanorum. Non invenitur omnino in fluminibus *Paulopoli* propinquis, habitant vero plurimae in remotis, et desertis locis. Anno 1785, mense Julio, quo frigus invaluit, in fluvio *Tietê* (qui alluens Urbi vicinos campos, magno cursu peracto, in *Paranáa* decedit ad occasum) multas vidi, quae in spiram collectae mane in ripis Solis radiis erantr expositae. His, et omnibus, quae habitant in Praefectura do *Cuyabá*, longe maiores sunt degentes in flumine *Amazonas*, ajusque amplissima Provincia”.

⁴⁷ Nota 15 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 169): “Non carente dentibus: contra autem armatae sunt numerosis, acutissimis, similibus, retroflexisque, duplici ordine in maxila superiori, simplici tantum in inferior dispositis, quibus valide praedam apprehendunt”.

⁴⁸ Nota 16 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 169): “Animalia, quibus se circumvolunt, primum constringunt, atque centerunt; postea humore salivoso unguent ac lubricant; et denique, cum magna sunt, lente deglutiunt integra”.

⁴⁹ Nota 17 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 169): “Equidem de hac re aliqua in Brasilia audivi, sed fabulosa semper existimavi”.

vomitum et solvit alvum' (Havendo porém, como disse, muitas espécies de mel, falarei unicamente de um, que os Índios chamam *eiraaquãyetá*, quer dizer 'mel de muitos buracos', porque estas abelhas têm muitas entradas nas colmeias. Logo que se bebe desse mel, toma todas as juntas do corpo, contraí os nervos, produz dor e tremor, provoca vômitos e destempera o ventre).

Guainumbi (p. 156) – '*Sunt et alii passeruli, Guainumbi⁵⁰ appellati, omnium minimi, rore solum pascuntur; quorum cum varia sint genera, unum affirmant omnes ex Papiliones procreari⁵¹*' (Há ainda outros passarinhos, chamados *guainumbi*, os mais pequeninos de todos; alimentam-se só de orvalho; desses há vários gêneros, dos quais um, afirmam todos, que se gera da borboleta⁵²).

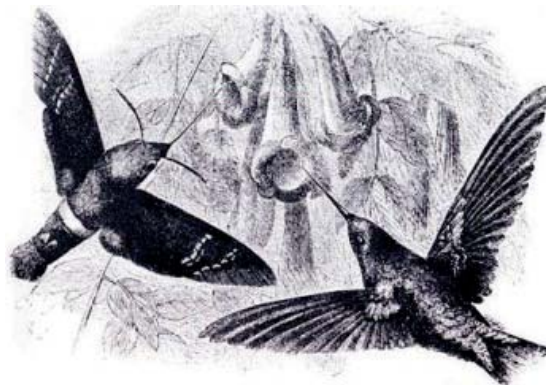


Figura 56. *Aellopos titan* (Cramer, 1777) (Lepidoptera, Sphingidae) (à esquerda), mimético do beija-flor (Bates, 1863).

Guará (p. 157) – '*Est et alium passer marinus, Guará⁵³ nomine, Mergo aequalis, sed tibiis longioribus, collo itidem producto, protento et adunco rostro: Cancris pascitur, voracissimus est. Hic perpetuum quandam in se metamorphosim experitur, in prima enim aetate pennis albis induitur; quae deinde in cinerium colorem mutantur; post aliquod tempus albescunt iterum, minore tamen, quam in prima aetate, candore; purpureo demum ac pulcherrimo colore decorantur: quae apud Brasiles in magno sunt pretio, illis enim ad capillos ornandos et brachia in suis utuntur solemnitatibus*' (Há ainda uma ave marinha por nome *guará*, igual ao mergulhão, porém de pernas mais compridas, de pescoço igualmente alongado, de bico comprido e adunco; alimenta-se de caranguejos e é muito voraz. Passa por uma metamorfose, como que perpétua, pois na primeira idade cobre-se de penas brancas, que depois se transformam em cor de cinza e, passado algum tempo, tornam-se cada segunda vez brancas, de menos alvura todavia das da primeira; por fim, ornam-se de uma cor purpúrea lindíssima; estas penas são de grande estimação entre os Índios, que usam delas para enfeitar os cabelos e braços em suas festas).

***Ibíbóboca** (p. 145) – '*Sunt et alii mira pictura decorati, nigro, albo, et rubro coraliis simili distincti colore, qui Ibíbóboca⁵⁴, id est, terra fossa, dicuntur, quod repentes talparum more terram findant, qui onium venenosisimi sunt, ed ideo rariores*' (Há também outras admiravelmente pintadas de várias cores, de preto, branco, de encarnado semelhante ao coral, as quais os Índios apelidam *ibiboboca*, isto é, 'terra cavada', poque elas no rojarem fendem a terra à maneira de toupeiras; estas são as mais venenosas de todas, porém mais raras).

***Içã** (pp. 154-155) – '*Formicarum ergo solum illae videntur commemoratione dignae, quae arbores demolium*

⁵⁰ Nota 64 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 176): "Omnes varietates, quae sub *Guainumbi* nomine a Marcgrave describuntur (*Trochilus minimus* Linn.), dicuntur a Lusitans *Pica flor*. Satis sunt cognitae et eleganter descriptae hae parvae, fulgentesque aves".

⁵¹ Nota 65 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 176): "Absurdum est dicere unam illarum speciem ex Papilione procreati; sed talis per multum temporis viguit opinio".

⁵² Trata-se do esfingídeo (lepidóptero) *Aellopos titan* (Cramer, 1777), que mimetiza o beija-flor [Figura 56].

⁵³ Nota 67 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 176): "*Tantalus ruber* Linn. *Guará* Marcg., quod nomen etiam apud Lusitanos obtinet".

⁵⁴ Nota 15 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 171): "*Boi coral, Cobra coral*. Aut tantummodo *Coral* a Lusitanis nominatur. *Ibiboboca* etiam nomine bene descriptus a Marcgrave Brasil. pag. 240. Alii sunt Serpentes a Seba, La-Cepède, et caet., *Ibibobocae* vocitati: nullus tamen ex eis vere *Boi Coral*, saltem cui hoc nomen est in Paulopolitana Praefectura.

tur: Içã⁵⁵ illis nomen, subrufae sunt, contritae citrum redolent, ingentes sibi excavant domos sub terra. Verno tempore, Septembri scilicet, et deinceps examina foetuum emittunt fere semper pluviam et tonitrua subsequente die, si sol viget: praecedunt parentes⁵⁶, et ore inhianti huc illuc discurrentes omnes implent vias, et crudeliores quam ullo alio tempore morsus infligunt, usque ad sanguinis etiam effusionem: subsequuntur foetus alati, grandiori corpore, statimque evolant domos sibi novas conquiritos, tam multi saepe numero, ut densam faciant super aëra nubem: quocumque autem deciderint, continuo terram effodiunt singuli singulas habitationes construentes, post parvum autem intervallum emoriuntur, et ex cujusque ventre innumeri alii generantur filii, ut mirum non sit tantam esse Formicarum multitudinem, cum ex una tam multae procreentur. Ad harum ergo ex cavernis exitum conveniunt Indi, conveniunt aves, conveniunt Indi, qui percipide hoc tempus expectant, tam viri, quam faeminae; deserunt domos, properant, vurrunt magna cum laetitia et exultatione ad novos fructus percipiendos, accedunt ad ostia cavernarum, et parvas fossas, quas faciunt, aqua implent, ubi stantes contra parentum rabiem se tutantur et foetus ex specubus exeuntes capiunt, implentesque vasa sua, magnas videlicet quasdam cucurbitas, redeunt domum, torrent igni in tesis fictilibus, et comedunt; tosti autem multis diebus servantur incorrupti. Quàm hic cibus gustatu delectabilis, quàm saluber sit, novimus hi, qui experimur. At vero aves similes Hirundinibus, quarum tria sunt genera, conglomerantur in aëre prope innumerae, easque Formicas, quae volatu in altum evasere, mira celeritate secant medias, ventres vorant, caput⁵⁷ cum alis et cruribus relinquunt; et ita fit ut paucae admodum evadant (No entanto, das formigas só parecem dignas de comemoração as que destroem as árvores; estas são chamadas içã; são um tanto ruivas, trituradas cheiram a limão; cavam para si grandes casas debaixo da terra. Na primavera, isto é, em Setembro, e daí em diante, fazem sair o enxame dos filhos, quase sempre no dia seguinte ao de chuva e trovoadas, se o sol estiver ardente; os pais vão adiante e, correndo com a boca aberta de um lado para outro, enchem todos os caminhos, e pregam mordidelas mais cruéis do que em outro qualquer tempo, até fazer sangue; seguem-lhes os filhos com asas, de corpo maior, e logo voam à procura de novas casas para si, tão numerosos muitas vezes que formam uma nuvem no ar; em qualquer ponto que caíam cavam imediatamente a terra, construindo cada um a sua habitação; depois, porém, de pouco tempo morrem, e de seu ventre geram-se inúmeros outros filhos, de maneira que não admira haja tão grande multidão de formigas, quando de uma só nascem tantas. Para ver quando elas saem de suas cavernas, ajuntam-se as aves, ajuntam-se os Índios, que ansiosamente esperam este tempo, tanto homens, como mulheres; deixam as suas casas, apressam-se, correm com grande alegria e saltos de prazer para colher os frutos novos, aproximam-se das entradas dos formigueiros e enchem de água os pequenos buracos que elas fazem, onde, estando, se defendem da raiva dos pais e apanham os filhos que saem das covas, e enchem os seus vasos, isto é, certas cabaças grandes; voltam para casa, assam-nas em vasilhas de barro e comem-nas; assim torradas, conservam-se por muitos dias, sem se corromperem. Quão deleitável é esta comida e como é sadável, sabemos-lo nós, que a provamos. Mas umas aves semelhantes às andorinhas, das quais há três variedades, aglomeram-se quase sem conta no ar, e cortam pelo meio com admirável celeridade aquelas formigas que saem voando, devoram-lhe os ventres, deixando a cabeça com as asas e pernas, e assim acontece que mui poucas escapam).

***Igpupiára** (p. 162) – ‘Sunt, et alii in fluminibus, quos Igpupiára, id est aquam incolentes, dicunt, qui similiter Indos perimunt. Non longe a nobis fluvius est, quem Christiani habitant, quem tranantes olim Indi parvis lintribus, quas ex uno ligno, aut cortice conficiunt, antequam eo Christiani convenirent, saepe ab his summergebantur’ (Há também nos rios outros fantasmas, a que chamam *ipupiara*, isto é, que moram n’água, que matam do mesmo aos Índios. Não longe de nós há um rio habitado por Cristãos, e que os índios atravessavam outrora em pequenas canoas, que fazem de um só tronco ou de cortiça, onde eram muitas vezes afogados por eles, antes que os Cristãos para lá fossem).

***Iguaraguá** (p. 137) – ‘Piscis quidam est (quem Bovem mrimum dicimus, Indi Iguaraguá nominant) frequens in Oppido Spiritus Sancti, et aliis versus Boream habitationibus, ubi aut nulla est, aut exigua admodum et minor quam apud nos frigoris injuria; hic ingentis est magnitudinis, herbis pascitur, quod ipsa gramina depasta scopulis, quos aestuaria alluunt, inhaerentia indicant. Bovem mole corporis superat, cute obtegitur dura, elephantii colorem referenti; duo velut brachia, quibus natat, habet ad pectus, sub quibus et ubera ad quae proprios foetus nutrit, os bovi per omnia similis. Esui est congruentissimus, ita ut discernere nequeas, utumne carnis, an potius piscis loco haberi debeat; ex cujus pinguedine, quae cuti, et maxime circa caudam inhaeret, admoto igni fit liquamen, quod jure butyro comparari, et haud scio an possit antecellere, cujus ad omnia cibaria condienda olei vice usus est: ossibus solidis, et durissimis, quae possint eboris vices gerere, totum corpus est compactum’ (Há um certo peixe, a que chamamos *boi marinho*, os Índios o denominam *iguaraguá*, frequente na Capitania do Espírito Santo e em outras localidades para o Norte, onde o frio ou não é tão rigoroso, ou é algum tanto diminuto e menos que entre nós; é este peixe de um tamanho imenso;

⁵⁵ Nota 58 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 175): “Hoc nomine *Içã* hodie tantummodo designantur Formicae hujus speciei alatae, id est mares, et faeminae: neutrae vero *Formiga carregadeira*; et aliquando nomine generico *Formiga* nominantur”.

⁵⁶ Nota 59 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 175): “Sunt neutrae, quae, retentis liberis, expellunt parentes”.

⁵⁷ Nota 60 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 175): “Caput; et truncus, cum alis, et pedibus Insectorum”.

alimenta-se de ervas como o indicam as gramas mastigadas presas nas rochas banhadas por mangues. Excede ao boi na corpulência; é coberto de uma pele dura, assemelhando-se na cor à do elefante; tem junto aos peitos uns como dois braços, com que nada, e embaixo dele tetas com que aleita os próprios filhos; tem a boca inteiramente semelhante à do boi. É excelente para comer-se, não saberias porém discernir se deve ser considerado como carne ou antes como peixe: da sua gordura, que está inerente à pele e mormente em torno da cauda, levada ao fogo, faz-se um molho que pode bem comparar-se à manteiga, e não sei se a excedera; o seu óleo serve para temperar todas as comidas; todo o seu corpo é cheio de ossos sólidos e durísimos, tais que podem fazer as vezes de marfim).

Jacarê (pp. 142-143) – ‘Sunt et Lacerti itidem fluviatiles, qui Jacarê⁵⁸ dicuntur, magna etiam corporis vastitate, ut possint hominem deglutire, durissimis obtecti conchis, et acutissimis dentibus armati; degunt in aqua, nonnunquam ad crepidinem egrediuntur; ubi contingit ipsos somno gravatos interfici, non tamen sine magno labore et periculo, ut tantae beluae par est; cujus carnes, quae esui aptae sunt, redolent moschum, praecipue testiculi, quibus maxima vis odoris inest’ (Há igualmente lagartos que vivem do mesmo modo em rios, e a que chamam *jacaré*. São estes animais de excessiva corpulência, de modo que podem engolir um homem; cobertos de escamas duríssimas e armados de agudíssimos dentes; passam a vida na água; às vezes sobem até as ribanceiras, onde acontece serem mortos enquanto dormem, não todavia sem bastante custo e perigo, como sucede com o elefante. As suas carnes, que são boas de comer-se, cheiram a almíscar, maxime nos testículos, que é onde está a maior força do cheiro).

Jararaca (p. 144) – ‘Alii vocantur Jararaca⁵⁹, qui frequentissimi sunt in campis, nemoribus, et ipsis etiam aedibus, in quibus saepe eos invenimus, quorum morsum intra viginti quatuor horarum spatium mors subsequitur, quamvis aliquando possit ei adhiberi medicina, et mors evadi. Porro id apud Indos sic habet, ut si semel icti a colubro mortem evadant, percussi deinceps non solum in discrimen vitae non veniant, sed multo etiam minus sentiat doloris, quod non semel experti sumus⁶⁰’ (Algumas, chamadas *jararacas*, abundam nos campos, nas matas e até mesmo nas casas, onde muitas vezes as encontramos; a sua mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas, posto que se lhe possa aplicar remédio e evitar algumas vezes a morte. Isto acontece com certeza entre os Índios: se forem mordidos uma só vez e escapam à morte, mordidos daí em diante, não só não correm risco de vida, como sentem até menos dor, o que tivemos mais de uma vez ocasião de observar).

***Mariguí** (pp. 155-156) – ‘Alii, quae marina aestuaria incolunt, Mariguí vocitati, dira lues; modici sunt admodum, vix possis visu percipere; pungentis, nec pungentem vides; ureris, nec usquam est ignis, unde tibi id molestiae tam subito illatum sit ignoras; si scalpas unguibus, maius damnum contrahis, per duos aut tres dies ardor ille, quem intulerunt corpori, subinde reviviscit, et excitatur’ (Outros, chamados *marigui*, e que

⁵⁸ Nota 18 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 169): “*Lacerta aligátor* Linn. [sic], a Lusitanis *Jacaré* denominatur. Locis *Paulopolis* propinquis sunt incogniti. Magna eorum copia habitat in *Paraguay*, fluminibusque omnibus, quae se in illum evolvunt. Adeo mansueti sunt erga homines, ut ab ipsis facile per oblectationem perticis necantur ponderosus; et tantummodo in opressores irruunt, quum exagitantur, et evadere non possunt. Qui vero degunt in fluviis *Guaporé*, *Mamoré*, *Madeira*, *Negro*, et aliis in *Amazonas* fluentibus, a *Jacaré* *Paraguayensibus* differunt, non solum quia maculam croceam sub colo habent, sed quia corpore maiores, *Crocodilis Niloticis* aequales, et magna ferocitate praediti sunt, ita ut navigantes in lintribus non nunquam adorianur”.

⁵⁹ Nota 22 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 170): “In *Paulopolitana Praefectura* nominantur *Jararaca* tres omnino diversi Serpentes: ille qui maior est ultra 3 pedes longus, dicitur *Jararacáçu*, id est *Jararaca magnus*, et in saltibus praesertim habitat”.

⁶⁰ Nota 23 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 170-171): “Hanc veneni Colubrorum proprietatem nunc Lusitanis, saltem in *Brasiliae* loci subí fui, esse incognitam censeo; nunquam enim de illa sermones audivi; minor attamen fides neque ideo habenda est Authori. Fortasse duo, quos novi, ter icti a Colubris venenosissimis mortem secundo atque tertio, tanquam per felicitatis primae adeptae consequentias, evasissent. Ad funestissimum Colubrorum venenum expugnandum multa sunt Antidota inventa ex vegetabilibus decerpta: eorum autem vires adhuc non sunt plene perpensae atque probatae, sicut par est, ut miseris aegrotis, attentis locis ictis, et veneni qualitibus, recte convenienterque adhibeantur. Unum autem remedium est, quod usque ad annum 1758 habitantibus in *Camapuã*, ubi illud didici, efficacissimum ac certissimum fuerat. (*Camapuã* est Colonia, a quibusdam, sociis Lusitanis ad viatores pro quodam pretio succurrens in *Deserris* sita, in Latitudine Australi 19°, 35’, et in Longitudine Orientali 324°, 8’, 45’’ ex observationibus Astronomicis Doctoris Francisci Josephi de Lacerda et Almeida, nunc Praefecti *Fluminis de Senna* in *Africa Orientali*: sumpto Meridiano ab extrema *Insulae do Ferro* parte Occidentali, ut jam supra annotatum est). Simul ad quisquam a Colubro venenoso mordetur, alius ore, tabaci mansi semipleno, punctionem seu vulnus vehementer fugit, iterum atque iterum spuens, eandemque operationem iterando: deinde ictui imponitur tabaci mansi cataplasma, Ex quo, nulla alia medicina vel cura adhibita, partiens ad solitos labores expeditus creditur. Hanc viam veneni statim extrahendi esse aptissimam, saltem si qua ex majoribus vena non laeditur, ipsamet ratio convincit. Ideirco eadem methodus in rabiosorum Canum morsibus urilissima sane videtur; et in morbo, saepissime desperayo, omnino tentanda”.

habitam à beira-mar, são uma praga terrível; são tão pequenos que mal os podes perceber com a vista; és mordido, e não vês quem te morde; sentes-te queimar e não há fogo em parte alguma; não sabes de onde te veio repentinamente semelhante incômodo; se te coças com as unhas, maior dor sentes; renova-se e aumenta por dois ou três dias o ardor que deixaram no corpo).

Pirâcema (pp. 136-137) – *‘Tunc et fluviorum incrementa, et camporum inundationes maximae, quo tempore egressa alveo ad edenda ova ingens piscium multitudo inter herbas parvo cum labore capitur, quae anteactae famis de fluviorum confusione contractae aliquanrum relevat et pensat iniuriam. Hoc tempus tanquam superioris inopiae levamen cupide expectatur, quod Indi pirâcema, id est, piscium exitum vocant, bis enim quotannis Septembri ferme et Decembri, et aliquando seapius relictis amnibus se herbis in brevi aqua ad et parienda ova inferunt; aestate autem, cum maior camporum alluvio est, copiosiora egrediuntur agmina, quae et parvis retibus et ipsis etiam manibus sine ullo alio instrumento capiuntur’* (Então, há não só enchentes de rios, mas grandes inundações dos campos; nessas condições, uma imensa multidão de peixes, que saem da água para por ovas, deixam-se apanhar sem muito trabalho entre as ervas, e compensam por algum tempo o dano causado pela fome que trouxera a subversão dos rios. Assim, esse tempo é esperado com avidez, como alívio da passada carestia; a isto chamam os índios *piracema*, isto é, ‘a saída dos peixes’; porquanto, duas vezes cada ano, quase sempre em setembro e dezembro, e algumas vezes mais frequentemente, deixam os rios e se metem pelas ervas em pouca água para desovar; mas no estio, como é a maior a inundaçã dos campos, saem em mais consideráveis cardumes e são apanhados em pequenas redes e até com as mãos, sem apresto algum).

†**Pirá-iquê** (p. 141) – *‘Quodam anni tempore infinita propemodum capitur piscium multitudo, quod ab Indis Pirâiquê, id est, íscium ingressus dicitur; conveniunt enim innumeri ex diversis maris partibus, ingrediunturque angusta quaedam, et brevía aestuaria ad edenda ova⁶¹. Sed hoc mirum, et omnium consensu comprobatum, manifestoque compertum experimento; praecedunt ad superficiem aquae decem aut duodecim ex grandioribus velut exploratores, omnemque circumeuntes et considerantes locum, siquid forte acceperint injuriae, quasi insidias praesentientes regrediuntur alio agmen suum deducturi. Si autem (quod jam cautum est, ne scilicet ingredientibus quid irrogetur molestiae) omnia in tuto, locumque aptum esse viderint, regressi innumeram piscium multitudinem per angusta ostia introducunt (totus enim iam septus est, relicto solum arcto ingressu, locus, quod facile propter aquae brevítatem potest fieri): ubi conclusi, et succo cujusdam ligni, quod Timbô Indi vocant, inebriati nullo labre capiuntur, frequenter plusquam duodecim milla piscium magnorum; et hoc quidem multis locis commune est, ita ut aliquando cunctis abunde capientibus, in litore reliquantur expositi⁶². Saluberrimi sunt in hac regionis pisces, possuntque toto anno sine detrimento valetudinis, sine metu Scabiei, quae his nusquam est, etiam in infirmitate comedi’* (Em certa quadra do ano apanha-se uma infinita quantidade de peixes; a isso os Índios chamam *pirá-iquê*, isto é, ‘entrada de peixes’; porquanto vêm inúmeros deles de diversas partes do mar, entram para os lugares estreitos e de pouco fundo do mar, a fim de porem as ovas. O que vou agora referir é admirável, mas unanimemente comprovado e verificado por notória experiência; dez ou doze dos maiores sobem à tona d’água como exploradores, e olhando e examinando o lugar todo, se porventura lhes fazem alguma ofensa, voltam, como que pressentindo a traição, para conduzir a outra parte o seu rebanho. Se porém (o que já foi acautelado, para que com certeza nenhum mal façam aos que têm que entrar) tudo lhes parece estar em segurança e veem que o lugar é apropriado, introduzem, voltando, uma multidão de peixes por estreitas entradas (pois que já todo o sítio está cercado, deixando apenas uma pequena abertura, a qual se pode com facilidade fazer, por causa da pouca porção de água); encurralados aí e embriagados com o suco de um certo lenho que os Índios chamam *timbô*, são apanhados sem o mínimo trabalho muitas vezes mais de doze mil peixes grandes. Isso é de tal sorte comum em muitos lugares que, quando os apanham em abundância, os deixam atirados na praia. Os peixes são muito saudáveis nesta terra e podem-se comer todo o ano sem prejudicar a saúde, e até na doença, sem receio da sarna, que aqui não existe em parte alguma).

†**Rahû** (p. 153) – *‘Gignuntur in arundinibus Vermes quidam terestres, et oblongi, albi toti, unius digiti crassitudine, quos Rahû appellant Indi: hos igni assos et tostos solent comedere, tanta vero est eorum multitudo acervatim congesta, ut ex eis fiat liquamen, quod liquato ex Sue non est dissimile, cujus et ad emollienda coria, et ad vescendum usus est. Ex his alii Papiliones fiunt, alii exeunt in Mures, qui sub ipsis arundinibus sibi domos construunt, alii autem in erucas, quae corrodunt herbas, convertuntur⁶³’* (Nascem entre as taquaras certos bichos roliços e compridos, todos brancos, da grossura de um dedo, aos quais os Índios chamam *rahû*, e costumam comer assados e torrados. Há-os em tão grande porção, indistintamente amontoados, que fazem com eles um guizado que em nada difere da carne de porco estufada; serve não só para amolecer

⁶¹ Nota 9 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1912: 168): “maximam horum piscium copiam constituit *Mugil albula* Linn. [sic], qui in Brasilia a Lusitanis *Tainha* nuncupatur”.

⁶² Nota 12 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1912: 168): “Jam pisces in litore non deferuntur; maxima enim eorum pars sale aspersa, et postea excicata in omnem Praefecturam fertur”.

⁶³ Nota 57 de Lara e Ordonhes (*in Anchieta*, 1812: 175): “*Anchieta* mirabilis Insectorum metamorphoseos expertus omnino, vulgarem opinionem secutus, Insecta in *Mamalia*, ex larvas in larvas transformari creditit”.

o couro, mas também para comer-se. Deles uns se transformam em mariposas, doutros saem ratos, que constroem a sua habitação debaixo das mesmas taquaras, outros porém se transformam em lagartas, que roçam as ervas)⁶⁴. [O adulto dessa larva é representado na Figura 57].



Figura 57. Adulto de *Myelobia smerintha* (Lepidoptera, Crambidae).

Sariguéa (p. 151) – ‘*Est et aliud Vulpeculae fere simile (quod Indi Sariguéa⁶⁵ dicunt) quod magnum ex se emittit faetorem et Gallinarum esu maxime delectatur: hoc habet in inferiore parte alvi folliculum quendam a summo ad deorsum divisum, quo ubera operiuntur; in quem, cum primum editi sunt, ingressi foetus, singuli singulis uberibus adhaerent, nec inde exeunt, donec matris auxilio minime indigentes, per se jam stare et gradi valeant, imo et post matris occisionem incolumes vix possunt ab ejus uberibus divelli. Occidimus jam multa, inter quae unum cum septem filiis illo folliculo inclusis⁶⁶*’ (Há também outro semelhante a uma pequena raposa (e ao qual os índios chamam *sarigüeia*), que exala mau cheiro e gosta muito de comer galinhas; tem na parte inferior da barriga uma espécie de saco dividido de cima a baixo, em que estão escondidos os seios, e entrando para ele os filhos quando os pare, agarra cada um em sua teta e dali não saem até que, não precisando mais do auxílio materno, possam ficar em pé e andar por si; mas antes, depois da morte da mãe, só com muita dificuldade podem ser arrancados vivos de suas tetas. Já matamos muitas e entre elas uma com sete filhos encerrados na mencionada bolsa).

***Tamanduã** (pp. 149-150) – ‘*Est et aliud animal deforme visu, Indi Tamanduã vocant⁶⁷; Canem quantumvis magnum corporis mole excedit, sed cruribus breve est, parumque a terra surgit, et propterea tardum, quod possit ab homine cursu praeverti. Setarum (quae nigrae sunt cinericiis intermistis) horrore, et prolixitate Sues longe superat, praecipue in cauda, quae setis oblongis, aliis a summo ad deorsum, aliis ex transverso dispositis munita est, quae ictus armorum et excipit et propulsat: cute dura obtegitur, non facile sagittis pervia, quae in alvo mollior est. Collo est producto, et tenui, capite exiguo corporis magnitudini longe dispari, ore rotundo, unius aut ad summum duorum annulorum mensuram continenti, lingua protensa, tres palmos longa, ea solum parte, quae per os educta potest extendi, praeter eam, quae intus manet (quod ego mensus sum), quam emittens solet ad Formicarum cavernas protendere, quam cum undique ipsae repleve*

⁶⁴ Pereira (1941) publicou um excelente trabalho sobre esse assunto.

⁶⁵ Nota 46 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 173): “*Didelphis opossum* Linn. Diversa sunt illi nomina ab Authoribus imposita: a Lusitanis vero vocatur *Gambá*; et quondam etiam *Cerigaõ*”.

⁶⁶ Nota 47 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 173-174): “*Anchieta* adeo bonus horum animalium generationis speculator fuit, ut fortasse primus scripserit, quod vere accidit. Crediderunt multi in eorum marsupio magnum illud Naturae arcanum operari; nunquam enim ullum gravidum invenerunt. Sed si accurate perquirerent, in errorem non inducerentur: contra vero foetus in utero generari, et ex illo adhuc parvissimos ejici in marsupium, ubi vires, perfectionem, et incrementum capiunt, cognoscerent”.

⁶⁷ Nota 39 de Lara e Ordonhes (in Anchieta, 1812: 173): “*Myrmecophaga jubata* Linn. *Tamanduã guaçú* Lusitanis, id est *Tamanduã magnus*; in Petropolitana Praefectura alia est species nuncupata *Tamanduã mirim*, id est *parvus*, scilicet *Myrmecophaga tetradactyla*”.

rint, intra os recipit, et haec est communis ipsius esca. Mirum tantum animal tam parvo cibo ali. Brachia habet robustissima, magnae crassitudinis, hominis femori fere aequalia, quae armata sunt unguibus durissimis, quorum unus maxime omnes omnium bestiarum unguis magnitudine longe vincit: nemini, nisi in sui defensione nocet: cum ab aliis bestiis impugnatur, sedet clunibus, sublatisque brachiis expectat incursum, et uno ictu penetrat viscera et necat: esui est convenientissimum, bovinam carnem credas, nisi quod ejus carnes languidiores sunt' (Há também outro animal de feio aspecto, a que os índios chamam *tamandúá*. Avantaja-se no tamanho ao maior cão, mas tem as pernas curtas e levanta-se pouco do chão; é, por isso, vagaroso, podendo ser vencido pelo homem na carreira. As suas cerdas, que são negras entremeada de cinzento, são mais rijas e compridas que as do porco, maxime na cauda, que é provida de cerdas compridas, umas dispostas de cima a baixo, outras transversalmente, com as quais não só recebe, como rechaça os golpes das armas; é coberto de uma pele tão dura que é difícil de se atravessar pelas flechas; a do ventre é mais mole. Tem o pescoço comprido e fino; cabeça pequena e mui desproporcionada no tamanho do corpo; boca redonda, tendo a medida de um ou, quando muito, dois anéis; a língua distendida tem o comprimento de três palmos só na porção que pode sair fora da boca, sem contar a que fica para dentro (que eu medi), a qual costuma, pondo-a para fora, estender nas covas das formigas, e logo que estas a encham de todos os lados, ele as recolhe para dentro da boca, e esta é a sua refeição ordinária; admira como tamanho animal com tão pouca comida se alimente. As patas dianteiras são robustíssimas, de grande grossura, quase iguais à coxa de um homem, as quais são armadas de unhas muito duras, uma das quais principalmente excede em comprimento as de todas as demais feras; não faz mal a ninguém, senão em sua defesa própria; quando acontece ser atacado pelos outros animais senta-se e, com as patas dianteiras levantadas, espera o ataque, de um só golpe penetra-lhes as entranhas e mata-os. É saborosíssimo; dirias que é carne de vaca, sendo todavia mais mole e macia).

Tapíira (p. 150) – ‘*Est aliud animal satis frequens esui aptum, ab Indis Tapiíra*⁶⁸, *ab Hispanis vero Anta dicitur; ea credo, quae Latinis Alce nominatur: Mulae similis bestia, cruribus aliquanto brevior; pedes habet trifidos, superius labrum prominentissimum, colore est inter Camelum et Cervum medio in nigro declinante: nitissim vidierigit se jubarum loco per cervicem torus ab armis ad caput, in quo erectior aliquantulo totam frontem armat, et viam sibi per nemorum condensa discretis hinc inde lignis aperit: brevissima est cauda nullis munita jubis: sibilum ingentem vice vocis emittit: die dormit et quiescit, nocte huc illuc discurrens*⁶⁹ *diversos arborum fructus pascit, et cum hi defuerint, cortices: cum a Canibus lacessitur, morsibus resistit et calcibus, aut in flumina prosilit, diuque latitat sub aqua, quam ob rem juxta fluvios frequentius versatur; ad quorum oras solet etiam terram effodere et argillam mandere*⁷⁰. *Hujus ex tergo faciunt Indi cetras, duratas solummodo ad solem, sagittis omnino impervias'* (Há outro animal, bastante frequente, próprio para se comer, chamado pelos Índios *tapiira* e pelos espanhóis ‘*anta*’; julgo que é o que em latim se chama ‘*alce*’. É uma fera semelhante à mula, um pouco mais curta de pernas; tem os pés divididos em três partes; a parte superior do beicho é muito proeminente; de cor entre a do camelo e a do veado, tendendo para o preto. Levanta-se-lhe, pelo pescoço, em vez de crinas, um músculo desde as cruces até a cabeça, com o qual, como é um tanto mais alto, arma toda a frente e abre caminho por espessos bosques, separando os ramos daqui e dali. Tem a cauda muito curta, desprovida de crinas; dá um grande assobio em vez de grito; de dia dorme e descansa; de noite, corre de um lado para outro; nutre-se de diversos frutos, e, quando não os há, come as cascas das árvores. Quando perseguida dos cães, faz-lhes frente a dentadas e coices, ou lança-se ao rio e fica por muito tempo debaixo d’água; por isso vive quase sempre perto dos rios, em cujas ribanceiras costuma cavar a terra e comer barro. Do seu couro, endurecido, apenas pelo sol, os Índios fabricam broquéis completamente impenetráveis).

Tatú (pp. 152-153) – ‘*Est et aliud animal satis frequens apud nos (Tatú vocant) in cavernis subterraneis per campos habitans, cauda et capite Lacertis fere simile; durissima concha sagittis impervia, armaturae equi persimili, totum desuper corpus contectum: velocissime terram effodit, ut se protegat; cum vero se intra sua tecta receperit, nisi crus arripias, frustra in ipso extrahendo fatigaberis, tam pertinaciter enim conchis, ac pedibus adhaeret terrae, ut etsi caudam apprehendas, eam potius a corpore, quam ipsum ab antro possis divellere: gustui est satis delectabile'* (Existe também outro animal muito comum entre nós (chamam-no *tatu*), que habita pelos campos em covas subterrâneas, e quase semelhante aos lagartos pela cauda e cabeça. Tem o corpo coberto da parte de cima por uma concha muito dura, impenetrável às flechas, semelhantes à armadura de um cavalo. Cava com muita velocidade a terra para se esconder; quando se mete em sua toca, se não lhe arrancares a perna, de balde te cansarás em puxá-lo para fora; agarra-se à terra com as conchas e os pés com tanta força que, embora lhe segures a cauda, mais fácil será destacar-se esta do corpo, do que ele da cova; é de delicioso sabor).

⁶⁸ Nota 40 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 173): “*Tapir americanos* Linn. A Lusitanis dicitur *Anta*”.

⁶⁹ Nota 41 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 173): “*Die quoque pascitur, et ad vitandos sedandosve Tabanorum Culicumque morsus, et calorem in fluminibus natat et mergitur; sed non gregatim, ut scribit Sapientiss. Gmelin. Equidem ego multos Tapiíaras solivagos, aliquando duos, aut tres tantummodo gregatos in fluviis, et desertis inter Paulopolim, et Cuyabá per sexcentas fere leucas frequentissimi vidi*”.

⁷⁰ Nota 43 de Lara e Ordonhes (in *Anchieta*, 1812: 173): “*Argillam falsam, sicut pleraque animalia, lingit*”.

13. OS ICONES ANIMALIUM QUADRUPEDUM VIVIPARORUM ET OVIPARORUM, O NOMENCLATOR AQVATILIVM ANIMALIVM E OS ICONES AVIUM OMNIUM DE GESNER (1560)

Os Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum (Gesner, 1560a)

Na segunda edição de seus *Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum*, Gesner (1560a) incluiu três mamíferos brasileiros citados sob seu nome tupi. À página 96 [Figura 58] tratou do *sagoin* e do *haüt* ou *haüti*, este último baseado na obra de Thevet, que vimos acima:

‘ANIMALIS quod Sagoin uulgò appellant (nomine forsan Brasiliae incolis usitato, unde nuper aduectum est) iconem perpulchrè & accuratè expressam, Petrus Coudenbergius⁷¹ doctissimus celeberrimusq’ Antuerpiae pharmacopaeus mihi communicauit. Sagoini animalis inquit in epistola) imaginem mitto ad uiuum delineatam secundū omnes dimensionis. (*Pictura quam misit magnitudo, undique tripla ferè ad nostram erat: an uerò animal ipsum quam pictura exprimitur maius non sit, ignoro*). Viuidum admodum erat, agile ac timidum. Pilis erat mollibus admodū. Vuis passis uescebatur sole siccatis, & pane albo modico. Cornatis hîc quinquaginta diuenditum est, auctū ex Brasilia, forsan ex Simia parua & Mustela procreatum, miscentur enim ibi uaria animalia, propter regionis caliditatem. Nusquam de eo quicquam legi. Sicille: nos eius uerbis & specie ipsa animalia inuitati, Galeopithecus nominabimus. GERMAN. Ein frömd thier, kurtzlich vf dem nütwen land Bresilia gen Antorff [Antuérpia] gebracht, anzesähen den Fleerkatzen etwas gleych.

O Nomenclator Aqvatilivm Animantium (Gesner, 1560b) [Figura 59]

À página 318 [Figura 60] dessa obra Gesner reproduziu a figura do *Tamohata* de Thevet e comentou:

“OSTRACION Americae./ Rigatur America (inquit/ Andreas Theuet) fluminibus e-/gregijs, limpidissimis & piscifis./ Intercaeteros unumpraecipua ad-/miratione dignum uidimus, pau-/lòminorem noftro Harengo:qui/ à capite ad caudã infar Tati par-/uae(in eadem regione) quadrupe-/ dis, armatus etueluti loricatus eft./ Caput ei praegrande & enorme./ siconferas ad reliquūcorpus,ossa/ intra fpinam dorfi tria continet.Editur ab incolis,quorum lingua uocatur Tamouhata.Sic ille,e-go propter cruftas illas ueluti lammās, quibus munitur,Oftacionis nomen, adiecto Americae uo-cabulo,ut à Niloo differat,pulchrè ei conuenire opinor Iconem ab ipfopofitam qualemcunq’ imi-/rati sumus: nisi quòd denticulos pictor noster exprimere neglexit.

GERMANICAE Ein anderer fisch auch mit schalen gewapnet wirt in dem neütwen land/ America gefunden.”

À página 365 citou o *houperou* e o peixe anônimo deThevet [Figura 61], reproduzindo a figura deste último. O comentário de Gesner é o seguinte:

“Andreas Theuetus Defcriptionis Americae ca-/pite 67, quod de Infula Muriū inscripsit.Iuxta hanc/ infulam (inquit) ettotius Americę oram inuenitur/ piscis quidam rapax,& Syluestribus (hominibus, il-/lic degentibus) terribilis, Leonis aut Lupi famelici/ instar, Houperou fua lingua nominant. Deuoratis/ alios pifces,uno tantum excepto , qui paruo Cypri-/no aequalis, assiduus illi comes eft, fue occulta qua-/dam naturae consensione: siue quoniam cum eo tu-/tus securusq’ degat, ut nihil ab alijs pifcibus ei sit me-/tuendum. Huperus ille hominem quoq’ in mari pi-/scantem (folent autem illi nudi piscari) si consequa-/tur, demersum strangulat, aut saltem corporis par-/tern quancunq’ dente cõtigerit, laniatam aufert. Ab/ eo Syluestres in cibo abstinent:si quando tamen ui-/uum comprehenderint, quod faciunt aliquando se/ ulciscendi causa, sagittis confodiunt. Haec ille deHu-/pero, cuius formam non exprimit , ego ex Canum/ genere esse diuinãrim. Et mox de alio eiusdem re-/gionis pifce, cuius effigiem quoq’ ex libro eius mu-/tuat hîc addimus. Et cum aliquandiu adhuc (inquit) ijs in locis moraremur, inter alios pifces pere-/grinos, quorum nullus apud nos reperitur,duos uidi ualde monftrosos, à quorum gutture barbae/ infar tanquam gemina capre ubera dependebant; reliqui uerò corporis speciem adiuncta hîc pictura representat. Hucusq’ Theuetus: nos ab ea quam ei tribuit forma Aegomastum uel Mastopo-/gonem nomuninare hunc piscem poterimus”.

⁷¹ Fischer (1792: 195-196) declarou: “Auf der Borgerhout bey Antwerpen befass der Apotheker-Meister, Peter Coudenberg, ein fleissiger und gelehrter Mann, einen botanischen Garten, worinn ausser einer Anzahl gewöhnlicher einfacher Arzneymittel mehr als 400 Gattungen gremden Kräuter, die er mit grossen Fleisse und Aufwonde überall her zusammen brachte, und hieher verpflanzet”.

ANIMALIS quod Sagoiu uulgo appellant (nomine forsan Bretiliæ incolis uſitato, unde nuper aduectum eſt) iconem perpulchrè & accuratè expreſſam, Petrus Coudenbergius doctiſſimus celeberrimiſq; Antuerpiæ pharmacopœus mihi communicauit, Sagoiu animalis (inquit in epiſtola



imaginem mitto ad uiuum delineatam ſecundū omnes dimensiones. (*Pictura quam miſiſi magnitudo, undique tripla ſerè ad noſtram erat: an utrò animal ipſum quam peſ ſera exprimitur manu non ſit, ignoro.*) Viuidum admodum erat, agile ac timidum. Piliſ erat mollibus admodū. Viuis piliſ uſcebatur Sole ſiccatis, & pane albo modico, Coronatis hîc quinquaginta diuenditum eſt, aduectū ex Breſilia, forſan ex Simia parua & Muſſela procreatum, miſcentur enim ibi uaria animalia, propter regionis caliditatem. Nuſquam de eo quicquam legi. Sic ille: nos eius uerbis & ſpecie ipſa animalis inuitati, Galeopithecum nominabimus.

GERMAN. Ein ſchôn thier: ſurglich vſ dem nûwen land Breſilia gen Antioſſ gebiacht; außſehen den Meerſagen etwas gleych.

IN America (inquit Andreas Theuetus) reperitur animal corpore ſupra modū deformi. incolæ nominant Haÿti uel Haÿti, magnitudine Cercopitheci Africani (quem Galli uulgo Guenon appellant) ſatis magni. Venire ad terram ualde demiſſo, capite & facie ſerè infantis, ut appoſita pictura ad uiuum facta oſtendit. Captum quoq; ſuſpirare doleſtis infantis inſtar ſolet. Pellis ei cinerea, & parui Vri modo uilloſa. Pedibus terniſolū unguis hærent, quatuor digitos longi, ſimiles magnis Cyprinorum ſpinis: quibus per arbores reptit. in his enim frequentius quàm humi degit. Cauda tres digitos longa, paucis & rariſ pilis. Hominiſ uui carnem nunquam guſtare uiſum eſt: quanquam incola aliquando longo tempore (abſq; alio cibo) ipſum retinuerint, ex periundi gratia. Galli quidam aliquando per ſyluam deambulantes, duo huius generis animalia in excelsæ arboris cacumine, icſtu ſclopeti deiecerunt: ex quibus alterum ualde læſum fuit: alterum attonitum duntaxat, & mihi donatum. quod cum ad dies ſerè uiginti ſex ſeruarem, cibo & potu omni abſtinuit, in eodem ſemper ſtatu: & tandem à Canibus noſtris occiſum eſt. Putant aliqui hoc animal uiuere ex foliſ ſolis arboris cuiuſdam, quam uernacula lingua Amahut uocant. ea præ cæteris excellentiſſima eſt, foliſ perexiguis ac teneris, in hac quoniã ut plurimum degit hoc animal, ab eius nomine Haÿti appellatum eſt. Si manueſcat, hominem deamat: & in humeros eius aſcendere ſubinde cupit: quod ferre nequeunt incolæ nudi: cum unguis eius peracuti ſint, & longiores quàm Leonis aut ullius alterius feræ nobis cognita. Toto hoc tempore quo ipſum ſub dio retinui, quanuis multoties plueret, à pluuijs nunquam madefactum eſt. Hæc ille. Nos Arctopitheci nomen huic animali ponemus: nam Pappio dictus uulgo, hoc eſt Dabha Syrorum (quem olim Arctopithecum poſſe dici ſuſpicabar) Hyæna nunc mihi uidetur.



CATI

Figura 58. O sagoiu e o haÿti ou haÿti, segundo Gesner (1560a).

NOMENCLATOR
AQUATILIVM ANIMANTIVM.
ICONES ANIMALIVM A-
quatilium in mari & dulcibus aquis de-
gentium, plusquàm DCC. cum nomen-
claturis singulorum Latinis, Græcis, Itali-
cis, Hispanicis, Gallicis, Germanicis,
Anglicis, alijsq; interdum, per cer-
tos ordines digestæ.

EXPLICANTUR autem singulorum nomina ac nominũ rationes, præ-
sertim in Latina & Græca lingua uberrimè: & nominum confirmandorum causa
descriptiones quorundam, & alia quadam, præsertim in magno nostro De aquatili-
bus volumine non tradita, adduntur: de quibus singulis Rondeletij, Bellonij, Saluiani, &
nostra sententiæ explicantur brevissimè.

PER CONRADVM GESNERVM TIGVRINVM.

Le Figure de pesci e d' altri animali, Il quali uiuono nel' acque
salse e dolci, più che D C C.

*Les Figures & pourtraicts de plus de DCC. poissons & autres bestes aquati-
ques tant de la mer, que des eaux douces.*

Figuren vnd Contrafacturen von allerley fischen vnd anderen thieren/die im
meer vnd süßen wasseren gefunden werdend/mee dan D C C.

CVM Priuilegijs S. Cæsaræ Maiestatis, ad annos octo, & poten-
tissimi Regis Galliarum ad decennium.

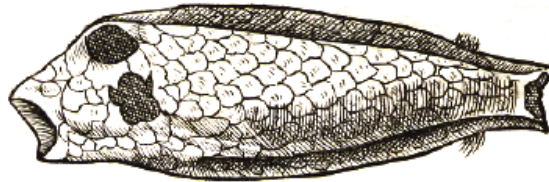
TIGVRI EXCVDEBAT CHRISTOPH. FROSCHO-
VERVS, ANNO M. D. LX.

Figura 59. Frontispício do *Nomenclator aquatilium animantium* de Gesner (1560).

318 De Piscib. simpliciter, Pars III.

que diximus Sphyrænam si uocari posse, & fortè iustius.

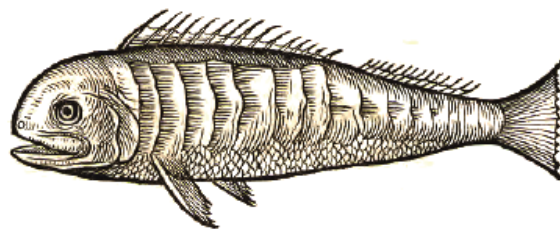
GERM. Antuerpiæ crebrò capitur, & Hautin nominatur, Rondeletius. (Quidam ex inferiori Germania, Mænulam mihi interpretatus est Houtinck. sed Acum Aristotelis etiã secundum Rondel etium, aliqui Houtinck nominat.) Nostra lingua, si libet, uocemus ein Spiznaß.



OSTRACION Nilii, quem Bellonius ficto nomine Holosteum appellat. Vidimus (inquit) piscis Nilotici sceleton holosteum, à circulatoribus circumferri, quo exenterato, incolæ testam illam duram qua contegitur, pentagonâ ferè, multos annos incorruptam seruant. Viuus in cauda penicillum habet: & pinnas supra infraq; caudam; ac rursus pinnam altam utrinq;. oculos albos, os paruum: Color ei lactescit, & uelut in pallidum languet. Longus interdum ad pedis mensuram est. ¶ Ego Ostracionem hunc piscem nominandum conijcio, nam & testam Ostraci instar duram habet: & ὀστρακίον piscis à Strabone inter Nilooos numeratur. ¶ Quidam nuper Holostei piscis nomine Picæ (ut uocant) Indicæ rostrum, inconsideratè descripsit.

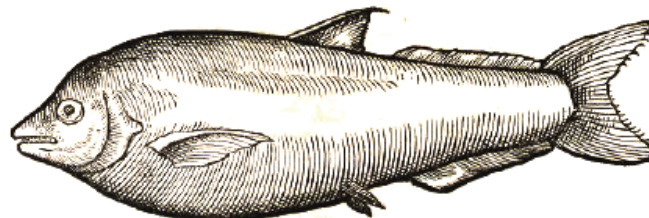
GERM. Ein frembder fisch auß dem fluß Nilo in Egypten/ ist mit einer herten schalen bedekt/ von welcher man in mag ein Schalsfisch nennen.

OSTRACION Americæ. Rigatur America (inquit Andreas Theuet) fluminibus egregijs, limpidissimis & piscosis. Inter ceteros unum præcipua admiratione dignum uidimus, paulò minore nostro Har engo: qui à capite ad caudâ instar Tati parua (in eadem regione) quadrupedis, armatus et ueluti loricatedus est. Caput ei prægrande & enorme, si conferas ad reliquū corpus. ossa intra spinam dorsii tria continet. Editur ab incolis, quorum lingua uocatur Tamouhata. Sic ille, ego propter crustas illas ueluti laminas, quibus munitur, Ostracionis nomen, adiecto Americæ uocabulo, ut à Niloo differat, pulchrè ei conuenire opinor. Iconem ab ipso positam qualemcunq; imitati sumus: nisi quòd denticulos pictor noster exprimere neglexit.



GERMANICE Ein anderer fisch auch mit schalen gewapnet/ wirt in dem neuwen land America gefunden.

Piscis huius qualem à bono & docto uiro figuram accipi, talem exhibeo, nec certè aliquid statuo, Rondeletius. Sed inquirendum diligentius, primùm an exet huiusmodi piscis: & si exat, quod es apud ueteres nomen. Glanis quidem si esset, Siluro similior esse debebat. ¶ Piscem alium (inquit idem) pro Glanide usurpant nonnulli, q ab Heluetijs Salut nominatur, &c. nos huc pro Siluro pictū dabimus.



GLANIS

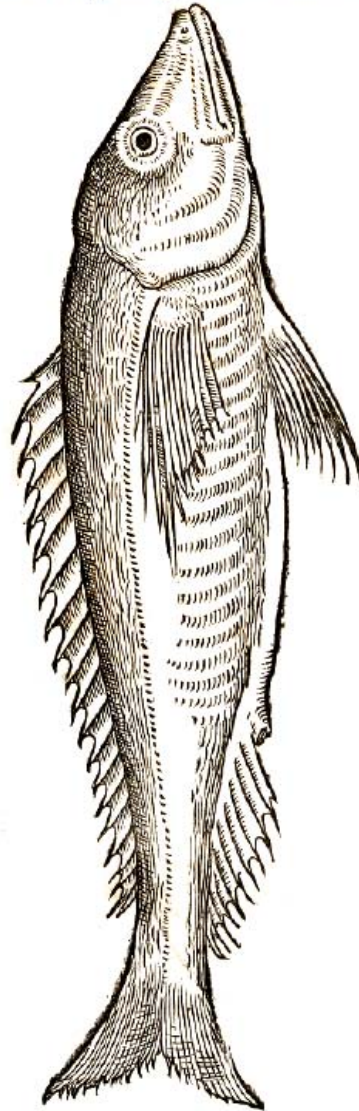
Figura 60. Página 318 do *Nomenclator Aquatilium Animalium* (Gesner, 1560b).

Afelli primi sive Merlucij iconem hanc Venetijs natum, ubi Mollo nominatur.

81. 20. pro, Caput I. Os.

Pag. 87. ad finem Ordinis quinti addenda erat piscis hinc sequentis cum sua descriptione icon.

Andreas Theuetus Descriptionis Americæ capite 67. quod de Insula Muriū inscripsit. Iuxta hanc insulam (inquit) & totius Americæ oram inuenitur piscis quidam rapax, & Syluestribus (hominibus) illic degentibus) terribilis, Leonis aut Lupi famelicæ instar. Houperou sua lingua nominant. Deuorat is alios pisces, uno tantum excepto, qui paruo Cyprino æqualis, assiduus illi comes est, siue occulta quadam naturæ consensione; siue quoniam cum eo tutus securusque degat, ut nihil ab alijs piscibus ei sit metuendum. Huperus ille hominem quoque in mari piscantem (solent autem illi nudi piscari) si consequatur, demersum strangulat, aut saltem corporis partem quancunque dente cõrigerit, laniatam aufert. Ab eo Syluestres in cibo abstinent: si quando tamen uitium comprehenderit, quod faciunt aliquando feulciscendi causa, sagittis confodiunt. Hæc ille de Huperou, cuius formam non exprimit, ego ex Canum genere esse diuinârim. Et mox de alio eiusdem regionis pisce, cuius effigiem quoque ex libro eius mu-



Huperus homicida.



tuati hinc addimus. Et cum aliquandiu adhuc (inquit) ijs in locis moraremur, inter alios pisces peregrinos, quorum nullus apud nos reperitur, duos uidi ualde monstrosos, à quorum gutture barbæ instar tanquam gemina capre ubera dependebant: reliqui uerò corporis speciem adiuncta hinc pictura representat. Hucusque Theuetus: nos ab ea quam ei tribuit forma Aegomastum uel Mastopogonem nominare hunc piscem poterimus.

Pag. 93. pro uersu 42. & duobus sequentibus delendis: ita. Est in litoribus Noruagicis (inquit) Olau magnus in Historia regionum Septentrionalium: ex quarum Chorographia seu Tabula per eundem authorem edita, iconem quoque adiunximus) uermis glauci (al' flau) coloris, longitudo dicitur XL. cubitorum, & amplius, uix spissitudinem infantis brachij habes, is lineæ modo, ita ut eius progressus difficulter percipi queat, per mare se trãsmittit, nemini noxius, nisi humanis manibus prellus: unde contactu tenerrimæ cutis eius tangentes digiti intumescunt. Vexatus & detentus à cancris, tortuosum cursum euadendi gratia attetat: sed frustra. Cancer enim brachijs suis, quasi den-

*Aegomastum.
Mastopogon*

Figura 61. Página 365 do *Nomenclator Aquatilium Animalium* (Gesner, 1560b).

Os *Icones avium omnium* de Gesner (1560c)

Na segunda edição desta obra (Gesner 1560c) [Figura 62], o autor incluiu uma figura do tucano (Gesner, 1560c:130) [Figura 63], chamando-o *Pica bressillica* e declarando que um bico do animal lhe havia sido dado por um tal Io. Ferrerius Pedemontanus, e que o resto do corpo acrescentado à figura desse bico, com base na descrição de Thevet (‘*PICA bressillica, cuius rostro Io. Ferrerius Pedemontanus summae eruditionis uir me donauit, quod hic expressi, reliquum corpus ex Galliae Antarcticae descriptione Andreae Theveti Gallicè edita adieci*’). Citou o nome *toucan* dado por Thevet.

ICONES AVIVM OMNIVM QVAE IN HISTORIA AVIVM CONSTAT A DI GESNERI DESCRIBVNTVR, CVM NOMENCLAVTIS SINGVLORVN LATINIS, ITALICIS, GAL- LICIS ET GERMANICIS PLERVNQVE, PER CERTOS ORDINES DIGESTAE.

EDITIO secunda, cuius aliquot Iconibus accessit.

I Ritratti e le figure de gli ucelli.

LES Figures & pourtraicts des oiseaux.

Die Figuren vnd contrafacturen der vögelt.



CVM Privilegijs S. Caesaris Maiestatis ad annos octo,
& Christianissimi Regis Galliarum ad decennium.

TIGVRI EXCVDEBAT C. FROSCHOVERVS,
ANNO M. D. LX.



Clavis XXXVII.

Figura 62. Frontispício dos *Icones avium omnium* de Gesner (1560c).

AD ORDINEM II. DE AVIBVS NOCTURNIS.

Caprimulgus, Aegotheta, depictus ad scleton à Petro Bellonio nobis donatum, magnitudine ferè Merula, hoc est, dupla q̃ hic exprimitur. Rostrum ei breue, exiguum, ténue, superiori eius parte leuiter adunca. extremitas acuta & angusta est, ad caput ualde latū. fauces am plæ. Crura ad pedes usq; hirsuta. Digiti pro portione perpari & tenues. Vnguituli illiusqui me dium dignam prælongum arant, squamæ ab altera parte ferræe sunt. Cauda, ut apparet, le nga, Color tota corpore uariis, partim fuscus, partim maculis rufis dilinctus, in cauda dorsoq; & minonibus alarum penis admodum uariis & pomèria notatis. Species tota necnil ad A podem uel Cypselum accedere uidentur. In libro quidem de aubus Gallicè edito, aliam a nem Vltate unopios generis, pro Caprimulgo exhibuit Bellonius; de qua leges supra pag. 16. po stea uero illum, quem hic damus, eum ueracem agnitum ad me misit: cuius zntia etiam penas, Caprimulgo nomine à doctissimo Turnero accepit. Horū ego auctoritati facillè acquiesco.

GER. Wagem Wiltz
suger/oder Geißelwider
gencht werden den Ceii
schen (so wil mir sey zu
wißsen) wobel ſt. wurde
erwan in Frankreich ge
funden.



AD ORDINEM III. DE AVIBVS VOLACIBVS, QVAB
rapaces non sunt, maioribus ac medijs.

PICA. Bruffilica, uti rostris in Formis Pidem ornas si famose eruditio si si me demit, quod hic expressi, reli quos corpas ex Gallic. Annot. sic descriptioe Andree Theam Gallicè editi adiect. Rostrum hoc primogeni um (quæ Formis) tant est omni dicitur Bruffila regone a launze on maioru (ut referre quis in illo loco ad riuu re ueruaru) Pica nostra. Is qui mihi hoc rostrum peritit, eam a amia sin a amri pipere: quo quidem compositioe ite piane, & non digere, sed ita uti agit. uti que pipere rgehi magne m apud illas regionu uoclar effrasat. come ruz, mris uerem eo hede. Epleriq; illa de eadē ueritrua, que omnia uerū sūt, non sicut dicitur in Hæc illa. qui postea etiam pilleo de peffore cam plenis uerem el croco colere splendatūno palcherrimiq; infigras, qulquam crepata uigrae est, uti quod rade inuam & extremis uelera, i ad me rali. Rostrum ei ferè ruffas & longi est quā uel quare corp at rade Andree Theam: quod est fuculo cretū as, quod si uerū uerū inlar mris breue, & ferè pilleo dera, les fere uel & casu est, alitū inlar capax: quanto breu hoc estam si peculiarit, quod odorandi mcau carca. in uera eam inuam: et fuculo puerari addeat: in si quā sperare felle, facill frangi peratūro frua, quod odoros eam drematūno si uera fuculo aidem, ut inuere ut aliquid comer. An uerū eam alit obitu caca hat uelut dicit, quibus rostrum per rno dicit probolere, si uerū ad hanc & an uerū. An ipte ab hoc reri inuam dicitur Bark yndarum Barkhatharum & pilleo quidam appellat possit. Toum ab Amice uerū uerū. Lege Theam rā. 45. libri rru rru.

GER.M. Ein Johans der vogel/lych der geist/lygeant ben dñchel. Ein Pfeffervogel. Pfefferfref.



Morin-

Figura 63. Tucano, segundo Thevet (1560c: 130).

14. A TRISTE SINA DOS SAGUIS LEVADOS PARA PORTUGAL POR RODERICH LINZ EM 1564, SEGUNDO CLUSIUS (1605)

Em seu *Exoticorum libri decem* [Figura 65] Clusius (1605: 371-372) escreveu:

‘DVM Vlysipone haerebam, ex Fernambuco sive Pernambuco Brasilianorum memini advectos fuisse sub Decembre initium anno Christi millesimo quingentesimo sexagesimo quarto cum Psittacis illis, de quibus supra dictum est, Cercopithecus quosdam non magnâ corporis molle praeditos, sed minore quàm supra enumerati, eosque satis prolixis villis tectos gilvi coloris, quibus similes postea mihi non sunt conspecti: habebant illi peculiarem quandam notam, quam in nullo alio istius generis animali observavi: nam suavem quandam, moschi quodammodo instar, spirabant odorem: & Rodericus Lincius [Roderich Linz], qui eos advexerat, mihi affirmabat omnes istius generis similem odorem exspirare.

CETERVM Ioannes Leri cap. X. Historiae suae Americanae alterius cujusdam generis meminit, quod apud Brasilianos Tououpinamboutios est frequentissimum, & ab ipsis *Cay* appellatur, pusillum etiam, sed nigri coloris, quod maxima ex parte in silvis versatur, & potissimum peculiaribus quibusdam arboribus insidere solet, ferwentibus siliquis perinde crassas ut nostrae majores fabae, quarum fructu vescuntur.

HVIC formâ non absimilem advehebat etiam cum Psittacis, & odorato illo Cercopithecorum genere Rodericus Lincius, sed unicum, reliquis ejus generis in itinere mortuis: quia toto trimestri tempestatibus jactatus in itinere haeserat: longè verò elegantioris erat coloris, quàm is qui à Leri describitur. Illius igitur formam quum memoriae impressam adhuc retineam, & ejus nativam iconem coloribus expressam postea nactus fuerim, facere non potui, quin in tabellâ incisam hîc subiicerem & Lectoris communicarem [Figura 64].

CERCOPITHECVS SAGOVIN.



Figura 64. O sagui representado por Clusius (1605).

ERAT autem, quem videbam, Sciuro minor, & adeò delicatulus, ut molli villosaque pelle fovendus esset ob aëris frigidiores asperitatem: rostrum & capitis pars anterior leoninam quodammodo formam referebant, fuscoque colore cui rubedo quaedam permixta, erant praedita: aures albicantibus villis erant hirsutae, quibus ruber color etiam admixtus: guttur et pectus longioribus villis partim fuscis, partim albis tecta habebat: reliqui pili per corpus sparsi nigri & albi, radiatim à dorso ad ventrem alternis erant dispositi: cauda etiam, quae longa erat, similis coloris pilis alternatim erat tecta: venter nigris pilis tectus: crura breviores albi pili quadam rubedine infecti tegebant: pedes in quinque digitos non valdè longos fissi, albis unguibus erant praediti: breviter elegantiorum videre non memini. Vivus adhuc erat, quum insequente Ianuario Vlysipone, Hispalim prefecturum, discederem: an porrò in Germaniam, quò destinârant, missus fit, nihil intellexi’.



Figura 65. Frontispício do *Exoticorum libri decem* de Clusius (Charles de l'Écluse) (1605).

Esse ‘Rodericus Linsius’ citado por Clusius era Roderich Linz (ou Rodrigo Lins, como era conhecido no Brasil), neto de Zimprecht Linz von Dorndorfe, filho de Hans Linz⁷². Roderich nasceu em 1530, e chegou a Pernambuco em 1554, ou antes, provavelmente como enviado de seu tio paterno Sebald (‘Cibaldo’ ou ‘Sibaldo’ no Brasil) Linz, via Lisboa. Nada mais se sabe de sua vida, exceto que, com sua escrava Felipa Roiz, uma índia Cariri (nascida em 1535, falecida em Pernambuco antes de 1593; cf. Wiederspahn, 1962: 315), teve uma filha, a mameluca Anna Lins (Wiederspahn, 1962: 315). Durante a visitação do Santo Ofício a Pernambuco (1594-1595; cf. Mello, 1970) e o julgamento de Branca Dias (cf. Assis, 2002), Anna Lins, ‘[fora] mandada por seu pai, o alemão Rodrigo Lins, à casa da denunciada para aprender a coser e lavar, numa espécie de escola para moças que ela [Branca Dias] mantinha em sua casa na vila de Olinda, onde Anna permaneceu dos cinco aos oito anos. Ela denunciou Branca, seu esposo Diogo e suas filhas por seguirem o descanso sabático, falarem mal da hóstia na missa de domingo e cultuarem uma cabeça toro [sic, a Torá] sem cornos. Anna ainda denunciou o cristão-novo Bento Teixeira por ler a Bíblia traduzida para Violante Ferreira, uma das filhas de Branca’ (Fonseca e Silva, 2007).

Roderich teve um trágico fim. Andresa Jorge, filha de Branca Dias, em seu processo na Inquisição (fac-símile em PT/TT/TSO-IL/028/06321), declarou que, segundo sua mãe, Rodrigo Lins fora morto pela filha, que lhe teria dado uma ‘peçonha’ (Mello, 1970; Wiederspahn, 1962: 315).

⁷² Hans Linz teve, além de irmãs, dois outros irmãos, gêmeos – Bartholomäus Linz e Sebald Linz. Bartholomäus teve um filho com Maria Rocha, que batizou de Sebald em homenagem a seu irmão, que posteriormente também se fixaria em Pernambuco; foi senhor do engenho Maranhão, em Porto Calvo (AL); casou-se com Cosma de Barros Pimentel (Barreto, 1960: 272; Wiederspahn, 1962: 320). Sebald Linz (o irmão de Bartholomäus) nasceu em Ulm em 7.12.1508 e morreu em Lisboa ou Setúbal ca. 1590. Fixou-se em Lisboa em 1552, agente dos Fugger de Augsburg. Casou-se em Lisboa em 1553 com Jácoma Mendes. Seu filho Christoph Linz era bastardo, nascido em Ulm (Alemanha), de uma jovem camponesa de nome desconhecido. Criado em Ulm, transferiu-se para Portugal a chamado de seu pai, que lhe obteve os privilégios de equiparação à cidadania portuguesa e que o enviou, entre 1566 e 1572, para Pernambuco, a fim de cooperar com seu meio-irmão Bartholomeu Jacome Lins. Em 1576 casou-se, em Olinda, com Adriana de Holanda. Em Pernambuco, aparece citado pela primeira vez como participante da conquista das terras do Cabo de Santo Agostinho, durante a guerra dos Caetés, como capitão da gente da Várzea do Capiberibe. Também como capitão, tomou parte na conquista da Paraíba, entre 1585 e 1586, tendo construído um forte no local onde hoje se encontra a capital daquele estado (João Pessoa). Repelindo os índios potiguares no futuro distrito de Porto Calvo (Alagoas), assumiu o controle da área, promovendo seu povoamento e lançando as bases para a fundação da vila do mesmo nome, com a promessa da mercê de tornar-se Alcaide-Mor, em 1600. Em 1602, residia num de seus engenhos, em Porto Calvo, possuindo grande quantidade de gado. Faleceu, após 1602, em Porto Calvo (Wiederspahn, 1962: 316).

15. O TRATADO DA PROVINCIA DO BRASIL (ca. 1571a) E O TRATADO DA TERRA DO BRASIL (ca. 1571b) DE PERO DE MAGALHÃES DE GÂDAVO

O historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo era filho de pais flamengos oriundos da cidade de Gand, donde seu apelido. Nasceu em Braga por volta de 1540. Foi professor de latim e português no norte de Portugal e secretário na Torre do Tombo, esteve no Brasil provavelmente entre 1558 e 1572, para trabalhar na fazenda do governo da Bahia. Faleceu em Braga por volta de 1580.

Devemos-lhe três obras sobre o Brasil: o *Tratado da Província do Brasil* e o *Tratado da Terra do Brasil*, manuscritos talvez escritos ao redor do ano de 1571, dos quais a lista dos animais citados é examinada na sequência, e a *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (impresso em 1576), a ser tratada no capítulo 16.

Os animais por ele arrolados em 1571 foram os seguintes:

Boiteninga. Gândavo, ca. 1571a: fól. 45r, linhas 1259-1265 (cf. Pereira Filho, 1965: 229 (“Outra geração ha dellas q’ lhe chamaõ Boiteninga, tem na ponta do Rabo hũa cousa q’ soa propriamête como cascauel & por onde anda esta cobra vay sempre anda rogindo. He hũa das feras bichas q’ ha na terra”), ca. 1571b: fól. 41r.

***Giboiosú.** Gândavo, ca. 1571b: fól. 41r.

Giboyassú. Gândavo, ca. 1571a: fól. 44r-44v, linhas 1240-1252 (cf. Pereira Filho, 1965: 225, 226) (“Hũas ha taõ grandes e taõ disformes q’ engollem hũ veado todo inteiro, & affirmaõ q’ tem esta cobra tal quallidade que de pois de o ter comido arrebenta pella barriga e quanta carne tem pello corpo apodreçe e fica sómente no espinhaço cõ a cabeça e a ponta do Rabo saõ e tanto q’ desta maneira fica torna pouco a pouco a criar carne noua ate que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitam^e como dantes. Jsto viraõ e expremêtarãõ muitos jndios e moradores da terra. A esta chamaõ pella lingua dos jndios Giboyassú”) 1576: 1238-1254.

***Hebijara.** Gândavo, ca. 1571b: fól. 41v.

Hebijára. Gândavo, ca. 1571a: fól. 45r, linhas 1265-1271 (cf. Pereira Filho, 1965: 229) (“Outras q’ lhes chamaõ hebijáras, tem duas bocas hũa na cabeça outra no Rabo mordem com ambas, esta cobra he branca e mui curta, o mais do tempo está debaixo da terra he personhentissima sobre todos, quem desta for mordido naõ terá vida muitas oras”).

‡**Japarana.** Gândavo, ca. 1571b: fól. 41v.

Japparána. Gândavo, ca. 1571a: 45v, linhas 1274-1277 (cf. Pereira Filho, 1965: 231) (“Ha outra quallidade dellas que naõ tem dentes nem mordem. Estas naõ saõ peçonhentas nẽ tampouco muito grandes, chamaõ lhe Japparánas”), 1576: 1274-1277.

***Paca.** Gândavo, ca. 1571b: fól. 26r, 1576: 21r (“tem o focinho redondo, & quase da feiçam de gato, & o rabo como o da Cotia. Sam pardas & malhadas de pintas brancas por todo o corpo. Quando querem guisallas pera comer, pelamnas como leitam, & nam nas esfolão, porque tem hum coiro muy tenro & sabroso, & a carne tambẽ he muito gostosa, & das melhores q’ há na terra”), 1858: 357.

Pacca. Gândavo, ca. 1571a: fól. 28r, linhas 766-769 (cf. Pereira Filho, 1965: 161) (“Há outros animais maiores q’ lebres q’ se chamaõ Paccas tambẽm tem carne muito sabrosa”).

***Surucucú.** Gândavo, ca. 1571a: fól. 44v-45r, linhas 1254-1259 (cf. Pereira Filho, 1965: 227, 229) (“Outras ha muito maiores e mais peçonhentas doutra casta differête. Saõ taõ grandes entanto extremo que a penas desaseis índios podiaõ levar hũa q’ matareõ junto da costa antre os portugueses, a esta cobra chamaõ Surucucú”), ca. 1571b: fól. 41r.

Tatú. Gândavo, ca. 1571b: fól. 26r-26v (“Hũs bichos ha nesta terra q’ tãbem se comẽ e se tem pella melhor caça que ha no matto, chamãolhes *Tatús* saõ tamanhos como coelhos e tem hũ casco a maneira de lagosta como de cagado, mas he Repartido em muitas Juntas como laminas, parece totalmente hũ caualo armado, tem hũ Rabo do mesmo casco comprido, o foçinho he como de leitaõ, e naõ bota mais fora do casco q’ a cabeça, tem as pernas baixas e criãõ se em couas a carne delles tem o sabor quasi como de gallinha. Esta caça he muito estimada na terra”).

Tatú. Gândavo, ca. 1571a: fól. 28r-28v, linhas 769-783 (cf. Pereira Filho, 1965: 161) (“Hũs bichos há nesta terra q’ tãbem se comẽ e se tem pella melhor caça que ha no matto chamaõ lhes *Tatús* saõ tamanhos como coelhos e tem hũ casco a maneira de lagosta como de cágado mas he repartido em muitas juntas como laminas, parece totalmente hũ cauallo armado, tem hũ Rabo do mesmo casco comprido o foçinho he como de leitaõ, e naõ bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas e criãõ se em couas, a carne delles tem o sabor quasy como de galinha. Esta caça ê muito estimada”).

16. A *COSMOGRAPHIE UNIVERSELLE* DE THEVET (1575)

No segundo volume de sua *Cosmographie Universelle* (Thevet, 1575) [Figura 66] o autor forneceu muito mais informações sobre a fauna brasileira; entretanto, muitos nomes foram estropiados, dificultando sobremaneira a identificação das espécies a que se referem; outros nomes foram aí publicados pela primeira vez. Extremamente interessante é a inclusão de um mito Tupinambá sobre a origem de certas plantas e animais, que transcrevemos *in extenso* abaixo.

LA
COSMOGRA
PHIE VNIVERSELLE
D'ANDRE' THEVET COSMO-
GRAPHE DV ROY.



ILLVSTREE DE DIVERSES FIGVRES DES
CHOSSES PLUS REMARQVABLES VEVÈS PAR
l'Auteur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes.

TOME SECOND.



A PARIS,
Chez Guillaume Chaudiere, rue S. Iaques, à l'enfeigne du
Temps, & de l'Homme fauuage.

1575.

Aucc Priuilege du Roy.

Figura 66. Frontispício da *Cosmographie Universelle* de Thevet (1575).

As espécies citadas foram:

- Agoutin** (fól. 935v) – ‘vn petit animal, nommé *Agoutin*, grand comme vn lieure, ayant le poil cōme vn Sanglier, droit & esleué, la teste cōme celle d’vn gros rat, les oreilles & gueulle comme le lieure, la queuë seulement d’vn pouce, tout herissé sur les doz depuis la teste iusques au bout de la queuë, & l’ongle fendue cōme vn pourceau, viuant de fruits seulement. Il n’y a si gros brochet au monde qui ait les dents plus aigues, & qui sont plus gentimente dentelé que ce petit animal. Les Sauuages en nourrissent pour leur plaisir, ioint que la chair en est fort bōne & delicate, ce que je sçau pour en auoir plusieurs fois mangé’; (fól. 937v); (fól. 946r) – ‘il se fait plusieurs incisions sur la poitrine, & autres parties du corps, auev vne Sie faite de dents de l’Agoutin, & se decoupent si gentiment, que vous diriez que c’est vn collet dechiqueté’.
- Aiouroiou** (fól. 945r) – ‘disoient que nous Aiouroiou, (ainsi nos nomment ils, combien que ce soit vn nom d’vne espece de gros Perroquetz)...’.
- Aiouroub** (fól. 939r) – ‘Ces Sauuages ont encore diuerses sortes de Perroquets, tous differentz les vns des autres. Il y en a vn plus verd que tout autre, lequel ils nomment *Aiouroub*’.
- ***Andura** (fól. 992r) – ‘Andura, qui ne signifie autre chose qu’vne espece de Chauue-Souris, lesquelles souuent quand ils dorment les mordent iusques au sang’.
- Annon** (fól. 939v) – ‘Outre vous y pouuez voir vn oiselet de la grandeur d’vn passereau, lequel est tout noir, & vit d’vne façon estrangere: car des qu’il est saoul de formiz, ou autre telle vermine, qui est sa pasture, il s’en va sur quelque arbrisseau sauter & voltiger de hault en bas, de branche en branche, sans aucun repos, assez long temps. Et pense que nature la ainsi enseigné, à fin d’aider à sa digesion, à fin aussi que la viande ne luy nuise dans son ventre: & le nomment ceux du pais *Annon*’.
- Apiroupsou** (fól. 919v) – ‘en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.
- Apyropsou** (fól. 913r): ‘lesquels [Sauuages] nous apoterēt vne beste grosse cōme vne vache, nōmee *Apyropsou*, cuicte & boquonee à leur façon’; (fól. 919v).
- ***Arat** (fól. 929v) – ‘l’autre est garny des plumages tresbeaux d’vn oyseau, qu’ils nomment *Arat*, lequel est tout rouge comme fine escarlate, & grand comme un Heron’.
- Cacuycu** (fól. 951v) – ‘En ce pays des Vases vous voyez vne espece de Mones, que les Sauuages apellent *Cacuycu*, de grandeur esgalle aux communes, sans autre difference, sinon que cestecy porte barbe au menton, comme vne cheure, & est ceste beste des plus enclines à luxure que lon sçauroit trouver’.
- Capiigouare** (fól. 916r): ‘Si c’est une fille, on luy pend au col des dens d’vne beste qu’ils nomment *Capiigouare*, c’est à dire, viuant d’herbe, à fin disent-ils, que leurs dens soient meilleures & plus fortes à manger leurs viandes’.
- Capugouare** (fól. 946v) – ‘Après on leur lie les bras & le corps d’vn fil de cotton leur mettant au cul des dens d’vne beste qu’ils nomment *Capugouare*, c’est à dire herbe mangeant, ou viuant d’herbe, à fin disent elles que leurs dents soiēt plus fortes à mascer leur breuuage qu’ils appellent *Kaouin*’.
- Carinde** (fól. 939r) – ‘Et puis que i’ay tant parlé des oyseaux rares & differens aux nostres, lesquels on trouue en ces cartiers là, ie vous diray, qu’il ne s’en trouue vn plus beau, ou qui excede en perfectionou rareté, celuy que les Sauuages appellent *Carinde*. Vous ne sçauriez vous garder de louer celuy qui est louurier d’vn si bel ourage. Car le *Carinde*, n’estant plus grand en sa proportion que vn gros Corbeau, est à admirer, è celuy qui le voit, car depuis le ventre iusques au gosier il a ses plumes plus iaunes que l’or le plus fin qu’on puisse voir. Les aisles et la queuë, laquelle il a fort longue, son de couleur finement azurre, & le reste diuersité du meslange de ces couleurs. Il s’en trouue encor d’vne autre espece, pareille en grandeur, mais different en plumage. Car au lieu que l’autre a le iaune, cestuy est plus viuement rouge que l’escarlate, & le reste asuré. Ces oyseaux sont genres de Perroquets, ayant le bec, la teste & voix de tout semblables aux Perroquets. Ceux du pays en font grand compte, & le tiennent si chers, que à grand peine souffrent ils, que vn estranger en aye queà bonnes enseignes: à cause que troys ou quatre foyz l’an ils en tirēt les plumes, pour en faire chapeaux, & en garnir leurs boucliers & especes de boys: & aucuns en font de pieces de tapisserie, aussi belles quelon sçauroit souhaiter, & autres choses exquises qu’ils composent cotumierement. Ces oyseaux *Carindes* son si priuez, qu’ils se retirent tout le long du iour sur les arbres ioignant les loges des Sauuages, & sur le soir les vns se retirent dans icelles loges, les autres s’en vont dans les boys prendre leur repos, san faillir toutesfois le lendemain se retrouver au lieu accoustumé, ne plus ni moins que font noz Pigeons à se rendre dans noz maisons, où ils font leur nids.
- Caycoupt** (fól. 939v) – ‘Ie ne passeray sous silence vn oyselet, que ie pense estre le plus petit qui soit en l’vniuers, n’estant point plus gros & grand que vn cerf volant, mais il est si beau que merueilles en ceste grande petiteesse, ayant le bec longuet & menu, lequel chante si doucement, que ie ne sçay si le Rossignol luy doibt estre esgallé, veu que cela porte presque impossibilité, que vn si doux son qu’il iette en chantant, puisse se nourrir en si petit corps, & lequel n’est susceptible que de bien peu d’ait pour causer son chant, & se nomme *Caycoupt*’.
- Cirat** (fól. 919v) (ver *Heirat*) – ‘en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs ani-

maux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçavoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Jaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.

Coaty (fól. 937r) – ‘Iamais ne mangent chair de beste rauissant, ou qui se nourrisse d’ordure, & ne se soucient d’en appriouiser, comme seroit çe *Coaty*, qui est vn animal rauissant, & qui vit de proye, se tenant pres des ruisseaux, lequel est grand comme vn Renard de ce pays, ayant le museau d’vn pied de long, noir comme vne taupe, & menu comme celuy d’vn rat, le reste enfumé, le poil fort rude, la queuë grosse, & semblable à celle d’vn chat sauvage, martelé de blanc & noir, avec les oreilles d’vn renard, & presque les mesmes ruses & finesses’.

†**Coujou** (fól. 918v) – ‘aussi tost qu’ils eurēt gousté des fruits & legumes qui estoient au feste d’icelle, furent changez & transformez en Criquez & Grillons, qu’ils appellent Coujou’.



Figura 67. O *Haüt* (Thevet, 1575).

Haüt, **Hauthi** (fól. 940v-949v)– ‘Il y a encor vn arbre fort hault (...), que les Barbares comment *Amahut*, sur lequel se retire ordinairement vne beste, autant difforme, & presque incredible qu’il en soit de telle, qui ne l’auroit veu par experience: Et la nomment ceux du pays *Haüt*, ou *Hauthi*, à cause qu’ils ont opinion qu’elle vit des feuilles dudict arbre *Amahut*. Ceste beste est esgalle en grandeur à vne grosse Guenon, que l’on apporte d’Afrique, ayant son ventre auallé & proche de terre, quoy qu’elle soit debout. Sa face & teste sont presque semblables à vn enfant, la chair de laquelle n’est non plus plaisante à manger que celle d’vn viel dogue, dautant qu’elle est grossiere, & fade en son goust: tout aussi que les Sauvages du pays ont ceste folle persuasion de croire que ceux qu’en vseroient à peine eschaperoient des mains de leurs ennemis, dautant qu’elle est lente à son marcher: & autant en disent ilz de plusieurs autres desquelles ie vous ay cy deuant parlé. Ce *Haüt* estant pris, iette de grans souspirs, ne plus ne moins que feront vn homme atteint de quelque grande & excessive douleur: & a sa peau velue, & toutes fois fort clere & de couleur grise. Elle n’a que trois ongles à chaque pate, que sont longs de quatre doigtz, faits en forme des arestes d’vne carpe, avec lesquelles griffes elle grimpe sur les arbres, où elle fait plus de residence qu’en terre & a la queuë longue seulement de trois doigtz, ainsi que vous pouuez cognoistre par la figure cy apres tiree, & prise du naturel [Figura 67]. Au reste, cest vn cas fort estrange du *Haut*, que iamais homme viuant ne seuroit dire l’aouir veu manger de chose quelconque, quoy que les Sauvages en ayent tenu long temps (ainsi qu’ils m’ont eux

mesmes recité) dans leurs loges, pour voir s'il viendroit manger quelque cose. Ce que ie n'eusse creu, si la veuë ne m'en eust fait l'espreue. Car quelques vns de noz gens s'en estans allez pourmener dans vn boys de haute fustaye, desquels le pays est fort peuplé, ils veirent deuz de ces bestes sur vn arbre, sur lesquelles ils tirerent, & tomberent toutes deux, l'une fort blecée, & l'autre seulement toute estourdie, de laquelle ils me feirent present. Moy qui estoys curieux de sçauoir la verité de telle chose, sçauoir si elle mangeoit ou non, ie la garday pres d'un moys, sans que iamais elle voulust manger ne boire, ains viuoit tousiours en mesme estat, sans que la veisse point empirer: et à la fin quelques chiens, que nous auoins menez dans noz nauires, l'estranglerent. Ceste beste est fort amoureuse de l'homme, depuis qu'elle est appruiouisee, veu que à tous coups elle se iette sur vos espauls, comme si son naturel ne desiroit autre chose que le haut: mais ses caresses ne plaisent point aux Sauuages, à cause que eux estans tous nuds, ils ne les sauroyent soffrir les ongles du Haüt, qui sont autant ou plus trenchantes que celles d'un Lyon, ou autre beste cruelle & farouche. Quand ie fus arriué par deça, i'enuoyai au docte Allemât Gesnerus la peau de ceste beste cõroiee, & d'autres, ainsi que luy mesmes confesse en ses oueuures. Vn autre cas admirable ie cogneuz en ceste beste, c'est que iaçoit que nuict & iour elle fust attachee hors nostre loge au vent & à la pluye (ce pays y estant fort suiect) si est-ce qu'elle estoit tousiours seiche en son poil, quelque eau qui fust sur elle tombee: Ce qui me faisoit admirer grandement les succez de nature mere de toutes choses'.

Heirat (fól. 940r) – 'Il y a aussi vn animal, que les Sauuages appellent *Heirat*, qui signifie viuant du miel, à cause que tousiours il est dessus, ou autour de cest arbre, pour y chercher le miel que ces mouches y font. Ceste beste est de couleur tannée de la grandeur d'un chat, & est si subtil, qu'il tire le miel des creux des arbres, sans toucher aux mouches avec ses griffes, & sans qu'elles l'offensent aussi de leur equillon [sic⁷³]'.

Hierousou (fól. 966v) – 'Encor s'en y voit d'une autre espece [de rats] nommée *Hierousou* (ainsi les appellent les Besiliens) qui sont plus grands que les *Sohiatan*, mais non si bons à manger, & sont de pareille grandeur que ceux d'Egypte, qu'on appelle Rats de Pharaon'.

Hira (fól. 940r) – 'Les autres [mouches à miel] sont plus petites que celles de par deça, & leur miel meilleur beaucoup sans comparaison que le premier, lequel les Sauuages appellent *Hira* en leur langue'.

Iacare (fól. 918v) – 'Mais le pauvre homme ne se fiant point en ses parolles, s'en alla lauer en vne fontaine là voisine, & tout incõtinent il deuint Crocodile, ou serpent d'eau, qu'ils appellent *Iacare*'.

Iacharap-soub (fól. 954v) – 'Quelques quinze ou seize lieuës auât en terre ferme, & en plat pays, vous voyez vn lac assez beau & spacieux, d'eau douce & plaisante à boire, lequel abonde en poisson de diuerses sortes, avec force *Iacharap-soub*, qui sont des Crocodies grands, & qui toutefois ne sont si fascheux que ceux que i'ay veuz en Egypte, veu que ces Sauuages en mangent ordinairement, dont ils disent que le goust est meilleur, que du poisson qu'ils trouuēt en tout ledit lac'.

‡**Jaona-tonapech** (fól. 919v) - 'en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Jaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre'.

Iarnarh-bouten (fól. 919v) – 'en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Jaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre'.

Iarnare (fól. 919v) – 'en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Jaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre'.

Iarnare-este (fól. 919v) – 'en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Jaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre'.

Iarnarh-bouten (fól. 919v) – 'en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Jaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre'.

‡**Icara** (fól. 918v) – 'Sa femme voulut faire le semblable, & fut conuertue en Tortue d'eau douce, qu'ils nomment *Icara*'.

Ierouiou (fól. 930r) – 'Ils nourrissent bien des Perroquets, nommez *Ierouiou*, à cause qu'ils en font eschange avec les Chrestiens, & ont de ferrailles & autres petites folies'.

‡**Ionacsou** (fól. 919v) - 'en vn moment changez en diuerses formes hideuses & figures de plusieurs animaux

⁷³ As abelhas da tribo Meliponini se caracterizam por não possuírem ferrão!

terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçavoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.

Macouacanna (fól. 937v) - ‘Vous y trouvez pareillement abondance de Faisans, gros comme chappons, mais qui ont le plumage noir, hors mis la teste qui est grisastre, avec vne petite creste rouge, pendante comme celle d’vne poulle d’Inde, & ayant aussi les pieds rouges comme vne Perdrix, qu’ils nomment *Macouacanna* (...). Il en y a abondance, & lesquelles sont beaucoup plus grosses que celles que nous auons par deça’.

***Magata-onassou** (erro por ‘ouassou’) (fól. 916v): ‘comme vn chef de famille des Toupinambaux, se nommoit Magata-onassou, qui signifie vne beste sauvage, que tire au chat Sauvage que nous auons par deça’.

***Marga** (fól. 919v) - ‘en vn moment changez en diverses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçavoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.

Margana (fól. 939r) - ‘autres [perroquets] qui ont des crestes de plume asuree sur la teste, & quelquefois verte: tels oyseaux sont nommez *Marganaz* par les Sauvages’; (fól. 949v) - ‘Il s’en trouue vn autre [arbre], qui n’est du tout si rouge que le susdit, & le nomment les Sauvages *Margatoub*, à cause de certain petit fruit rouge qu’il porte, que les *Marganaz*, qui est, vne espece de petits Perroquetz, mangent sur l’arbre’.

‡**Marganan-tressatá** (fól. 918v) - ‘tout aussi tost firent changez en pourceaux, & en oyseaux, qu’il apelêt *Marganan-tressatá* qui sont espece de Perroquetz’.

***Margata** (fól. 919v) - ‘en vn moment changez en diverses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçavoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.

‡**Miry** (fól. 919v) - ‘en vn moment changez en diverses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçavoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.

Muriphguy (fóls. 951v-952r) - ‘Encor nourrit ce pays vne autre sorte de Guenon, que les Sauvages appellent *Muriphguy*, laquelle est plus iaune que le Sagotiin, approchant de la grandeur d’vn Leuron de pardeça. Il ne fait que saulter d’arbre en arbre, ayant tousiours ses petits entre les bras, ainsi que i’ay veu estât à la chasse: Et bien souvent estans fort pressez, leurs petits leur eschappent, qui soudain sont pilliez par les Sauvages. Ceste beste a la queuë encor plus lōgue que pas vn gère ou espece de Guenon qui soit pardelà: ou ie n’ay veu aucū Singe, ny n’en a vn seul, comme en Afrique & Asie, ou ils sont en abondance’.

‡**Murup** (fól. 917v): ‘de la grandeur d’vne autre que i’ay veuë en leur país, qu’ils appellent en leur langue *Murup*, qui est cōme vne espece de grande Guenon, de couleur ialne, & se plaint comme vn enfant, & qui a la queuë fort longue, & fort difficile à prendre, à cause de son extreme legereté, & que aussi elle saulte d’arbre en arbre comme vn Escurieü’.

***Ourahouassoub** (fól. 915v): ‘des griffes d’vn oyseau de la grandeur d’vn Aigle, qu’il nomment *Ourahouassoub*, & les Canibales *Outa-ouram*: avec ses pleumes d’aisles ou de queuë & vn petit arc & des flesches: & est le tout pendu au lict de l’enfant’; ‘Le Ourahouassoub est le plus redouté, cōme celuy qui vaincq tous les autres, & en prend gorgee’.

***Outa-ouram** (fól. 915v): ‘des griffes d’vn oyseau de la grandeur d’vn Aigle, qu’il nomment *Ourahouasioub*, & les Canibales *Outa-ouram*: avec ses pleumes d’aisles ou de queuë & vn petit arc & des flesches: & est le tout pendu au lict de l’enfant’.

Panonka (fól. 939v) - ‘Mais continuons la description des oyseaux rares & estranges à ceux de pardeça: Entre lesquels s’en voit vn de mesme couleur & grandeur que Corneilles⁷⁴, sinon qu’ils ont le deuant de la poitrine rouge comme sang: & s’appelle cest oyseau en langue sauvage *Panonka*, qui a le bec cendré, & ne vit d’autre chose que du fruit du Ieravua, tout ainsi que le Toucan, comme i’ay desia monstré’.

‡**Pau** (fól. 919v) - ‘en vn moment changez en diverses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçavoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre’.

Pira pouchy (fól. 953) - ‘De poisson il y en a abondance, & nōmemēt d’vne espece, qu’ils nōment *Pira pouchy*, qui signifie autāt, que meschāt poisson: lequel est fort difforme, & naist, cōme tous le croyent, sur le doz du chien de mer, & tant qu’il est petit, il le suyt pour estre deffendu, puis se sentant fort, prend cueur d’aller tout seul, & de faure la guerre aux autres, en ce imitāt la nature de celuy qui en a fait la nourriture’.

‡**Quains-passa** (fól. 945r) - ‘disoiēt que nous Aiouroiou, (ainsi nous nomment ils, combien que ce soit vn nom

⁷⁴ Corneille: *Corvus corax* Linnaeus, 1758 (Passeriformes, Corvidae).

- d'une espece de gros Perroquetz) n'estions point hommes de coeur: mais plutost du naturel de leurs *Quains-passa*, qui sont Guenons, qui vivent en perpetuelle crainte des coups ou de la mort'.
- Sagouin** (fól. 951v) – 'Y a encor des bestes iaunes & petites, lesquelles on nomme *Sagouins*, & nõ seulement en ce pays, mais aussi en plusieurs autres endroits'.
- Sarigóys** (fóls. 919v, 920r).
- ***Sarracou** (fól. 919r) – 'Ce miserable se sentant bruller sans remede, se lança dans vn etang voisin, où tout soudain il fut changé en vn Ralle, qu'ils nomment *Sarracou*, & disent qu'encor il a les pieds, iambes & bec rouges, en souvenance du feu qui brusla celuy qui fut changé en cest oyseau'.
- Sohiatan** (fól. 966v) – 'Te vous ay dit, qu'il y a diuerses especes de Rats, & entre autres i'en y ay veu de tels et semblables, que les Sauuages de Cap de Frie appellent *Sohiatan*, lesquels ont le poil gris, & la chair aussi bonne & delicate à manger, comme celle d'un Lapin, où [sic] petit Leuraut'.
- ***Soubassoub** (fól. 936v-937r) – "Le Cerf & la bische, qu'ils nõment Soubassoub, n'ont le poil tât vny & delié que ceux de par deçà, ains sont fort chargez de bourre, & tressonnez, le poil estant neãtmoins assez long: et ont les Cerfs fort petites cornes, a pris de ceux qui sont entre nous. Les Sauuages en font grand compte, & en vsent à l'endroit de leurs enfans, apres leur auoir percé les leures: car ils mettēt souuent de ceste corne dans le pertuys & incision pourle croistre, ayans opinion qu'elle resiste & est contraire au venin, & qu'elle empesche que aucun mal ne s'engendre en ceste playe. Le me suis rys cent fois d'une folle superstition de ces Sauuages, apres qu'ils ont pris en Cerf ou bische: car pour mourir, quelque belle raison qu'on leur ameine, ils ne mettront ces bestes en leurs loges, qu'ils ne leur ayent couppé iambes & cuisses: car au deuant ne se soucient ils d'y toucher: & ont ceste opinion, que s'ils faisoient autrement, cela osteroit le moyen & à ceux & à leurs enfans, de pouuoir prendre leurs ennemis à la course, & tout ce qu'ils sçauent dire, c'est que leur Pagez leur cõmandent & conseillent. Ils font cuire la venaison à tout sa peau, puis la distribuent à chacun mesnage habitant en mesme loge".
- ‡**Suuiath** (fól. 938v) – 'De ce poiure se nourrit non seulement le *Toucan*, ains encor vn autre oyseau, que les Sauuages appellent *Suuiath*, lequel est de la grandeur d'un Merle, duquel s'en voyent deux especes, l'un tout noir, & l'autre aussi finement rouge que Escarlate, tel que encor i'en ay dans mon Cabinet diuerses peaux que ce peuple escorche'.
- Taiassoub** (fóls. 908r) – 'On y voit aussi des sangliers, mais beaucoup differens aux nostres, à cause qu'ils n'ont point de queuë, & sont demy noirs, fort farouches & cruels, ayans vn euent sur le doz. Les Tibiguereens appellent ces bestes *Phitob*, & les Toupinambaux *Taiassoub*, qui sont peuples habitans le long de ceste riuiere [Ganabara], lesquels ie pense qu'ils ont mis ces bestes en ce país là, por en auoir le plaisir de la chasse'; (fól. 952v, como nome de um índio); (p. 936v) – "Le sanglier, qu'ils nõment *Taiassoub*, est fier & cruel, plus furieux que les nostres, ausquels il ne ressemble point du tout: ayant la mire & dent plus longue & apparête, estant tout noir, sans queuë, & ayât sur le dos vn euent, semblable en grandeur à celuy d'un marsouin, avec lequel il respire en l'eau: et ce Sanglier se voyant pris, iette vn cry fort effroiable, & entend on deloing ses dents claquetter, tant il est chargé de furie & desprit. Si est ce pourtât que les Sauuages en cheuissent, & nous en amenerent vne fois, vn tout lié, qu'ils auoient pris en vne fosse: mais il eschapa, & s'enfuit en nostre presence, sans qu'il fust possible de l'arrester, & moins de l'attaindre".
- Tamohala** (fól. 955).
- Tapihire** (fól. 937v) – 'Il s'y trouue encor là, grande quantité de bestes, appellees *Tapihires*, desirees & recommandees à cause de leur deformité. Aussi les Sauuages les poursuyēt, tant pour en auoir la chair qui en estfort sauoureuse & saine, que pour les peaux, desquelles ils en font des rondelles fort larges, desquelles ils vsent & portent à la gerre, à cause qu'elles sont si dures & fortes, que à grand peine vn trait d'arbaleste les pourroit percer. Et vsent de pareille ruse à prendre le Tapihire, que à tromper les Sangliers, Cerfs & Biches. Ceste beste est de la grandeur d'un Asne, ayant le col plus gros, & la teste cõme celle d'un Taureau, les dents trenchantes & aigues, non que pour cela elle en soit plus dangereuse: car estât chassée, toute sa defense ne consiste qu'à la fuite, & à checher sa retraite, laquelle court plus vistement que ne fait le Cerf. Elle n'a point de queuë, sinon bien peu, & icelle sans poil, tout aussi celle de l'*Agoutin*, cy dessus descrit. Aussi le pied fourchu, & cornue, & le poil rougeastre cõme celuy d'une vache. Qui a causé, que plusieurs des nostres, estant de par delà, appelloient le Tapihire, vache Sauuage: mais il ne semble autant participer de l'Asne que de la vache, veu que la difference y est aussi grande de l'une espece que de l'autre'.
- Tapirousou** (fól. 910v; (fól. 929v) – 'vne beste, qu'il nõmēt *Tapirousou*, que est vne espece d'Asne sauuage, de la grãdeur d'un Taureau, farouche & hideux, & difficile à attaquer'.
- Tattou** (fól. 942r) – '...grãde multitude de *Tattous*, qui sont bestes armees de dents & ongles, de la grandeur d'un Cochon de huit ou dix iours, lesquelles on chasse avec grande diligẽce, à cause que c'est la chair la plus delicate, que ie pẽse auoir gousté de ma vie. Et se trompent Scaliger & Gesnerus en deux sortes, aux liures qu'ils ont faits des bestes quadrupedes, parlât de cest animal. Premierement quand ils disent qu'il est gros comme vn pourceau: secondement, qu'il s'en trouue en la Guynee: ce ie ne leur accoderay iamais, d'autant qu'en toute l'Afrique ny en Asie mesme, il ne se trouue aucune espece de ces bestes, s'il n'y ont esté portees de nostre Antarctique, cõme lon fait pardeça les Elephãs & Lyons d'Afrique'.
- ‡**Tebuch** (fól. 955r) – '[lequel lac] abonde encor vne sorte de poisson qu'ils nõment *Tebuch* autres *Pontarof*, qui signifie poisson larron ou meschant: & luy ont donné ce nom à cause qu'il se tient tousiours en aguet,

pres les bords du lac, pour voir si quelque enfant de sept à huit ans s'y baigne, veu que c'est le peuple quis'adōne le plus à nager que l'on sasche. De sorte qu'il se trouuera telle femme qui passera vne riuiere à nage, son enfant entrel'vn des bras sans l'offenser. Ce poisson dès qu'il verra cest enfant, ne faultra de l'empoigner, l'attirant à soy, non pour le deuorer (car iamais il ne prēd telle nourriture) ains pour s'en iouer: car vous le verrez vser de sa prise, tout ainsi qu'un ieune chat fait d'une souris: chose fort esmeueillable, veu que tantost il le leue en hault puis le tend en bas, puis l'envelope en les aillurons, & tātost le soustient de sa queue. Qui si l'enfant ne se depestre bien tost de ce Tebuch pontarof, il sera en danger d'estre noyé: & dès aussi tost qu'il est mort, le poisson n'en tient plus de cōpte, n'y sentant aucun mouuement, d'autant que son plaisir gist en ce, qu'il sent l'enfant seremuer, & tascher de luy faire lascer sa prise. Or est gros ce poisson comme vn Marsouin, ouplus, quoy qu'il ne soit si long, ayant la teste ronde, laquelle si vous voyez dans l'eau, vous iugieriez que ce fust celle d'un homme, ses oreilles y estans semblables, sauf qu'elles sont plus larges d'environ quatre doigsts, lesquelles ne luy pendent point, ains sont iointes à la teste, où elles demeurent estenduës cōtinuellement. Ses aillorōs sont plus larges que de poisson que i'aye veu, ayāt esgard à sa proportion & grandeur; & l'ont en detestation les Canibales, pour la chose qu'il fait de leurs enfans, & n'en mangeroient pour rien du monde, combien qu'ils le chassent fort serieusement dans leurs Canoues faites d'escorces d'arbres, pour se vanger des torts qu'ils leur fait par ses ruses'.

Thabity (fōl. 937v) – 'I'ay veu vne espece de Lieures, qu'ils nomment *Thabity*, qui est fort petit, la peau claire & fine, & sa chair delicate & sauoureuse'.

Tom (fōls. 936r-936v) – 'En ce pays y a encor vne autre incommodité & indisposition merueilleuse, qui aduient à ceux qui y habitent, par le moyen de certains petits vers, qu'il nomment en leur langue *Toms*, lesquels ne sont guere plus grands ou gros, qu'une des plus petites puces que nous ayons pardeça: & pense que cela s'engendre dans la peau mesme, ainsi que font les cirons: car il y en a quelquefois telle multitude, qu'il se fait vne enflure grosse cōme vne febue, mais qui rend vne douleur extreme & picque la partie offencee. I'ay senty ceste affliction, y estant, & tellement, que ceste vermine penetrait & souliers & botines: mes pieds estoiet tous couverts de petites bubes & bosetes, lesquelles estans creuees, ie trouuois vn verd tout blanc, avec quelque bouë & aposteme. Cette petite meschāte bestiole estāt entree en voz pieds, n'en peut estre tiree entiere: qui est cause de plus grande douleur pource que la teste y demeure, & durāt cela, il est impossible de resister au mal, tant il vous demāge & formille dās la chair. Pour obuier à cela, ceux du pays font vne certaine huile d'un fruit, qu'ils appellēt *Hibou-couhou*, qui ressemble à vne datte, mais ne vault rien à manger. Cest huyle est gardee & reseruee dans de petits vases, faits de gros fuits qu'ils nomment *Caramemo*: & si quelcun est touché, ils en frottent la partie offencee, qui en sent allegeance, ainsi que ie l'ay experimenté. Aussi en oignent ils souuent tout le corps, & mesmement s'ils sont laz, soit de la chasse ou altre besongne. Est encor cest huyle fort singuliere aux playes & vlceres, ainsi que plusieurs des nostres en ont fait l'essay, estant picquez de ceste bestiole le Tom. Ils font d'une autre sorte d'huyle, d'un fruit nommé par eux *Piaput*, qui croist en vn arbre nommé *Hianduf*, lequel fruit est semblable à l'Olive, ou peu s'en fault: dont l'huyle leur sert à pareils vsages, que celui du Hiboucouhou'.

Toucan (fōl. 938r-939r) – 'Or entre les plumages, les plus frequens, desquels ils font trafic, est celui d'un oyseau qu'ils appellent *Toucan* en leur langue, duquel ie vous feray maintenant la description, cōme aussi ie vous donneray cy apres lepourtraict selon le naturel [Figura 68]. Cest oyseau est de la grandeur d'un pigeon, & encor vne autre espece, comme vne Pie, tous les deux de mesme plumage, a sçauoir tous noirs, sauf le bout de la queue, ou ils ont quelques plumes aussi rouge que sang, entrelacees parmy les noires: mais sous la poitrine leur plume est iaune environ quatre doigsts, tant en longueur qu'en largeur: & est ce iaune si fin, pur & excellent, que il est impossible de trouuer couleur plus viue. Les Sauvages ont bien l'industrie d'escorcher ces oyseaux, & mesmement où est ce pennage iaune, lequel ils accomodent à faire des garnitures d'espee à leur mode, & quelques robes & chapeaux, & plusieurs autres choses de plaisir. I'apportay en France vn chapeau riche & fort beau, fait de ce plumage, lequel ie presentay au feu Roy Henry second du nom, comme chose rare & singuliere, digne d'estre admiree, veu la gentillesse de l'oeuvre, où ces Sauvages font le tissu du plumage si mignōnement avec leurfilet d'escorce d'arbre, que à grand peine le sçauoit on faire plus proprement par deça à tout le fil de soye. Au reste, il ne se trouue de ces oyseaux, sinon vers Cap de Frie, & où nous estions sur la riuiere de *Ianaire*, prenant neantmoins lecors du païs, depuis la riuiere de *Plate*, iousques à celle de *Dorlane*. Il est vray, qu'il s'en trouue quelques vns au Peru, mais beaucoup plus petits que les autres. D'enauoir en Mexique, Terre neufve, ou à la Floride, n'en faut point parler, à cause que le pays n'y est de telle temperature, & que cest oyseau ne sçauoit viure parmy la froidure, quil craint merueilleusement. Ce *Toucan* est tres-monstrueux & difforme, entant qu'il a le bec plus gros & long presque que tout le reste du corps: & n'est point aquatique, comme plusieurs l'ont pensé, car i'en ay veu l'experience au contraire, d'autant qu'il se recule tousiours le plus qu'il peult des riuires. Cest oyseau ne vit que de certains fruiets parmy les boys, où il fait ordinairement sa residence, & mange aussi de certains poiure long & rouge, duquel se trouuent deux especes, l'un plus long que l'autre, & le plus petit est fait tout ainsi qu'une fraise, vn peu toutefois plus pointu, & se nomme *Quéin Apoia*: le plus grand s'appelle en leur paroyz *Quéin Boucoup*. De ce poiure se nourit non seulemēt le *Toucan*, ains encor vn autre oyseau, que les Sauvages appellent *Suuiath*, lequel est de la grandeur d'un Merle, duquel s'en voyent dex especes, l'un tout noir, & l'autre aussi finement rouge que Escarlatte, tel que encor i'en ay dans mon Cabinet diueses pax que ce peuple escorche. Quand ces oyseaux ont mangé de ce poiure, en quelque lieu qu'il fientent, soit sur vn ro-

cher ou ailleurs, ceste matiere, bien digeree & cuitte, ou non, ne faudra de prendre en terre, & se conuertir en herbe, tout ainsi que si lon y auoit semé de ce mesme poiure susnommé, & deuiet ceste herbe, haulte d'une couldee & demye, & dauantage quelquefois. Le Toucan encor vit d'un fruit nommé *Ieravna*, qui croist en vn certain arbre, à la façon d'un pruneau verd, & est ce fruit tout rond. L'arbre qui le porte, est assez gros & grand, & tout espineux, tirant sur le noir, & est dur à merueille: & pour telle dureté plusieurs Sauuages en font des flesches. Ses feuilles sont semblables à celles d'un Palmier, sans nulle difference. Ils en mangent par faute d'autre pasture, à cause que le goust n'est guere delectable. J'apportay trois becs de ces Toucans venant par deça, qui me furent donnez des Sauuages, avec plusieurs autres plumages & peaux de diuers oyseaux, & icelles de couleurs diuerses, les vnes rouges comme escarlate, les autres iaunes comme or, & aucunes autres. Comme le plus fin turquin que homme vit oncques, & de plusieurs autres sortes & couleurs'.



Figura 68. Tucano (Thevet, 1575: fól. 938v).

*

No Livro XII, Cap. VI (fólios 918r-920v), Thevet transcreveu um longo e precioso mito dos Tupinambá (*Povrsvytte des transformations & croyances de ce peuple*⁷⁵) sobre a origem de certas plantas e animais:

'Ces galands, pour faire bonne leur marchandise, & à la fin de tenir les simples en frayeur de leur puissâce, pource qu'ils se disent demy-dieux (car Caraibe emporte cette signification) qui font les comptes des Metamorfoses & transformations faites iadis par Maire-monan & ses successeurs, encontre ceux qui leur resistoient & ne vouloient croire à leur doctrine, & suyure leur mandement, desquels ils font les recits en ceste sorte, ainsi que i'ay ouy discourir à de bons viellards, que sentoient allegeance du tourment que les malins esprits leur donnent, par l'inuocation du nom de Iesus-Christ. Or en parloient ils en telle maniere, qu'il sembloit encor, qu'ils craignissent ceste conuersion, si les Pagez et Caraibes s'aigrissoient contre leur simple vieillesse: & estoient leur comptes de telle substâce. Et premierement nous parla il de la maniere, comme la racine, de laquelle ils font la farine, leurs estoit esloignee. Il fut vn temps (disoit-il) quil y eut vne grandee famine en ceste terre, si que les habitans mouroient presque tous

⁷⁵ Reproduzido em Denis (1850: 86-91).

de faim, & entre autres estoit vne pauvre femme, chargee d'enfans, laquelle les enuoyant aux champs, pour y trouuer quelquer herbes pour leur viure, il se presenta à eux vn autre enfant, qu'ils ne cognoissoient point, & pensans qu'il fust là venu pour les deuancer à cueillir ce qu'ils cherchoient, semeirent à ruer surluy, & le battre à bon escient: mais ainsi qu'il le battoient, il faisoit plouuoir sur eux des racines, qu'ils appellent *Yetic*, qui sont comme noz raues, & du mil, qu'ils nomment *Auaty*, & des legumes qui sont comme poids & febues, qu'ils appellent *Comendá*: & voyant qu'ils cessoient de le frapper, comme estonnez de chose si miraculeuse, les incitoit à le frapper encor, à fin qu'ils en eussent dauantaige. Au reste, leur defendit de n'en parler à personne, non à leur mere propre, à fin (disoit-il) que tout le monde s'esbahisse de vous voir si gras & en bon point. En cecy ils luy obeyrent. Mais la mere curieuse de sçauoir, où les enfans trouuoient de viures, & par quel moyen ils se tenoient si bien en chair, les suyuit, & aduisa tout le mystere de la batterie: & ses fils estans saouls, elle alla recueillir ce qu'ils auoient laissé, & le sema & planta: si que de la en auant, iamais ils ne sentirent default de viures en toute celle contree: & dit que sçauoit esté Maire-monan, qui s'estoit changé & mué en enfant, pour soulager par son enseignement la nécessité de son peuple. Ceste histoire de leur Theologie, qui est couchee, non en escrit, mais en la simple memoire de chacun, est bonne pour leur contentement. Au reste, ils disent, qu'un pere de famille auoit en sa maison vn familier du grand Monan, lequel se nommoit Maire Pochy, lequel il tenoit comme son seruiteur & esclave. Ce Pochy, quoiqu'il fust laid & desfiguré, estoit de grand profit en toutes choses pour son maistre, d'autant que fust à la chasse, ou à la pescherie, il ne s'en venoit iamais sans apporter quelque chose: car il sçauoit les secrets de Monan, & estoit grand Caraibe, quoy qu'on ne congneut point la suffisance, grand pouuoir & excellence. Ce Maire Pochy venant vn jour de la pescherie, apporta certain poisson, duquel la *Quoniathe* [cunhantã], sçauoir la fille de son Seigneur, luy demanda quelque peu pour s'en repaistre: ce qu'il luy accorda. Mais dès qu'elle en eut mangé, elle se sentit grosse de *Cognomimery* [curumim-mirim], qui est d'enfant: laquelle sans temps limité, & sans attendre le terme prefixé aux autres femmes, enfanta vn fort bel enfant. Tous les parents de la fille furent estōnez d'un tel accident, & surtout la mere, qui en auoit esté tres soigneuse gardienne: laquelle s'enquerât qui ce auoit fait, luy fut respondu par la fille, que iamais homme ne l'auoit attouchee. Ce nonobstant fait on venir tous les hommes du village, portans chacun son arc & ses fleches, pour les presenter à l'enfant, & voir de qui il prendroit les fleches & l'arc, l'asseurans que celui là seroit son pere, ainsi qu'ils auoient esté enseignez par les anciens Caraibes. Mais l'enfant refusa de prendre l'arc de quel que ce fust des assistans. La mere à la fin conseilla, que Maire Pochy vint, & portant son arc à l'enfant, lequel ne l'eut pas si tost presenté, que le petit enfant le receut, & print de sa main. Ce fut là, que chacun se prist à grommeler contre Pochy, quoy qu'il ne s'en souciait gueres, qui se faisoit bien fort de cheuir de tous, s'ils vouloient luy nuyre: mais tout le monde s'en alla, & laisserent là la mere avec son enfant. Cest enfant deuint incontinent grand, pource qu'il croissoit plus en vn iour, que les autres en demy an. Au reste, le lieu où se tenoit ce Maire, abondoit en toutes choses, & où les autres habitoient, estoit sterile, & sans nul fruit, tellement que les pauvres gens mouroiët de male faim. Ce que sçachant bien Pochy, dist à ceste femme, Va, & pren ton enfant sans pere, & va veoir tes parës & leur porte des viures de ce lieu, à fin qu'ils en soient rassasiez, et leur dy qu'ils nous viēnt icy voir quelque iour. La femme s'en y va, & porte du mil sauuage, & certaines racines semblables à naueaux, qui sont fort nutritiues, menant son fils avec elle: & ayant présenté de ses biens à sa mere, la pria qu'il luy pleust, & à son pere, freres & parents, s'en venir les veoir, pour se recreer en leurs biens & maison. Ce qu'ils luy accorderent assez facilement, plus pour la nécessité qu'ils soffroient de viures, que d'amité qu'il eussent au Pochy, ou à leur fille: ce que Pochy sçauoit biē, & s'en sçeut aussi fort biē venger. Arriuez qu'ils sont au Palais rustique de Maire-Pochy, sur le chemin pres la maison y auoit plusieurs beaux iardinages, pleins de Febues, Citrouilles, Naueaux, Manihot, tous fruits differens toutefois à ceux par deçà. Les parents de la fille, soit qu'ils fussent affamez, ou que la beauté du lieu les y conuiast, ne se peurent tenir d'y mettre la main, quoy que leur parenté leur dissuadast de ce faire, sçachant bien que le Pochy, offensé de cela, leur feroit mauuais visage: mais les bōnes gens passerent outre, & en mangerēt: & tout aussi tost furent changez en porceaux & en oyseaux, qu'il apelēt *Margagan-tressatá* qui sont espece de Perroquetz, & autres: si qu'il ne resta que le pere & la mere de ladite fille, & quelque petit nombre des siens, qui ne passassent par la rigueur de ceste estrange metamorphose. Les pere & mere furent estonneux outre mesure, & voyoient bien la faulte qu'ils auoiēt commise, se fians à celui qu'il hayssoient, & qui ne leur estoit guere bien affectiōné: cognoissans aussi qu'il n'y auoit ordre de s'en retourner, estoient merueilleusement en peine. Ce pendant Maire Pochy sort, & ayant repris son beaupere, luy dist, que sa fille luy apporterait de l'eau en vn vase, de laquelle estant lauē, ne devoit craindre ces transformations. Mais le pauvre homme ne se fiant point en ses parolles, s'en alla lauer en vne fontaine là voisine, & tout incōtinent il deuint Crocodile, ou serpent d'eau, qu'ils appellent *Jacare*: et de telles especes i'en ay veu en ce país là, aussi bien qu'en Egypte. Sa femme voulut faire le semblable, & fut conuertue en Tortue d'eau douce, qu'ils nomment *Icara* [Jururá]. Le reste de ses parents qui estoient entrez en la maison, aussi tost qu'il eurēt gusté des fruits & legumes qui estoient au feste d'icelle, furent changez & transformez en Criquetz & Grillons, qu'il appellent Coujou. Si ces bonnes gens n'estoient sans lettres, comme ils sont, i'eusse cuidé qu'ils eussent inuenté ces bayes, pour la lecture de ce que Homere traite en son Odissee⁷⁶, touchant les compagnons d'Ulissee, transmutez ainsi en diuerses sortes par les enchantements, de Circé, leur presentant ne sçay quel breuuage. Ce fut ainsi que Maire Pochy se vengea de ceux qui auoient murmuré contre luy pour le fait de l'engrossement de sa femme, laquelle finalement il print en telle haine, qu'il se retira d'elle, & la laissant entre les hommes, il despouilla son orde & laide figure deuant la maison, deuenant le plus beau de tous les humains, & s'en alla au Ciel, pour y viure à son aise. Or disent ils, que son fils

⁷⁶ Seria mais adequado comparar com Ovídio, em suas *Metamorfoses*.

voulant le suyre, à fin d'apprendre les secrets, fut pour vn temps conuert en vne grande pierre, laquelle separoit la mer d'avec la terre, à fin que nul ne le peust suyre: si que tous ceux, qui essayerent & s'efforcèrent de l'aller voir, il les fait noyer, ou les changea en pierres, bestes ou poissons. Au bout de certain temps, ce fils, qui estoit conuert en pierre, reprint sa premiere forme, & commença à frequenter les compagnies de Sauvages, & se nommoit Maire, du nom de son pere, & nom general pour tous les Caraïbes, faisant de grandes merueilles, ainsi qu'auoient fait tous ces ancestres. Or entre toutes les choses plus memorables qu'il fait, fut vn ornement de teste, tel qu'ils en font coustumierement, du plumage de diuers oyseaux, & appellent ces chapeaux *Acamenterà* [Acangata]. Mais celuyque ce Maire faisoit, quoy qu'il apparust de pennage, il estoit il fait de flambes de feu. Comme il tenoit ce chapeau en sa main, vn de ses voisins vint, lequel atiré de la beauté de tel ornement, luy dict avec vne parolle fort arrogante, comme coustumieremēt ce peuple fait ses requesites, Baille moy ce que tu tiens en sa main, à fin que ie le mette sur ma teste, pour voir s'il me sera bien fait. Le Caraïbe fasché de l'arrogāce de cest homme, luy dist: Attens encor vn peu que ie l'aye acheué, & puis tu l'eproueras: L'autre continua avec importunité telle, que Maire tout despité, luy meit sur la teste, laquelle tout assi tost luy deuint toute en feu, se fendant out net. Ce miserable se sentant bruller sans remede, se lança dans vn estang voisin, où tout soudain il fut changé en vn Ralle, qu'ils nomment *Sarracou* [Saracura], & disent qu'encor il a les pieds, iambes & bec rouges, en souuenance du feu qui brusla celuy qui fut changé en cest oyseau. A ce Maire, s'en estant allé avec son pere Caroubsouz au Ciel, succeda son fils, nōmé Maire Atá, qui print vne femme de son país: & elle estant enceinte, luy print fantaisie de s'en aller és regions lointaines: pource prenant sa femme, se meit en chemin. Elle qui estoit pesante à cause de sa grosseur, ne pouuant aller autant que son mary se meist à reposer: luy qui voulut l'esprouuer, la laissa toute seule. Oyez, ie vous prie, comme ces bonnes gens poursuyuent leurs histoires. Le fruit qu'elle auoit au ventre, partoit avec elle, & la confortoit, luy enseignant le chemin que son pere auoit souiuy. A ouyr cecy, vous diriez que cest enfant estoit plus parfait que ce Prophete Anglois Merlin, lequel on faint esté fils d'un Demon Succube, d'autant que cestuy parloit, & auoit raison, estāt encor au ventre de sa mere, & Merlin estant entre le bras de sa mere encor alaictant. Or ce fils du Caraïbe se commença à courroucer, & despiter contre sa mere, à cause qu'elle refusa de luy dōner de petites legumes, qui estoient par les chemins: et pource cessa il de luy dōner response, & luy enseigner le chemin: qui fut cause, que la pauure femme s'esgara si bien, que prenant vn chemin pour l'autre, elle vint en vn iardinage, où se tenoit vn homme appellé Sarrigōys, lequel la receut, & la voyant lasse, la pria de se reposer en sa maison, esperant la deceuoir & s'en ioüir. Elle qui auoit besoing du repos, luy obeyt, & se coucha: Mais ledit homme la voyāt endormie, se vint coucher avec elle, & eut sa cōpaignie, comme bon luy sembla, si bien qu'il l'engrossit encor d'un autre fils, lequel tint au ventre compaignie au premier⁷⁷. Voyez si ces grossiers sont bons naturalistes, de penser qu'une femme enceinte (son fruit estāt presque pres à sortir) en reçoie encor d'autre, & cōçoie. Ce meschant trompeur ne fut point sans payement de sa folie: car dès qu'il eut fait son plaisir de la femme du Prophete, il fut changé en vne beste, qui se nomme du nom de l'homme mué, à sçauoir Sariguê, laquelle a la peau fort puante. Mais le malheur de ceste femme fut encore plus grand, lors que arriuant en vn autre village, elle fut prinse par le chef & principal du lieu, lequel s'appelloit Iarnare [Jaguar]. Cest homme estoit cruel à merueilles: & bien le monstra, veu qu'il tua cette femme, & la mangea, la deschirant en pieces, & en fait part à ses voisins, ainsi que encor ils ont de coustume d'en vser aux grands banquets de leurs massacres. Mais les deux enfans qui estoient dans le ventre, furent iettez comme excremens, au lieu où on iette les balieures & ordures des maisons. Et le iour d'apres, vne femme s'en allant querir des racines, les aduisa ioüans ensemble: & estant esmeuē de pitié, les porta en sa maison: & en peu de temps ils deuindrent grands, outre l'attente & foy de ceste femme, à laquelle ils estoient de grand profit, veu que tant qu'elle les eust en sa compaignie, elle ne sentit iamais necessité de chose quelconque, & croissoient tousiours en beauté & force sur tous les autres humains. Or estant la saison arriuee, qu'on cueilloit vn fruit nommé *Iuaia*, qui estoit en sa maturité, lors ladite femme enuoya les enfans Caraïbes aux champs, pour querir desdits fruits, à fin de s'en substenter: & eux estans dehors, se souuiendrent du cruel massacre qu'on auoit fait de leur mere. Pource desireux de s'en venger, s'en retournerent avec peu de fruits, & pour s'excuser enuers leur nourrice, luy dirent, Nous auons esté en vn lieu le plus beau du monde, & auquel y a telle abondance de Iuaia, qu'il est impossible d'en penser de pareille. Pource sommes nous venuz vous en aduertir, à fin que demain vous veniez avec nous, & tous ceux du village, pour en manger, & vous en fournir tout à vostre aise, & en rassasier vos gens, lesquels vous y pourrez mener avec vous. La femme, qui jamais n'eust pensé en la malice & desseings de ces enfans, qui pretendoient ruiner tout le village, le dist à tous les habitans, lesquels ne se monstrent en rien retifs à la besongne, ains y vindrent tous grands & petits, hommes & femmes, sans que Iarnare s'en excusast. Or le lieu où estoient ces fruits, c'estoit vne Isle assez grande, & falloit passer vn bras de mer. Ces galands, à fin de mieux tromper la compaignie, les firent attendre qu'ils eussent dressé leurs Canoes pour passer. Ce que estant fait, comme tous les Sauvages, qui auoient mangé de leur mere, furent au meillieu de l'eau, ceux cy comme successeurs du Caraïbe sut la force des transmutations, feirent enfler la mer avec telle impetuositē & orage, que tous ceux qui passoient, firent submergez, & en vn moment changez en diverses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauvages, & autres semblables, lesquels sont appelez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Api-roupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre. Par ce moyen se vengerent lesdits enfans de ceux qui auoient si cruellemēt fait mourir leur mere: & se voyans estre seuls, & que aucun ne restoit pour l'acointer, ny femme pour la prendre en mariage, prirent complot de faire tant par leurs iournees, qu'ils troueroient Maire Ata leur pere, lequel ainsi que auez leu cy

⁷⁷ É a chamada *superfetação* – a concepção de novo feto, quando já existe outro no útero.

deuant, s'estoit esgaré de sa femme enceinte, por l'esprouuer, lors qu'elle se trouua lasse par les chemins. Ces enfans coururent tant par les païs & regions estranges, sans ouyr aucune nouuelle de ce q'ils queroient, que à la fin ils paruindrent en vn village, basty sur le Cap de Frie, où ils entendirent parler d'un grand Caraibe ou Pagé, qui faisoit choses merueilleuses, & rendoit les respôces Houiousira, qui est l'Esprit, par lequel ils deuinent ce qui est à venir. Ce qui les assoura que c'estoit celui qu'ils cerchoiët. Aceste cause, adressez à la loge où ce tenoit ce Prophete, ils entendirent qu'il estoit entré pour reposer. Or personne n'estoit si hardy de mettre le pied dans sa loge, sans son congé, & encore avec grande crainte & reuerence, pour l'esgard des merueilles que faisoit cest homme là: où ces enfans y entrerent, sans faire semblât ny de frayeur ny de reuerence. L'ancien Pagéz voyant ces ieunes hommes tenir si peu de compte de luy, les prit à regarder d'un oeil fort furieux & despit, puis parla à eux rigoureusement en ceste sorte, *Mara pieco*, c'est à dire, Qui este-ce qui vous meine icy? A quoy l'aisné respondit, Nous cerchons nostre pere Maire monan Ata: & ayant entendu que c'est toy, nous te venons visiter, & seruir comme pere: & luy compterent tout ce qui s'estoit fait de leur mere, sauf la bastardise du secôd, & côme ils auoient vengé rigoureusement la mort de leur deffunct mere & massacré Maire Ata. Quoy qu'il fust ioyeux de voir ses enfans, si ne voulut il legerement adiouster foy à leur parolle, ains leur proposa plusieurs choses estranges & difficiles, auât que les auoier. En premier lieu, il voulut que deuât luy ils tirassent de l'arc: ce qu'estant fait, leurs fleches se tindrent penduës en l'air. Ce signe commença à l'asseurer que ce fussent ses enfans. Neantmoins il ne se contenta point de cest essay, ains leur commanda d'aller passer par trois fois, & rapasser, par vne grande roche fendue, laquelle continuellemët s'entrouuroit & refermoit, de sorte que rien n'y pouuoit passer sans y estre escarbouillé: Et est appellee cette roche en leur langue *Itha-Irápi*. A quoy les enfans obeyrent tout soudain, & comme ils furent pres de la roche, l'aisné dist a son puisné, d'autant que tu n'es point fils de Maire, ains seulement de ma mere, passe le premier, à fin que si la roche te brise, ie r'assemble les pieces & te reunisse en ton entier. A quoy le bastard obeit & ne fut pas si tost en la fente de la roche, qu'il fut tellement rôpu & brisé, que les pieces en estoïët aussi menues que d'une pierre bien pillée: & n'eust esté possible (comme cõptoient ces Sauuages) que vn autre que le fils du Caraibe les eust ramassees, lequel en vn instant les r'assembla, & remeit en la forme premiere, ainsi qu'il luy auoit promis, & le feit passer pour la seconde & troisieme fois, sans qu'il encourut aucũ danger de sa personne: puis apres y passa l'enfant legitime du Prophete. Ayant fait leur espreuue, s'en viennët à Maire Ata, auquel ils disent, qu'il deuoit les adouuer pour ses enfans, puis que sans aucune lesion auoiët passé le pas effroiable de la roche fendue, & tout encor l'aisné, ce qui estoit aduenu à son puisné, fils du Sarigóys. Le pere s'asseuroit desia de leur sang, & que vraymeny ils estoient de la race choisie des Caraibes, côme iadis ceux qui estoient feez pour la cõqueste du saint Graal en la grand Bretagne. Toutefois voulut il faire vn troisieme & grãd essay sur eux: pource leur commanda, qu'ils s'en allassent en vn lieu nommé *Agnen pinaiticane*, enioignant à iceux de luy apporter l'amorce de laquelle Agnen [Anhanga] (qui est le maling esprit en leur langue, qui souuent les tourmente, comme i'ay veu) prenoit le poisson Alain. Icy l'aisné vsa de pareille fidelité à son puisné, qu'il auoit fait en la roche Itha Irápi, & le feit aller le premier au fond de l'eau pour prendre l'amorce. Mais il fut luy mesme pris par l'esprit Agnen, qui le meit en plusieurs pieces: toutefois le legitime rassembla le tout, & le calfeutra si bien, que le bastard fut remis en sa forme & beauté premiere, sans qu'il eust aucune apparẽce de blessure. Guery qu'il est, ils se plongerent tous deux en l'eau, & alierent iusques au fond, en tirant ce qu'ils cerchoient, à sãuoir l'amorce d'Agnen, avec laquelle il prenoit le poisson Alain, & ostant le hamesson, & tout le reste audit esprit Agnen, l'apporterent à leur pere: lequel congneut pour vray, qu'ils estoient descenduz aux profonds abysmes de l'eau, d'autant que celle amorce estoit la vraye pallure dudit poisson, à sãuoir vn cartier d'une beste, qu'ils nômët *Tapirousou*, qui est vne espece d'Asne sauuage, de la grãdeur d'un Taureau, farouche & hideux, & difficile à attaquer. Ce qui causa que Maire Ata les auoãnt pour ses enfans, les acolla, & reçeut en sa maison: non que tous les iours il ne leur donnast quelque nouveau assault avec ses commissiõs fascheuses, a fin de les adrexter en ses sorcelleries: lesquelles choses ie passe soubz silence, comme en ayant desia assez compté, que aussi ces Sauuages croyent en telles choses estre ausi veritables, que les Turcs & autres Mahometistes de leur Mahomet, les Persiens de Haly, & Oelan, autres chefs de leur secte'.

17. A HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ DE PERO DE MAGALHÃES DE GÂDAVO (1576)

Primeira obra escrita em português sobre o Brasil a ser impressa, a *Historia da Prouincia Sãcta Cruz* de Gândavo (1576) trata de poucos animais, mas introduz cinco nomes novos. Nela foi apresentada uma figura [Figura 69] do célebre monstro de São Vicente denominado *ipupiara*, anteriormente mencionado por Anchieta.



Figura 69. Frontispício da *Historia da Prouincia Sãcta Cruz* de Gândavo (1576)

- *Anapurú** (fóls. 25v-26r) – ‘Papagayos ha nestas partes muitos de diuersas castas, & muy fermosos, como câ se vê algũs por experiencia. Os melhores de todos, & q’ mais raramente se achão na terra, sam hũs grandes, mayores q’ açores, a q’ chamam Anapurú. Estes papagayos sam variados de muitas cores, & crianse muito longe pelo sertam dentro: & depois q’ os tomão vêm a ser tam domesticos q’ poẽ ovos em casa & accomodanse mais á conseruaçam da gête q’ outra qualquer aue que aja, por mais domestica & mansa que seja. E por isso sam tidos na terra em tanta estima, q’ val cada hum entre os Indios dous tres escrauos: & assi os Portugueses que os alcançam os tem na mesma estima: porque sam elles alem disto muito bellos, & vestidos como digo de cores muy alegres & tam finas, q’ excedem na fermosura a todas quãtas aues ha nestas partes’.
- Arára** (fól. 26r) – ‘Tambem se acham outros do mesmo tamanho pelo sertam dentro, a que chamão Aráras, os ques sam vermelhos, semeados de algũas pennas amarellas, & tem as asas azuis & hum rabo muito comprido & fermoso’.
- *Camboropim** (fól. 28v) – ‘Outros peixes ha, a que chamão Camboropíns, que sam quasi tamanhos como Atuns. Estes tem hũas escamas muy duras, & mayores que os outros peixes: tambẽ se matam com arpões, & quando querem pescalos, poẽse em algũa ponta ou pedra, ou em outro qualquer posto accomodado a esta pescaria. E o que he bom pescador (pera que nam faça tiro em vao) quando os vé vir deixa os primeiro [sic] passar, & espera ate que fiquem a geito que possam arpoalos por detras de maneira, q’ o arpam entre no peixe sem as escamas o impedirem, porq’ sam (como digo) tam duras q’ se acerta de dar nellas de marauilha as pode penetrar. Este he hũ dos melhores peixes que ha nestas partes, porque alem de ser muito gostoso, he tãbem muito sadio, & mais enxuto de sua propriedade que outro algum que na terra se coma’.
- Canindé** (fól. 26r) – ‘Ha outros quasi do tamanho destes a que chamão Canindés que sam todos azues: saluo nas asas que tem algũas pennas amarellas. Tambem sam muito fermosos & estimados em grande preço de toda pessoa a que os alcança’.
- Cerigoê** (fól. 22v) – ‘Outro genero de animaes ha na terra, a q’ chamão Cerigoês, q’ sam pardos & quasi tamanhos como raposas: as quaes tẽ hũa abertura na barriga ao cõprido de maneira q’ de cada banda lhes fica hũ bolso, onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a nam tiram nunca ate q’ se acabam de criar. Destes animaes se affirma q’ nam concebem nẽ géram os filhos dentro da barriga senam em aquelles bolsos, porque nunca de quantos se tomãram se achou algum prenhe. E alem disto ha outras conjecturas muy prouaueis, por onde se tem por impossuiel parirẽ os taes filhos, como todos os outros animaes (segundo ordem de natureza) parem os seus’.
- *Coríca** (fóls. 26r-26v) – ‘Outro genero delles ha pela costa entre os Portugueses do tamanhos destes [papagayos verdadeiros], a que chamam Corícas: os quaes sam vesidos de hũa penna verde escura, & tem a cabeça azul de cor de rosmarinho’.
- Cotia** (fól. 21r) – ‘Outros animaes ha a que chamão Cotias, que sam do tamanho de lebres: & quasi tem a mesma semelhaça, & sabor. Estas Cotias sam ruiuas, & tem as orelhas pequenas, & o rabo tam curto que quasi se nam enxerga’.
- Gerarúca** (fól. 24r) – ‘Alem destas ha otras muitas na terra doutras castas diuersas (q’ aqui nam refiro por escusar prolixidade) as quaes pela mayor parte sam tam nociuas & peçonhêtas (especialmẽte hũas a q’ chamã Gerarúcas) q’ se acertã de morder algũa pessoa de marauilha escapa, & o mais q’ dura sam vinte & quatro horas’.
- Goará** (fóls. 36v-27r) – ‘Algũas aues notaueis ha tambem nestas partes afora estas que tenho refirido, de que tãbem farey mençam, & em especial tratarey logo de hũas marítimas a q’ chamão Goarás: as ques seram pouco mais ou menos do tamanho de gayuotas. A primeira pẽna de q’ a natureza as veste, he branca sem nenhũa mistura, & muy fina em extremo. E por espaço de dous annos pouco mais ou menos a mudã, & tornalhes a nacer outra parda tãbẽ muito fina sem outra nenhũa mistura. E pelo mesmo tempo adiãte a tornam a mudar, e ficam vestidas de hũa muito preta distinta de toda outra cor. Depois dahi a certo tempo pelo conseguinte a mudam, & tornanse a cobrir doutra muy vermelha, & tanto, como o mais fino & puro cramesim que no mundo sepode ver: e nesta acabam seus dias’.
- Hipupiára** (fóls. 30v-32v) [Figura 70]- ‘Foy cousa tam noua, & tam desusada aos olhos humanos, a semelhança daquelle fero & espantoso monstro marinho, que nesta prouincia se matou no anno de 1564 q’ ainda que per muitas partes do mundo se tenha ja noticia delle, nam deixarey todauia de a dar aqui outra vez de nouo, relatando por extenso tudo o q’ acerca disto passou. Porque na verdade a mayor parte dos retratos, ou quasi todos, em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, & alem disso, contase o successo de sua morte por differentes maneiras, sendo a verdade hũa só, a qual he a seguinte. Na capitania de Sam Vicente, sendo ja alta noite a horas em que todos começauam de se entregar ao sono, acertou de sair fóra de casa hũa India escraua do capitão: a qual lançando os olhos a hũa varzea q’ está pegada com o mar, & com a pouoaçam da mesma capitania, vio andar nella este monstro, mouendose de hũa parte pera outra, com passos & meneos desusados, & dando algũs hurros de quando em quando tam feos, que como pasmada & quasi fora de si, se veio ao filho do mesmo capitam, cujo nome era Baltasar Ferreira, & lhe deu conta do que vira, parecêdolhe que era algũa visam diabolica. Mas como elle fosse homem não menos sesudo que esforçado, & esta gente da terra seja digna de pouco credito, nam lho deu logo muito a suas palauras, & deixandose estar na cama, a tornou outra vez a mandar fora dizendolhe que se afirmasse bẽ no que era. E obedecendo a India a seu mandado foy: e tornou mais espantada; affirmandolhe & repetindolhe hũa vez & outra, q’ andaua ali hũa cousa tam fea, que nam podia ser senam o demonio. Entam se leuãtou elle muy de

pressa, & lançou mão a hũa espada que tinha junto de si, cõ a qual se botou sómente em camisa pela porta fora, tendo pera si (quando muito) que seria algum Tigre ou outro animal da terra conhecido, com a vista do qual se desenganasse do que a Índia lhe queria persuadir. E pondo os olhos naquella parte que ella lhe assinalou, vio cõfusamente o vulto do monstro ao longo da praya, sem poder diuisar o que era, por causa da noite lho impedir & o monstro tambem ser cousa nam vista, & fora do parecer de todos os outros animaes. E chegando hum pouco mais a elle pera q' melhor se podesse ajudar da vista, foy sentido do mesmo mōstro; o q'l ã leuando a cabeça, tâto q' o vio, começou de caminhar pera o mar donde viera. Nisto conheceo o mancebo q' era aquillo cousa do mar, & antes que nelle se metesse, acodio com muita presteza a tomarlhe a dianteira. E vendo o mōstro que elle lhe embargaua o caminho, leuandose direito pera cima como hũ homem, fincado sobre as barbatanas do rabo, & estando assi apar cõ elle, deulhe hũa estocada pela barriga, & dandolha no mesmo instante se desuiu pera hũa parte com tanta velocidade, q' nam pode o Monstro leualo debaixo de si: porem nam pouco afrontado, porque o grande torno de sangue q' sahio da ferida, lhe deu no rosto com tanta força que quasi ficou sem nenhũa vista. E tanto que o Monstro se lâçou em terra deixa o caminho que leuaua, & assi ferido hurrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteo a elle, & indo pera o tragar a vnhas & a dêtes, deulhe na cabeça hũa cutilada muy grande: cõ a qual ficou ja muy debil, & deixando sua vaã porfia, tornou entam a caminhar outra vez pera o mar. Neste tempo acodiram alguns escrauos aos gritos da Índia que estaua em vella: e chegando a elle o tomáram todos já quasi morto, & dali o leuáram dêtro á pouoaçam, onde esteue o dia seguinte á vista de toda a gente da terra. E com este mancebo se auer mostrado neste caso tâ animoso como se mostrou & ser tido na terra por muito esforçado, sahio todauia desta batalha tam sem alento, & com a visam deste medonho animal ficou tam perturbado & suspenso, q' preguntandolhe o pay, que era o q' lhe auia succedido, não lhe pode responder: & assi esteue como assombrado sem falar cousa algũa per hum grãde espaço. O retrato deste Mōstro, he este q' no fim do presente capitulo se mostra, tirado pelo natural [sic] [Figura 70]. Era quinze palmos de cõprido & semeado de cabellos pelo corpo, & no focinho tinha hũas sedas mui grãdes como bigodes. Os Indios da terra lhe chamão em sua lingoa Hipupiára, que quer dizer demonio dagoa. Algũs como este se viram ja nestas partes: mas achanse raramente. E assi tambem deue de auer outros muitos monstros de diuersos pareceres, q' no abismo desse largo & espantoso mar se escondẽ, de nam menos estranheza & admiraçam: e tudo se pode crer, por difficil que pareça: porque os segredos da natureza nam foram revelados todos ao homem, pera que com razam possa negar, & ter por impossuiel as cousas q' não vio, nem de que nunca teue noticia".

***Iacú** (fól. 25v) – ‘Tambem ha outras quasi tamanhas como estas [Macucagoás], a que chamão Iacús, & nós lhe chamamos galinhas do mato. Sam pardas & pretas, & tem hum circulo branco na cabeça & o pescoço vermelho. Matamse na terra muitas dellas, & pelo conseguinte sam muy sabrosas & das melhores que ha no mato’.

Macucagoá (fól. 25v) – ‘Ha um certo genero dellas, a que chamão Macucagoás, que sam pretas & mayores que galinhas: as quaes tem tres ordês de titelas, sam muy gordas & tenras, & assi os moradores as tem em muita estima: porque sam ellas muito sabrosas & mais que outras algũas que entre nós se comão’.

Marcanão (fól. 26v) – ‘Outros ha pela costa tamanhos como melros, a q' chamão Marcanãos: os quaes tem a cabeça grande & hũ bico muito grosso: tambem sam verdes & falão como cada hum dos outros’.

***Mayacú** (fól. 29r) – ‘Ha tambẽ hũ certo genero de peixes pequeninos, da feiçam de xarocos, a q' chamaõ Mayacús: os quaes sam muy peçonhêtos por extremo, especialmente a pele o he tanto, que se hũa pessoa gostar hũ só bocado della, logo naq'lla hora dara fim a sua vida: porq' nam ha, nẽ se sabe nhenhũ remedio na terra, q' possa apagar nem deter por algũ espaço o impitu deste mortifero veneno. Alguns Indios da terra se auenturam a comellos depois que lhe tiram a pelle, & lhe lançã fora por baixo toda aq'lla parte onde dizẽ q' tem a força da peçonha. Mas sem embargo disso, não deixam de morrer algũas vezes. Estes peixes tanto q' saem fora da agoa hinchão de maneira, q' parecẽ hũa bexiga chea de vêto: & alẽ de terẽ esta qualidade, sam tâ mansos q' os podẽ tomar às mãos sem nhenhũ trabalho: & muitas vezes andão á borda dagoa tam quietos, q' nam os verã pessoa a q' se nam cõuide a tomalos, & ainda a comelos se não teuer conhecimêto delles’.

Paca (fól. 21r) – ‘Ha tambem outros mayores a que chama Pacas, q' tem o focinho redondo, & quasi da feiçam de gato, & o rabo como a da Cotia. Sam pardas & malhadas de pintas brancas por todo corpo. Quando querem guisallas pera comer, pelamnas como leitam, e nam nas esfolão, porque tem hum coiro muy tenro & sabroso, & a carne tambẽ he muito gostosa & das melhores q' ha na terra’.

Sagoí (fóls. 23v-24r) – ‘Ha tambem hũs pequeninos pela costa de duas castas pouco mayores que doninhas, a que comumente chamam Sagoís, conuem a saber, ha hũs louros, & outros pardos. Os louros tem hum cabelo muito fino, & na semelhança do vulto & feiçam do corpo quasi se querẽ parecer com lião: sam muito fermosos, & nam os ha senam no rio de Ianeiro. Os pardos se acham dahi pera o Norte em todas as mais capitancias. Tambem sam muito apraziueis: mas nam tam alegres à vista como estes. E assi hũs como outros, sam tam mimosos & delicados de sua natureza, que como os tiram da patria & os embarcam pera este Reino, tanto que chegão a outros ares mais frios quasi todos morrem no mar, & nam escapa senam algum de grande marauilha’.

Tamendoá, Tamêdoá (fóls. 22v-23r) – ‘Outro genero de animais ha na terra a que chamam Tamendoás/ Tamêdoás, q' serem tamanhos como carneiros: os quaes sam pardos, & tem hum focinho muito cõprido & delgado pera baixo: a boca nam tem rasgada como a dos outros animaes, & he tam pequena, que escassamente caberam por ella dous dedos. Tem hũa lingua muito estreita & quasi de tres palmos em comprido. As femeas tem

duas tetas no peito como de molher, donde lhes dece o leite às mesmas tetas com que criam os filhos. E assi tem cada hũ delles duas vnhas em cada mão tam compridas como grandes dedos, largas á maneira de escóparo. Tambem pelo consequente tem hũ rabo muy cheo de sedas & quasi tam compridas como as de hum cauallo. Todos estes extremos que se acham nestes animaes, sam necessarios pera cõseruaçam de sua vida: por que nam comem outra cousa senam formigas. E como isto assi seja, vãose com aq' llas vnhas a arranhar nos formigueiros onde as ha: & tanto que as tem agrauadas, lâçam a lingua fora, & poemna ali naq' lla parte onde arranhãram, a qual como se enche dellas, recolhem pera dẽtro da boca, & tantas vezes fazem isto, ate que se acabão de fartar. E quãdo se querem agasalhar, ou esconder de algũa cousa, leuamtaquella rabo, & lançamno por cima de si, debaixo de cujas sedas ficam todos cubertos sem se enxergar delles cousa algũa'.

Tamoatá (fóls. 28v-29r) – ‘Tambẽ ha otra casta delles a q' chamão Tamoatás, q' sam pouco mais ou menos do tamanho de sardinhas, & nam se crião ã agua doce. Estes pexes sam todo cubertos de hũas cõchas, distintas naturalmente como laminas, cõ as quaes andam armados da maneira dos Tatús de que atras fiz mençam, & sam muito sabross & os moradores da terra os tem em muita estima'.

Tatú (fól. 21r-21v) – ‘Outros ha tambem nestas partes muito pera notar, & mais fora da comum semelhança dos outros animaes (a meu juizo) q' quantos ategora se tẽ visto. Chamãolhes Tatús, & sam quasi tamanhos como leitões: tem hum casco como de cágado, o qual he repartido em muitas jũtas como laminas & proporcionado de maneira, q' parece totalmente hũ cauallo armado. Tem hũ rabo cõprido [sic] todo cuberto do mesmo casco: o focinho he como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, & nam bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, & criamse em couas como coelhos. A carne destes animaes he a melhor & a mais estimada q' ha nesta terra, & tem o sabor quasi como de galinha'.

Tuym (fól. 26v) – ‘Ha tambem hũs pequeninos que vem do sertão, pouco mayores que pardaes, a que chamaõ Tuyns: as quaes vestio a natureza de hũa pẽna verde muito fina sem outra nenhũa mestura, & tẽ o bico & as pernas brancas, & hum rabo muito comprido. Estes tambem falam & sam muito fermosos & apraziueis ã estremo'.



Figura 70. A *Hipupiára* segundo Gândavo (1576: 32v).

18. UMA DIGRESSÃO SOBRE A *IPUPIARA*

Como vimos acima, a *Ipupiara* fora citada por Anchieta e, mais detalhadamente, por Gândavo. Como comentou Faria (1972: 15-16):

‘Desta narração de Pedro de Magalhães de Gândavo conclui-se que em muitas partes do mundo eram conhecidos retratos, isto é, gravuras deste animal estranho, mas quase todas estavam erradas, porque não representavam o bicho tal como ele era e contavam de diferentes maneiras o modo como o encontraram e o mataram. Houve, portanto, impressas decerto no estrangeiro, várias gravuras, que representavam o bicho encontrado e morto no Brasil e contavam o que com ele tinha acontecido.

De facto, o Doutor Rubens Borba de Morais fez reproduzir em 1958 [Morais, 1958: 97-98] duas gravuras desse animal exótico, guardadas na Biblioteca de Zurique, na Suíça, e impressas, uma em Augsburg na Alemanha e a outra, decerto, em Veneza, na Itália; além disso, transcreveu na língua original os dizeres, que nelas se leem. Essas duas gravuras são muito parecidas, sinal de que uma serviu de modelo para a outra, ou de que ambas se apoiaram em uma anterior, que ainda não se encontrou’.

Uma dessas gravuras, um folheto alemão [Figura 71], colorido, traz o seguinte texto, reproduzido por Moraes (R. B. de) (1983: 610):

“Dises obstehende Meerwunder hat sich in dem Land Bresilia (für [?]ches man schiffet so man auff Calecut fährt) bey S. Vicenz in der Statt Santes bey des Georgen Ferdinanden... [?]sung auss dem Meer an das gestadt auff das Land mit grossem heülen vnd toben vñ sich allda in dem Grass hin vñ wider gewaltzet. Als nun des vorgedachten Gerogen [Ferd]nandi Son sollich Meerwunder zu Wehr gestellt vnd hat es im den Kopff gehawen. Als es nun des streichs... [?]inden hat es sich in die höhe auffgericht vnd ist nachmals auff denselben wider nidergefallen vnd hat jn also zu tod geschlagen. Da seind von stund an zwen Bresilianer (das ist innwohner [des] Landts) kommem jm zu helffen vnd haben diser Meerwunder mit Pfeylen erschossen. Es was aber 17. Schlang vnd sein Haut ist so lond als Samar anzugreyffen gewesen. Diss ist... [?]ergangnen 64. Jars warhafftig werden. Gedruckt zu Augspurg by Matheo Francken”.

Na tradução de Faria (1972: 15):

“Nova notícia de um estranho monstro marítimo, assim [como] ele se mostrou no ano passado de 64 em terra [do] Brasil, perto da cidade [de] Santos, tendo saído do mar e aí mesmo foi morto pelos moradores e visto por muitos. Segue-se a gravura e por baixo dela lê-se o seguinte: *Este monstro marítimo, acima colocado, [motrou]-se na terra do Brasil (para a qual se veleja quando se viaja para Calecut), junto a São Vicente, na cidade [de] Santos, perto da moradia de Jorge Fernando, [saiu] do mar para a a terra com grandes rugidos e fúria. E aí mesmo na erva remexeu-se de um lado para o outro. Quando então o filho do acima citado Jorge viu tal monstro marítimo, ele saiu para fora [de casa] apenas com [uma] espada, colocou-se para se defender contra o monstro marítimo e bateu-lhe na cabeça. Quando ele então acabou de receber a pancada, ele ergueu-se para cima e outra vez caiu para baixo, e então bateu-lhe até o matar [isto é, o bicho matou o filho de Jorge Fernando]. Então deste momento em diante, vieram dois Brasileiros (isto é, moradores daquela terra) para o ajudar e mataram com setas esse monstro marítimo. Ele tinha porém 17 pés de comprimento e a sua pele, para tocar, é tão macia como veludo. Isto foi verdadeiramente visto neste passado ano [de] 64. Impresso em Augsburg por Mateus Francken”⁷⁸*

⁷⁸ Faria acrescenta a seguinte nota: “Esta gravura, apenas com os dizeres da parte superior, foi reproduzida por HANS FEHL, *Massenkunst im 16. Jahrhundert mit 112 Abbildngen Flugblätter aus der Sammlung Wickiana*, Berlim, 1924, gravura no. 13; na p. 89 deste livro diz-se que esta gravura faz parte da *Sammlung Wickiana*, isto é, *Colecção Wickiana*, conservada na *Zentralbibliothek* de Zurique, Msc. F. 17/167, e foi impressa em 1559, o que é um engano, ou uma gralha, pois dos dizeres da gravura parece concluir-se que foi impressa em 1565, pois nela se fala do ano passado de 64. EMIL WELLER, *Die ersten deutschen Zeitungen herausgegeben mit einer Bbliographie*, Hildesheim, 1962, pág. 184, no. 287, refere-se a esta gravura, de que transcreve os dizeres da parte superior com a indicação de quem a imprimiu, e diz que dela há um exemplar em Zurique”.

*Neue Zeytung von einem seltsamen Meerwunder/so sich diß nechst verschinen Ernn. Jar/ im Land Brasilia/bei
der Statt Santes/ auß dem Meer herfürgehon und daselbst von den Juncwöhner umgebracht, und von
meniglich ist gesehen worden.*

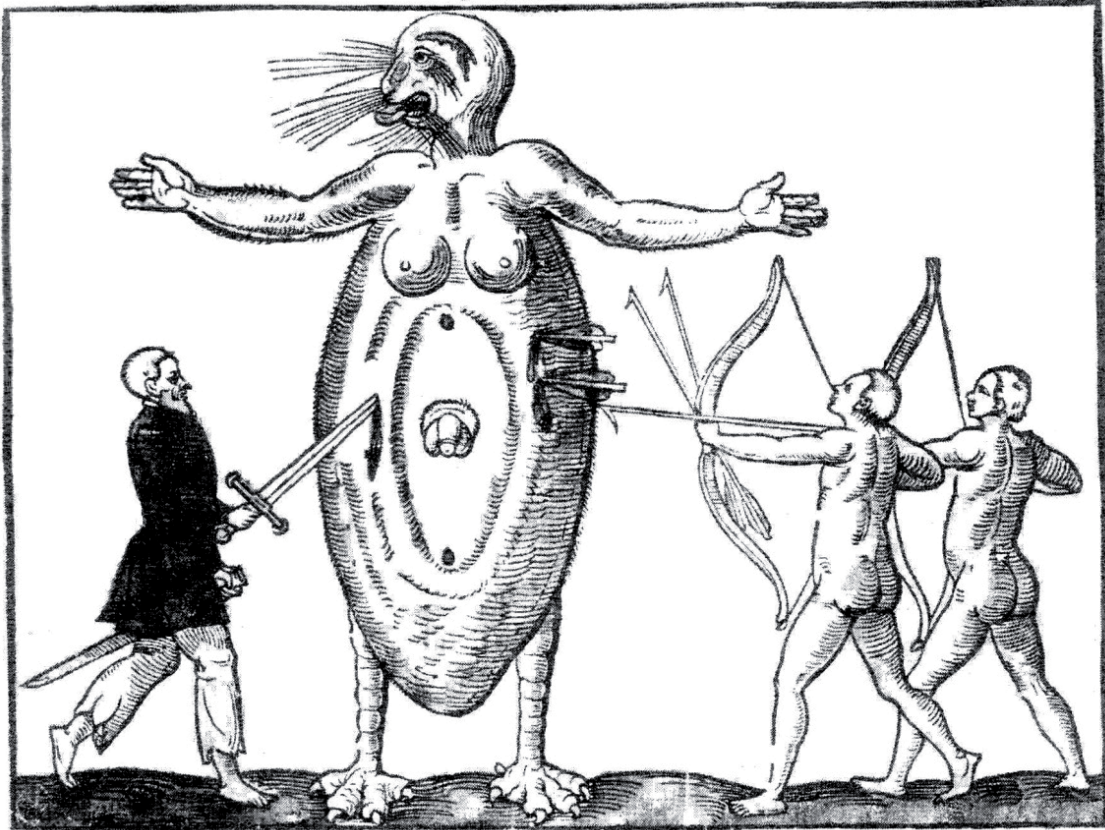


Figura 71. O folheto *Neue Zeytung von einem seltsamen Meerwunden* (Anôn., s/d).

O folhetim italiano, por sua vez, tem os seguintes dizeres e respectiva tradução (Papavero & Teixeira, 2007: 80-81) [Figura 72]:

“Nel bresil di san Vincenzo nella citta di Santes [sic] appresso la casa di Georgio Ferando é apparso questo mostro sur la riuua del mare uscito dell’acqua doue/ cridando e facendo gran rumore si riuolgeua sopra l’erba; et ritrouandosi il figliuolo del sudetto Georgio in casa corse il mostro, et con la spada lo/ affronto animosamente; e lo feri; et lui fu ferito dal mostro si, che tutti due cascarno in terra; et il giouine mori onde quelli del paese corsero al rumore/ et con archi l’ammazorono. La misura del mostro é piedi 17 la pelle di color uerde et pastosa como il uelluto e molle, le gambe o piedi gialli,/ il membro di carne umana, gl’occhi e la lengua como il foco. Nicolo Nelli Ven. F. [1565]”.

Em tradução:

“No Brasil de São Vicente na cidade de Santos, perto da casa de Jorge Fernandes apareceu este monstro na beira do mar, saído d’água, onde, gitando e fazendo grande rumor, se revolvia em terra sobre as plantas. E achando-se o filho do supradito Jorge em casa correu até o monstro e com a espada afrontou-o animosamente, e feriu-o, e foi ferido pelo monstro de tal modo que ambos caíram por terra; e o jovem morreu, com que os da região acudiram, com o rumor, e com arcos o mataram. A medida do monstro é de 17 pés, a pele de cor verde e macia como o veludo e mole, as pernas ou pés amarelos, o membro de carne humana, os olhos e a língua como de fogo. Nicolò Nelli, Veneza [1565]”.



Figura 72. A ipupiara segundo o folheto de Nelli (1565).

Acrescenta Faria (1972: 17-20):

‘Imprimiram-se no estrangeiro, portanto, gravuras a representar o animal exótico, visto e matado no Brasil em 1564 ou 1565, e nelas descreve-se a maneira como isso se deu. Decerto não se publicariam apenas as duas atrás indicadas. Embora Pedro de Magalhães de Gândavo não tenha dito que se imprimiram em Portugal algumas dessas gravuras, pode-se suspeitar que uma ao menos o teria sido, da qual as publicadas no estrangeiro seriam uma imitação, mais ou menos fantasiada. É verdade que nunca vimos gravuras avulsas impressas em Portugal no século XVI, mas isso não prova que não tenham existido. Embora não tanto, nem com tanta perfeição como em outras nações, em Portugal publicaram-se nesse século livros com gravuras; por isso, com a mesma ou com maior facilidade se podiam ter imprimido gravuras avulsas, que teriam mais compradores por serem mais baratas do que os livros. É muito compreensível que tais gravuras tenham desaparecido, pois uma folha avulsa, mais ainda do que um opúsculo, facilmente leva sumiço. (...).

Contudo, a gravura portuguesa, que representa o animal exótico, visto e matado no Brasil em 1564 ou em 1566, embora se não tenha encontrado, parece ter deixado rasto.

Em um livro raríssimo, que tem passado despercebido e de que o único exemplar que se conhece, se encontra no Museu Britânico de Londres (C. 107. a. a), isto é, na *Obra Chamada Primavera dos Mininos*, escrita por Luís Brochado⁷⁹ e impressa em 1569 por João da Barreira, decerto em Coimbra, leem-se nos fôls. 7v-8r, ao fim do *Capítulo quarto de dous mininos monstruos, & outras espantosas visões que naceraõ, as seguintes palavras:*

E agora em nossos tempos bem temos visto ho retrato do monstuo que se matou nas partes do brasil, o qual he muy disforme como se pode ver em sua pintura & o theor della he desta maneyra següdo esta escrito & imprimido ao pee da dita figura das quaes se vendião muytas aa porta da santa misericordia da cidade [de] Lisboa.

Nas partes do Brasil foy achado por hũ Antonio Ferreyra Portugues q' la foi de-[fól. 8r] gradado de Lisboa, hũ mōstruo de feitura espantosa de xvi. pes em cõprido & vj de largo a cabeça e focinho como d'cão cõ barbas & dêtes differêtes, os peitos & braços como de molher & a barriga larga & branca sem cabelo, e nella tinha natura de homẽ na parte do embigo & abaixo natura de molher tinha as pernas de homem & pes largos como d'pata & as vnhas de cão, foi morto por este homẽ no mes de Abril de 1565, na ilha desam Vicente ao longo do mar'.

⁷⁹ Luís Brochado nasceu em Tânger, no Marrocos, filho de Simão Dias Brochado, “cavaleiro tangerino”; residiu em Amarante (distrito do Porto); ‘teve gênio jovial, e grande facilidade para a Poesia’ (Machado (D.B.), 1752: 66). Escreveu *Trovas em louvor do gallo* (1544), *Primavera de Meninos* ([1569]), *Vida do Gallé* (1602) e *Trovas do Moleiro* (1602) (Academia das Sciencias de Lisboa, 1799: 106; Farinha, 1787: 30; Machado (D. B.), 1752: 66; Silva, 1860: 234).

Vendiam-se, portanto, em Lisboa, entre 1565 e 1569, junto à Porta da Misericórdia, isto é, perto da actual Igreja da Conceição Velha, ao Terreiro do Paço, muitas gravuras impressas, que representavam o animal exótico, encontrado e morto no Brasil, e havia dizeres *ao pee*, isto é, na parte inferior ou no pé dessas gravuras, dizeres que Luís Brochado parece ter transcrito literalmente. Ele próprio diz que o teor da gravura é o que a seguir indica; ora a palarva *teor* significa transcrição literal. Se não fossem transcritos literalmente, Luís Brochado teria redigido esses dizeres em linguagem mais correcta e cuidada, como mais correcta e cuidada é a composição das outras partes do seu livro *Primauera dos Mininos*, que aliás não é um modelo de boa linguagem. Se em vez de transcrever, Luís Brochado tivesse traduzido esses dizeres, por estarem impressos em língua estrangeira, que com mais probabilidade seria o espanhol, parece-nos que o teria dito, dada a simplicidade que manifesta na *Primauera dos Mininos*, e nessa tradução transpareceria algum espanholismo, o que não acontece.

Repare-se como a descrição do bicho, conforme se lia no pé da gravura a que Luís Brochado se refere, concorda em vários pontos com a que publicou na *Historia da prouincia sãcta Cruz*. A cabeça e o focinho lembram os de cão [Figura 68], os braços e os peitos parecem-se aos de uma mulher, os pés são largos e espalmados como os de um pato e as unhas como as do cão. Contudo, há diferenças nas pernas e no hermafroditismo, coisas que se não notam na gravura do livro de Pedro de Magalhães de Gândavo. Por isso, devemos concluir que a gravura, que se vendia à Porta da Misericórdia, não é a que depois se editou naquele livro e está assinada por i. L., isto é, pelo gravador Jerónimo Luís⁸⁰.

(...).

Também se poderia duvidar se de facto foi visto em 1564 ou 1565 um animal estranho na Capitania de São Vicente, junto à costa do Brasil, pois os relatos desse acontecimento, como vimos, diferem bastante entre si. Teria isso sucedido em 1564 ou em 1565; quem atacou o bicho teria morrido no combate, ou teria sobrevivido à luta, e o seu nome seria António Ferreira, que era um degredado vindo de Lisboa, ou o filho do Capitão de São Vicente, Baltasar Ferreira, ou ainda um *Georgen Ferdinanden* ou *Giorgio Ferando*, como se lê nas legendas das gravuras alemã e italiana atrás mencionadas, pode facilmente ser, na boca e na mão de um estrangeiro, o estropiamento do nome Jorge Ferreira⁸¹. Repare-se também que Pedro de Magalhães de Gândavo, o qual esteve certamente no Brasil antes de 1570 e talvez tenha estado mesmo na Capitania de São Vicente, notou as divergências dos relatos e, afirmando a veracidade do facto, corrigiu-as. Pode ser, portanto, que em 1564 se tenha visto e matado na costa do Brasil, perto da actual cidade de Santos, um animal estranho, que seria uma foca, ou coisa parecida.

Como quer que seja, pensamos que é pelo menos muito provável ter-se impresso em Portugal, entre 1565 e 1569, uma gravura avulsa, que representava esse animal estranho, e boa achega para a bibliografia luso-brasileira seria, se dessa gravura se encontrasse um exemplar’.

A ipupiara também foi citada (mas sem menção de nome) por Giovanni Botero, em seu livro *Relationi Universali* (1595: 388), mas a cena do acontecimento foi erroneamente colocada na Bahia de Todos os Santos (por ele ter confundido com a cidade paulista de Santos) e a descrição do animal inteiramente fantasiada:

‘Qui li anni passati fù ammazzato un mostro di smisurata altezza, et d’horribile aspetto. Haueua la faccia di simia, i piedi di leone, il resto di huomo: il cuoio giallo, gli occhi scintillanti, & di tanto spauento, che il Capitano Ferrea [sic; Ferreira], che pur l’occise di vn’archibugio, & ne morì di horrore’.

*

⁸⁰ Nota de Faria (1972: 19): “Deste Jerónimo Luís apenas se sabe que também gravou, em 1574, o frontispício do livro escrito por Jerónimo Corte Real e intitulado *Svcesso do sgvndo Cerco de Div*, frontispício em que se lê *Ieroni. Luis me fecit*, isto é, *fez-me Jerónimo Luís*, e em 1576 gravou ainda o frontispício da *Historia da prouincia sãcta Cruz*, no qual assinou apenas com as letras *i. l.*, assim como na gravura, de que falamos no texto”.

⁸¹ Nota de Faria (1972: 20): “SERAFIM LEITE, *Monumenta Brasiliae I (1538-1553)*, Roma, 1956, pág. 524, nota 7, refere-se a Jorge Ferreira, que foi Capitão Mor de São Vicente duas vezes (1556-1557 e 1567-1569) e era casado com Joana Ramalho, filha de João Ramalho, o primeiro chefe português que se estabeleceu em São Vicente. No vol. IV da mesma obra, referente aos anos 1563-1568 e publicado em Roma, 1960, na pág. 256, em uma nota, Serafim Leite fala novamente de Jorge Ferreira, Capitão Mor de São Vicente. Repare-se que nos livros da Chancelaria Régia, conservados na Torre do Tombo, não se encontra a cópia da nomeação deste Capitão Mor. Houve então também no Brasil um Capitão chamado Baltasar Ferreira, enviado pelo negociante florentino Lucas Geraldês ou Giraldis para os Ilhéus, Capitania comprada por esse negociante ao Capitão donatário Jerónimo de Alarcão de Figueiredo em 1561 por 4.825 ducados ou cruzados, isto é, aproximadamente por 1.850\$000 reais. Veja-se SERAFIM LEITE, *ob. cit.*; vol. III, Roma, 1958, pág. 524, em uma nota. E VIRGÍNIA RAU, *Um grande Mercador-Banqueiro italiano em Portugal: Lucas Giraldis*, em *Estudos de História*, vol. I, s.l.n.a. [Lisboa, 1968], págs. 94-95”.

Como já assinalado por Faria (1972: 19), Ternaux-Compans (1837: 101, nota) foi o primeiro a aventar que esse ‘monstro’ não seria um ser mítico, mas uma foca (‘cet animal était probablement un phoque d’une taille extraordinaire’).

Taunay (1934: 91) [ver Figura 80], muito judiciosamente, identificou precisamente esse pretense monstro como um leão-marinho:

‘E assim philosophicamente, remata o cidadão bracarense [Gândavo] as suas considerações sobre o extraordinario caso da hipupiara revelado ao mundo da civilização occidental; **gigantesco leão marinho extraviado pelas correntes oceânicas das baixas latitudes patagonicas para as aguas mais tepidas vicentinas** ou quiçá levado por fatal espirito migratorio de curiosidade, raro entre os de sua raça mas susceptivel talvez de se lhe encastoar no cerebro rudimentar [sic!]’ [nosso negrito].

Com efeito, é muito provável, a partir das descrições de Brochado e Gândavo, que a *Ipupiara* fosse um leão-marinho (*Otaria flavescens* [= *Otaria byronia*], Carnivora, Pinnipedia, Otariidae). A cabeça desse animal [Figura 73] foi por eles comparada com a de um cão, o focinho provido de ‘barbas’. Os machos chegam a mais de 2,73 m (existe uma estátua do leão-marinho em Mar del Plata, Argentina, sendo o símbolo da cidade[Figura 75]) e até 350 kg; as fêmeas 1,8-2 m e 150 kg em média [Figura 74]. Este animal distribui-se, no Pacífico, desde o sul do Chile até o Peru, havendo registros de indivíduos que chegaram até o Equador e Colômbia; no Atlântico, ocorrem desde o sul da Argentina e as ilhas Falkland/Malvinas até o sul do Brasil - aparentemente alguns indivíduos podem ter chegado até mais ao norte (o Pe. Stansel citou uma *Ipupiara* no Espírito Santo; ver abaixo) e o Pe. Cardim (1583, ver cap. 21, sob *ypupiapra*) cita-o para a Bahia.



Figura 73. Cabeça de leão-marinho.



Figura 74. Leões-marinhos.



Figura 75. Estátua de leão-marinho em Mar del Plata (Argentina).

Em seu belo artigo sobre a Ipupiara, Camenietzki & Zeron (2000) chamaram atenção para duas outras representações gráficas do animal.

A primeira, constante da *Historia Monstrorum* [Figura 76] de Aldrovandi (1642: 570-572; figura na pág. 571 [nossa Figura 77]). O célebre naturalista italiano dedica apenas estas poucas linhas à criatura:

‘Nos hic damus monstrum hermaphroditicum cruribus, & pedibus aquilinis refertum, caetera humanum, quod fortè quia comprehendi non posset, Sagittis fuit confossum. Icon est II. talis, qualem in Musaeo publico inuenimus’.

A que se referiria Aldrovandi, dizendo ter achado (‘inuenimus’) essa figura no ‘museu público’? Teria visto um exemplar do folheto publicado por Nelli em 1565? A figura, apesar de invertida para outro lado, é praticamente idêntica à do folheto italiano: hermafrodita, com os órgãos masculinos logo abaixo do umbigo e a abertura vaginal mais abaixo, as duas flechas no flanco, os membros superiores humanos e os inferiores de ave (‘pedibus aquilinis’). Existiria ainda esse folheto visto por Aldrovandi?⁸²

A outra representação, totalmente diferente de todas as anteriores [Figura 79], deve-se ao jesuíta matemático Valentin Stansel⁸³, correspondente de Athanasius Kircher. Stansel escreveu, por volta de 1664, uma obra intitulada *Mercurius Brasiliensis*, que ficou guardada entre os papéis de Athanasius Kircher. Petrucci (1677: 140-141, 143), felizmente, em sua obra *Prodromo Apologetico* [Figura 78], legou-nos a descrição feita por Stansel da *Ipupiara* aparecida no Espírito Santo:

“E quivi siami lecito di portar’ un racconto referito dal Padre *Valentino Estansel* nel suo *Mercurio*, il quale mi contento di credere, perchè mi sottoporrei ad esser Chinese se facessi dell’ incredulo circa di quelle cose che non repugnando alla Natura non posso ne tam poco coll’ esperienza accertarmene. Quest’ è il successo. Presso le rive del Mare dell’ India [sic] vicino ad un luogo detto lo Spirito Santo fu ritrovato dagli abitatori di quello certo mostro marino à giacere sopra del suolo, quas’ in atto da prender riposo. Dubbievoli a prima vista restaron tutti quelli Indiani nel discernimento di quanto vedeano, non conoscendo distintamente se ciò fosse figura umana, ò animale insolito, in quelle parti mai più veduto; appressatisi curiosamente più da vicino a quello che rimiravano, lo trovarono essere un mostruoso aborto della Natura; deliberarono incontanente prenderlo, ed insidiandogli con bello studio alla vita, fu destato dalla voce latrante d’ un cane, che in compagnia di quegli Indiani quivi si ritrovava. Alsossi subito il mostro in quella positura vedi delineata nella quì descritta Figura venuta dal *Brasile*, come se avesse auto intentione di combattere contro di quegli avessero tentato di danneggiarlo, conoscendo nulladimeno il pericolo gli soprastava frettolosamente verso al Mare sen corse, ma sopraggiunto da un’ Indiano con un colpo di scure fu gettato a terra, e poscia ucciso com replicare percosse soura l’ istesso lido del Mare.

Quest’ avvenimento dal sudetto Padre *Valentino* vien recitato nel modo porrò qui abbasso, ove ancora assi la descrizione speciale del mostro da noi di sopr’ accennato, e si disse nel suo *Mercurio*. *In proximo litore maris, prope pagum dictum Spiritus Sancti, ubi Patres nostri residentiam habent, repertum monstrum quoddam marinum, cui simile credo ego hactenus nunquam visum in Orbe. Ibant tum fortè Indi nostri ad mare piscaturi, cum repente in humi provolutum, & altum dormiens impingunt. Rati primùm terrestre animal esse, aut hominem somno indulgentem stertere. Dubia enim lux quid esset, non satis divulgabat; donec*

⁸² Camenietzki & Zeron (2000: 128, nota 39) comentam: “Aldrovandi entretinha com sua fortuna pessoal diversos artistas gravadores que o ajudavam a compor as ilustrações de sua vasta obra, e é plausível que possa ter tido contato com a gravura feita por Nicolo Nelli, ou com a Mattheo Francken (à qual se assemelha, enfim). A gravura de Nelli foi estampada na vizinha Veneza; além disso, sua posição o permitia receber com igal facilidade gravuras provenientes de todo o centro e sul da Europa. [...] e como talvez sua existência não fosse crível, visto ainda que foi abatido por flechas, damos aqui sua figura [...], tal e qual possuimos no nosso museu”. A última parte da tradução desses autores, entretanto, é falha, pois deveria ser ‘tal e qual encontramos (ou achamos, ou descobrimos – *inuenimus*) no museu público’.

⁸³ Nota de Camenietzki & Zeron (2000: 130, nota 42): “O Padre Valentin Stansel foi missionário no Brasil durante a segunda metade do século XVII. Era matemático e filósofo formado em Praga. Desde sua chegada ao Brasil, trabalhou no Colégio da Bahia e publicou na Europa alguns livros escritos na colônia”. Cf. tb. Camenietzki (1999) para uma extensa biografia do Pe. Stansel.

propius succedentes, deprehendunt monstruosum Naturae abortum somno sopitum. Itaque à tergo dormientis se insinuant belluam capturi. Sed enim catellus, qui unà comitabatur, latratu intempestivo à somno dormientem excussit, quae statim ac vidit insidias sibi strui, jam enim propius armati successerant Indi brachiorum suppetiis, in sublime se erexit eo situ, quo eam hic expinximus, quae contra Indos pugnat, mox tamen ubi periculum subdorata est, ad mare festina se caepit jactare; peneque effugerat, nisi audacior Indus fugientem à tergo adorsus in humeros fugientis dextro jactu, securim vibrasset. Concidit illicò monstrum ad vulnus, caepitque ingentem vim sanguinis profundere, donec repetitis vulneribus planè confectum, animam halavit in ipso litore. Non potuit rei tam insolentis novitas diu latere urbem nostram Bahiensem; nondum enim plenè biduum effluxerat, quando inter vulgus primum spargi caepit; mox & ad nos pertigit fama. Scripsi statim ad Patres missionis, ut de re certi aliquid intelligerem, qui rem sincerè, ut hic retuli, mihi indicarunt, solum de magnitudine controversia fuit, quod Indi rudiores non satis sibi constarent in ejus mensura; dicebant tamen ad septendecim palmos pertinuisse. Caeterum haec est ejus exscriptio. Caput, praeter morem aliorum semivirum, Canis formam referebat, antrorsum scilicet ore producto, & duplici dentium acutorum ordine, horridum, totum depile, nullae ad sensum, & quae quidem discerni possent, aures. Oculi palpebris instructi, & os mistacibus oblongis, ut solent Cattis, vel Felibus esse, circumfluum collum, ut hominibus, longius productum: brachia breviora solito: sine mammis pectus, contra quam syrenibus esse solent. Digiti cartilaginea carne, seu pelle potiùs, interstincti, ad natandum, quales Anatibus esse solent pedes: sub brachiis longior utrinque capillus, quemadmodum Figura praesens notat. Cutis corporis usque ad umbilicum, asperior, & grossior, non alba ut solet, sed fusca, qualis est Elephantum, vel piscium, quos nos Tuberones vocamus, à cingulo vel potiùs umbilico in piscem desiit duris scubis aspersum. Porrò, instrumentum genitale, nostrum ut caeteris semiviris, infra umbilicum prostans, sed per modum tubuli infernè per caudam defluum, quod & excrementis egerendis videtur servisse. Optassem peritiorem anatomiam hujus monstri; sed desuit, sive in Indis dexteritas, sive curiositas in Patre, qui illic residet, qui, rem tam insolentem, & exoticam, non ex voto meo, neglexit; scilicet aetas gravior aliò animum abstulit boni senis”.

Comentam ainda Camenietzki & Zeron (2000: 130):

‘Um século depois de suas primeiras descrições, parece que o Ipujiara ainda excitava a imaginação dos mais eruditos padres da Companhia de Jesus. Mesmo que aparecendo agora na Capitania do Espírito Santo, ele media contudo os mesmos dezessete palmos, além de guardar muitas outras semelhanças físicas com seu predecessor – à exceção do hermafroditismo, acentuado de maneira diversa daquela das gravuras italiana ou alemã, das mãos feitas como palmas, e de estranhíssimos pelos nas axilas. Desta vez, no entanto, quando foi atacado pelas costas por um indígena catequizado, mas covarde, ignorante e desinteressado das misteriosas obras de Deus, a posição do monstro era nitidamente menos agressiva do que nos casos anteriores. De fato, na figura de Stansel, o monstro parece mais uma vítima rogando por salvação que o monstro agressivo descrito por Gandavo ou pelas outras ilustrações quinhentistas. De fato, os olhos e a posição dos braços inspiram antes um sentimento de piedade que de ameaça.

(...).

E ainda semelhantemente ao cronista português [Gândavo], Stansel relata de segunda ou terceira mão uma aparição extraordinária (sendo que o próprio relato de Gandavo parece ter sido dele conhecido de segunda mão)’.

Uma outra representação da Ipujiara apareceu na capa no livro de Taunay (1934) [Figura 80].

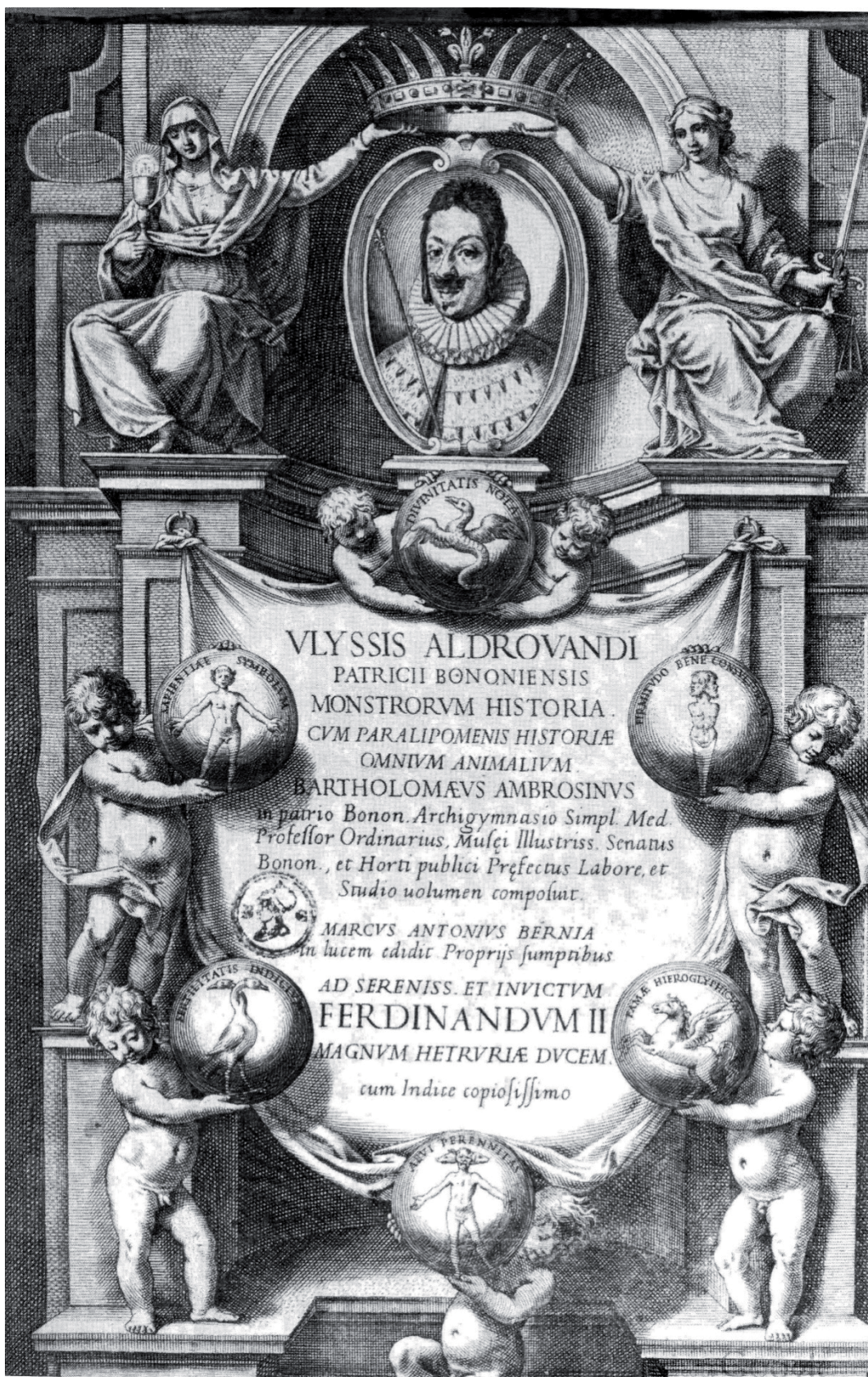


Figura 76. Frontispício de *Monstrorum Historia* de Aldrovandi (1642).

II. Monstrum hermaphroditicum pedibus
aquilinis.

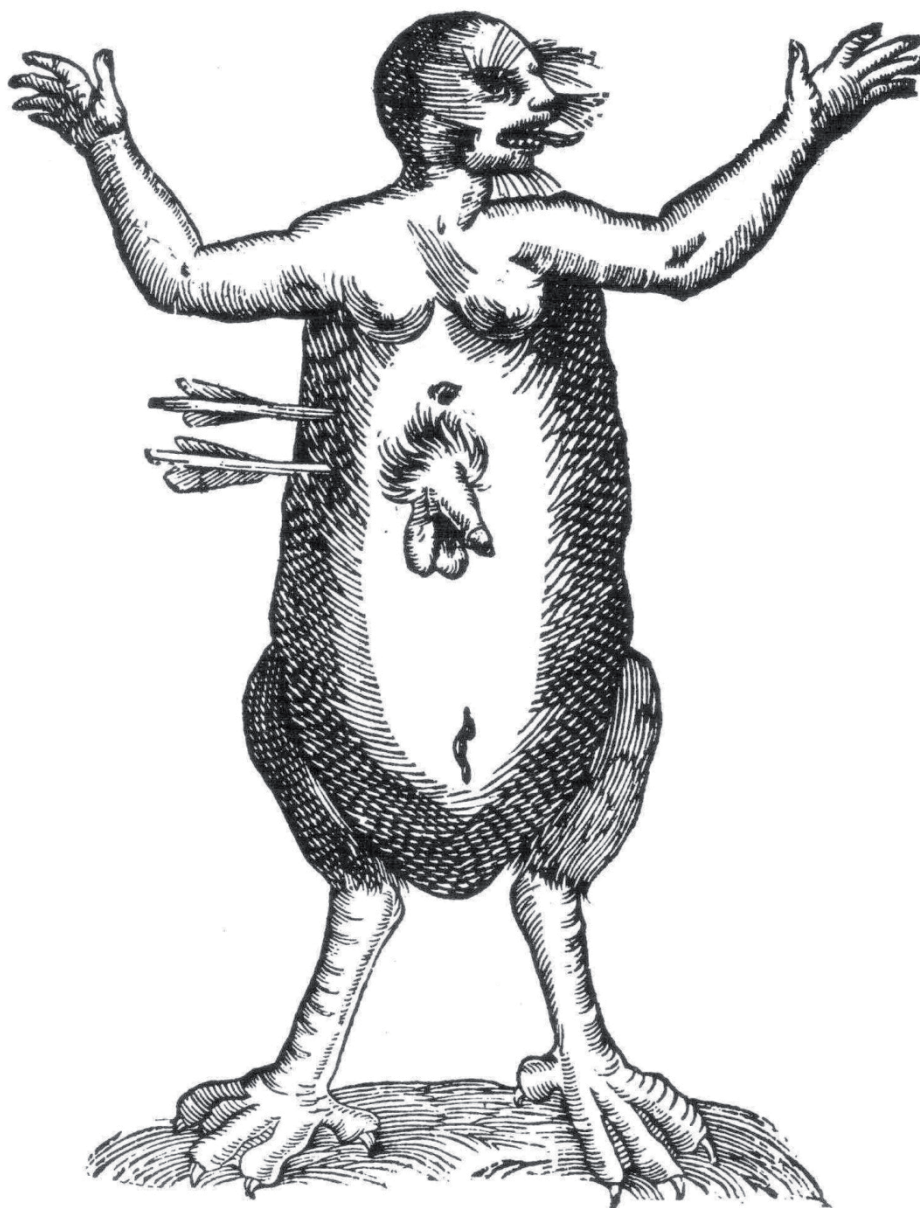


Figura 77. A *Ipupiara* ilustrada por Aldrovandi (1642: 572).

PRODOMO
APOLOGETICO

alli
STUDI CHIRCHERIANI.

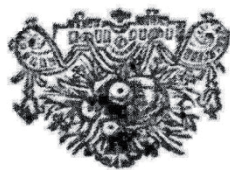
Opera di

GIOSEFFO PETRUCCI
ROMANO,

Nella quale con un' apparato di Saggi
diverſi , ſi dà prova dell' eſquiſito Studio ha
tenuto il Celebratiſſimo Padre

ATANASIO CHIRCHER,

*Circa il credere all' opinioni degli Scrittori,
ſi de' tempi andati, come de' preſenti, e particolarmente intorno
a quelle coſe naturali dell' India , che gli furon portate,
ò referte da' quei , che abitarono quelle parti.*



In AMSTERDAM,

Preſſo li JANSSONIO-WAESBERGJ. M D C LXXVII.

Figura 78. Frontispicio do *Prodromo Apologetico* de Petrucci (1677).



Figura 79. O monstro marinho do Espírito Santo, descrito pelo Pe. Stansel (Petrucci, 1677: 142).

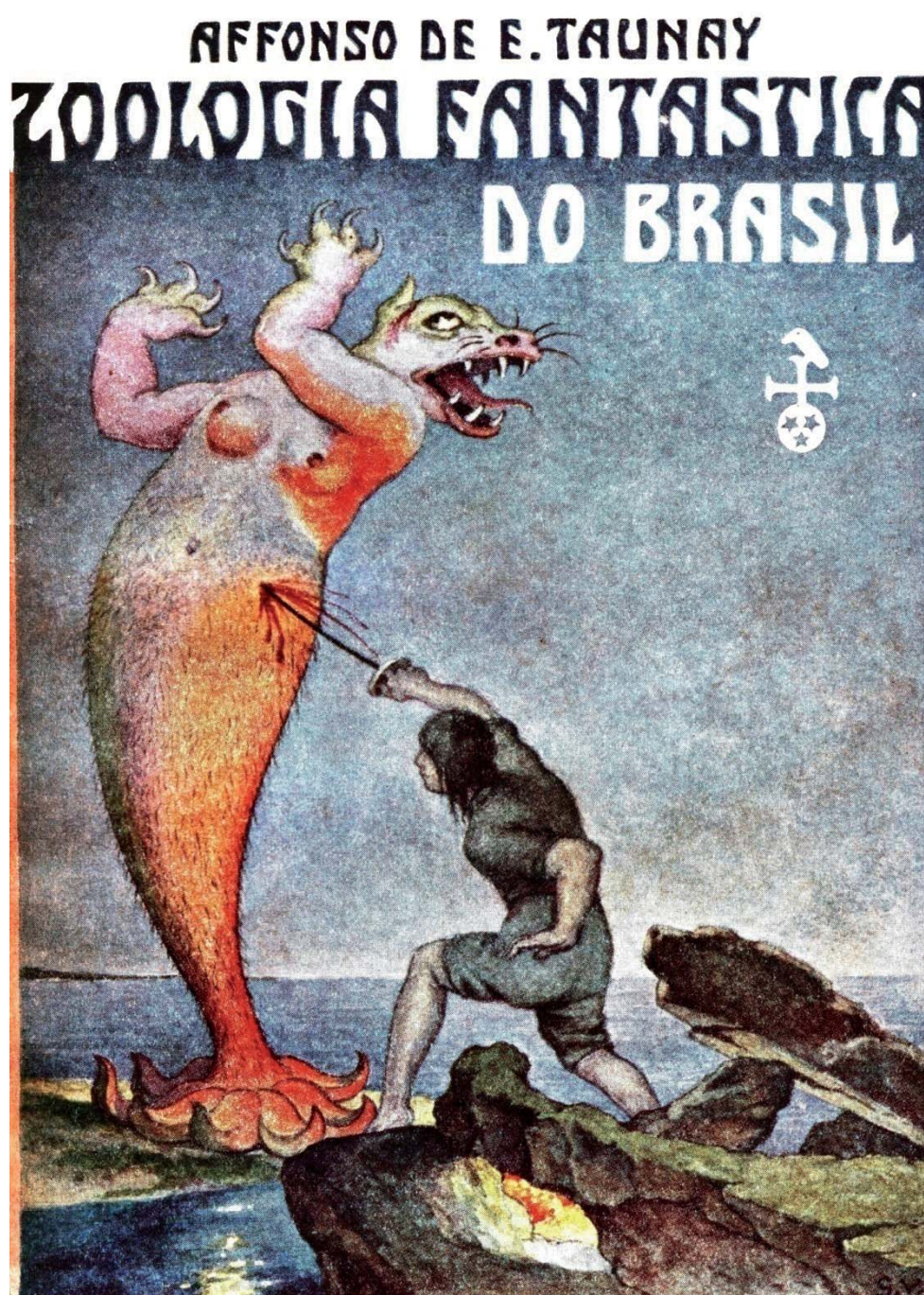


Figura 80. Figura da Ipupiara (artista anônimo) na capa do livro de Affonso de E. Taunay (1934).

19. A HISTOIRE D'VN VOYAGE FAIT EN LA TERRE DV BRESIL DE JEAN DE LÉRY (1578)

Sobre Léry, vide Lestringant (1994). Em sua *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Bresil* [Figura 81] Léry (1578) citou os seguintes animais:

- **Acara-bouten* (p. 187) – ‘*Acara-bouten* poisson visqueux de couleur tannée, ou rougeastre, qui est de moindre sorte que les susdits. & n’a pas le goût fort agréable au palais’.
- **Acara-miri* (p. 188) – Ver sob *Pira-miri*.
- **Acara-ouassou* (p. 186) – Ver sob *Ouara*.
- **Acarapep* (p. 187) – ‘*Acarapep* poisson plat qui jette une graisse jaune en cuisant laquelle luy sert de sauce: & en est la chair merveilleusement bonne’.
- Agouti* (p. 155) – ‘Passant doncques outre aux autres Sauvages de nos Américains, ils ont une beste rousse qu’ils nomment *Agouti* de la grandeur d’un cochon d’un mois, laquelle a le pied fourchu, la queue fort courte, le museau & les oreilles presque comme celles d’un Leure, & est fort bonne à manger’.
- Aiourou* (p. 172) – ‘Quant aux Perroquets, il s’en trouve de 3. ou 4. sortes en ceste terre du Bresil, mais quant aux plus gros & plus beaux que les Sauvages appellent *Aiourous*, lesquels ont la teste rieuse de jaune, rouge, & violet, le bout des ailes incarnat, la queue longue, & jaune, & tout le reste du corps verd, il ne s’en repasse pas beaucoup par deçà: et cependant outre la beauté du plumage, estans apprins ce sont ceux qui parlent le mieux, & par consequent ausquels il y auroit plus de plaisir. Et de fait un Truchement m’en fit present d’un qu’il avoit gardé trois ans, lequel proferoit si bien tant le Sauvage que le François, qu’en ne le voyât pas, vous n’eussiez sceu discerner sa voix de celle d’un homme. Mais c’estoit bien encore plus grand merveille d’un Perroquet de ceste espece, qu’une femme Sauvage avoit apprins en un village à deux lieux de nostre Isle: car comme si cest oiseau eust eu entendement pour comprendre & distinguer ce que celle qui l’avoit nourri luy vouloit dire, quand nous passions par là, elle nous disoit en son langage: me voulez vous donner un peigne ou un miroir & ie feray tout maintenant en vostre presence chanter & danser mon Perroquet? Tellement que pour en avoir le passetemps, nous luy baillans souvent ce qu’elle demandoit, incontinent qu’elle avoit parlé à cest oiseau, il se prenoit non seulement à sauteler sur la perche ou il estoit, mais aussi à causer, siffler & à contrefaire les Sauvages quand ils vont en guerre d’une façon incroyable: brief, quand bon sembloit à sa maistresse, de luy dire chante, il chantoit: & danse il dansoit. Que si au contraire il ne luy plaisoit pas, & qu’on ne luy eust rien voulu bailler, si tost qu’elle avoit dit un peu rudement à cest oiseau *Augé*, c’est à dire cesse, se tenoit tout coy sans dire mot, quelque chose que nous luy eussions peu dire, il n’estoit pas lors en nostre puissance de luy faire remuer pieds ni langue’.
- Arat* (p. 170-171) – ‘Pour donc en faire la preuve, le premier que les Sauvages appellent *Arat*, ayant les plumes des ailes & celles de la queue, laquelle il a de pied & demi, moitié aussi rouges que fine escarlate, & l’autre moitié, la tige au milieu de chacune plume séparât les couleurs opposées des deux costez, de couleur celeste aussi estincelât que le plus fin escarlatin qui se puisse voir: & au surplus tout le reste du corps azuré quand cest oiseau est au Soleil ou il se tient ordinairement, il n’y a oeil qui se puisse lasser de le regarder’.
- **Arauer* (p. 180-181) – ‘Et afin de descrire aussi ces bestioles, lesquelles sont appellees par les Sauvages *Arauers*, n’estans pas plus grosses que nos Grillons, & sortans ainsi la nuit en troupes aupres du feu, si elles y trouvent quelque chose, elles ne faudront point de le ronger. Mais principalement outre qu’elles se jectoyent de telle façon sur les collets & souliers de marroquins que mangeans tout le dessus, ceux qui en auoyent, à leur leuë les trouvoient tous blancs & effleurez, encores y avoit il cela que si nous laissions le soir quelques Poules ou autres volailles cuites mal serrees, ces *Arauers* les rongeoient jusques aux os, nous nous pouvions bien attendre de trouver le lendemain des Anatomies’.
- Canidé* (p. 171) – ‘L’autre nommé *Canidé*, ayant tout le plumage sous le ventre & alentour du col aussi jaune que fin or, le dessus du dos, les ailes & la queue, d’un bleu si naïf qu’il n’est pas possible de plus, vous diriez à le voir que il est vestu d’une toile d’or par dessous, & emmêlé de damas violet figuré par dessus. Les Sauvages en leurs chansons font souvent mention de ce dernier disant & repetant en ceste façon: *Canide iouue canide iouue heurapuech* [Figura 82]: c’est à dire un oiseau jaune, un oiseau jaune &c. & au reste plumans songneusement 3. ou 4. fois l’année ces deux sortes d’oiseaux, lesquels bien qu’ils ne soient domestiques sont néanmoins plus souvent sur des arbres au milieu de leurs villages que parmi les bois, ils sont fort proprement (comme j’ay dit ailleurs) des robes, bonnets, bracelets, garnitures d’espees de bois: et autres choses de ces belles plumes dont ils se parent le corps’.
- Cay* (pp. 163-164) – ‘Au surplus il y a grande abondance de ces petites Guenons noires que les Sauvages nomment *Cay* en ceste terre du Bresil, mais parce qu’il s’en oit assez par deçà ie n’en feray icy autre description. Bien diray ie qu’estans en ce pays là, leur naturel est tel, que ne bougeans gueres de dessus certains arbres qui portent un fruit ayant gousses presque comme nos grosses fèves de quoy elles se nourrissent, que s’assemblent ordinairement par troupes & principalement en temps de pluie (ainsi que les chats sur les toits par deçà) c’est

vn plaisir de les ouïr crier & meneer leurs sabats sur ces arbres. Au reste cest animal n'en porte qu'un d'une vêtée, mais le petit ayât ceste industrie de nature que si tost qu'il est hors du ventre il embrasse & tient ferme le col du pere ou de la mere, s'ils se voyêt pourchassez des chausseurs, sautâs & l'éportâs ainsi de brâche en brâche le sauuët de ceste façō. Partant les Sauuages n'en pouuâs gueres prendre ni ieunes ni vieilles, n'ont autre moyen de les auoir, sinon qu'à coups de flesches ou de materats les abat de dessus les arbres, dont tombans estourdies & quelques fois bien bleeces apres qu'ils les ont guaries & vn peu apriuoisees en leurs maison, ils les changent à quelque marchandise avec les estrâgers qui voyagent par dela. Le di nommément apriuoisees, car du commencement qu'elles sont prises elles sôt si farouches que mordans les doigts, voire trauersans de part en part avec leurs dêts les mains de ceux qui les tiennent de la douleur qu'on sent on est cōtraint a tous coups de les assomer pour leur faire lascher prinse'.

***Cherimbaué** (p. 173-174) – ‘Aussi cette femme Sauuage, l'appellant [au perroquet] son *Cherimbaué*, c'est à dire chose que i'aime bien, le tenoit-elle si cher, que quand nous luy demandions à vendre, & que c'est qu'elle en vouloit, elle respondoit par moquerie *Mocauoassou*, c'est à dire vne artillerie: tellement que nous ne le sceumes iamais auoir d'elle'.

Coati (p. 166-167) – ‘L'autre duquel ie veux parler que les Sauuages nomment *Coati*, est de la hauteur d'un grand Lieure, a le poil court, poli, & tacheté, les oreilles, petites, droites, & pointues: mais quant a la teste, outre qu'elle n'est gueres grosse, ayant depuis les yeux vn groin long de plus d'un pied rond comme vn baston, & s'estreçissant tout à coup sans qu'il soit plus gros par le haut qu'apres de la bouche (laquelle aussi il a si petite qu'à peine y mettroit on le bout du petit doigt) cela de ie ressemblant le bourdon, ou le chalumeau d'une cornemuse, il n'est pas possible de voir vn museau plus bigerre. Dauantage ceste beste estant prinse, parce qu'elle tient ses quatre pieds serrez ensemble, & par ce moyen penchant tousiours d'un costé ou d'autre, ou se laissant tomber tout à plat, on ne la sçauroit faire tenir debout ni manger si ce n'est quelques Fourmis, dequoy aussi elle vit ordinairement par les bois. Enuiron huit iours apres que nous fusmes arriuez en l'Isle ou se tenoit Villegagnon les Sauuages nous apporterēt vn de ces *Coati*, lequel à cause de la nouuelleté fut autant admiré d'un chacun de nous que vous pouuez penser. Et de fait estant estrangement defectueux eu esgard à ceux de nostre Europe, i'ay souuēt prié vn nommé Iean gardien de nostre compagnie expert en l'art de pourtraiture de contrefaire tant cestuy la que plusieurs autres non seulement rares, mais aussi du tout incogneues par deça: a quoy neantmoins à mon grand regret, il ne se voulut iamais adonner'.

Gonambuch (p. 176) – ‘Mais pour vne singuliere merueille & chef d'oeuvre de petitesse, il n'en faut pas obmettre vn que les Sauuages nomment *Gonambuch*, de plumage blanchastre & luisant: lequel cōbien qu'il n'ait pas le corps plus gros qu'un Frelon, ou qu'un Cerf volant, triomphe neantmoins de chanter: tellement que ce trespetit oiselet ne bougeant gueres de dessus ce gros Mil, que nos Ameriquains appellent *Abati*, ou sur autres grandes herbes, ayant le bec & le gosier tousiours ouuert, si on ne l'oyoit & voyoit par experience, on ne diroit iamais que d'un si petit corps il peust sortir vn châ si franc & si haut, voire si clair & si net, qu'il ne doit rien au Rossignol'.

Hay (p. 165-166) [Figura 84] – ‘Le plus gros que les Sauuages appellent *Hay* est de la grandeur d'un gros chien barbet, a la face (comme la Guenon) approchante de celle de l'hōme, le ventre ainsi pendant qu'une Truye pleine de couchons, le poil gris enfumé ainsi que laine de mouton noir, la queue fort courte, les iambes velues comme vn Ours, & les griffes fort lōgues. Et quoy que par les bois il soit fort farouche, tant y a neantmoins qu'estant prins il n'est pas malaisé a apriuoiser. Vray est qu'à cause de ses griffes si aigues nos *Toupinambaouls* nuds ne prennent pas grand plaisir à se iouer avec luy. Mais au demeurant (chose qui semblera possible fabuleuse) i'ay entendu non seulement des Sauuages, mais aussi des Truchemens qui auoyent demeuré long temps en ce pays là, que iamais homme ni par les champs ni à la maison, ne vit manger cest animal: tellement qu'aucuns estiment qu'il vit du vent'.

Iacaré (p. 157-158, també como *Iacare*) – ‘Or outre tous les susdits animaux qui sont les plus communs pour le viure de nos Ameriquains: encores mangent ils des Crocodilles qu'il nomment *Iacaré* gros comme la cuisse & longs a l'aduenant: mais tant s'en faut qu'ils soyent dangereux, qu'au contraire i'ay veu plusieurs fois les Sauuages en reporter tous en vie en leurs maisons à l'entour desquels leurs petits enfans se iouoyēt sans qu'ils leur fissent nul mal. Neantmoins i'ay ouy dire aux vieillards qu'allans par pays ils sont quelques fois assaillis & ont fort à faire à se deffendre à grands coups de flesches, contre vne sorte de *Iacare*, grands & môstrueux, lesquels les apperceuans, & sentans venir de loin sortent d'entre les roseaux des lieux aquatiques ou ils font leurs repaires. Et à ce propos, outre ce qu'on recite de ceux du Nil en Egypte, celui qui a escrit l'histoire generale des Indes dit qu'on a tué des Crocodilles en l'Isle de *Panama*, qui auoyent plus de cent pieds de long, qui est vne chose presque incroyable. I'ay remarqué en ces moyens que i'ay veu, qu'ils ont la gueulle fort fendue, les cuisses hautes, la queue non ronde ni pointue, ains plate & desliee par le bout. Mais il faut que ie confesse que ie n'ay point bien pris garde si ainsi qu'on tient communément, ils remuent la maschoire de dessus'.

Iacou, ***Iacou-ouassou**, ***Iacoupen**, ***Iacoutin** (p. 169) – ‘Quant aux oyseaux Sauuages, il s'en prent par les bois de gros cōme Chapōs, & de trois sortes, que les Bresiliens nomment *Iacoutin*, *Iacoupen*, & *Iacou-ouassou*, lesquels ont tous le plumage noir & gris, mais quant a leurs goust, comme ie croy que se sont especes de Faisans, aussi puis ie assurer qu'il n'est pas possible de manger de meilleures viandes, que sont ces *Iacous*'.

Ianouare, **Iâou-are** (p. 162, 163 como *Inaou-are*, 163, 296) – ‘Outre plus il y a en ces pays là vne beste rauissante

que les Sauvages appellent *Iâou-are*, laquelle est presque aussi haute de iâbes & legere a courir qu'vn Levrier: mais ayant de grands poils à l'entour du menton la peau fort belle & bigarree cōme celle d'vne Once, elle luy ressemble aussi bien fort en tout le reste. Les Sauvages non sans cause craignēt merueilleusement ceste beste, car viuant de proye cōme le Lion, si elle les peut attraper elle ne aut point de les tuer, deschirer par pieces, & les manger. Et de leurs costé aussi, cōme ils sont cruels & vindicatifs contre toute chose qui leur fait mal, quād ils en peuuēt prendre quelques-vnes aux chausses trapes, ne leur pouuans pis faire, ils le meurtrissent a coups de flesches & les font languir long temps dans les fosses ou elles sont tōbees, auāt que de les tuer: & afin qu'on entēde mieux cōment ceste beste les accoustre, vn iour que 5. ou 6. Frāçois & moy passions par la grāde Isle les Sauvages du lieu nous aduertissās que nous nous dōnissions garde du *Inaou-are* no' dirent qu'il auoit mangé ceste semaine là trois persōnes en l'vn de leurs villages'; (p. 296) – 'Estant vne fois couché en vn village avec vn autre François: comme enuiron minuit nous ouismes crier vne femme, pensans que ce fust ceste beste *Ianouare* laquelle i'ay dit ci dessus qui les mange) qui la voulust deuorer, y estans soudainemēt accourus nous trouuames que ce n'estoit pas cela'.

Kamouroupouy ouassou (p. 186) – '*Kamouroupouy ouassou* est vn bien grand poisson (car aussi *ouassou* en langue Bresilienne veut dire grand ou gros selon l'accent qu'on luy donne) duquel nos *Toupinambaoults* font ordinairement mention quand ils chantent disant ainsi: *Pira-ouassou à oueh Kamouroupouy ouassou a oueh &c.* [Figura 83; aqui Léry grafou *camouroupouy-ouassou*] & est fort bon à manger'.

***Kurema**(pp. 185-186) – 'mais quant aux especes ils ont de deux sortes de Mulets qu'il nommēt *Kurema* & *Parati* lesquels (& encore plus le dernier que le premier) soit que vous les faciez rostir ou bouillir, sont excellēmens bons à mâger. Et parce, ainsi, qu'on a veu par experience depuis quelques annees tāt en Loire qu'autres riuieres de Frāce ou les Mulets sont remōtez de la mer, que ces poissons vont coustumierement par troupes, les Sauvages les voyās ainsi par grosses nuees bouillōner dās la mer, tirās soudain à trauers recōtrent si bien que presque à toutes les fois ils en embrochent plusieurs de leurs grandes flesches, lesquels ainsi dardez ne pouuans aller en fond, ils vont querir à nage [cf. a figura 38 acima, feita por Staden]. Dauantage d'autāt que la chair de ce poisson sur tous autres est fort friable quād ils en prennēt grande quantité, apres qu'ils les ont fait seicher sur le *Boucan*, ils les esmient & en font de la farine qui est fort bonne'.

†**Leripé** (pp. 104-105) – 'Dauantage il y a beaucoup d'autres petites Islettes inhabitees en ce bras de mer, esquelles entre autres choses, il se trouue de grosses & fort bonnes huitres: comme aussi les Sauvages se plongans es riuages de la mer, rapportent de grosses pierres à l'entour desquelles, il y a vne infinité d'autres petites huitres, qu'ils nomment *Leripés*, si bien attachees, voire comme collees, qu'il les en faut arracher par force. Nous faisons ordinairement bouillir de grandes pottees de ces *Leripés*, dans aucuns desquels en les ourans & mangeans nous trouuions de petites perles'.

†**Lery** (p. 310) – 'cela (cōme il me dit) estant si bien venu à propos que mon surnom Lery signifie vne Huistre en leur langage, ie leur di que ie m'appelois *Lery-oussou*: c'est à dire, vne grosse Huistre'.

Margana (p. 174) – 'La seconde espece de Perroquets appelez *Marganas* par les Sauvages, qui sont de ceux qu'on apporte & qu'on voit communément en France, n'est pas en grande estime entr'eux: et de fait les ayans par dela en aussi grande abondance que nous auons ici les Pigeons, quoy que la chair soit vn peu dure, ayāt neantmoins le goust de la Perdrix, nous en mâgions souuent & tant qu'il nous plaisoit'.

Mocacoïa (p. 169) – '*Mocacoïa* & *Ynambou-ouassou* sont deux especes de Perdrix aussi grosses qu'Oyes & de mesme goust que les precedens'.

***Mouton, Moutō** (p. 169) – 'Ils en ont encores deux excellēs qu'ils appellent *Mouton*, lesquels sont aussi gros que Paons & de mesme plumage que les susdits: toutesfois ceste sorte est rare & s'en trouue peu'.

***Ouara** (p. 186) – 'Deux autres qu'il nomment *Ouara* & *Acara-ouassou* presque de mesme grādeur que le precedent [Kamouroupouy ouassou] mais meilleurs: voire diray que le *Ouara* n'est pas moins delicat que nostre Truite'.

***Oura** (p. 167) – 'Ie commenceray aussi ce chapitre des oyseaux (lesquels en general nos *Toupinambaoults* appellent *Oura*) par ceux qui sont bons à manger'.

Pag, Pague (p. 156) – '*Pag* ou *Pague* (car on ne peut pas bien discerner lequel des deux ils proferent) est vn animal de la grandeur d'vn petit chien braque, la chair presque de mesme goust que celle de veau: & quant a sa peau estāt fort belle, & tachetee de blanc, gris, & noir, si on en auoit par deça elle seroit bien riche en fourreure'.

***Paicacu** (p. 170) - 'Comme aussi les trois suyans sont, assauoir *Ynamboumiri*, de mesme grādeur que nos Perdrix: *Pegassou* de la grosseur d'vn Ramier: & *Paicacu* comme vne Tourterelle'.

Panapana (p. 188) – 'L'autre poisson que les *Sauuages* nommēt *Panapana*, est de moyenne grandeur: mais quant a sa forme, ayant le corps queuē & peau semblable & ainsi aspre que celle d'vn Requien de mer, il a au reste vne teste plate si biiarre [sic], & si estrangement faite, que quand il est hors de l'eau, se diuisant & separant en deux il semble qu'on luy ait fendue, & n'est past possible de voir teste de poisson plus hideuse'.

Panou (p. 175-176) – 'Ils en ont d'autre espece de la grosseur d'vn Merle & ainsi noir, fors la poitrine qu'il a rouge cōme sang de beuf laquelle les Sauvages escorchēt cōme le precedēt [Toucan] & appellent cest oiseau *Panou*'.

Parati (p. 185) – Ver sob *Kurema*.

***Pegassou** (p. 170) - 'Comme aussi les trois suyans sont, assauoir *Ynamboumiri*, de mesme grādeur que nos Perdrix: *Pegassou* de la grosseur d'vn Ramier: & *Paicacu* comme vne Tourterelle'.

- **Pira* (p. 185) – ‘Premierement, afin de commencer par le genre [des poissons]. Les Sauvages appellent tous poissons *Pira*’.
- ‡*Pira-miri* (p. 187-188) – ‘Au reste les riuieres d’eau doce de ce pays là estans aussi remplies d’vne infinité de moyens & petits poissons, lesquels en general les Sauvages nomment *Pira-miri* & *Acara-miri* (car *miri* en leur patois veut dire petit)’.
- Pira-yepochi* (p. 187) – ‘Vn autre qu’ils appellent *Pira-yepochi*, qui est long comme vne Anguille, & n’est pas bon: aussi *yepochi* en leur langue veut dire cela’.
- Quiampian* (p. 176) – ‘Vn autre de la grosseur d’vne Griue qu’ils nomment *Quiampian*, lequel sans rien excepter a le plumage aussi entierement rouge qu’escarlate’.
- Sagouï, Sagouïn* (p. 164-165) – ‘Il se trouue aussi en ceste terre du Bresil vn Marmot que les Sauvages appellent *Sagouïn*, non plus grand qu’un Escurieux & de mesme poil roux: mais quant à la figure ayant le muffle comme celuy d’vn Lion, & fier de mesme, c’est le plus ioli petit animal quei’aye veu par dela. Et de fait s’il estoit aussi aisé a repasser que la Guenon, il seroit beaucoup plus estimé: mais outre qu’il est si delicat qu’il ne peut endurer le branslemēt du Nauire sur mer, encores est il si glorieux que pour peu de fascherie qu’on luy face il se laisse mourir de despit. Cependant il s’en voit quelques vns en France, & croy que c’est de ceste beste dequoy Marot (introduisant son seruiteur Fripelipes parlāt à vn nommé Sagot qui l’auoit blasmé) fait mention qual il dit Combien que Sagon soit vn mot, Et le nom d’vn petit Marmot⁸⁴’.
- Sarigoy, Sarrigoy* (p. 156) – ‘Il s’en voit vn autre de la forme d’vn putoy, & de poil ainsi grisastre, lesquels les Sauvages nomment *Sarigoy*: mais parce qu’il put aussi, eux n’en mangent pas volontiers. Toutesfois nous autres en ayans escorchez quelques vns, & cogneus que c’estoit seulement la graisse qu’ils ont sur les rongnons qui leur rend ceste mauuaise odeur, apres leur auoir ostee, nous ne laissons pas d’en manger: & de fait la chair en est tendre & bonne’.
- Seoässou* (p. 154, 155 como *Seoassou*) – ‘les plus gros qu’ils ayent apres l’Asne vache, dont nous venons de parler, sont certaines especes, voirement de Cerfs & Biches, qu’ils appellent *Seoässou*: mais outre qu’il s’en faut beaucoup qu’ils soyent si grands que les nostres, & que leurs cornes soyent aussi sans comparaison plus petites, encores different ils en cela, qu’ils ont le poil ausi grand que celuy des Chevres de par deçà’.
- †*Soó* (pp. 150-151) – ‘Descruiant doncques les bestes Sauvages de leur pays, lesquelles quant au genre sont nommees par eux *Soó*...’.
- Taiassou* (p. 154-155) – ‘Quant au Sanglier de ce pays la, lequel les Sauvages nomment *Taiassou*, combien qu’il soit de forme semblable à ceux de nos forests, & qu’il ait ainsi le corps, la teste, les oreilles, iâbes & pieds: mesme les dents aussi fort longues, crochues, pointues, & par consequent tres dangereuses: tant y a qu’outre qu’il est beaucoup plus maigre, & qu’il a son groignissement & cri effroyable, encores a-il vne autre difformité estrange: assauoir, naturellement vn pertui sur le dos par ou (ainsi que i’ay dit que le Marsouin a sur la teste) il souffle, respire, & prêt vent quand il veut. Comme aussi, afin que cela ne soit trouué si estrange, i’ay leu en l’histoire generale des Indes qu’il y a au país de *Nicaragua* au Peru des Porcs qui ont le nombril sur l’eschine, qui sont pour certain les mesmes que ie viē de descrire. Les trois susdits animaux, assauoir le *Tapiroussou*, le *Seouassou*, & le *Taiassou* sont les plus gros de ceste terre du Bresil’.
- Tamou-ata* (p. 188) – ‘i’en descriray seulement encores deux merueilleusement difformes. Le premier que les Sauvages appellent *Tamou-ata*, est communément long de demi pied, a la teste fort grosse, voire monstrueuse au pris du reste, deux barbillōs sous la gorge, les dēts plus aigues que celles d’vn brochet, les arestes piquâtes, & tout le corps armé d’escailles si biē à l’espreuue, que comme i’ay dit ailleurs du *Tatou* beste terrestre, ie ne croy pas quvn coup d’espee luy fit rien: la chair en est fort tendre bonne & sauoureuse’.
- Tapiroussou* (p. 151-152) – ‘La premiere & plus commune est vne qu’ils appellent *Tapiroussou*, laquelle ayāt le poil rougeastre & assez long, est prescques de la grandeur, grosseur & forme d’vne vache: toutesfois ne portant point de cornes, ayant le col plus court, les aureilles plus longues & pendantes, les iambes plus seiches & primes, le pied non fendu, ains de la propre forme de celuy d’vn Asne, on peut dire qu’elle est demie vache, & demie Asne. Neantmoins elle differe entierement de tous les deux, tant de la queue qu’elle a fort courte (& notez en cest endroit qu’il se trouue beaucoup de bestes en l’Amerique, qui n’en ont presques point du tout) que des dents lesquelles elle a beaucoup plus trenchantes & aigues: cependant pour cela, n’ayant autre resistance que la fuite, elle n’est nullement dangereuse. Les Sauvages la tuent comme plusieurs autres, à coups de flesches, ou la prennent à des chasses trapes & autres engins qu’ils font assez industrieusement. Au reste ils estiment merueilleusement c’est Animal à cause de sa peau: car quand ils l’escorchent, coupans en rond tout le cuir du dos, apres qu’il est bien sec, ils en font des rôdelles aussi grandes que le fond d’vn moyen tōnau, lesquelles leur seruent à soustenir les coups de flesches de leurs ennemis quand ils vont en guerre. Et de fait ceste peau ainsi seichee & accoustree est si dure, que ie ne croy pas qu’il ait flesche tant roidement descochee fust-elle, qui le sceut percer. Je raportoys en France par singularité deux de ses Targues, mais quād à nostre retour la famine nous print sur mer, apres que tous nos viures furent faillis, & que les Guenons, Perroquets & autres animaux que nous apportion de ce pays là, nous eurent servis de nourriture, encore nous fallut-il manger nos rôdaches grillees sur le charbō: voire comme ie diray en son lieu, tous les autres cuirs & toutes les peaux que nous auions dans nostre vaisseau. Touchāt la chair de ce *Tapiroussou*, elle a presque le mesme goust que celle de Beuf: & quant à la façō de la cuire & apprester nos Sauvages à leur mode la font ordinairement *Boucaner*’; (p. 155) – ‘Les trois susdits

⁸⁴ Ver capítulo 4 acima.

animaux, assauior le *Tapiroussou*, le *Seouassou*, & le *Taiassou* sont les plus gros de ceste terre du Bresil'.
Tapiti (p. 156) – ‘Dautres de deux ou trois especes que ils appellent *Tapitis*, tous assez semblables à nos Lieures & quasi de mesme gust: mais quant au poil ils l’ont plus rougeastres’.

Tatou⁸⁵ (p. 156-157) – ‘Quant au *Tatou* de ceste terre du Bresil, cest Animal (comme les herissons par deça) sans pouuoir courir si vite que plusieurs autres, se traîne ordinairement par les buissons: mais en recompense il est tellement armé & tout couuert d’escalles, si fortes & si dures, que ie croy qu’un coup d’espee ne luy feroit rien: & mesmes quand il est escorché les escailles iouans & se manians avec la peau (de laquelle les Sauuages font de petits cofins qu’ils appellent *Caramemo*) vous diriez que c’est vn gâtelet d’armes: la chair en est blanche & d’assez bonne saueur. Mais quant à la forme, qu’il soit si haut monté sur ses quatre iambes que celuy que Belon a representé par portrait à la fin du troisieme liure de ses observations (lequel toutesfois il nomme *Tatou* du Bresil) ie n’en ay point veu de semblables en ce pays là’.

Ton (pp. 181-182) – ‘Les Sauuages sont aussi persecutez en leurs personnes d’une autre petite verminette qu’ils nomment *Ton*: laquelle se trouuant parmi la terre, & n’estât pas du cōmencemēt si grosse qu’une petite puce, se fichant neantmoins, nommément sous les ongles des piedz & des mains, ou tout soudain ainsi qu’un ciron elle y engendre vne demāiaison, si on n’est bien soigneux de la tirer, dans peu de temps se fourrant tousious plus auāt elle deuiendra aussi grosse qu’un petit pois & ne la pourra on arracher qu’avec grand douleur. Et ne se sentent pas seulement les Sauuages qui vont tous nuds & tout deschaux atteints & molestez de cela, mais aussi nous autres François, quelques bien vestus & chaussez que nous fussions auions tant d’affaire à nous en garder, que pour ma part quelque soigneux que ie fusse d’y me garder souuēt, on m’ē a tiré plus de vingt pour vn iour. Brief i’ay veu personnages paresseux de les tirer, estre tellement endōmagez de ces tignes-puces, que nō seulement ils en auoyent les mains, pieds, & orteils gastez, mais mesmes sous les ais-selles, & autres parties tendres, ils estoient tous couuerts de peties bossettes cōme verriers prouenantes de cela. Aussi ie croy pour certain, que c’est ceste petite bestiole que l’historien des Indes occidētales appelle *Nigua*, laquelle aussi cōme il dit se trouue en l’Isle Espagnolle, car voici ce qu’il en a escri. La *Nigua* est comme vne petite puce qui saute: elle aime fort la poudre: elle ne mort point sinon es pieds ou elle se fourre entre la peau & la chair, & aussi tost elle iette des lētilles en plus grande quantité qu’on n’estimerait, attendu sa petitesse: lesquelles en engendrent d’autres, & si on les y laisse sans y mettre ordre, elles multiplient tant qu’on ne les en peut chasser ni remedier qu’avec le feu ou le fer: mais si on les oste de nonne heure, elles font peu de mal. Aucuns Espagnols en ont perdu les doigts des pieds, autre les pieds entiers. Or pour y remedier nos Amerquains se frottēt tant les bouts des orteils, qu’autres endroits ou elles se veulent nicher sur eux, d’une huile rougeastre & espesse faite d’un fruit qu’ils nomment *Coroq*, le quel est presque cōme vne chataigne en l’escorce: ce qu’aussi nous faisons estans par dela. Outre plus cest onguēt est si souue-rain pour guerir les playes, cassures & autres douleurs qui souuiennēt au corps humain, que nos Sauuages cognoissās sa vertu, le tiennēt aussi precieux qu’on fait quelque part la sainte huile. Et de fait le barbier du Nauire, ou nous repassames en Frāce, l’ayāt experimētee en plusieurs sortes en rapporta 10. ou 12. grands pots plains: & autant de graisse humaine qu’il auoit recueillie quand les Sauuages cuisoyent & rostissoyēt leurs prisonniers de guerre à la facon que ie diray en son lieu’.

Toucan⁸⁶, **Toucā** (p. 115) – ‘Ce poitral estant long & large d’enuirō trois doigts, est appelé par eux *Toucan*, du nom de l’oyseau qui le porte, lequel comme ie le descriroy en son lieu, a non seulement tout le reste du corps aussi noir qu’un corbeau, mais aussi a le bec excessiuement gros & monstrueux’; (pp. 174-175) – ‘Les autres oyseaux du pays de nos Amerquains, sōt, en premier lieu celuy que ils appelēt *Toucan* dōt a autre propos i’ay fait mention ci dessus. Il est de la grosseur d’un ramier, & a tout le plumage, excepté le poitral, aussi noir qu’une Corneille, mais ce poitral l’enuirō de quatre doigts en longueur & trois en largeur

⁸⁵ Em seu livro *Le Iardin, et Cabinet Poetique* [Figura 85], Contant (1609: 70), motivado pela leitura da obra de Léry, dedicou ao tatu os seguintes versos: “*Du cuirassé Tatou: & de son Armadille./ Armadille d’honneur de l’esmaillé troupeau./ D’escalles tout couuert au lieu de tendre peau./ En ta creation sur tous le plus estrange/ Pour tes rares beautez seul digne de louange./ Car quell chef conduisant vne armée pourroit/ s’armer plus dextremment (quand mesme il le voudroit)/ Quel chef dont la valeur d’une armée bien ioincte/ Ayant recue l’honneur de la premiere poincte?/ Qui void & qui cognoist & qui ia tout certain/ La cruelle Atropos luy lancer de sa main/ Le dard enuenimé & qui n’attend que l’heure/ Du coup qui luy dira, sus il faut que tu meure:/ Se pourroit mieux armer? Car soit qu’il ait l’Armet/ En teste, & sur son dos le luyant Corselet./ Des brasards des cuisarts & les mains guantellees/ Garnies dextremment de piesses escaillees./ Que son corps soit par tout couuert de fer mouuant./ Et qu’ainsi bien armé ne craigne le deuant./ Ains chef bien aguerry avecques sa rondache/ Attaque viuement l’ennemy qui brauache:/ Ceste armeure n’est rien, ceste armeure n’est point/ Digne d’estre esgallée à celle qui le ioint/ D’un naturel resort, & qui tousiors est preste/ De soutenir le chocq de l’ennemye beste*”. Contant (1609: figs. 15 e 16) representou duas espécies de tatus [Figura 87].

⁸⁶ Contant (1609: 68), também inspirado pela obra de Léry, dedicou ao tucano os seguintes versos: “*Et cest oyseau qui a vn gros bec si difforme./ A la comparaison de la petite forme/ De son corps enrichy de si belles couleurs./ Que le printemps ne peut de ses bizarres fleurs/ A nostre oeil curieux estalant les merueilles./ Nous en faire admirer de plus riches & belles./ Bref ce petit oyseaux est sur tous estimé/ Pour son bec, pour son corps richement emplumé*”. O tucano foi ilustrado por Contant (1609: figura 10) [Figura 86].

estant plus iaune que saffran, escorché qu'il est par les Sauuages, outre qu'il leur sert tât pour s'en couvrir & parer les ioues, que autres parties de leurs corps encores par ce qu'ils en portent ordinairement quant ils dansent le nommant *Toucan-tabouracé* c'est à dire plume pour danser, ils en font plus d'estime: toutesfois en ayâs en grâd nôbre ils ne font point de difficultez d'ébailler & changer a la marchandise que les François & Portugais qui trafiquent par dela leur portent. Mais au surplus cest oyseau *Toucan* ayant le bec plus long que tout le corps, & gros en proportion, sans luy parâgonner ni luy opposer celui de grue, qui n'est rië en comparaison, il le faut tenir non seulement pour le bec des becs, mais aussi pour le plus prodigieux & monstrueux qui se puisse trouuer entre tous les Oyseaux de l'vniuers'.

Toüi (p. 174) – ‘Le troisieme sorte de Perroquets nommez *Touïs* par les Sauuages, & par nous autres Moissons, ne sont pas plus gros qu'estourneaux: mais quant au plumage, excepté la queue qu'ils ont fort longue & entremeslee de iaune, ils ont le corps entierement aussi verde que porree’.

***Touou** (p. 158-159) – ‘Nos Ameriquains au surplus prennent des Lezards qu'ils appellent *Touou*, non pas verds comme les nostres, ains gris & la peau licee ainsi que nos petites Lezardes: mais quoy qu'ils soyent longs de quatre a cinq pieds, gros de mesme, & de forme hideuse à voir, tant y a neantmoins, que se tenans ordinairement sur les riuages des fleuues & lieux marescageux ainsi que les Grenouilles ils ne sont non plus dangereux. Et diray plus, qu'estans escorchez, estropez, nestoyez, & bien cuits (la chair en estant aussi blanche, delicate, tendre, & sauourese que le blanc d'un chapon) que c'est l'une des bonnes viande [sic] que i'ay mangée en l'Amerique. Vray est que du commencement i'auois cela en horreur, mais apres que i'en eus tasté en matiere de viandes ie ne chantois que de Lezards’; (p. 160).

***Upec, Vpec** (pp. 168-169) – ‘Or avec ces deux sortes de poulailles [*arignan-miri*, a galinha doméstica, e *arignan-oussou*, o peru] nos Sauuages nourrissent domestiquement des Canes d'Indes, qu'ils appellent *Upec*, mais parce que nos pauures *Touopinambaults* ont ceste opinion enracinee, que s'ils mangeoyent de cest Animal qui marche ainsi pesamment, cela les empescheroit de courir quâd ils seroyêt chassés & poursuyus de leurs ennemis, il sera bien habile qui leur en fera taster. S'abstans aussi pour mesme cause de toutes bestes qui vont lentement, & mesmes des poissons comme les Rayes & autres qui ne nagent pas viste’.

†**Yetin** (p. 183) – ‘Dauantage l'air de ceste terre du Bresil produit encore vne sorte de petits mouchillons, que les habitans nomment *Yetin*, lesquels piquent si viuement, voire a trauers des legers habillemens, qu'on diroit que ce sôt pointes d'esquilles. Par tant vous pouuez penser quel passetemps c'est, de voir nos Sauuages tous nuds en estre poursuyuis: car claquans lors des mains sur leurs fesses, cuisses, espauls, & sur tout leurs corps, vous diriez que ce sont charriers avec leurs fouets.

***Ynanboumiri** (p. 170) – ‘Comme aussi les trois suyans sont, assauoir *Ynanboumiri*, de mesme grâdeur que nos Perdrix’.

***Ynambou-ouassou** (p. 169) - ‘*Mocacoüa* & *Ynambou-ouassou* sont deux especes de Perdrix aussi grosses qu'Oyes & de mesme goust que les precedens’.

†**Yra-yetic** (p. 115) – ‘Et au surplus ils attachêt sur chacune de leurs iouës avec de la cire qu'ils nommêt *Yra-yetic*, vn poitral d'oiseau couuert de petites & subtiles plumes iaunes’.

Yra-yetic, Yra, †Yetic (p. 180) – ‘Quant aux Abeilles de l'Amerique, n'estans pas semblables à celles de par deça, ains ressemblans mieux les petites mouches noires que nous auons en Esté, principalement au temps des raisins, elles font leur miel & leur cire par les bois dans des creux d'arbres. Et ainsi les Sauuages qui sçauêt bien amasser l'un & l'autre, & qui encore meslez ensemble appellent cela *Yra-yetic*, car *yra* est le miel & *yetic* la cire, apres qu'ils les ont separez, ils mangent le miel ainsi que nous faisons: & quant à la cire, laquelle est presque aussi noire que poix ils la serrêt en rouleaux gros comme le bras. Non pas toutes fois, qu'il en font ni torche ni chandelle, car n'vsans point la nuit d'autre lumiere que de certains bois qui rend la flamme fort claire, ils se seruent principalement de ceste cire à estouper les grosses cannes de bois ou ils tiennent leurs plumasseries, afin de les conseruer contre vne certaine espece de papillons lesquels autrement les gasteroyent’.

HISTOIRE
D'VN VOYAGE
FAIT EN LA TERRE
DV BRESIL, AVTRE-
ment dite Ame-
rique.

*Contenant la navigation, & choses remar-
quables, veuës sur mer par l'aucteur: Le compor-
tement de Villegagnon, en ce país là. Les meurs
& façons de viure estranges des Sauvages A-
meriquains: avec un colloque de leur langage.
Ensemble la description de plusieurs Animaux,
Arbres, Herbes, & autres choses singulieres,
& du tout inconnues par deça, dont on verra les
sommaires des chapitres au commencement du
liure.*

Non encores mis en lumiere, pour les causes
contenues en la preface.

*Le tout recueilli sur les lieux par I E A N D E
L E R Y natif de la Margelle, terre
de saint Sene au Duché de
Bourgongne.*

Seigneur, ie te celebreray entre les peu-
ples, & te diray Pseaumes entre les na-
tions. P S E A V. C V I I I.

A LA ROCHELLE.

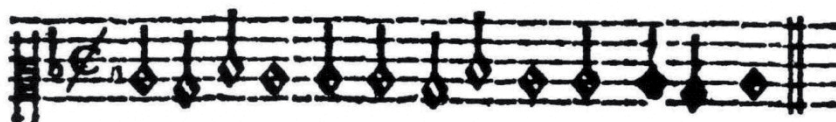
Pour Antoine Chuppin.

M. D. LXXVIII.

Figura 81. Frontispício da obra de Léry (1578).

violet figuré par dessus, on est ravi de telle beauté.

Les Sauvages en leurs chansons, font communément mention de ce dernier, disans & repetans souuent selon ceste musique :



Canidé-ionue, canidé-ionue heura-oueb

c'est à dire, vn oiseau iaune, vn oiseau iaune, &c. car *ionue*, ou *ionp*, veut dire iaune en leur langage. Et au surplus, combien que ces deux oiseaux ne soyent pas domestiques, estans neâtmoins plus coustumierement sur les grands arbres au milieu des villages que parmi les bois, nos *Tououpinambouits*, les plumans soigneusement trois ou quatre fois l'annee, font (comme i'ai dit ailleurs) fort proprement des robes, bonnets, bracelets, garnitures d'espees de bois & autres choses de ces belles plumes, dont ils se parent le corps. I'auois aporté en France beaucoup de tels pennaches: & sur tout de ces grandes queuës que i'ai dit estre si bien naturellement diuersifiées de rouge & de couleur celeste: mais à mon retour passant à Paris, vn quidam de chez le Roy, auquel ie les monstroi, ne cessa iamais par importunité qu'il ne les eust de moi.

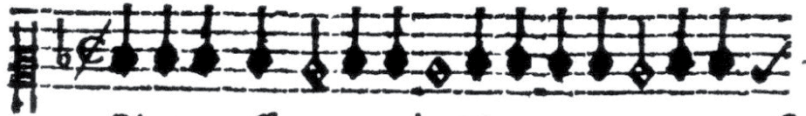
Plumes seruaus à faire robes, bonnets, bracelets, & autres paremens des Sauvages.

Quant aux Perroquets ils s'en trouue de trois ou quatre sortes en ceste terre du Bresil: mais quât aux plus gros & plus beaux, que les Sauuages appellent *Aiourom*, lesquels ont la teste riorom

Figura 82. Canção indígena citando o *canindé* (Léry, 1578: 173).

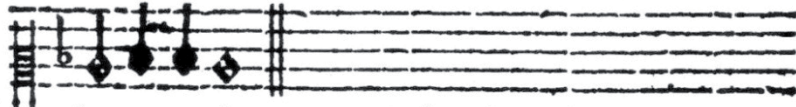
*Camou
roupon
ouasson
grand
poisson.*

C A M O V R O V P O V Y - O V A S - S O V, est vn bié grand poisson (car aussi *Ouasson* en langue Bresilienne veut dire grand ou gros, selon l'accent qu'on lui dōne) duquel nos *Tououpinambaoules* dansans & chantans, font ordinairement mention, disans, & repetās souuent ceste chanterie,



Pira-ouasson a-ouch Kamouroupony-ouasson

*Ouara
& Aca-
ra-ouasson,
poissons
delicats.*



son a-ouch &c. & est fort bon à manger.
Deux autres qu'ils nomment *Ouara & Aca-
ra-ouasson*, presque de mesme grandeur que le precedēt, mais meilleurs: voire dirai que l'*Ouara-
Acara-
ra*, n'est pas moins delicat que nostre Truite.

*Acara-
pep,
poisson
plat.*

*Acara-
bouten*

*poisson
rougeastre.*

*Pira-y-
pochi,*

*poisson
long.*

*Rayes dis
sembla-
bles à cel-
les de par-
deçà.*

A C A R A P E P, poisson plat, lequel en cuisant icette vne graisse iaune, qui lui sert de sausse, & en est la chair merueilleusement bonne.

A C A R A - B O V T E N, poisson visqueux de couleur tannée ou rougeastre, qui estant de moindre sorte que les susdits, n'a pas le goust fort agreable au palais.

Vn autre qu'ils appellent *Pira ypochi*, qui est long comme vne anguille, & n'est pas bon: aussi *Ypochi* en leur langage veut dire cela.

Touchant les rayes qu'on pesche en la riuiere de Genevre, & es mers d'environ, elles ne sont pas seulement plus larges que celles qui se voyent

Figura 83. Canção indígena citando o *camurupi* (Léry, 1578: 188).

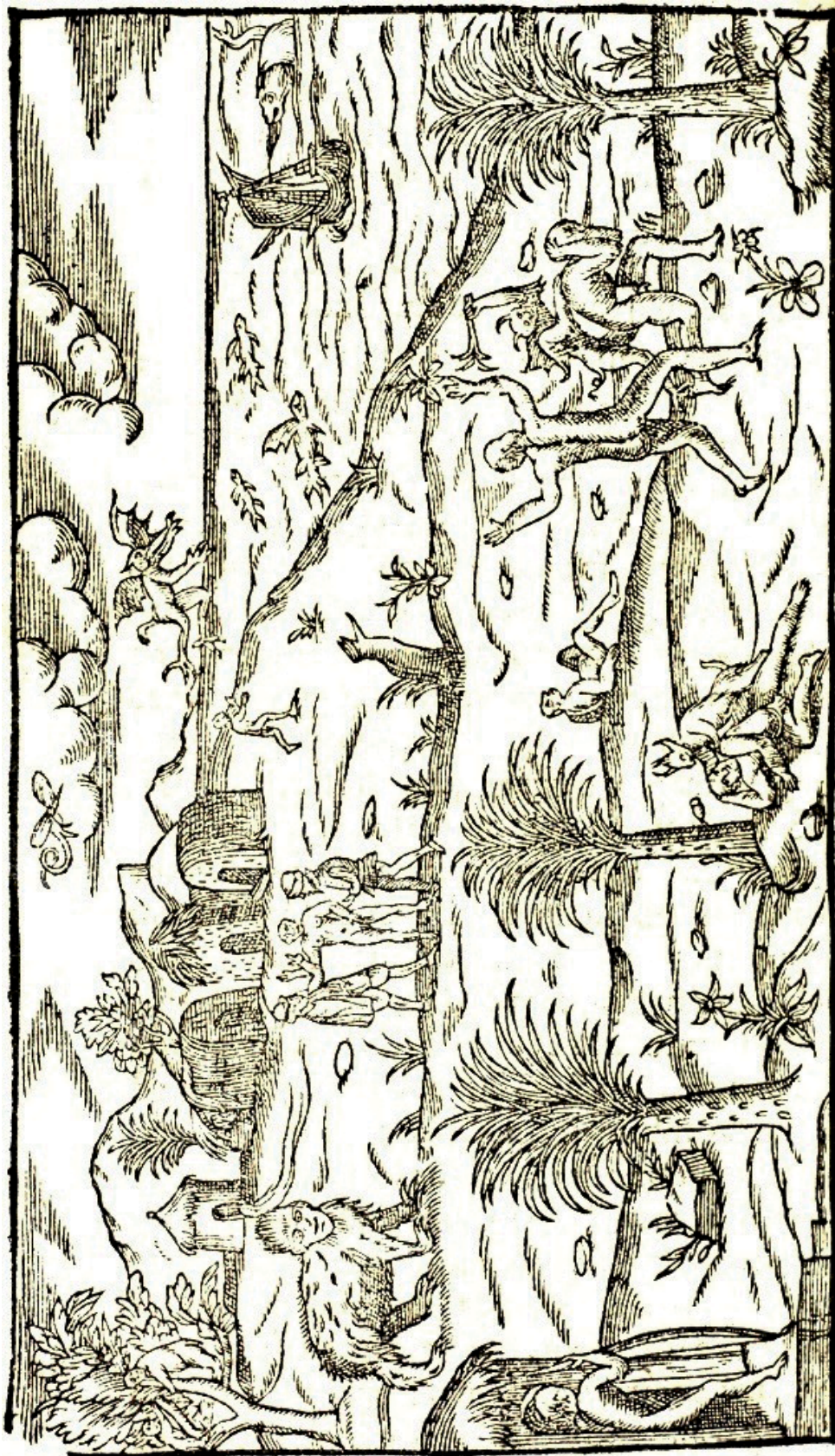


Figura 84. Preguiças na árvore, no chão, peixes-voadores e demônios atormentando os índios (Léry, 1580: 235).

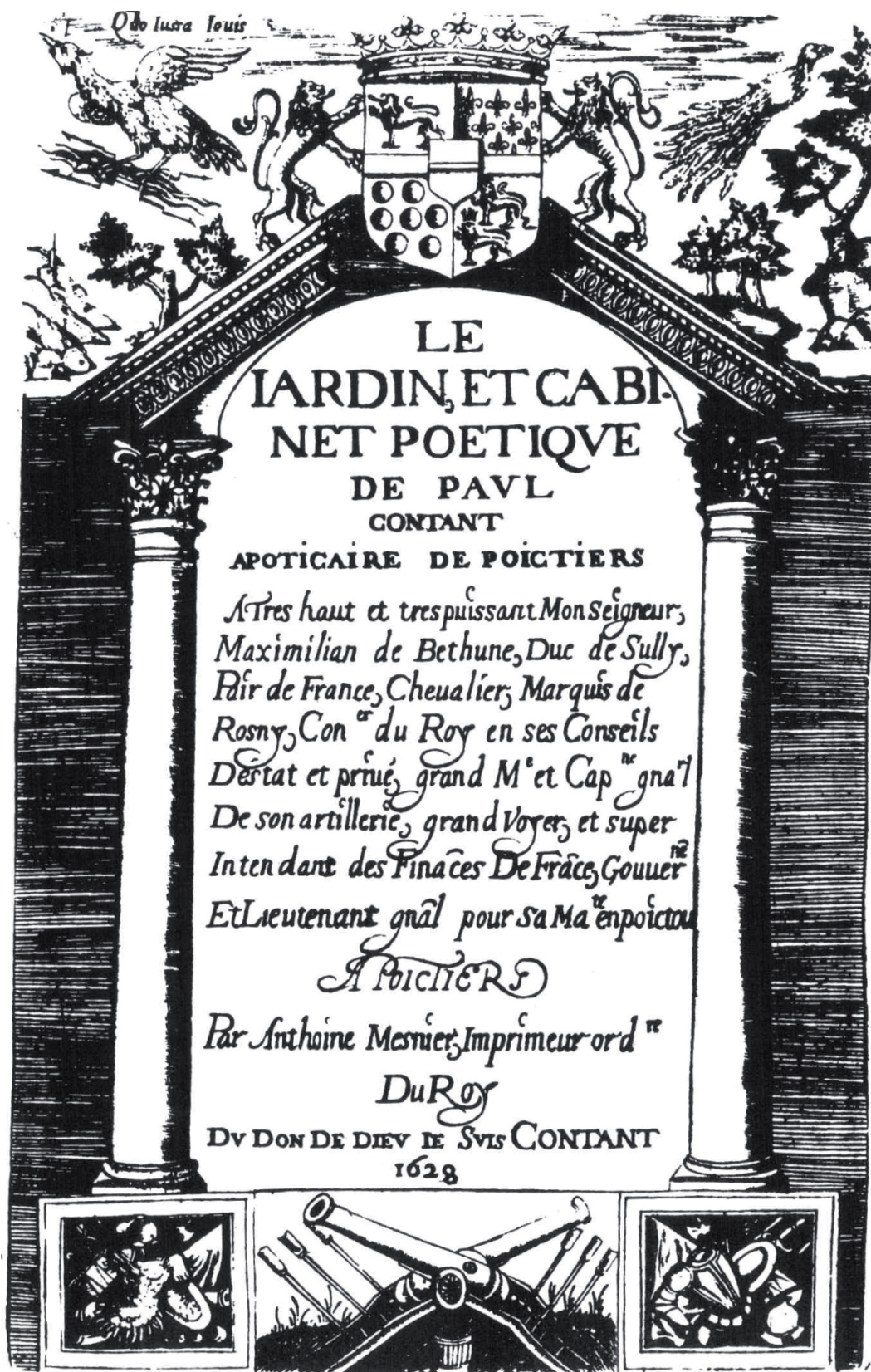


Figura 85. Frontispício do livro de Contant (1609).

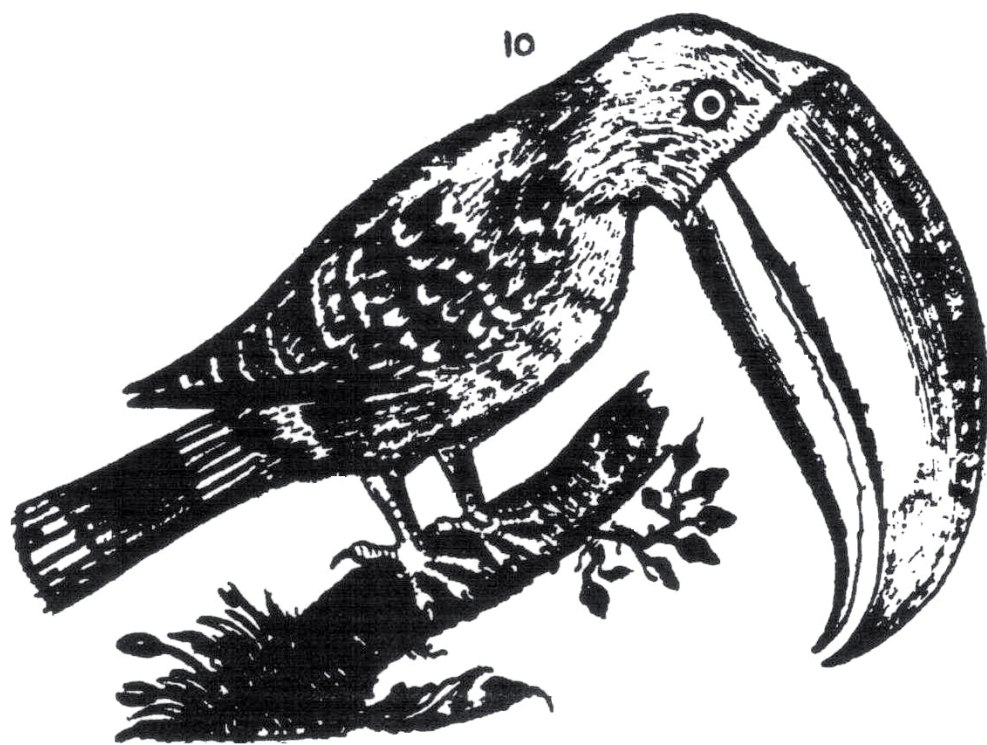


Figura 86. Tucano (segundo Contant, 1609: figura 10).

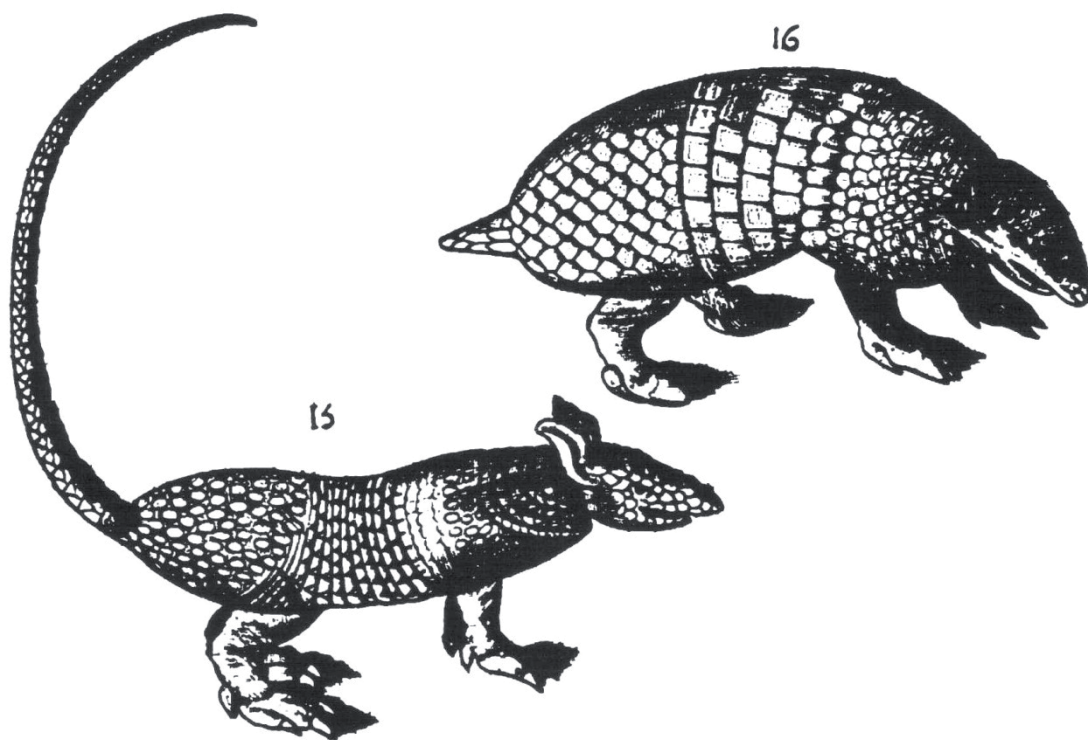


Figura 87. Tatus (segundo Contant, 1609: figuras 15 e 16).

20. AMBROISE PARÉ (1589)

Sobre a vida e a obra de Ambroise Paré [Figura 88], ver Malgaigne (1840). Em suas *Oeuvres* (Paré, 1589) limitou-se a reproduzir o que Thevet escrevera e ilustrara em sua *Cosmographie*, sobre o *toucan* e o *haüt* [Figuras 89 e 90].



Figura 88. Amboise Paré.

“Thevet en sa *Cosmographie* dict qu’il a veu aux terres neufues vn oiseau que les sauvages appellent en leur gergon **Toucan**, lequel est fort monstreux & difforme, entant qu’il a le bec plus gros & plus long que tout le reste du corps. Il vit & mange de poiure, comme nos tourtes, merles & estourneaux font icy de grene de lierre, qui n’est point moins chaude que le poiure. Vn gentilhomme Prouençal en fait present d’un au feu Roy Charles neufiesme ce qu’il ne peut faire vif, car en l’apportant mourut neantmoins le presenta au Roy: lequel apres l’auoir veu commanda à Monseigneur le Mareschal de Rets, me bailler pour l’anatomiser & embaumer à fin de le mieux cōseruer: toutesfois bien tost apres se putrefia. Il estoit de grosseur & plumage à vn Corbeau, reste que le bec estoit plus grand que le reste du corps de couleur iaunastre transparant, fort leger, & dentelé en maniere de scye. Je le garde

comme vne chose quasi monstreuse. La figure duquel t'est icy representé" [Figura 89] (Paré, 1579, 1841: 783).

IX.^c LXXXVII. VINGQVATRIESME LIVRE TRAITANT

Trois cents vingtneufiesme figure.

De l'oiseau nommé Toucan.



Figura 89. O tucano (desenho de Thevet reproduzido por Paré).

"D'une beste monstrueuse laquelle ne vit que de vent, dite Haït. Theuet en sa Cosmographie, tom. 2. chap. 13. dit qu'en Afrique [sic] se trouue vne beste, nommée des Sauvages Haït, fort difforme, est presque incredible qu'il en soit de telle qui ne la'auroit veü. Elle peut estre de grandeur à vne grosse Guenon, ayant son ventre auallé et proche de terre, quoy qu'elle soit debout: sa face et teste sont presque semblables à celles d'un enfant. Ce Haït estant pris, iette de grands soupirs, ne plus nemoins que feroit vn homme atteint de quelque grande et excessiue douleur. Elle est de couleur grise, n'ayant que trois ongles à chacune patte, longue de quatre doigts, faits en forme d'arestes d'une carpe, avec lesquelles griffes qui sont autant ou plus trenchantes que celles d'un Lion, ou autre beste cruelle, elle monte sur les arbres, où elle fait plus sa residence qu'en terre. Elle a la queue longue seulement de trois doigts. Au reste c'est vn cas estrange, que iamais homme ne sçauroit dire l'auoir veü manger de chose quelconque, quoy que les Sauvages em ayent tenu longtemps dedans leurs loges, pour voir si elles mangeroient quelque chose: et disoient les Sauvages que seulement elles viuoient de vent" [Figura 70] (Paré, 1579. 1841: 786-787).

IX.CXCV. VINGTQVATRIESME LIVRE TRAITANT

Trois cents trenteseptiesme figure.

Figure d'une beste monstruse laquelle ne vit que de vent dite Haïit.



Figura 90. A preguiça (desenho de Thevet reproduzido por Paré).

21. JEANNE D'ALBRET E A 'DEPENSE EXTRAORDINAIRE DU ROY DE NAVARRE PENDANT LES MOIS D'AVRIL, MAI ET JUIN 1582'

Jeanne d'Albret [Figura 91] nasceu no palácio da corte real de Saint-Germain-en-Laye, na França, a 16 de novembro de 1528, filha de Marguerite d'Angoulême et Henry II de Navarre. Grande parte de sua juventude foi passada na Normandia, longe de seus pais, onde recebeu excelente educação.



Figura 91. Jeanne d'Albret.

Em 1541, quando Jeanne tinha 12 anos, seu tio, o rei Francisco I, forçou-a a casar-se com o Duque de Jülich-Cleves-Berg. Apesar de sua recusa e de haver sido até chicoteada, foi arrastada ao altar. Mas esse casamento foi anulado quatro anos depois, por não haver sido consumado. Jeanne foi então colocada sob a custódia de Francisco I.

Com a morte deste em 1547 e a ascensão de Henry II ao trono francês, Jeanne casou-se com Antoine de Bourbon, Duque de Vendôme, a 20 de outubro de 1548. O casal teve cinco filhos, dos quais apenas dois, Henry (IV), rei da França de 1589 a 1610 e rei de Navarra de 1572 a 1610, e Catherine, Duquesa de Lorraine, chegaram à idade adulta.

A 25 de março de 1555, morreu o rei de Navarra, Henry II. Jeanne e seu marido tornaram-se os monarcas de Navarra, sendo coroados em Pau a 18 de agosto de 1555, a rainha sendo então chamada Jeanne III. Tendo se convertido ao calvinismo, tornou-o a religião oficial de seu reino. Foi figura-chave nas guerras religiosas francesas. Operou grandes reformas econômicas e no sistema judicial de seus domínios. Morreu a 9 de junho de 1572.

Raymond (1866-1869) publicou uma longa relação das contas de Jeanne d'Albret e seus

descendentes, de 1556 a 1608. Entre as despesas efetuadas pela corte de Navarra, encontramos interessantes detalhes, provavelmente relacionados com a *ménagerie* dos monarcas; por exemplo:

‘A un messenger, 6 l. t. [livres tournois] pour être allé de nérac porter lettres à Bordeaux et pour avoir apporté au roy des oiseax nommés canaris’ (Raymond, 1868: 224).

‘A un messenger, 30 s. t. [sous ou sols tournois] pour cinq oiseaux appelés serins qu’il a donnés à S. M.’ (Raymond, 1868: 35).

‘A Jehan Bourgueil, garçon de la chambre du Roy, 20 s. t. Pour faire apporter trois oiseaux appelés passes-solitaires’ (Raymond, 1868: 263).

‘A Etienne Robin, marchard mercier du Roy, (...) 18 l. t., pour un collier de velours bleu pour la guenon’ (Raymond, 1868: 265).

‘A un homme du capitaine Chalmot, 6 l. t. Pour don que le Roy lui a fait en considération de la peine qu’il a prise d’avoir apporté à S. M. une guenon que le capitaine Chalmot lui a envoyée’ (Raymond, 1868: 419-420).

‘A l’argentier, 56 l. t., payées par ordre du Roy pour une guenon’ (Raymond, 1869: 567).

Mas o que nos interessa mais de perto, é o que consta das ‘*Dépenses extraordinaires du Roy de Navarre, pendant les mois d’avril, mai et juin 1582*’:

‘A l’argentier, 60 s. t. [sous ou sols tournois] pour le **sagouin** de S. M.’ (Raymond, 1868: 164).

Os primates brasileiros eram muito procurados pelas cortes europeias. Sobre o assunto, ver Teixeira & Papavero (2010).

22. FERNÃO CARDIM (1583)

Segundo Rodolfo Garcia (*in* Cardim, 1980: 13-22):

“A vida de Fernão Cardim é quase desconhecida. A data de seu nascimento é incerta. Ele próprio, qualificando-se em 14 de agosto de 1591 perante a mesa do Santo Ofício a que presidia o visitador Heitor Furtado de Mendonça, na cidade do Salvador, declarou ter quarenta e três anos, ‘pouco mais ou menos’ [*Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil – Denúncias da Bahia*, São Paulo, 1925, p. 327]. Teria, portanto, nascido em 1548; essa data, porém, não confere com a que consignou o padre Antônio Vieira, na *Anua da Provincia do Brasil dos anos de 1624 a 1625*, publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1827, tomo XIX, p. 187, - ao dizer que Cardim entrou na Companhia de Jesus em 1555 aos quinze anos de idade, fazendo assim retrair o ano de seu nascimento para 1540. De uma biografia sumaríssima estampada na *Revista de História*, de Lisboa, volume X (1921), consta o início de seu noviciado em 9 de fevereiro de 1566; a prevalecer sua declaração, contaria então dezoito anos, ao passo que tomada como certa a de Vieira, teria vinte e seis anos. Entre uma e outra hipótese, mais aceitável parece a primeira, mesmo porque a informação da *Anua* encerra evidente erro aritmético, quando estabelece que ‘Cardim entrou na Companhia em 1555 aos quinze anos de idade, viveu nela sessenta e faleceu com setenta e cinco’.

Era natural de Viana de Alvito, Arcebispado de Évora, filho de Gaspar Clemente e sua mulher d. Inês Cardim, de família antiga e importante em Portugal. Seu irmão mais velho, o dr. Jorge Cardim Fróis, ocupou vários cargos de administração da Justiça, e foi, na Corte de Lisboa, Desembargador dos Agravos da Casa de Suplicação. Para o exercício de emprego tão alto na magistratura do reino se requeria ‘homem fidalgo, de limpo sangue, de sã consciência, letrado, se fosse possível, e abastado de bens temporais’. Seus outros irmãos, Lourenço Cardim e Diogo Fróis, pertenceram, como ele, à Companhia de Jesus: o primeiro, acabados os estudos e ordenado sacerdote, passou para o Brasil em 1585, e foi morto em viagem por corsários franceses; o segundo foi lente de Teologia moral no Colégio e Universidade de Coimbra, e na peste de Lisboa (1568-69), servindo aos empestados, contraiu o mal e morreu no hospital da cidade. Quatro sobrinhos de Fernão Cardim, filhos do dr. Jorge Cardim Fróis e sua mulher d. Catarina de Andrade, seguiram vida religiosa; João Antônio e Diogo pertenceram à Companhia, e Plácido à Ordem Conventual de Cristo. De João Cardim escreveu a *Vida e virtudes* o Padre Sebastião de Abreu (Évora, 1659). Antônio Francisco Cardim missionou no Japão, e escreveu os *Fasciculus a Japonicis Floribus*, etc. (Roma, 1646), que apareceram em português com o título *Elogios e ramalhetes de flores, borrifados com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus*, etc. (Lisboa, 1650); escreveu também uma *Relação da provincia do Japão*, de que se conhece apenas a tradução francesa, impressa em Paris, 1646; escreveu ainda as *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa provincia do Japão*, que se conservaram inéditas até 1894, quando foram dadas a lume pela Sociedade de Geografia de Lisboa. De Diogo Cardim sabe-se que missionou na Índia; sobre Frei Plácido nada se consegue apurar.

Da existência de Fernão Cardim em Portugal, antes de vir para o Brasil, faltam pormenores. Já era professo dos quatro votos e ministro do Colégio de Évora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do padre visitador Cristóvão de Gouvea; passou a Lisboa em princípios de outubro daquele ano e ali esteve cinco meses, até que, a 5 de março de 1583, com o governador Manuel Teles Barreto, o visitador e outros padres, embarcou para o Brasil, chegando à Bahia a 9 de maio seguinte. Daquela primeira data por diante, enquanto durou a missão do padre Gouvea, podemos segui-lo, quase dia a dia, através das páginas tão animadas quão encantadoras da *Narrativa epistolar*. Na Bahia, nos Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, esteve uma e mais vezes, em companhia do visitador, que ordenava as coisas necessárias ao bom moneio dos colégios e residências existentes naquelas partes. Da Bahia, em 1 de maio de 1590, datou a segunda e última carta da *Narrativa*; era reitor do colégio, cargo que ainda tinha em 1593, porque assinava em 29 e 31 de julho e 2 de agosto, logo após ao visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça, as determinações que se assentaram em mesa sobre alguns casos especiais, - conforme faz fê a *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil* (São Paulo, 1922, p. 46). No Rio de Janeiro, como reitor do Colégio de São Sebastião, esteve em 1596, e nessa qualidade passava procuração, datada de 3 de fevereiro, ao padre Estêvão da Grã para demarcar e tomar posse das terras de Guaratiba, que haviam pertencido a Cristóvão Monteiro e eram, por doação, incorporadas ao patrimônio dos padres da Companhia, - segundo se verifica no *Tombo ou copia fiel de meditação da Fazenda Nacional de Santa Cruz* (Rio de Janeiro, 1829, p. 26). No Colégio do Rio de Janeiro fez-lhe José de Anchieta companhia por algum tempo, antes de ir morrer em Reritiba, no Espírito Santo, a 7 de junho de 1597. Em 1598 foi eleito na congregação provincial para procurador da Província do Brasil em Roma; regressava dessa missão, tendo embarcado em Lisboa a 24 de setembro de 1601, em uma urca flamenga chamada ‘San Vicente’, com o padre João Madureira, que vinha por visitador, e mais quinze jesuítas, quando, mal tinha navegado três ou quatro léguas, teve vista a urca de duas naus de corsários ingleses. Levava ela trinta homens de pelega e

estava bem artilhada; travado o combate contra o inimigo duas vezes mais poderoso, foi forçada a render-se no dia seguinte, depois de porfiada, mas inútil defesa. Eram os corsários comandados pelo capitão Francis Cook, de Dartmouth, que agasalhou com caridade os padres Madureira e Cardim: esses e mais quatro foram conduzidos à Inglaterra; os outros, que ao todo eram onze, foram desembarcados nas costas de Portugal. O padre Madureira morreu no mar, a 5 de outubro de 1601. Cardim chegou à Inglaterra e aí permaneceu até ser resgatado. Nessa ocasião foi despojado dos manuscritos que levava consigo e que chegaram depois às mãos do colecionador londrino Samuel Purchas, como em outro lugar se esclarece.

Da Inglaterra Cardim devia ter passado a Bruxelas antes de 7 de maio de 1603, porque um documento desse lugar e data, pertencente aos Schetz da capitania de São Vicente e dado à estampa por Alcebiades Furtado, nas *Publicações do Arquivo Nacional*, vol. XIV (1914, p. 18), - assinala sua estada naquela cidade, em forma pretérita: 'quando estubo acá'. Em 1604, tornou ao Brasil com o cargo de provincial, que exerceu até 1609, substituindo o padre Pero Rodriguez. Logo em começo de seu provincialato, informado de que os Carijós estavam em boa disposição para receber a luz do Evangelho, mandou ao Sul os padres João Lobato e Jerônimo Rodrigues, que entendiam e falavam bem a língua do país. Partiram os missionários de Santos e chegaram até a lagoa dos Patos. Do sucesso da missão escreveu o padre Rodrigues, em carta longa, datada de 26 de novembro de 1605, que Pierre du Jarric compendiou na *Troisième partie de l'Histoire des choses plus mémorables advenues tant aux Indes Orientales qu'aux autres païs de la découverte des Portugais* (Bordeaux, 1614, p. 481 a 486).

Uma carta de Cardim, de 8 de maio de 1606, escrita da Bahia ao Geral Cláudio Aquaviva, dá conta dos testemunhos tirados juridicamente a favor da vida santa e feitos maravilhosos do padre José de Anchieta, e do que no processo obrou o padre Pero Rodrigues que, por seu conselho, escreveu a vida do taumaturgo; vem publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, (1907, vol. XXIX, p. 183 e 184), precedendo aquela hagiografia.

Em 1606, por sua ordem e com a ajuda do Governador Diogo Botelho, foram os padres Luís Figueira e Francisco Pinto encarregados da catequese dos índios do Ceará. Acompanhados de uma escolta de sessenta índios cristãos, deixaram os padres o Recife em 10 de janeiro de 1607 e por mar chegaram ao porto de Jaguaribe, de onde, após curta demora, se dirigiram a pé para a serra da Ibiapaba. Funestos foram os resultados dessa missão pelo trucidamento do padre Pinto, em 11 de janeiro de 1608, às mãos dos Tapuia Tocariju; o padre Figueira, para escapar à sanha dos bárbaros, foi forçado a tomar o rumo do litoral, depois de ter dado, com grandes perigos, sepultura ao corpo do seu infeliz companheiro.

Passando o cargo de provincial ao padre Manuel de Lima, que viera por visitador em 1607, Cardim assumiu o de reitor, pela segunda vez, do Colégio da Bahia, e de vice-provincial. Foi por essa época que chegou à cidade do Salvador aquele que devia ser mais tarde o grande apóstolo Antônio Vieira, glória da raça e padrão imperecível das letras portuguesas. Ao aportar àquela Capital, criança ainda, foi acometido de muito grave doença.

O padre Fernando Cardim, da Companhia de Jesus, [escreveu André de Barros, na Vida do apostólico Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1746, p. 6] era na Bahia de particular agrado na casa de Cristóvão Vieira Ravasco, e de sua mulher d. Maria de Azevedo; e como o perigoso mal com que lutavam os poucos alentos do menino Antônio os tivesse em temeroso sobressalto, o padre, ao que parece com a alma cheia de superior ilustração os assegurou, e disse: - Que não morreria o menino, porque Deus o guardava para coisas grandes, para crédito da nação portuguesa, e para honra da Companhia de Jesus. - Esta foi a voz do venerável padre Fernando Cardim (apelido que em Portugal e no Brasil nos serve de despertador de virtudes heróicas em ilustres varões). Este foi no Colégio da Bahia, onde foi o nono reitor e décimo provincial daquela província religiosíssima; nele se conserva o seu retrato, história muda, mas forte, para imitação de seus exemplo.

A uma carta de Cardim, de 1 de outubro de 1618, da Bahia, até hoje inédita, referiu-se Varnhagen, na *História Geral do Brasil*, primeira edição, vol. I, p. 296, nota; viu-a na biblioteca da Academia de História de Madri, e considerou-a autógrafa; mas de seu conteúdo nada disse. Por comissão de Cardim, como reitor do Colégio da Bahia, escreveu o padre Luís Barbalho de Araújo a carta, que datou daquele colégio no último dia de dezembro de 1621, dirigida ao Geral Múcio Vitelleschi, sobre o estado da Companhia no Brasil durante o ano que findava; as notícias informam sobre os colégios e residências do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santos, Piratininga e Pernambuco. Foi publicada primeiro em italiano, nas *Lettere annue d'Etiochia, Malabar, Brasile e Gôa, dall'anno 1620 al 1624* (Roma, 1627) e logo em francês, na *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brésil, et les Indes Orientales - Tirée des lettres écrites 1620 et 1624*, etc. (Paris, 1628).

Estavam ainda em mão de Cardim os cargos de reitor e vice-provincial, quando os holandeses tomaram a Bahia, em 9 de maio de 1624.

Nesta desgraça da Bahia [escreveu Antônio Vieira, na Annua citada] era reitor; e por isso quebravam nele mais todas as ondas das adversidades, mas como rocha viva sempre se conservou em paz, esteve muito firme, e conforme com a vontade de Deus.

O colégio foi transformado em armazém de vinhos, segundo o testemunho dos cronistas, e os mercadores tiveram permissão para nele se aboletarem: os padres, expulsos, perseguidos, refugiaram-se na aldeia do Espírito Santo, depois Abrantes; doze que chegavam, na ignorância dos sucessos, entre os quais o padre Antônio de Matos, designado para substituir o provincial na administração da província, foram feitos prisioneiros e conduzidos para a Holanda, onde estiveram nos cárceres públicos de Amsterdam por mais de vinte meses, até que foram resgatados por diligência do geral da Companhia.

Na ausência do provincial, Cardim assumiu o governo da província, no momento inçado das maiores dificuldades e incertezas. Velho e alquebrado, com o grande trabalho e má vida daqueles tempos, padecendo falta de todo o necessário, como disse Vieira, caiu enfermo e veio a falecer a 27 de janeiro de 1625, naquela mesma aldeia, que foi das primeiras que conheceu no Brasil, e o destino lhe reservara para refúgio último de sua vida.

Dos escritos de Fernão Cardim, o que primeiro foi divulgado pela imprensa em língua portuguesa e com sua autoria declarada, foi a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o Padre Cristóvão de Gouvêa. Escripção em duas cartas ao P. Provincial em Portugal, pelo Padre Fernão Cardim, Ministro do Collegio da Companhia em Evora, etc.*, Lisboa (na Imprensa Nacional), 1847, in-8°, 123 p. Editou-o o benemérito Francisco Adolfo de Varnhagen, que o dedicou à memória do cônego Januário da Cunha Barbosa, o ilustre fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não é aquela a epígrafe com que ocorre no *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Eborensis*, ordenado pelo bibliotecário Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (Lisboa, 1850), tomo I, p. 19, onde se inscreve: *Enformação da Missão do Padre Christovão de Gouvêa às partes do Brasil no anno de 83* (duas cartas). Mudando-lhe o título, o editor juntou um prólogo sem assinatura e no fim, depois de uma folha falsa com a palavra – *Notas* – uma *Advertencia accidental*, que subscreveu com a sigla V., explicando o motivo por que não fez acompanhar a publicação das anotações com que pretendia ilustrá-la, e que quase lhe duplicariam o volume.

Quando apareceu a *Narrativa epistolar*, dentre os que primeiro lhe louvaram as excelências é preciso salientar o benemérito Ferdinand Denis, que, publicando *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (Paris, 1850), em nota (p. 48-51) não regateou encômios ao ‘petit livre écrit dans un style charmant et que l’on doit à un missionnaire jusqu’alors inconnu... le P. Fernão Cardim’. A este refere-se como ‘doué d’un sentiment poétique, d’une rare délicatesse et qui se révèle comme à son insu dans chacune des lettres confidentielles qu’il a écrites à un supérieur, il ne tarit point sur les danses dramatiques des Indiens, sur leurs chants naïfs, sur la noble gravité de leurs harangues’. E a propósito das festas e cantos dos índios, cita trechos da *Narrativa*, colocando o autor ao lado de Gabriel Soares.

Tempos depois, o dr. A. J. de Melo Moraes, que tão bons serviços prestou às letras históricas no Brasil, reimprimiu integralmente a *Narrativa*, sob o título de *Missões do P. Fernão Cardim*, na *Chorographia Historica* (Rio de Janeiro, 1860), tomo IV, p. 417 a 457, que correspondem à *História dos Jesuítas*, do mesmo autor, tomo II, idêntica numeração de páginas (Rio de Janeiro, 1827).

Parcialmente, foi a *Narrativa* reproduzida, no tocante ao Rio de Janeiro, pela revista mensal *Guana-bara*, desta cidade, vol. II (1851), p.122-125; com relação a Pernambuco, pela *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 43 (1893), p. 189-206, com algumas anotações de F. A. Pereira da Costa; e a parte referente à Bahia inseriu o dr. Brás do Amaral, em nota às *Memórias Historicas e Politicas*, de Accioli (Bahia, 1919), vol. I, p. 465-472.

Em 1901, achando-se completamente esgotada a edição de 1847 e sendo pouco acessíveis as reproduções de Melo Moraes, entendeu o Instituto Histórico de reimprimir a *Narrativa* e cometeu a Eduardo Prado a tarefa de fazer-lhe as notações, que Varnhagen lhe não pudera aditar. Iniciava apenas esse trabalho, quando súbita e infelizmente faleceu o bellissimo escritor. Assim, foi a *Narrativa* impressa na *Revista do Instituto*, (1902), tomo 65, parte I, ainda dessa vez desacompanhada de notas, que por certo tanto lhe haviam de acrescer e realçar o valor.

A cópia de que se utilizou Varnhagen em 1847, e que serviu para as reproduções subsequentes, era assaz incorreta, como se verificou da colação feita com o apógrafo eborensis no exemplar que, por diligência do dr. Capistrano de Abreu, possui o brilhante historiador dr. Paulo Prado. Aquela cópia continha, de fato, além de numerosos erros, muitas outras omissões, que em diversos passos alteraram ou deixaram suspenso e incompreensível o sentido da narração. Uma *tábua de erros* seria aqui descabida, mas não nos furtaremos ao desejo de apontar alguns dos mais sensíveis. Assim, quando o padre diz que pregou na capela da vila de Porto Seguro no ‘primeiro dia do anno’, versando sua narrativa por fins do mês de setembro, deve-se ler – ‘dia do Anjo’, ou de São Miguel Arcanjo, que cai em 29 daquele mês. O padre Rodrigo de Freitas figura uma vez na edição Varnhagen e nas que se seguiram, como Rodrigo de *Faria*, e o índio cristão Ambrósio Pires, que ele levou a Lisboa, como Ambrósio *Rodrigues*. Por aquelas edições, o Colégio da Bahia tinha *três* cubículos, em vez de *trinta*; em Pernambuco, pessoa houve que mandou ao Padre visitador passante de *dez* cruzados de carne, em vez de *cinquenta*; senhores de engenho da mesma capitania tinham alguns *dez e mais mil cruzados* de seu, em vez de *quarenta e mais mil cruzados*; a doação que os moradores de Santos fizeram ao Visitador para a mudança da casa de São Vicente para ali, avaliou-se em *quinhentos cruzados*, e não em *cem*; a *capitania* de Ilhéus e do Espírito Santo substituiu-se por *capital*; obra por *obediência e misteres* por

ministérios, vêm por diversas vezes; os painéis da *vida de Cristo* aparecem uma vez por painéis das *Divindades*... O tratamento que o Padre atribui ao provincial de Portugal é de *Reverência*, e não de *Reverendíssima*, como está. Vários saltos de palavras e de frases inteiras ocorrem e faltam também os fechos das aretas. (...).

Os outros tratados de Fernão Cardim – *Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes e ceremonias*, e o *Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assim na terra como no mar*; vêm mencionados no *Catalogo* de Rivara, mas apareceram primeiro em inglês, na famosa coleção *Purchas his Pilgrimes* (Londres, 1625), volume VI, p. 1289 a 1320, sob o título – *A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there*. Ao colecionador Samuel Purchas afiguram-se esses escritos os mais completos que jamais vira sobre o Brasil, parecendo-lhe da lavra do frade ou jesuíta português, de quem os ‘tomara contra vontade’ Francis Cook, de Dartmouth, em uma viagem ao Brasil, em 1601, e que os vendera por vinte xelins a certo mestre Hackett. Como nas últimas folhas estivessem algumas receitas medicinais assinadas pelo irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio da Bahia, deu-o Purchas como autor dos tratados [O comentário original de Purchas [1625] 1906: 417-418 é o seguinte: “Reader, I here present thee the exactest Treatise of Brasil which I have seene written by any man, especially in the Historie of the multiplied and diversified Nations and customes of men; as also in the naturall Historie of Beasts, Serpents, Fowles, Fishes, Trees, Plants, with divers other remarkeable rarities of those Regions. It was written (it seemeth) by a Portugall Frier (or Jesuite) which had lived thirtie yeares in those parts, from whom (much against his will) the written booke was taken by one Frances Cooke of Dartmouth in a Voyage outward bound for Brasil, An. 1601. who sold the same to Master Hacket for twenty shillings; by whose procurement it was translated out of Portugall into English: which translation I have compared with the written Originall, and in many places supplied defects, emended errors, illustrated with notes, and thus finished and furnished to the publicke view. Great losse had the Author of his worke, and it not a little of his name* (*I finde at the end of the Booke some medicinall receipts, and the name subscribed Ir. Manoel Trintam Enfermeiro do Colegio da Baya: whom I imagine to have beene Author of this Treatise. Cooke reported that he had it of a Friar: but the name Jesus divers times on the top of the page, and often mention of the Fathers and societie maketh me thinke him a brother of that order, besides the state-tracte following) which I should as willingly have inserted as worthy much honour for his industrie, by which the great and admirable workes of the Creator are made knowne; the visible and various testimonies of his invisible power, and manifold wisdom]. Trabalho meritório do dr. Capistrano de Abreu, cujos serviços à História do Brasil, no arrolamento de suas fontes e na interpretação de seus fatos nunca foram assaz exaltados, - foi esse de reivindicar para Fernão Cardim a autoria de seus escritos. Publicando, em 1881, o tratado *Do principio e origem dos indios do Brasil*, o dr. Capistrano produziu prova cabal de pertencer ele a Cardim, não somente pela circunstância dos tratados de Purchas terem sido tirados em 1601 por um inglês a um jesuíta em viagem para o Brasil, como também porque, em colação com a *Narrativa epistolar*, bem se evidencia que todos saíram da mesma pena. O tratado *Dos indios* foi publicado, como dissemos, pelo dr. Capistrano de Abreu, em 1881, às expensas do dr. Ferreira de Araújo, para figurar na Exposição de História e Geografia do Brasil, que então se realizava no Rio de Janeiro, com uma introdução do indefesso editor e importantes notas filológicas do sábio Batista Caetano de Almeida Nogueira.

Nesse mesmo ano de 1881, o dr. Fernando Mendes de Almeida começou a publicar na *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro* (tomo I, números 1 e 2), que dirigia então, o tratado *Do clima e terra do Brasil*, sem nome de autor. Essa publicação alcançou apenas os dois primeiros capítulos: no n. 3 da *Revista* apareceu uma ‘Advertência’, assinada pelo dr. Fernando Mendes, na qual estampou uma carta do dr. Capistrano de Abreu, explicando a origem do manuscrito que servia para a impressão, atribuindo sua autoria a Cardim, e comprometendo-se a tratar mais desenvolvidamente dos pontos em que na ocasião apenas tocou. Fê-lo, de fato, tempos depois, inserindo integralmente o tratado na mesma *Revista* (1885), tomo III, precedido de esclarecido estudo biobibliográfico sobre o autor. Com a versão de Purchas foi comparado o tratado, e em vários pontos aparecem correções.

O manuscrito utilizado para a impressão parcial de 1881 e integral de 1885, encontrou-o o dr. Fernando Mendes entre os papéis de seu pai, o eminente geógrafo e historiador patricio Senador Cândido Mendes de Almeida; procedia da cópia existente no Instituto Histórico, do códice da Biblioteca de Évora, citado no *Catalogo* de Rivara.

Em *Purchas his Pilgrimes*, volume IV, p. 1320-1325, insere-se ainda outro tratado, sob a epígrafe – *Articles touching the dutie of the Kings Majestie our Lord and to common good of all the estate of Brasil* – provavelmente escrito por Fernão Cardim, em que se ocupa de providências de ordem política, ‘que o autor julgava conveniente para comedir os excessos dos colonos contra os índios’, a serem postas em prática no Brasil. Desse não há tradução portuguesa, nem consta que exista o original, ou cópia.

Do retrato moral que de Fernão Cardim fez Antônio Vieira, eis um dos traços principais:

Varão verdadeiramente religioso e de vida inculpável; mui afável e benigno, e em especial com seus súditos. A todos parece queria meter n’alma, de todos se compadecia e a todos amava.

Em seus escritos esses dons de caráter bem se refletem: simples, naturais, sem artificios de estilo, sem preocupações eruditas. Não é que minguisse ao autor a cultura geral do seu tempo e de sua ordem,

quer religiosa, quer profana. De sua ciência teológica avalia-se pela preeminência que alcançou entre seus confrades: seria bom orador, porque sempre assomava ao púlpito nos dias de grandes festas da igreja, ao lado dos padres Quírico Caxa, Manuel de Barros, os melhores pregadores que havia na província, conforme seu próprio testemunho; de outra parte, devia estar ao corrente do saber de seu século, especialmente da ciência médica, porque os tratados de Monardes lhe eram familiares, como seriam os de Clusius, Garcia da Orta e outros. Suas descrições de plantas e animais são perfeitas e acabadas, como diagnoses de naturalista.

O que, porém, nesses escritos verdadeiramente nos encanta é a nota de constante bom humor de que estão impregnados, a vivacidade de narrativa, a graça, o imprevisto das comparações. Vede-o quando refere o exemplo da caridade que a eirara dá aos homens, quando conta as habilidades inteligentes do macaco, quando acha que é boa penitência e mortificação sofrer por uma noite ou madrugada as picadas dolorosas dos maruins, ou quando diz que o rosto da preguiça parece de mulher mal toucada...

Varnhagen quis ver nele o homem feito para viajar.

Não é desses que estão sempre com saudades de um quintalinho, de um bom prato que já não prova. Deixando a terra em que vivera até ali, deixou nela todas prevenções, e sabe apreciar a muita hospitalidade que dos indígenas e dos colonos do Brasil recebe.

De fato, se estabelece confrontos, é quase sempre para achar melhor o que é de cá. O clima do Brasil preconiza como muito mais temperado e saudável, sem grandes calmas, nem frios, e por isso vivem os homens muito, com poucos achaques e enfermidades, como em Portugal; nossos peixes não causam sarna nem outras doenças da Europa; nossas favas são mais sadias, nossos pinhões são maiores e mais leves, a castanha do caju é tão boa e melhor do que a de lá; os canários, rouxinóis e pintassilgos do reino, em sua música, não levam muita vantagem aos nossos pássaros formosíssimos; e o perrexil que se acha em nossas praias é melhor do que o português. Nas aldeias de índios cristãos encontrava-se tanta abundância de carnes, legumes, pescado e mariscos, que não fazia falta a ribeira de Lisboa; em certa fazenda do Colégio da Bahia havia tanto leite, requeijões e natas, que davam para esquecer Alentejo; as vinhas de Piratininga carregavam tantas uvas, como juntas nunca vira em Portugal; a baía do Rio de Janeiro bem parecia que a pintara o supremo pintor e arquiteto do mundo: era coisa formosíssima, e a mais aprazível que havia em todo o Brasil, nem lhe chegava a vista do Mondego e Tejo; do Colégio do Rio duvidava qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se aquele, e não sabia determinar: nada lhe faltava do bom e do ótimo. Também com um tostão de peixe se fartava toda a casa, que de ordinário contava vinte e oito padres e irmãos, afora a mais gente...

Os escritos de Fernão Cardim e as *Informações* de José de Anchieta têm entre si muitos pontos de contato, que se verificam às vezes pela conformidade dos conceitos e mesmo pela identidade de frase. O dr. Capistrano de Abreu, em nota à *Informação* de última de dezembro de 1585, esclarece o fato desta maneira:

Comparando a presente informação com a de Fernão Cardim, notam-se muitas semelhanças, e é natural que se procure nela uma das fontes da Narrativa epistolar. Tal conclusão tem, porém, contra si o fato de que a primeira carta de Cardim é anterior à presente Informação, pois que é datada de 1585. Daí podem tirar-se duas consequências, ambas plausíveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, o copiou insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na informação mandada em agosto. Se nos lembramos que no Treatise of Brasil written by a Portugal which had long lived there, publicado por Purchas em 1625, já se encontram muitas das comparações comuns a Cardim e Anchieta; se se conceber que aquela obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado prová-lo, e que foi escrita em 1584, a primeira hipótese é muito mais verossímil.

Na presente edição da Obra de Cardim [Cardim; 1980] visou-se tanto possível à uniformidade ortográfica, respeitando-se quanto tolerável a feição antiga dos vocábulos. Uma melhor distribuição dos parágrafos, uma ou outra mudança de pontuação, praticou-se também; mas essa liberdade não autorizou a substituição dos termos antiquados que ela contém, nem tão pouco a alteração do torneio quinhentista de seu fraseado.

Com relação à escrita dos nomes tupi, conservou-se qual está nos tratados. A vogal especial da língua vem ali invariavelmente como *ig*, embora em outros escritos jesuíticos apareça ora com *j*, com um ponto em cima e outro embaixo, ora como *i* com trema, ora como *y*, que é a forma mais geral e ultimamente adotada. Com a *Arte de Grammatica* de Anchieta, advirta-se que, quando esteja *ig* ‘in medio dictionis’, não se pronuncie muta com líquida, o que vale dizer que se separe o *g* da sílaba seguinte, como também, se vier no fim, acabe-se a dicção no *i*.”

Os animais citados foram os seguintes:

Acuti (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 451) – ‘*The Acutis are like the Conies of Spaine, chiefly in their teeth: the colour is dunne, and draweth toward yellow: they are domesticall creatures, so that they goe about the house, and goe out and come in againe to it, they take with their fore-feet all that they eate, and so they carrie it to the mouth, and they eate very fast, and hide that which they leave against they be an hungred.*

- Of these there are many kindes, and all are eaten*. Cardim (1925: 37-38): ‘Estas Acutis se parecem com os coelhos de Espanha, principalmente nos dentes: a côr é loura, e tira a amarella; são animaes domesticos, e tanto que andão por casa, e vão fôra, e tornão a ella; quando comem tudo tomão com as mãos e assi o levão á bocca, e comem muito depressa, e o que lhes sobeja escondem para quando têm fome. Destas ha muitas especies, todas se comem’.
- Aiurucuro** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 461) – *‘The Parots Aiurucuro are most beautiful, they are all greene, they have a cap and a collar of yellow, very faire, and over the beake a few feathers of a very cleare blue, which doe beautifie him very much, it hath pinions of the wings red, and the taile feathers red and yellow, sprinkled with greene’*. Cardim (1925: 51): ‘Ajurucurão. – Estes papagaios são formosissimos: são todos verdes, têm hum barrete, e colleira amarella muito formosa, e em cima do bico humas poucas de penas de azul muito claro, que lhe dão muito lustre, e graça: têm os encontros das azas vermelhos, e as penas do rabo de vermelho, e amarello salpicadas de azul’.
- Amayacu** (in Purchas, 1625: 1314, 1906: 488) – *‘The Toad fish, in their language, Amayacu, is a small fish, a spanne long, painted, it hath faire eies, taking it out of the water it snortheth verie much, and cutteth the hookes, and out of the water it swelleth much, all the poison lies in the skinne, and flaying they eate it: but eating it with the skinne it killeth. It chanced a young man to eate one with the skinne, who died almost suddenly; the Father said, I will eate the fish that killed my Sonne, and eating of it died also presently, it is a great poison for Rats, for those that eate of it doe die presently. There is another kind of Toad fish of the same fashion that the other, but it hath many cruell prickles, as a Hedge-hogge; it snorteth, and swelleth out of the water; the skinne also killeth, especially the prickles, because they are verie venomous, fleaing it, it is eaten, and it is good for the bloudie Fluxe’*. Cardim (1925: 87): ‘Peixe sapo, pela lingua Guamaiaçú. – He peixe pequeno, de comprimento de hum palmo, pintado, tem os olhos formosos; em o tirando d’agua ronca muito e trinca muito os anzolos, e em o tirando d’agua incha muito. Toda a peçonha têm na pelle, e tirando-lha, come-se, porem comendo-se com a pelle mata. Aconteceu que hum moço comeu hum e morreu quase subitamente; disse o pae: hei de comer o peixe que matou meu filho, e comendo delle tambem morreu logo; he grande mezinha para os ratos, porque os que o comem logo morrem. Ha outro peixe sapo da propria feição que o atraz, mas tem muitos e cruéis espinhos, como ouriço; ronca e incha tirando-o d’agua; a pelle também mata, maximé os espinhos, por serem muito venenosos; esfolado se come, ehe bom para camaras de sangue’.
- ‡**Amayacurub** (in Purchas, 1625: 1314, 1906: 489) – *‘Amayacurub is round and of the bignesse of the Bugallos of Spaine, and are very venomous, it hath the bodie full of Wartes, and therefore it is called Curub, that is to say, a Wart in their Language’*. Cardim (1925: 88-89): ‘Guamaiaçurúb. – Estes peixes são redondos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curúb, sc. na lingua verruga’.
- ***Amoreaty** (in Purchas, 1625: 1314, 1906: 489) – *‘Amoreaty is like the Toad fish, it is full of prickels, and thrusts himselfe under the sand along the shoare, and prickes the foot or hand underneath that toucheth it, and it hath no other remedie but only by fire’*. Cardim (1925: 88): ‘Amoreatí. – Este peixe se parece com o peixe sapo; está cheio de espinhos, e mette-se debaixo da areia nas praias, e picão por debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo’.
- Anapuru** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 461) – *‘The Anapuru Parot is most faire; in it all colours are found with great perfection, to wit, red, greene, yellow, blacke, blue, grey, the colour of the Bulfinch, and of all these colours it hath the bodie bespeckled and spotted. These also doe speake, and they have another advantage, that is, they breed in the house, and hatch their young ones, wherefore they are of great esteeme’*. Cardim (1925: 50-51): ‘Anapurú. – Este papagaio he formosissimo, e nelle se achão quasi todas as cores em grande perfeição, sc., vermelho, verde, amarelo, preto, azul, pardo, côr de rosmaninho, e de todas estas cores têm o corpo salpicado, e espargido. Estes tambem fallão, e têm mais huma vantagem que he criar em casa, e tirar seus filhos, pelo que são de grande estima’.
- †**Andugoacu** (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 465) – *‘In this Countrie are many Ostriches, called Andugoacu, but they keep only within the Land’*. Cardim (1925: 56): ‘Nhandugoaçú. – Nesta terra ha muitas Emas, mas não andão senão pelo sertão dentro’.
- Anima** (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 465-466) – *‘The Anima is a fowle of rapine, great, and crieth that it is heard halfe a league and more, it is all blacke, hath faire eies, the beake bigger then a Cocks, upon this beake it hath a little horne of a spanne in length, the men of the Countrie say that this Horne is very medicinable for those that are taken in their speech, as hath beene proved, hanging it about the necke of a girle that did not speake, which spake presently’*. Cardim (1925: 56): ‘Anigma. – Este passaro he de rapina, grande, e dá brados que se ouvem meia legua, ou mais; he todo preto, os olhos tem formosos, e o bico maior que de gallo, sobre este bico tem hum cornito de comprimento de hum palmo; dizem os naturais que este corno he grande medicina para os que selhe tolhem a falla, como já aconteceu que pondo ao pescoço de um menino que não fallava, fallou logo’.
- †**Apula** (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 490) – *‘Apula is a shel-fish like the joint of a Cane: it is rare, it is eaten, and drinking it fasting in Powder, a soveraigne remedie for the Milt or Spleene’*. Cardim (1925: 91): ‘Azula – Este marisco he como hum canudo de cana; he raro, come-se, e para o baço bebido em pó e em jejum he unico remedio’.
- Aquiqui** (in Purchas, 1625: 1302, 1906: 454) – *‘The Aquiqui are very great Ape, as bigge as a good Dog, blacke,*

and very ougly, as well the male as the female; they have a great beard onely in the lower chap: of these come sometimes a male one so yellow that it draweth toward red, which they say is their King. This hath a white face, and the beard from eare to eare, as cut with the Scissors, and it hath one thing much to be noted, namely, that he goeth into a tree, and maketh so great a noise that it is heard very farre off, in the which he continueth a great while without ceasing, and for this, this kind hath a particular instrument: and the instrument is a certaine hollow thing, as it were made of Parchment, very strong, and so smooth that it serveth to burnish withall, as big as a Duckes Egge, and beginneth from the beginning of the gullet, till very neere the palate of the mouth between both the cheekes, and it is so light that assoone as it is toucht it moveth as the key of a Virginals. And when this Ape is thus crying he fometh much, and one of the little ones that is to remaine in his place doth cleanse many times the fome from his beard'. Cardim (1925: 41): 'Aqui-gguig. – Estes bugios são muito grandes como hum bom cão, pretos, e muito feios, assi os machos, como femeas, têm grande barba somente no queixo debaixo, destes nasce ás vezes hum macho tão ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que he seu Rei. Este tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita á tesoura; têm huma cousa muito para notar, e he, que se põem em huma arvore, e fazem tamanho ruido que se ouve muito longe, no qual atura muito sem descansar, e para isto tem particular instrumento esta casta: o instrumento he certa cousa concava como feita de pergaminho muito rija, e tão lisa que serve para burnir, do tamanho de hum ovo de pata, e começa do principio da guella até junto da campainha, entre ambos os queixos, e he este instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tecla de hum cravo. E quando este bugio assi está pregando escuma muito, e hum dos pequenos que ha de ficar em seu lugar lhe alimpa muitas vezes a escuma da barba'.

Arara (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 460-461) – 'The Arara Parots are those that by another name are called Macaos; it is a great bird, and are very rare, and by the sea-coast they are not found, it is a faire bird in colours; their breasts are red as scarlet; from the middle of the bodie to the taile some are yellow, others greene, others blue, and through all the bodie they have scattering, some greene, some yellow, and blue feathers, and ordinarily every feather hath three or foure colours, and the taile is very long. These lay but two egges, they breed in the trunkes of trees, and in the rockes of stone. The Indians esteeme them very much, and of their feathers they make their fine things, and their hangings for their swords, it is a very pleasant bird, they become very tame, and domesticall, and speake very well if they be taught'. Cardim (1925: 500): 'Arára. – Estes papagaios são os que por outro nome se chamão Macaos: he passaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se achão; he huma formosa ave em côres, os peitos tem vermelhos como graã; do meio para o rabo alguns são amarells, outros verdes, outros azues, e por todo o corpo têm algumas penas espargidas, verdes, amarellas, azues, e de ordinario cada pena tem tres, quatro cores, e o rabo he muito comprido. Estes não põem mais de dois ovos, crião nas tôcas das arvores, e em rochas de pedras. Os Indios os estimão muito, e de suas penas fazem suas galantarias, e empennaduras para suas espadas; he passaro bem estreado, faz-se muito domestico, e manso, e fallão muito bem, se os ensinão'.

***Araruna** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 461) – 'The Araruna or Machao is very faire, it is all blacke, and this blacke sprinkled with greene, which giveth it a great beautie, and when the Sunne shineth on him he is so shining that it is very pleasant to behold; it hath the feet yellow, and the beake and the eies red; they are of great esteeme for their beautie, for they are very rare, and breed not but very farre within the Land, and of their feathers the Indians make their Diademes and Pictures'. Cardim (1925: 51): 'Araruna, - Este Macao he muito formoso: he todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandescete que he para folgar de ver; os pés tem amarells, e o bico e os olhos vermelhos; são de grande estima, por sua formosura, por serem raros, por não criarem senão muito dentro pelo sertão, e de suas penas fazem seus diademas, e esmaltes'.

***Aratu** (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 491) – 'The Aratu Crabs keepe in the trunkes of the trees, that grow in the Oowes of the Sea, when they find a Cockle that gapeth, they seeke presently some little stone, and very cunningly put it into the Cockle; the Cockle shutteth presently, and not beeing able because of the little stone it hath within, they with their mouthes doe take out the fish and eate it'. Cardim (1925: 92): 'Aratú. – Estes caranguejos habitão nas tôcas das arvores, que estão nos lamarões do mar; quando achão alguma ameja que tem a bocca aberta, buscaram logo alguma pedrinha, e sutilmente dão com ella na ameja; a ameja logo se fecha e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, elles com suas mãos lhe tirão de dentro o miolo, e o comem'.

†**Atacape** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498) – 'The Atacape are Woolves smaller, but much more hurtfull, for they come out of the water to watch for men, and being verie swift they kill some persons and eate them'. Cardim (1925: 102): 'Atacape. – Estes lobos são mais pequenos, mas muito mais damnninhos, porque saem d'agua a esperar a gente, e por serem muito ligeiros matão algumas pessoas, e as comem'.

Ayaya (in Purchas, 1625: 1317, 1906: 495) – 'The Ayaya are as bigge as a Pye-annet, more white then red, they have a faire colour of white bespotted with red, the bill is long and like a Spooone. For to catch the fish, it hath this slight; it striketh with the foot in the water, and stretching out his neck, tarrieth for the fish and catcheth it, and therefore the Indians say it hath humane knowledge'. Cardim (1925: 97-98): 'Ayaya – Estes passaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm côr graciosa de hum branco espargido de vermelho, o bico he comprido, e parece huma colher; para tomar o peixe tem este artificio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os Indios que tem saber

humano’.

- †**Baepapina**⁸⁷ (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498) – ‘The Baepapina are a certaine kind of Mermen as bigge as children, for they differ nothing from them, of these there are many and doe no harm’. Cardim (1925: 102-103): ‘Baéapina. – Estes são certo genero de homens marinhos do tamanho de meninos, porque nenhuma difference têm delles; destes há muitos, não fazem mal’.
- ***Beijupira** (in Purchas, 1625: 1313, 1906: 484) – ‘The fish Beijupira is like the Sturgeon of Portugall, and so it is held and esteemed of here as a royall fish: it is very healthfull, fat, and of a good taste, they bee infinite, and some of their rowes are a span in compasse about: these fishes are taken in the broad Sea, with a hooke and line, it is six or seven spannes long; the bodie is round, blacke on the backe and the belly white’. Cardim (1925: 81): ‘Bigjuipirá. – Este peixe Bigjuipirá se parece com sôlho de Portugal, e assi he cá estimado, e tido por peixe real; he muito sadio, gordo, e de bom gosto; há infinidade delles, e algumas das ovas têm em grosso hum palmo de testa. Tomão-se estes peixes no mar alto á linha com anzolo; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo he redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga’.
- †**Biarataca** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 456) – ‘The Biarataca is of the bigness of a Cat, like a Ferret; it hath a white stroake and a grey along the backe, like a crosse, very well made; it feeds upon birds and their egges, and upon other things, especially upon Ambar, and loveth it so well, that all the night he goeth by the Sea-side to seeke it, and where there is any, hee is the first. It is greatly feared, not because it hath any teeth, or any other defensive thing, but it hath a certaine ventositie so strong, and so evill of sent, that it doth penetrate the wood, the stones, and all that it encountereth withall, and it is such, that some Indians have died with the stench. And the Dog that commeth neere it escapeth not: and this smell lasteth fiteene, twentie, or more dayes; and it is such, that if it lighteth neere some Towne, it is presently dis-inhabited. And that they may not bee perceived, they scrape a hole in the ground, and there within they voide that ventositie, and cover it with earth; and when they are found, that they may not bee taken, their defense is to cast out that stench’. Cardim (1925: 44): ‘Biarataca. – Este animal he do tamanho de hum gato, parece-se com Furão, pelo lombo tem huma mancha branca, e outra parda, que lhe ficam em cruz muito bem feita; sustentão-se de passaros, e seus ovos, e outras cousas, maxime de ambar, e gosta tanto delle que toda a noite anda pelas praias a busca-lo, e aonde o ha elle he o primeiro; he muito temido, não porque tenha dentes, nem outra arma com que se defenda, mas dá certa ventosidade tão forte, e de tão roim, que os páos, pedras, e quanto diante de si acha, penetra, e he tanto que alguns Indios morrerão já de tal fedor; já cão que a elle se achega, não escapa, e dura este cheiro quinze, vinte, e mais dias, e he tal que se dá esta ventosidade junto dalguma aldêa logo se despovôa para não serem sentidos, cavão no chão, e dentro dão a ventosidade, e a cobrem com a terra; e quando os achão para não serem tomados, sua defensa he disparar aquella ventosidade’.
- ‡**Bociningpeba** (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 459) – ‘There is another, called Bociningpeba: this also hath a Bell, but smaller; it is blacke, and very venomous’. Cardim (1925: 48): ‘Ha outra chamada Boiciningbéba; esta tambem tem cascavel, mas mais pequeno, he preta, e tem muita peçonha’.
- ‡**Boicupecanga** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 458) – ‘There is another, called Boicupecanga, that is, a snake that hath prickles in his backe, they are very great, and grosse, the prickles are very venomous, and all men doe avoide and keepe themselves from them’. Cardim (1925: 46-47): ‘Ha outra, a qual se chama Boicupecanga, sc. cobra que tem espinhos pelas costas, he muito grande, e grossa, as espinhas são muito peçonhentas, e todos se guardão muito dellas’.
- Boycininga** (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 459) – ‘The Boycininga is a Snake, called of the Bell, it is a great poison, but it maketh such a noise with a Bell it hath in his taile, that it catcheth very few; though it be so swift, that they call it, the flying Snake, his length is twelve or thirteen spannes long’. Cardim (1824: 48): ‘Boicininga. – Esta cobra se chama cascavel; he de grande peçonha, porem faz tanto ruido com hum cascavel que tem na cauda, que a poucos toma: ainda que he tão ligeira que lhe chamão a cobra que vôa: seu comprimento he de doze e treze palmos’.
- ***Boytiapua** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 457) – ‘There is another, called Boytiapua, that is, a snake that hath a long snout, it is very slender and long, and feeds onely upon Frogs. The Indians observe sooth-saying with this, that when the woman hath no children, they take this snake and strike her with it on the hips, and say she shall presently have children’. Cardim (1924: 46): ‘Ha outra chamada Boitiapoá, sc. cobra que tem focinho comprido, he muito delgada e comprida, e sustenta-se somente de rãs, têm os Indios com esta hum agouro que quando a mulher não tem filhos tomão esta cobra, dando-lhe com ella nas cadeiras e dizem que logo ha de parir’.
- ***Boyuna** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 458) – ‘There is another, called Boyuna, that is, a blacke Snake, it is vey long and slender, it smelleth also very much like a Foxe’. Cardim (1925: 46): ‘Ha outra, a qual se chama Boyuna, sc. cobra preta, he muito comprida, e delgada, tambem cheira muito a raposinhos’.
- Camurupi** (in Purchas, 1625: 1313, 1906: 484) – ‘The fish Camurupi is also a royall fish, and esteemed in these parts, the graine of it all in flakes, enterlarded with fat and grease, and of a good taste, it hath many bones through all the bodie, and is dangerous in eating. It hath a finne on the backe, which it carries alwaies raised upwards, it is of two or three quarters long, the fish is long of twelve and thirteene quarters in length, and of a good bignesse, and two men have much adoe to lift up one of them, they are taken with Harping Irons, there are many of them, and much Oile is made of them’. Cardim (1925: 82): ‘Camurupig. – Este

⁸⁷ Provavelmente um ser mítico.

peixe tambem he um dos reaes e estimados nestas partes: a carne he toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espinha por todo o corpo e he perigoso ao comer. Tem huma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima, de dous, tres palmos de comprimento; he peixe comprido de até doze, e treze palmos, e de bôa grossura, e tem bem que fazer dous omens em levantar alguns delles; tomão-se com arpões; há muitos, e faz-se delles muita manteiga’.

***Canduacu, *Candumiri** (in Purchas, 1625: 1302, 1906: 453) – ‘*The Canduacu is the Porcupine of Africa, and hath bristles white and blacke, so great, that they are of a spanne and a halfe, and more, and they cast them like as those of Africa. There be other of these, called Candumiri, because they are smaller; and they have bristles as the other. There be other smaller, of the bignesse of a Cat, with yellow bristles and blacke at the points. All these bristles have this qualitie, that entring into the flesh, bee it never so little, of it selfe it pierceth through the flesh. And for this cause these bristles doe serve the Indians for an instrument to bore the eares, for putting never so little in them in one night it pierceth them through. There be other smaller like Urchins or Hedge-hogs, they have also bristles, but they cast them not, all these beasts are of a good flesh and taste*’. Cardim (1925: 40-41): ‘*Canduacú*. – Este animal he o porco espinho de Africa: tem tambem espinhos brancos e pretos tão grandes que são de palmo e meio, e mais; e tambem os despedem como os de Africa. Ha outros destes que se chamão Candumiri, por serem mais pequenos, e tambem têm espinhos da mesma maneira. Ha outros mais pequenos do tamanho de gatos, e tambem têm espinhos amarellos e nas pontas pretos. Todos estes espinhos têm esta qualidade que entrando na carne, por pouco que seja, por si mesmo passam a carne de parte a parte, e por esta causa servem estes espinhos de instrumentos aos Indios para furar as orelhas, porque mettendo hum pouco por ellas em huma noite lhas fura de banda a banda. Ha outros mais pequenos como ouriços, tambem têm espinhos, mas não nos despedem; todos estes animaes são de boa carne, e gosto’.

***Caninana** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 457) – ‘*There are others very bigge and long, called Caninana, they are all greene, and of a notable beautie. These also doe eate egges and birds, and kill little chickens*’. Cardim (1925: 46): ‘Ha outra muito grossa, e comprida, chamada Caninana; he toda verde, e de notavel formosura. Esta tambem come ovos, passaros, e mata os pintainhos’.

Capijoara (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498) – ‘*There be many of the water Hogges Capijoara, and are of the bignesse of land-hogges, but they differ in fashions; in the rooffe of the mouth it hath a very great stone that doth serve him for great Teeth. This the Indians hold for a Jewell for their children, sonnes and daughters. It hath no taile, they continue long under water; but they lodge on the Land, and in it they bring up their young; their foode is grasse, and fruities that they find along the Rivers*’. Cardim (1925: 103): ‘*Capijuara* [sic]. – Destes porcos d’agua ha muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas differem nas feições; no céu da bocca têm huma pedra muito grossa que lhes serve de dentes queixaes. Esta tem os Indios por joia para os filhos e filhas: não têm rabo, andão muito tempo debaixo d’agua, porém habitam na terra, e nella crião seus filhos; seu comer he erva e fructas que ao longo dos rios achão’.

Caracura (in Purchas, 1625: 1317, 1906: 495) – ‘*The Caracura is small and gray, it hath faire eies with a verie faire red circle, it hath a strange note, for he that heareth it thinketh it is of a verie great bird, it beeing verie small; for it singeth with the mouth, and jointly behind it maketh a noise so sounding, loud and strong, though not swelling verie well, that it is a wonder; it maketh this sweet Musicke two houres before day, and at Evening till the Evening twilight be done, and ordinarily when it singeth, foresheweth faire weather*’. Cardim (1924: 98): ‘*Saracúra*. – Este passaro he pequeno, pardo, tem os olhos formosos com hum circulo vermelho muito gracioso; tem hum cantar extranho, porque quem o ouve cuida ser de hum passaro muito grande, sendo elle pequeno, porque canta com a bocca e juntamente com a trazeira, faz outro tom sonoro, riço, e forte, ainda que pouco cheiroso, que he para espantar; faz esta musica suave duas horas ante manhã, e á tarde até se acabar o crepusculo vespertino, e quando canta de ordinario adivinha bom tempo’.

***Caramuru** (in Purchas, 1625: 1314, 1906: 488-489) – ‘*The Caramuru are like the Sea Snakes of Portugall, of ten or fiftene spans long, very fat, and roasted taste like Pigge; these have strange teeth, and many men are maymed by their bytings, and the hand or foot where they were bitten, doe rot away. It hath over all the bodie many prickles. The Countrimen say thar they engender with the Snakes; for they finde them many times knit with them, and many in the sands tarrying for the Sea Snakes*’. Cardim (1925: 88): ‘*Caramurú* – Estes peixes são como as amoreas de Portugal, de comprimento de dez, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes têm extranha dentadura, e ha muitos homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos; têm por todo o corpo muitos espinhos, e dizem os naturaes que têm ajuntamento com as cobras, porque os achão muitas vezes com ellas enroscados, e nas praias esperando as ditas moreas’.

***Carapeçaba** – Este parágrafo não consta da tradução de Purchas. Em Cardim (1925: 87) consta: ‘Há outro que se chama Carapeçaba, de côr gateado, pardo, preto, e amarelo; he bom peixe e dá-se aos doentes; os figados, e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e por esta causa os naturaes em o tirando deitão as tripas e figado ao mar’.

Carigue (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 452) – ‘*The Carigue are like the Foxes of Spaine, but they are smaller, as bigge as a Cat, they smell worse then the Foxes of Spaine themselves, and they are grey as they. They have a bag from the fore to the hinder feet, with sixe or seven duges, and there they carrie their young ones hidden till they can get their owne food, and hath ordinarily sixe or seven in a litter. This vermine destroyeth the*

Hens, for it goeth not by day but by night, and climes the trees and the houses, and no Bird or Hen can escape them. Cardim (1925: 39): ‘*Sarigué*. – Este animal se parece com as raposas de Espanha, mas são mais pequenos, do tamanho de gatos; cheirão muito peor a raposinhos que as mesmas de Espanha, e são pardos como ellas. Têm uma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas, e ali trazem os filhos escondidos até que sabem buscar de comer, e parem de ordinario seis, sete. Estes animaes destruem as gallinhas porque não andão de dia, senão de noite, e trepão pelas arvores e casas, e não lhes escapão pássaros, nem gallinhas’.

***Caripira** (in Purchas, 1625: 1316, 1906: 494) – ‘*Caripira by another name Forked-tayles, are many; they are called Forked-tayles, because their taile is divided in the middle; the Indians make great account of the Feathers for the feathering of their Arrowes, and say that they last long, at sometimes they are verie fat, the fat is good for the loosensse. These Birds doe use to bring newes a land of the ships, and they are so certaine in this that very seldome they faile, for when they are seene, ordinarily within twentie and thirtie daies the ships doe come*’. Cardim (1925: 96-97): ‘*Caripirá*. – Por outro nome se chama – Rabiforcado; estes passaros são muitos, chama-se rabiforcado por ter o rabo partido pelo meio; das penas fazem muito caso os Indios paar [sic] empenaduras das frechas, e dizem que durão muito; em algum tempo estão muito gordos, as enxundias são boas para corrimentos; costumão estes passaros trazer novas dos navios á terra, e são tão certos nisto que raramente faltão, porque como se vêem, de ordinario daí a dous ou tres dias chegão os navios’.

Cuacu, ***Cuacuapara** (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 450) – ‘*The Deere in the Brasilian tongue is called Cuacu: there are some very great, like faire Horses, they are well headed, and some have ten or twelve snags; these are rare, and they are found in the River of Saint Francis, and in the Captainship of Saint Vincent. These are called Cuacuapara, they are esteemed of the Carijos, who of the shankes and sinowes make the points of their Arrowes, and certaine throwing Balls which they use for to strike downe beasts and men. There be other smaller; they have hornes, also, but they are onely of one point: besides these there are three or foure kindes, some that feede onely in the Woods, others onely in the plaine fields in heardes. They make great account of the skinnes, and of the flesh*’. Cardim (1925: 36): ‘Na lingua brasilica se chama *Sugoacú*: ha huns muito grandes, como formosos cavallos; têm grande armação, e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e achão-se no Rio de S. Francisco e na Capitania de S. Vicente; estes se chamão *Suaçuapara*, são estimados dos Carios, e das pontas e nervos fazem os bicos das frechas, e humas bolas de arremeço que usão para derrubar animaes ou homens. Ha outros mais pequens; tambem têm cornos, mas de huma ponta só. Alem destes ha tres ou quatro especies, huns que andão somente nos matos, outros somente nos campos em bandos. Das pelles fazem muito caso, e da carne’.

Cuati (in Purchas, 1625: 1302, 1906: 455) – ‘*The beast Cuati is grey, and like the Badgers of Portugall, it hath the snout and clawes very long, it climeth the trees like the Monkie: no Snake, no Egge, no Bird doth escape it, nor any thing that it can get. They are made tame in the houses, but no man can abide them, for they devoure all; they will play with little Cats, and whelpes, they are malicious, pleasant, and are apt for many things*’. Cardim (1925: 43): ‘*Coatí*. – Este animal he pardo, parece-se com os texugos de Portugal, tem o focinho muito comprido, e as unhas; trepão pelas arvores como bugios, não lhes escapa cobra, nem ovo, nem passaro, nem quanto podem apanhar; fazem-se domesticos em casa, mas não ha quem os soffra, porque tudo comem, brincão com gatinhos, e cachorrinhos, e são maliciosos, apaziveis, e têm muitas habilidades’.

Cucurijuba (in Purchas, 1625: 1317-1318, 1906: 496-497) – ‘*The Snake Cucurijuba is the greatest, or of the greatest that are in Brasill, notable as well for greatness as beautie, some are taken of five and twentie or thirtie foote long, and a yard in compasse. It hath a Chaine along the backe, of notable Pictures and verie faire, that beginneth at the head and endeth in the Taile; it hath Teeth like a Dogge, and laying hold on a man, Cow, Stagge, or Hogge, winding it with certaine turnes of her Taile, it swalloweth the said thing whole. And after she hath it so in her belly, she lets her selfe rot, and the Ravens and Crowes do eate her all, so that there remaineth nothing but the bones, and afterward it breedeth new flesh againe, and reneweth as before it was. The reason whereof is (say the men of the Countrie) because while it putrefieth it hath the head in the mire, and having life in the noddle they live againe; and because this is knowne alreadie, when they finde them putrefied, they seeke out the head and [1318] kill it. The manner of their feeding is to waite for their prey, either beasts or people laide along by the waies, and when it passeth, it winds it selfe about it, and kil-leth and eateth it. After they are full they sleepe in such sort, that sometimes they cut two or three pieces of their Taile, they not waking, as hath happened that after they had cut two pieces of the Taile of one of these, the next day they found her dead with two wild Bores in her belly; and it was about twelve yards and a halfe long*’. Cardim (1925: 100-101): ‘*Sucurijuba*. – Esta cobra he a mór, ou das maiores que ha no Brasil, assi na grandeza como na formosura; tomão-se algumas de vinte e cinco pés, e de trinta em comprido, e quatro palmos em roda. Tem huma cadêa pelo lombo de notável pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda; tem dentes como cão, e aferra em huma pessoa, vacca, veado, ou porco, e dando-lhe algumas voltas com a cauda, engole a tal cousa inteira, e depois que assi a tem na barriga deixa-se apodrecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e ressurgir como dantes era, e a razão dizem os Indios naturaes he, porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque já se sabe isto quando as achão podres lhe buscão a cabeça, e as matão. O modo de se sustentarem he esperarem os animaes, ou gente estendidas pelos caminhos, e em perpassando se envião a

elles, e os mata, e comem; depois de fartas dormem de tal modo que ás vezes lhe cortão do rabo duas, tres postas sem accordarem, como aconteceu que depois de cortarem duas postas a huma destas, ao dia seguinte a acharão morta com dous porcos monteses na barriga, e seria de cincoenta palmos’.

Curucucu (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 458-459) – ‘*The Curucucu is a Snake very hideous and fearefull, and some are of fiftene spannes long: when the Indians doe kill them they burie presently the head, because it hath great store of poison: for to catch the prey and the people, it lieth close to a tree, and when it seeth the prey, it casts it selfe upon it, and so killeth it*’. Cardim (1925: 48): ‘*Surucucú* – Esta cobra he espantosa, e medonha; achão-se de quinze palmos; quando os Indios naturaes as matão, logo lhes enterrão a cabeça por ter muita peçonha; para tomar caça, e a gente, mede-se com huma arvore, e em vendo a presa se deixa cair sobre ella e assi a mata’.

‡ **Gaitiepia** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 457) – ‘*There is another, called Gaitiepia, they are found only in the Rarin, it is of a notable bignesse, he smelleth so much, like a Foxe, wheresoever he goeth, that there is none can abide it*’. Cardim (1925: 4): ‘Ha outra chamada Gaitiepia, acha-se sómente no Rari: he de notavel grandura, cheira tanto a raposinhos que por onde quer que vai que não ha quem a soffra’.

Giboya (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 457) – ‘*The Giboya is a Snake of the greatest that are in this Countrie, and there are some found of twentie foot in length, they are very faire, but more wonderfull they are in swallowing a whole Deere; they have no poison, neither are their teeth great according to the bodie. To take their prey whereon they feed, they use this sleight. It layeth it selfe along by the high-wayes, and when the prey passeth it leapeth upon it, and windes it selfe in such order, and crusheth it so, that it breaketh all his bones, and afterward licketh it, and his licking hath such vertue, that it buiseth or suppleth it all, and then it swallowes it up whole*’. Cardim (1925: 45): ‘*Gibóia*. – Esta cobra he das grandes que por cá ha, e algumas se achão de vinte pés de comprido; são muito galantes, mas mais o são em engulir hum veado inteiro; não têm peçonha, nem os dentes são grandes conforme ao corpo; para tomar a caça de que se sustenta usa desta manha: estende-se pelos caminhos, e em prepassando a caça lança-se sobre ella, e de tal maneira se enrodilha, e aperta que lhe quebra quantos ossos tem, e depois a lambe, e seu lamber tem tal virtude que a moe toda, e então a engole, e traga’.

‡ **Guaca** (in Purchas, 1625: 1317, 1906: 494) – ‘*Guaca is properly the Sea-mew of Portugall, their ordinarie food are Cockles, and because they are hard, and they cannot breake them, they take them in their bill, and letting them fall many times they breake them and eate them; of these Sea-meawes there are infinite number of kinds, that the Trees and the strands are full of them*’. Cardim (1925: 97): ‘*Guacá*. – Este passaro he a propria Gaivota de Portugal; seu comer ordinário são amejas, e porque são duras, e as não podem quebrar, levão-nas no bico ao ar, e deixando-as cair muitas vezes as quebrão e comem. Destas gaivotas há infinidade de espécies que coalhão as arvores e praias’.

Guaimimbique (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 462-463) – ‘*Of the small birds called Guaimimbique, there are sundrie kindes, as Guaracig â, that is, Fruit of the Sunne; by another name Guaracig oba, that is, Covering of the Sunne; or Guaracig aba, that is, The haire of the Sunne; in the Antillas they call it the risen or awaken bird, and they say it sleepeth sixe moneths, and liveth other sixe moneths. It is the finest bird that can be imagined; it hath a cap on his head, to which no proper colour can be given, for on whatsoever side yee looke on it, it sheweth red, greene, blacke, and more colours, all very fine, and shining; and the breast is so faire, that on whatsoever side yee take it, it sheweth all the colours, especially a yellow more finer then gold. The bodie is grey; it hath a very long bill, and the tongue twice the length of the bill; they are very swift in flight, and in their flight they make a noise like the Bee, and they rather seeme Bees in their swiftness then birds, for they alwaies feed flying without sitting on a tree, even as the Bees doe flie sucking the Hunnie from the flowers. They have two beginnings of their generation, some are hatched of egges like other birds, others of little bubbles, and it is a thing to bee noted, a little bubble to beginne to convert it selfe into this little bird, for at one instant it is a bubble and a bird, and so it converts it selfe into this most faire bird, a wonderful thing, and unknowne to the Philosophers, seeing one living creature without corruption is converted into another*’. Cardim (1925: 52-53): ‘*Guainumbig*. – Destes passarinhos ha varias especies, sc., Huaracigá, sc., fructa do sol, por outro nome Guaracigoba, sc., cobertura do sol, ou Guaracigaba, sc., cabelo do sol; nas Antilhas lhe chamão o passaro ressuscitado, e dizem que seis mezes dorme e seis mezes vive; he o mais fino passaro que se póde imaginar, tem hum barrete sobre sua cabeça, a qual se não pode dar côr propria, porque de qualquer parte que a tomão mostra vermelho, verde, preto, e mais côres todas muito finas, e resplandecentes, e o papo he tão formoso que de qualquer parte que o tomão, mostra todas as côres, principalmente hum amarello mais fino que ouro. O corpo he pardo, tem o bico muito comprido, e a lingoa de dous comprimentos do bico; são muito ligeiros no voar, e quando voam fazem hum estrondo como abelhas, e mais parecem abelhas na ligeireza que passaros, porque sempre comem de vôo sem pousar na arvore; assi como abelhas andão chupando o mel das flores; têm dous principios de sua geração: huns se gerão de ovos como outros pássaros, outros de borboletas, e he cousa para ver, huma borboleta começar-se a converter neste passarinho, porque juntamente he borboleta e passaro, e assi se vae convertendo até ficar neste formosíssimo passarinho; cousa maravilhosa, e ignota aos philosophos, pois hum vivente sem corrupção se converte noutro’.

***Guainumu** (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 491) – ‘*Guainumu is a kind of Crab so great, that a mans legge will goe into their mouth. They are good to eate; when it doth thunder they come out of their holes, and make*

so great a noise the one with the other, that men have gone out with their weapons, thinking they had beene enemies; if they doe eate a certaine herbe, whosoever eateth them dieth, these are of the Land, but keepe in holes neere the Sea side'. Cardim (1925: 92): 'Guanhumig. – Este genero de caranguejos são tão grandes que huma perna de hum homem lhe cabe na boca [sic]; são bons para comer; quando fazem trovões saem de suas côvas, e fazem tão grande matizada huns com os outros, que já ouve pessoas que acudiram com suas armas, parecendo que erão inimigos; se comem huma certa erva, quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos á borda do mar'.

Guara (in Purchas, 1625: 1317, 1906: 495-496) – *'The Guara is as bigge as a Pye-annet, it hath a long bill with a crooked point, and his feet of a quarter or span long, when it is hatched, it is blacke, and after becommeth gray, when it alreadie doth flie, it becommeth whiter then any Dove, afterward it turneth to a bright red, yet at length it becommeth redder then Scarlet it selfe, in this colour he continueth till his death, they are many in quantitie, but they have no other kind. They breed well in Houses, their food is fish, flesh, and other things; their food must be alwaies in water, the Indians esteeme greatly the Feathers of these, and of them they make their Diademes, Fringes wherewith they cover the Swords they kill withall, and they make Bracelets to weare on their armes, and fasten them to their haire like Rose-buds, and these are their Jewels, and Chaines of Gold wherewith they adorne themselves in their Feasts, and they so much esteeme, yea, they beeing so much given to eat humane flesh, they give many times the enemies they have for to eat in change for these Feathers. These birds goe in flights, and if the Sunne doth shine on them upon the Sands, or in the Aire, it is a faire thing to behold'*. Cardim (1925: 98-99): 'Guará. – Este passaro he do tamanho de huma Pega, tem o bico muito comprido com a ponta revolta, e os pés de comprimento de hum grande palmo; quando nasce he preto, e depois se faz pardo; quando já avôa faz-se todo branco mais que huma pomba, depois faz-se vermelho claro, et tandem torna-se vermelho mais que a mesma grã, e nesta côr permanece até á morte; são muitos em quantidade, mas não têm mais que esta especie; crião-se bem em casa, o seu comer he peixe, carne, e outras cousas, e sempre hão de ter o comer dentro n'agua; a penna destes he muito estimada dos Indios, e delas fazem diademas, franjas, com que cobrem as espadas com que matão; e fazem braceletes que trazem nos braços, e põem-nas nos cabellos como botões de rosas, e estas suas joias e cadêas douro com que se ornão em suas festas, e estimão-nas tanto que, com serem muito amigos de comerem carne humana, dão muitas vezes os contrarios que têm para comer em troco das ditas pennas: andão em bando estes passaros, e se lhe dá o sol nas praías, ou indo pelo ar he cousa formosa de ver'.

† **Guaracig â** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 462) – Ver sob *guaimimbique*.

‡ **Guaracig aba** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 462) – Ver sob *guaimimbique*.

‡ **Guaracig oba** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 462) – Ver sob *guaimimbique*.

‡ **Guararici** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 499) – *'There want no Frogges in the Rivers, Fountaines, Puddles, and Lakes, and they are of many kinds especially these Guararici. The feare that the Indians have thereof is a wonderfull thing, that of the onely hearing it they die, and tell them never so much they have no other remedie, but let themselves die, so great is the imagination and apprehension that they take of the hearing it sing, and whatsoever Indian that heareth it dieth, for they say it doth cast from it selfe a brightnesse like a lightning'*. Cardim (1925: 103): 'Guararigeig. – Não faltão rãs em os rios, fontes, charcos, lagôas; e são de muitas especies, principalmente esta – Guararigeig; he cousa espantosa o medo que della têm os Indios naturaes, porque só de a ouvirem, morrem, e por mais que lhes préguem não têm outro remedio senão deixar-se morrer, tão grande he a imaginação, e apprehensão que tomão de a ouvir cantar: e qualquer Indio que a ouve morre, porque dizem que deita de si hum resplendor como relampago'.

† **Guatapiggoaçú** (in Purchas, 1625: 1316, 1906: 492) – *'The greatest Wilkes which are called Guatapiggoaçú, that is, a great Wilke, are much esteemed of the Indians, for of them they make their Trumpets, Furnitures, Beades, Brooches, Earerings, and Gloves for the children, and they are of such esteeme among them, that for one they will give any one person that they have captive: and the Portugals gave in olde time a Crowne for one: they are as white as Ivorie, and many of them are of two quarters broad, and one in length'*. Cardim (1925: 93-94): 'Buzios. – Os maiores que ha se chamão Guatapiggoaçú, sc. búzio grande; são muito estimados dos naturaes, porque delles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadas, e luas, para os meninos, e são entre eles de tanta estima que por hum dão huma pessoa das que tem cativas; e os portugueses davão antigamente hum cruzado por hum; são tão alvos como marfins, e de largo muitos delles têm dous palmos, e hum de comprimento'.

* **Guiraiuba** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 462) – *'The Parots Guiraiuba, or Yellow birds, neither speake nor play, but are sullen and sad; they are much esteemed, because they are brought from two hundred and three hundred leagues, and are not found but in great mens houses, and they hold them in such esteeme, that they give the ransome and value of two persons for one of them, and they esteeme them as much as the Japanas doe the Trevets and the Pots, or any other great man esteemeth any thing of great price, as a Faulcon, Gerfaulcon &c'*. Cardim (1925: 51-52): 'Guigrájuba. – Chama-se este passaro guigrájuba, sc., passaro amarello; não fallão, nem brincão, antes são muito malenconizados, e tristes, mas muito estimados, por se trazerem de duzentas, e trezentas leguas, e não se achão, senão em casas de grandes principaes, e têm-nos em tanta estima que dão resgate, e valia de duas pessoas por um delles, e tanto o estimão como os Japões as trempes, e panellas, e qualquer outros senhores alguma cousa de grande apreço, como falcão, girifalte, &&'.

- Guiranhe-eng-eta** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 463) – ‘The bird Guiranhe eng eta is of the bignesse of a Goldfinch; it hath the backe and wings blue, and the breast and bellie of a most fine yellow. It hath a yellow Diademe on his head that beautifies him very much. It is a very excellent bird for the Cage, it speaketh many waies resembling many birds, making many changes, and changing his speech a thousand waies. They continue long in their song, and are of esteeme, and of these for the Cage there bee many, and faire, and of divers and sundrie colours’. Cardim (1925: 53): ‘Guigranheéngetá. – Este passaro he do tamanho de hum pintasilgo, teem as costas, e azas azues, e o peito, e barriga de um amarello finissimo. Na testa tem um diadema amarello que o faz muito formoso; he passaro excelente para gaiola, por falar de muitas maneiras, arremedando muitos passaros, e fazendo muito trocados e mudando a falla em mil maneiras, e atura muito em o canto, e são de estima, e destes de gaiola ha muitos e formosos e de varias cores’.
- ***Guirapanga** (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 464) – ‘The Guirapanga is white, and not being very big it crieth so loude that it sounds like a Bell, and it is heard halfe a league, and their singing is like the ringing of Bells’. Cardim (1925: 54-55); ‘Guigrapónga. – Este passaro he branco, e sendo não muito grande, dão taes brados que não parece senão hum sino, e ouve-se meia legua, e seu cantar he ao modo de repique de sino’.
- †**Guirateonteon** (in Purchas, 1625: 1317, 1906: 494-495) – ‘Guirateonteon is called in Portugall Scald-pate, it is called Guirateonteon, that is, a Bird that hath deadly accidents, and that dieth and liveth againe, as though it had the Falling sicknesse, and these fits are so great that many times the Indians doe find them along the strands, and take them in their hands, and thinking they are dead doe fling them away, and they assoone as they fall doe rise and flie away, they are white and faire, and there are other kinds of these that have the same accidents’. Cardim (1925: 97): ‘Guigratéotéo. – Esta ave se chama em Portuguez Tinhosa, - chama-se Guigratéotéo, sc. passaro que tem accidentes de morte, e que morre e torna a viver, como quem tem gotta coral, e são tão grandes estes accidentes que muitas vezes os achão os Indios pelas praias, os tomão nas mãos, e cuidando que de todo estão mortos os botão por ahi, e elles em caindo se alevantão e se vão embora; são brancos e formosos, e destes ha outras espécies que têm os mesmos accidentes’.
- Guiratinga** (in Purchas, 1625: 1316, 1906: 494) – ‘The bird Guiratinga is white, of the bignesse of the Cranes of Portugall; they are extreame white, and have verie long feete, the bill verie cruell and sharpe, and verie faire, of a verie fine yellow, the legges are also verie long, betweene Red and Yellow. On the necke it hath the finest Plume Feathers that can bee found, and they are like the Estridges Feathers of Africa’. Cardim (1925: 96): ‘Guigratinga. – Este passaro he branco, do tamanho dos grous de Portugal; são em extremo alvos, os pés têm muito compridos, o bico muito cruel, e agudo, e muito formoso por ser de hum amarello fino; as pernas tambem são compridas entre vermelhas e amarellas. No pescoço têm os melhores penachos e finos que buscar se pode, e parecem-se com os das Emas africanas’.
- †**Guiraupiaguara** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 457) – ‘There are others, called Guiraupiaguara, that is, Eaters of birds Egges, it is very blacke, and hath a yellow breast; they goe on the tops of trees as it were swimming in the water, and no man can runne so fast on the ground as they on the trees; these destroy the birds, and their egges also’. Cardim (1924: 46): ‘Ha outra que chamão Guiraupiagoára, sc., comedora dos ovos dos passaros, he muito preta, comprida, e tem os peitos amarellos, andão por cima das arvores, como nadando por agua, e não ha pessoa que tanto corra pela terra, como ellas pelas arvores. Esta destrue os passaros, e seus ovos’.
- Hirara** (in Purchas, 1625: 1302, 1906: 453-454) – ‘The Hirara is like the Civet Cat, though some say it is not; they are of many colours, viz. grey, blacke, and white, they eate nothing but hunnie, and in this they are so terrible, that bee the hole of the Bee-hive never so little they make it so bigge that they may goe in, and when they finde the Hunnie they never eate it, till they have called the rest of the young ones, and then the old one going in, he doth nothing but bring out the Hunnie, and give it to the yong ones, a thing of great admiration, and an example of great charitie for men, and that this is so the men of the Countrie doe affirme’. Cardim (1925: 41): ‘Eirara. – Este animal se parece com gato de Algalia: ainda que alguns dizem que o não he, são de muitas côres, sc. pardos, pretos, e brancos: não comem mais que mel, e neste officio são tão terríveis que por mais pequeno que seja o buraco das abelhas o fazem tamanho que possam entrar, e achando mel não no comem até não chamar os outros, e entrando o maior dentro não faz senão tirar, e dar aos outros, cousa de grande admiração e exemplo de charidade para os homens, e ser isto assi affirmão os Indios naturaes’.
- Ibiboboca** (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 459) – ‘The Snake Ibiboboca is very faire, it hath the head red, white and blacke, and so all the bodie is spotted of these three colours; this is the most venomous of all, it goeth slowly, and liveth in the crannies of the earth, and by another name it is called, the Snake of the colours’. Cardim (1925: 48): ‘Igbiboboca – Esta cobra he muito formosa, a cabeça tem vermelha, branca e preta, e assi todo o corpo manchado destas tres cores. Esta he mais peçonhenta de todas, anda de vagar, e vive em as gretas da terra, e por outro nome se chama a cobra dos corais’.
- ***Ibiracua** (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 459) – ‘The poison of the Ibiracua Snake is so vehement, that if it biteth any person, presently it makes him to voide bloude through all the passages of his bodie, to wit, the eyes, nostrils, mouth, eares, and all open places else of his bodie; it runneth a great while, and if he be not holpen, he empties his bloud and dieth’. Cardim (1925: 48): ‘Igbigracua. – He tão vehemente a peçonha desta cobra que em mordendo a huma pessoa, logo lhe faz deitar o sangue por todos os meatos que tem, sc. olhos, narizes, bocca, orelhas, e por quantas feridas tem em seu corpo, e corre-lhe por muito espaço de tempo, e se lhe não acodem todo se vae em sangue, e morre’.

- ***Igta** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498-499) – *‘In the fresh Rivers of waters are many kinds of Igta Scallops, great and small. Some are as bigge as good Sives, and serve to sift their meale with them; other are smaller, and serve for Spoones, all of them are long, and of a silver colour, in them are some Pearles’*. Cardim (1925: 103): *‘Itã. – Ha nos rios d’agua doce muitos generos de conchas grandes e pequenas; algumas são tão grandes como boas cúias, e servem de fazer a farinha com ellas; outras são pequenas, e servem de coheres; todas ellas são compridas, e de huma côr prateada; nelas se achão algumas perolas’*.
- †**Itaoca** (in Purchas, 1625: 1314, 1906: 488) – *‘There is another Toad fish, called in their tongue, Itaoca, it is three square, and the bodie such, that all of it is like a Dagger; it is faire, it hath the eies bluish, it is eaten fleade; the poison consisteth in the skinne, livers, guts, and bones, whatsoever creature doth eate it, dieth’*. Cardim (1925: 87): *‘Ha outro peixe sapo que na lingua se chama Itaoca; tem tres quinas em o corpo que todo elle parece hum punhal; he formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfolado se come; consiste a peçonha na pelle, figados, tripas, e ossos, e qualquer animal que o come logo morre’*.
- Jacare** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 497-498) – *‘The Jacare Lizards are of a notable greatnesse, and some are as bigge as Dogges, their snowt is like a Dogge, and so have they their Teeth verie long, they have over all the bodie certaine plates like an armed Horse, and when they arme themselves, there is no Arrow can pierce them, they are painted of divers colours, they doe no hurt to the people, but rather they take them easily with Snares, some have beene taken of fiftene quarters (or spans) long, and the Indians esteeme them much, and hold them for estate as the Rimbabas, that is, Dogges, or any other thing of estate. They keepe in the water, and on the land, they lay Egges as bigge as Geese, and so hard that striking one against another, they tingle like Iron. Where these doe haunt they are presently perceived, by the great cries they give; the flesh of these smelleth very much, especially his Cods of Muske, and they are of esteeme, their dung hath some vertue, especially it is good for the Lelidas [sic; belidas]’*. Cardim (1925: 101-102): *‘Jacaré. – Estes lagartos são de notavel grandura, e alguns ha tão grandes como cães; têm o focinho como de cão muito comprido, e assi têm os dentes. Têm por todo o corpo humas laminas como cavalo armado, e quando se armão não há frecha que os passe; são muito pintados de varias côres; não fazem mal á gente, mas antes os tomão com laços facilmente, e alguns se tomarão de doze, quinze palmos, e os estimão muito, e os tem por estado os índios como rembabas, sc. cães, ou outra cousa de estado; andão n’agua, e na terra põem ovos tão grandes como de patas, e tão rijos que dando huns nos outros tinem como ferro; aonde estes andão logo são sentidos pelos grandes gritos que dão; a carne destes cheira muito, maxime os texticulos, que parecem almisce, e são de estima: o esterco tem algumas virtudes, em especial he bom para belidas’*.
- Jagoarete** (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 451) – *‘There are many Ounces, some black, some grey, some speckled, it a very cruell beast, and fierce, they assault men exceedingly, that even on the trees they cannot escape them, especially if they be bigge. When they are flesht there is none that dare abide them, especially by night: they kill many beasts at once, they spoile a whole Hen-house, or a heard of Swine, and to open a man, or whatsoever beast, it sufficeth to hit him with one of his clawes. But the Indians are so hardie, that some of them dare close with one of them, and holden it fast, and kills it in a field, as they doe their enemies, getting a name, and using all the ceremonies they doe to their enemies. They use the heads for Trumpets, and the Portugall women use the skinnes for Rugs or Coverlets, especially of the painted ones, and in the Captainship of Saint Vincent’*. Cardim (1925: 38): *‘Jagoáretê. – Ha muitas onças, humas pretas, outras pardas, outras pintadas: he animal muito cruel, e feroz; accomettem os homens sobremaneira, e nem em arvores, principalmente se são grossas, lhes escapão; quando andão cevadas de carne não ha quem lhes espere principalmente de noite; matão logo muitas rezes juntas, desbaratão huma casa de gallinhas, huma manada de porcos, e basta darem huma unhada em hum homem, ou qualquer animal para o abrirem pelo meio; porém são os Indios tão ferozes que ha Indio que arremette com huma, e tem mão nella e depois a matão em terreiro como fazem aos contrarios, tomando nome, e fazendo-lhes todas as ceremonias que fazem aos mesmos contrarios. Das cabeças dellas usão por trombetas, e as mulheres Portuguesas usão das pelles para alcatifas, maximé das pintadas, e na Capitania de São Vicente’*.
- ***Jagoarucu** (in Purchas, 1625: 1302-1303, 1906: 455) – *‘The Jagoarucu are the Dogs of Brasill, they are of a grey colour mingled with white; very swift, and [1303] when they yelp they are like Dogs; they have the tayle very hairy, feed on fruits, and upon prey, and bite terribly’*. Cardim (1924: 43): *‘Iaguaruçú. – Estes são os cães do Brasil, são de um pardo almiscarado de branco, são muito ligeiros, e quando choram parecem cães: têm o rabo muito felpudo, comem fructas e caça, e mordem terrivelmente’*.
- ***Jaguacini** (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 455-456) – *‘The Jaguacini are big as the Foxes of Portugall, and have the same colour of a Foxe, they feed onely upon the Sea-crabs, and among the Sugar-canes, and destroy many of them; they are very sleepe, for they kill them sleeping, they doe no hurt’*. Cardim (1925: 44): *‘Jaguacini – Este animal he tamanho como raposa de Portugal, tem a mesma côr de raposa, sustenta-se somente de caranguejos, e dos canaveaes d’açucar, e destruem muitos delles; são muito dorminhocos, e dormindo os matão, não fazem mal’*.
- ***Jaguapopeba** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498) – *‘The Jaguapopeba are the true Atters of Portugall’*. Cardim (1925: 102): *‘Pagnapopéba [sic]. – Estas são as verdadeiras lontras de Portugal’*.
- Jaguarucu** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498) – *‘The Jaguarucu is a beast greater then any Oxe, it hath Teeth of a great quarter long, they keepe in and out of the water, and doe kill men; they are rare; some of them are found in the River of Saint Francis, and in Paraguacu’*. Cardim (1925: 102): *‘Jaguaruçú. – Este animal he*

maior que nenhum boi; tem dentes de grande palmo, andão dentro e fóra d'agua, e matão gente; são raros, alguns delles se achão no rio de S. Francisco, e no Paraguaçú'.

Jararaca, ***Jararacucu** (in Purchas, 1625: 1303-1304, 1906: 458) – 'Jararaca is a name that comprehendeth foure kindes of very venomous Snakes. The first is greatest, called Jararacucu, that is, great Jararaca, and they are of ten spannes long, they have great tushes hidden in the mouth along their gummies, and when they bite they stretch them like a finger of the hand: they have their poison in their gummies, their teeth crooked, and a stroake upon them whereby the poison runneth. Others say, they have it within the tooth, which is hollow within, it hath so vehemēt a poison, that in foure and twentie houres, and lesse, it killeth a man; the poison is very yellow, like Saffran water, they bring foorth many young ones at once, one hath beene taken with thirteene in her bellie'; 'There are other smaller Jararacas, that the greatest is about halfe a yard long, they are of an earthie colour; they have certaine veines in their head like the Vipers, and they make such a noise as they doe'; (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 460) – 'There are other Snakes, chiefly these Jararacas, that have a great smell of Muske, and wheresoever they bee, they are descried by the good and fragrant smell they have'. Cardim (1925: 47): 'Jararaca. – Jararaca he nome que comprehende quatro generos de cobras muito peçonhentas: a primeira e maior, é a Jararacuçú, sc. Jararaca grande, e são de dez palmos; têm grandes preza na bocca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendem no como dedo de mão, têm a peçonha nas gengivas, têm os dentes curvos, e na costa delles hum rego por onde lhe corre a peçonha. Outros dizem que a têm dentro do dente que he furado por dentro. Têm tão veemente peçonha, que em 24 horas, e menos, mata huma pessoa; a peçonha é muito amarella como agua de açafão; parem muitos filhos, e algumas se achão treze na barriga'; 'Ha outras Jararacas mais pequenas, que a maior será de dous palmos; são de côr de terra, têm humas veias pela cabeça como as biboras, e também carcerejão como ellas'. Cardim (1925: 49): 'Há outras cobras, principalmente estas Jararacas, que cheirão muito a almiscra, e onde quer que estão dão sinal de si pelo bom e suave cheiro'.

†**Jararaepeba** (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 458) – 'There are others, called Jararaepeba, most venomous; it hath a red chaine along the backe, and the breasts, and the rest of the bodie is all grey'. Cardim (1925: 47): 'Ha outra Jararacopéba, he peçonhentissima, tem uma codea pelo lombo vermelho, e os peitos e o mais corpo he todo pardo'.

†**Jararacoaypitiuga** (in Purchas, 1625: 1304, 1906: 458) – 'There are others, called Jararacoaypitiuga, that is, that hath the point of the taylor more white then grey; these are as venomous as Vipers of Spaine, and have the same colour and fashion'. Cardim (1925: 47): 'Ha outra que se chama Jararagoaipigtanga, sc., que tem a ponta do rabo mais branco que pardo; estas são tão peçonhentas como as biboras de Espanha, e têm a mesma côr e feiçam'.

***Jau** (in Purchas, 1625: 1317, 1906: 496) – 'The maine Rivers wherewith this Province is watered are innumerable, and some verie great, and have verie faire barres, not wantig in the Rivers, Brookes and Fountaines, whereof the Countrie is verie plentifull, and the waters ordinarily are verie faire, cleere and healthfull, and plentifull of infinite fishes of sundrie kinds, of the which some are of an exceeding greatnesse, and of a great value, and verie healthfull, and are given unto the sicke for Medicines. These fishes doe the Indians catch with Nets, but ordinarily with Hookes and Line. Among these there is a royall fish of a good taste and savour, that is verie like the Sturgeon of Spaine, this is called Jau, they are of fourteene and fifeene quarters long, and sometimes bigger, and verie fat, and they make Butter (or Grease) of them. And at sometimes the fish is so much, they fat their Hogges with it'. Cardim (1925: 99-100): 'Os rios caudales de que esta provincial he regada são innumeraveis, e alguns mui grandes, e mui formosas barras, não fallando em as ribeiras, ribeiros e fontes de que toda a terra he muito abundante, e são as aguas de ordinario mui formosas, claras, e salutiferas, e abundantes de infinidade de peixes de varias especies, dos quaes ha muitos de notavel grandura, e de muito preço, e mui salutiferos, e dão-se aos doentes por medicina. Estes peixes pescão os Indios com redes, mas o ordinario he a linha com anzolo. Entre estes ha hum peixe real de bom gosto e sabor que se parece muito com o solho de Espanha; este se chama – Jaú – são de quatorze, e quinze palmos, e ás vezes maiores, e muito gordos, e delles se faz manteiga. Em alguns tempos são tantos os pexes que engordão os porcos com elles'.

†**Jerepomonga** (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 489) – 'Jerepomonga, is a Snake that liveth in the Sea; her manner of living is to lie still, and whatsoever living thing that toucheth it, remaineth so fast sticking to it that in no wise it can stirre, and so he feedeth and sustaines himselfe. Sometimes it commeth out of the Sea, and becommeth very small, and as soone as it is toucht it sticketh fast, and if they goe with the other hand to lose themselves, they remaine also fast by it, and then it becommeth as bigge as a great Cable, and so carrieth the person to the Sea, and eateth it, and because it cleaveth so fast, it is called Terepomong, that is to say, a thing that cleaveth fast'. Cardim (1925: 89): 'Terepomonga – He uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver he deixar-se estar muito queda e qualquer cousa viva que lhe toca fica nella tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pôde bolir, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sae fora do mar, e torna-se muito pequena, e tanto que a tocão, pega, e se vão com a outra mão para desapegarem ficão tambem pegadas por ella, e depois faz-se tão grossa como hum bom tirante, e assi leva a pessoa para o mar e a come; e por pegar muito se chama Terepomonga, sc. cousa que pega'.

Macucagua (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 464) – 'The Macucagua is greater then any Henne of Portugall, it resembles the Feasant, and so the Portugals doe call it; it hath three skinned one over another, and much

flesh, and verie savourie, they lay twice a yeere, and at everie time thirteene or fiteene egges, they goe alwaies on the ground, but when they see any people they flie to the trees, and at night when they goe to roust as Hennes doe. When they sit on the trees, they put not their feet on the boughs, but the shankes of their legs, and most on the fore part. There bee many kindes of these, and they are easily shot at. Cardim (1925: 55): ‘*Macucaguá*. – Esta ave he maior que nenhuma gallinha de Portugal. Parece-se com fajão, e assi lho chamão os portugueses, tem tres titellas huma sobre a outra, e muita carne, e gostosa, põe duas vezes no anno, e de cada vez treze ou quinze ovos; andão sempre pelo chão, mas quando vem gente se sobem nas arvores, e á noite quando se empoleirão como fazem as gallinhas. Quando se põem nas arvores, não põem os pés nos paos, mas as canellas das pernas, e mais da parte dianteira. Destas há muitas especies, e multidão, e facilmente se frechão’.

‡*Manima* (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 497) – ‘*The Snake Manima keepeth alwaies in the water, it is yet greater then the other abovesaid; it is much painted: and from his Picture did the Gentiles of Brasill take the painting of themselves. That Indian holds himselfe for blessed, that it doth shew it selfe unto, saying, they shall live long, seeing the Manima did shew it selfe unto him*’. Cardim (1925: 101): ‘*Manima*. – Esta cobra anda sempre n’agua, he ainda maior que a sobredita, e muito pintada, e de suas pinturas tomarão os gentios deste Brasil pintarem-se; têm-se por bem-aventurado o Indio a que ella se amostra, dizendo que hão de viver muito tempo, pois a Manima se lhes mostrou [texto incompleto]’.

Mutu (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 465) – ‘*The Hen Mutu is very domesticall, it hath a combe like the Cokes, spotted with white and blacke, the egges are great and very white, like a Goose egge, so hard that knocking the one with the other, they ring like Iron, and of them they make their Maracas, that is, their Bells; any Dog that eateth the bones of it dieth, and unto men it doeth no hurt at all*’. Cardim (1925: 55-56): ‘*Mutú*. – Esta gallinha he muito caseira, tem huma crista de gallo espargida de branco e preto, os ovos são grandes como de pata, muito alvos, tão rijos que batendo hum no outro, tinem como ferro, e delles fazem os seus maracás, sc., cascaveis; todo cão que lhe come os ossos, morre, e aos homens nenhum prejuizo lhes faz’.

Pacai (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 451) – ‘*The Pacai are like Pigs, there are great abundance of them; the flesh is pleasant, but it is heavie. They never bring forth but one at once. There bee others very white; these bee rare, they are found in the River of Saint Francis*’. Cardim (1925: 38): ‘Estas Pácas são como leitões, e ha grande abundancia dellas: a carne he gostosa, mas carregada; não parem mais que hum só filho. Ha outras muito brancas, são raras, e achão-se no Rio de São Francisco’.

†*Piraambu* (in Purchas, 1625: 1313, 1906: 484-485) – ‘*The wilde fish, which the Indians call Piraambu, (that is, a fish that snorieth, the reason is, because wheresoever it is, is heard his snorting) is of a good bignesse, about eight or nine spannes, it is of a good taste, and esteemed; it hath in the mouth two stones as broad as a hand, exceeding strange, with them they breake the Wilkes whereon they feed, the Indians esteeme the stones and weare them about their neckes as a Jewell*’. Cardim (1925: 82): ‘*Peixe selvage*. – Este peixe selvage, aqui os Indios chamão Pirambá [sic], sc. peixe que ronca; a razão he porque onde andão logo se ouvem roncões, são de boa grandura até oito e nove palmos; a carne he de bom gosto, e são estimados; têm na boca duas pedras de largura de huma mão, rijas em grande extremo, com ellas partem os búzios de que se sustentão; as pedras estimam os Indios, e as trazem ao pescoço como joias’.

**Piraguaig* (in Purchas, 1625: 1316, 1906: 492) – ‘*The Piraguaig are also eaten, and of the shelles they make their Beades: and for so many fathome they give a person. Of these the Sea casteth up sometimes great heapes, a wonderfull thing*’. Cardim (1925: 94): ‘*Piriguay*. – Estes se comem tambem, e das cascas fazem sua conteria, e por tantas braças dão huma pessoa; destes bota as vezes o mar fora serras, cousa muito para ver’.

**Puraque* (in Purchas, 1625: 1314, 1906: 488) – ‘*Puraque is like the Scate, it hath such vertue that if any touch it, he remaineth shaking as one that hath the Palsie, and touching it with a sticke, or other thing it benummeth presently him that toucheth it, and while he holdeth the sticke over him, the arme that holdeth the sticke is benumbed, and asleepe; it is taken with flue-nets, and with casting Nets it maketh all the bodies tremble, and benummes it with the paine, but beeing dead it is eaten, and it hath no poison*’. Cardim (1925: 88): ‘*purá* [sic]. – Este peixe se parece com arraya: tem tal virtude que quem quer que o toca logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pao, ou com outra qualquer cousa, logo adormece o que lhe põem, e emquanto lhe tem o pao posto em cima fica o braço com que toma o pao adormecido, e adormentado. Tomão-se com redes de pé, e se se tomão com redes de mão todo o corpo faz tremer, e pasmarmos com a dor⁸⁸, mas morto come-se, e não tem peçonha’.

**Quereiva* (in Purchas, 1625: 1305-1306, 1906: 464) – ‘*The bird Quereiva, is of the most esteemed of the Land, not for the song, but for the beautie of the feathers; they are a cleare azure in part, and a darke, all the breast is most fine red, the wings almost blacke; they are so esteemed, that the Indians doe flea them, and give two or three persons for the skinnes of them, and with the feathers they make their Pictures, Diademes, and other fine things*’. Cardim (1925: 54): ‘*Quereiúá*. – Este passaro he dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da pena; são d’azul claro em parte, e escuro, e todo o peito roxo finissimo, e as azas quase pretas, são tão estimadas, que os Indios os esfolião, e dão duas e tres pessoas por huma pelle delles, e com as penas fazem seus esmaltes, diademas, e outras galantarias’.

⁸⁸ Trata-se da mais antiga referência à electricidade do puraquê. Sobre a história dos peixes elétricos, veja-se Finger & Piccolino (2011) e Koehler, Finger & Piccolino (2009).

Rimbaba (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498); Cardim (1925: 101, *Rembaba*). Ver sob *jacare*.

Tamandua (in Purchas, 1625: 1301-1302, 1906: 452) – ‘*The Tamandua is of notable admiration, it is of the bignesse of a great Dog, more round then long, and the tayle is twice or thrice as long as the bodie, and so full of haire, that from the heate, raine, cold and winde, he harboureth himselfe all under it, that yee can see nothing of him. The head is small, and hath a thinne snout, no greater mouth than an oyle Cruze, round and not open, the tongue is of three quarters long, and with it he licketh up the Ants, whereof he onely feeds; hee is diligent in seeking of the Ant-heapes, and with the clawes hee breaketh them, and casting out his tongue the Ants sticke on it, and so he drawes them in, having no more mouth then to hold his tongue full of them; it is of a great fiercenesse, and doth assault many people and beasts. The Ounces doe feare them, and the Dogs exceedingly, and whatsoever they catch, they teare with their clawes; they are not eaten, neither are they good for any thing but to destroy the Ant-heapes, and they are so many that they will never bee destroyed altogether*’. Cardim (1925: 39-40): ‘*Tamandua*. – Este animal he de natural admiração: he do tamanho de hum grande cão, mais redondoque comprido: e o rabo será de dous comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos, se agasalha todo debaixo d'elle sem lhe apparecer nada; a cabeça he pequena, o focinho delgado, nem tem maior bocca que huma almotolia, redonda, e não rasgada, a lingoa será de grandes três palmos de comprimento e com ella lambe as formigas de que somente se sustenta: he diligente em buscar os formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de hum homem os desmancha, e deitando a lingoa fôra pegam-se nella as formigas, e assi a sorve porque não tem bocca para mais que quanto lhe cabe a lingoa cheia delas; he de grande ferocidade, e accomette muito a gente e animaes. As onças lhe hão medo, e os cães sobremaneira, e qualquer cousa que tomão com suas unhas espedação; não se comem, nem prestão para mais que para desençar os formigueiros, e são elles tantos, que nunca estes animaes os desbaratão de todo’.

***Tangara** (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 463-464) – ‘*The Tangara is of the bignesse of a Sparrow, all blacke, the head is of a verie fine Orange-tawnie, it singeth not, but it hath a wonderfull thing, for it hath fits like the Falling sicknesse, and for this cause the Indians doe not eate them, for the avoiding of that disease, they have a kinde of very pleasant dancing, and it is, that one of them makes himselfe as dead, and the other compasse him about skipping with a song of a strange crying that is heard verie farre, and when they end this feast, crying, and dancing, he that was as dead riseth, and maketh a great noise and crying, and then all goe away, and end their feast. They are so earnest when they doe it, that although they be seene and shot at, they flie not away. Of these there bee many kindes, and all of them have accidents*’. Cardim (1925: 53-54): ‘*Tangará*. – Este he do tamanho de hum pardal; todo preto, a cabeça tem de hum amarello laranjado muito fino; não canta, mas tem huma cousa maravilhosa que tem accidentes como de gotta coral, e por esta razão o não comem os Indios por não terem a doença; tem hum genero de baile gracioso, sc., hum delles se faz de morto, e os outros o cercão ao redor, saltando, e fazendo hum cantar de gritos estranho que se ouve muito longe, e como acabou esta festa, grita, e dança, o que estava como morto se alevanta, e dá hum grande assovio, e grito, e então todos se vão, e acabou sua festa, e nella estão tão embebedos quando a fazem que ainda que sejam vistos, e os espreitem não fogem; destes ha muitas especies, e todos têm accidentes’.

Tapati (in Purchas, 1625: 1303, 1906: 455) – ‘*The Tapati are like the Conies of Portugall, and here they doe barke like Dogs, especially by night, and very often; the Indians hold this barking for an evill signe; they breede three or foure at once; they are very rare, for they have many adversaries, as birds of rapine, and other beasts that doe eate them*’. Cardim (1925: 43-44): ‘*Tapiti*. – Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladrão cá nesta terra como cães, maxime de noite, e muito a miúde. Os Indios têm estes ladridos por agouro; criam tres e quatro filhos: são raros porque têm muitos adversarios, como aves de rapina, e outros animaes que os comem’.

Tapijrete (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 450) – ‘*The Tapijrete are the Elkes, of whose skinne the leather Targets are made, they are like Kine, much more like a Mule, the tayle is of a finger length, they have no hornes, they have a snout of a quarter long, which he shrinketh up and putteth forth. They swimme and dive very much, but when they dive they take ground presently under water, and going on it they come out in another place, where there are great store of them in this Countrie*’. Cardim (1925: 37): ‘*Tapyretê* – Estas são as antas, de cuja pelle se fazem as adargas; parecem-se com vaccas e muito mais com mullas, o rabo he de um dedo, não têm cornos, têm huma tromba de comprimento de hum palmo que encolhe e estende. Nadão e mergulhão muito, mas em mergulhando logo tomão fundo, e andando por elle saem em outra parte. Ha grande copia dellas nesta terra’.

Tatu (in Purchas, 1625: 1302, 1906: 452-453) – ‘*The Tatu is of the bignesse of a Pigge, and of a whitish colour, it hath a very long snout, and the body full of things like plates, wherewith he remayneth armed, and it hath certaine pieces hanging downe as the Badas have. These plates are so hard, that no Arrowe can pierce them, except it hits him in the flankes; they digge so fast, that it hath chanced seven and twentie men with Mattockes not to bee able do digge so much as one of these with their snout. But if they cast water in their holes they are presently taken: it is a creature worth the seeing, and they call it an armed Horse, the flesh is like Hennes flesh, or Pigge, very pleasant, of the skinnie they make Purses, and they are very faire and lasting, they are made tame, and are bred in the house. Of these there be many kindes, and there are great abundance of them*’. Cardim (1925: 40): ‘*Tatú*. – Este animal he do tamanho de hum leitão, de côr como branca, o focinho tem muito comprido, o corpo cheio de humas como laminas com que fica armado, e descem-lhes

huns pedaços como têm as Badas⁸⁹. Estas laminas são tão duras que nenhuma frecha as pode passar se lhe não dá pelas ilhargas; furão de tal maneira, que já aconteceu vinte e sete homens com enxadas não poderem cavar tanto, como huma cavava com o focinho. Porém, se lhe deitão agua na cóva logo são tomados; he animal para ver, e chamão-lhe cavallo armado: a carne parece de gallinha, ou leitão, muito gostosa, das pelles fazem bolsas, e são muito galantes, e de dura; fazem-se dosmesticos e crião-se em casa. Destes ha muitas espécies e ha grande abundancia”.

†**Tayacupita** (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 451) – ‘Others are called Tayacupita, that is, a Boare that standeth still and tarieth; these doe assault the Dogs, and the men; and if they catch them they eate them; they are so fierce, that men are forced to take the trees to escape them, and some doe stay at the foot of the trees some dayes till the man doe come downe; and because they know this tricke of theirs, they goe presently to the trees with their Bowes and Arrowes, and from thence they kill them. There bee also other kinde of Boares, all good meate’. Cardim (1925: 37): ‘Outros se chamam Tayaçupigta, sc. porco que aguarda, ou faz fin-capé. Estes accomettem os cães, e os homens, e tomando-os os comem, e são tão bravos que he necessario subirem-se os homens nas arvores para lhes escapar, e alguns esperão ao pé das arvores para alguns dias até que o homem se desça, e por que lhes sabem esta manha, sobem-se logo com os arcos e frechas ás arvores, e de lá os matão’.

†**Tayacutirica** (in Purchas, 1625: 1301, 1906: 450-451) – ‘There are great stores of wilde Boares, and it is the ordinary food of the Indians of this Countrie, they have the navell on their backe, and out of it there cometh a sent like the sent of little Foxes, and by that sent the Dogs doe hunt them, and they are easily taken. There are others called Tayacutirica, that is to say, a Boare that snappeth or grindeth his teeth, these are bigger then the common, and more rare, and with their tushes they goare all the beasts they meete’. Cardim (1925: 37): ‘Ha grande copia de porcos monteses, e he o ordinario mantimento dos Indios desta terra, têm o embigo nas costas e por elle lhe sae hum cheiro, como de raposinhos, e por este cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente. Ha outros chamados Tayaçutirica, sc., porco que bate e trinca os dentes, estes são maiores que os communs, e mais raros, e com seus dentes atassalhão quantos animais achão’.

Terepomong (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 489) – Ver sob *jerepomonga*.

Tucana (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 464) – ‘The Tucana is of the bignesse of a Pie, it is all blacke except the breast, which is all yellow, with a round red circle; the bill is a large spanne long, verie great, yellow, and within is red, so smooth and shining, that it seemeth to bee varnished; they are made tame, and breeds in the houses, are good to eate, and the feathers are esteemed because they are faire’. Cardim (1924: 54): ‘Tucána. – Este passaro he do tamanho de huma pêga; he todo preto, tirando o peito, o qual he todo amarello com hum circulo vermelho; o bico he de hum grande palmo, muito grosso e amarello, e por dentro vermelho, tão burnido e lustroso, que parece invernezado; fazem-se domesticos, e crião-se em casa, são bons para comer, e a penna se estima muito por ser fina’.

Tuim (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 461-462) – ‘The Tuins are a kinde of Parot very small, of the bignesse of a Sparrow, they are greene, sprinkled with other divers colours, they are much esteemed, as well for their beautie, as because they prattle much, and well, and are very tame. They are so small, that they skip every where on a man, on his hands, his breast, his shoulders and his head; and with his bill hee will cleanse ones teeth, and will take the meate out of the mouth of him that brings them up, and make many gambols; they are alwaies speaking or singing after their owne fashion’. Cardim (1925: 51): ‘Tuin. – Os tuins he huma especie de papagaios pequenos do tamanho de hum pardal; são verdes espargidos de outras varias côres, são muito estimados, assi pela sua formosura, como tambem porque fallão muito, e bem, e são muito domesticos, e tão mansinhos que andão correndo por toda huma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos hombros, e cabeça, e com o bico lhe esgravatão os dentes, e estão tirando o comer da bocca á pessoa que os cria, e fazem muitos momos, e sempre fallão, ou cantão a seu modo’.

***Uça** (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 491) – ‘The Uça is a kind of Crab found in the mire, and they are infinite, and the foode of all this Countrie, chiefly for the slaves of Guinea, and the Indians of the Countrie, they have a good taste, upon them is good drinking cold water. They have a particularitie to bee noted, that when they cast their shell they goe into their holes, and there they are two or three moneths, and casting the shell, mouthes and feet, they come so out, and they grow againe as before’. Cardim (1925: 91): ‘Uçá. – Uçá he hum genero de caranguejos que se achão na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta terra, maximé dos escravos de Guiné, e Indios da terra; são muito gostosos, sobre elles he boa agua fria. Têm huma particularidade de notar, que quando mudão a casca se mettem em suas covas, e ahi estão dous, tres mezes, e perdendo a casca, bocca, e pernas, saem assi muito moles, e tornão-lhe a nascer como dantes’.

***Uru** (in Purchas, 1625: 1306, 1906: 465) – ‘In this Countrie there are many kindes of Partridges, which though they are not like in all things to those of Spaine, yet are they very like in colour, taste, and in the abundance’. Cardim (1925: 56): ‘Uru. – Nesta terra ha muitas especies de perdizes que ainda que se não pareção em todo com as de Espanha, todavia são muito semelhantes na côr, e no gosto, e na abundancia’.

Yapu (in Purchas, 1625: 1305, 1906: 462) – ‘The Yapu is of the bignesse of a Pie-annet, the bodie of a fine blacke, and the taile of a very fine yellow, it hath three tufts on the head that are like little hornes, when hee raiseth them: the eies are blue, the neb very yellow. It is a very faire bird, and hath a very strong smell when it is angrie. They are very carefull in seeking their food, there escapeth not a Spider, Beetle, or Cricket, &c. they

⁸⁹ Abadas = rinocerontes (Azevedo, 2009: 132).

are very cleanly in a house, and goe about like Pie-annets, they leave nothing unsought. It is dangerous holding them in the hand, for they runne presently to the eies, and pull them out'. Cardim (1925: 52): 'Iapú. – Este passaro he do tamanho de huma pêga, o corpo de hum preto fino, e o rabo todo amarelo gracioso; na cabeça tem três pennachosinhos, que não parecem senão cornitos quando os levanta; os olhos tem azues, o bico muito amarelo; he passaro formoso, e tem um cheiro muito forte quando se agasta; são muito sollicitos em buscar de comer, não lhe escapa aranha, barata, grillo, &, e são grande limpesa de huma casa, e andão por ellas como pêgas, não lhes fica cousa que não corraõ; he perigo grande terem-no na mão, porque arremetem aos olhos e tirã-nos'.

Ypupiapra (in Purchas, 1625: 1315, 1906: 489-490) – 'The Mermen, or men of the Sea, are called in their language Ypupiapra. The men of the country are so afraid of them, that many of them die only with the thought of them, & none that seeth them scapeth. Some that died already, being demanded the cause, said, that they had seene this Monster, they properly are like men, of a good stature, but their eies are very hollow. The Female are like women, they have long haire, and are beautiful; these Monsters are found in the bars of the fresh Rivers; in Jagoaripe, seven or eight leagues from the Bay have many bin found, & in the yeere 82. an Indian going to fish, was chased by one, and fleeing in a Canoa told it to his Master. The Master for to animate the Indian, would needs go see the Monster, & being careless with one hand out of the Canoa, it catch hold of him, and carried him away, and hee was never seene againe, and in the same yeere died an Indian of Franciscus Lorenço Cacyro. In Port Secure are some seene, which have killed some Indians alreadie, the manner of their killing is to embrace themselves with the person, so strongly, kissing and grasping it hard to it selfe, that they crush it in pieces remaining whole, and when they perceive it dead, they give some sighings in shew of sorrow, and letting them goe they runne away, and if they carrie any they eate onely the eies, the nose, the points of the fingers and toes, and privie members, and so ordinarily they are found on the sands with these things missing'. Cardim (1925: 89-90): 'Estes homens marinhos se chamão na lingua Igpupiára; têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já, e preguntando-lhes a causa, dizião que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito invocados. As femeas parecem mulheres, têm cabelos compridos e são formosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoarigpe sete ou oito leguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno de oitenta e dois [1582] indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o Indio quis ver o monstro, e estando descuidado com huma mão fóra da canoa, pegou delle, e o levou sem mais aparecer, e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Caeiro. Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morto alguns Indios. O modo que têm em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a comsigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comem-lhes somente os olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitalias, e assi os achão de ordinario pelas praias com estas cousas menos'.

***Zariguemeiu** (in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498) – 'There is another small beast of the bignesse of [em branco no original] it is called Zariguemeiu, these have rich skinnes for Furres'. Cardim (1925: 102): 'Ha outro animal pequeno do tamanho de doninha, chama-se Sariguey bejú – este tem ricas pelles para forros'.

23. O AUTO DA FESTA DE SÃO LOURENÇO (ca. 1583⁹⁰) E NA ALDEIA DE GUARAPARIM (ca. 1585) DE JOSÉ DE ANCHIETA

Um resumo da peça *Auto da festa de São Lourenço*, encenada no adro da capela de São Lourenço, no primitivo núcleo da atual cidade de Niterói, quando Anchieta visitava a localidade como provincial, foi apresentado por Navarro (1999: viii-xi).

A peça foi transcrita, comentada e traduzida, a partir do original de Anchieta, por Martins (1948). Essa autora incluiu também em sua obra o auto anchietano *Na Festa do Natal*, da qual apenas poucos versos estão na versão original. No *Auto de São Lourenço* Anchieta incluiu vários nomes de animais, listados abaixo:

Aguaraguaçu – Verso 764 (in Martins, 1948: 60, 61, versos 761-765: ‘Cobe ingapē coatiara/ tayacang mōbue muru/ Yaputuuma tau/ Xe **aguaraguaçu** jaguara/ Xe iaguarete iporu’ – ‘Aqui está a ingapema listrada/ para quebrar-lhes as cabeças./ Comerei os seus miolos./ Sou o guará, a onça./ Sou jaguaretê antropófago!’).

Aiurujub – Verso 498 (in Martins, 1948: 46-47, versos 494-498: ‘Apapende? Sarauaya./ **Aiurujub** upiaroera./ Aiponho pipo nderera?/ xe abe tayaçugoaya./ xemanhana manēbuera’ – ‘Quem és tu? Saravaia,/ inimigo dos franceses [‘papagaios’]. São só êsses os teus títulos? Sou também porco doméstico. Fui um espião mofino’).

Ajurujuba – Verso 767 (in Martins, 1948: 60, 61, como apelido dos franceses).

***Ambuá** – Verso 731 (in Martins, 1948: 58, 59).

Andira – Verso 484 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 483-487: ‘Baepe que suj opica?/ **Andira** ruãpee./ Panama, coipo guaiquica?/ enero, cururu açica!/ eri çarigueya e’ – ‘De que está se escondendo?/ Será, acaso, um morcego?/ Será borboleta ou cuíca?/ Eia, gambá!/ Vamos, cururu minguado!’).

***Andiraguaçu**⁹¹ – Versos 293 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 289-294: ‘Abapende?/ guaixara caguara ixé./ boitininguçu, jaguara,/ moruara, moroapiara,/ **andiraguaçu** bebe/ anhangá morapitiara’ – ‘Quem és tu?/ Sou Guaixará, o bêbado,/ grande boicininga, jaguar,/ antropófago, agressor,/ andirá-guaçu que voa,/ demônio assassino’).

Arara⁹² – Verso 710 (in Martins, 1948: 56, 57, versos 708-710: ‘To, añe, baepeque/ caninde obi yaçoara?/ Doyabij muru **arara**’ – ‘Ó! Quê será aquilo/ semelhante a um canindé azul?/ Parece arara’).

†**Boitininguçu**⁹³ – Verso 291 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 289-294: ‘Abapende?/ guaixara caguara ixé./ boitininguçu, jaguara,/ moruara, moroapiara,/ **andiraguaçu** bebe/ anhangá morapitiara’ – ‘Quem és tu?/ Sou Guaixará, o bêbado,/ grande boicininga, jaguar,/ antropófago, agressor,/ andirá-guaçu que voa,/ demônio assassino’).

***Bora** – Verso 490 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 488-493: ‘Ejori/ baenē baepoxi/ **bora**, miaratacaca/ ceboi, tamarutaca/ Xepoeirai, xeropecy/ auye, teume xemombaca’ – ‘Vem,/ peste fedorenta,/ borá, maritacaca,/ sangue-suga, tamarutaca!/ Destroçam-me,/ prendem-me!/ Basta! Não me despertes!’).

***Cabure** – Verso 754 (in Martins, 1948: 58, 59, como nome de um chefe tamoio).

Caninde⁹⁴ – Verso 710 (in Martins, 1948: 56, 57, versos 708-710: ‘To, añe, baepeque/ **caninde** obi yaçoara?/ Doyabij muru **arara**’ – ‘Ó! Quê será aquilo/ semelhante a um canindé azul?/ Parece arara’).

Çariguey – Verso 339 (in Martins, 1948: 38, 39, versos 338-342: ‘Guabiru ruá pico?/ Conipo çariguey nema?/ piçare çerã ereico/ arinhama mocanhema/ apiaba mōdiabo?’ – ‘Haverá aqui um rato?/ Ou um repugnante sariguê?/ Será que tu és a noite,/ que afugenta as galinhas,/ amedrontando os índios?’).

Çarigueya – Verso 486 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 483-487: ‘Baepe que suj opica?/ **Andira** ruãpee./ Panama, coipo guaiquica?/ enero, cururu açica!/ eri çarigueya e’ – ‘De que está se escondendo?/ Será, acaso, um morcego?/ Será borboleta ou cuíca?/ Eia, gambá!/ Vamos, cururu minguado!’). Verso 600 (in Martins, 1948: 50, 51; como nome de aldeia).

***Ceboi** – Verso 491 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 488-493: ‘Ejori/ baenē baepoxi/ **bora**, miaratacaca/ **ceboi**, tamarutaca/ Xepoeirai, xeropecy/ auye, teume xemombaca’ – ‘Vem,/ peste fedorenta,/ borá, maritacaca,/

⁹⁰ Segundo Martins (1948) foi encenada no terreiro da Capela de São Lourenço, sobre o Morro de São Lourenço, em Niterói, ‘a 10 de agosto de 1583 ou ano pouco anterior’; Cardoso (1977) declara que a peça foi apresentada em 10 de agosto de 1587.

⁹¹ Como *Andirá-guasú* no verso 207 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

⁹² Como *Arara* no verso 190 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

⁹³ Como *Mboitingusú* no verso 205 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

⁹⁴ Como *Kaninde* no verso 189 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

- sangue-suga, tamarutaca!/ Destroçam-me, prendem-me!/ Basta! Não me despertes!').
- *Çoco⁹⁵ – Verso 296 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 295-300: '*Aepico?/ Xe giboya, xe çoco/ xe tamuyucu Aimbire/ Çucuriju, taguayo/ tamandoa atirabebo/ xe anhangá morope*' – 'E êle/ Sou jibóia, sou socó,/ o grande tamoio Aimbirê./ Sucuriju, gavião,/ tamanduá grenhudo,/ sou demônio luminoso!').
- Çucuriju⁹⁶ – Verso 298 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 295-300: '*Aepico?/ Xe giboya, xe çoco/ xe tamuyucu Aimbire/ Çucuriju, taguato/ tamandoa atirabebo/ xe anhangá morope*' – 'E êle/ Sou jibóia, sou socó,/ o grande tamoio Aimbirê./ Sucuriju, gavião,/ tamanduá grenhudo,/ sou demônio luminoso!').
- *Curuça – Verso 602 (in Martins, 1948: 50, 51; como nome de aldeia).
- *Cururu – Verso 487 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 483-487: '*Baepé que suj opica?/ Andira ruãpée./ Panama, coipo guaiquica?/ enero, cururu açica!/ eri çarigeya e*' – 'De que está se escondendo?/ Será, acaso, um morcego?/ Será borboleta ou cuíca?/ Eia, gambá!/ Vamos, cururu minguado!').
- Giboya⁹⁷ – Verso 296 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 295-300: '*Aepico?/ Xe giboya, xe çoco/ xe tamuyucu Aimbire/ Çucuriju, taguato/ tamandoa atirabebo/ xe anhangá morope*' – 'E êle/ Sou jibóia, sou socó,/ o grande tamoio Aimbirê./ Sucuriju, gavião,/ tamanduá grenhudo,/ sou demônio luminoso!').
- *Guabiru – Verso 338 (in Martins, 1948: 38, 39, versos 338-342: '*Guabiru ruá pico?/ Conipo çarigeyema?/ piçare çerã ereico/ arinhama mocanhema/ apiaba mōdiabo?*' – 'Haverá aqui um rato?/ Ou um repugnante sariguê?/ Será que tu és a noite,/ que afugenta as galinhas,/ amedrontando os índios?').
- *Guaiquica – Verso 485 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 483-487: '*Baepé que suj opica?/ Andira ruãpée./ Panama, coipo guaiquica?/ enero, cururu açica!/ eri çarigeya e*' – 'De que está se escondendo?/ Será, acaso, um morcego?/ Será borboleta ou cuíca?/ Eia, gambá!/ Vamos, cururu minguado!').
- Guiragoçu – Verso 676 (in Martins, 1948: 54, 55; 'pássaro grande').
- †Guiriri⁹⁸ – Verso 600 (in Martins, 1948: 50, 51, como nome de aldeia).
- Jaguarete – Verso 765 (in Martins, 1948: 60, 61, versos 761-765: '*Cobe ingapē coatiara/ tayacang mōbue muru/ Yaputuuma tau/ Xe aguaraguaçu jaguara/ Xe jaguarete iporu*' – 'Aqui está a ingapema listrada/ para quebrar-lhes as cabeças./ Comerei os seus miolos./ Sou o guará, a onça./ Sou jaguaretê antropófago!').
- *Jacurutu – Verso 336 (in Martins, 1948: 112, como nome de aldeia).
- Jaguara – Verso 291 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 289-294: '*Abapende?/ guaixara caguara ixé,/ boiti-ninguçu, jaguara,/ moruara, moroapiara,/ andiraguaçu bebe/ anhangá morapitiara*' – 'Quem és tu?/ Sou Guaixará, o bêbado./ grande boicininga, jaguar,/ antropófago, agressor,/ andirá-guaçu que voa,/ demônio assassino). Verso 764 (in Martins, 1948: 60, 61, versos 761-765: '*Cobe ingapē coatiara/ tayacang mōbue muru/ Yaputuuma tau/ Xe aguaraguaçu jaguara/ Xe jaguarete iporu*' – 'Aqui está a ingapema listrada/ para quebrar-lhes as cabeças./ Comerei os seus miolos./ Sou o guará, a onça./ Sou jaguaretê antropófago!').
- Jaguaruçu – Verso 752 (in Martins, 1948: 58, 59, como nome de um chefe tamoio).
- *Jaguaruna – Verso 699 (in Martins, 1948: 56, 57, como nome de índio).
- Mariguí – Verso 719 (in Martins, 1948: 58, 59, versos 718-723: '*Ejori/ Xeçuumo mariguí/ onharõ moxi, xe uel/ aciquiye, ariry,/ eçapiate xe miri/ Xe mocõ cori yandune*' – 'Vem!/ Os mariguis mordem-me,/ Encarniçam-se, comer-me-ão!/ Tenho medo, estou tremendo!/ Vê, sou pequenino!/ Eles tragar-me-ão').
- †Miaratacaca – Verso 490 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 488-493: '*Ejori/ baenē baepoxi/ bora, miaratacaca/ ceboi, tamarutaca/ Xepoeirai, xeropecy/ auye, teume xemombaca*' – 'Vem,/ peste fedorenta,/ borá, maritacaca,/ sangue-suga, tamarutaca!/ Destroçam-me, prendem-me!/ Basta! Não me despertes!').
- *Panama – Verso 485 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 483-487: '*Baepé que suj opica?/ Andira ruãpée./ Panama, coipo guaiquica?/ enero, cururu açica!/ eri çarigeya e*' – 'De que está se escondendo?/ Será, acaso, um morcego?/ Será borboleta ou cuíca?/ Eia, gambá!/ Vamos, cururu minguado!').
- *Taguato¹⁰⁰ – Verso 298 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 295-300: '*Aepico?/ Xe giboya, xe çoco/ xe tamuyucu Aimbire/ Çucuriju, taguato/ tamandoa atirabebo/ xe anhangá morope*' – 'E êle?/ Sou jibóia, sou socó,/ o grande tamoio Aimbirê./ Sucuriju, gavião,/ tamanduá grenhudo,/ sou demônio luminoso!').
- Tamãdoa – Verso 714 (in Martins, 1948: 56, 57, como nome de índio).

⁹⁵ Como *Sokó* no verso 210 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

⁹⁶ Como *Sukurijú* no verso 212 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

⁹⁷ Como *Jibóia* no verso 210 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

⁹⁸ Segundo Sanchez Labrador [1727] in Castex, 1968: 338, é um dos nomes do gavião-carrapateiro, *Milvago chimachima* (Vieillot, 1816) (Falconiformes, Falconidae).

⁹⁹ Como *Jaguára* no verso 205 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

¹⁰⁰ Como *Taguató* no verso 212 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

- Tamandoa**¹⁰¹ – Verso 299 (in Martins, 1948: 36, 37, versos 295-300: ‘*Aepico?/ Xe giboya, xe çoco/ xe tamuyucu Aimbire/ Çucuriju, taguato/ tamandoa atirabebo/ xe anhangá morope*’ – ‘E êle/ Sou jibóia, sou socó,/ o grande tamoio Aimbirê./ Sucuriju, gavião,/ tamanduá grenhudo,/ sou demônio luminoso!’).
- ***Tamarutaca** – Verso 491 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 488-493: ‘*Ejori/ baenē baepoxi/ bora, miaratacaca/ ceboi, tamarutaca/ Xepoeirai, xeropecy/ auye, teume xemombaca*’ – ‘Vem,/ peste fedorenta,/ borá, maritacaca,/ sangue-suga, tamarutaca!/ Destroçam-me, prendem-me!/ Basta! Não me despertes!’).
- ***Tataurana** – Verso 714 (in Martins, 1948: 56, 57, como nome de um chefe tamoio).
- Tayaçu** – Verso 501 (in Martins, 1948: 46, 47, versos 499-502: ‘*Deitee nderuumuçu/ aba angá momoxiabo/ baeu-uma tayaçu/ oroapi cori yandu*’ – ‘Por isso és sujo/ e maculas as almas dos índios./ Bôrra, porco,/ eu hoje te queimarei!’).
- ***Urubu** – Verso 753 (in Martins, 1948: 58, 59, como nome de um chefe tamoio).
- Yacareguaçu** – Verso 707 (in Martins, 1948: 56, 57; como nome de índio).
- Yacutinga** – Verso 599 (in Martins, 1948: 50, 51, como nome de aldeia).

O auto intitulado *Na aldeia de Guaraparim* foi representado pela primeira vez em Guaraparim (ES) talvez no ano de 1585 e constitui o mais longo auto de Anchieta escrito exclusivamente na língua brasílica (Navarro, 1999: xi, que também apresenta um resumo da peça). Nela encontramos citado apenas um nome tupi de ave:

Urutaurana – Verso 661 (in Navarro, 1999: 179).

¹⁰¹ Como *Tamanduá* no verso 213 da peça de Anchieta *Na Festa do Natal* (cf. Martins, 1948: 106).

24. O VOCABULÁRIO NA LINGUA BRASILICA DO PE. LEONARDO DO VALLE, S. J. (1585)

Sobre a vida e a obra do Pe. Leonardo do Valle, cf. Papavero & Teixeira (1999b). Esse jesuíta compilou a mais completa lista de nomes tupis de animais, incluindo grande quantidade de nomes novos; há também uma grande quantidade de nomes extintos. Essa lista foi utilizada em maior ou menor extensão por vários outros jesuítas, tanto no Estado do Brasil como depois no Estado do Grão-Pará e Maranhão, até meados do século XVIII.

- **Abacatuajaba* (sob *peixe-gallo*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
**Acaraãya* (sob *peixe-cão*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
‡*Acarapeaçaba* (sob *sargo do Rio*, II.113) (in Ayrosa, 1938: 386)
†*Aguaracaba* (sob *formiga, a branca ou a pintada de preto e branco com pelo como ueludo*, I. 142) (in Ayrosa, 1938: 241)
Aguaraguaçu (sob *lobo, animal*, II. 23) (in Ayrosa, 1938: 278)
**Aguarãuçá* (sob *caranguejo, hũs q' amdaõ p^{la} praya*, I. 67) (in Ayrosa, 1938: 144)
‡*Aicã* (sob *boto, certo peixe*, I. 58) (in Ayrosa, 1938: 133)
**Aiereba* (sob *arraya*, I.41) (in Ayrosa, 1938: 111)
Aig (sob *perguissa, pello animal assi chamado*, II.73) (in Ayrosa, 1938: 338)
†*Aigcaba* (sob *bespas*, I.55)
‡*Aipi* (sob *enxoua peixe*, I.120) (in Ayrosa, 1938: 213)
**Aipimixira* (sob *bodião, peixe*, I.56) (*Aipimixira* [sic] in Ayrosa, 1938: 131)
**Ajaya* (sob *curuja*, I.88) (in Ayrosa, 1938: 172)
Ajurû (sob *papagayo, g^{nr}, suas especies são muitas*, II.64) (in Ayrosa, 1938: 327)
**Amaracoany* (sob *caranguejo*, I.67)
**Ambuã* (sob *centopea*, I.70) (in Ayrosa, 1938: 149)
**Amerecîma* (sob *lagartixa*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
**Amore* (sob *morea, outras de feição de peixe, pretas, e sem escamas, q' se crião e uiuem nos mangues dentro das couas dos carãgueijos*, II.42) (in Ayrosa, 1938: 301)
†*Apê* (sob *concha de qualquer marisco*, I.79) (in Ayrosa, 1938: 160)
†*Apepuera* (sob *concha de qualquer marisco, e se ia não tem nada*, I. 79) (in Ayrosa, 1938: 160)
**Apereã* (sob *laparo*, II.18) (*Aperêã* em Ayrosa, 1938: 272)
**Aquequê* (sob *formiga, outras piquenas ruiuas q' tambem comê as prantas, e crião som^{te} na flor da terra*, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
Aquigquig (sob *bogio, os de barba assi os ruiuos como os pretos*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
Arabê (sob *barata animal*, I.51) (in Ayrosa, 1938: 124)
**Araberî* (sob *sardinhas, diversas*, II.113) (in Ayrosa, 1938: 386)
**Aragoagoa* (sob *peixe-espada*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
**Aragoagoã* (sob *espadarte*, I.126) (in Ayrosa, 1938: 220)
**Aramãday* (sob *bizouros*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 130)
Aratû (sob *caranguejo os vermelhos também dos mangues*, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
**Areraya* (sob *lontra, este he mayor*, II.14) (*Areraya* em Ayrosa, 1938: 279)
‡*Atimiri* (sob *grajao, passaro do mar*, I.149) (*Atimiri* in Ayrosa, 1938: 251)
**Atingaçu* (sob *gaiuota*, I.146) (in Ayrosa, 1938: 246)
†*Baeapina* (sob *marinho homê, també se dizê q' os ha n'agoa doce*, II.32) (in Ayrosa, 1938: 289) [Ser mítico]
Bahû (sob *bichos q' se comê, e nascem dentro em paos e canas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129)
Berû (sob *mosca*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 302)
Beruaîra (sob *bareias*, I.52) (in Ayrosa, 1938: 125)
Beruraira (sob *bareias*, I.52) (in Ayrosa, 1938: 125)
Biriggui (sob *bogio, os de rosto e pernas compridas*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
‡*Boigpirãga* (sob *corais pellas contas*, I.81) (*Boigpirãg* in Ayrosa, 1938: 164)
Boitininga (sob *cobra, a dos cascaueis*, I.76) (não consta em Ayrosa, 1938)
Boya (sob *cobra, gnro.*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
Boycoatiara (sob *cobra, as q' matam*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
Boyucpecãga (sob *cobra*, I. 76) (in Ayrosa, 1938: 156)
‡*Boyeça* (sob *cobra, picoara dagua*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
**Boyobÿ* (sob *cobra*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
Boypeba (sob *cobra, as q' matam*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)

***Boyuçû** (sob *drago, ou dragão*, I.107, e sob *serpente* II.117) (in Ayrosa, 1938: 196, 390)
†**Caabôdoara** (sob *montes, ou montezes animais*, II.41) (in Ayrosa, 1938: 300)
Caabondoara (sob *syluestre cousa*, II.) (in Ayrosa, 1938: 392)
Caaiçgoôana (sob *syluestre cousa*, II.) (in Ayrosa, 1938: 392)
‡**Caaiçoana** (sob *montes, ou montezes animais*, II.41) (in Ayrosa, 1938: 300)
†**Caajara** (sob *louua a D^o hum certo Bichinho*, II.24) (in Ayrosa, 1938: 279)
***Caba** (sob *bespas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
†**Cabapoã** (sob *bespas*, I.55) (*Cabapoã* in Ayrosa, 1938: 128)
***Cabatî** (sob *bespas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
‡**Cabeçapiçocima** (sob *bespas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
‡**Cabecê** (sob *bespas*, II.32) (in Ayrosa, 1938: 128)
***Çabiâ** (sob *tordo*, II.132) (in Ayrosa, 1938: 411)
‡**Cabobaiuba** (sob *bespas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
***Çacoarîtâ** (sob *caramujo*, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
†**Çaçoca** (sob *bichos, por todos os que nascem dentro da fruta E similia*, I.55, e sob *bichos de carne, ou peixe podre*, I.55) (sob *Bichos q' nascem dentro da fruitain* Ayrosa, 1938: 129, e sob *bichos de carne, ou peixe podre* in Ayrosa, 1938: 129)
***Çâçununga** (sob *bespas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
Çacura (sob *caramujo*, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
†**Çaçura** (sob *buzio, os muyto grandes, outros*, I.61) (in Ayrosa, 1938: 136)
‡**Çacurauna** (sob *buzio*, I.56) (*Çacurauna* in Ayrosa, 1938: 103)
Çaguaçu (sob *bogio*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
Caguî (sob *bogio*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
†**Caguiuba** (sob *bogio*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
Caî (sob *bogio*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
Caiguaçu (sob *bogio*, I.56) (in Ayrosa, 1938: 131)
***Caiyacanga** (sob *poluo*, II.80) (in Ayrosa, 1938: 346)
†**Çambêajô** (sob *bolso de raposo em q' cria os filhos*, I.57) (*Çabêajô* in Ayrosa, 1938: 132)
Caninana (sob *cobra, dizem os naturais q' se gera nos ares e he certo*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
†**Çapoajobaya** (sob *lombrigas*, II. 24) (*Çapoajobay* em Ayrosa, 1938: 279)
***Carâcarâ** (sob *francelho*, I.143) (in Ayrosa, 1938: 243)
Caramuru (sob *lampréa*, II.18) (in Ayrosa, 1938: 271)
Caramurû (sob *morêa do mar*, II.42) (in Ayrosa, 1938: 301)
***Çarapô** (sob *jnguia*, II.12) (in Ayrosa, 1938: 264)
***Çararâ** (sob *caranguejo, os piquinhos que sobem pelas arvores*, I.67) (não consta em Ayrosa, 1938)
Çarigueâ (sob *raposa, outra q' traz os filhos no bolço*, II.96) (*Carigueâ* em Ayrosa, 1938: 366)
Çarigueibejû (sob *martas de q' se forão os roupões, certo bicho d'agoa doce*, II.32) (in Ayrosa, 1938: 289)
***Çarinambiguara** (sob *corcovado, certo peixe*, I.81) (in Ayrosa, 1938: 164)
Caripirâ (sob *rabiforcado*, II.94) (in Ayrosa, 1938: 364)
‡**Çaruiagoaçu** (sob *buzio, os muyto grandes, outros menores*, I.61) (*Çaruiaguaçu* in Ayrosa, 1938: 136)
***Çaujâ** (sob *rato do mato, suas especies são m^{as}*, II.97) (in Ayrosa, 1938: 367)
***Cebitû** (sob *formiga, outras delgadas e compridas q' se não comê*, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
‡**Ceboinhâga** (sob *çamixuga*, I.64) (*Ceboinhâg* in Ayrosa, 1938: 142)
***Cerigoajâ** (sob *centola*, I.70) (in Ayrosa, 1938: 149)
***Ceruru** (sob *mexilhões g^{nr}*, II.37) (in Ayrosa, 1938: 295)
†**Cetama** (sob *formigueiro, o lugar proprio onde crião ou habitão*, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
***Çiécie** (sob *caranguejo*, I.67) (não consta em Ayrosa, 1938)
Ciggoaçu (sob *corço, ou ueado de casta piquena*, I.81) (in Ayrosa, 1938: 164)
Ciggoaçû (sob *ueado, g^{nr}, ou corço*, II.) (in Ayrosa, 1938: 423)
Ciggoaçupara (sob *ceruo de cornos, ou ueado*, I.71) (in Ayrosa, 1938: 150)
Ciggoaçupara (sob *ueado de cornos, ou seruos*, II.) (in Ayrosa, 1938: 423)
***Ciggoaçuetê** (sob *corço ou ueado de casta piquena, os do mato*, I. 81) (in Ayrosa, 1938: 164)
Cigoaçuarana (sob *onça, ou tigre*, II.56) (*Cigoaçuarana* [sic] in Ayrosa, 1938: 317)
Ciguaçuapara (sob *corço ou ueado de casta piquena, os grandes, de grande armação*, I. 81) (in Ayrosa, 1938: 164)
Ciguaçupitâga (sob *corço ou ueado de casta piquena*, I.81) (in Ayrosa, 1938: 164)
***Ciguaçutinga** (sob *corço ou ueado de casta piquena, os do campo*, I.81) (in Ayrosa, 1938: 164)
†**Ciriguaçu** (sob *caranguejo*, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
***Cirimiri** (sob *caranguejo, andão nas ôdas do mar*, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
‡**Cirinema** (sob *caranguejo*, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
***Ciry** (sob *caranguejo, os largos de duas pontas agudas que sêpre andão pelo fundo*, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
Coati (sob *rapoza, outra, no parecer mas não no off^o*, II.96) (in Ayrosa, 1938: 365)
Çoo (sob *bruto animal, genro.*, I.60 e sob *caça, g^{nr}*, I.62) (in Ayrosa, 1938: 135, 138)

Çoô (sob animal quadrupes, q' se come, I. 36) (in Ayrosa, 1938: 103)
†**Çooaiba** (sob animal quadrupes, q' se não come, I.36) (in Ayrosa, 1938: 103)
***Çororoca** (sob caualinhas, ou sardas, I.69 e sob sarda, certo peixe, II.113) (in Ayrosa, 1938: 147, 386)
***Çucuri** (sob cação, peixe do mar, I.62) (in Ayrosa, 1938: 138)
Çucuriju (sob cobra, engolê antas e ueados e toda a mais cassa, I.76) (Cucuriju in Ayrosa, 1938: 157)
***Çuindara** (sob curuja, I.88) (in Ayrosa, 1938: 172)
***Cuij** (sob ouriço-cacheiro, II.60) (in Ayrosa, 1938: 322) (in Ayrosa, 1938: 321)
***Cundururu** (sob caranguejo, as femeas destes [Uçâ], I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
‡**Cupaci** (sob buzio, sob caramujo, I. 66) (in Ayrosa, 1938: 136, 144)
‡**Cupaciguaçu** (sob caramujo, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
***Çupia** (sob formigas, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
Cupij (sob formiga, as q' comê a madeira, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
***Curuatâ** (sob albocora, I. 29) (in Ayrosa, 1938: 95)
***Curuba** (sob burbulhas como de sarna, I.59 e sob sarna, II.113) (in Ayrosa, 1938: 132, 386)
Çurucucuc (sob cobra, as q' matam, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
***Curuguatapinima** (sob bonito, certo peixe, I.59) (Curuguatapinîmain Ayrosa, 1938: 132)
†**Curuperana** (sob bespas, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
Cururu (sob sapo, II.113) (in Ayrosa, 1938: 386)
†**Cuyauju** (sob curuja, I.88) (in Ayrosa, 1938: 172)
Eira (sob mel e mel dabelhas, II.35) (in Ayrosa, 1938: 292)
***Eirapua** (sobabelha, I.18) (in Ayrosa, 1938: 92)
‡**Eiruba** (sob abelha, I.18 e sob enxame de abelhas, I.120) (in Ayrosa, 1938: 82, 213)
‡**Eiruçu** (sob abelha, I.18) (in Ayrosa, 1938: 82)
†**Eixuâ** (sob esmirilhão, aue de rapina, I.125) (não consta em Ayrosa, 1938)
‡**Eixuaguaçu** (sob esmirilhão, aue de rapina, I.125) (in Ayrosa, 1938: 219)
‡**Eixuâmiri** (sob esmirilhão, aue de rapina, I.125) (Exuâmiri in Ayrosa, 1938: 219)
†**Enêbui** (sob escaruelho, I.123) (sob escaruelha in Ayrosa, 1938: 217)
†**Enêma** (sob escaruelho, I.123) (sob escaruelha in Ayrosa, 1938: 217)
***Eyxu** (sob bespas, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
***Ejxui** (sob bespas, I.55) (Eyxui in Ayrosa, 1938: 128)
Giboya (sob cobra, grandissima da terra dagoa maior que todas, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
Giboyuçû (sob drago, ou dragão, I.107) (in Ayrosa, 1938: 196)
Goãbaiacu (sob peixe coelho q' mata a quê o come, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
***Goãbayacugarâ** (sob peixe porco, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
Goabiru (sob rato de casa, II.97) (in Ayrosa, 1938: 367)
‡**Goama** (sob peixe coelho do alto, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
‡**Goaperuguâ** (sob peixe porco, II.70) (Goaperuâ in Ayrosa, 1938: 321)
***Goaracãguira** (sob pampano, peixe, II.64) (in Ayrosa, 1938: 326)
‡**Goaranhana** (sob xareo, II.148) (in Ayrosa, 1938: 431)
***Goarapucu** (sob cauala, peixe, I.69) (in Ayrosa, 1938: 147)
***Goarapucû** (sob xareo, peixe, II.148) (in Ayrosa, 1938: 431)
†**Goararu** (sob caranguejo, hûs de agua doce, I.67) (não consta em Ayrosa, 1938)
Goatapig (sob buzio, os muyto grandes, do mar, I.61) (in Ayrosa, 1938: 136)
†**Goatûcupâçaba** (sob roncador, peixe, II.108) (Goatûcupâçaba in Ayrosa, 1938: 380)
‡**Goatucupapixigma** (sob pescada, II.75) (in Ayrosa, 1938: 340)
‡**Guairacâ** (sob lontra, II.24) (in Ayrosa, 1938: 279)
***Guajâ** (sob caranguejo, os do mar que estão debaixo de pedras, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
***Guajû** (sob formiga, as q' aduinhão a chuua ou saê antes della em grande multidão a buscar baratas e outros bichos, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
Guanhumyg (sob caranguejo, os grâdes do mato, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
†**Guaracîma** (sob xareo, mais piqueno, II.148) (Guauacîma in Ayrosa, 1938: 431)
‡**Guaraguaçu** (sob xareo, o mayor delles, II.148) (in Ayrosa, 1938: 431)
***Guarajuba** (sob xareo, outro, algum tanto menor, II.147) (in Ayrosa, 1938: 431)
‡**Guaramiri** (sob carapao, certos peixinhos, I.67) (in Ayrosa, 1938: 145)
Guaranhana (sob xareo, II.148) (goaranhana in Ayrosa, 1938: 431)
***Guaraobanhana** (sob olho de boi, hum certo peixe, II.56) (in Ayrosa, 1938: 317)
†**Guaraobig** (sob dourado, peixe, I.106) (in Ayrosa, 1938: 196)
***Guatucupâ** (sob coruina, peixe, I.83) (in Ayrosa, 1938: 166)
‡**Guatucupapucu** (sob pescada, II.75) (in Ayrosa, 1938: 340)
†**Guigraobig** (sob gralha, I.150) (in Ayrosa, 1938: 341)
Guirâ (sob aue, g^{nir}, I.48 e sob passaro, geralmente, II.67) (in Ayrosa, 1938: 119, 331)
Guirâguaçu (sob aue de rapina, g^{nir}, I.48) (in Ayrosa, 1938: 119)
‡**Guiraguig** (sob peto, outro menor de cabeça branca, II.76) (in Ayrosa, 1938: 341)

- ‡ **Guiraraigruçu** (sob *frangã ou frãgão*, I.143)
- ‡ **Guirâmiri** (sob *passarinho*, II.67) (in Ayrosa, 1938: 331)
- ‡ **Guirateôteomyri** (sob *calcamar, hüs passarinhos do mar*, I.64) (*Guirateôteomyri* em Ayrosa, 1938: 140)
- Guíratínga** (sob *garça*, I.146) (in Ayrosa, 1938: 247)
- * **Guirí** (sob *bagre do mar, hüs alvinhos*, I.50) (in Ayrosa, 1938: 123)
- * **Iaburû** (sob *grou*, I.150) (in Ayrosa, 1938: 253)
- Iacare** (sob *lagarto dagoa*, II.7) (in Ayrosa, 1938: 271)
- Iagoapopeba** (sob *lontra*, II.24) (in Ayrosa, 1938: 279)
- Iaguara** (sob *onça, ou tigre*, II.56) (in Ayrosa, 1938: 317)
- Iaguaretê** (sob *onça, ou tigre*, II.56) (in Ayrosa, 1938: 317)
- Ibiracua** (sob *cobra, que sempre esta nos paus e morde de arremeço*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
- † **Içococa** (sob *lagarta q' come as prantas*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
- Igbigboca** (sob *cobra, a dos corais*, I.76) (*Ybiboboca* in Ayrosa, 1938: 156)
- † **Igbignajaya** (sob *cabra cega, hum bicho que corre pella tona dagoa sem se molhar*, I.62) (in Ayrosa, 1938: 138)
- † **Igbira** (sob *peixe-serra*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
- Igçoca** (sob *bichos de carne, ou peixe podre*, I.55, sob *lagarta q' come as prantas*, II.17 e sob *pulgão*, II.89) (in Ayrosa, 1938: 270, 358)
- † **Igçocape** (sob *traça a que come o pano*, II.134) (in Ayrosa, 1938: 413)
- † **Igperupinima** (sob *tintureira, peixe*, II.) (in Ayrosa, 1938: 406)
- * **Ipecû** (sob *peto, este he o principal de cabeça uermelha*, II.76) (in Ayrosa, 1938: 341)
- † **Itãguaçu** (sob *mexilhões dagoa doce, as m^{as} grandes*, II.37) (in Ayrosa, 1938: 295)
- ‡ **Itaguîruçu** (sob *lapa em pedras*, II.18) (in Ayrosa, 1938: 272)
- † **Itâmiri** (sob *mexilhões dagoa doce*, II.37) (in Ayrosa, 1938: 295)
- ‡ **Itobaguîra** (sob *lapa em pedras*, II.18) (in Ayrosa, 1938: 272)
- ‡ **Iuî** (sob *rã dagoa, especies são m^{as}*, II.96) (*Iueî* [sic] in Ayrosa, 1938: 365)
- Jabebigra** (sob *raya ou arraya*, II.94) (in Ayrosa, 1938: 364)
- ‡ **Jabebigtínga** (sob *arraya*, II.94) (in Ayrosa, 1938: 111)
- † **Jabebîra** (sob *arraya*, I.62) (in Ayrosa, 1938: 111)
- * **Jabofí** (sob *cagado de terra*, I.62) (in Ayrosa, 1938: 139)
- † **Jaçatîna** (sob *besteiros*¹⁰² *hüs q' auoão*, I.54) (in Ayrosa, 1938: 129). [Ocorre como **Jaçatîna** nos *Libri Principis* [Séc. XVII] in Teixeira, 1995(II): 117 e **Jacatinga** em Marcgrave, 1648: 252 (também em Martius, 1860: 508, 1863: 455 (“*Jacatinga* - Libellula?”); Barbosa (A. L.), 1951: 73 (“*Jacatinga* - inseto”); Bueno, 1998: 180].
- Jacurutû** (sob *bufo, passaro*, I.60) (in Ayrosa, 1938: 136)
- Jagoapitanga** (sob *rapoza, não no parecer, nem no officio*, II.96) (in Ayrosa, 1938: 365)
- † **Jagoapitãnguçu** (sob *onça, ou tigre, he na feição e não na cor*, II.56) (in Ayrosa, 1938: 317)
- Jaguacining** (sob *rapoza, no parecer e no off^o*, II.96) (in Ayrosa, 1938: 365)
- ‡ **Japuruterê** (sob *porco do mato*, II.82) (in Ayrosa, 1938: 349)
- Jararaca** (sob *cobra*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 256)
- ‡ **Jaratij** (sob *peto, outro menor*, II.76) (in Ayrosa, 1938: 341)
- ‡ **Jaratitâ** (sob *bichos que se comê, e nascem dentro em paos e canas, muitos nascem no tronco da palmeira q' chamão Patí*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129)
- † **Jatebuca** (sob *carrapato*, I.67) (*Jabetuco* [sic] in Ayrosa, 1938: 145)
- * **Jateî** (sob *abelha*, I.18) (in Ayrosa, 1938: 82)
- Jaû** (sob *bagres dagua doce, este muito grande*, I.50) (in Ayrosa, 1938: 123)
- Jgçoca** (sob *bichos da terra, ou paos*, I.55 e sob *bichos geralmente por todos os q' se crião com o sol ou chuua como a lagarta, Ec.*, I.55, e sob *Bichos de carne, ou peixe podre. Mormente os q' nascem de barejas porq' outros q' a propria podridão da carne produz tambem se chamão Igçoca*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129, 130)
- ‡ **Jgtatîna** (sob *bichinhos dagoa ceidiça dôde se gerão mosquitos sê morrer o primeiro*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129)
- * **Jpecapâra** (sob *adinhas*¹⁰³ *dagua que não saem fora*, I.21) (*Jpecâpara* in Ayrosa, 1938: 87)
- Jraitig** (sob *cera*, I.70) (in Ayrosa, 1938: 149)
- † **Jtaciba** (sob *formiga, outras pequeninas*, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
- * **Jurara** (sob *cagado dagoa*, I.62) (in Ayrosa, 1938: 139)
- * **Jurucuguâ** (sob *tartaruga*, II.125) (in Ayrosa, 1938: 401)
- † **Macapig** (sob *sargo de beicho*, II.113) (in Ayrosa, 1938: 386)
- † **Maciuri** (sob *litão*¹⁰⁴, *peixe*, II.23) (*Maciuri* em Ayrosa, 1938: 278)

¹⁰² Designação antiga das libélulas (cf. Monteiro, 1985: 458).

¹⁰³ Diminutivo de *adem*, pato.

¹⁰⁴ *Litão* – *Pristiurus melastomus* (Rafinesque, 1810); um pequeno tubarão (Carcharhiniformes, Scyliorhinidae), utilizado seco na cozinha portuguesa; também chamado “bacalhau dos pobres”.

Macúcaguâ (sob *faisão, aue*, I.133) (in Ayrosa, 1938: 229)
 ‡**Mãdij** (sob *bagres dagoa doce*, I.50) (in Ayrosa, 1938: 123)
 ***Mãgãga** (sob *bizouros*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 130)
 †**Mamoã** (sob *ourincu*, II.60) (in Ayrosa, 1938: 322)
Mangangay (sob *bizouros*, I.55) (*Magãngaÿ* in Ayrosa, 1938: 130)
Maracaya (sob *gato*, I.147) (in Ayrosa, 1938: 247)
 †**Maracaya ete** (sob *gato, se he do mato*, I.147) (in Ayrosa, 1938: 247)
Maracoanÿ (sob *caranguejo*, I.67) (não consta em Ayrosa, 1938)
Marigui (sob *mosquitos que mordem, os piquininos dos mangues*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 302)
 †**Mariguiûna** (sob *mosquitos que mordem, os seus semelhantes do mato e são ainda maiores*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 302)
 ‡**Mbira** (sob *uelozo, bicho*, II.143) (in Ayrosa, 1938: 424)
 †**Migjui** (sob *aiuão passaro*, I.28) (in Ayrosa, 1938: 94)
 †**Migjuipirâ** (sob *uoador, certo peixe*, II.147) (in Ayrosa, 1938: 429)
 ***Miguâ** (sob *coruo marinho*, I.83) (in Ayrosa, 1938: 166)
Mijuipira (sob *peixe-auoador*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
 ‡**Mijuitinga** (sob *andorinha*, I.36) (*Mijuitiça* in Ayrosa, 1938: 103)
 ‡**Mociquig** (sob *agoas mortas por certa especie de marisco*, I.14) (in Ayrosa, 1938: 91)
 †**Mociquigcanetara** (sob *caravela de Guine*, I.67)
 †**Mociquigpirang** (sob *caravela de Guine*, I. 67)
 ***Moçû** (sob *jnguia*, II.12) (in Ayrosa, 1938: 264)
 ***Mopeteca** (sob *formiga*, I.142) (*Mopetoca* [sic] in Ayrosa, 1938: 241)
 ***Moquigrana** (sob *piolhos da cabeça humana e sob piolhos do corpo humano*, II.78) (in Ayrosa, 1938: 344)
 ‡**Moquigrãnaigra** (sob *lendeas do corpo*, II.20) (in Ayrosa, 1938: 274)
 ‡**Motiapeba** (sob *caranguejo*, I.67) (não consta em Ayrosa, 1938)
 ***Mucuijî** (sob *bichinhos do mato uermelhos pouco maiores q' ouções que causão em homem grande comichão pollo corpo*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129)
 ‡**Mutucuçû** (sob *moscas do gado*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 301)
 ***Narinari** (sob *arraya*, I.41 e sob *uja, especie de arraya*, II.139) (in Ayrosa, 1938: 111)
 ‡**Narinaripinima** (sob *arraya*, I.41) (in Ayrosa, 1938: 111)
 ***Nhãdû** (sob *ema, aue, I.)* (in Ayrosa, 1938: 200)
 ***Nhãdui** (sob *aranha*, I.40) (*nhãdui* in Ayrosa, 1938: 109)
 ‡**Nhãdüigueçaba** (sob *tea de aranha*, II.125) (in Ayrosa, 1938: 402)
 ***Nhãpupe** (sob *perdiz, se no auoo se parese com ella e não na feição, nem no cantar, nem na cor*, II.73) (in Ayrosa, 1938: 337)
 †**Nhatiû** (sob *mosquitos que mordem, os das pernas compridas*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 302)
 ***Nhêtiça**¹⁰⁵ (sob *mosquitos, outros tambem piquenos que acodem às feridas e põe canceres*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 302)
 †**Nhêtiçaruru** (sob *mosquitos, como de uinho*, II.43) (in Ayrosa, 1938: 302)
 ***Nhüdiã** (sob *bagres dagoa doce*, I.50) (in Ayrosa, 1938: 123)
 ***Pacamo** (sob *enxarroc*, I.120) (*son enxarro* in Ayrosa, 1938: 213)
Panãma (sob *barboleta*, I.52) (in Ayrosa, 1938: 124)
Panãpanã (sob *cornuda, peixe*, I.82) (in Ayrosa, 1938: 165)
 ‡**Panaguacarê** (sob *buzio*, I.61) (in Ayrosa, 1938: 136)
 ‡**Paranãbora** (sob *marisco, g^{nr}*, II.32) (in Ayrosa, 1938: 289)
 ***Parû** (sob *peixe-enxada*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
Picaçu (sob *rola, tem muitas especies*, II.108) (*Picaçû* in Ayrosa, 1938: 380)
 ‡**Picaçquete** (sob *rola, tem muitas especies*, II.108) (in Ayrosa, 1938: 380)
 ‡**Picaçutiga** (sob *pomba mança*, II.80) (in Ayrosa, 1938: 346)
 ‡**Picoara-dagua** (sob *cobra*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
 ***Pindaiba** (sob *ouriço do mar, da Capta. do Spirito Sancto p^a baixo*, II.60) (in Ayrosa, 1938: 322)
 ***Pindaüna** (sob *ouriço do mar*, II.60) (in Ayrosa, 1938: 322)
 ***Piquiratã** (sob *peixe-rey*, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
Pirâ (sob *peixe, g^{nr}*, II. 70) (in Ayrosa, 1938: 334)
 ***Pirâacãmucú** (sob *bagres dagoa doce*, I.50) (in Ayrosa, 1938: 123)
 †**Piraigçoca** (sob *lulla do mar*, II.15 e sob *siba*, II.) (in Ayrosa, 1938: 280, 391)
 ***Pirâiuba** (sob *dourado, peixe*, I.106) (in Ayrosa, 1938: 196)
 ***Pirâjuba** (sob *roncador, peixe, do Rio de Janeiro p^a riba*, II.108) (in Ayrosa, 1938: 380)

¹⁰⁵ O Pe. Valle deve ser considerado o primeiro parasitologista que viveu no Brasil. Nesta curta frase esse genial jesuíta sintetizou o papel dos Chloropidae na transmissão da *bouba* ou *piã*, moléstia cutânea causada pelo espiroqueta *Treponema pertenue*. Sua observação antecede a de Gabriel Soares de Souza (se é que este não se baseou em algum MS do jesuíta). Cf. Papavero & Couri, 2012: 5.

- ***Pirambu** (sob *sargo de beicho*, I.34) (in Ayrosa, 1938: 386)
- Pirãnha** (sob *tisoura*, II.) (in Ayrosa, 1938: 407)
- ***Piraquigba** (sob *pegador, peixe*, II.69) (não consta em Ayrosa, 1938)
- ***Piraroba** (sob *cherne, certo peixe do mar*, I.73) (in Ayrosa, 1938: 153)
- †**Pirâtiapoã** (sob *badejo, peixe*, I.50) (in Ayrosa, 1938: 122)
- ***Pirâtinga** (sob *pargo*, II.65) (in Ayrosa, 1938: 329)
- Piraya** (sob *tisoura*, II.) (in Ayrosa, 1938: 407)
- Pirigoai** (sob *buzio*, I.61) (in Ayrosa, 1938: 136)
- ***Piũ** (sob *mosquitos que mordem, estes são os borrachudos*, II.43) (*Pirũ* [sic] em Ayrosa, 1938: 301)
- ***Pôtĩ** (sob *camarão*, I.64) (in Ayrosa, 1938: 141)
- ***Pôtĩguaçu** (sob *camarão*, I.64) (in Ayrosa, 1938: 141)
- †**Potĩquigquĩya** (sob *lagosta, ou lagostim*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 271)
- ***Potirĩ** (sob *adẽ, ou ganso*, I.21) (in Ayrosa, 1938: 87)
- ‡**Potirigguacũ** (sob *ganço*, I.146) (in Ayrosa, 1938: 247)
- Pucuçĩ** (sob *boto, certo peixe*, I.58) (in Ayrosa, 1938: 133)
- Pucuçy** (sob *golfinho, ou boto*, I.149) (in Ayrosa, 1938: 250)
- ***Puruquerẽ** (sob *lagarta q' come as prantas*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
- †**Quigba** (sob *pioelhos de qualquer aue, ou animal bruto e pioelhos da cabeça humana*, II.78) (*Guigba* [sic] in Ayrosa, 1938: 344)
- ‡**Quigbaĩra** (sob *lendeas da cabeça*, II.20) (*Guigbaĩra* [sic] in Ayrosa, 1938: 274)
- Quigjũ** (sob *grillo*, II.50) (*Guigjũ* [sic] in Ayrosa, 1938: 252)
- Rerĩ** (sob *ostra, g^{nir}*, II.59) (in Ayrosa, 1938: 321)
- †**Rerigapignha** (sob *craca de nauio*, I.85) (*Reriapigna* in Ayrosa, 1938: 169)
- Reripeba** (sob *lapas, ostras*, II.18) (in Ayrosa, 1938: 272)
- ***Tabujajũ** (sob *cegonha*, I.70) (in Ayrosa, 1938: 148)
- †**Taburaa** (sob *bichos q' se comẽ, e nascem dentro em paos e canas, outros q' nascem dentro dos cocos da palmeira*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129)
- Tagoatõ** (sob *falcão*, I.134 e sob *gauião*, I.147) (sob *gauião* in Ayrosa, 1938: 248; não consta sob *falcão*)
- ‡**Tagoatoy** (sob *gauião*, I.147) (in Ayrosa, 1938: 248)
- ‡**Taguatoguaçu** (sob *falcão*, I.134) (in Ayrosa, 1938: 230)
- ‡**Taguatõmirĩ** (sob *falcão*, I.134) (in Ayrosa, 1938: 230)
- Taguatoỹ** (sob *falcão*, I.134) (in Ayrosa, 1938: 130)
- ***Taigtetu** (sob *porco do mato*, II.82) (in Ayrosa, 1938: 349)
- ***Taoca** (sob *formiga, outras que tẽ as bocas. e dentes como anzolos de q' vzaõ para peixinhos muyto piquenos*, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
- †**Tapẽna** (sob *andorinha, outras muito grandes sinzentas* I.36) (*Tapena* in Ayrosa, 1938: 103)
- ***Taperã** (sob *andorinha*, I.36) (in Ayrosa, 1938: 103)
- Tapiti** (sob *coelho*, I.76) (in Ayrosa, 1938: 157)
- ***Tapiucaba** (sob *bespas*, I.55) (não consta em Ayrosa, 1938)
- ***Taraçanga** (sob *formiga, as de aguilhão como bespas*, I.142) (não consta em Ayrosa, 1938)
- ***Taracutĩga** (sob *formiga, outras tambẽ de aguilhão*, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
- ***Taraguĩra** (sob *lagartixa*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
- ***Tataeĩra** (sob *bespas, estas picãõ grandemente*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
- †**Taturana** (sob *bespas*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128)
- Tayaçu** (sob *porco, g^{nir}*, II.82) (in Ayrosa, 1938: 349)
- ***Tayaçute** (sob *porco do mato, polla particula ete, não se diferẽ dos mansos somente, mas tambem doutros do mato de casta piquena a que chamãõ Taigtetu, e doutros que polla grandeza e fereza, de dentes, dizem ser os mesmos de Europa a que chamãõ Japuruterẽ*, II.82) (in Ayrosa, 1938: 349)
- ‡**Teicoareĩma** (sob *caramujo*, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
- †**Teicoatĩna** (sob *lombrigas, hũas piqueninas*, II.25) (in Ayrosa, 1938: 279)
- Tejũ** (sob *lagarto da terra*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
- ***Tejũguaçu** (sob *lagarto da terra*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
- †**Tejunhanha** (sob *lagartixa*, II.17) (in Ayrosa, 1938: 270)
- †**Tijeĩuba** (sob *canario, passarinho*, I.65) (in Ayrosa, 1938: 142)
- †**Timucu** (sob *gorgulho*, I.149) (in Ayrosa, 1938: 250)
- ***Tucura** (sob *gafanhoto*, I.146) (in Ayrosa, 1938: 247)
- ‡**Tuguĩgoaçu** (sob *sanguexugua*, II.112) (in Ayrosa, 1938: 385)
- ‡**Tuguĩgpabeĩgma** (sob *sanguexugua*, II.112) (in Ayrosa, 1938: 385)
- Tuindara** (sob *curuja*, I.88) (in Ayrosa, 1938: 172)
- ***Tujujũ** (sob *cegonha*, I.70) (in Ayrosa, 1938: 148)
- Tunga** (sob *bichos que entrãõ nos pês*, I.55) (in Ayrosa, 1938: 129)
- †**Tunguçũ** (sob *pulga*, II.89) (in Ayrosa, 1938: 357)
- †**Turuĩguera** (sob *busano que come os nauios*, I.60) (in Ayrosa, 1938: 136)

- †**Turumûbu** (sob mexilhões dagoa doce, as maiores pintadas, II.37) (in Ayrosa, 1938: 295)
- ***Uçâ** (sob caranguejo, o dos mangues, I.67) (in Ayrosa, 1938: 144)
- ***Unûânâ** (sob tartaruga, II.125) (Unuânâ in Ayrosa, 1938: 392)
- ***Ura** (sob bernas, certos bichos q' no mato entrão em pessoas sans e nos cans, I.54 e sob bichos de carne, ou peixe podre, mormente os q' nascem de varejas, I.55) (in Ayrosa, 1938: 128, 129)
- Urubû** (sob coruo, não na cor nem na feição: no officio sî, I.83 e sob minhoto, na feição somente, II.38) (in Ayrosa, 1938: 166, 296)
- ***Urugoa** (sob caracol dagua doce, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
- ***Urumarû** (sob lixa, II.23) (in Ayrosa, 1938: 278)
- ***Ururâ** (sob lagarto dagoa, II.17) (in Ayrosa, 1938: 271)
- ***Urutagû** (sob curuja, I.88) (in Ayrosa, 1938: 172)
- ***Urutaurana duplex** †**Urutauranuçu** (sob aguia, I.27) (in Ayrosa, 1938: 92)
- ***Ûrutû** (sob bagre do mar, outros amarelos, I.50) (Urutû in Ayrosa, 1938: 82)
- ***Xerorô** (sob perdiz, se parece m^o cõ ella na feição e cor, II.63) (in Ayrosa, 1938: 337)
- Yacugarâ** (sob peixe coelho do alto, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
- Yaquirana** (sob cigarra, I.75) (sob cigarra [sic] in Ayrosa, 1938: 153)
- ***Yaquirâna** (sob cegarrega, I.70) (Yaquirânâ in Ayrosa, 1938: 148)
- ***Yatitâ** (sob caracol dagoa doce, outros da terra grandes, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
- †**Yatitaguçu** (sob caracol dagoa doce, outros da terra grandes, I.66) (in Ayrosa, 1938: 144)
- Ybiboca** (sob cobra, as q' matam, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
- Ybijara** (sob cobra, I.76) (in Ayrosa, 1938: 156)
- ‡**Ybiraigpig** (sob abelha, I.18) (in Ayrosa, 1938: 82)
- ‡**Ycoara** (sob formigueiro, pelo buraco delles, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
- ***Ygbijaû** (sob noitiuo passaro, II.50) (in Ayrosa, 1938: 310)
- Ygçâ** (sob formiga, as q' della nascem com azas q' depois enxameão e se comê, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
- ***Ygçaubâ** (sob formiga, a ruiua e grande q' come as prantas, I.142) (in Ayrosa, 1938: 241)
- ***Ygçaubê** (sob formigueiros, da q' se come s. aquelles montes de terra que aiunta, I.142)
- Ygoaragoa** (sob peixe-boi, II.70) (in Ayrosa, 1938: 334)
- †**Ynambutininga** (sob codornis, I.76) (in Ayrosa, 1938: 157)
- Ypeca** (sob pata, ou pato, g^{nr}, II. 68) (Ypeça [sic] in Ayrosa, 1938: 331)
- ‡**Ypecûtereterê** (sob peto, outro pardo menor, II.76) (in Ayrosa, 1938: 341)
- Yperû** (sob tubarão, II.138) (in Ayrosa, 1938: 418)
- †**Yperuquigba** (sob pegador, peixe, II.69) (in Ayrosa, 1938: 333)

25. GABRIEL SOARES DE SOUZA (1587)

Para a vida e a obra de Gabriel Soares de Sousa, ver Luciani (2010). Em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587* (1851) apresentou os seguintes nomes¹⁰⁶:

- ***Acara** ([1587] 1851: 302): ‘Acaras são outros peixes do rio, tamanhos como bezugos, mas tem o focinho mais comprido, que é peixe muito saboroso, o qual se toma á cana’.
- ***Ageruaçu** ([1587] 1851: 229): ‘Ageruaçu são uns papagaios todos verdes, que tem tamanho corpo como uma adem, os quaes se fazem mui domesticados em casa, onde fallam muito bem: estes no mato criam em ninhos, em arvores altas; são muito gordos e de boa carne, e muito saborosos; mas hão de ser cozidos’.
- ***Ageruété** ([1587] 1851: 229): ‘Ageruété são uns papagaios verdadeiros que se levam a Hespanha, os quaes são verdes, e tem os encontros das azas vermelhos, e o toucado da cabeça amarello; criam nas arvores em ninhos, e comem a fructa dellas, de que se mantem; cuja carne se come; e para se amañarem tomam-se novos’.
- ***Aguapeaçoca** ([1587] 1851: 227): ‘Aguapeaçoca é uma ave do tamanho de um frangão; tem as pernas muito compridas, e o pescoço e o vestido de penna aleonada, o derredor do bico uma rosa muito amarella; e tem nos encontros das azas dous esporões de osso amarello, e nas pontas dellas outros dous, com que offendem aos passaros com que pelejam. Andam estas aves nas alagôas, e criam nas junqueiras junto dellas, onde põem tres ovos não mais, e mantem-se de caracões que buscam’.
- Ahy** ([1587] 1851: 257): ‘Nestes matos se cria um animal mui estranho, a que os indios chamam ahy, e os portuguezes preguiça, nome certo mui accomodado a este animal, pois não ha fome, calma, frio, agua, fogo, nem outro nenhum perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra: o qual é peludo como cão d’agua, e do mesmo tamanho; e tem a côr cinzenta, os braços e pernas grandes, com pouca carne, e muita lâ; tem as unhas como cão e muito voltadas; a cabeça como gato, mas coberta de gadelhas, que lhe cobrem os olhos; os dentes como gato. As femeas parem uma só criança, e tral-as des que a pare, ao pescoço dependurada pelas mãos, até que é criada e pôde andar por si; e parem em cima das arvores, de cujas folhas se mantem, e não se desce nunca ao chão, nem bebem; e são estes animaes tão vagarosos que posto um ao pé de uma arvore, não chega ao meio della desde pela manhã até as vespervas, ainda que esteja morta de fome e sinta ladrar os cães que a querem tomar; e andando sempre, mas muda uma mão só muito de vagar, e depois a outra, e faz espaço entre uma e a outra, e da mesma maneira faz aos pés, e depois á cabeça; e tem sempre a barriga chegada á arvore, sem se pôr nunca sobre os pés e mãos; e se não faz vento, por nenhum caso se move do lugar onde está encolhida até que o vento lhe chegue: os quaes dão uns assobios, quando estão comendo de tarde em tarde, e não remetem a nada, nem fazem resistencia a quem quer pegar d’elles, mais que pegarem-se com as unhas á arvore onde estão, com o que fazem grande preza; e acontece muitas vezes tomarem os indios um d’estes animaes, e levarem-no para casa, onde o tem quinze e vinte dias, sem comer couza alguma, até que de piedade o tornam a largar; cuja carne não comem por terem nojo della’.
- ***Aimoré** ([1587] 1851: 291): ‘Aimoré é um peixe que se cria na vasa dos rios da agua salgada, onde se tomam nas covas da vasa, os quaes são da feição e côr dos enxarrocós; e tão escorregadios como elles, e tem a cabeça da mesma maneira; são sobre o molle, mas muito gostosos cozidos e fritos, e mui leves: as suas ovas são pequenas e gostosas, mas são tão peçonhentas que de improviso fazem mal a quem os come; e fazem arvoar a cabeça, e dôr de estomago, e vomitar, e grande fraqueza, mas passa este mal logo’.
- ***Aimoréoçú** ([1587] 1851: 291): ‘Chama o gentio aimoréoçús a outros peixes, que se criam na vasa dos mesmos rios do salgado, que são da feição dos eirós de Lisboa, mas mais curtos e assim escorregadios. Estes quando estão ovados, tem as ovas tão compridas que quasi lhe chegam á ponta do rabo, e são muito sabrosas, e o mesmo peixe; mas as ovas são peçonhentas, e de improviso se acha mal quem as come como as dos aimorés; mas o peixe é muito gostoso e sadio’.
- †**Amisagoa** ([1587] 1851: 241): ‘Amisagoa é outra casta de vespas, que são á maneira de moscas, que se criam em um ninho, que fazem nas paredes, e nas barreiras da terra, tamanhos como uma castanha com um olho no meio, por onde entram, o qual ninho é de barro, e ellas mordem a quem lhe vai bulir nelle’.
- Andura** ([1587] 1851: 233): ‘Aos morcegos chamam os indios andura; e ha alguns muito grandes, que tem tamanhos dentes como gatos, com que mordem; criam nos concavos das arvores, e nas casas e logares escuros; as femeas parem quatro filhos e trazem-os pendurados ao pescoço com as cabeças para baixo, e pegados com as unhas ao pescoço da mãe; quando estes morcegos mordem alguém que está dormindo de noite, fazem-no tão subtilmente que se não sente; mas a sua mordedura é mui peçonhenta. Nas casas de purgar assucar se criam infinidade d’elles, onde fazem muito damno, sujando o assucar com o seu feitio, que é como de ratos; e comem muito d’elle’.
- ***Aniujacanga** ([1587] 1851: 266): ‘Aniujacangas são outros bichos que não tem nenhuma differença dos cameleões, mas são muito maiores que os de Africa, cuja côr naturalmente é verde, a qual mudam como fazem os de Africa, e estão logo presos a uma janella um mez sem comerem nem beberem; e estão sempre virados com o rosto para o vento, de que se mantem; e não querem comer cousa, que lhes deem, do que comem os outros animaes; são muito pezados no andar, e tomam-nos ás mãos, sem se defenderem; os quaes tem o rabo

¹⁰⁶ Algumas outras edições: Souza (1825, 1971, 2010).

- muito comprido, e tem um modo de prepatanas n'elle como os cações'.
- Anú** ([1587] 1851: 237): 'Anú é outra ave preta, do tamanho e feição de gralha; e andam sempre em bandos, voando de arvore em arvore ao longo do chão; criam em arvoredos baixas em ninhos, e mantem-se de uma baga preta como murtinhos, e de outras frutinhas que buscam'.
- Aperiá** ([1587] 1851: 255): 'Aperiás são outros bichos tamanhos como laparos, que não tem rabo; e tem o rosto da feição de leitão, as orelhas como coelho, e o cabello como lebre; criam em covas, comem frutas e cannas de assucar, a que fazem muito damno, cuja carne é muito saborosa'.
- Arabori** ([1587] 1851: 289): 'Arabori é um peixe de arrição, da feição das savelhas de Lisboa, e assim cheia de espinhas, as quaes salprezas arremedam ás sardinhas de Portugal no sabor; e tomam-se em redes'.
- *Araboya** ([1587] 1851: 261): 'Nos rios e lagôas se criam umas cobras, a que os indios chamam araboya; que são mui grandes, e tem o corpo verde e a cabeça preta, as quaes não sahem nunca a terra, e mantem-se dos peixes e bichos, que tomam na agua; cuja carne os indios comem'.
- *Aracoá** ([1587] 1851: 237): 'Aracoá é outro passaro tamanho como um frangão, de côr parda; tem as pernas como de frangãos, mas os dedos muito compridos e o rabo longo; e tem duas goelas, ambas por uma banda, que leva ao longo do peito até abaixo onde se juntam; criam-se estas aves em arvoredos, e comem fruta d'ellas'.
- Aragoagoay** ([1587] 1851: 281): 'Aragoagoay é chamado pelos indios o peixe a que os Portugueses chamam peixe serra: os quaes tem o couro e feição dos tubarões, mas tem no focinho uma espinha de osso muito dura, com dentes de ambas as bandas mui grandes, uns de meio palmo, e outros de mais, e de menos. Segundo o peixe, é a espinha de seis, sete palmos de comprido, os quaes se defendem com ellas dos tubarões e de outros peixes. Estes se tomam com anzoes de cadêa com arpoiras compridas, que lhe largam para quebrar a furia e se vazam do sangue. Este peixe naturalmente é secco, e fazem-no em tassalhos para se seccar, que serve para a gente do serviço; e tem tamanhos figados, que se tomam muitos de cujos figados se tiram trinta a quarenta canadas de azeite, que serve para a candeia e para concertar o breo para os barcos'.
- Arára** ([1587] 1851: 226): 'Arára é outro passaro do mesmo tamanho e feição do canindé, mas tem as pennas do collo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das azas, e do rabo azues, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande, e tão duro que quebram com elle uma cadeia de ferro, os quaes mordem muito e gritam mais. Criam estas aves em arvore saltas, comem fructas do mato e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir. Os indios tomam estes passaros quando são novos nos ninhos, para os criarem; os quaes depois de grandes cortam com o bico por qualquer páo, como se fosse uma inxó. A sua carne é como a dos canindés, de cujas pennas se aproveitam os indios'.
- *Arará** ([1587] 1851: 238): 'Nas tocas das arvoredos se criam uns bichinhos como formigas, com azas brancas, que não sahem do ninho senão depois que chove muito, e o primeiro dia de sol, a que os indios chamam arará; e quando sahem fóra é voando; e sahe tanta multidão que cobre o ar, e não torna ao lugar donde sahiu, e perde-se com o vento'.
- Aratú** ([1587] 1851: 295): 'Aratús são outros caranguejos pequenos, como os de Portugal, que se tomam no rio de Sacavem em Lisboa; criam-se entre os mangues, de cuja folha e casca se mantêm, e sempre lhe estão roendo nos pés; dos quaes ha infinidade, mas tem a casca molle; e em seu tempo, uma vez no anno, tem as femeas coraes, e os machos estão muito gordos; euns e outros são sadios e gostosos'.
- ‡**Aratúem** ([1587] 1851: 303): 'Ha outra casta de camarões, a que os indios chamam aratúem, que são da mesma maneira dos primeiros [potim], mas mais pretos na côr, e tem a casca mais dura, que se criam e tomam da maneira dos de cima [potim], os quaes cozidos são muito bons'.
- *Arature** ([1587] 1851: 303): 'N'estas ribeiras se criam outros camarões a que os indios chamam arature, que tem pequeno corpo e duas bocas como alacrãos e a cabeça de cada uma é tamanha como o corpo, os quaes se criam em pedras no cancavo d'ellas, e da terra das ribeiras, que são muito gostosos e tomam-se ás mãos'.
- Arerá** ([1587] 1851: 251): 'Arerá é outro bicho de agua doce, tamanho como um grande rafeiro, de côr parda, e outros pretos. Tem a feição de cão, e ladram como cão, e remetem a gente com muita braveza: as femeas parem muitos filhos juntos; e se os tomam novos, criam-se em casa, onde se fazem domesticos. Mantem-se do peixe e dos camarões que tomam na agua; cuja carne comem os indios'.
- Atiaçú** ([1587] 1851: 237): 'Atiaçú é um passaro tamanho como um estorninho, tem as costas pardas, o peito e a barriga branca, o rabo comprido, as pernas verdoengas, os olhos vermelhos; criam em arvoredos, comem o fruto dellas, e cantam em assobios'.
- *Atucupa** ([1587] 1851: 290): 'Atucupa são uns peixes pequenos, e largos como choupas, que morrem a linha; e quando é gordo, é muito saboroso; estes peixes nascem no inverno com agua do monte; no ceo da boca tem uns carrapatos¹⁰⁷, que lhe comem todo o ceo da boca, os quaes lhe morrem no verão em que lhe torna a encourar a chaga, que lheos bichos fazem; este peixe se dá aos doentes'.
- *Aty** ([1587] 1851: 231): 'Ao longo do mar se criam outros passaros, a que os indios chamam aty; tem o corpo branco, as azas pretas, o bico de peralto, com que cortam o peixe como com tesoura; tem as pernas curtas e brancas; andam sempre nas barras do rio buscando peixe, do que comem'.
- Ayayá** ([1587] 1851: 235): 'Ha outra ave, a que os indios chamam ayayá, que é do tamanho de uma franga toda vermelha, tem o bico verde, os pés pretos e o cabo do bico amaçado como pata; fazem seus ninhos em arvoredos altas, e mantem-se da fruta d'ellas'.

¹⁰⁷ Este é o primeiro registro de crustáceos da família Cymothoidae (Classe Malacostraca, Ordem Isopoda, Subordem Cymothoidea), parasitos de peixes.

- ***Bacupuá** ([1587] 1851: 292): ‘Bacupuá é um peixe da feição do enxarroco nos hombros e na cabeça, mas tem a boca muito pequena e redonda; e é dos hombros para baixo muito estreito, delgado e duro como nervo, e as perpatanas do rabo são duras e grossas; e na despedida do rabo tem duas pernas como rãs, e no fim dellas duas perpatanas duras como as do rabo; e debaixo da barriga tem dous bracinhos curtos, e nelles maneira de dedos; e tem as costas cheias de sarna como ostrinhas, e da cabeça lhe sahe um corno de comprimento de um dedo, mas delgado e duro como osso e muito preto, e o mais é côr vermelhaça; e tem na barriga, debaixo das mãos, dous buracos. Este peixe não nada, mas anda sempre pela arêa sobre as mãos, onde ha pouca agua; ao qual os indios comem esfolado, quando não tem outra cousa’.
- Baiacú** ([1587] 1851: 291): ‘Baiacú é um peixe que quer dizer sapo, da mesma côr e feição, e mui peçonhento, mormente a pelle, os figados e o fel, ao qual os indios com fome esfolam, e tiram-lhe o peçonhento fóra, e comem-nos; mas se lhes derrama o fel, ou lhes fica alguma pelle, incha quem o come até rebentar; com os quaes peixes assados os indios matam os ratos; os quaes andam sempre no fundo da agua’.
- Beijupirá** ([1587] 1851: 283): ‘Beijupirá é o mais estimado peixe do Brasil, tamanho e da feição do solho, e pardo na côr: tem a cabeça grande e gorda como toucinho, cujas escamas são grandes: quando este peixe é grande, é-o muito e tem saborosissimo sabor: a sua cabeça é quasi massiça, cujos ossos são muito tenros, e desfazem-se na boca em manteiga todos; as femeas tem as ovas amarellas, e cada uma enche um prato grande, as quaes são muito saborosas. Andam estes peixes pelos baixos ao longo da arêa, aonde esperam bem que os arpoem; também morrem á linha, mas hão de ir andando com a linha para comerem a isca, e assim a vão seguindo até que cahem no anzol, onde não bolem comsigo; e por que ha poucos indios que os saibam tomar, morrem poucos’.
- Boicinga** ([1587] 1851: 263): ‘Boicinga quer dizer cobra que tange, é na lingua do gentio; as quaes são pequenas e muito peçonhentas quando mordem; chamam-lhe os Portuguezes cobras de cascavel, porque tem sobre o rabo uma pelle dura, ao modo de reclamo, tamanha como uma bainha de gravanço, mas é muito aguda na ponta que tem para cima, onde tem dous dentes com que mordem, que são agudos. Esta bainha lhe retine muito, quando andam, pelo que são logo sentidas, e não fazem tanto damno. E affirmam os indios, que as cobras d’esta casta não mordem com a boca, mas com aquelle aguilhão farpado que tem n’este cascavel, o qual tambem retine fóra da cobra: e tem tantos reclamos, como a cobra tem de annos: e cada anno lhe nasce um; as quaes cobras mordem ou picam com esta ponta de cascavel de salto’.
- Boitiapoia** ([1587] 1851: 264): ‘Boitiapoias são cobras de cincoenta e sessenta palmos de comprido e muito delgadas, que não mordem a nada; porque tem o focinho muito comprido, e o queixo debaixo muito curto; onde tem a boca muito pequena e não podem chegar com os dentes a quem querem fazer mal, por que lho impede o focinho; mas para matarem uma pessoa ou alimaria enroscam-se com ella, e apertam-na rijamente, e buscam-lhe com a ponta do rabo ou ouvidos, pelos quaes lha mettem com muita presteza, por que a tem muito dura e aguda; e por este lugar matam a preza, em que se depois desenfadam á vontade’.
- ***Boiubú** ([1587] 1851: 265): ‘Boiubú quer dizer cobra verde, que não são grandes, e criam-se no campo, onde se mantem com ratos que tomam. Estas tambem mordem gente se podem, mas são muito peçonhentas, as quaes se enroscam com as lagartixas, ratos e com outros bichos com que se atrevem, que tambem matam para comerem’.
- ***Boiuna** ([1587] 1851: 261): ‘Boiuna é outra casta de cobras, que se criam na agua, nos rios do sertão, as quaes são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e tem tamanha garganta que engolem um negro sem o tomarem, em tanto que quando o engolem ou alguma alimaria, se mettem na agua para o afogarem dentro, e não sahem da agua senão para remetterem a uma pessoa ou caça, que anda junto do rio; e se com a pressa com que engolem a preza se embarça e peja, com o que não póde tornar para a agua donde sahiu, morre em terra, e sahe-se a pessoa ou alimaria de dentro viva; e affirmam os linguas, que houve indios, que estas cobras engoliram, que estando dentro da sua barriga tiveram acordo de as matar com a faca que levavam dependurada ao pescoço, como costumam’.
- ***Buijeja** ([1587] 1851: 270): ‘Tambem se criam outros bichos na Bahia mui estranhos, a que os indios chamam buijeja, que são do tamanho de uma lagarta de couve, o qual é muito resplandecente, em tanto que estando de noite em qualquer casa, ou lugar fóra della, parece uma candeia aceza, e quando anda é ainda mais resplandecente. Tem este bicho uma natureza tão estranha que parece encantamento, e tomando-o na mão parece um rubim, mui resplandecente, e se o fazem em pedaços, se torna logo a juntar e andar como d’antes; e sobre assinte se viu por vezes em differentes partes cortar-se um d’estes bichos com uma faca em muitos pedaços, e se tornarem logo a juntar; e depois o embrulharam em um papel durante oito dias, e cada dia o espedaçavam em migalhas, e tornava-se logo a juntar e reviver, até que enfadava, e o largavam’.
- ***Caupoam** ([1587] 1851: 240): ‘Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamam caupoam, que são pequenas, e mordem muito a quem lhe vai bolir no seu ninho, que fazem no chão, de barro sobre um torrão; o qual é redondo, do tamanho de uma panella, e tem serventia ao longo do chão, onde criam seu mel, que não é bom’.
- †**Cabaobajuba** ([1587] 1851: 240): ‘Ha outra casta de abelhas, a que o gentio chama cabaobajuba, que são amarellas, e criam nas tocas das arvores, e são mais crueis que todas; e em sentindo gente remettem logo a ella; e convem levar aparelho de fogo prestes, com o qual lhe tiram os favos cheios de mel muito bom’.
- ***Cabatan** ([1587] 1851: 240): ‘Cabatan são outras abelhas que não são grandes, que fazem seu ninho no ar, dependurado por um fio, que desce da ponta de um raminho: e são tão bravas que, em sentindo gente, remettem logo aos beijos, olhos e orelhas, onde mordem cruelmente; e nestes ninhos armam seus favos, onde criam

- mel branco e bom’.
- Cabecé** ([1587] 1851: 240): ‘Ha outra casta de abelhas a que o gentio chama cabecé, que mordem muito, que tambem fazem o ninho em arvores, onde criam mel muito alvo e bom; as quaes são louras, e mordem muito’.
- †**Cabureaçû** ([1587] 1851: 223): ‘A aguia, que os o gentio chama cabureaçû, é tamanha como as de Hespanha, tem o corpo pardaço e as azas pretas; tem o bico revolto, as pernas compridas, as unhas grandes e muio voltadas, de que se fazem apitos; criam em montes altos, onde fazem seu ninho e poem dous ovos sómente; e sustentam os filhos da caça que tomam, de que se mantêm’.
- Caiacanga** ([1587] 1851: 291): ‘Nos arrecifes se tomam muitos polvos, e são como os de Hespanha sem nenhuma differença, a que os indios chamam caiacanga, os quaes não andam nunca em cima d’agua; e tomam-se na baixamar de maré de aguas vivas, nas concavidades que tem os arrecifes, onde ficam com pouca agua; e de noite se tomam melhor com fochos de fogo’.
- ***Camurî** ([1587] 1851: 287): ‘Camurîs são uns peixes, assim chamados pelos indios, que se parecem com os roballos de Portugal, os quaes são poucas vezes gordos e nenhuma estimadas; morrem a linha das bocas dos rios para dentro até onde chega a maré’.
- Camuropî** ([1587] 1851: 284): ‘Camuropî é outro peixe muito prezado e saboroso, tamanho como uma pescada muito grande e da mesma feição, mas cheio de escamas grossas do tamanho da palma da mão, e outras mais pequenas; e cortado em postas, está arrmado um eito de espinhas grandes, e outro de carne, e no cabo tem muitas juntas como o savei; asfemeas tem ovas tamanhas que enchemum grande prato cada uma d’ellas; e quando este peixe é gordo é mui saboroso; o qual morre á linha no verão; e são muitos d’elles tamanhos que dous indios não podem com um ás costas atado em um páo’.
- Caninam** ([1587] 1851: 264): ‘Caninam são outras cobras meãs na grandura, com a pelle preta nas costas e amarella na barriga, as quaes criam em os concavos dos páos podres, e são muito peçonhentas, e os mordidos d’ellas morrem muito de pressa, se lhes não acodem logo’.
- Canindé** ([1587] 1851: 225-226): ‘Canindé é um passaro tamanho como um grande gallo; tem as pennas das pernas, barriga e collo amarellas, de côr muito fina, e as costas acatasoladas de azul e verde, e as das azas e rabo azues, o qual tem muito comprido, e a cabeça por cima azul, e ao redor do bico amarello; tem o bico preto, grande e grosso; e as pennas do rabo e as das azas são vermelhas pela banda debaixo. Criam em arvores altas, onde os indios os tomam novos nos ninhos, para se criarem nas casas; porque fallam e gritam muito, com voz alta e grossa; os quaes mordem mui valentemente, e comem fructas das arvores, e em caza tudo quanto lhe dão; cuja carne é dura, mas aproveitam-se della os que andam pelo mato. Os indios se aproveitam das suas pennas amarellas para as suas carapuças, e as do rabo, que são de tres e quatro palmos, para as embagaduras das suas espadas’.
- Capibara** ([1587] 1851: 250): ‘Nos rios de agua doce e nas lagôas se criam muitos porcos, a que os indios chamam capibaras, que não são tamanhos como os porcos do mato; os quaes tem pouco cabelo, e a côr cinzenta, e o rabo como os outros; e não tem na boca mais que dous dentes grandes, ambos debaixo na dianteira, que são do comprimento e grossura de um dedo; e cada um é fendido pelo meio e fica de duas peças, e tem mais outros dous queixaes, todo no queixo debaixo, que no de cima não tem nada; os quaes parem e criam os filhos debaixo da agua, onde tomam peixinhos e camarões que comem; tambem comem herva ao longo da agua, donde sahem em terra, e fazem muito damno nos canaveaes de assucar, e roças que estão perto da agua, onde os matam em armadilhas; cuja carne é molle, e o toucinho pegajoso; mas salpreza é boa de toda a maneira, mas carregada para quem nam tem saude’.
- †**Capueruçú** ([1587] 1851: 240): ‘Capueruçú é outra casta de abelhas grandes: criam seus favos em ninhos, que fazem no mais alto das arvores, do tamanho de uma panella, os quaes são de barro; os indios os crestam com fogo, e lhes comem os filhos, que lhe acham; as quaes tambem mordem onde chegam a quem lhes vai bolir’.
- †**Carabuçú** ([1587] 1851: 230): ‘Na Bahia ao longo da agua salgada, nas ilhas que ella tem, se criam garcetas pequenas, a que os indios chamam carabuçú: algumas são brancas e outras pardas, as quaes dão umas plumas cinzentas pequenas, muito fidalgas para gorro; todas criam ao longo do mar, onde tomam peixe, de que se mantem, e caranguejos novos; e esperam bem a espingarda’.
- ***Carácará** ([1587] 1851: 232): ‘Carácará são uns passaros tamanhos como gaviões, tem as costas pretas, as azas pintadas de branco e o rabo, o bico revolto para baixo, os quaes se mantem de carrapatos, que trazem as alimarias, e de lagartixas que tomam; e quando as levam no bico vão apoz elles uns passarinhos, que chamam suiriri, para que as larguem; e vão-nos picando, até que de perseguidos se poem no chão, com a lagartixa debaixo dos pés, para a defender’.
- Caramurú** ([1587] 1851: 286): ‘Chamam os indios ás moréas caramurú, das quaes ha muitas, mui grandes e mui pintadas como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e saborosas; não as ha senão junto das pedras, onde as tomam ás mãos’.
- †**Caraoatá** ([1587] 1851: 287): ‘No mesmo tempo [de verão] entram na Bahia muitas albacoras, a que os indios chamam caraoatá, que são como as que seguem os navios, mas tem bichos nas ventrechas que se lhes tiram, que são como os que se criam na carne; o qual peixe é secco e toma-se á linha’.
- ***Carapeba** ([1587] 1851: 289): ‘Carapebas são uns peixes, que morrem nas redes em todo o anno, que são baixos e largos, do tamanho dos sarguetes, e em todo o anno são gordos, saborosos e leves’.
- Carapiaçaba** ([1587] 1851: 293): ‘Carapiaçaba são uns peixinhos que se tomam á canna, os quaes são redondos

- como choupinhas, e pintados de pardo e amarello, e são sempre gordos e muito bons para doentes’.
- Carapirá** ([1587] 1851: 230): ‘Carapirá é uma ave, a que os mareantes chamam rabiforcado, os quaes se vão cincoenta e sessenta leguas ao mar, d’onde se recolhem para a Bahia, diante de algum navio do reino, ou do vento sul que lhe vem nas costas ventando, d’onde tornam logo fazer volta ao mar; mas criam em terra ao longo d’elle’.
- Carapitanga** ([1587] 1851: 284): ‘Carapitanga são uns peixes que pela lingua do gentio querem dizer vermelhos, porque o são na côr: os grandes são como pargos; e os pequenos como gorazes, mas mais vermelho suns e outros, e mais saborosos; os quais morrem em todo o anno; e quando estão gordos não tem preço, e são mui sadios. Estes peixes morrem á linha em honesto fundo, e ordinariamente em todo o anno morre muita somma delles, os quaes a seu tempo tem ovas grandes, e muito gostosas, e salprezo é estimado’
- *Coandú** ([1587] 1851: 258): ‘Ha outro bicho que no mato se cria a que chamam os indios coandú, que é do tamanho de um gato; não corre muito, por ser pezado no andar; cria no tronco das arvores onde está metido de dia; e de noite sahe da cova ou ninho a andar pela arvore, onde faz sua morada a buscar uma casta de formigas que se cria nella, a que chamam copy, de que se mantem. Este bicho pare uma só criança, e tem a côr pardaça, o qual dorme todo o dia, e anda de noite. E no lugar onde pariu ahi vive sempre, e os filhos, e toda a sua geração que delle procede; e não buscam outro lugar senão quando não cabem no primeiro’.
- Coaty** ([1587] 1851: 247): ‘Coaty é um bicho tamanho como gato, tem o focinho como furão e mais comprido. São pretos, e alguns ruivos; tem os pés como gato, o rabo grande e felpudo, o qual trazem sempre levantado para o ar; são mui ligeiros, andam pelas arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros que n’ellas tomam. Tomam-nos os cães quando os acham fóra do mato, a que ferem com as unhas mui valentemente: os novos se amançam em casa, onde tomam as gallinhas que podem alcançar; as femeas parem tres e quatro’.
- *Coirimá** ([1587] 1851: 289): ‘Chamam os indios coirimás a outros peixes da feição das tainhas, que morrem nas redes e que tem o mesmo sabor, mas são muito maiores; e quando estão gordas, estão cheias de banhas, e são muito gostosas, etem grandes ovas; as quaes morrem nas enseadas’.
- Copî¹** ([1587] 1851: 275): ‘Copî são huns bichos que são tão prejudiciais como as formigas, os quaes arremedam na feição ás formigas, mas são mais curtos, redondos e muito nojentos, e se lhe tocam com as mãos logo se esborracham, e ficam fedendo a percevejos; e são brancacentos. Estes bichos se criam nas arvores e na madeira das casas, onde não ha quem se defenda delles; os quaes vem do mato por baixo do chão a entrar nas casas, e trepam pelas paredes aos fôrros e emmadeiramento dellas; e fazem de barro um caminho muito para ver, que vai todo coberto com uma abobada de barro de volta de berço, cousa subtilissima e tão delgada a parede della como casca de castanha, e servem-se por dentro por onde sempre caminham, uns para cima e outros para baixo; e fazem nas partes mais altas das casas seus aposentos, pelas juntas de madeira em redondo; uns tamanhos como bollas, outros como botijas, e tamanhos como pótes; e, se se não tem muito tento nisto, destroem umas casas, e comem-lhe a madeira, e apodrentam-na toda; e o mesmo feitio fazem nas arvores, com que as fazem secar; e é necessario que se alimpem as casas delle, de quando em quando; e quando lhe tiram fóra estes aposentos, estam todos lavrados por dentro como favos de mel, mas tem as casas mais miudas, e todas estas cheias d’este copî; o qual lançam ás gallinhas com o que engordam muito’.
- Copî²**. ‘Pelas arvores se cria outra casta de copî preto, e do tamanho e feição do gorgulho, que em Hespanha se cria no trigo; este morde muito, e é mais ligeiro que o de cima, e faz seus ninhos pelos ramos das arvores secas; e lavram-nos todas por dentro’.
- Copy** ([1587] 1851: 258, sob *coandú*, q. v.).
- Corica** ([1587] 1851: 229): ‘Ha outros papagaios a que chamam coricas, que são todos verdes, e não tem mais que o só queixo amarello, e algumas pennas nas azas encarnadas; os quaes criam em ninhos nas arvores, donde fazem grande damno nas searas do milho; tomam-se novos para se amançarem em casa, onde fallam muito bem; cuja carne comem os que andam pelo mato, mas é dura’.
- Cotia** ([1587] 1851: 253): ‘Cotias são uns bichos tamanhos como coelhos grandes, mas são muito barrigudos; tem o cabelo como lebre, a cabeça com o focinho agudo, e os dentes mui agudos, os dous dianteiros são compridos e agudissimos, com o que os indios se sarjam como com uma lanceta; tem os pés e maõs como coelho, as unhas como cão, criam em covas, em que parem duas e tres crianças; mantem-se com frutas; quando correm fazem na anca uma roda de cabellos, que alli tem compridos, são muito ligeiras, em tanto que não ha cão que as tome, senão nas covas, onde se defendem com os dentes; tambem se tomam em laços; se as tomam em pequenas fazem-se tão domesticas como coelhos; mas são damninhas, porque roem muito o fato; cuja carne se não esfola, mas pellam-na, como leitão; cozida e assada é muito boa’.
- *Cotimerim** ([1587] 1851: 253): ‘Cotimerim é outra casta de cotias do tamanho de um laparo; tem o focinho comprido, e são muito felpudas, de côr parda; e tem o rabo muito felpudo, o qual viram para cima e passa-lhe a felpa por cima da cabeça, com que se cobrem; e trepam muito pelas arvores; onde matam outros bichos, que chamam saguins; do que se mantem, criam em covas debaixo do chão, e tem os dentes muito agudos’.
- Cuim** ([1587] 1851: 258): ‘Cuim é outro bicho assim chamado dos indios, que é tamanho de um laparo, tem os pés muito curtos, o rabo comprido, o focinho como doninha; e é todo cheio de cabellos brancos e tezos, e por entre o cabelo é todo cheio de espinhos até o rabo, cabeça, pés, os quaes são tamanhos como alfinetes; com os quaes se defende de quem lhe quer fazer mal, sacodindo-os de si com muita furia, com o que fere os outros animaes; os quaes espinhos são amarellos, e tem as pontas pretas e mui agudas; e por onde estam pegados no couro são farpados. Estes bichos correm pouco, criam debaixo do chão, onde parem uma só

- criança, e mantem-se de minhocas e frutas, que acham pelo chão’.
- ***Cunapú** ([1587] 1851: 284): ‘Cunapú são uns peixes, a que chamam em Portugal méros, os quaes são mui grandes, e muitos morrem tamanhos que lhe caberia na boca um grande leitão de seis mezes; e por façanha se meteu já um negrinho de tres annos dentro na boca de um d’estes peixes, os quaes tem tamanhos figados como um carneiro, e salpimentados são muito bons; e tem o bicho tamanho como uma grande cidra, o qual cozido e rechado dos figados tem muito bom sabor; o couro d’esto peixe é tão grosso como um dedo e muito gordo, o qual se toma com qualquer anzol e linha, sem trabalharem por se soltar d’elle, e no tempo das aguas vivas se tomam em umas tapages de pedras e de páos, a que os indios chamam camboas onde morrem muitos, os quaes salprezos são muito bons’.
- ***Cupá** ([1587] 1851: 285): ‘Cupá são uns peixes a que os Portuguezes chamam pescadas bicudas que são pontualmente da feição das das ilhas Terceiras, mas muito maiores e mais gostosas, as quaes se tomam á linha; e salprezas de um dia para outro, fazem-se as postas folhas como as boas pescadas de Lisboa e em extremo são saborosas’.
- Cururú** ([1587] 1851: 266): ‘Chamam os indios cururús aos sapos de Hespanha, do que não tem nenhuma differença, mas não mordem, nem fazem mal, estando vivos, mortos sim, porque o seu fel é peçonha mui cruel, e os figados e a pelle, da qual o gentio usa quando quer matar alguém. Estes sapos se criam pelos telhados, e em tocas de arvores e buracos das paredes, os quaes tem um bolso na barriga em que trazem os ovos, que são tamanhos como avellãs e amarellos como gemmas de ovos, do que se geram os filhos, onde os trazem metidos até que são para buscar sua vida; estes sapos buscam de comer de noite, a quem os indios comem, como ás rãs; mas tiram-lhe as tripas e forçura fóra, de maneira que lhe não arrebente o fel; porque se arrebenta fica a carne toda peçonhenta, e não escapa quem a come, ou alguma cousa da pelle e forçura’.
- Gainambí** ([1587] 1851: 234): ‘Gainambi são uns passarinhos muito pequenos, de côr apavonada, que tem os bicos maiores que o corpo, e tão delgados como alfinetes: comem aranhas pequenas e fazem os seus ninhos das suas têas; tem as azas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas; criam em tocas de arvores’.
- ***Garirama** ([1587] 1851: 228): ‘E ha outros [jabacatins] mais pequenos da mesma feição e costumes, a que o gentio chama garirama’.
- Gereraca** ([1587] 1851: 262): ‘Pelos matos e ao redor das casas se criam umas cobras, a que os indios chamam gereracas; as maiores são de sete e oito palmos de comprido, e são pardas e brancacentas nas costas, as quaes se poem ás tardes ao longo dos caminhos esperando a gente que passa, e em lhe tocando com o pé lhe dão tal picada, que se lhe não acodem logo com algum defensivo, não dura o mordido vinte e quatro horas. Estas cobras se poem tambem em ramos de arvores junto dos caminhos para morderem a gente, o que fazem muitas vezes aos indios, e quando mordem pela manhã, tem a peçonha mais força, como a vibora; as quaes mordem tambem as egoas e vaccas, do que morrem algumas, sem se sentir de que, senão depois que não tem remedio. Tem estas cobras nos dentes prezas, as quaes mordem deilharga; e aconteceu na capitania dos Ilheos morder uma d’estas cobras um homem por cima da bota, e não sentir cousa que lhe doesse, e zombou da cobra, mas elle morreu ao outro dia; e vendendo-se o seu fato em leilão comprou outro homem as botas e morreu em vinte quatro horas com lhe inchar as pernas; pelo que se buscaram as botas, e acharam n’ellas a ponta do dente, como de uma agulha, que estava mettida na bota; no que se viu claro, que estas gereracas tem a peçonha nos dentes; estas cobras se criam entre pedras e páos podres, e mudam a pelle cada anno; cuja carne os indios comem’.
- Giboia** ([1587] 1851: 259): ‘Comecemos logo a dizer das cobras a que os indios chamam giboias, das quaes ha muitas de cincoenta e sessenta palmos de comprido, e d’aqui para baixo. Estas andam nos rios e alagôas, onde tomam muitos porcos d’agua, que comem; e dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não ha duvida senão que engolem uma anta inteira, e um indio; o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o poderem engolir. E para matar uma anta ou um indio, ou outra qualquer caça, erguem-se com ella muito bem, e como tem segura a preza, buscam-lhe o sesto com a ponta do rabo, por onde o metem até que matam o que tem abarcado; e como tem morta a caça, moem-na entre os queixos para a poder melhor engolir. E como tem a anta, ou outra couza grande que não pôde digirir, empanturra de maneira que não pôde andar. E como se sente pezada, lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem nella; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre; e não deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se os passaros; e torna-lhe a crescer carne nova, até que fica cobra em sua perfeição; e assim como lhe vai crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como d’antes: o que se tem por verdade, por se ter tomado disto muitas informações dos indios e dos lingoas que andam por entre elles no sertão, os quaes o affirmam assim. E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingua, e homem de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achára uma cobra d’estas, no caminho, que tinha liado tres indios para os matar, os quaes livrára d’esto perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largára; e que acabando de matar esta cobra, lhe achára dentro quatro porcos, a qual tinha mais de sessenta palmos de comprido; e junto do curral de Garcia de Avila, na Bahia, andavam duas cobras que lhe matavam e comiam as vaccas, o qual affirmou que

adiante d'elle lhe sahira um dia uma, que remetteu a um touro, e que lho levou para dentro de uma lagôa; a que acudiu um grande libreo, ao qual a cobra arremetteu e engoliu logo; e não pôde levar o touro para baixo pelo impedimento que lhe tinha feito o libreo; o qual touro sahiu acima da agua depois de afogado; e affirmou que n'este mesmo logar mataram seus vaqueiros outra cobra que tinha noventa e tres palmos, e pesava mais de oito arrobas; e eu vi pelle de uma cobra d'estas que tinha quatro palmos de largo. Estas cobras tem as pelles cheias de escamas verdes, amarellas e azues, das quaes tiram logo uma arroba de banha da barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos, pela acharem muito saborosa'.

Girucóa ([1587] 1851: 288): 'Chamam os indios ás tartarugas girucóa; e tomam-se muitas na costa brava tamanhas que as suas cascas são do tamanho de adargas, as quaes poem nas arêas infinidade de ovos, dos quaes se comem sómente as gemmas, porque as claras, ainda que estejam no fogo oito dias a cozer ou assar, não se hão de coalhar nunca; e sempre estão como as dos ovos crus de gallinhas'.

Goaiá ([1587] 1851: 295): 'Criam-se outros caranguejos na agua salgada, a que os indios chamam goaiá: estes são compridos, e tem as pernas curtas e pequenas bocas: são muito poucos, mas muito bons'.

‡**Goaiarara** ([1587] 1851: 295): 'Ha outros caranguejos, a queos indios chamam goaiarara, que se criam nos rios, onde a agua doce se mistura com a salgada, os quaes são mui lizos e de côr apavonada, e tem o casco redondo, as pernas curtas, e são poucos e gostosos'.

Goiaussá ([1587] 1851: 295): 'Goiaussá são outros caranguejos que se criam dentro n'arêa, que se descobre na vasante da maré, os quaes são pequenos e brancos, e tem as covas mui fundas; e andam sempre pelas praias, em quanto não vêem gente, e como a sentem se mettem logo nas covas: e aconteceu já fazer um indio tamanha cova, para tirar um d'estes caranguejos, que lhe cahiu arêa em cima, de maneira que não pôde tirar a cabeça e afogou-se; no que os indios tomam tanto trabalho, porque lhes serve este goiaussá de isca, que o peixe come bem; os quaes tem a casca muito molle ordinariamente, e não se comem por pequenos'.

†**Goaivicoára** ([1587] 1851: 288): 'Goaivicoára são uns peixes a que os Portugueses chamam roncadores; porque roncam debaixo d'agua, dos quaes morrem em todo o anno muitos á linha; e é peixe leve e pouco estimado'.

***Goajugoajú** ([1587] 1851: 272): 'Temos que dizer de outra casta de formigas mui estranha, a que os indios chamam goajugoajú, as quaes são pequenas e ruivas, e mordem muito; estas de tempos em tempo se sahem da cova, maiormente depois que chove muito, e torna a fazer bom tempo que se lhe enche a cova de agua; e dão em uma casa onde lhe não fica caixa em que não entrem, nem buraco, nem greta pelo chão e pelas paredes, onde matam as baratas, as aranhas e os ratos, e todos os bichos que acham; e são tantas que os cobrem de improviso, e entram-lhes pelos olhos, orelhas e narizes, e pelas partes baixas, e assim os levam para os seus aposentos, e a tudo o que matam; e como correm uma casa toda passam por diante a outra, onde fazem o mesmo e a toda uma aldêa; e são tantas estas formigas, quando passam, que não ha fogo que baste para as queimar, e põem em passar por um lugar toda uma noite, e se entram de dia todo um dia; as quaes vão andando em ala de mil em cada fileira; e se as casas em que entram são terreas, e acham a roupa da cama no chão, por onde ellas subam, fazem alevantar mui depressa a quem nella jaz, e andar por cima das caixas e cadeiras, sapateando, laçando-as fóra, e cossando: porque ellas, em chegando, cobrem uma pessoa toda, e se acham cachorros e gatos dormindo, dão nelles de feição, e em outros animaes, que os fazem voar; e matam tambem as cobras que acham descuidadas; e viu-se por muitas vezes levarem-nas estas formigas a rastões infinidade dellas; e matam-nas primeiro entrando-lhe pelos olhos e ouvidos, por onde as tratam e mordem tão mal, e de feição que as acabam'.

Goarágoá ([1587] 1851: 282): 'Goarágoá é o peixe a que os portuguezes chamam boi, que anda na agua salgada e nos rios junto da agua doce, de que elles bebem; e comem de uma herba miuda como milhã, que se dá ao longo da agua; o qual peixe tem o corpo tamanho como um novilho de dous annos, e tem dous cotos como braços, e n'elles umas mãos sem dedos; não tem pés, mas tem o rabo á feição de peixe e a cabeça e focinho como boi; tem o corpo muito maciço, e duas goellas, e uma só tripa; o qual tem os figados e bofes e a mais forçura como boi, e tudo muito bom; não tem escama, mas pelle parda e grossa. A estes peixes se mata com arpões muito grandes, atados a grandes arpoeiras mui fortes, e no cabo d'ellas atado um barril ou outra boia, porque lhe largam com o arpão a arpoeira, e o arpoador vai em uma jangada seguindo o rasto do barril ou boia, que o peixe leva atraz de si com muita furia, até que o peixe se vasa todo do sangue, e se vem acima da agua morto; o qual levam atado a terra ou ao barco, onde o esfolam como novilho, cuja carne é muito gorda e saborosa: e tem o rabo como toucinho sem ter n'elle nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco, e se desfaz todo em manteiga, que serve para tudo o para que presta a de porco, e tem muito melhor sabor: a carne d'este peixe em fresco cozida com couves sabe a carne de vacca, e salpreza melhor, e adubada parece e tem o sabor de carne de porco; e feita em tassalhos, posta de fumo faz-se muito vermelha, e parece e tem o sabor, cozida, de carne de porco muito boa; a qual se faz muito vermelha e é feita toda em fevras com sua gordura misturada: em fresca e salpreza, e de vinha d'alhos, assada parece lombo de porco, e faz-lhe vantagem no sabor; as mãos cozidas d'este peixe são como as de porco, mas tem mais que comer; o qual tem os dentes como boi, e na cabeça entre os miolos tem um pedra tamanha como um ovo de pata, feita em tres peças, a qual é muito alva e dura como marfim, e tem gandes virtudes contra a dôr de pedra; as femeas parem uma só criança, e tem o seu sexo como outra alimaria; e os machos tem os testiculos e vergalho como boi; na pelle não tem cabello nem escama'.

†**Goarara** ([1587] 1851: 302): 'Ha outros peixes n'estes rios a que os indios chamam goarara, que são como ruivacas, e tem a barriga grande, os quaes se tomam á cana'.

- † **Goaripoapem** ([1587] 1851: 298): ‘Nas enseadas da Bahia, na vasa dellas, se cria outro marisco, a que os indios chamam goaripoapem, a que os Portuguezes dizem lingoeirões, os quaes são tão compridos como um dedo e mais, e da mesma grossura, e tem um miolo grande e mui gostoso, que se come aberto no fogo; e a casca se abre como a das ameijoas’.
- ‡ **Goayibicoati** ([1587] 1851: 290): ‘Goayibicoati são uns peixes azulados pequenos, que se tomam á canna, nas pedras, que são em todo o anno muito gordos e saborosos, e leves para doentes’.
- Guanhamú** ([1587] 1851: 305).
- Guarapicú** ([1587] 1851: 285): ‘Guarapicú são uns peixes a que os Portuguezes chamam cavallas, das quaes ha muitas que começam a entrar na Bahia no verão com os nordestes, e recolhem-se com elles, com a criação que desovaram na Bahia. São estes peixes maiores que grandes pescadas, mas da feição e côr dos saveis, os quaes não comem a isca estando queda; pelo que os pescadores vão andando sempre com jangadas; e acodem então á isca, e pegam do anzol, que é grande, por trabalhar muito como se sente prezo. Este peixe é muito saboroso, e quando está gordo sabem as suas ventrechas a savel, cujo rabo é gordissimo, e tem grandes ovas em extremo saborosas; os seus ossos dos focinhos se desfazem todos entre os dentes em manteiga; e salprezo este peixe é muito gostoso, e se faz todo em folhas como pescada: mas é muito avantajado no sabor e levidão’.
- * **Guariba** ([1587] 1851: 254): ‘Guaribas é outra casta de bogios que são grandes e mui entendidos; estes tem barbas como um homem, e o rabo muito comprido; os quaes como se sentem flexados dos indios, se não cahem da flexada, fogem pela arvore acima, mastigando folhas, e mettendo-as pela flexada, com que tomam o sangue e se curam; e aconteceu muitas vezes tomarem a flexa que tem em si, e atirarem com ella ao indio que lhe atirou, e ferirem-no com ella; e outras vezes deixam-se cahir com a flexa na mão sobre o indio, que os flexou. Estes bogios criam tambem nos troncos das arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros que tomam; e as femeas parem uma só criança’.
- * **Guará** ([1587] 1851: 285): ‘Chamam os indios guará, ao que os Portuguezes chamam charéo, que é peixe largo, branco, prateado e tezo, o qual quando é gordo é em extremo saboroso; e tem nas pontas das espinhas, nas costas, uns ossos alvos atonelados, tão grossos no meio como avelãs, mas compridos; o qual peixe morre á linha e em redes em todo o anno; e além de ser gostoso é muito sadio’.
- † **Guibuquibura** ([1587] 1851: 273): ‘Nesta terra se criam umas formigas grandes, a que os indios chamam guibuquibura; que são as que em Portugal chamam agudes, mas são maiores. Estas sahem dos formigueiros depois que chove muito, e vão diversas voando por lugares onde enxameam grande somma de formigas, e como lhes toca qualquer cousa, ou lhes dá o vento logo lhes cahem as azas e morrem; e não póde ser menos d’estas enxamearem de vôo, porque em hortas cercadas de agua que ficam em ilhas, lhes arrebetam formigueiros dentro, estando antes a terra limpa dellas, e não podem passar por respeito da agua que cerca estas hortas’.
- * **Guigó** ([1587] 1851: 254): ‘Nos matos da Bahia se criam muitos bogios de diversas maneiras: a uns chamam guigós, que andam em bando pelas arvores, e como sentem gente, dão uns assobios com que se avisam uns aos outros, de maneira que em um momento corre a nova em espaço de uma legoa, com que entendem que é entrada gente, para se pôrem em salvo. E se atiram alguma flexada a algum, e o não acerta, matam-se todos de rizo; estes bogios criam em tocas de arvores, de cujos frutos e da caça se mantem’.
- Guoanhamú, Guanhamú** ([1587] 1851: 304): ‘Andei buscando até agora onde agazalhar os caranguejos do mato, sem lhe achar lugar commodo, porque para os arrumar com os caranguejos do mar parecia despropósito, pois se elles criam na terra, sem verem nem tocarem agua do mar; e para os contar com os animaes tambem parece que lhe não cabia esse lugar, pois se parecem com o marisco do mar; e por não ficarem sem gazalhado n’estas lembranças, os apozeitei na vizinhança do marisco da terra, ainda que se não criam n’agua estes caranguejos, mas em lugares humidos por todas as ribeiras. A estes caranguejos da terra chamam os indios guoanhamú, os quaes se criam em vargeas humidadas, não muito longe do mar, mas na visinhança da agua doce, os quaes são muito grandes e azues, com o casco e pernas mui luzentes; os machos são muito maiores que as femeas, e tamanhos que tem os braços grandes, onde tem as bocas com tamanhos bicos n’ellas, e tão compridos e voltados que faz com elles tamanha apparencia como faz o dedo demonstrativo da mão de um homem com o pollegar, o que é tão duro como ferro, e onde pegam com esta boca não largam até os não matarem. Criam-se estes caranguejos em covas debaixo da terra, tão fundas que com trabalho se lhe póde chegar com o braço e hombro de um indio metidos n’ella, onde os mordem mui valentemente. No mez de Fevereiro estão as femeas, e até meado de Março, todas cheias de coral mui vermelho, e tem tanto no casco como uma lagosta, o qual em tudo o mais é muito gostoso; tiram-lhe o fel ou bucho que tem, cheio de tinta preta muito amargosa; porque se derrama faz amargar tudo o por onde elle chegou. No mez de Agosto, que é no cabo do inverno, se sahem os machos e femeas ao sol, com o que anda a terra coberta d’elles; em o qual tempo se sahem ao sol passando de uma parte para outra, e são então bons de tomar; e n’esta conjuncção andam os machos tão gordos que tem os cascos cheios de uma amarellidão como gemas de ovos, os quaes são mui gostosos a maravilha, mas são carregados; e para os indios os tirarem das covas sem trabalho, tapam-lh’as com um molho de hervas, com o que eles abafam nas covas, e se vêem para tomar ar, e por não acharem caminho desempedido morrem á boca da cova abafados. Algumas vezes morrerão pessoas de comerem este guanhamú, e dizem os indios que no tempo em que fazem mal comem uma fruta, a que chama, ariticurana [...] a qual é peçonhenta’.

- Guri** ([1587] 1851: 286): ‘Ha outro peixe, a que os indios chamam guris e os Portuguezes bagres: tem o couro prateado sem escama, tomam-se á linha, tem a cabeça como enxarroco, mas muito dura; e tem o miolo d’ella duas pedrinhas brancas mui lindas; este peixe se toma em todo anno, e é muito leve e gostoso’.
- ‡**Herú** ([1587] 1851: 239): ‘Na Bahia ha muitas castas de abelhas. Primeiramente ha umas a que o gentio chama herú, que são grandes e pardas; estas fazem o ninho no ar, por amor das cobras, como os passaros de que dissemos atraz; onde fazem seu favo e criam mel muito bom e alvo, que lhe os indios tiram com fogo, do que ellas fogem muito; as quaes mordem valentemente’.
- Içan** ([1587] 1851: 273): ‘Criam-se na mesma terra outras formigas, a que os indios chamam içans, as quaes tem o corpo tamanho como passas de Alicante, e são da mesma côr, as quaes tem azas como os agudes, e tambem se saem dos formigueiros depois que chove muito, a enxugar-se ao sol; e tem grande boca, e tão aguda, que cortam com ella como tezoura o fato a que chegam, e quando pegam na carne de alguma pessoa se aferram de maneira que não se podem tirar senão cortando-lhe a cabeça com as unhas; as quaes se mantem das folhas das arvores e de minhocas, e de outros bichinhos que tomam pelo chão; e estas formigas comem os indios torradas sobre o fogo, e fazem-lhe muita festa; e alguns homens brancos que andam entre elles, e os mistiços as tem por bom jantar, e o gabam de saboroso, dizendo que sabem a passas de Alicante; e torradas são brancas por dentro’.
- †**Imbuá** ([1587] 1851: 268): ‘Imbuá é outra casta de lagartas verdes pintadas de preto e a cabeça branca, e outras pintadas de vermelho e preto, e todas são tão grossas como um dedo, e de meio palmo de comprido, com muitas pernas, as quaes cretam a terra e arvores por onde passam’.
- Inhatiú** ([1587] 1851: 242): ‘Ha outra casta que se cria entre os mangues, a que os indios chamam inhatiú, que tem as pernas compridas, e zunem de noite, e mordem a quem anda onde os ha, que é ao longo do nar; mas se faz vento não apparece nenhum’.
- ***Itamanbeca** ([1587] 1851: 300): ‘Tambem deita o mar por estas praias muitas vezes esponjas, a que os indios chamam itamanbeca, as quaes se criam no fundo do mar, donde umas sahem delgadas e molles, e outras tezas e aperfeiçoadas’.
- †**Jabacatim** ([1587] 1851: 227): ‘Jabacatim é um passaro como um pintão, tem o bico comprido, o peito vermelho, a barriga branca, as costas azues, criam em buracos, que fazem nas barreiras sobre os rios, ao longo dos quaes andam sempre com os pés pela agua a tomar peixinhos, de que se mantem’.
- Jaború** ([1587] 1851: 230): ‘Jaború é outra ave tamanha como um grou, tem a côr cinzenta, as pernas compridas, o bico delgado e mais que de palmo de comprido; estas aves criam na terra ao longo do salgado, e comem o peixe que tomam no mar, perto da terra por onde andam’.
- Jabubirá** ([1587] 1851: 286): ‘Arraias ha na Bahia muitas, as quaes chamam os indios jabubirá e são de muitas castas como as de Lisboa, e morrem á linha e em redes; ha umas mui grandes e outras pequenas, que são muito saborosas e sadias’.
- ‡**Jabutemirim** ([1587] 1851: 257): ‘Ha outras castas de cágados da feição dos de Hespanha, a que os indios chamam jabutemirim, que se criam e andam sempre na agua, que tambem são mui saborosos e medicinaes; e dos que se criam na agua ha muitas castas de diversas feições, que tem as mesmas manhas, e natureza, mas mui diferentes na grandura’.
- ‡**Jabutiapeba** ([1587] 1851: 256): ‘Ha outros cágados, que tambem se criam no mato, sem irem á agua, a que os indios chamam jabutiapeba; os quaes tem os mesmos lavores nas conchas, mas são muito amassados, e tem as costas muito chãs, e não tem verrugas; tem pouca carne e mui saborosa: criam e mantem-se pelo ordem dos de cima [*jabutys*]’.
- Jabuty** ([1587] 1851: 256): ‘Em qualquer parte dos matos da Bahia se acham muitos cágados, que se criam pelos pés das arvores, sem irem á agua, a que os indios chamam jabuty; ha uns que são muito maiores que os de Hespanha, mais altos e de mais carne, e tem as conchas lavradas em compartimentos oitavados de muito notavel feitio; os lavores dos compartimentos são pretos, e o meio de cada um é branco e almecegado. Estes cágados tem as mãos, pés, pernas, pescoço e cabeça, cheios de verrugas tamanhas, como chicharos, muito vermelhas, e agudas nas pontas; estes põem infinidade de ovos, de que nascem em terra humida, onde criam debaixo de arvoredos; mantem-se de frutas, que caem pelo chão; e metidos em casa comem tudo quanto acham pelo chão; cuja carne é muito gorda, saborosa e sadia para doentes’.
- ***Jaçanã** ([1587] 1851: 235): ‘Jaçanã são uns passaros pequenos todos encarnados e os pés vermelhos: criam-se em arvores altas, onde fazem os ninhos, e mantem-se das frutas do mato’.
- Jacaré** ([1587] 1851: 265): ‘Nas lagôas e rios de agua doce se criam uns lagartos a que os indios chamam jacaré, dos quaes ha alguns tamanhos como um homem, e que tem a cabeça como um grande libreo; estes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas, os quaes não remetem á gente, antes fogem d’ella; e mantem-se do peixe que tomam, e da herva que comem ao longo da agua; e ha alguns negros que lhes tem perdido o medo, e se vão a elles, chamando-os pelo seu nome; e vão-se chegando a elles até que os tomam ás mãos e os matam para os comerem; cuja carne é algum tanto adocicada, e tão gorda que tem na barriga banha como porco, a qual é alva e saborosa e cheira bem. Os testiculos dos machos cheiram como os dos gatos de algalea, e ás femeas cheira-lhes a carne de junto do vaso muito bem’.
- ***Jacarépinima** ([1587] 1851: 266): ‘Pelos matos se criam outros lagartos pequenos pintados como os de Hespanha, a que os indios chamam jacarépinima, os quaes criam por entre as pedras, e em tocas de arvores, com os quaes tem as cobras grandes brigas’.

- †**Jacî** ([1587] 1851: 300): ‘Lança este mar fôra muitas vezes, com tormenta, umas estrellas da mesma feição e tamanho das que lança o mar de Hespanha, as quaes não servem para nada, a que os indios chamam jacî’.
- Jacú** ([1587] 1851: 225): ‘Jacús são umas aves a que os Portuguezes chamam gallinhas do mato, e são do tamanho das gallinhas e pretas; mas tem as pernas mais compridas, a cabeça e pés como gallinha, o bico preto, cacaream como perdizes, criam no chão, e têm o vôo muito curto; mantêm-se de fructas, matam-nas os indios ás flexadas; cuja carne é muito boa, e tem o peito cheio de titellas como perdiz da mesma côr, e muito tenras; a mais carne é dura para assada, e cozida é muito boa’
- ‡**Jacuaçu** ([1587] 1851: 228): ‘Jacuaçu são outras aves da feição das garças grandes, e do seu tamanho; são pardas e pintadas de branco, andam nos rios e lagôas, criam ao longo dellas e dos rios, no chão; mantem-se do peixe que tomam’.
- ***Jagoaraçá** ([1587] 1851: 290): ‘Jagoaraçá é um peixe que morre á linha, tamanho como cachichos, e tem a côr de peixe cabra, e feição de samonete; tem os fígados vermelhos como lacre; a carne d’este peixe é muito teza, muito saborosa; e são tão leves que se dão aos doentes’.
- Jagoarapeba** ([1587] 1851: 251): ‘Criam-se nos rios de agua doce outros bichos, que se parecem com lontras de Portugal, a que o gentio chama jagoarapeba, que tem o cabelo preto, e tão macio como velludo. São do tamanho de um gozo, tem a cabeça como de gato, e a boca muito rasgada e vermelha por dentro e nos dentes grandes prezas, as pernas curtas. Andam sempre n’agua, onde criam e parem muitos filhos e onde se mantem dos peixes que tomam e de camarões: não sahem nunca fora da agua, onde gritam quando vem gente ou outro bicho’.
- Jaguapitanga** ([1587] 1851: 247): ‘Jaguapitanga é uma alimaria do tamanho de um cachorro, de côr preta; e tem o rosto de cordeiro; tem pouca carne, as unhas agudas, e é tão ligeira que se mantem no mato de aves que andam pelo chão, que toma a coço; a um povoado faz officio de raposa, e despovoa uma fazenda de gallinhas que farta’.
- ***Jaguaracangoçú** ([1587] 1851: 245): ‘Jaguaracangoçú é outra alimaria e casta de tigre ou onça da que tratamos já: e são muito maiores, cuja cabeça é tão grande como de um novillo. Criam-se estas alimarias pelo sertão longe do mar, e tem as feições e mais condições dos tigres, de que primeiro fallamos [sob *jaguareté*, p. 244]. Quando estas alimarias matam algum indio que se encarniçam n’elle, fazem despovoar toda uma aldeia, porque em sahindo alguma pessoa d’ella fóra de casa, não escapa que a não matem e comam’.
- †**Jaguarecaca** ([1587] 1851: 248): ‘Jaguarecaca é um animal do tamanho de um gato grande; tem a côr pardaça e o cabelo comprido; e os pés e mãos da feição dos bogios; o rosto como cão, e o rabo comprido, o qual se mantem das frutas do mato. Anda sempre pelo chão, onde pare uma só criança; o qual é tão estranho e fedorento, que por onde quer que passa deixa tamanho fedor que, um tiro de pedra afastado de uma banda e d’outra, não ha quem o possa soffrer, e não ha quem por ali possa passar mais de dous mezes, por ficar tudo tão empeçonhento com o máo cheiro que se não pode soffrer. D’este animal pegam os cães quando vão á caça, mas vão-se logo lançar na agua, e esfregam-se com a terra por tirarem o fedor de si, o que fazem por muitos dias sem lhes aproveitar, e o caçador fica de maneira que por mais que se lave fica sempre com este terrivel cheiro, que lhe dura tres e quatro mezes: e como este bicho se vê em pressa perseguido dos cães, lança de si tanta ventosidade, e tão peçonhenta que perfuma d’esta maneira a quem lhe fica perto; e com estas armas se defende das onças e de outros animaes, quando se vê perseguido d’elles, cuja artilharia tem tanta força que a onça e os outros inimigos que o buscam se tornam, e o deixam; e vão-se logo lavar e esfregar pela terra, por tirar de si tão terrivel cheiro. E aconteceu a um Portuguez, que encontrando com um d’estes bichos, que trazia o seu caçador do mato morto para mézinhas, ficou tão fedorento que não podendo soffrer-se a si se fez mui amarello, e se foi para casa doente do cheiro que em si trazia, que lhe durou muitos dias. A carne d’este bicho é boa para estancar camaras de sangue; mas a casa aonde está fede toda a vida, pelo que as indias a tem assada muito embrulhada em folhas, depois de bem sêca ao ar do fogo; e a tem no fumo para se conservar; mas nem isso basta para deixar de feder na rua, enquanto está na casa’.
- Jaguareté** ([1587] 1851: 244): ‘Tem para si os Portuguezes que jaguareté é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis mezes; fallo dos machos, porque as femeas são maiores. A maior parte d’estas alimarias são ruivas, cheias de pintas pretas; e algumas femeas são todas pretas; e todos tem o cabelo nedio, e o rosto a modo de cão, e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabelo n’elle como nas ancas. Tem prezas nos dentes como libréo, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia legua; tem os braços e pernas muito grossos; parem as femeas uma e duas crianças; se lhes matam algum filho andam tão bravas que dão nas roças dos indios, onde matam todos quantos podem alcançar; comem a caça que matam, para o que são mui ligeiras, e tanto que lhes não escapa nenhuma alimaria grande por pés: e salta, por cima a-pique altura de dez, doze palmos; e trepam pelas arvores apóz os indios, quando o tronco é grosso; salteam o gentio de noite pelos caminhos, onde os matam e comem; e quando andam esfaimadas entram-lhe nas casas das roças, se lhes não sentem fogo, ao que tem grande medo. E na visinhança das povoações dos Portuguezes fazem muito damno nas vaccas, e como se começam a encarniçar n’elles destroem um curral; e tem tanta força que com uma unhada que dão em uma vacca lhe derrubam a anca no chão. Armam os indios a estas alimarias em mondéos, que é uma tapagem de páo-a-pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma arvore alta e grande levantada do chão, onde lhe poem um cachorro ou outra alimaria preza; e indo para a tomar cahe esta arvore que está deitada sobre esta alimaria, onde ha grandes bramidos; ao que os indios acodem e matam ás flexadas; e

- comem-lhe a carne, que é muito dura, e não tem nenhum sebo’.
- Jaguaruçu** ([1587] 1851: 245): ‘criam-se no rio de S. Francisco umas alimarias tamanhas como poldros, ás quaes os indios chamam jaguaruçu, que são pintadas de ruivo e preto e malhas grandes; e tem as quatro prezas dos dentes do tamanho de um palmo: criam-se na agua d’este rio, no sertão; donde sahem a terra fazer suas prezas em antas; e ajuntam-se tres e quatro á sua vontade, para levarem nos dentes a anta ao rio, onde a comem a sua vontade, e a outras alimarias; e tambem aos indios que podem apanhar’.
- ***Jucurutú** ([1587] 1851: 233): ‘Jucurutú é uma ave tamanha como uma franga, que em povoado anda de noite pelos telhados; e no mato cria em tocas de arvores grandes, e anda ao longo dos caminhos; e aonde quer que está, toda noite está gritando pelo seu nome. Esta ave é de côr brancacenta, tem as pernas curtas, a cabeça grande com tres listas pardas por ella que parecem cutiladas, e duas pennas n’ella de feição de orelhas’.
- ‡**Juigiá** ([1587] 1851: 267): ‘Juigiá é outra casta de rãs, que são brancacentas, e andam sempre na agua, e quando chove muito fallam de maneira que parecem crianças que choram, as quaes se comem esfoladas, como as mais; e são muito alvas e gostosas’.
- ‡**Juigoaraigarai** ([1587] 1851: 268): ‘Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juigoaraigarai, que são pequenas, e no inverno quando ha de fazer sol e bom tempo, cantam toda noite no alagadiço, onde se criam, o qual signal é muito certo; estas são verdes, e desovam na agua que corre entre junco ou rama, e tambem esfoladas se comem e são muito boas’.
- ‡**Juihi** ([1587] 1851: 267): ‘Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juihi; e são muito grandes, e e côr pretaça, e desovam na agua como as outras, as quaes, depois de esfoladas, tem tamanho corpo como um honesto coelho’.
- †**Juim** ([1587] 1851: 267): ‘D’esta mesma casta [de rãs] se criam nas lagôas, onde desovam emquanto tem agua, mas como se secca, recolhem-se para o mato nos troncos das arvores, onde estão até que chove, e como as lagôas tem qualquer agua, logo se tornam para ellas, onde desovam; e os seus ovos são pretos, e de cada um nasce um bichinho com prepatanas e rabo, e as prepatanas se lhes convertem nos braços, e o rabo se lhes converte nas pernas. Enquanto são bichinhos lhes chamam os indos juins, do que ha sempre infinidade d’elles, assim nas lagoas como no remanso dos rios: do que se enchem balaios quando os tomam, e para os alimparem apertam-nos entre os dedos, e lançam-lhes as tripas fóra, e embrulham-nos ás mãos cheias em folhas, e assam-nos no borralho; o qual manjar gabam muito os linguas que tratam com o gentio, e os mistiços’.
- ***Juiperega** ([1587] 1851: 267): ‘Cria-se na agua outra casta de rãs, a que os indios chamam juiperega, que saltam muito, em tanto que dão saltos do chão em cima dos telhados, onde andam no inverno, e cantam de cima como chove; as quaes são verdes, e desovam tambem na agua em logares humidos; e esfoladas comem-se como as outras’.
- ***Juiponga** ([1587] 1851: 267): ‘E porque as rãs são de diferentes feições e costumes, digamos logo de umas a que os indios chamam juiponga, que são grandes, e quando cantam parecem caldeiros que malham nas caldeiras; e estas são pardas, e criam-se nos rios onde desovam cada lua; as quaes se comem, e são muito alvas e gostosas’.
- ***Jupará** ([1587] 1851: 258): ‘Nestes matos se cria um animal, a que os gentios chamam jupará, que quer dizer noite, que é do tamanho de um bogio, e anda de arvore em arvore como bogio, por ser muito ligeiro; cria no concavo das arvores, onde pare um só filho, e mantem-se dos frutos silvestres. Este animal tem a boca por dentro até as goelas, e lingua tão negra, que faz espanto, pelo que lhe chamam noite, cuja carne os indios não comem por nojo della’.
- ***Jupati** ([1587] 1851: 256): ‘Em algumas partes dos matos da Bahia se criam uns bichos, sobre o grande, com todas as feições e parecer de ratos, a que os indios chamam jupati, que se não comem, os quaes criam em os troncos das arvores velhas; e as fêmeas tem um bolso na barriga em que trazem sete e oito filhos, até que são criados, que tantos parem’.
- ***Juquiá** ([1587] 1851: 301): ‘Juquiás chamam os indios a outros peixes da feição dos safios de Hespanha, mas mais pequenos; os quaes se tomam ás mãos, entre as pedras; o qual peixe não tem escama, e é mui saboroso’.
- ***Jurutí** ([1587] 1851: 228): ‘Jurutí é outra casta de rolas do mesmo tamanho, mas não aleonadas, e tem o bico pardo; tambem criam no chão, onde põem dous ovos, e tomam-nas em redes; cuja carne é muito tenra e boa’.
- †**Lerimerim** ([1587] 1851: 296): ‘Nos mangues se criam outras ostras pequenas, a que os indios chamam lerimerim, e criam-se nas raizes eramos d’elles até onde lhes chega a maré de preamar; as quaes raizes e ramos estão tão cobertos d’estas ostras, que se não enxerga o páo, e são umas sobre outras; as quaes são pequenas, mas muito gostosas; e nunca se acabam, porque tiradas umas, logo lhe nascem outras; e em todo o tempo são muito boas e muito leves’.
- Leripeba** ([1587] 1851: 296): ‘Ha outras ostras, a que os indios chamam leripebas, que se criam em baixos de arêa de pouca agua, as quaes são como as salmoninas, que se criam no rio de Lisboa, defronte do Barreiro, da feição de vieiras. Estas leripebas são um marisco de muito gosto, e estão na conjunção da lua nova muito cheias, cujo miolo é sobre o tezo e muito excellente; em as quaes se acham grãos de aljofar pequenos, e criam-se logo serras d’estas leripebas umas sobre as outras, muito grandes: e já aconteceu descer com a maré serra d’ellas até defronte da cidade, com que a gente d’ella e do seulimite teve que comer mais de

- dous annos’.
- †**Leriuçú** ([1587] 1851: 296): ‘As mais famosas ostras que se viram são as do Brazil; e ha infinidade d’ellas; como se vê na Bahia, onde lhe os indios chamam leriuçú, as quaes estão sempre cheias, e tem ordinariamente grandes miolos; e em algumas partes os tem tamanhos que se não podem comer senão cortadas em talhadas, as quaes cruas, assadas e fritas são muito gostosas; as boas se dão dentro da vasa no salgado, e pelos rios onde se junta a agua doce ao salgado se criam muitas na vasa, e muito grandes; mas quando ha agua do monte, estão mui doces e sem sabores. E ha tantas ostras na Bahia e em outras partes que se carregam barcos d’ellas muito grandes para fazerem cal das cascas, de que se faz muita e muito boa para as obras, a qual é muito alva; e ha engenho que se gastou n’elle mais de tres mil moios de cal d’estas ostras: as quaes são muito mais sadias que as de Hespanha’.
- †**Macacica** ([1587] 1851: 235): ‘Macacica é um passaro pequeno que tem as azas verdes, a barriga amarella, as costas e o rabo pardo, e o bico preto; fazem estes passaros os ninhos nas pontas das arvores, dependurados por um fio da mesma arvore; e os ninhos são de barro e palha, com curucheos por cima muito agudos, e servem-se por uma portinha, onde poem dous ovos: e fazem os ninhos d’esta feição por fugirem as cobras que lhes comem os ovos, se os acham em outra parte’.
- Macuagoá** ([1587] 1851: 224): ‘Macuagoá é uma ave grande de côr cinzenta, do tamanho de um grande pato, mas tem no peito mais titellas que dous galipavos, as quaes são tenras como de perdiz, e da mesma côr; a mais carne é sobre dura, sendo assada, mas cozida é muito boa. Tem estas aves as pernas compridas, cheias de escamas verdeongas; tem o bico pardaço da feição da gallinha; voam pouco e ao longo do chão, por onde correm muito; e as tomam com cães a çoço, e ás vezes as matam a flexadas; criam no chão, onde põe muitos ovos, em ninhos como de gallinhas; mas tem a casca verde de côr muito fina, e mantem-se das frutas do mato’.
- ***Magoari** ([1587] 1851: 237): ‘Magoari é outra ave de côr branca, que faz tamanho vulto como uma garça, e tem as pernas e pés mais compridos que as garças, e o pescoço tão longo que quando vôa o faz em voltas; e tem o bico curto e o peito muito agudo e nenhuma carne, porque tudo é penna; e vôa muito ao longe, e corre pelo chão por entre o mato, que faz espanto’.
- Mamoá** ([1587] 1851: 269): ‘Na Bahia se criam uns bichos, a que os indios chamam mamoás, aos quaes chamam em Portugal lucernas, e outros cagalume, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os ha muito grandes: os quaes entram de noite nas casas ás escuras, onde parecem candeias muito claras, porque alumiam uma casa toda, em tanto que ás vezes acorda uma pessoa de subito vendo a casa clara, deitando-se ás escuras, do que se espanta cuidando ser outra cousa: dos quaes bichos ha muita quantidade em lugares mal povoados’.
- Maracajá** ([1587] 1851: 247): ‘Maracajás são uns gatos bravos tamanhos como cabritos de seis mezes; são muito gordos, e na feição pontualmente como os outros gatos, mas pintados de amarello e preto em raias, cousa muito formosa; e são felpudos, mas tem o cabo muito macio, e as unhas grandes e muito agudas; parem muitos filhos; e mantem-se das aves que tomam pequenos fazem-se em casa muito domesticos, mas não lhes escapa gallinha nem papagaio, que não matem’.
- ***Maracaguara** ([1587] 1851: 288): ‘Maracaguara é um peixe a que os Portuguezes chamam porco, porque roncam no mar como porco; são do tamanho e feição dos sargos, mas muito carnudos e tezos e de bom sabor, e tem grandes figados e muito gordos e saborosos, e em todo o anno se toma este peixe á linha’.
- ***Marcaná** ([1587] 1851: 229): ‘Marcaná é um passaro todo verde, como papagaio, tem a cabeça toucada de amarello, o bico grosso e sobre o grande, e voltado para baixo, o rabo comprido e vermelho: criam-se em arvores altas, em ninhos; e amañam-se alguns por que fallam, cuja carne é dura, mas come-a quem não tem outra melhor’.
- ‡**Margui** ([1587] 1851: 231): ‘Margui é um passaro pequeno e pardo, tem as pernas mui compridas, o bico e pescoço longo; e está sempre olhando para o chão e como vê gente foge dando um grande grito. Estas aves se criam ao longo do salgado, e mantem-se do peixe que tomam no mar’.
- Marguí** ([1587] 1851: 242): ‘Marguís são uns mosquitos que se criam ao longo do salgado, e outros na terra perto d’agua, e apparecem quando não ha vento; e são tamanhos como um pontinho de penna, os quaes onde chegam são fogo de tamanha comichão e ardor que fazem perder a paciencia, mormente quando as aguas são vivas; e crescem em partes despovoadas; e se lhe põem a mão, desfazem-se logo em pó’.
- †**Matuim-açú** ([1587] 1851: 231): ‘Matuim-açú são uns passaros, que andam sempre sobre os mangues, tamanhos como franganitos, de côr pardaça; tem as pernas e bico preto, e mantem-se de peixe que tomam’.
- †**Matuimirim** ([1587] 1851: 231): ‘Matuimirim são outros passaros de feição dos de cima, mas mais pequenos e brancacentos; mantem-se do peixe que tomam; e uns e outros criam no chão ao longo do salgado’.
- ***Maturaqué** ([1587] 1851: 302): ‘Tambem se tomam n’estes rios á cana outros peixes a que os indios chamam maturaqué, que são pequenos, largos e muito saborosos’.
- Merú** ([1587] 1851: 241): ‘Merús, são outras moscas grandes e azuladas que mordem muito, onde chegam, tanto que por cima da rede passam o gibam a quem está lançado nella, e logo fazem arrebenatar o sangue pela mordedura: aconteceu muitas vezes pôrem ellas varejas a homens que estavam dormindo, nas orelhas, nas ventas e no céu da boca, e lavrarem de feição por dentro as varejas, sem se saber o que era, que morrêram alguns disso’.
- †**Mirocaia** ([1587] 1851: 292): ‘Mirocaia é um peixe, assim chamado dos indios, da feição de choupinhas, que se

tomam á canna nos rios do salgado; são tezos e de fraco sabor; em cujas bocas se criam no inverno, com as cheias, uns bichos como minhocas, que lhes morrem no verão’.

Mocim ([1587] 1851: 301): ‘Não menos são de notar os pescados, que se criam nos rios de agua doce da Bahia, que os que se criam no mar della; do que é bem que digamos d’aqui por diante. E comecemos das eirós, que ha nestes rios, que se criam debaixo das pedras, a que os indios chamam mocim, as quaes são da feição e sabor das de Portugal’.

Motúm ([1587] 1851: 224-225): ‘Motúm são umas aves pretas nas costas, azas e barriga branca; são do tamanho dos gallipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas pennas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde os matam a flexadas e as tomam a coço com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a clara d’elles é como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Tem estas aves o bico preto como de corvo, e tocado ao redor de vermelho, á maneira de crista; a carne d’estas aves é muito boa, pontualmnte como a de gallipavos, e tem no peito muitas mais titellas’.

Muciquí ([1587] 1851: 300): ‘Tambem este mar lança fóra pelas praias alforrecas ou coroas de frades, como aquellas que sahem no rio de Lisboa na praia de Belem e em outras partes; e na Bahia sahem ás vezes juntas duas, e tres mil dellas, a que os indios chamam muciquí’.

†**Muipepereru** ([1587] 1851: 236): ‘Muipepereru são uns passarinhos pardos tamanhos como carriças; criam nos buracos das arvores e das pedras, poem muito [sic] ovos, comem aranhas e minhocas, cantam como roxinões, mas não dobram tanto como elles’.

***Muruanja** ([1587] 1851: 241): ‘Ha outra casta de moscas, a que indios chamam muruanja, que são mais miudas que as de cima [mutucas] e azuladas; estes seguem sempre os cães e comem-lhes as orelhas; e se tocam em sangue ou chaga, logo lançam varejas’.

***Mutuca** ([1587] 1851: 241): ‘E porque as moscas se não queixem, convem que digamos de sua pouca virtude: e comecemos nas que se chamam mutuca, que são as moscas grandes e enfadonhas que ha em Hespanha; as quaes adivinham a chuva, começando a morder onde chegam, de maneira que, se se sente sua picada, é que ha boa novidade’.

***Nambú** ([1587] 1851: 228): ‘Nambú é uma ave de côr e tamanho da perdiz, tem os pés e bico vermelho, voam ao longo do chão, por onde correm muito, e criam em ninhos que fazem no chão, onde põem muitos ovos. Estas aves tem grande peito cheio de titellas muito tenras e saborosas’.

Nhandú ([1587] 1851: 223): ‘Criam-se n’estes matos emas muito grandes, a que o gentio chama nhandú, as quaes se criam pela terra dentro em campinas, e são tamanhas como as da Africa, e eu vi um quarto de uma depennada tamanho de um carneiro grande. São estas aves brancas, outras cinzentas, e outras malhadas de preto, as quaes tem as pennas muito grandes, mas não tem n’ellas tanta penugem como as da Alemanha; os seus ovos não são redondos, nem tamanhos como os da Africa. Estas aves fazem os ninhos no chão, onde criam; e mantem os filhos com cobras, e outros bichos que tomam, e com frutas do campo; as quaes não voam levantadas do chão, correm em pulos, com as azas abertas; tomam-nas os indios a corço; e tanto as seguem, até que as cançam, e de cançadas as tomam. Tem estas aves as pernas e pescoço compridos, cuja carne é dura, mas muito gostosa; das pennas se aproveita o gentio, e fazem d’ellas uma roda de penachos, que pelas suas festas trazem nas costas, que tem em muita estima.

†**Nhanduabijú** ([1587] 1851: 271): ‘Criam-se na Bahia outros bichos da feição dos lacraós, a que os indios chamam nhanduabijú, os quaes tem o corpo tamanho como um rato, e duas bocas tamanhas como de lagosta; os quaes são todos cheios de pello, e muito peçonhentos, cujas mordeduras são mui perigosas; e criam-se em tocas de arvores velhas no podre dellas’.

†**Nhanduaçú** ([1587] 1851: 270): ‘Na Bahia se cria muita diversidade de aranhas, e tão estranhas que convem declarar a natureza de algumas. E peguemos logo nas a que chamam nhanduaçú, as quaes são tamanhas como grandes caranguejos, e muito cabelludas e peçonhentas; remetem á gente de salto, e tem os dentes tamanhos como ratos, cujas mordeduras são mui perigozas; e criam-se em páos podres, no concavo delles, e no povoado em paredes velhas’.

Nhanduí ([1587] 1851: 270): ‘Ha outra casta de aranhas, a que os indios chamam nhanduí, que são as acostumadas em toda a parte de que se criam tantas no Brazil, com a humidade da terra que, se não alimpam as cazas muitas vezes, não ha quem se defenda dellas. Estas fazem um bolso na barriga muito alvo, que parece de longe algodão. Que é do tamanho de dous reales, e de quatro, e de oito reales, em o qual bolso criam mais de duzentas aranhas; e como podem viver sem a mão largam o bolso de si com ellas, e cada uma vai fazer seu ninho; e como esta sevandija é tão nojenta, escusamos de dizer mais della’.

Nhapupé ([1587] 1851: 236): ‘Nhapupé é uma ave do tamanho de uma franga, de côr aleonada, tem os pés como gallinha, a qual anda sempre pelo chão, onde cria e poem muitos ovos de fina côr aleonada, cuja carne é dura, e come-se cozida’.

‡**Nhatium-açú** ([1587] 1851: 242): ‘Ha outra casta de mosquitos, a que os indios chamam nhatium-açú; estes são de pernas compridas, e mordem e zunem pontualmente como os que ha em Hespanha, que entram nas casas onde não ha fogo; de que todos são inimigos’.

Nhitinga ([1587] 1851: 241): ‘Digamos logo dos mosquitos, a que chamam nhitinga; e são muito pequenos e da feição das moscas; os quaes não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Estes são amigos das chagas, e chupam-lhe a

- peçonha que tem; e se vão pôr em qualquer cossadura de pessoa sã, deixam-lhe a peçonha nella, do que se vem muitas pessoas a encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as indias, que andam nuas, mormente quando andam sujas do seu costume’.
- ***Oacaoam** ([1587] 1851: 232): ‘Oacaoam são passaros tamanhos como gallinhas, tem a cabeça grande, e bico preto voltado para baixo, a barriga branca, o peito vermelho, o pescoço branco, as costas pardas, o rabo e azas pretas e brancas. Estes passaros comem cobras que tomam, e quando fallam se nomeam pelo seu nome; em os ouvindo, as cobras lhes fogem, por que lhe não escapam; com as quaes mantem os filhos. E quando o gentio vai de noite pelo mato que se teme das cobras vai arremedando estes passaros para as cobras fugirem’.
- ‡**Oacaré** ([1587] 1851: 299): ‘Ha outros buzios, que se criam na arêa, a que os indios chamam oacaré, que são muito lizos, e pintados por fóra, os quaes tem grande miolo, e sobre o tezo. Estes buzios são os com que as mulheres burnem e assentam as costuras’.
- Oapuaçú** ([1587] 1851: 298): ‘Tambem se criam na arêa outros buzios de tres quinas, a que os indios chamam oapuaçú, que são tamanhos como uma pinha e maiores; e no que a boca abre para fóra são mui formosos, cujo miolo é grande e saboroso, sobre o tezo, onde tem uma tripa cheia de arêa; tambem servem de buzinas aos indios’.
- ***Oaquari** ([1587] 1851: 302): ‘Cria-se nestes rios outro peixe, a que os indios chamam oaquari, que são tamanho e feição das choupas de Portugal, mas tem o rabo agudo, a cabeça mettida nos hombros e duas pontas como cornos; e tem a pelle grossa, a qual os indios tem por contrapeçonha para mordedura de cobras e outros bichos, o qual se toma á cana’.
- Oatapú** ([1587] 1851: 298): ‘Ha outros buzios, a que os indios chamam oatapú, que são tamanhos como uma grande cidra, e ponteagudos no fundo, e roliços com grande boca; estes tem grande miolo bom para comer, e algum tanto tezo, o qual tem uma tripa cheia de arêa, que se lhe tira bem. A estes buzios furam os indios pelo pé por tangerem com elles, e não ha barco que não tenha um, nem casa de indios onde não haja tres e quatro, com que tangem, os quaes soam muito mais que as buzinas; e criam-se estes buzios na area’.
- ***Oitibó** ([1587] 1851: 233): ‘Ha outros passaros pardos, a que os indios chamam oitibó, com que tem grande agouro; os quaes andam ordinariamente gritando oitibó, e de dia não os vê ninguém; e mantem-se das frutas e folhas de arvores, onde lhe amanhece’.
- Orú** ([1587] 1851: 237): ‘Orús são umas aves tamanhas como papagaios, de côr preta e o bico revoltado; criam em arvores altas, e quando tem filhos nos ninhos remetem aos indios, que lh’os querem tomar; estas aves tem grande peito cheio de titellas, as quaes e a mais carne são muito tenras e saborosas como gallinha’.
- Paca** ([1587] 1851: 253): ‘Criam-se nestes matos uns animaes, a que os indios chamam pacas, que são do tamanho de leitões de seis mezes, tem a barriga grande, e os pés e mãos curtos, as unhas como cachorros, a cabeça como lebre, o pello muito macio, raiado de preto e branco ao comprido do corpo; tem o rabo muito comprido, correm pouco. As femeas parem duas e tres crianças, comem frutas e herba, criam em covas. Tomam-se com cães, e com armadilhas, a que chamam mondeos; são algumas vezes muito gordos, e tem a banha como porco; cuja carne é muito sadia e gostosa, assim assada como cozida: pella-se como leitão sem se esfolar, e assada faz couros como leitão, e de toda a maneira é muito boa carne’.
- ***Panamá** ([1587] 1851: 239): ‘Ha outra casta de borboletas grandes, umas brancas, e outras amarellas, e outras pintadas, muito formosas á vista, a que os indios chamam panamá, as quaes vem ás vezes de passagem no verão em tanta multidão, que cobrem o ar, e põem logo todo um dia em passar por cima da cidade do Salvador á outra banda da Bahia, que são nove ou dez legoas de passagem. Estas borboletas fazem muito damno aos algodões quando estam em flôr’.
- Panapaná** ([1587] 1851: 286): ‘Panapaná é uma casta de cações, que em tudo o parecem, se não quanto tem na ponta do focinho uma roda de meio compasso, de palmo e meio e de dous palmos, o qual peixe tem grandes figados como tubarões; e os grandes tomam-se com anzoes de cadêa, os pequenos á linha e em redes de mistura com o outro peixe; comem-seos grandes seccos em tassalhos, e os pequenos frescos; e são muitos gostosos e leves, frescos e seccos’.
- Paratí** ([1587] 1851: 289): ‘E comecemos logo do principal, que são as tainhas, a que os indios chamam paratís, de que ha infinidade dellas na Bahia; com as quaes sêcas se mantem os engenhos, e a gente dos navios do Reino, de que fazem matalotagem para o mar. Estas tainhas se tomam em redes, porque andam sempre em cardumes; e andam na Bahia ordinariamente a ellas mais de cincoenta redes de pescar; e são estas tainhas, nem mais nem menos, como as de Hespanha, mas muito mais gostosas e gordas, das quaes sahem logo em um lanço tres, quatro mil tainhas, que tambem tem boas ovas. E de noite, com aguas vivas, as tomam os indios com umas redinhas de mão, que chamam puçás, que vão atadas em uma vara arcada; e ajuntam-se muitos indios, e tapam a boca de um esteiro com varas e rama, e como a maré está cheia tapam-lhe a porta; e põem-lhe as redinhas ao longo da tapagem, quando a maré vaza, e outros batem na agua no cabo do esteiro, para que se venham todas abaixo a meter nas redes: e d’esta maneira carregam uma canoa de tainhas, e de outro peixe que entra no esteiro’.
- ***Payrary** ([1587] 1851: 228): ‘Payrary é uma ave do tamanho, côr e feição das rolas, as quaes criam no chão em ninhos, em que põem dous ovos, e toman-nos em redes, e amañam-nas em casa de maneira que criam como pombas, as quaes tem o peito muito cheio, e boa carne’.
- ‡**Pequitinim** ([1587] 1851: 293): ‘Pequitinins são uns peixinhos muito pequeninos que se tomam em poças d’agua,

- onde ficam como [sic] a maré vazia, e são tamaninos que os índios assam mil juntos, embrulhados em umas folhas debaixo do borralho, e ficam depois de assados todos pegados á feição de uma maçaroca’.
- Perigoa** ([1587] 1851: 298): ‘Perigoas são outros buzios, que se criam na arêa, tamanhos como nozes e maiores; são brancos, cheios de bichos muito bem afeiçoados, os quaes tem um miolo dentro, que cozidos e assados, se lhes tira com a mão muito bem; e tem uma tripa cheia de arêa facil de tirar. Este marisco é de muito gosto e leve, de que ha muita somma. E com tormenta lança-os o mar fóra nas enseadas’.
- †**Pexarorem** ([1587] 1851: 236): ‘Pexarorem são uns passarinhos todos pretos tamanhos como calhandros, que andam sempre por cima das arvores, mas comem no chão bichinhos e cantam muito bem’.
- ***Piábâ** ([1587] 1851: 302): ‘Tomam-se n’estes rios á cana outros peixes a que os índios chamam piábâ, que são pequenos, da feição dos pachões do rio de Lisboa, o qual é muito saboroso e de poucas espinhas’.
- ***Picaçu** ([1587] 1851: 228): ‘Picaçu é como pomba brava, mais pequena alguma cousa; tem a côr cinzenta, os pés vermelhos; cria no chão, onde põem dous ovos; tem o peito e carne mui saborosa’.
- ***Pindá** ([1587] 1851: 299): ‘Pindá chamam os índios aos ouriços que se criam no mar da Bahia, que são como os da costa de Portugal, os quaes se criam em pedras; e não usa ninguem delles para se comerem, nem para outra cousa alguma que aproveite para nada’.
- ***Piquepeba** ([1587] 1851: 228): ‘Ha outras aves, a que os índios chamam piquepebas, que são da feição das rolas, e da mesma côr, mas são mais pequenas, e tem as pernas vermelhas e o bico preto; estas andam sempre pelo chão, onde criam, e põem dous ovos; as quaes o mais do tempo andam esgaravatando a terra com o bico, buscando umas pedrinhas brancas de que se mantem’.
- ‡**Piraçaquem** ([1587] 1851: 290): ‘Piraçaquem é um peixe da feição dos safios de Portugal, o qual não tem escama; morre á linha em todo o anno; é peixe saboroso, e muito leve para doentes’.
- ***Piracuca** ([1587] 1851: 287): ‘Piracuca cham os índios as garoupas, que são como as das Ilhas, mas muito maiores; tomam-se á linha, tem o peixe molle, mas em fresco é saboroso e sadio, e secco tambem’.
- Piranha** ([1587] 1851: 301): ‘Piranha quer dizer tesoura: é peixe de rios grandes, e onde o ha, é muito; e é da feição dos sargos, e maior, de côr mui prateada; este peixe é muito gordo e gostoso, e toma-se á linha; mas tem taes dentes que corta o anzol cerceo; pelo que os índios se não atrevem a meter n’agoa onde ha este peixe; porque remete a elles muito e morde-os cruelmente; se lhes alcançam os genitães, leva-lhos cerceos, e o mesmo faz á caça que atravessa os rios onde este peixe anda’.
- ***Pirapicú** ([1587] 1851: 279): ‘Entram na Bahia, no tempo das balêas, outros peixes muito grandes, a que os índios chamam pirapicú, e os Portuguezes espadartes, os quaes tem grandes brigas com as balêas, e fazem tamanho estrondo quando pelejam, levantando sobre a agua tamanho vulto e tanta d’ella para cima, que parece de longe um navio á vella; o que se vê de tres e quatro leguas de espaço, e com esta revolta, em que andam, fazem grande espanto ao outro peixe miudo; com o que foge para os rios e reconcavos da Bahia’.
- †**Pirapuã** ([1587] 1851: 278): ‘Entendo que cabe a este primeiro capitulo dizemos das baleas que entram na Bahia, (como do maior peixe do mar d’ella) a que os índios chamam pirapuã; das quaes entram na Bahia muitas em o mez de Maio, que é o primeiro do inverno n’aquellas partes, onde andam até o fim de Dezembro que se vão: e n’este tempo de inverno, que reina até o mez de Agosto, parem as femeas á abrigada da terra da Bahia, pela tormenta que faz no mar largo, e trazem aqui os filhos, depois que parem, tres e quatro mezes, que elles tem disposição para seguirem as mãis pelo mar largo; e n’este tempo tornam as femeas a emprenhar, em a qual obra fazem grandes estrondos no mar. E em quanto as baleas andam na Bahia, foge o peixe do meio d’ella para os baixos e reconcavos onde ellas não podem andar, as quaes ás vezes pelo irem seguindo dão em secco, como aconteceu no rio de Pirajá o anno de 1580, que ficaram n’este rio duas em secco, macho e femea, as quaes foi ver quem quiz; e eu mandei medir a femea, que estava inteira, e tinha do rabo até a cabeça setenta e tres palmos de comprido, e dezassete de alto, fóra o que tinha mettido pela vasa, em que estava assentada; o macho era sem comparação maior, o que se não pôde medir, por a este tempo estar já despido da carne, que lhe tinham levado para azeite; a femea tinha a boca tamanha que vi estar um negro mettido entre um queixo e outro, cortando com um machado no beicho debaixo com ambas as mãos, sem tocar no beicho de cima; e a borda do beicho era tão grossa como um barril de seis almudes; e o beicho debaixo sahia para fóra mais que o de cima, tanto que se podia arrumar de cada banda n’elle um quarto de meação; a qual balêa estava prenhe, e tiraram-lhe de dentro um filho tamanho como um barco de trinta palmos de quilha; e se fez em ambas de duas tanto azeite que fãrtaram a terra d’elle dous annos. Quando estas balêas andam na Bahia acompanham-se em bandos de dez, doze juntas, e fazem grande temor aos que navegam por ella em barcos, porque andam urrando, e em saltos, lançando a agua mui alta para cima; e já aconteceu por vezes espedaçarem barcos, em que deram com o rabo, e mataram a gente d’elles’.
- ‡**Piraquira** ([1587] 1851: 292): ‘Piraquiras são uns peixinhos como os peixes reis de Portugal, e como as ruivacas de agua doce, os quaes se tomam na agua salgada em camboas, que são umas cercas de pedra ensoça onde se estes peixinhos vem recolher fugindo do peixe grande, e ficam com a maré vazia dentro nas poças, onde se enchem balaios delles: e em certo tempo trazem os índios d’estes lugares sacos cheios d’estes peixinhos’.
- ‡**Piraquiroã¹** ([1587] 1851: 284): ‘Ha outro peixe a que os índios chamam piraquiroã, que são como os corcovados de Portugal, que se tomam á linha, os quaes são muito estimados; porque, como são gordos, são muito saborosos em extremo’.
- ‡**Piraquiroã²** ([1587] 1851: 292): ‘Piraquiroã é um peixe da feição de um ouriço cacheiro, todos cheios de espinhos tamanhos como alfinetes grandes, os quaes tem pegados na pelle por duas pontas com que estam arreiga-

- dos; tomam-se em redes; os quaes andam sempre ao longo da arêa no fundo; a quem os indios esfolam, e comem-lhe a carne’.
- ‡**Pitaoão** ([1587] 1851: 231): ‘Pitaoão são passarinhos do tamanho e côr dos canarios, e tem uma corôa branca na cabeça; fazem grandes ninhos nos mangues, ao longo dos rios salgados, onde poem dous ovos; e mantem-se dos peixinhos que alcançam por sua lança’.
- Pium** ([1587] 1851: 242): ‘Pium é outra casta de mosquitos tamanhos como pulgas grandes com azas; e em chegando estes á carne, logo sangram sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborracham; os quaes estão cheios de sangue; cuja mordedura causa muita comichão depois, e quer-se espremida do sangue por não fazer guadelhão na carne’.
- Pojujî** ([1587] 1851: 281): ‘Por tempo de calma apparecem no mar da Bahia toninhas, a que os indios chamam pojujî, das quaes tambem foge o peixe miudo para os reconcavos; mas não se faz conta d’ellas para as matarem, em nenhum tempo’.
- Potim** ([1587] 1851: 303): ‘Tambem se criam n’estes rios e mui diversos camarões, dos quaes diremos o que foi possivel chegar á nossa noticia; começando primeiro dos mais geraes, que os indios chamam potim, que são muitos, do tamanho dos grandes de Lisboa, mas são mais grossos e tem as barbas curtas, os quaes se criam entre as pedras das ribeiras e entre as raizes das arvores, que vizinham com a agua, e em quaesquer hervas que se criam na agua; de que os indios se aproveitam tomando-os ás mãos; e são muito saborosos’.
- †**Potipema** ([1587] 1851: 293): ‘Potipemas chamam os indios aos camarões, que são como os de villa Franca, os quaes tem as unhas curtas, as barbas compridas, e são esborrachados na feição: tem a casca branda e são mui saborosos; criam-se estes nos esteiros d’agua salgada, e tomam-se em redinhas de mão, e nas redes grandes de pescar vem de mistura com o outro peixe’.
- Potiquequiâ** ([1587] 1851: 293): ‘Aos lagostins chama o gentio potiquequiâ: os quaes são da maneira das lagostas, mas mais pequenos alguma cousa, e em tudo o mais têm a mesma feição e feitio; e criam-se nas concavidades dos arrecifes, onde se tomam em conjunção das aguas vivas muitos; e em seu tempo, que é nas marés da lua nova, estão melhores que na lua cheia, em a qual estão cheios de coraes muito grandes as femeas, e os machos muito gordos; e para se tomarem bem estes lagostins, ha de ser de noite com fochos de fogo’.
- Potiuacú** ([1587] 1851: 303): ‘Potiuacú são uns camarões que se criam nas cavidades das ribeiras, e tem tamanho corpo como os lagostins, e o pescoço da mesma maneira; tem a casca nedia e as pernas curtas, os quaes criam coraes em certo tempo, e em outro tem o casco gordo como lagostas, que se tambem tomam ás mãos, e são muito saborosos; e estes e os mais não são nada carregados’.
- ‡**Queiroá** ([1587] 1851: 259): ‘Acham-se outros bichos pelo mato a que os indios chamam queiroá, que são, nem mais nem menos, como ouriços cacheiros de Portugal, da mesma feição, e com os mesmos espinhos: e criam em covas debaixo do chão; mantem-se de minhocas e de frutas que cahem das arvores, cuja carne os indios não comem’.
- Querejuá** ([1587] 1851: 236): ‘Querejuá são uns passarinhos todos azues de côr finissima, que andam sempre por cima das arvores, onde criam e se mantem com o fruto d’ellas, e cantam muito bem’.
- †**Querico** ([1587] 1851: 302): ‘Querico é um outro peixe de agua doce da feição das savelhas, e tem as mesmas espinhas e muitas, e é estimado e saboroso, o qual peixe se toma á linha’.
- ***Sabiá-coca** ([1587] 1851: 236): ‘Criam-se em arvores baixas em ninhos outros passaros, a que o gentio chama sabiá coca, que são todos aleonados muito formosos, os quaes cantam muito bem’.
- †**Sabiápitanga** ([1587] 1851: 232): ‘Sabiápitanga são uns passaros pardos como pardaes, que andam pelos monturos, e correm pelo chão com muita ligeireza, e mantem-se da mandioca que furtam dos indios quando está a curtir; os quaes criam em ninhos em arvores’.
- ***Sabiátínga** ([1587] 1851: 234): ‘Sabiátínga são uns passarinhos brancos, que tem as pontas das azas pretas, e as do rabo que tem compridas, os quaes criam em ninhos que fazem nas arvores, mantem-se das pimentas que buscam; de cujo feitio se criam pelo campo muitas pimenteiras’.
- ***Sabiáuna** ([1587] 1851: 237): ‘Sabiáuna são uns passarinhos pretos, que andam sempre entre arvoredos; comem frutas e bichinhos, criam nas arvores em ninhos de palha’.
- Sacurauna** ([1587] 1851: 299): ‘Sacurauna é outra casta de buzios, que se criam na arêa, tamanhos como peras pardas, que são asperos por fóra, e tem grande miolo, mas sobre o duro, e tambem tem tripa de arêa’.
- Saguim**¹ ([1587] 1851: 254): ‘Saguins são bogios pequeninos muito felpudos e de cabelo macio, raiados de pardo e preto e branco; tem o rabo comprido e muita felpa no pescoço. A qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos; e criam-se em casa, se os tomam novos, onde se fazem muito domesticos; os quaes criam nas tocas das arvores, e mantem-se do fruto dellas, e das aranhas que tomam’.
- Saguim**² ([1587] 1851: 254): ‘Do Rio de Janeiro vem outros saguins da feição d’estes de cima, que tem o peito amarello muito macio, que cheiram muito bem; os quaes e os de traz são muito mimosos, e morrem em casa, de qualquer frio, e das aranhas de casa; que são mais peçonhentas que as das arvores, onde andam sempre saltando de ramo em ramo’.
- †**Saianhangá** ([1587] 1851: 255): ‘Ha nos matos da Bahia outros bogios, a que os indios chamam saianhangá, que quer dizer bogio diabo, que são muito grandes, e não andam senão de noite: são da feição dos outros, e criam em concavos de arvores: mantem-se de frutas silvestre; e o gentio tem agouro nelles, e como os ouvem gritar, dizem que hade morrer algum’.
- ‡**Sapicaretá** ([1587] 1851: 303): ‘Tambem se criam na [sic] pedras d’estes rios caramujos maiores que os do mar

- e compridos, a que os índios chamam sapicaretá’.
- †**Saracoma** ([1587] 1851: 240): ‘Saracoma são outras abelhas pequenas que fazem seu gazalhado entre folhas das arvores, onde não criam mais que sete ou oito juntas; e fazem alli seu favo, em que criam mel muito bom e alvo; estas mordem rijamente, e dobram umas folhas sobre outras, que tecem com uns fios como aranhas, onde tem os favos’.
- Saracura** ([1587] 1851: 236): ‘Saracura é uma ave tamanha como gallinha, de côr aleonada, que tem as pernas muito compridas, e o pescoço e bico comprido; cria no chão, onde chega a maré de aguas vivas, que se mistura com agua doce; as quaes não andam pelo salgado, nem pelo mato grande, mas ao longo d’elle: de noite cacarea como perdiz; e tem o peito cheio de titellas tenras, e a mais carne é boa também’.
- ***Sarará** ([1587] 1851: 238): ‘As borboletas a que chamam mariposas, chamão os índios sarará; as quaes andam de noite de redor das candeias, maiormente em casas palhoças do mato, e em noites de escuro; e são tão perluxas ás vezes que não ha quem se valha com ellas, porque se vem ao rosto e dão enfadamento ás ceas, porque se põem no comer, e não deixam as candeias dar seu lume, o que acontece em povoado’.
- ***Sarnambitinga** ([1587] 1851: 297): ‘Dos berbigões ha grande multidão na Bahia, nas praias de area, a que os índios chamam sarnambitinga, que são da mesma feição dos de Lisboa, mas tem a casca mais grossa, e são mais pequenos; comem-se abertos no fogo, e são mui gostosos, e tambem crus; mas tem um certo sabor, que requeima algum tanto na lingoa’.
- Saviá¹** ([1587] 1851: 255): ‘Pelo sertão ha uns bichos a que os índios chamam saviá, e são tamanhos como laparos; tem o rabo comprido o cabello como lebre; criam em covas no chão; mantem-se das frutas silvestres; tomam-nos em armadilhas, cuja carne é muito estimada de toda a pessoa, por ser muito saborosa, e parece-se com a dos coelhos’.
- Saviá²** ([1587] 1851: 256): ‘Aos ratos das casas chamam os índios saviá, onde se criam infinidade delles, os quaes são muito damninhos, e de dia andam pelo mato, e de noite vem-se meter nas casas’.
- †**Saviácoca** ([1587] 1851: 255): ‘No mesmo sertão ha outros bichos da feição de ratos, tamanhos como coelhos, a que os índios chamam saviácoca, que tem o cabello vermelho; criam em covas, e mantem-se da fruta do mato; cuja carne é como de coelhos’.
- †**Saviátínga** ([1587] 1851: 255): ‘Mais pela terra dentro ha outros bichos da feição de ratos, mas tamanhos como coelhos, com o cabello branco, a que os índios chamam saviátínga, os quaes criam em covas, e comem frutas; cuja carne é muito boa, sadia e saborosa’.
- †**Sayubui** ([1587] 1851: 235): ‘Ha outros passarnhos pequenos todos vestidos de azul, côr muito subida, aos quaes os índios chamam sayubui, que tem o bico preto, e crião em arvores, e mantem-se dos bichinhos da terra’.
- ***Senembú** ([1587] 1851: 265): ‘No mato se criam outros lagartos, a que os índios chamam senembús, que tambem são muito grandes, mas não tamanhos como os jacarés; estes remetem a gente, e criam-se nos troncos das arvores; cuja carne é muito boa e saborosa’.
- Seri** ([1587] 1851: 295): ‘Ha outros caranguejos, a que os índios chamam serizes, que tem outra feição mais natural com os caranguejos de Portugal, nas são muito maiores, e tem as duas bocas mais compridas e grandes, e os braços delles quadrados, em o que tem muito que comer. Estes desovam em cada lua nova, em a qual as femeas tem grandes coraes vermelhos, e os machos os tem brancos, e estão muito gordos; os quaes, uns e outros, tem muito que comer, e em todo o tempo são muito gostosos e sadios: criam-se na praia d’arêa dentro na agua, onde os tomam ás mãos, quando a maré enche, e não tem fel como os ussás’.
- Serigoé** ([1587] 1851: 248): ‘Serigoé é um bicho do tamanho de um gato grande, de côr preta e alguns ruivaços; tem o focinho comprido, e o rabo, em o qual, nem na cabeça, não tem cabello; as femeas tem na barriga um bolso em que trazem os filhos metidos, emquanto são pequenos, e parem quatro e cinco; tem as tetas junto do bolso, onde os filhos mamam; e quando emprenham geram os filhos n’este bolso, que está fechado; e se abre quando parem; onde trazem os filhos até que podem andar com a mãe, que se lhe fecha o bolso. Vivem estes de rapina, e andam pelo chão, escondidos espreitando as aves, e em povoado as gallinhas; e são tão ligeiros que lhes não escapam’.
- ***Sernambi** ([1587] 1851: 297): ‘Na Bahia se criam outras sortes de marisco miudo debaixo da arêa. Primeiramente sernambis é marisco que se cria na vasa, que são como as ameijoas grandes de Lisboa; mas tem a casca muito redonda e grossa, e tem dentro grande miolo de côr pardaça, que se come assado e cozido, mas o melhor d’este marisco é frito; por que se lhe gasta no fogo a muita reima que tem, e um cheiro fortum que assado e cozido tem; de de toda a maneira este marisco é prezado’.
- ***Sijá** ([1587] 1851: 235): ‘Ha outros passaros que os índios chamam sijá, que são tamanhos como papagaios todos verdes, e o bico revoltado para baixo, os quaes criam em tocas de arvores, de cuja fructa se mantem’.
- ‡**Soca¹** ([1587] 1851: 268): ‘Soca chamam os índios á lagarta, que é tamanha como bichos de seda, quando querem morrer que estão gordos, a qual se cria de borboletas grandes que vão de passagem. Ás vezes se cria essa lagarta com muita agua e morre como faz sol, outras vezes se cria com grande secca e morre quando chove. Uma e outra destroe as novidades de mandioca, algodão, arroz; e faz mal á cana nova de assucar, e ás vezes é tanta esta lagarta que vão as estradas cheias dellas, e deixam o caminho varrido de herva, e escaldado. E quando dão nas roças da mandiosa chaseam de maneira que se ouve um tiro de pedra, ás quaes comem os olhinhos novos, e depois as outras folhas; e muitas vezes é tanta que comem dos ramos da mandioca; e se se não muda o tempo, destroem as novidades de maneira que causa haver fome na terra, e o chão por onde esta praga passa, ainda que seja mato, fica escaldado de maneira que não cria herva em dous annos’.

- ‡*Soca*² ([1587] 1851: 269): ‘Nos limoeiros e em outras arvores naturaes da terra se criam outras lagartas verdes, todas cobertas de esgalhos verdes, muito sutis e de estranho feitio, tão delgados como cabellos da cabeça, o que é impossivel poder-se contrafazer com pintura; estas tem os indios por mais peçonhentas de todas, e fogem muito dellas; e afirmam que fazem secar os ramos das arvores por onde passam com lhes morderem os olhos’.
- ‡*Soca*³ ([1587] 1851: 269): ‘Em outras arvores que se chamam cajuzeiros, se criam umas lagartas ruivaças, tamanhas como as das couves em Portugal, todas cobertas de pello, as quaes como sentem gente debaixo, sacodem este pello de si, e na carne onde chega, se levanta logo tamanha comichão que é peor que a das ortigas, o que dura todo um dia: e criam-se estas nos ramos velhos’.
- ‡*Socauna* ([1587] 1851: 269): ‘Ha outras mais pequenas que as de traz [*soca*], que são pretas, de côr muito fina, todas cheias de pello tão macio como veludo, e tão peçonhento, que faz inchar a carne se lhe tocam, com cujo pello os indios fazem crescer a natura; e chamam a estas socauna’.
- Socorî* ([1587] 1851: 286): ‘Aos cações chamam os indios socorî, do que ha muitos na Bahia, que se tomam á linha e com redes; e os pequenos são mui leves e saborosos; e uns e outros não tem na feição nenhuma differença dos que andam e se tomam em Hespanha’.
- †*Socóry* ([1587] 1851: 231): ‘Ha umas aves como garcetas, a que os indios chamam socóry, que tem as pernas compridas e amarellas, o pescoço longo, o peito pintado de branco e pardo, e todo o mais pardo; criam em terra no chão, perto da agua salgada, aonde se mantem do peixe que n’elle tomam, e de caranguejos dos mangues’.
- **Sororoca* ([1587] 1851: 288): ‘Sororocas são outros peixes da feição e tamanho dos chicharros, que vem no verão d’arribação á Bahia, e apoz elles as cavallas de que dissemos atraz; morrem á linha e são de pouca estima’.
- Suaçú* ([1587] 1851: 246): ‘Criam-se nos matos d’esta Bahia muitos veados, a que os Indios chamam suaçú, que são ruivos e tamanhos como cabras; os quaes não tem cornos nem sebo, como os de Hespanha. Correm muito; as femeas parem uma só criança. Tomam-nos em armadilhas, e com cães; cuja carne é sobre o duro, mas saborosa: as pelles são muito boas para botas, as quaes se curtem com casca de mangues; e fazem-se mais brandas que as dos veados de Hespanha. Mais para terra dentro pelas campinas se criam outros veados brancos que tem cornos, que não são tamanhos como os de Hespanha; mas são muito maiores que os primeiros: os quaes andam em bandos como cabras, e tem a mesma qualidade das que se criam perto do mar’.
- Suaçupára* ([1587] 1851: 246): ‘Entrando pelo mato além das campinas, na terra dos Tabajáras, se criam uns veados ruivaços, maiores que os de Hespanha, e de maior cornadura. Dos quaes se acha armação pelo mato de cinco e seis palmos de alto, e de muitos galhos: os quaes mudam os cornos como os de Hespanha, e tem as pelles muito grossas, e não tem nenhum sebo; as femeas parem uma sí criança, ás quaes os indios chamam suaçupára, cuja carne é muito boa; os quaes matam em armadilhas, em que os tomam, ás flexadas’.
- Suçarana* ([1587] 1851: 246): ‘Ha outra alimaria, a quem o gentio chama suçarana, que é do tamanho de um rafeiro, tem o cabelo comprido e macio, o rabo como cão, o rosto carrancudo, as mãos como rafeiro, mas tem maiores unhas e mui agudas e voltadas; vivem de rapina, tem muita ligeireza para correr e saltar; e são semelhantes na rapina ao lobo, a matam os indios se as podem alcançar, e pela terra dentro as ha muito maiores que na visinhança do mar. Para os indios matarem estas alimarias esperam-nas em cima das arvores, dende as flexam, e lhe comem a carne; as quaes não tem mais que uma só tripa’.
- Sucuriú* ([1587] 1851: 261): ‘Sucuriú é outra casta de cobras, que andam sempre na agua, e não sahem a terra: são muito grandes, tem as escamas pardas e brancas, das quaes matam os indios muitas de quarenta e cincoenta palmos de comprido. Estas engolem um porco d’agua, cuja carne os indios e alguns Portuguezes comem, e dizem ser muito gostosa’.
- **Suiriri* ([1587] 1851: 232): ‘quando [os carácaras] as levam [lagartixas] no bico vão apoz elles uns passarinhos, que chamam suiriri, para que as larguem; e vão-nos picando, até que de perseguidos se poem no chão, com a lagartixa debaixo dos pés, para a defender’. ([1587] 1851: 235): ‘Suiriri são uns passarinhos como chamarizes, que criam em ninhos nas arvores, os quaes se mantem com bichinhos e formigas, das que tem azas, a que em Portugal chamam agudes¹⁰⁸; estes se criam em gaiolas, onde cantam muito bem, mas não dobram muito quando cantam’.
- ‡*Surajú* ([1587] 1851: 271): ‘Surajú chamam os indios a um bicho como os lacráos de Portugal, mas são tamanhos como camarões, e tem duas bocas compridas; e se mordem uma pessoa, está atormentada com ardor vinte quatro horas, mas não periga’.
- Surucú* ([1587] 1851: 264): ‘Surucú são umas cobras muito grandes e brancas na côr, que andam pelas arvores, donde remettem á gente, e á caça que passa por junto d’ellas, as quaes tem os dentes tamanhos que quando mordem levam logo bocado de carne fóra. D’estas cobras são os indios muito amigos, e tomam-nas em umas armadilhas, que chamam mundeos; e se o macho acha ali a femea preza e morta, espera ali ao armador, com quem se cinge, e não o larga até que o mata: e torna a esperar ali até que venha outra pessoa, a quem morde sómente, e com esta vingança se vai d’aquelle lugar’.
- Sururú* ([1587] 1851: 297): ‘Criam-se na vasa da Bahia infinidade de mexilhões, a que os indios chamam sururús, que são da mesma feição e tamanho e sabor dos mexilhões de Lisboa, os quaes tem caranguejinhos dentro, e o mais que tem os de Lisboa; e com a mingunte da lua estão muito cheios’.
- Tabuiaíá* ([1587] 1851: 224): ‘Tabuiaíá é uma ave muito maior que pato; tem as pernas altas, os pés grossos, a côr

¹⁰⁸ *Agudes* ou *agúdias* – *Messor barbarus* (Linnaeus, 1767) (Formicidae).

- parda, o bico grosso e grande; tem sobre o bico, que é branco, uma maneira de crista vermelha, e sobre a cabeça umas pennas levantadas, como poupa. Criam em arvores altas, os ovos são como de patos, mantem-se de frutas do mato; cuja carne é dura, mas boa de comer’.
- † **Taciahi** ([1587] 1851: 275): ‘Outras formigas chamam os indios taciahi, que são grandes e pretas, e criam-se debaixo do chão; também norem muito, mas não se afastam muito do seu formigueiro’.
- ‡ **Tacibura** ([1587] 1851: 274): ‘Tacibura é outra casta de formigas, que são pequenas do corpo e tem grande cabeça, com dois corninhos nella; são pretas, e mordem muito, e criam-se nos páos podres que estão no chão, e mantem-se delles e da humidade que estes páos tem em si’.
- ‡ **Tacicema** ([1587] 1851: 274): ‘Ha outra casta, a que os indios chamam tacicema, que se criam nos mangues que estão com a maré cobertos de agua até o meio; as quaes são pequenas, e fazem ninhos na terra nestas arvores, obrados como favo de mel, onde criam; a qual terra vão buscar enxuta, quando a maré está vazia; e mantem-se dos olhos dos mangues e de ostrinhas que se nelles criam, e de uns caramujos¹⁰⁹ que se criam nas folhas d’estes mangues, que são da feição e natureza dos caracoes’.
- ‡ **Tacipitanga** ([1587] 1851: 275): ‘Tacipitanga é outra casta de formigas pequenas, as quaes não mordem, mas não ha quem possa defender dellas as cousas doces, nem outras de comer. Estas se criam pelas casas em lugares occultos que se não podem achar, mas como as cousas doces entram em casa, logo lhes dão assalto, com o que enfadam muito; e são muito certas em casas velhas, que tem as paredes de terra’.
- * **Tacupapirema** ([1587] 1851: 287): ‘Tacupapirema é um peixe que arremeda as corvinas de Hespanha, o qual morre no verão, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, e tem uma côr amarellaça em fresco, e tem a carne molle, e salprezo, faz-se em folhas como pescada, e é muito gostoso. Este peixe tem na cabeça metidas nos miolos duas pedras muito alvas do tamanho de um vintem, e morre a linha: so que ha muito por estes rios’.
- Tacura** ([1587] 1851: 238): ‘Comecemos logo dos gafanhotos, a que o gentio chama tacura, os quaes se criam na Bahia muito grandes, e andam muitas vezes em bandos, os quaes são da côr dos que ha em Hespanha, e ha outros pintados, outros verdes e de diferentes cores, e tem maiores azas que os de Hespanha, e quando voam abrem-nas como passaros e não são muito daninhos’.
- † **Tacuranda** ([1587] 1851: 238): ‘Ha outros bichos a que os indios chamam tacuranda, e em Portugal sandes, os quais são muito formosos, pintados e grandes, mas não fazem mal a nada’.
- Tajaçú** ([1587] 1851: 249): ‘Criam-se nos matos da Bahia porcos montezez, a que os indios chamam tajaçú, que são de côr parda e pequenos; tudo tem semelhantes com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma polegada; e tem embigo nas costas; as femeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas d’elle; onde os matam com cachorros e armadilhas, e ás flexadas; os quais não tem banha, nem toucinho, senão uma pelle viscosa; a carne é toda magra, mas saborosa, e carregada para quem não tem boa disposição’.
- Tajaçuté** ([1587] 1851: 250): ‘Tajaçuté é outra casta de porcos montezez que são maiores que os que fica dito [tajaçú e tajaçutirica], e tem toucinho como os montezez de Hespanha, e grandes prezas e o embigo nas costas, mas não são tão bravos e perigosos para os caçadores; os quaes os fazem levantar com os cachorros para os flexarem; e estes e os mais andam em bandos pelo mato, onde as femeas parem muitos filhos: e no tempo das frutas entram pelas aldêas dos indios e pelas casas; os quaes fazem muito damno nas roças e nos canaveaes de assucar. A estes porcos cheira o embigo muito mal; e se quando os matam lh’o não cortam logo, cheira-lhe a carne muito ao mato; e se lho cortam é muito saborosa’.
- Tajaçutirica** ([1587] 1851: 249): ‘Tajaçutirica é outra casta de porcos montezez maiores que os primeiros, que tem os dentes como os montezez de Hespanha; e os indios que os flexam, hão de ter prestes aonde se acolham, porque se não põem em salvo com muita presteza, não lhes escapam; os quaes são muito ligeiros e bravos, e tem também o embigo nas costas; e não tem banha, nem toucinho, mas a carne mais gostosa que os outros; e em tudo mais são como elles’.
- Tamandoá** ([1587] 1851: 247): ‘Tamandoá é um animal do tamanho de uma raposa, que tem o rosto como furão; a côr é preta, o rabo delgado na arreigada, e com o cabelo curto; e d’ahi para a ponta é muito felpudo, e tem n’ella os cabellos grossos como cavallo, e tamanhos e tantos que se cobre todo com elles quando dorme; tem as mãos como cães, com grandes unhas e muito voltadas, de que fazem apitos. Este bicho se mantem de formigas que toma da maneira seguinte: chega-se a um formigueiro; deita-se ao longo d’elle como morto, e lança-lhe a lingua fóra, que tem muito comprida, ao que acodem as formigas com muita pressa: e cobrem-lhe a lingua umas sobre outras; e como a sente bem cheia recolhe-a para dentro, e engole-as; o que faz até que não póde comer mais; cuja carne comem os indios velhos, que os mancebos tem nojo d’ella’.
- Tamoatá** ([1587] 1851: 301): ‘Tamoatás são outro peixe d’estes rios que se não escameam, por terem a casca mui grossa e dura, e que se lhes tira fóra inteira depois de assados ou cozidos, os quaes se tomam á linha; e é peixe miudo, muito gostoso e sadio’.
- Tapiruçu** ([1587] 1851: 243): ‘E começemos das antas (a que os indios chamam tapiruçu) por ser a maior alimaria que esta terra cria; as quaes são pardas, com o cabelo assentado, do tamanho de uma mulla, mas mais baixas das pernas; e tem as unhas fendidas como vacca, e o rabo muito curto, sem mais cabelo que nas ancas; e tem o focinho como mulla, e o beço de cima mais comprido que o debaixo, em que tem muita força. Não correm muito, e são pezadas para saltar; defendem-se estas alimarias no mato, com as mãos,

¹⁰⁹ Ver abaixo, sob *ticoerauna*.

das outras alimarias, com o que fazem damno aonde chegam; comem frutas silvestres eervas; parem uma só criança; e enquanto são pequenas são raiadas de preto e amarello tostado ao comprido do corpo, e são muito formosas; mas depois de grandes tornam-se pardas: e enquanto os filhos não andam, estão os machos por elles enquanto a fêmea vai buscar de comer. Matam-nas em fojos, em que cahem, ás flexadas. A carne é muito gostosa, como a de vacca, mas não tem sebo; e quer-se bem cozida, porque é dura; e tem o cacho como maça do peito de vacca; e no peito não tem nada. Os ossos d'estas alimarias queimados e dados a beber são bons para estancar camaras; as suas pelles são muito rijas, e em muitas partes as não passa flexa ainda que seja de bom braço, as quaes os Indios comem cozidas pegadas com a carne. D'estas pelles, se são bem cortidas, se fazem mui boas couraças, que as não passa estocada. Se tomam estas antas pequenas, criam-se em casa, onde se fazem muito domesticas, e tão mansas que comem as espinhas, e os ossos com os cachorros e gatos de mistura; e brincam todos juntos'.

***Tapiuja** ([1587] 1851: 239): 'Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamam tapiuja, que tambem são grandes, e criam em ninhos que fazem nas pontas dos ramos das arvores com barro, cuja abobada é tão subtil que não é mais grossa que papel. Estas abelheiras cretam tambem com fogo, a quem os indios comem as crianças, e ellas mordem muito'.

Tapotim ([1587] 1851: 255): 'Em toda a parte dos matos da Bahia se criam coelhos como os de Hespanha, mas não são tamanhos, a que os indios chamam tapotim; e todas as feições tem de coelhos, senão o rabo, porque o não tem; os quaes criam em covas, e as fêmeas parem muitos; cuja carne é como a dos coelhos, e muito saborosa'.

‡**Tapuçú** ([1587] 1851: 298): 'Tapuçú são uns buzios tamanhos de palmo e meio, que tem uma borda estendida para fóra no comprimento do buzio de um coto de largo, os quaes são algum tanto baixos, e tem um grande miolo; que os indios comem, mas é muito tezo; os quaes buzios servem aos indios de buzinas, e criam-se na arêa; e no miolo tem uma tripa cheia della, que se lhe tira muito facilmente'.

***Tapyrsiçá** ([1587] 1851: 283): 'Tapyrsiçá é outro peixe assim chamado pelos indios, em cuja lingua quer dizer olho de boi, pelo qual nome o nomeam os Portuguezes; este peixe é quasi da feição do beijupirá, senão quanto é mais barrigudo, o qual tem tambem grandes ovas e muito boas; e morre á linha, e é muito saboroso e de grande estima'.

***Taraíboia** ([1587] 1851: 261): 'Ha outra casta de cobras (que se criam nos rios, sem sahirem á terra, a que os indios chamam taraíboia, que são amarellas e muito compridas e grossas; as quaes se mantem de peixe que tomam nos rios, e são muito gordas e boas para comer'.

***Tareira**¹ ([1587] 1851: 289): 'Tareira quer dizer enxada, que é o nome que tem outro peixe que morre nas redes, que é quasi quadrado, muito delgado pela banda da barriga e grosso pelo lombo, o qual tambem nada de peralto, e é muito saboroso e leve'.

†**Tareira**² ([1587] 1851: 301): 'Tareira são peixes tamanhos como mugens, e maiores; mas são pretos, da côr dos exarrococ, e tem muitas espinhas, os quaes se tomam á linha nos rios de agua doce: tem boas ovas e nenhuma escama; do que ha grandes pescarias'.

***Tareoba** ([1587] 1851: 297): 'Em os baixos da arêa que tem a Bahia se cria outro marisco, a que os indios chamam tareobas, que são da feição e tamanho das ameijoas de Lisboa, e tem o mesmo gosto e sabor, assim cruas como abertas no fogo; as quaes se tiram de debaixo da arêa, e tem-se em casa na agua salgada vivas, quinze e vinte dias, as quaes, além de serem maravilhosas no sabor, são muito leves'.

Tarusân ([1587] 1851: 274): 'Ha outras formigas a que os indios chamam tarusân, que são ruivas, e tem o corpo tamanho como grão de trigo, e grande boca; as quaes são amigas das caixas, onde roem o fato que está nelas, e o que acham pelo chão; em o qual fazem labores, que parecem feito á tesoura, e succedeu muitas vezes terem os sapateiros o calçado feito, e ficar nas encospas no chão, onde lhe chegaram de noite, e quando veio pela manhã as acharam todas lavradas pela banda da flor, e a tinham toda abocanhada'.

***Tatuaçú** ([1587] 1851: 251): 'Tatuaçú é um animal estranho, cujo corpo é como um bacoro, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça, que é toda cheia de conchinhas; os olhos pequeninos, o rabo comprido cheio de laminas em redondo, que cavalga uma sobre outra; e tem o corpo todo coberto de conchas feitas em laminas, que atravessam o corpo todo, de que tem armado uma formosa coberta; e quando se este animal teme de outro, mette-se todo debaixo d'estas armas, sem lhe ficar nada de fóra, as quaes são muito fortes; tem as unhas grandes, com que fazem covas debaixo do chão, onde criam; e parem duas crianças. Mantem-se de frutas silvestres e minhocas, andam de vagar, e se cahem de costas, tem trabalho para se virar; e tem a barriga vermelhaça cheia de verrugas. Matam-nos os indios em armadilhas onde cahem; tiram-lhe o corpo inteiro fóra d'estas armas, que estendidas são tamanhas como uma adarga; cuja carne é muito gorda e saborosa, assim cozidas, como assada'.

***Tatúmerim** ([1587] 1851: 252): 'Ha uma casta de tatús pequenos da feição dos grandes, os quaes tem as mesmas manhas e condição; mas quando se temem de lhe fazerem mal, fazem-se em uma bola toda coberta em redondo com suas armas, onde ficam mettidos sem lhes apparecer cousa alguma; cuja carne é muito boa; comem e criam como os grandes. A estes chamam tatúmerim'.

***Tatúpeba** ([1587] 1851: 252): 'Tatúpeba é outra casta de tatús maiores que os communs, que ficam nesta addição acima, os quaes tem as conchas mais grossas, e são muito baixos das mãos e pernas, e tem-nas muito grossas, e são muito carrancudos; e andam sempre debaixo do chão como toupeiras, e não comem mais que minhocas; e em tudo o mais são semelhante aos de cima: e matam-nos os indios quando vêem bolir a terra;

- cuja carne é muito boa’.
- Taturama** ([1587] 1851: 239): ‘Ha outra casta de abelhas, maiores que as de Hespanha, a que os indios chamam taturama; estas criam nas arvores altas, fazendo seu ninho de barro ao longo do tronco dellas, e dentro criam seu mel em favos, o qual é baço, e ellas são pretas e muito crueis’.
- ‡**Terigoá** ([1587] 1851: 240): ‘Criam-se na Bahia muitas vespas, que mordem muito; em especial umas, a que chamam os indios terigoá, que se criam em ramos de arvores poucas juntas, e cobrem-se com uma capa que parece têa de aranha, donde fazem seu officio em sentindo gente’.
- ‡**Ticoarapuá** ([1587] 1851: 299): ‘Ha outros buzios, a que os indios chamam ticoarapuá, tamanhos como um ovo, com hum grande bico no fundo, e são muito alvos, lavrados em caracol por fóra: tem miolo grande com tripa como est’outros, que se lhes tira, o qual é muito saboroso; e se criam tambem na arêa; do que ha muita quantidade’.
- †**Ticoerauna** ([1587] 1851: 299): ‘Ticoerauna são uns buzios pequenos da feição de caramujos, pintados por fora, outros compridos, tambem pintados, que servem de tentos, os quaes se criam nas folhas dos mangues como caracoes; e cozidos tiram-se com alfinetes como caramujos, e são muito bons e saborosos’.
- Tiéjuba** ([1587] 1851: 235): ‘Tiéjuba são passarinhos pequenos que tem o corpo amarello, as azas verdes, o bico preto; criam em tocas de arvores, e mantem-se de pedrinhas que apanham pelo chão’.
- ***Tiépiranga** ([1587] 1851: 234): ‘Tiépiranga são passaros vermelhos do corpo, que tem as azas pretas, e são tamanhos como pintarroxos; criam em arvores, onde fazem seus ninhos; aos quais os indios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos’.
- Tijuaçú** ([1587] 1851: 266): ‘Criam-se no mato outros lagartos como os de cima, a que os indios chamam tijuaçú, os quaes são mansos, e criam em covas na terra, mantem-se de frutas que buscam pelo mato; cuja carne é havida por muito boa e saborosa’.
- ***Timuçú** ([1587] 1851: 288): ‘Chamam os indios ao peixe agulha timuçú, que morrem á linha no verão; e ha alguns de cinco, seis palmos de comprido: são muito gordos e de muitas espinhas, as quaes são muito verdes; e ha d’esta casta muitos peixes pequenos, de que fazem a isca para as cavallas’.
- †**Timuna** ([1587] 1851: 237): ‘Ha uns passarinhos pequenos todos pretos, a que os indios chamam timuna, que criam em ninhos de palha, mantem-se de frutas e minhocas’.
- †**Tiopurana** ([1587] 1851: 264): ‘Ha outra casta de cobras, a que os indios chamam tiopurana, que são de quarenta e cincoenta palmos de comprido, que não mordem nem fazem mal a gente nenhuma, e mantem-se da caça que toma. Estas tomam os indios ás mãos, quando são novas, e prendem-nas em casa, aonde as criam, e se fazem tão domesticas que vão buscar comer no mato e tornam-se para casa, cuja carne é muito saborosa’.
- ‡**Tôató** ([1587] 1851: 232): ‘Tôató é um passaro, que é na feição, na côr e no tamanho um gavião, e vive de rapina no mato; e em povoado não lhe escapa pintão que não tome, e criam em arvores altas’.
- Tucano** ([1587] 1851: 226): ‘Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, a das aza e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo de finissimo amarello, o qual os indios esfolam para forro de carapuças. Tem a cabeça pequena, o bico branco e amarello, muito grosso, e alguns são tão compridos como um palmo, e tão pesados que não podem com elle quando comem, porque tomam grande bocado, com o que viram o bico para cima, porque não póde o pesçoço com tamanho pezo, como têm. Criam estes passaros em arvores altas, e tomam-nos novos para se criarem em casa; os bravos matam os indios á flexa, para lhe esfolarem o peito, cuja carne é muito dura e magra’.
- Tuim** ([1587] 1851: 229): ‘Ha uns passarinhos todos verdes, que tem os pés e bico branco, a que os indios chamam tuim; tem o bico revoltado para baixo, e criam em arvores, em ninhos de palha, perto do mar e não os ha pelo sertão; os quaes andam em bandos: tomam-nos em novos para se criarem em casa, onde fallam muito claro e bem, e tem muita graça no que dizem’.
- Tunga** ([1587] 1851: 276): ‘Para se arrematar esta parte das informações dos bichos prejudiciaes, e de nenhum proveito que se criam na Bahia, convem que se diga que são estes bichos tão temidos em Portugal, que se metem nos pés da gente, a que os indios chamam tungas, os quaes são pretinhos, pouco maiores que ouções. Criam-se em casas despovoadas, como as pulgas em Portugal, e em casas sujas de negros que as não alimpam, e dos brancos que fazem o mesmo, mórmente se estam em terra solta e de muito pó, em os quaes lugares estes bichos saltam como pulgas nas pernas descalças; mas nos pés é a morada a que elles são mais inclinados, mórmente junto das unhas; e como estes bichos entram na carne, logo se sentem como picada de agulha. Ha alguns que doem ao entrar na carne, e ouros que fazem comichão como de frieiras; e não andam nas casas sobradadas, nem nas terreas que andam limpas, nem fazem mal, que aos outros homens não; porque em os sentindo os tiram logo com a ponta de um alfinete como quem tira um ouçãõ; e os que estam entre as unhas, doem muito ao tirar; porque estam metidos pela carne, os que se tiram em menos espaço de uma Ave Maria; e donde saem fica uma covinha, em que põem-lhe uns pós de cinza ou nada, e não se sente dôr nenhuma; mas os preguiçosos e sujos que nunca lavam os pés, deixam estar os bichos nelle, onde vem a crescer, e fazerem-se tamanhos como camarinhas e daquella côr; porque estam por dentro cheios de lendeas, e como arrebetam vão estas lendeas lavrando os pés, do que se vem a fazer grandes chagas’.
- Tungaçú** ([1587] 1851: 276): ‘Pulgas ha poucas no Brazil, a que os indios chamam tungaçú’.
- †**Tupiana** ([1587] 1851: 235): ‘Tupiana são uns passarinhos que tem o peito vermelho, a barriga branca e o mais azul; e tem os bicos compridos, muito delgados; e criam nas arvores, em ninhos, e mantem-se de bichinhos’.
- Tuyuyú** ([1587] 1851: 225): ‘Tuyuyú é uma ave grande de altura de cinco palmos, tem as azas pretas, e papo

- vermelho, e o mais branco; tem o pescoço muito grande, e o bico de dous palmos de comprido; fazem os ninhos no chão, em montes muito altos, onde fazem grande ninho, onde põem dous ovos, cada um como um grande punho; mantem os filhos com peixe dos rios, o qual comem primeiro, e recozem-no no papo, e depois arreveçam-o, e repartem-no pelos filhos’.
- † **Uanandi** ([1587] 1851: 237): ‘Uanandi é um passaro pequeno pardo, pintado de preto pelas costas e branco na barriga; e tem o bico curto, e cria em ninhos de palha que faz nas arvores’.
- Uapicú** ([1587] 1851: 238): ‘Ha outros passaros, a que o gentio chama uapicú, tamanhos como tordos, têm o corpo preto e as azas pintadas de branco, e o bico comprido, tão duro e agudo que fura com elle as arvores que tem abelheiras até que chega ao mel, de que se mantem; e quando dão as picadas no páo, soa a pancada a oitenta passos e mais; os quaes passaros tem na cabeça um cucuruto vermelho alevantado, e criam nas tocas das arvores’.
- * **Ubarana** ([1587] 1851: 288): ‘Ha outros peixes na Bahia, a que os indios chamam ubaranas, que se parecem com tainhas, os quaes morrem em todo o anno á linha, tem muitas espinhas farpadas como as do savel, e é peixe muito saboroso e sadio’.
- ‡ **Ubiracoa** ([1587] 1851: 265): ‘Ha outra casta de cobras a que os indios chamam ubiracoa, que são pequenas e de côr ruivaça, as quaes andam sempre pelas arvores, donde mordem no rosto e pelos lugares altos das pessoas, e não se descem nunca ao chão; e se não acodem á mordedura d’estas com brevidade, é a sua peçonha tão fina que faz arrebentar o sangue em tres horas por todas as partes, de que o mordido morre logo’.
- † **Ubiraçoca** ([1587] 1851: 300): ‘As guzanos chamam os indios ubiraçoca, do qual não é de espantar furar a madeira dos navios, pois fura as pedras, onde não acha páos, as quaes se acham cada hora lavradas delles, e furadas de uma banda e outra; este guzano, é um bicho molle e comprido como minhoca, e da mesma feição; e tem a cabeça e boca dura, o qual se cria em uma casca roliça, retorcida, alva e dura, como buzio, e com ella faz as obras e damno tão sabido; e para roer não lança fóra d’esta casca mais que a boca, com que faz o caminho diante d’esta sua camisa, que o corpo do bicho de dentro manda para onde quer; e para este guzano não fazer tanto damno nas embarcações, permitiu a natureza que o que se cria na agua salgada morra entrando na agua doce, e o que se cria na agua doce morra na salgada. Na Bahia houve já muito, mas já agora não ha tanto que faça mal aos navios e outras embarcações’.
- ‡ **Ubiraipú** ([1587] 1851: 274): ‘Ubiraipú é outra casta de formigas, que se criam nos pés das arvores; são pardas e pequenas, mas mordem muito; as quaes se mantem das folhas das arvores, e da podridão do concavo delas’.
- Ubojára** ([1587] 1851: 263): ‘Nos formigueiros velhos se criam outras cobras, que se chamam ubojára, que são de tres até cinco palmos, e tem o rabo rombo na ponta, da feição da cabeça; e não tem outra differença um do outro que ter a cabeça boca, em a qual não tem olhos e são cegas; e sahem dos formigueiros, quando elles enchem com a agua da chuva; e como se sahem fóra, ficam perdidas sem saberem por onde andam; e se chegam a morder, são tambem mui peçonhentas. Estas cobras não são ligeiras como as outras, e andam muito de vagar, tem a pelle de côr acatasolada pela banda de cima, e pela de baixo são brancas; mantem-se nos formigueiros das formigas quando as podem alcançar, e do seu mantimento, donde tambem se sahem apertadas da fome’.
- Ububoca** ([1587] 1851: 262): ‘Ububocas são outras cobras assim chamadas do tamanho das gereracas, mas mais delgadas, a que os Portuguezes chamam de coral, porque tem cobertas as pelles de escamas grandes vermelhas e quadradas, que parecem coral; e entre uma escama e outra vermelha, tem uma preta pequena. Estas cobras não remetem á gente, mas se lhe tocam, picam logo com seus dentes dianteiros, e são as suas mordeduras mais peçonhentas que as das gereracas, e de maravilha escapa pessoa mordida d’ellas. E quando estão enroscadas no chão parecem um ramal de coraes: e houve homem que tomou uma que estava dormindo, e meteu-a no seio, cuidando serem coraes, e não lhe fez mal; as quaes criam debaixo de penhascos e da rama seca’.
- * **Ubujaú** ([1587] 1851: 233): ‘Ha outros passaros, a que os indios chamam ubujaús, que são tamanhos como pintões, tem a cabeça grande, o rabo comprido; e são todos pardos e muito cheios de penujem, os quaes andam de noite gritando cuxaiguigui. Ha outros passaros do mesmo nome mais pequenos, que são pintados, os quaes andam de madrugada dando os mesmos gritos e uns e outros criam no chão, onde poem dous ovos somente; e mantem-se das frutas do mato’.
- Uirateonteon** ([1587] 1851: 230): ‘Ha outros passaros, a que os indios chamam uirateonteon, que se criam perto do salgado, que são pardos, e tem o pescoço branco, o bico verde, e são tamanhos como adens, e tem os pés da sua feição. Estes passaros andam no mar perto da terra, e voam ao lomgo d’agua tanto sem descançar, até que cahem como mortos; e assim descançam até que se tornam levantar, e voam’.
- † **Unauna** ([1587] 1851: 243): ‘Tambem se criam n’estas partes muitos bisouros, a que os indios chamam unauna; mas não fazem tão ruim feitio com as maçãs que fazem os de Hespanha; andam por logares sujos, tem azas, e são negros; com a cabeça, pescoço e pernas muito resplandecentes, e tudo muito duro, mas são muito maiores que os de Hespanha; e tem dous cornos virados com as pontas uns para os outros; e parecem de azeviche’.
- Upeca** ([1587] 1851: 227): ‘Criam-se ao lomgo d’estes rios e nas alagôas muitas adens, a que o gentio chama upeca, que são da feição das de Hespanha, mas muito maiores, as quaes dormem em arvores altas, e criam no chão perto da agua. Comem peixe, e da mandioca que está a curtir nas ribeiras; tomam os indios estas adens, quando são novas, e criam-nas em casa, onde se fazem muito domesticas’.

Uperu ([1587] 1851: 281): ‘Uperu é o peixe a que os Portuguezes chamam tubarão, de que ha muita somma no mar da Bahia; estes comem a gente, se lhe chegam a lança, e andam sempre á caça do peixe miudo; aos quaes matam com anzoos de cadêa com grandes arpoeiras, como o peixe serra, em os quaes acham pegados os peixes romeiros, como nos do mar largo; cuja carne comem os indios, e em tassalhos seccos se gasta com a gente dos engenhos, os quaes tem tamanhos figados que se tira d’elles vinte, e vinte quatro canadas de azeite; cujos dentes aproveitam os indios, que os engastam nas pontas das flexas; e os que os tem são muito estimados d’elles’.

Upupiara ([1587] 1851: 280): ‘Não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos reconcavos d’ella, muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua upupiara, os quaes andam pelo rio d’agua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pescadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam, e aos que andam pela borda de agua, metidos n’ella; e uns e outros apanham, e mettem-nos debaixo d’agua onde os afogam: os quaes sahem a terra com a maré vazia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura: e dizem outros indios pescadores que viram tomar a estes mortos que viram sobre agua uma cabeça de homem lançar um braço fóra d’ella e levar o morto; e os que isso viram se recolhêram fugindo á terra assombrados, do que ficaram tão atemorizados que não quizeram tornar a pescar d’ahi a muitos dias; o que tambem aconteceu a alguns negros de Guiné; as quaes fantasmas ou homens marinhos mataram e por vezes cinco indios meus; e já aconteceu tomar um monstro destes dous indios pescadores de uma jangada e levarem um, e salvar-se outro tão assombrado que esteve para morrer; e alguns morrem disto. E um mestre de assucar do meu engenho afirmou que olhando da janella do engenho que está sobre o rio, e que gritavam umas negras, uma noite, que estavam lavando umas fôrmas de assucar, viu um vulto maior que um homem á borda d’agua, mas que se lançou logo n’ella; ao qual mestre de assucar as negras disseram que aquella fantasma vinha para pegar n’ellas, e que aquella era o homem marinho, as quaes estiveram assombradas muitos dias; e d’estes acontecimentos acontecem muitos no verão, que no inverno não falta nunca nenhum negro’.

***Uramaçã** ([1587] 1851: 291): ‘Uramaçã é uma casta de peixe da feição de lingoados de Portugal, o qual se toma debaixo da vasa ou com redes, cujo sabor não é muito bom; e se o cozem ou assam, sem o açotarem, faz-se em pedaços’.

†**Uraenhangatá** ([1587] 1851: 236): ‘Ha outros passarinhos, a que os indios chamam uraenhangatá, que são quasi todos amarellos, que se criam em ninhos de palha que fazem nas arvores, os quaes cantam nas gaiolas muito bem’.

†**Urândi** ([1587] 1851: 236): ‘Ha outros passaros pretos, com os encontros amarellos, a que os indios chamam urandi, que criam em ninhos de palha, onde poem dous ovos, os quaes cantam muito bem’.

†**Uranhengatá** ([1587] 1851: 234): ‘Uranhengatá é uma ave do tamanho de um estorninho, que tem o peito, pescoço, barriga e coxas de fino amarello, e as costas, azas e rabo de côr preta mui fina, e a cabeça e de redor do bico um só queixo amarello, e as pernas e pés como flouba¹¹⁰; os quaes criam em ninhos, em arvores altas, onde os tomam em novos e os criam em casa, onde se fazem tão domesticos, que vão comer ao mato e tornam para casa’.

†**Uraoaçú** ([1587] 1851: 232): ‘Uraoaçú são como os minhotos de Portugal, sem terem nenhuma differença; são pretos e tem grandes azas, cujas pennas os indios aproveitam para empenarem as flexas, os quaes vivem de rapina no mato, e em povoado destroem uma fazenda de gallinhas e pintãos’.

Urapiaçára ([1587] 1851: 265): ‘Urapiaçaras são outras cobras, que andam pelas arvores salteando passaros, e a comer-lhes os ovos nos ninhos, do que se mantem; as quaes não são grandes, mas muito ligeiras’.

‡**Urateon** ([1587] 1851: 230): ‘Ao longo do salgado se criam uns passaros, a que os indios chamam urateon: são pardos, tamanhos como frangãos, tem as pernas vermelhas, o bico preto e comprido; são mui ligeiros, e andam sempre sobre a agua salgada, saltando em pulos, espreitando os peixinhos de que se mantem’.

Uratinga ([1587] 1851: 227): ‘Ao longo dos rios de agua doce se criam mui formosas garças, a que o gentio chama uratinga, as quaes são brancas, e tamanhas como as de Hespanha. Tem as pernas longas, pescoço e bico mui comprido, pernas e pés amarellos, e tem entre os encontros um molho de plumas, que lhe chegam á ponta do rabo, que são mui alvas e formosas, e para estimar; e são estas garças muito magras, e criam no chão junto da agua; mantem-se do peixe, que tomam nos rios, e esperam mal que lhe atirem’.

Urubú ([1587] 1851: 231): ‘Urubús são uns passaros pretos, tamanhos como corvos, mas tem o bico mais grosso, e a cabeça como gallinha cucurutada, e as pernas pretas, mas tão sujeitos que fazem seu feitio pelas pernas baixo, e tornam-no logo a comer. Estas aves tem grande fâro de cousas mortas, que é o que andam sempre buscando para sua mantença, as quaes criam em arvores altas: algumas ha manças em poder dos indios que tomaram nos ninhos’.

***Urubutinga** ([1587] 1851: 232): ‘Pela terra dentro se criam umas aves, a que os indios chamam urubutinga, que são do tamanho dos gallipavos; e são todos brancos, e tem crista como os gallipavos. Estas aves comem carne que acham pelo campo morta, e ratos que tomam; as quaes poem um só ovo, que mettem em um buraco, onde o tiram; e mantem n’elle o filho com ratos que lhe trazem para comer’.

†**Urucuream** ([1587] 1851: 233): ‘Urucuream é uma ave, pontualmente como as corujas de Hespanha; umas são cinzentas e outras brancas; gritam de noite como corujas; as quaes criam no mato em troncos de arvores grossas, e em povoado nas igrejas, de cujas alampadas comem o azeite’.

¹¹⁰ Frouva ou gralha-calva (*Corvus frugilegus* Linnaeus, 1758; Passeriformes, Corvidae).

Urutú ([1587] 1851: 286): ‘Ha outra casta de bagres, que tem a mesma feição [dos guris], mas tem o couro amarello, a que os indios chamam urutús, que tambem morrem em todo o anno á linha, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, cujas pelles se pegam muito nos dedos; e não são tão saborosos como os bagres brancos’.

Ussá ([1587] 1851: 294): ‘O marisco mais proveitoso á gente da Bahia são uns caranguejos a que os indios chamam ussás, os quaes são grandes e tem muito que comer; e são mui sadios para mantensa dos escravos e gente de serviço; estes caranguejos se criam na vasa entre os mangues, de cuja folha se mantêm, e tem coraes uma só vez no anno; e como desovam pella a casca, assim os machos como as femeas, e nasce-lhes outra casca por baixo; e enquanto a tem molle estão por dentro cheios de leite, e fazem dor de barriga aos que os comem; e quando as femeas estão com coraes, os machos estão mui gordos, tanto que parece o seu casco estar cheio de manteiga; e quando assim estão são mui gostosos, os quaes se querem antes assados que cozidos. Tem estes caranguejos no casco um fél grande, e bucho junto á boca com que come, o qual amarga muito, e é necessario tiral-o a tento; porque não faça amargar o mais. Estes ussás são infinitos, e faz espanto a quem atenta por isso, e é não haver quem visse nunca carangueijos [sic] d’esta casta quando são pequenos, que todos apparecem e sahem das covas da lama, onde fazem sua morada, do tamanho que hão de ser; das quaes covas tiram os indios mariscadores com o braço nú; e como tiram as femeas fóra as tornam logo a largar para que não acabem, e façam criação. Estes carangueijos [sic] tem as pernas grandes, e duas bocas muito maiores com que mordem muito, em as quaes tem tanto que comer com as das lagostas; e o que se dellas come e o mais do carangueijo [sic], é muito gostoso. E não ha morador nas fazendas da Bahia que não mande cada dia um indio a mariscar d’estes carangueijos [sic]; e de cada engenho vão quatro e cinco d’estes mariscadores, com os quaes dão de comer a toda a gente de serviço; e não ha indio d’estes que não tome cada dia trezentos e quatrocentos carangueijos [sic], que trazem vivos em um cesto serrado feito de verga delgada, a queos indios chamam samurá; e recolhem em cada samurá d’estes um cento, pouco mais ou menos’.

Ussaúba ([1587] 1851: 271): ‘Muito havia que dizer das formigas do Brazil, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se podera fazer, por se excusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais damno fazem na terra, a que o gentio chama ussaúba, que é a praga do Brazil, as quaes são como as grandes de Portugal, mas mordem muito, e onde chegam destroem as roças da mandioca, as hortas das arvores de Hespanha, as laranjeiras, romeiras e parreiras. Se estas formigas não foram, houvera na Bahia muitas vinhas e uvas de Portugal; as quaes formigas vem de muito longe de noite buscar uma roça de mandioca, e trilham o caminho por onde passam, como se fosse gente por elle muitos dias, e não salteam senão de noite; e por atalharem a não comerem as arvores a que fazem nojo, põem-lhe um trasto de barro ao redor do pé, cheio de agua, e de dia se lhe secou a agua, ou lhe caiu uma palha de noite que a atravesse, trazem taes espias que são logo disso avisadas; e passa logo por aquella palha tamanha multidão dellas que antes que seja manhã, lhe dão com toda a folha no chão; e se as roças e arvores estão cheias de mato de redor não lhes fazem mal, mas tanto que as vêem limpas, como quem entende que tem gosto a gente disso, saltam nellas de noite, e dão-lhe com a folha no chão, para a levarem para os formigueiros; e não ha duvida senão que trazem espias pelo campo, que levam avizo aos formigueiros; porque se viu muitas vezes irem tres e quatro formigas para os formigueiros, e encontrarem outras no caminho e virarem com ellas, e tornarem todas carregadas, e entrarem assim no formigueiro, e sahirem-se logo delle infinidade dellas a buscarem de comer á roça, onde foram as primeiras; e tem tantos ardís que fazem espanto. E como se d’estas formigas não diz o muito que dellas ha de dizer, é melhor não dizer mais senão que se ellas não foram que se depovára muito parte de Hespanha para irem povoar o Brazil; pois se dá nelle tudo o que se póde desejar, o que esta maldição impede de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquillo sem o que não podem viver na terra’.

† **Vivia** ([1587] 1851: 251): ‘Nos mesmos rios se criam outros bichos, a que os indios chamam vivia, que são do tamanho de gozos, felpudos do cabelo, e de côr cinzenta; tem o focinho comprido e agudo, as orelhas pequeninas e redondas, do tamanho de uma casca de tramoço; tem o rabo muito comprido e grosso pela arreigada, como carneiro; quando gritam no rio, nomeam-se pelo seu nome; tem as mãos e unhas de cão, andam sempre na agua, onde as femeas parem muitos filhos; mantem-se do peixe e camarões que tomam, cuja carne comem os indios’.

* **Zabucai** ([1587] 1851: 289): ‘Ha outro peixe que morre nas redes, a que os indios chamam zabucai, e os Portuguezes gallo, o qual é alvacento, muito delgado e largo, com uma boca pequenina; e faz na cabeça uma feição como crista, e nada de peralto; este peixe é muito leve e saboroso’.

26. O GRAND INSULAIRE (1586) E A HISTOIRE D'ANDRÉ THEVET ANGOUMOISIN, COSMOGRAPHE DU ROY, DE DEUX VOYAGES PAR LUY FAITS AUX INDES AUSTRALES, ET OCCIDENTALES (1587-1588)

O *Grand insulaire* (Thevet, 1586)

Neste manuscrito há apenas uma menção à capivara:

‘Après on le lie le bras et le corps d’un fil de cotton, leur mettant au col des dents d’une beste qu’ils nomment **Capiigoare**, c’est a dire [rasura] beste mangeant ou viuant d’herbe, a fin disent elles que leurs dents soient meilleures et plus fortes a manger leur breuage qu’ils appellent Caouin...’.

A *Histoire de deux voyages* (1587-1588)

Em 1551, a 14 de junho, o navegador, cartógrafo e corsário francês Guillaume le Testu (Le Havre, ca. 1509 – Panamá, 31 de março de 1573) partia de Dieppe em direção à costa do Brasil desde a latitude de 26° S até à altura da atual São Francisco do Sul (SC), então denominada ‘Porto Novo dos Franceses’.

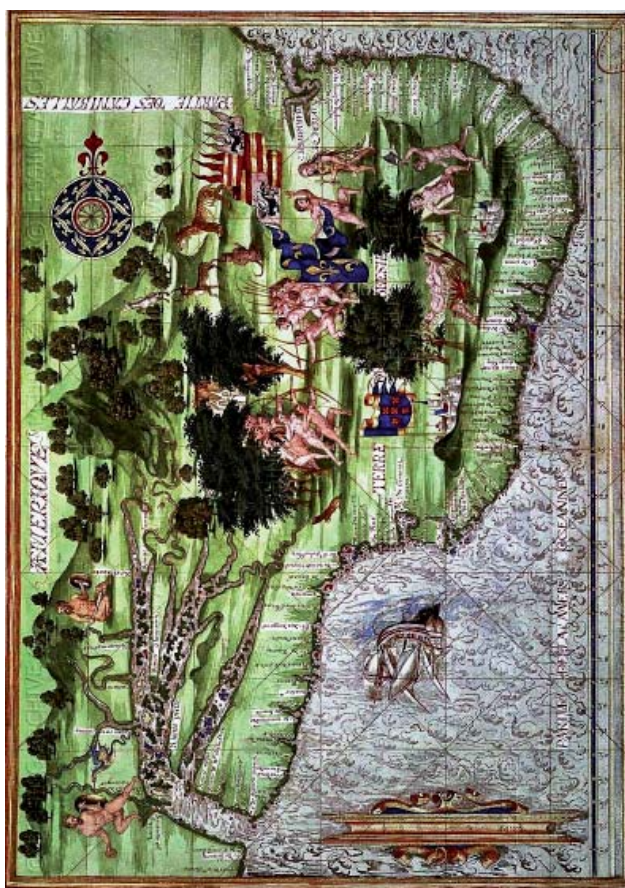


Figura 92. O mapa do Brasil na *Cosmographie universelle* de Le Testu.

Essa viagem foi uma decorrência da homenagem feita a Henri II em Rouen [ver cap. 5 acima], e da insistência para que o monarca facilitasse as viagens dos franceses à costa brasileira. Para tanto, como diz La Roncière (1910: 11-12):

‘Guillaume La Testu fut dépêché vers le Brésil pour en établir la carte, en vue d’expéditions futures. Il en était besoin. Les notions que nous possédions sur l’Amérique du Sud, entre autres un routier de Pernambouc au Rio de la Plata, dressé par un pilote [français] qui avait fait dix-huit fois le voyage¹¹¹, manquaient d’exactitude et ne concordaient point entre elles. (...). Guillaume Le Testu gouverna droit sur le cap Saint-Augustin.

Non loin de là, un îlot boisé, long d’une lieue, commande l’entrée de la rivière Saint-Dominique. On y voyait encore les vestiges d’un fort et de pêcheries, d’où les Portugais avaient été chassés par les marins du Havre. C’était l’emporium où, chaque année, se troquaient nos produits dans des loges en roseaux que les sauvages avaient la prévenance d’aménager pour nos gens. La traite finie, les Indiens par centaines regagnaient le continent, hamac et bagages troussés en sautoir. Le 7 décembre, par les 26° de latitude australe, l’expédition entra dans une rivière dont elle prit possession par cet écriteau: ‘VII decemb. MDLI, Franci hunc portum impulsu vagim invenero, cujus Nane Francus Turonensis hoc insigne erexit’.

Testu comptait sans les Portugais. Deux de leurs vaisseaux l’attaquèrent à la hauteur de l’île de la Trinité; l’habitacle atteint par un boulet, la boussole brisée, Testu n’aurait pu retrouver sa route pour rentrer en France, s’il n’avait mis la main, en fouillant son coffre, sur un vieux compas. Il rapportait une moisson d’observations qu’il consigna dans un magnifique atlas dédiée à l’amiral de Coligny’.

La Roncière refere-se ao atlas-portulano de Le Testu, com 56 mapas (*Cosmographie universelle selon les navigateurs, tant anciens que modernes, 1555-1556*; disponível em *Gallica*), do qual consta um mapa da costa do Brasil [Figura 92].

Thevet imaginou, no final de sua vida, ter participado da viagem de Le Testu. Isto consta de um manuscrito existente na Biblioteca Nacional da França (Ms. fr. 15454, disponível em *Gallica*), intitulado *Histoire d’André Thevet angoumois, cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faites aux Indes Australes, et Occidentales. Contenant la façon de vivre des peuples barbares, et observations des principaux points que doivent tenir en leur route les pilotes, et mariniers, pour éviter le naufrage, et autre [sic] dangers de ce gran Ocean, avec une reponse aux libelles d’injures, publiées contre le chevalier Villegagnon*¹¹² (1587-1588).

Gaffarel (1878: xxvi) foi o primeiro a assinalar a existência desse manuscrito, também citado e consultado posteriormente por Heulhard (1897: 90¹¹³). Métraux (1928, 1933) dedicou dois artigos a esse manuscrito. Segundo este último autor (Métraux, 1933: 31-32):

‘Cet ouvrage a dû être écrit par Thevet peu de temps avant sa mort (1592); c’est du moins ce qu’on peut conclure d’une phase de ce manuscrit où il nous est dit qu’il a été rédigé 35 ans après l’apparition des *Singularitez de la France Antarctique* (fol. 51v). Prise au pied de la lettre, cette indication est naturellement fautive puisque l’édition princeps des *Singularitez* est de 1558! Si Thevet n’a pas été victime d’une défaillance de mémoire excusable à son âge ou trahi par un copiste, il avait sans doute en vue la date où il termina ce livre, soit l’année 1556 qui est celle où lui fut octroyé le privilège royal. L’ouvrage ne sortit de presse qu’en 1558, par suite de la mort de l’imprimeur et de la maladie de Thevet. Si ma supposition est exacte, le manuscrit en question aura été écrit un ou deux ans avant la mort de Thevet¹¹⁴. L’erreur que je viens de signaler n’est pas la seule que l’on puisse relever dans le texte: la plus flagrante est celle où Thevet déclare être resté au Brésil avec Villegagnon pendant plusieurs années quand, en réalité, il n’y séjourna (...) que trois mois.

¹¹¹ Esse ‘A ruttier or course to be kept for him that will sayle from Cabo Verde to the coast of Brasil, and all along the coast of Brasil vnto the riuer of Plate: and namely first from Cabo Verde to Fernambuck’, impressionantemente detalhado, foi publicado por Hakluyt (1811: 219-227) como ‘A special note concerning the currents of the sea betweene the Cape of Buena Esperança and the coast of Brasilia, giuen by a French Pilot to Sir Iohn Yorke knight, before Sebastian Cabote; which Pilot had frequented the coasts of Brasilia eighteen voyages’.

¹¹² Esse manuscrito foi editado por Laborie & Lestringant (2006).

¹¹³ Segundo este autor, haveria outra cópia manuscrita da *Histoire* de Thevet, na Biblioteca Nacional da França, sob a cota ‘mss. f. fr. 17.175’. Esse manuscrito intitula-se *Second Voyage d’André Thevet dans les Terres Australes et Occidentales, 1587 (?)*, Paris, BnF, Ms. Fr. 17175, segundo Laborie & Lestringant (2006: [7]).

¹¹⁴ Laborie & Lestringant (2006: [7]) datam-no de 1587-1588.

Le manuscrit (...) n'est pas l'original de la main de Thevet. C'est une copie exécutée au XVII^e ou XVIII^e siècle à en juger par le type d'écriture. Il a fait partie de la bibliothèque du duc de Coislin, comme nous l'apprend l'ex-libris conçu en ces termes: 'Ex Bibliotheca Mss. Coisliniana, olim Segueriana, quam Illust. Henricus du Cambout, Dux de Coislin, Par Francia, Episcopus Metensis, etc... Monasterio S. Germani a Prartis legavit. An. MDCCXXXII'.

Essa 'primeira viagem' ao Brasil de Thevet foi portanto fruto de uma mente já combalida pela idade. Laborie & Lestringant (2006: 12) declaram:

'En effet, pendant ces mêmes années [1549-1552; a viagem de Le Testu ao Brasil ocorreu em 1551], André Thevet, cordelier d'Angoulême en pèlerinage sur les lieux saints, séjournait dans les pays du Proche-Orient, et, parti de Venise le 23 juin 1549, ne devrait atteindre Jérusalem qu'à Pâques 1552, après des escales prolongées à Constantinople et Alexandrie. Suzanne Lussagnet [cf. Lussagnet, 1953], l'éditrice de plusieurs sections de l'*Histoire*, a assez montré le flottement des dates pour que l'on puisse conclure au caractère fictif du 'premier voyage'.

Nessa obra, Thevet ctou os seguintes animais:

Acara-bouten (1587-1588: 68r; in Laborie & Lestringant, 2006: 195).

Acara-miri (1587-1588: 68r; in Laborie & Lestringant, 2006: 195).

Acara-ouassou (1587-1588: 68r; in Laborie & Lestringant, 2006: 195).

Acara-pep (1587-1588: 68r; in Laborie & Lestringant, 2006: 195).

Agonty (1587-1588: 113v; in Laborie & Lestringant, 2006: 278).

Agoutin (1587-1588: 79v; in Laborie & Lestringant, 2006: 215): 'et outre se font tirer grande quantité de sang, à sçavoir de devant la poitrine, et de l'eschine, avec les dents, et machouères d'un petit animal nommé *Agoutin*, grand comme un lievre, ayant le poil comme un sanglier, droit élevé, la teste comme celle d'un gros rat, les oreilles, et gueulle comme le lievre, la queue longue seulement d'un pouce, tout herissé sur le dos, depuis la teste jusques au bout de la queue, et longle fendue comme un pourceau, vivant de fruits seulement. Il n'y a si gros brochet au monde qui ayt les dents plus aiguës, et qui soit plus gentiment dentelé que ce petit animal. Les Sauvages en nourrissent pour leur plaisir, joint que la chair en est fort bonne, et delicate. Ce que je sçays pour en avoir plusieurs fois mangé' (1587-1588: fol. 89v; in Laborie & Lestringant, 2006: 230).

Airat (1587-1588: 89v; in Laborie & Lestringant, 2006: 230): 'Il y a aussy un animal que les Sauvages appellent *Airat*, qui signifie vivant de miel, à cause que tousjours il est dessus, ou autour d'un arbre, y cherchant le miel que les mouches y font. Cette beste est de couleur tannée, de la grandeur d'un chat, et est si subtil, qu'il tire le miel des creux des arbres sans toucher aux mouches avec ses griphes'.

Ajasoup (1587-1588: 73v-74r; in Laborie & Lestringant, 2006: 206): 'un Roy, que l'on nommoit *Ajasoup*, qui est le nom d'un certain animal, ressemblant à un porc sanglier'.

Aneuones (1587-1588: 113r; in Laborie & Lestringant, 2006: 276): 'Et en ay veu de fort hideux [poissons], et difformes, entreautes trois sortes de rayes toutes differentes, de grandeur incroyable. Les Sauvages du país n'en mangeroient pour rien, non plus que des tortuës, et chiens de mer. Elles sont dentelées comme un lion sauvage, estimant que tout ainsy que ce poisson est tardif à cheminer en l'eau, rendroit aussy ceux qui en mangeroient, tardifs, et pesans, qui leur seroit cause d'estre prins aisément de leurs ennemis, et de ne les pouvoir suivre legerement à la course, et appellent ce poisson en leur langue *Aneuones*'.

Aph (erro por *Haüt*, preguiça) (1587-1588: 45r-45v; in Laborie & Lestringant, 2006: 156): '[ie] veux icy amener leur opinion touchant le feu qu'ils disent que *Monan* avoit reservé entre les espauls d'une beste assés grande, et lourde, qu'ils nomment *Aph*. Et lequel les deux freres tirerent apres le deluge. Et disent qu'encore cét Animal en porte les marques, pource que à dire la verité, si vous contemplés cette beste de loïn, comme j'ay fait quelque fois lors qu'ils me la monstroient par une certaine curiosité, tant sa couleur est vive vers les espauls qu'elle est toute en feu, et de prés on jugeroit qu'elle a esté brulée audit endroit, et n'apparoist cette marque, sinon aux masles [Figura 93]. Encor de present les Sauvages appellent cette impression de feu en ladite beste *Tata-oupah*, c'est à dire feu, et foyer'.

Arat (1587-1588: 73v; in Laborie & Lestringant, 2006: 205): 'un oiseau tres beau, qu'ils nomment *Arat*, lequel est tout rouge comme fine escarlate, et grand comme un heron'.

Arrat (1587-1588: 60v; in Laborie & Lestringant, 2006: 183).

Canyde (1587-1588: 60v; in Laborie & Lestringant, 2006: 183).

Capiigoare (1587-1588: 63v-64r; in Laborie & Lestringant, 2006: 189): 'Après on leur lie les bras, et le corps d'un fil de cotton, leur mettant au col des dents d'une beste, qu'ils nomment *Capiigoare*, c'est à dire mangeant, ou vivant d'herbe, à fin disent elles que leurs dents soient meilleures, ou plus fortes à mascher leur breuvage, qu'ils appellent *Caouyn*'.

Caycoupt (1587-1588: 92v-93r; in Laborie & Lestringant, 2006: 236-237): 'Je ne passeray sous silence un oyselet, que je pense estre le plus petit qui soit en l'univers, n'estant plus gros, ny plus grand qu'un cerf volant: mais il est si beau que merveilles. Et en cette grande petitesse, ayant le bec longuet, et menu, lequel chante si doucement que je sây si le Rossignol luy doit estre égalé. Les Barbares luy donnent le nom de *Caycoupt*'.

Choaty (1587-1588: 88r; in Laborie & Lestringant, 2006: 228): ‘Ils ne mangent chair que fort peu de bestes ravissantes, ou qui se nourrissent d’ordure, et ne se soucient d’en apprivoiser, comme seroit le *Choaty*, qui est un animal ravissant, qui vit de proye...’.



Figura 93. Preguiça (*Bradypus tridactylus*) com a mancha (*tata-oupah*) nas costas (apud Good, Gregory & Bosworth, 1913)

Haüt (1587-1588: 90r-90v; in Laborie & Lestringant, 2006: 231-232): ‘Il y a encores un arbre fort haut, nommé *Ama-hut*, sur lequel se retire ordinairement une beste autant difforme, et presque incredible qu’il en soit de telle, qui ne ‘auroit veu par experience, et la nomment ceux du païs *Haüt*, ou *Hauthi*, à cause qu’ils ont opinion qu’elle vit de fueuilles dudit arbre *Ama-hut*. Cette beste est égale de grandeur à un gros guénon que lon apporte d’Afrique, ayant son ventre avallé, et proche de terre, quoy qu’elle soit debout. Sa face, et sa teste sont presque semblables à un enfant. La chair de laquelle n’est non plus plaisante à manger, que celle d’un viel dogue, d’autant qu’elle est grossiere, et fade en son goust. Les Sauvages du païs ont cette folle persuasion, et croient que ceux qui en useroient, à peine eschapperoient ils des mains de leurs ennemis, d’autant qu’elle est lente à son marcher. Ce *Haüt*, le pourtrait duquel je vous ay representé en mon livre de la France Antarctique, estant pris jette de grands soupirs, ne plus ne moins que feroit un homme atteint de quelque grande, et excessive douleur. Et a la peau veluë, et toutefois fort claire, et de couleur grise. Elle n’a que trois ongles à chaque pate, qui sont longs de quatre doigts, faits en forme des arestes d’une carpe, avec lesquelles griffes elle grimpe sur les arbres, où elle fait sa residence, plus qu’en terre. Sa queuë est longue de trois doigts. Au reste c’est un cas fort estrange du *Haüt*, que jamais homme vivant ne sçauroit dire l’avoir veu manger, ny boire, quoy que les Sauvages en ayent tenu long temps, ainsy qu’ils m’ont eux mesmes recité dans leurs loges, pour veoir s’il viendroit manger quelque chose. Ce que je n’eusses creu, si la veuë ne m’en eust fait l’esprouve. Car quelques uns de noz gens s’estans allé pourmener dans un bois de haute fustaye, veirent deux de ces bestes sur un arbre, sur lesquelles ils tirerent, et tomberent toutes deux, l’une fort blecée, et l’autre seulement toute estourdie, de laquelle ils me feirent present, comme estant curieux de sçavoir la verité de telles choses, savoir si elle mangeoit, ou non, la garday près d’un mois sans que jamais elle voulust manger, ne boire, ains vivoit toujours en mesme estat, sans que je la visse empirer. Et à la fin quelques chiens que nous avions menés dans noz navires l’estranglerent. Ceste beste est fort amoureuse de l’homme, depuis qu’elle est apprivoisée, veu qu’à tous coups elle se jettoit sur mes espauls, comme si son naturel ne desiroit autre chose que le haut: mais ces caresses ne plaisans point aux Sauvages, à cause que eux estans tous nuds, ils ne sçauroient souffrir les ongles du *Haüt*, qui sont autant, ou plus tranchantes, et quatre fois plus longues que celles d’un Lyon, ou autre beste cruelle, et farouche’.

Hauthi (1587-1588: 90r; in Laborie & Lestringant, 2006: 231).

Hira (1587-1588: 89v; in Laborie & Lestringant, 2006: 230): ‘Or il y a de deux especes de mouches à miel, les

unes estans de la grosseur des nostres, lesquelles ne vivent que de fleurs odoriferantes, aussy font elles de tres bon miel: mais la cire n'est si jaune, que celle qui se leve pardeçà. Les Sauvages appellent ce miel *Hira*'.

Jeariou [Cacografia de *Ajuru*] (1587-1588: 74v; in Laborie & Lestringant, 2006: 207): 'Ils nourrissent bien des perroquets, qu'ils appellent *Jeariou*, à cause qu'ils en font eschange avec les Chrestiens, et ont des ferrailles, et autres petites folies'.

Margana (1587-1588: 96r; in Laborie & Lestringant, 2006: 242): 'J'en ay veu [des arbres] d'aussy rouge que Bresil, et autre comme fine escarlate, et d'autre qui n'est du tout si rouges qu'ils portent, que les *Marganas*, qui est une espece de petits perroquets, mangent sur l'arbre'.

Pacqueta (1587-1588: 113v; in Laborie & Lestringant, 2006: 278): 'Entre autres [isles] vous avés celle qu'il nomment *Pacqueta*, ainsi nommée du nom de certain animal nommé *Pacqueta*, de la grandeur d'un levreau, dont elle abonde fort, et en nourrit plus que toutes les autres Isles, qui avoisinent le continent de ce cul de sac, ainsy nommé des premier mariniers, qui ont penetré jusques aux extremités de cette riviere de Janere. Telles petites bestes après l'*Agonty*, sont les meilleures que lon puisse penser. Il n'y a lapin de garene, qui approche de leur bonté, et excellence, encores qu'il soit griffonné des quatre pieds autant ou plus qu'un chat sauvage. Sa couleur est tanée, sa queue un peu languette, ses oreilles pointuës à la façon de noz chats. Au reste le plus sot animal du monde, aisé à estre pris des Insulaires. J'en ay gardé deux en vie plus de douze jours, après les avoir nourri de graines d'*Avary*¹¹⁵, qui est une espece de gros mil'.

Paguest (1587-1588: 61r; in Laborie & Lestringant, 2006: 184): 'C'est qu'il se decoupe par tout le corps d'une dent de beste, qu'ils appellent *Paguest*, de sorte que le sang en decoule à bon escient'.

Piriéco-absou [erro por *Iacareabsou*] (1587-1588: 75v; in Laborie & Lestringant, 2006: 208-209): 'J'ay aussy vers moy la peau d'un serpent, qui peut avoir en sa longueur dix pieds, et en sa grosseur deux. Un Roy du païs, que l'on nommoit *Jascé*, qui est le nom de la Lune, me le donna à la riviere de *Potijou* (...). Icelle peau est couverte de fort petites escailles diversifiées, telles que diriés estre artificiellement faites. Ce serpent estant irrité, et poursuivy des sauvages est fort dangereux, et dentelé au possible. Il est amphibie, participant de l'eau, et de la terre, comme le crocodile. Les Barbares luy donnent le nom de *Piriéco-absou*, qui fait qu'à le contempler il apparoist de diverses couleurs'.

Sagoüyn (1587-1588: 92v, 100v; in Laborie & Lestringant, 2006: 236, 250).

Sechou (1587-1588: ; in Laborie & Lestringant, 2006: 156): Ils ne mangent chair que fort peu de bestes ravissantes, ou qui se nourrissent d'ordure, et ne se soucient d'en apprivoiser, comme seroit le *Choaty*, qui est un animal ravissant, qui vit de proye, et le *Sechou*, qui est l'Once, qui sont les bestes les plus dangereuses de ce païs là, pource qu'ils font guerre aux bestes, et aux hommes, lesquelles quand ils veulent prendre, ils usent de moyen tel, que je vous reciteray. Ils espient le lieu par lequel ces bestes doivent passer: et la plient un arbre de moyenne force, et grandeur, au sommet duquel attachent un lats coulant: de sorte que quand la beste y choppe le moins du monde, elle est prise, soit par le pied, ou par le milieu du corps. Et si d'avantage la beste peut se ruer au tronc de l'arbre, ou il est attaché, elle le ronge tellement qu'elle peut eschapper. Ce qui advient aucunesfois, mais les hommes fort diligens d'y aller, et le plus tost qu'il leur est possible, et trouvant cet animal pris, le tuent à coups de flèches. Et l'arbre estant couppé, et la proye portée au milieu du village, laquelle les femmes accoustrent de Panasseries de toutes couleurs, tout ainsy qu'ils font un prisonnier lors qu'il doit estre mangé, luy mettant des bracelets aux bras, et tenans la beste assise la pleurent, disans en leur language, Je te prie ne te veuille pas vanger sur noz petits enfans de ce que tu as esté ainsy prise, et tuée par ton ignorance. Car ce n'est pas esté nous quit'avons ainsy trompée, mais bien toy mesme. Noz hommes n'avoient tendu ces lats que pour prendre des bestes bonnes à manger, qui ne pensoient te trouver ainsy arrestée: mas craignants peut estre que tu ne leur feisses mal, t'ont tuée. Pourtant que ton ame ne donne conseil aux autres tes semblables de vanger ta mort sur noz enfans. Helas ce fait les vieillards l'escorchent, et reservent seulement la peau. Voila la maniere dont ils usent pour prendre ces Onces ravissantes, qu'ils nomment *Sechou*, et les Margajas *Rarippet*, et les Canadiens *Nemorapt*'.

Sernamby (1587-1588: 96v; in Laborie & Lestringant, 2006: 243): 'Je dys autant des oyseaux, poissons, et animaux terrestres, et n'en veis jamais un seul ressemblant à ceux de pardeçà, horsmis des huistres, qu'ils nomment *Sernamby*'.

Soubassoup (1587-1588: 88r; in Laborie & Lestringant, 2006: 276): 'Le cerf, et la biche, qu'ils nomment *Soubassoup*, n'ont le poil tant vain, et delié, que ceux pardeçà, ains sont fort chargés de bourre, et de poil, estant néanmoins assés long. Et ont les cerfs fort petites cornes, aus pris de ceux qui sont entre nous. Les Sauvages en font grande compte, les tenans fort chers, et en usent à l'endroit de leurs enfans, après leur avoir percés les levres, ou oreilles. Car ils mettent souvent de cette corne dans les pertuis, et incision pour le croistre. Ayant opinion qu'elle resiste, et est contraire au venin, et qu'elle empesche que aucun mal ne s'engendre en cette playe. Je me suis mocqué cent fois d'une telle superstition de ces sauvages. Après qu'ils ont pris cerf, ou biche, car pour mourir (quelque belle raison qu'on leur ameine) ils ne mettront ces bestes en leurs loges, qu'ils ne leur ayent couppé jambes, et cuisses. Car au devant ne se soucient ils d'y toucher. Et on cette opinion, que s'ils faisoient autrement, cela osteroit le moyen et à eux, et à leurs enfans de pouvoir prendre leurs ennemis à la course'.

Suniath (1587-1588: 92r; in Laborie & Lestringant, 2006: 236): 'De ce poyvre se nourrit non seulement le *Toucan*,

¹¹⁵ Abati = milho.

ains encore un autre oyseaux, que les Sauvages appellent *Suniath*, lequel est de la grandeur d'un merle, duquel il s'en veoit de deux especes, l'un tout noir, et l'autre aussy finement rouge qu'escarlate'.

Tajassoup (1587-1588: 87v; in Laborie & Lestringant, 2006: 227): 'Le sanglier, qu'ils nomment *Tajassoup*, est fier, et cruel, plus furieux que les nostres, auxquels ils ne ressemblent point du tout, ayans la mire, et dent plus longue, et apparente, tirant sur le noirastre, sans queue, et ayant sur le dos un évent semblable en grandeur à celui du marsouyn, avec lequel il respire en l'eau. Et ce sanglier se voyant pris, jette un cry fort effroyable, et entend-on de loing ses dents claqueter, tant il est chargé de furie, et de pit. Si est ce pourtant que les Sauvages en chevissent, et nous en amenerent une fois un tout lié, qu'ils avoient pris en une fosse: mais il eschappa, et s'enfuyt en nostre presence, sans qu'il fust possible de l'arrester, et moins de l'attaindre'.

Tapihire (1587-1588: 89r-89v; in Laborie & Lestringant, 2006: 229-230): 'Et quant à celle que l'on appelle *Tapihires*, desirées, et recommandées, à cause de leur dite deformité. Elles sont aussy poursuivies des Sauvages, tant pour en avoir la chair, qui en est tres bonne, et saine, que pour les peaux, desquelles is font des rondelles fort larges, desquelles ils usent, et portent en guerre, à cause qu'elles sont si dures, et fortes, qu'à grand'peine un trait d'arbaleste les pourroit percer, et usent de pareilles ruses à prendre le *Tapihire*, qu'à tromper les sangliers, cerfs, et biches. Cette beste est de la grandeur d'un asne, ayant le col plus gros, et la teste comme celle d'un taureau. Les dents trenchantes, et aiguës, non que pour cela elles soient plus dangereuses. Car cette beste estant chassée, toute sa defense ne consiste qu'à fuir, et à chercher sa retraite. Je me doubterois que c'est cet animal, que Léry dit estre une vache. En quoy il se trompe grandement, attendu la grosseur, et grandeur, del'une, et l'autre. Elle n'a que bien pu de queue sans poil, tout ainsy que la beste *Agoutin* cy dessus descrite, ayant le poil rougeastre, comme celui d'une vache'.

Tapihiri (1587-1588: 89r; in Laborie & Lestringant, 2006: 229).

Tapiti (1587-1588: 89r; in Laborie & Lestringant, 2006: 229): 'une espece de lievres, qu'ils nomment *Tapiti*, qui est fort petit. Sa peau claire est fine, et sa chair delicate, et savoureuse'.

Tatou (1587-1588: 31v; in Laborie & Lestringant, 2006: 127): Elle [isle de St Dominique, qui avoisine la forteresse de *Fernamboucq*] abonde en *Tatous*, bestes grandes comme petits cochons, couvertes d'escailles fortes, et estans de plusieurs pieces, se serrans dedans quand on les veut offenser'; (1587-1588: 32r-32v; in Laborie & Lestringant, 2006: 127-128): 'Les Sauvages nous feirent present de quelques *Tatous*, dont j'ay n'aguere parlé, qui est un petit animal estrange à voir. Il n'est possible de voir escaille Milanoise mieux faite que sa peau, qui est si forte à percer, qu'une espée, ou javelot n'y scauroit faire que la nique. Il est, comme j'ay dit, fait comme un petit cochon d'un mois, ou six semaines, et presque de mesme forme, principalement l'oreille, et la queue: mais des pieds il est bien different, d'autant qu'il a des ongles fort longues, et fort grosses, et bien armé jusques sur les oreilles, depuis le bas de la queue. Il a les jambes fort petites, et le ventre, qui approche quatre doigts de terre. En quoy se seroit grandement abusé mon compagnon Pierre Belon, avec lequel j'ay longuement voyagé en Grece, et en Egypte, lequel faisant son livre des poissons, et de quelques animaux, nous a representé en son livre des observations iceluy *Tatou*, non tel, que je luy donnay la peau¹¹⁶, ains luy a fait des jambes fort hautes, tout au contraire du naturel. Au reste, il a le ventre, et les jambes veluës, et marquetées de blanc, et de gris, et luy a nature donné cette adresse, qu'il se met, et se plie tout en rond, couvert de ses escailles par les parties qui n'en sont armées. Cette beste repaire en terre, et n'en sort que de nuit pour chercher pasture. Elle n'est habillée à courir, et n'a autre industrie que ce blotir en rond se voyant attrappée. Ils ont certaines attrapes, avec lesquelles on les prend, qui sont faites de gros chevrons, et de batons, qu'ils laschent avec une corde, quals ils passent par dessous, de sorte que ces chevrons leur tombent sur le dos, et ne se peuvent retirer. Les Sauvages les prennent tous en vie quelquefois. Cette beste est docile, et s'apprivoise volontiers' (1587-1588: 40r, 92v, 100v; in Laborie & Lestringant, 2006: 147, 236, 250).

Tocan (1587-1588: 60v; in Laborie & Lestringant, 2006: 184); (1587-1588: 159r; in Laborie & Lestringant, 2006: 376): 'Je luy (Gesner) envoyay par mesme moyen un bec de l'oiseau *Tocan*, long d'un pied, et gros comme le bras d'un homme, encor que cet oyseau ne soit non plus gros qu'un pigeon, qu'il a mis dans son livres de bestes, qu'il a fait cinq ans devant que mourir¹¹⁷. J'en ay deux de reste dans mon Cabinet à Paris'.

Tom (1587-1588: 81r-81v; in Laborie & Lestringant, 2006: 217): 'En ce país y a encor une autre incommodité, et indisposition meueilleuse, qui advient à ceux qui y habitent, par le moyen de certains petits vers, qu'il nomment en leur langue *toms*, lesquels ne sont gueres plus grands, ou gros, qu'une des plus petites puces que nous ayons par deçà: et pense que cela s'engendre dans la peau mesme, ainsy que font les cirons. Car il y en a quelquefois telle multitude, qu'il se fait une enflure grosse, comme une febve: mais qui rend une douleur extreme, et picque la partie offensée. J'ay senty cette affliction y estant, et tellement que cette vermine penetrait es souliers, et botines. Mes pieds estoient tous couverts de petites bubes, et bossettes, lesquelles estans crevées je trouvois un verd tout blanc, avec quelque bouë, et apostume. Cette petite meschante bestiole estant entrée en voz pieds, n'en peut estre tirée entiere, qui est cause de plus grande douleur, pour ce que la teste y demeure, et durant cela, il est impossible de resister au mal, tant il vous demange, et

¹¹⁶ Erro de Thevet?; como vimos no capítulo 8, Belon encontrou a carcaça de um tatu em uma feira em Constantinopla!

¹¹⁷ Conrad Gesner, *Icones Avium omnium, quae in Historia Avium Conradi Gesneri describuntur* (2^a. ed.), C. Frochauer, Zürich (1^a. ed., 1555), p. 130, onde Thevet está citado.

fourmille dans la chair. Pour obvier à [ce] ceux du país font une certaine huile d'un fruit, qu'ils appellent *Hibou-couhou*, qui ressemble à une Date, mais ne vaut rien à manger. Cette huile est gardée, et réservée dans de petits vases faits de fruits, qu'ils nomment *Carameno*: et si quelqu'un est touché, ils en frottent la partie offensée, qui en sent allegeance: Ainsy que je l'ai experimenté. Aussy en oignent ils souvent tout le corps, et mesmement s'ils sont las, soit de la chasse, ou autre besongne. Et est encor cette huile fort singuliere aux playes, et ulceres, ainsy que plusieurs des nostres en ont fait l'essay estans piqués de cette bestiole de *Tom*. Ils font d'une autre sorte d'huyle d'un fruit nommé par eux, *Piapat*, qui croit en un arbre nommé *Hianduf*, lequel fruit est semblable à l'olive, ou peu s'en faut, dont l'huile leur sert à parels usages, que celle du *Hibou-couhou*'.

Toucan (1587-1588: 75v; in Laborie & Lestringant, 2006: 208): 'Un Roy du país (...) avec deux becs de oyseaux dits *Toucans*, lesquels j'ay encore'; (1587-1588: 90v; in Laborie & Lestringant, 2006: 232): 'Quand je fus arrivé pardeçà, j'envoyai à Gesnerus le bec du *Toucan*, et la peau de cette beste [Haüt] conroyée, et d'autres singularités, ainsy que luy mesme confesse en ses oeuvres'; (1587-1588: 91r-92v; in Laborie & Lestringant, 2006: 234-236): 'J'avois oublié parlant des bestes, et oyseaux, de vous proposer la description du *Toucan*, du plumage duquel plusieurs font grand trafficq, et en donnent volontiers à noz mariniers, pour quelques petits mirouüers, qu'ils appellent *Aroa*, et des peignes, et autres petites besognes, qui ne sont de guere grand prix. (...). Or ce qu'ils appellent *Toucan* en leur langue c'est un oyseaux de la grandeur d'un pigeon, et encores une autre espece comme une pie, tous les eux de mesme plumage, a sçavoir tous noirs, sauf le bout de la queuë, où ils ont quelques plumes aussy rouges que sang, entrelacés parmy les noires, mais soubz la poitrine la plume est jaune, environ quatre doigts tant en longueur, qu'en largeur. Et est ce jaune si fin, pur, et excellent, qu'il est impossible de trouver couleur plus vivve. Les Sauvages ont bien l'industrie d'escorcher ces oyseaux, mesmement où est ce penache jaune, lequel ils accomodent à faire des garnitures d'espées à leur mode, et quelques robes, et chapeaux, et plusieurs autres choses de plaisir. J'apportay en France un chapeau riche, et fort beau, fait de ce plumage, lequel je presentay au feu Roy Henri second du nom, comme chose rare, et singuliere, admirée, veu la gentillesse de l'oeuvre. Or ces sauvages le font si mignonement avec du filet d'escorce d'arbre, qu'à grand peine le sçaurait on faire plus proprement pardeçà avec le fil de soye. Je n'ay trouvé de ces oyseaux sinon depuis le Cap de Frie, jusques à la riviere de Janere. (...). Cét oiseau ne sçaurait vivre parmy la froidure qu'il craint merueilleusement. Ce *Toucan* est tres monstrueux et difforme, entant qu'il a le bec plus gros, et presque plus long que tout le reste du corps, et n'est point aquatique, comme plusieurs ont pensé. En quoy se sont grandement trompés¹¹⁸. J'ay dans mon cabinet deux becs naturels dudit *Toucan*, que j'ay apportés de ces país là, avec quelques autres singularités. La vermine m'a mangé une infinité tant de peaux de *Toucan*, que d'autres oyseaux rouges comme escarlatte, azurés, et de diverses autres sortes, et especes. Cét oyseau vit de certain fruit parmy les bois, ou il fait ordinairement sa residence. Il mange aussy du poyvre long et rouge, duquel se trouvent deux especes, l'un plus long que l'autre, et le plus petit est fait ainsy qu'une fraize, un peu plus pointu, et l'appellent *Quein-apoüa*. Le plus grand s'appelle en leur patois *Quein-boucoup*. De ce poyvre se nourrit non seulement le *Toucan*, ains encore un autre oyseau, que les Sauvages appellent *Suniath* (...). Quand ces oyseaux ont mangé ce poyvre, en quelque lieu qu'ils fientent, soit sur un rocher, ou ailleurs, cette matiere bien digérée, et cutte, ou non, ne faudra de prendre en terre, et de se convertir en herbe, tout ainsy que si on avoit semé de ce mesme poivre surnommée. Ce *Tocan* encor vit 'un fruit, nommé *Ger-avua* [jerivá], qui croist en un arbre, fait à la façon d'un pruneau vert. Et est ce fruit tout rond. L'arbre, qui le porte est assés gros, et grand, et tout espineux, tirant surle noir, et est dur à merveilles, et pour telle dureté, plusieurs sauvages en font leurs flèches'; (1587-1588: 118v; in Laborie & Lestringant, 2006: 288).

¹¹⁸ Crítica a Belon (ver capítulo 8).

**27. A NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO
JESUITICA PELA BAHIA, ILHEOS, PORTO SEGURO, PERNAMBUCO,
ESPIRITO SANTO, RIO DE JANEIRO, S. VICENTE (S. PAULO) ETC.,
DESDE O ANNO DE 583 AO DE 1590, INDO POR VISITADOR O P.
CHRISTOVÃO DE GOUVEA,
DO PE. FERNÃO CARDIM**

Nessa obra há apenas dois registros:

Buriqui (p. 98) – ‘Chegámos em seis dias por termos sempre calmaria á barra do Rio, nomeado da *Buriquioca*, sc. Cova dos bogios, e por o nome corrupto Bertioga’.

Guará (pp. 98-99) – ‘Ao dia seguinte depois de jantar partimos para S. Vicente, e caminhando tres leguas por um grande e feroso rio cheio de uns passaros vermelhos que chamam Guará, dos ferosos desta terra, os quaes são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e tem mui compridas pennas: nascem estes passaros pretos, depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco ficam de um encarnado gracioso, quinto loco ficam vermelhos mais que grãa, e nesta ferosissima côr permanecem. Vivem junto d’agua salgada e nella se criam e sustentam’.

28. AS ‘COUSAS NOTÁVEIS DO BRASIL’ DO PE. FRANCISCO SOARES, S. J. (1590-1591)

Segundo Leite (1949: 139):

‘SOARES, Francisco. *Procurador*. Nasceu por 1560 em Ponte de Lima [distrito de Viana do Castelo, na antiga província do Minho]. Entrou na Companhia em 1575, mas só começou a estudar mais tarde. Sabia a língua brasileira. O facto de ser língua e só começar a estudar sete anos depois de entrar supõe que a princípio se ocupou em ministérios temporais, o que explica as observações pessoais que se encontram na sua narrativa. Pelo seu talento seria depois dedicado aos estudos. (São intermitentes os Catálogos deste período: em 1574 ainda não consta; em 1584 estudante de gramática; em 1586 houve casos de consciência, ainda não Sacerdote, discípulo do P. Luiz da Fonseca; em 1589 continua o mesmo curso, já Padre, discípulo do Padre, do mesmo nome, Professor Francisco Soares). Em 1589 acompanhou o Visitador Cristóvão de Gouveia, na sua volta a Portugal, caindo em mãos de piratas, com os maus tratos que constam na *Narrativa Epistolar* de Fernão Cardim. Não tornou ao Brasil. Faleceu em Bragança a 11 de Novembro de 1597’.

O manuscrito de Madri (1590)

Segundo Cunha (1966: xiii), ‘é (...) o manuscrito no. 154 do tomo 119 da coleção *Jesuítas*, da Biblioteca da Real Academia de la Historia, de Madrid. Intitula-se *De algũas Cousas mais notaueis do brasil, e de algũs costumes dos Indios*. (...). Contém o manuscrito treze páginas, ou sete fôlios incompletos. Vai do f.º 1020^r ao f.º 1026^r’. Segundo o mesmo autor (*op. cit.*, p. xvi), esse manuscrito pode ser datado de 1590. No fôlio 1026r (linhas 516-524) (cf. Cunha, 1966: 27), declarou o Pe. Francisco Soares:

‘Quis dar nesta algũa pequena noticia inda q’ de m^{tos} mais pudera dar cõta o q’ farei se cõ ajuda de d’s tornar ao brazil mais largo pois a breuidade q’ esta pedia o ão pede e posto q’ de tudo asima tenho experiencia e noticia se o mais pellos nomes da lingoa do Brazil e pello portuges porq’ ca ão ha m^{tas} cousas q’ la ha e asim cada cousa destas tem m^o q’ dizer e p^a espantar q’ por palauras pudera falar e declarar e ão por papel pois pede m^{ta} leirura’.

Nele são citados os seguintes nomes tupis de animais:

Anime (1590: fól. 1024v, linha 428) (cf. Cunha, 1966: 21): ‘hũa aue q’ chamaõ anime tem taõ esperta fala q’ se ouue mais de hũa legoa e mais saõ grandes os ouuos saõ tamanhos como hũns cocos de canada e mea de portugal correm m^o comem ferro ainda q’ este vermelho, na baya truemos hũa mansa’.

**Caranha* (1590: fól. 1925v, linhas 486-490) (cf. Cunha, 1966: 25): ‘hũns ha no rio de saõ fr^{co} q’ se chamaõ caranhas estes cortaõ logo os ãoes e poucos tomaõ se passaõ alguns indios a nado por onde os ha cortaõ hũa perna taõ facil^{te} q’ acerca se ão sente a pessoa estes dentes tem elles como facas saõ grandes’.

Coati (1590: fól. 1024r, linha 367) (cf. Cunha, 1966: 19).

Geraraca (1590: fól. 1024v, linha 414) (cf. Cunha, 1966: 21).

Guarazes (1590: fól. 1025, linhas 504-507) (cf. Cunha, 1966: 25): ‘guarazes saõ todos m^o vermelhos mui fina cor saõ como capons ã pequenos saõ pretos q^{do} crescẽ pardos e despois q’ uoam brancos e despois ficaõ vermelhos e viuem m^o’.

Jacare (1590: fól. 1026r, linhas 514-515) (cf. Cunha, 1966: 27): ‘Os jacares poẽ ouuos q’ cõ os olhos os goraõ tem 30 40 ouuos’.

**Mariatataca* (1590: fól. 1024r, linhas 370-382) (cf. Cunha, 1966: 19): ‘he hũm animal mais terribel q’ se uiu he m^o pequeno como gato e feroso este se algũ cam arremete a elle ou se ue ã aperto larga hũa certa ventosidade q’ m^{tas} de taõ roim cheiro morrẽ os caẽs e se he iunto da aldeã inda q’ esteiao dous mil Indios ou qualquer gente todos acordaõ o cheiro e daõ m^{tos} espirros e ja sabem q’ he aquelle bicho fogem dahi mais longe ate pasar por hũ pedaço aquelle cheiro hũ padre da cõpanhia indo de noite achou hum cuidou que era outra cousa deulhe cõ o bordaõ e o padre q’ ão auia quem chegasse a elle o fato se escaldou m^{tas} vezes sem querer perder o cheiro o bordaõ se desfez mais de ametade cõ hũa praia sã nunca perder o cheiro e ao padre valeolhe q’ ão tem sentido de cheirar inda o ouvir m^o mal disto ã duudem q’ ainda tem mais o animal’.

Narinari (1590: fól. 1025v, linhas 476-482) (cf. Cunha, 1966: 25): ‘os Narinari tem 2 pedras hũa por seo da boca outra por lingua estes quebraõ hũ buzio e hũ bergigaõ q’ e tam duro como pedra e as uestes o ão quebra estes saltaõ no ar e botaõ o buzio p^a o ar e asim de salto caindolhe nas pedras da boca o quebraõ isto se ue cada dia dar o estralo e ella sair toda fora ao buscar no ar saõ m^{tas} vezes de 10 palmos de roda’.

Sagui (1590: fól. 1024r, linha 367) (cf. Cunha, 1966: 19).

Sariges (1590: fól. 1024r, linhas 342-344) (cf. Cunha, 1966: 19): ‘Sariges saõ como rapozos comem galinhas ha

de m^{tas} castas e os comuns tem hũ sacco como antepeito q' em parindo os f^{bs} os recolhe naquelle sacco tem 8 tetas e como lhe da de mamar se tornaõ a recolher ia matei hũ cõ 7 f^{bs}'.

Tamandua (1590: fõl. 1021v, linhas 146-149 (cf. Cunha, 1966: 9): 'Teue esta gente algũa noticia do diluuiu mas cõtam de diferente modo e dizem q' d's se anojara e hũ animal q' chamam tamandua foise p^a o ceo com hũa êxada e de lla chaio a êxada e cauou tanto por si na terra q' se abriarã m^{tas} e alagaraõ todo o mundo'; fõl. 1024r, linhas 345-348 (cf. Cunha, 1966: 19): 'tamandua he como hũ galgo naõ corre mas aonde lansa maõ he como onça tem hũ rabo q' lhe cobre todo o corpo sem aparecer mais q' huã cabana de sedas deita a lingoa tres palmos grandes fora e vem formigas e êchẽna e assi as comem e disto se sustentaõ os formigeiros'.

O manuscrito de Coimbra (1591)

O manuscrito no. 54 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, intitulado *De alguãs Cousas mais notaueis do Brazil*, teve duas edições integrais. Segundo Cunha (1966: xiv), 'A primeira publicada em vários números do Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra (anos de 1904, 1905 e 1906), começou a imprimir-se no no. 1o. o volume 4o. (1904), a partir da página 14. A segunda edição, a qual, segundo a nota introdutória que a precede, foi integral e fielmente copiada da primeira, vem publicada no tomo 94, volume 148, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nas páginas 367-421 [Soares, 1927]. (...). Além destas duas edições integrais, temos notícia ainda de uma publicação parcial. Com efeito, no no. 4 da coleção Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil (Seção Brasileira do S.P.N., Lisboa, 1944) vêm transcritos dois trechos do ms. C. O primeiro dêles, a que o anotador da coleção apõs o título de *Fauna do Brasil*, reproduz a matéria constante das páginas 37 a 39 de C, linhas 938 a 1016. O segundo, com o título de *Flora do Brasil*, também da lavra do anotador, transcreve a matéria das páginas 57 a 59 de C, linhas 1484 a 1544'.

Esse manuscrito pode ser datado de 1591 e foi publicado por Cunha (1966). Os nomes tupis de animais nele constantes são os seguintes:

***Abijaguaçu hain aig** (1591: 56, linha 1467) (cf. Cunha, 1966: 141).

†**Acucua** (1591: 84, linhas 2197-2198) (cf. Cunha, 1966: 197): 'Acucua a cabeça tẽ como capello he como morcego'.

Agereba (1591: 81, linha 2114 (cf. Cunha, 1966: 191).

Aguari (1591: 87-88, linhas 2288-2289) (cf. Cunha, 1966: 203, 205): 'Aguari he vestido como hũ homẽ ã hũ gauaõ a boca piquena os beicos grossos as barbetanas cõpridas as escamas saõ hũas laminas como armas naõ mais q' de hũ palmo comũm^{te}'.

‡**Aguigui** (1591: 56, linha 1468) (cf. Cunha, 1966: 141).

†**Ahõ** (1591: 91, linhas 2353-2355) (cf. Cunha, 1966: 209): 'Ha m^{tas} lontras – Jaguapopeba-taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas maiores'.

Aiuruç (1591: 49, linha 1286) (cf. Cunha, 1966: 127).

‡**Ajuberaba** (1591: 52, linha 1355) (cf. Cunha, 1966: 133).

Ajurucurao (1591: 49, linha 1286) (cf. Cunha, 1966: 127): 'ajurucurao he v' dadrõ'.

Amajacu (1591: 83-84, linhas 2183-2190) (cf. Cunha, 1966: 195, 197): 'Peixe sapo ou coelho amajacu he comũmente de palmo faz hũ boleu como de bolça cheo de vëto Tirada a pelle deste se come o peixe e a pelle he p^a matar Ratos mas se se comẽ tudo jũto morre a pessoa ou animal. he o mais atreuido peixe q' ha aRemete ao anzolo m^{to} trõca o anzolo facelm^{te} e q^{do} o tiraõ a terra Ronca como cousa grãde'.

†**Amajacu corub rob** (1591: 84, linha 2202-2203) (cf. Cunha, 1966: 197): 'Amajacu corub rob este he fina peçonha'.

Amajacu guara (1591: 84, linhas 2201-2202) (cf. Cunha, 1966: 197): 'Amajacu guara he m^{to} fermoso azul so o Rabo tẽ amarelo'.

Amoreatĩ (1591: 84, linhas 2198-2199) (cf. Cunha, 1966: 197): 'Amoreatĩ este he como escorpiaõ do mar'.

***Anacam** (1591: 49, linha 1286) (cf. Cunha, 1966: 127).

Andiraguaçu (1591: 57, linha 1469) (cf. Cunha, 1966: 143).

‡**Andiraguaj** (1591: 57, linha 1469) (cf. Cunha, 1966: 143).

Anima (1591: 50, linhas 1425-1440) (cf. Cunha, 1966: 139): 'He passaro de admiraçãõ assi em seu comer como em feiçãõ tẽ hũs brados q' se ouue huã legoa he tamanho como hũ grou mas tẽ menos carne he preto os olhos fermosos o bico pouco major que de galo tẽ hũ corno jũto cõ as vëtas de hum palmo e he desta feiçãõ [ver Figura 95 para o esboço feito por Soares] he como corno mas brãdo e naõ quebra tẽ m^{ta} pena em si mas groças tẽ nos emcontros das azas dous ferros cruees de hũ dedo pollegar de hũ homẽ de groçura quadrados

- m^{to} agudos na ponta [...] jūta tē outros 2 cō os quais pelleja cō as outras aues os tres de dos dos pees saō muj descōpassados de cōprido andaō nos alagadiços comē erua o corno dizē he bō p^a restituir a fala’.
- Anū** (1591: 56, linhas 1457-1461) (cf. Cunha, 1966: 141): ‘Anūs pegas na feiçaō. Estes passaros criaō em huā casa grāde e m^{tos} jūtos e todos trazē de comer e ajudaō aos outros q^{do} saō pera isso e se hū vaj buscar de comer o outro se poē em sima dos ovos tē vegia q^{do} vaō buscar de comer e dá sinal cō q’ fogē tē fino sāgue o bico preto ao modo de arçaō de cela geneta’.
- Aquiqui** (1591: 42-43, linhas 1085-1114, 1119) (cf. Cunha, 1966: 114-115): ‘O aquiqui he o major q’ ha na p’uicia Sera como moço de 18 ou 20 annos Saō m^{to} louros e se naō tiueraō rabo cōprido como tē melhor lhe chama-raō gente p’q’ lhe naō falta senaō falar tē os braços pees corpo como homē A sertas horas do dia se ajuntaō todos e hū mais velho no meo começa hū modo de fala taō braua q’ parece pregaçaō e bota muita escuma polla boca e pera isso estaō dous mais piquenos q’ lha alimpaō e todos neste t’po calaō e dahi a hū pedaço q’ elle acaba todos gritaō e se vaō buscar de comer Quando querē passar de huā aruore pera outra se esta muito afastada ou passar algū rio q’ tē aruores dambas as partes se ajūtaō embrulhaō hūs cō os outros q’ fazē como cadea e assi se estaō balançando ate q’ chegaō a outra aruore e ētaō emtezaō dambas as bandas e fazē ponte por onde passaō os f^{es} e os doentes e como passaō todos largaō destoutra banda e inda q’ cajaō rijo saō muj ligeiros e ē q’lq’r ramo pegaō logo cō o Rabo. Algūs se os frechaō os Jndios em parte q’ naō morra logo tira a frecha e torna atirar cō ella o bogio ao Jndio e ja cōteceo matar bogio Jndio atirādolhe de Riba cō a frecha e assi se afasta e escōde o Jndio logo como o fere As femeas tē duas tetas e naō parē mais q’ hū e trazēno as costas (...) Aquiqui saō m^{to} fermosos e boliciosos’.
- †**Aquiqui pitanga** (1591: 43, linhas 1116) (cf. Cunha, 1966: 115): ‘Aquiqui pitanga tē o mesmo [que o aquiqui]’.
- Aracoā** (1591: 54, linhas 1392-1395) (cf. Cunha, 1966: 137): ‘Aracoā da grādes brados e q^{do} da m^{tos} he sarta a chuua. As mãças criaō pintaōs e tē a guēla doutra manr^a que vai aos bofes’.
- Aramarj** (1591: 87, linha 2284) (cf. Cunha, 1966: 203).
- Arara** (1591: 49, linhas 1273-1288) (cf. Cunha, 1966: 127): ‘Araras. He hū genero de papagajo q’ chamaō os portuguezes macao saō v’melhos e azuis saō grandes como grādes gauioēs e o Rabo tem as penas da mesma cor dalgūs 2 palmos de cōprido. falaō bē claro e voz grossa’.
- ‡**Arataqua** (1591: 51, linha 1315) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘Arataqua he azul e v’de m^{to} fino’.
- ***Arauna** (1591: 49, linhas 1281-1285) (cf. Cunha, 1966: 127): ‘Arauna. Saō como os de assima [arara, canīde] mas pretos e manr^a de v’de por sima q’ lhe da m^{ia} graça tē os pees amarelos e o bico vermelho e os olhos he muj fermoso e ha mui poucos’.
- ‡**Aritara** (1591: 56, linhas 1467-1469) (cf. Cunha, 1966: 141; nota de rodapé: ‘A leitura *aritará* é duvidosa; talvez seja *cuitará*’).
- Baepeçu** (1591: 81, linha 2114) (cf. Cunha, 1966: 191).
- Baêvaū** (1591: 56, linha 1468) (cf. Cunha, 1966: 141).
- Bajuna** (1591: 45, linhas 1203-1204) (cf. Cunha, 1966: 121): ‘Outra Bajuna cōprida e delgada tē o mesmo preto e cheiro’.
- Beijuĵ pira** (1591: 81, linhas 2133) (cf. Cunha, 1966: 191): ‘Beijuĵ pira saō os solhos’.
- Beriqui** (1591: 43, linhas 1114-1116) (cf. Cunha, 1966: 115): ‘Os beriquis saō taōbē grandes e fremosos tē os mesmos que os de sima [aquiqui] saō malēconizados’.
- ‡**Bocima** (1591: 84, linha 2211) (cf. Cunha, 1966: 197): ‘Bocima he Roin’.
- Boitenĵgua** (1591: 48, linhas 1249-1252) (cf. Cunha, 1966: 125): ‘Boitenĵgua ha duas castas tē em seus rabos cascaveis q’ soaō p’ bō espaço e tāge quādo morde tē grande peçonha corre m^{to} saō groças e de cōprim^{to} dez palmos’.
- Boitenĵpeba** (1591: 48, linhas 1253-1257) (cf. Cunha, 1966: 125): ‘boitenĵpeba tēm mais peçonha mordē de salto jūtando a cabeça cō a ponta do Rabo o Remedio q’ tē he cortarē logo o mēbro mordido pera escapar se naō tē ahi logo cōtrapeconha’.
- Boitimapoā** (1591: 46, linhas 1199-1201) (cf. Cunha, 1966: 121): ‘Boitimapoā he delgada he parda he fea cō esta dam as mulheres aos maridos pera terē filhos. Ha outra como a la. na grandeza no Rari andā estas tē hū cheiro como Rapozinho’.
- ‡**Bojoçu pecangua** (1591: 46, linhas 1206-1207) (cf. Cunha, 1966: 121): ‘Bojoçu pecangua cobra q’ tē espinhos p’los lombos’.
- ‡**Cabure guaçu** (1591: 55, linha 1417) (cf. Cunha, 1966: 139): ‘Cabure guaçu falcaō grande’.
- ‡**Cabure merĵ** (1591: 55, linhas 1417-1418) (cf. Cunha, 1966: 139): ‘Cabure merĵ falcaō piqueno este dizē os naturais q’ mata huā anta metesse debaixo do braço e tāto piqua te q’ lhe chegua ao coraçāō’.
- Çagui** (1591: 43, linhas 1121-1125) (cf. Cunha, 1966: 115): ‘çagui Os saguis da baja saō piquenos como doninhas e pardos mas o focinho como de bogio ha hūs no Rjo de Janr^o do tamanho de furoēs amarelos e pretos e o cabelo dourado m^{to} finoe saō de estima’.
- Caguija** (1591: 44, linhas 1154-1155) (cf. Cunha, 1966: 117): ‘Caguija saō como coelhos piquenos da India pardos moltrepiaō m^{to}’.
- ‡**Caguija pixuna** (1591: 44, linhas 1555-1156) (cf. Cunha, 1966: 117): ‘aj algūs [ratos] grandes e de cores Mejuare caguija pixuna &c’.
- ***Caij** (1591: 51, linhas 1328-1331) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘Caijs saō azuis pollas costas tē hū barrete azul claro e pellos peitos as penas das azas amarelas o bico e pees vermelhos’.

- Caj** (1591: 43, linhas 1119-1121) (cf. Cunha, 1966: 115): ‘ha de 6. ou 8 especies de bogios de cheiro q’ chamaõ Caj’.
- Camaropĩ** (1591: 82, linhas 2134-2137) (cf. Cunha, 1966: 293): ‘camaropĩ saõ grãdes e bõs e tẽ a escama como a palma da maõ grande e se podẽ fazer dellas boas armas’.
- Canduguaçu** (1591: 42, linhas 1074-1077) (cf. Cunha, 1966: 114): ‘Canduguaçu porco espinho. Este he o porco espinho de africa tẽ os espinhos brancos como de palmo e m^o e despedeos de ssi como setas saõ brãcos e pretos ha no sertoõ de Rjo de s. fr^{co}. m^{tos}’.
- Canduguaçu** (1591: 55, linha 1423) (cf. Cunha, 1966: 139) – Ver sob *eixua merj*.
- Candumerj** (1591: 42, linhas 1077-1079) (cf. Cunha, 1966: 114): ‘ha outros mais piquenos da mesma man^a candumerj he como ourico cacheiro tẽe penas mas naõ as despede’.
- Canĩde** (1591: 49, linhas 1279-1280) (cf. Cunha, 1966: 127): ‘Canĩde. Tem todas as cores he do tamanho do assima [arara] e falaõ’.
- Çaracura** (1591: 87, linhas 2274-2276) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Çaracuras. He como perdiz na pena e pernas faz grãde estrõdo no cantar duas horas entemenhã’.
- Carapeaçaba** (1591: 84, linhas 2194-2197) (cf. Cunha, 1966: 197): ‘Carapeaçaba tẽ muita peçonha he m^{to} fermoso preto e amarello e pardo he o peixe bõ mas se se derramar o fel por elle se o comerẽ naõ escapara’.
- Çarigue** (1591: 40, linhas 1018-1035) (cf. Cunha, 1966: 108): ‘Ha 6 castas andaõ de noite e comũ^{te} as galinhas e passaros aj hũs q’ tẽ hũ como antepeito e toma das maõs e chegua quaize as virilhas ali tem hũ buraco q’ em nacendo o f^o loguo se ãtra p’lo antepeito e toma sua mama q’ a natureza lhe ensina e nũqua as largua se naõ q^{do} saõ ja grandes parẽ cõmum^{te} 7, 8 f^{bs} cada vez os machos naõ tẽ este antepeito tẽ hũ cheiro grãde de rapozinhos saõ tamanhos como hũ gato cazeiro hũs pretos outros pardos e por a barriga amarellos tẽ as vnas como caeẽs aj outros ruiuos e o rosto queimado os olhos quaize todos fora da caça fiquaõ todos dependurados m^{to} grandes tẽ 6 u 7 tetas como vaquas a seu modo por esta man^a [ver desenho feito por Soares na Figura 95] e ã nacẽdo cada hũ toma a sua teta sã a largar estes saõ daninhos cupaõ o sangue em huã noite destruiẽ hũ galinheiro ha outros m^{tos} mais piquenos’.
- Cariguemeiu** (1591: 91, linhas 2353-2355) (cf. Cunha, 1966: 209): ‘Ha m^{tas} lontras – Jaguapopeba-taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas maiores’.
- Caripira** (1591: 86, linhas 2257-2258) (cf. Cunha, 1966: 201): ‘Rabiforcado, caripira andã m^{tos} dias e noite sã pousar’.
- Corĩ** (1591: 41, linhas 1080-1084) (cf. Cunha, 1966: 113): ‘Ha outros q’ chamaõ corĩ de tamanho de gato tẽ o cabello ralo cobrẽ os espinhos que tẽ amarelos e como lhe tocaõ os larga e se metẽ polla carne como cousa viua este hé o extromento cõ que furaõ os Indios as orelhas’.
- Corica** (1591: 49, linha 1286) (cf. Cunha, 1966: 127).
- Cotia** (1591: 38, linhas 964-966) (cf. Cunha, 1966: 105): ‘Cotias. Ha tres castas huãs majores q’ coelhos pardas outras pretas no sertoõ e huãs m^{to} piquenas pardas e amarellas’.
- Çuaçquete** (1591: 37, linhas 945-946) (cf. Cunha, 1966: 103): ‘Corços. Ha outros mais piquenos çuaçu pitãga naõ tẽ cornos e nadaõ m^{to} e o mesmo çuaçquete’.
- Çuaçu pitãga** (1591: 37, linhas 945-946) (cf. Cunha, 1966: 103): ‘Corços. Ha outros mais piquenos çuaçu pitãga naõ tẽ cornos e nadaõ m^{to} e o mesmo çuaçquete’.
- Cucuri** (1591: 81, linha 2110) (cf. Cunha, 1966: 191).
- Cucurijuba** (1591: 89-90, linhas 2305-2328) (cf. Cunha, 1966: 205, 207): ‘Cucurijuba caçaõ amarelo e assi tẽ dẽtes como de caçaõ viosse ahi hũa q’ tinha trĩta e sinco palmos de cõprido e outra de Roda 4 palmoa he fermosa e galãte p’lo lõbo e comẽ hũ caõ jntr^o esta emgole hũa anta q’ he como hũa vaca, e veados e tal ouue q’ se lhe acharaõ trez porcos mõtezes na barriga apertaos tãto q’ lhes quebra todos os ossos he comũ dizer e pessoa de fee e p^o vio hũa estar nos ossos como morta dizẽ q’ he q^{do} comẽ m^{to} como vaqua &c. fiqua q’ naõ pode andar ao longo dagoa ou onde ha lama e mete a cabeça e o Rabo debaixo e a mais carne fica ao sl e apodreçe e vẽ os coruos e a deixaõ no espinhaço e gastada se leuãta e torna a criar carne nouua e pouco e pouco torna a viuer hũa se achou em paraguaçu assi cuberta e cabeça e Rabo e os Indios cuidando estar morta lhe cortaraõ dous pedaços p^a comer ella acudio devagar aRiba e assi morreu dahi a hũ pedaço q’ se lhe escoou o sangue tinha dous porcos e duas passas [sic] q’ saõ como dous grandes leitoẽs na barriga’.
- ‡ **Cucuritiãga** (1591: 81, linha 2110) (cf. Cunha, 1966: 191).
- Curima** (1591: 194, linhas 2157-2181) (cf. Cunha, 1966: 195): ‘Tainhas ha m^{tas} e mugẽs e saõ os peixes q’ comũ^{te} ha porq’ os salgaõ e daõ aos escrauos he pera v’ estas tainhas q’ saõ comũ^{te} de bõs dous palmos de comprido e chamaõlhes curimas, vẽ em cardumes de fora la do mar largo a desouar nos Rios este peixe vi em a cap^{ta} do sp^u s^{to}, Rjio de Janr^o e s. V^{te}, emtraõ p’los Rjos e qua em baixo do Ryo lhe fazẽ hũ sercado grãde de madr^a tapando cõ Rama e esteiras de canas e depois q’ elle ãtrou cõ a emchente da mare quer tornar cõ a vazẽte e achasse sercado e entretãto daõlhe la emsima cõ o barbasco q’ he m^{to} e grãdes feiches e assi o embebedaõ e depois a frecha e cõ fsgas Redes e a maõ os tomaõ e he tãta a quantidade q’ mataõ q’ vi por vezes perto de duas mil pessoas cõ canoas ao matar e fazerẽ m^{ta} deligẽcia p^a o salgar como era leuarẽ, o sal pizado as facas pera escalar m^{tas} e afiadas, m^{ta} lenha jũta p^a o asar e cõtudo mais era o q’ se perdia do q’ se aproueitaua e nisto gastaõ despois do mejo dia q’ o mataõ ate a menhã do outro dia e fazẽno tres vezes no anno e aj pena q’ naõ faça sã apregoar pr^o p^a se naõ perder tãto peixe’.
- ***Çurubi** (1591: 87, linhas 2279-2282) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Çurubi he grãde tẽ m^{tas} pintas de cores muj fermoso

- tê as pítas a man^{ra} de truita mas majores e mais galâtes as cores e he bõ no sertoã vi m^{tos}.
- Çurucucu** (1591: 47-48, linhas 1234-1248) (cf. Cunha, 1966:124-125): ‘He grande e mais peconhêta tê dêtes como de caõ an medo grande os naturais desta e loguo lhe emterraõ a cabeça fundo tem ate 16 palmos, tê no Rabo huã vnha naõ m^{lo} dura justaçe cõ as aruores ou paos emtaõ como uê a caça ou homê salta nella e lhe mete esta vnha p’ baixo e lhe tira as tripas e por isso logo o Jndio acode cõ a maõ a se defender mas he por demais q’ ella ajûta a cabeça cõ o Rosto do homê e tudo o q’ morde cae logo podre tudo o q’ della aserta de cair do bocado tê lhe os Jndios grande aborrecim^{to} mas cõtudo comêna esfolada’.
- ‡**Cuxa** (1591: 56, linha 1468) (cf. Cunha, 1966: 141).
- Eixua merf** (1591: 55, linhas 1422-1424) (cf. Cunha, 1966: 139): ‘Eixua merf 3 castas menhu Vrubuanga candu-guaçu dizê que este come homês ate os ossos e a caça’.
- Ejxuã guaçu** (1591: 55, linha 1422) (cf. Cunha, 1966: 139): ‘Ejxuã guaçu esmirilhão grãde’.
- Ganhemũ** (1591: 85, linhas 2229-2232) (cf. Cunha, 1966: 199): ‘Ganhemũs saõ azuis e grandes andaõ no mato e canaueais jũto dagoa comũm^{te} tê grãde boca estes as uezes comê serto fruta e fazê mal’.
- Garaciça** (1591: 50, linhas 1309-1314) (cf. Cunha, 1966: 129): ‘O garaciça he o mais fino ã suas penas q’ passaro nhũ tê como hũ barrete na cabeça q’ se naõ pode ver cor p’pria senaõ de qualquer parte q’ viraõ pareçe de hũa cor tê o bico cõprido e preto criaõ dous e 2 e sostêtaõse cõ o mel destas flores’.
- Gibaja** (1591: 46, linhas 1185-1194) (cf. Cunha, 1966: 121): ‘Saõ das majores emgolê hũ veado intr^o saõ pintadas cõ manchas pretas e pardas huã vi de vinte pes de cõprido mas aj m^{to} majores naõ tê peçonha nê grandes dêtes poêse nos caminhos a esperar a caça e lãsase sobre ella e desta man^{ra} a aperta q’ lhe quebra todos os ossos e assi a lambe e a faz como limos e o come, e se he anta q’ he Rija metelhe o rabo por detras e lhe tira as tripas’.
- Guaçonĩ** (1591: 45, linhas 1180-1184) (cf. Cunha, 1966: 119): ‘Raposo Guaçonĩ. Comê nagoa e ã terra passaros canas dasuq’r saõ feos e dorminhocos’.
- Guarabebe** (1591: 84, linha 2211) (cf. Cunha, 1966: 197): ‘Guarabebe taõbê [ã ruim]’.
- Guarazes** (1591: 86-87, linhas 2261-2273) (cf. Cunha, 1966: 201, 203): ‘Guarazes. He tamanho como hũ Galo tê o bico de palmo delgado os peês de tres palmos o pescoço comprido o Rabo curto e piqueno he preto q^{do} creçe pardo depois q’ voa brãco e tudo se vai fazêdo v’melho e assi fica nesta cor vermelho muj fino as pontas das azas saõ pretas criaõse em as casas mãços e nas aruores so em s. v^{te} e Rjo de Jan^{to} ha m^{tas} e pareçe bẽ em hũa aruore toda vermelha ou q^{do} voaõ pareçẽ nuuẽ fermosa. Ha outros majores e a cor mais desbotada sobre o brãco, tê assi o bico [Figura 96]’.
- Guiranheẽgueta** (1591: 51, linhas 1323-1328) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘He de hũ pardo azul pollas costas e por baixo amarello tê hũ barrete amarelo cãta bẽ e de m^{tas} maneiras arremeda outros e assi armaõ cõ estes pondolhe visgo jũto da gaiola algũs trazê a portugal poucos. Outros aj pera gajolas’.
- Guiraopiaguara** (1591: 46, linhas 1195-1198) (cf. Cunha, 1966: 121): ‘Guiraopiguara anda pollas aruores come ouous he preta p’las costas e amarella p’la barriga estas saltaõ p’las aruores. Ha outra m^{to} cõprida toda v’de nê tê peconha nê faz mal’.
- Guiraponga** (1591: 53, linhas 1372-1374) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘He tamanho como hũ picanço aluo por todo o corpo faz grãde estrõdo como sino e se ouue longe’.
- Haynãbig** (1591: 50, linhas 1307-1308) (cf. Cunha, 1966: 129): ‘Saõ m^{to} piquenos naõ comê senaõ de avo comê as flores e saõ diuerços nas cores’.
- Jabebira** (1591: 81, linha 2113) (cf. Cunha, 1966: 191).
- Jacare** (1591: 28, linha 213) (cf. Cunha, 1966: 85), 91, linhas 2344-2352) (cf. Cunha, 1966: 209): ‘Jacare he mais piqueno naõ Remete senaõ se homê nada la ferra e assi o come tê os mesmos q’ os grãdes todos poẽ ovos como de patos poẽ 30-40 dizê q’ com os olhos os goraõ naõ estãdo emsima daõ gritos. algũs tomaõ cõ anzolos de cadea comêse estes e he boa carne e algũs cuidaõ se o naõ sabê q’ he galinha saõ algũs de 15-20 palmos de cõprido e hũ vi de 12’.
- Jacu** (1591: 28, linhas 707-709) (cf. Cunha, 1966: 85): ‘Outros dizê que do Jacu q’ he como gallinha ficou o fogo p’q’ tê o papo m^{to} vermelho’.
- ***Jacucaca** (1591: 53, linhas 1388-1391) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Jacutĩga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^{tas} castas tê tãta carne como huã boa galinha e aj m^{tas} em cãtidade e gostosas as penas destas seruẽ p^a frechas’.
- Jacuguaçu** (1591: 53, linhas 1388-1391) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Jacutĩga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^{tas} castas tê tãta carne como huã boa galinha e aj m^{tas} em cãtidade e gostosas as penas destas seruẽ p^a frechas’.
- Jacupema** (1591: 53, linhas 1388-1391) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Jacutĩga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^{tas} castas tê tãta carne como huã boa galinha e aj m^{tas} em cãtidade e gostosas as penas destas seruẽ p^a frechas’.
- Jacuritu** (1591: 56, linha 1467) (cf. Cunha, 1966: 141).
- Jacutĩga** (1591: 53, linhas 1388-1391) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Jacutĩga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^{tas} castas tê tãta carne como huã boa galinha e aj m^{tas} em cãtidade e gostosas as penas destas seruẽ p^a frechas’.
- ‡**Jaguapopeba-taçape** (1591: 91, linhas 2353-2355) (cf. Cunha, 1966: 209): ‘Ha m^{tas} lontras – Jaguapopeba-taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas majores’.

- ‡**Jajaboçuj** (1591: 87, linha 2285) (cf. Cunha, 1966: 203).
- †**Jandajete** (1591: 49, linha 1288) (cf. Cunha, 1966: 127).
- †**Jandajuba** (1591: 49, linha 1288) (cf. Cunha, 1966: 127).
- †**Japerujaguara** (1591: 80-81, linhas 2085-2110) (cf. Cunha, 1966: 189, 191): ‘Tubarões. Ha m^{tos} e de m^{tas} castas Japerujaguara he m^{to} Roin tẽ sete ordens de dentes m^{to} horrẽdos seruẽ estes dentes p^a frechas e tal ha q’ corta p’la canella cõ os dẽtes hũa perna e assi se achou em meu t’po ahi dentro na baya na barriga de hũ q’ hũ homẽ pescou hũa perna cõ hũa mea calca de hũ Jngres e foi q’ jndo ahi ẽgrezes a baja hũa nossa embarcaçaõ aRemeteo a hũa sua lancha e a meteo no fũdo e matou seis ou sete dos Jngrezes e 4 ficaraõ viuos e dalgũ daq’les foi a perna q’ se achou na barriga do tubaraõ e assi algũs portugezes ganhaõ sua vida a andar a elles e os pescaõ cõ q’lq’r isca e se he de cachoros he boa e cõ anzolos de cadea e hũa corda os alaõ e tal ha q’ vinte homẽs o naõ podẽ alar assima de hũ naujo e faz dar as vezes pendor. tẽ m^{to} azeite e dos figados som^{te} o fazẽ e deixaõ estar os figados trez dias p^a apodreçer bẽ asi da mais azeite Na baya se tirou hũ que viraõ p^{es} e m^{tas} passoaas q’ os figados deraõ Nouẽta e seis canadas de azeite das canadas de portugal e deste gastaõ os emgenhos comũmente’.
- Japu**, †**Japioba**, †**Japiuna** (1591: 50, linhas 1293-1302) (cf. Cunha, 1966: 129): ‘Saõ pretos pello corpo e amarelos nas azas e encõtros as penas do Rabo grãdes estes saõ m^{to} estimados e a pena pera remate de suas carapuças por ser fina ha os nos Ilheos e criaõ em os mais delgados Ramos das aruores e fazẽ hũs sacos de musgo e assi estaõ dependurados por amor das cobras e doutras cousas e assi saõ os mais dos ninhos dos passaros do brazil’
- Japu outra casta** (1591: 50, linhas 1303-1306) (cf. Cunha, 1966: 129): He preto o Rabo amarelo e os olhos aoRedor brancos e fermozos tẽ o bico amarelo saõ no andar como pegas e tamanho e câtaõ como galos’.
- Jareraca** (1591: 46, linhas 1208-1209) (cf. Cunha, 1966: 121): ‘Jareraca. Destas ha m^{tas} castas’.
- Jareracaçu** (1591: 46-47, linhas 1209-1229) (cf. Cunha, 1966: 121, 123): ‘Jeraracaçu vi de dez palmos de cõprido e outras de 4 dedos de largo na cabeça todas tẽ grãde preza naõ as tẽ senaõ escõdidadas e cõ emgonços ao longo da gimgiba do beicho de cima e debaixo e q^{do} mordẽ estẽdẽnas como dedos de maõs q’ estaõ encolhidos e saõ vaõs por dentro mas a peçonha vẽ das gemgiuas e corre p’ hũ rego q’ o dente tẽ como eu ui e a peçonha he amarella como agoa de asafraõ e no pao onde mordida a botaua isto foi a tarde q’ entaõ tẽ mais força e os q’ mordẽ p’la menhã comũm^{te} escapaõ todas tẽ grande peçonha e criaõ m^{to} e tal ouue q’ tinha na barriga sesenta e quatro f^{bs} comẽ rãs e bichos dizẽ q’ a sua peçonha tomaõ pella menhã do ouualho e por isso a tarde esta taõ refinada saõ todas pardas tem huã cadea preta pello lombo galante a cabeça larga tẽ aparẽcia cõ as biboras e assi saltaõ quando mordẽ as vezes’.
- ‡**Jareraca coatigua** (1591: 47, linhas 1229-1230) (cf. Cunha, 1966: 123): ‘Da Jareraca coatigua poucos escapaõ’.
- Jareraçepa** (1591: 47, linhas 1231-1233) (cf. Cunha, 1966: 123): ‘Jareraçepa tẽ a cadea v’melha mas he de mais peçonha q’ as outras assima’.
- Jaũ** (1591: 87, linhas 2278-2279) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Jaũ dizẽ tẽ 15 palmos de cõprido comũm^{te} he gordo he tẽ pelle’.
- Jaueti** (1591: 52, linha 1359) (cf. Cunha, 1966: 133).
- ‡**Jbiaũ** (1591: 87, linhas 2285-2286) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Jbiaũ, picois pretos dalẽtejo tẽ azeite de gordos’.
- Jbiboboca** (1591: 49, linhas 1263-1268) (cf. Cunha, 1966: 127): ‘He a mais fina pessoa de todas mas naõ faz mal comũm^{te} e se morde poucos escapaõ tem hũ fino v’melho e brãco e preto piquena e Redonda tẽ de cõprido comũm^{te} tres pamos andaõ entre taipas de barro ou de casas comũm^{te} mas ha poucas’.
- Jbigyara** (1591: 49, linhas 1269-1272) (cf. Cunha, 1966: 127): ‘He taõ groça na cabeça como no Rabo naõ olhos tẽ coua na terra q’ fura e se morde he fina a peçonha’.
- Jbiracua** (1591: 48, linhas 1258-1262) (cf. Cunha, 1966: 125): ‘Jbiracua. Saõ m^{to} Rois de tres palmos saõ v’des e algũ tanto brancas estaõ ẽ tocas das aruores e como mordẽ logo o sangue sae p’lo corpo ate q’ se escoa e morre a pessoa’.
- †**Jgija** (1591: 91, linhas 2353-2355) (cf. Cunha, 1966: 209): ‘Ha m^{tas} lontras – Jaguapopeba-taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas maiores’.
- Jgpupiara** (1591: 84-85, linhas 2212-2224) (cf. Cunha, 1966: 197, 199): ‘Homẽs marinhos. Ha de m^{tas} man^{ras} e se os naturais dizẽ q’ os vẽ vẽ asombrados e m^{tos} morrẽ de pasmo Jgpupiara dizẽ os naturais q’ saõ como homẽs tẽ o cabelo Ruiuo os olhos emcoudos de boa estatura as molheres dizẽ tẽ cabelos cõpridos e fermosos hũ Jndio vio hũ na baya e lhe fugio cõtou ao S’or e quis ir o s’or a v’ e naõ tornou achouse este homẽ depois morto e cõ a maõ fora da canoa q’ dizẽ lhes chupa o sãgue e aperta fortem^{te} isto cõteceo era de 1582 este mesmo anno foi morto hũ escrauo e lhe acharaõ os ossos quebrados do apertar m^{to}’.
- ‡**Jnagẽ guaçu** (1591: 55, linha 1421) (cf. Cunha, 1966: 139): ‘Jnagẽ guaçu gaviaõ grande’.
- ‡**Jnagẽ merj** (1591: 55, linha 1421) (cf. Cunha, 1966: 139): ‘Jnagẽ merj piqueno’.
- Jpecum** (1591: 53, linhas 1375-1380) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Ha hũs passaros tamanhos como poupas tẽ hũ capello de fino vermelho o mais he preto cõ os emcõtros brãcos tẽ o bico m^{to} forte mas piqueno os pẽes como de pega fura os paos cõ o bico e pareçe calafate natural no picar saõ de tres castas’.
- Jtaoca¹** (1591: 44, linhas 1142-1144) (cf. Cunha, 1966: 117): ‘Jtaoca saõ como onças e m^{to} Ligeiros tẽ hũ brãco asafroado as peles destes saõ boas p^a forros’.
- Jtaoca²** (1591: 84, linhas 2191-2193) (cf. Cunha, 1966: 197): ‘Jtaoca parece punhal de tres gumez e os olhos esbugalhados este taõ bẽ esfolado e estripado se comẽ’.

- Macucaguã, Macucagua** (1591: 53, linhas 1382-1387, 1398-1399) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Macucaguã he do tamanho de hũ pato sua feiçaõ e modo he como faizaõ tẽ tres titelas huã sobre outra poẽ como 14. 15 ovos tẽ m^{ia} carne naõ poẽ os pees quando dorme nos paos senaõ sobre as canellas das pernas dorme andaõ como galinas, e tẽ calos nas canellas’; ‘e os ovos do macucagua saõ verdes e grãdes’.
- Mandaig** (1591: 87, linhas 2283-2284) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Mandaig he como bagre tẽ dous ferros’.
- Manima** (1591: 90, linhas 2329-2331) (cf. Cunha, 1966: 207): ‘Manima. He maior mas naõ faz mal aos homẽs he muito pintada sêpre esta nagoa’.
- †**Maracajamerfj** (1591: 44, linha 1142) (cf. Cunha, 1966: 117): ‘Ha outros [gatos] pretos maracajamerfj’.
- ***Maracanaguaçu** (1591: 49, linha 1287) (cf. Cunha, 1966: 127).
- ‡**Maracanamerfj** (1591: 49, linha 1287) (cf. Cunha, 1966: 127).
- ***Maratacaca** (1591: 45, linhas 1557-1179) (cf. Cunha, 1966: 119): ‘He do tamanho de hũ gato cazeiro tẽ a feiçaõ de furaõ o focinho agudo e o corpo esguio tem p’lo fio do Lombo como tres dedos de Largura de preto ep’las espadoas ate as maõs omesmo o mais hũ branco asafroado e assi fica hũ mode de + cme bichos e passaros e ovos efaz m^o p’ comer nas prajas ambar todos o tẽmẽ e o cõ que se defende he que quando se ve em aperto larga hũa ventuzdade q’ basta pera matar como morrẽ algũs caẽs e toda huã aldea acorda a seu cheiro inda q’ estejaõ no mejo do çono e de espaço de sincoenta braças e tal cheiro fica ali nos pos pedras q’ p’ m^o t’po se naõ tira e assi acõteçeo a hũ padre q’ deu em hũ cõ hũ bordaõ o desbastaraõ te o mejo sê se tirar o cheiro e a Roupa p’ mais escaldada q’ foi se lhe naõ tirou o cheiro e este p^e naõ tinha sêtido de cheirar q’ ouue ja do Ruj cheiro morrerẽ Jndios. E asi faz huã cua p^a as necessidades naturais e cobre logo m^o bẽ p’ naõ ser sêtido’.
- ‡**Mejuare** (1591: 44, linhas 1555-1156) (cf. Cunha, 1966: 117): ‘aj algũs [ratos] grandes e de cores Mejuare caguija pixuna &c’.
- ‡**Menhu** (1591: 55, linha 1423) (cf. Cunha, 1966: 139) – Ver sob *eixua merfj*.
- Motu** (1591: 54, linhas 1395-1399) (cf. Cunha, 1966: 135): ‘Motu he taõ grãde como hũ peru os machos saõ grandes e brãcos dizẽ q’ os caẽs q’ comẽ os ossos destes q’ emdoudeçẽ ate q’ morrẽ tẽ os ovos zarabulhẽtos’.
- Narinari** (1591: 81, linhas 2114-2120) (cf. Cunha, 1966: 191).
- Narinarij** (1591: 81, linha 2113) (cf. Cunha, 1966: 191).
- †**Nhũ apopeguaçu** (1591: 54, linhas 1403-1407) (cf. Cunha, 1966: 137): ‘Nhũ apopeguaçu tẽ carne como huã galinha crian no campo boaõ pouco e criaõ muitas jũtas os ovos azuis no cantar pareçẽ codornizes naõ daõ mais que tres ovos e assi a tomaõ os caẽs’.
- Nhũdia** (1591: 89, linhas 2293-2295) (cf. Cunha, 1966: 205): ‘Nhũdia he peixe nuj gostoso naõ tẽ espinha pode cõparar cõ salmonete no gosto e sêpre comũm^o esta gordo’.
- ‡**Obequi** (1591: 84, linhas 2199-2201) (cf. Cunha, 1966: 197): ‘Obequi tẽ a cabeça muito grande estes se picaõ naõ escapaõ senaõ cõ fogo’.
- Paca** (1591: 7, linha 177) (cf. Cunha, 1966: 43): ‘huã paca q’ he como grãde lebre’.
- Pairari** (1591: 52, linha 1359) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘das da Ribaçaõ de portugal pairari’.
- Panapana** (1591: 81, linha 2110) (cf. Cunha, 1966: 191).
- ‡**Paraj** (1591: 52, linha 1359) (cf. Cunha, 1966: 133).
- Picaçu** (1591: 52, linhas 1355, 1356) (cf. Cunha, 1966: 133).
- Picaçnete** (1591: 52, linha 1356) (cf. Cunha, 1966: 133).
- ‡**Picaçu ipepotiãga** (1591: 52, linha 1356) (cf. Cunha, 1966: 133).
- ‡**Picaçupitãga** (1591: 52, linha 1356) (cf. Cunha, 1966: 133).
- Picaipeba** (1591: 52, linha 1360) (cf. Cunha, 1966: 133).
- †**Picuiguacu** (1591: 52, linha 1360) (cf. Cunha, 1966: 133).
- †**Picuipitanga** (1591: 52, linha 1360) (cf. Cunha, 1966: 133).
- ‡**Pipupipuba** (1591: 56, linhas 1466-1467) (cf. Cunha, 1966: 141).
- ***Pirajuba** (1591: 87, linhas 2286-2287) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Pirajuba barbos’.
- Piranha** (1591: 89, linhas 2296-2300) (cf. Cunha, 1966: 205): ‘Piranhas saõ como vezugos tẽ dẽtes q’ ate ferro cortaõ e cõ estes dentes se trosquiauaõ os Jndios antigamente aRemetẽ aos homẽs e muj sotis em os comer, e seruẽ de fãcas os dentes’.
- †**Putunara** (1591: 56, linha 1468) (cf. Cunha, 1966: 141).
- Quati** (1591: 44, linhas 1130-1137) (cf. Cunha, 1966: 117): ‘Dos quais Texugos de portugal. Este animal he mais inquieto e sofrego trepa p’las aruores naõ corre m^o he daninho quati monde se saõ m^{tos} cometẽ a gẽte repaõ e tẽ grãde força cõ as vnhas e dentes ha outros q’ tẽ dẽtes como Jauaris tẽ peles pera forros boas que parecẽ veludo tẽ tromba como de porco mais cõprida e delgada’.
- †**Quati monde** (1591: 44, linhas 1132-1133) (cf. Cunha, 1966: 117) – Ver sob *quati*.
- Quereibã** (1591: 52, linhas 1348-1353) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘He muy estimado por suas finas penas e daõ por a pelle de hũ valia de 2 escrauos p’ serẽ poucos he azul pardo em parteescuros os eiros roixos as penas das azas grandes quaize pretas mesturaõna cõ outra e tẽ maior valia’.
- Reiripeba** (1591: 85, linha 2336) (cf. Cunha, 1966: 189): ‘reiripeba tẽ perolas e aljofar’.
- Sebui** (1591: 52, linha 1360) (cf. Cunha, 1966: 133).
- Taguaranha** (1591: 91, linhas 2353-2355) (cf. Cunha, 1966: 209): ‘Ha m^{tas} lontras – Jaguapopeba-taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas majores’.

- ***Taibarana** (1591: 87, linhas 2282-2283) (cf. Cunha, 1966: 203): ‘Taibarana he como tainha’.
- Tamaẽdua** (1591: 28, linhas 710-712) (cf. Cunha, 1966: 85): ‘As redes Louca [louça] e mais cousas dizẽ q’ as deu o tamaẽdua de quẽ tẽ grande medo e deu aos tapujas mas ã guerra lhe tomaraõ tudo’.
- Tamandua** (1591: 40-41, linhas 1036-1054) (cf. Cunha, 1966: 111-112): ‘He como hũ bõ caõ a maneira de galgo o Rabo mais cõprido q’ o corpo e as sedas m^{to} mais grosças q’ as de porco e m^{to} cõpridas e q^{do} choue ou faz grãde sol bota o Rabo per sima das costas e todo se cobre q’ fica como huã cabana todo cuberto a cabeça piquena o focinho cõprido como funil sua limgoa sera de tres ate 4 pamos redonda as vnhas saõ como dedos mas agudas como punhal a tigre ou a q’lq’r cousa q’ elle lança maõ despedaça os pes como homẽ e assi espera sã temer nada e tẽ grande força tẽ huãs manchas de preto e brãco o seu comer he fromigas caua cõ as maõs ã algũs fromigeiros e saẽ as fromigas elle bota a lingoa fora e eixa a emcher emtaõ comeas aj outros piquenos e todos estes naõ corrẽ m^{to} e mais corre m^{to} hũ homẽ q’ elles Os Jndios naõ o comẽ q’ tẽ agoiro’.
- Tamoata** (1591: 89, linha 2292) (cf. Cunha, 1966: 205): ‘tamoata he aserca como este [aguari]’.
- Tangara** (1591: 51, linhas 1332-1336) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘Tem o tamanho de pardais e o bico, mas de preto fino tẽ hũ barrete larãjado e sobre os olhos larãjado fino este vêlhe algũas vezes sedẽte coral, taõbẽ aj outras castas m^{tas}’.
- Tatu** (1591: 41, linhas 1055-1072) (cf. Cunha, 1966: 111): ‘Tatu caualo armado. Ha hũs m^{to} grandes outros m^{to} piquenos de m^{tas} especies ha hũs q’ mais cauaõ cõ as maõs q’ hũ homẽ cõ huã emxada q’ vaj tras delle pello buraco a cauar e o tatu a botar terra p^a detras de ssi e acõteceu em huã fazẽda andarẽ 27 Jndios cõ suas emxadas e acharaõ hũ e o naõ podiaõ alcãçar ate q’ cõ dardo o esperaraõ jũto huã coua por onde elle auja de passar e assi fizeraõ bẽ dous Jndios em o trazerẽ p^a casa q’ era grãde saõ como caualo no focinho e todos andaõ cubertos cõ huãs cõchas como laminas darmas brãas de osso mociço mos peẽs maõs e Rabo tẽ o mesmo e naõ os passa frecha Ha outros m^{to} diuerços tatupeba tatuquaxima tatupebucu tatuapara este fechasse e naõ ha quẽ ãtre cõ elle senaõ nagoa. Monardes diz q’ o osso do Rabo he bõ pera febres mas como saõ m^{tos} naõ sabemos q’l he o do perũ’.
- ***Tatuapara** (1591: 42, linha 1070) (cf. Cunha, 1966: 111) – Ver sob *tatu*.
- †**Tatuguaxima** (1591: 42, linha 1069) (cf. Cunha, 1966: 111) – Ver sob *tatu*.
- Tatupeba** (1591: 42, linha 1069) (cf. Cunha, 1966: 111) – Ver sob *tatu*.
- †**Tatupebucu** (1591: 42, linha 1070) (cf. Cunha, 1966: 111) – Ver sob *tatu*.
- Tereponga** (1591: 84, linhas 2204-2210) (cf. Cunha, 1966: 197): ‘Ha outro peixe ou cobra Tereponga poẽse como morta nagoa e tda a cousa q’ lhe toca fica como visgo e q^{do} mais se quer tirar pior he assi como sae algũas vezes p^{la} praja parece cousa m^{to} piquena mas como lhe tocaõ parece odre e tãta força naq’le visgo q’ naõ larga destes aj poucos’.
- ***Tie** (1591: 51, linhas 1337-1339) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘Ties. Ha de m^{tas} castas e todos quaze pera gajolas algũs grãdes mais piquenos’.
- ‡**Tie apiraguira** (1591: 52, linha 1345) (cf. Cunha, 1966: 133).
- ‡**Tie guaçu** (1591: 51, linha 1341) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘Tie guaçu he como calhãdro e assi canta’.
- ‡**Tie guaissica** (1591: 52, linha 1346) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘Tie guaissica tẽ o Rabo de dous ou tres palmos’.
- ‡**Tie imbu** (1591: 52, linhas 1346-1347) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘Tie imbu saõ os canaios comẽ Aroz, milho &c.’.
- ‡**Tie merj** (1591: 52, linhas 1342-1344) (cf. Cunha, 1966: 132): ‘Tie merj como pintasilgo senaõ q’ tẽ o uermelho que os pintasilgos tẽ tem elles preto e o preto vermelho e o Ruiuo uerde pardo’.
- ‡**Tie obig** (1591: 52, linha 1345) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘Tie obig azul’.
- ‡**Tie obiguaçu** (1591: 52, linha 1345) (cf. Cunha, 1966: 133).
- Tie pirãga** (1591: 51, linha 1339-1340) (cf. Cunha, 1966: 131): ‘tie pirãga he todo vermelho m^{to} fino’.
- ‡**Tie vna** (1591: 52, linha 1344) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘Tie vna he preto cãta bem’.
- Toato guaçu** (1591: 54, linha 1416) (cf. Cunha, 1966: 137): ‘Toato guaçu. Asor’.
- Toato merj** (1591: 54, linha 1416) (cf. Cunha, 1966: 137): ‘Toato merj. Asor piqueno’.
- Toĩ** (1591: 49, linhas 1287-1288) (cf. Cunha, 1966: 127): ‘Toĩs grandes e piquenos diuerssos’.
- ‡**Tubura** (1591: 52, linha 1361) (cf. Cunha, 1966: 133): ‘Tubura ha grandes bãdos destas [rolas]’.
- Tucano** (1591: 52-53, linha 1362-1371) (cf. Cunha, 1966: 133, 135): ‘He tamanho como huã perdiz mas naõ tẽ tãta carne quando vai boando naõ parece senaõ huã crux perfeiissima he preto por fora e amarelo p^{lo} meo e por dentro v^omelho algũs tẽ os olhos azuis toda a cor he boa desta pena os papos saõ amarelos e ja vi mais de quatro mil papos jũtos nos Carijos he vestido dos naturais algũs q^{do} se querẽ vestir de festa .s. suas carapuças e outras cousas. Ha outros mais piquenos tẽ o peito v^omelho os olhos v^odes e os pees’.
- Vru** (1591: 54, linhas 1401-1403) (cf. Cunha, 1966: 137): ‘Vru¹¹⁹ tẽ no Responder e carne e pernas vermelhas e mais pareçẽça da perdis mas as penas saõ mais pretas q’ pardas’.
- Vrubu** (1591: 57, linha 1476) (cf. Cunha, 1966: 143).
- ‡**Vrubuanga** (1591: 55, linha 1423) (cf. Cunha, 1966: 139) – Ver sob *eixua merj*.
- Vrubutĩga** (1591: 57, linhas 1476-1483) (cf. Cunha, 1966: 143): ‘Coruos, Vrubus. Ha hũs e outros brãcos os brãcos saõ muj estimados Vrubutĩga brãco tẽ o caperaõ como vermelho quejmado os olhos azuis tẽ por vêtas dous buracos rasgados pera sima dẽtro naselhe huã crista de hũ dedo de carne vermelha como esfarrapada o bico vermelho e o paçaro cõ estas galãtarias parece m^{to} bẽ e tẽ m^{tas} cores nas penas de lõge cheiraõ a carniça’.
- ‡**Vrucuriaguaçu** (1591: 56, linhas 1466-1477) (cf. Cunha, 1966: 141).

¹¹⁹ Cunha grafou Vra (lapso).

† *Vruruguaguaçu* (1591: 90-91, linhas 2332-2344) (cf. Cunha, 1966: 207, 209): ‘Lagartos. Há dous dagoa grãdes vruruguaguaçu há no caâtiga dizê saõ como bois e aRemetê a gête e a tudo tê a perna esquerda cortada por sima do giolho e assi corre pouco tudo come carne peixe ate pedras esmoe e lhas achaõ no bucho saõ armados de hũas comchas q’ nada as passa senaõ p’las juntas Tê ferozes dentes nada largaõ do q’ ferraõ os testiculos tê m^{to} bõ cheiro emcaixaõse os dentes debaixo e de ssima e tê de fora hũs buracos como dêtes as pedras dos beiços saõ boas p^a feures’.

Vurutagui (1591: 56, linha 1466) (cf. Cunha, 1966: 141).

47

Crece pardo de pino q' via brava e verde
 vai fazendo o melço e a s' fica negra cor
 vermelço muy fino as pontas das arazas são
 pretas Criada e mas casar maços e nas
 arvores do em s' de e h' de Jan' de
 m' e parece q' he em boa arvore toda
 vermelça ou q' voas parece ha' muy
 formosa. Ha' outros majores e a cor mais
 desbotada sobre o braco. he ahi obico

Caracura

he como perdiz raposa e perna for grande e
 todo no cantar duas horas entemessa.

Dos peixes das aguas doces

Ja' dizi se is palmas de e' pido como se
 begrado he se pelle. Curubi hegra de
 se m' pintar de cores muy fermoso se as pitas
 amari de muita may majores e mais galada
 as cores e he bu no festa vi m'. Talbarona
 he como tainha. Mandaiz he como bague
 se duas ferris Aranaiz, par delha dalitejo
 Ja' Taboiz, piaba piquena. Jbiau, picois
 pechos dalitejo se azeite de grada, Iva Julia
 barbo
 Aquari he vestido como se' bome e' b' gauso

Figura 96. Esquema do bico do guará segundo Soares.

29. HEITOR FURTADO DE MENDOÇA E A 'PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO AS PARTES DO BRASIL. CONFISSÕES DA BAHIA' (1591-92)

Sobre Heitor Furtado de Mendonça e a Visitação do Santo Ofício na Bahia, ver Pimentel (2006). No relato desse inquisidor (Mendonça, 1922: 220, 221) consta:

'Confissão de Domingos Fernanades [sic], Nobre de alcunha tomacanna mistiço cristão velho no tempo da graça do Reconcavo no ultimo dia della.

11 de Fevereiro de 1592

dixe ser cristão velho natural de Pernãobuco costa deste Brasil mamaluco filho de Miguel Fernandes homem branco pedreiro e de Joana negra do gentio deste Brasil [índia] defuntos de idade de quarenta e seis annos casado com Isabel Beliaga mulher branca cristã velha morador nesta cidade e não tem officio

e confessando suas culpas dixe que de idade de dezoito annos até idade de trinta e seis annos viveo como homem gentio não rezando nem se encomendando a Deos cuidando que não avia de morrer nem tendo conhecimento de Deos, como verdadeiro cristão e posto que se confessava pellas quaresmas era por cumprir com a obrigação, e sua vida no ditto tempo foi mais de gentio que de cristão porem nunca deixou a fee de Christo e essa teve sempre em seu coração.

(...)

Confessou que averá dezesseis annos pouco mais ou menos que por mandado de Joam de Brito d'Almeida que foi governador nesta capitania na ausencia do governador seu pai Luis de Brito que hia pera a Paraíba foi elle confessante ao sertão de Arabo, por capitão de hũa companhia a fazer deçer o gentio pera povoado na qual jornada gastou quatro ou cinco meses e no ditto sertão elle tinha molheres duas ao modo gentilico as quaes eram gentias filhas de gentios que lhas davão por molheres e se tengia ao seu uso gentilico, e se riscou pellas coxas, nalgas e braços, ao modo gentilico, **o qual riscado se faz rasgando com hum dente de hum bicho, chamado paca** [nosso negrito], e depois de rasgar a carne levemente pello coiro esfregam por cima com huns pós pretos, e depois de sarado ficam os lavores pretos impressos nos braços e nas nalgas, ou onde os poem como ferretes pera sempre

o qual riscado costumão fazer os gentios em ssi, quando querem mostrar que são valentes, e que tem já mortos a homens, e por elle confessante se ver entam em hum aperto dos gentios que se levantavão contra elle se fez riscar per hum negro [índio], do dito modo pera se mostrar valente e assim escapou, por que vendo isso os gentios lhe fugirão e então se riscou com elle pella dita maneira Francisco Affonso Capara morador em Pirajoja termo desta cidade'.

30. A ARTE DE GRAMMÁTICA DE JOSÉ DE ANCHIETA (1595)

Primeira gramática da língua Tupi, escrita por Anchieta entre 1555 e 1556 em São Vicente e publicada em 1595 (Anchieta, 1595; facsimile em Anchieta, 1946) [Figura 97][sobre o assunto conferir o excelente artigo de Barros (1995)]. Nessa obra constam os seguintes nomes tupis de animais:



Figura 97. Frontispício da *Arte de Grammatica* de Anchieta (1595).

Camurî- fol. 63r (robalo)

Guirâ – fol. 93r.

Jagoára – fol. 36v.

Jundiá- fol. 6v.

Mbóya – fol. 36v.

Mimbába – fol. 14v.

Paronâmbòra [sic] – fol. 31v (‘*Paronâmbòra*, sempre significa cousas q’ se crião no mar como peixe, marisco’).

Pira– fols. 6r, 14v.

Pirâ – fols. 9r, 14v.

Piû – fol, 6v.

Túnga – fol. 14r.

Yatiû – fol. 6v.

**31. A SYMBOLORVM & EMBLEMATVM EX ANIMALIBVS
QUADRVPEDIBVS DESVMTORVM CENTVRIA ALTERA COLLECTA
DE JOACHIM CAMERARIUS (1595)**

Joachim Camerarius, o Jovem, nasceu em Nuremberg a 6 de novembro de 1534, filho do notável humanista Joachim Camearius (1500-1574). Graças ao círculo de amizades de seu pai teve contato com grandes figuras do século XVI. Fez seus primeiros estudos em Wittemberg e Leipzig e depois estudou medicina na Universidade de Pádua antes de obter seu doutorado na Universidade de Bolonha em 1662. De regresso a Nuremberg, dedicou-se à prática de medicina. Ao ser criado nessa cidade o *Collegium Medicum*, serviu como decano da instituição até sua morte, aos 11 de outubro de 1598. Correspondeu-se com grandes naturalistas tais como Gaspard Bauhin, Carolus Clusius e Conrad Gesner. Além de várias obras médicas, escreveu uma série intitulada *Symbola et emblemata*, com curtas frases moralizantes. Seu opúsculo *Symbolorum & emblematum ex animalibus quadrupedibus desumtorum centuria altera* (1595) [Figura 99] apresenta escassíssimo interesse, por apenas conter figuras de um gambá [Figura 100] e de um tatu [Figura 101], sem mesmo mencioná-lhes os nomes; apresentamo-las aqui como mera curiosidade.



Figura 98. Joachim Camerarius, o Jovem.



Figura 99. Frontispício do opúsculo de Camerarius (1595).

66

L V I I I .
C V S T O D I A
T V T A .



*O tuos satis hos cives, populumq, beatum,
Quis velut in patrio fas habitare sinu.*

P 2 S C R I -

Figura 100. Figura de gambá (Camerarius, 1595: 66).

91

L X X X I I I .
L O R I C A
V I R T V S .



*Virtus ipsa suis firmissima nititur armis,
Sevam hiemem fortis spernere doctæ male.*

X 3 F N D I -

Figura 101. Figura de tatu (Camerarius, 1595: 91).

32. GIOVANNI BOTERO (1595)

Giovanni Botero nasceu em Bene Vagienna, no Piemonte, Itália. Frequentou o colégio dos jesuítas em Palermo quando completou 15 anos, e no ano seguinte passou para o Colégio Romano. Em 1560 foi ordenado sacerdote jesuíta. Em 1565 foi enviado para ensinar filosofia e retórica nos colégios jesuítas da França, primeiro em Billom e depois em Paris. Durante sua estada nesta última cidade, de 1567-1569, envolveu-se nas guerras religiosas que agitavam a capital francesa e foi chamado de volta à Itália, aparentemente por seu envolvimento em protestos anti-espanhóis. Durante os anos de 1570 passou por vários colégios jesuítas em Milão, Pádua e Gênova, regressando depois a Milão. Graças a um seu sermão doutrinariamente incorreto questionando o poder temporal do papa, foi expulso da Companhia de Jesus em 1580. De 1582 em diante foi secretário do bispo D. Carlo Borromeo. Participou de várias missões diplomáticas. Tornou-se conhecido por publicar *Della ragione di Stato*, onde expôs suas ideias políticas. Morreu em Turim em 1617.

Em sua obra *Delle Relationi Vniversali* (Botero, 1595), tratou brevemente de alguns animais sulamericanos:

‘Tra gli animali [do Brasil] la **Tatusia**, ch’è della grandezza di vn porchetto, è coperta d’vn cuoio squamoso: onde in capo come la Testuggine. I **Cerigoni** hãno sotto il ventre due borse, doue ne’ bisogni accolgono, et portano i loro figliuoli; ma non è cosa più mirabile, che vna bestia, che i Portoghesi chiamano, dall’effetto, pigritia¹²⁰. Questa è della grãdezza d’una uolpe; ma di moto tâto lento, che per salire sù gl’alberi, delle cui foglie ella si pasce sêza fermarsi mai, nã vuol mãco di due giorni, & altrettãti, ò per scenderne: ne si muoue del suo passo per carrezze, è per sferzzate. la **Tamendoa** è della grãdezza d’vn porco: hà le vnghie grãdissime: si pasce di formiche, e hauẽdone cõ le vnghie trouato il buco, vi caccia dẽtro la lingua, e la ritira carica di quelli animaletti e gl’ingiotische, hà la coda tanto lunga, e pelosa, che vi nasconde sotto tutto il corpo. le **Ante** hanno non sò che somigliãza con le mule: ma lor cedono di grandezza. hanno il labro inferiore simile ad vna tromba: l’orecchie tonde, la coda torta; riposano di giorno ne’ loro couili, e di notte vanno pasturando’ (Botero, 1595: 385-386).

Tratou também do tucano, mas situou-o na Bolívia (‘Santa Croce del Monte’):

‘la **Toca**¹²¹ (tra gli altri mirabili vcelli) è della grandezza, e color della cornacchia: ma hà il petto bianco, et il becco dorato, è di lunghezza vguale à tutto il resto del corpo’ (Botero, 1595: 406).

¹²⁰ Em outras edições (e. g. Botero, 1605: 225, 1618: 196, 1640: 187) consta: ‘Haute, o Hay chiamano uma bestiola simile a un gatto, che non si è fin’hora lista beuere, nè mangiare’. Considerou-a, porém, animal diferente da *pigritia*, da qual também tratou linhas antes.

¹²¹ *Tocca* em Botero (1605: 237, 1618: 205), mas ainda *toca* em Botero (1640: 197).

33. PE. SIMÃO TRAVAÇOS (1596)

Segundo Leite (1949: 166):

“**TRAVAÇOS, Simão.** *Missionário e Capelão Militar.* Nasceu cerca de 1543 em Ferreiros, Arquidiocese de Braga. Entrou na Companhia de Jesus em 1562. Ordenou-se de Sacerdote em 1574 no Colégio de S. Antão de Lisboa. Embarcou para a Baía em 1577 com o P. Gregório Serrão, que voltava da Europa, aonde tinha ido como Procurador do Brasil a Lisboa e Roma. Na Baía, foi Mestre de Noviços; e depois foi para Pernambuco, onde todos os Catálogos, a seguir de 1584, em que fez os últimos votos, assinalam a sua presença até a morte. Trabalhou não só no Colégio de Olinda, mas nas empresas do seu âmbito, como a Paraíba, em cuja conquista tomou parte activa em 1585 e onde entrou como Superior em 1591. Consultor do Colégio, confessor e visitador da cadeia e do hospital de Olinda, onde faleceu a 4 de Outubro de 1618. Austero consigo mesmo, suave com os demais”.

Cunha (1978: 35) citou os nomes de animais listados abaixo, constantes de um manuscrito intitulado *Declaração do Brasil. Livro primeiro em que se declara toda a costa, e pouoações do estado do Brazil*, de 1596, atribuindo-o ao Pe. Travaços, pertencente à biblioteca particular do Dr. J. J. Renoux, do Rio de Janeiro (note-se que Leite (*l. c.*) desconhecia a existência desse documento):

Beijupira 1596: fól. 39v

Camaropim 1596: fól. 30v

Cotia 1596: fól. 28v, fól. 38r

Gariba 1596: fól. 38v

Jiboa 1596: fól. 38v

Paca 1596: fól. 38r

Saguim 1596: fól. 38v (“Ha uns [Bugios] que se chamaõ Saguins muito pequeninos, dourados, e fermozos, os quais ha principalmente no rio de Janeiro”).

Tatú 1596: fól. 38 r

34. O TUCANO SOBE AOS CÉUS

O lucrativo comércio das especiarias – um monopólio do Imperio Português no século XVI – sofreria um sério abalo com a União das Coroas Ibéricas (1580-1640), quando Portugal esteve sob o jugo da Espanha. Os holandeses aproveitaram essa situação para ir buscar no Oriente essa imensa fonte de riquezas.

Em 1592, o cartógrafo Petrus Plancius¹²² [Figura 102] publicara uma série de cartas que mostravam, com certo detalhe, o caminho para as Índias Orientais.



Figura 102. Petrus Plancius.

Imediatamente após a publicação dessas cartas, três comerciantes de Amsterdam, Jan Janszoon Carel, Hendrick Hudde e Reynier Pauw, reuniram-se em segredo para combinar uma expedição à Indonésia. Enviaram um primo de Pauw, Cornelis de Houtman, a Lisboa, disfarçado de comerciante. Sua missão era confirmar a exatidão das cartas de Plancius e ver se conseguia alguma informação adicional sobre a rota das Índias Orientais. Em setembro desse mesmo ano, Jan Huyghen van Linschoten¹²³ regressava de uma longa estada em Goa e logo em seguida publicava, em colaboração com o viajante Bernardus Paludanus, um relato de suas viagens que

¹²² Petrus Plancius (Pieter Platevoet) nasceu em Dranouter, agora em Heuvelland, Flandres Ocidental, em 1522. Estudou teologia na Alemanha e na Inglaterra. Aos 24 anos tornou-se ministro da Igreja Reformada Holandesa. Fugindo da perseguição da Inquisição quando estava em Bruxelas e a cidade caía sob o jugo espanhol, foi para Amsterdam, onde se interessou pela navegação e pela cartografia; teve a sorte de obter acesso a cartas náuticas recentemente trazidas de Portugal e logo ficou famoso como conhecedor do caminho para as Índias Orientais. Foi um dos fundadores da Companhia Holandesa das Índias Orientais, para a qual desenhou mais de 100 mapas. Em 1592 publicou sua obra mais conhecida, o mapa-múndi intitulado *Nova et exacta terrarum tabula geographica et hydrographica*. Faleceu a 15 de maio de 1622.

¹²³ Cf. Burnell (1885), Linschoten (1595, 1596), Saldanha (2011) e Tiele (1885).

incluía grande cópia de dados sobre as Índias Orientais e confirmava as cartas de Plancius, com novas adições; No início de 1594 Houtman voltava de Lisboa.

ITINERARIO,
Voyage ofte Schipbaert / van Jan
Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels In-
dien inhoudende een cozte beschryvinghe der selver Landen ende Zee-custen / met aen-
 wysinge van alle de voornaemde principale Havens / Rivieren / hoeken ende plaatsen / tot noch
 toe vande Portugesen ontdeekt ende bekent: Waer by gheboecht zijn / met alleen die Conter-
 septsels vande habjten / dyachten ende wesen / so vande Portugesen albaer residentende / als van
 de ingebooznen Indianen / ende huere Tempels / Afgoden / Hysinge / met die voornaemste
 Doomen / Dychten / Krupden / Spereeyen / ende diegelycke materialen / als ooc die
 manieren des selfden Volkes / so in hunnen Godts dienste / als in Politie
 en Huis- houdinghe: maer ooc een cozte verhalinge van de Coophan-
 delingen / hoe en waer die ghebeven en ghebonden worden /
 met die ghebeneftwerdichste geschedenissen /
 voo: gheballen den tijt zijnder
 residentie albaer.

Alles beschreven ende by een vergadert, door den selfden, seer nut, oorbaer,
 ende oock vermakelijcken voor alle curieuse ende Lief-
 hebbers van vreemdigheden,



AMSTELREDAM.
 By Cornelis Claesz. op't VVater, in't Schrijf-boeck, by de oude Brugge.
 Anno CIO. IO. XCVI.

Figura 103. Frontispício do *Itinerario* de Linschotten (1596).

Os comerciantes de Amsterdam tinham agora em mãos todas as informações que necessitavam e começaram a angariar fundos para a projetada expedição. Recrutaram seis outros comerciantes e formaram a *Compagnie van Verre*, que conseguiu levantar 290.000 florins, usados para construir e equipar quatro navios: *Mauritius*, *Amsterdam*, *Hollandis* e *Duyfken*.

Ao zarparem, essas nave levavam uma tripulação de 248 homens. Antes da partida, todos os navegadores foram treinados por Petrus Plancius. Entre eles estavam Frederick de Houtman¹²⁴, o irmão mais velho de Cornelis de Houtman, e Pieter Dirkszoon Keyser¹²⁵.

¹²⁴ Frederick de Houtman nasceu em Gouda em 1571 e faleceu em Alkmaar a 21 de outubro de 1627.

¹²⁵ Pieter Dirkszoon Keyser, também conhecido por seu nome latinizado Petrus Theodori, nasceu em Emden em 1540 e morreu em setembro de 1596. Realizou várias viagens ao Brasil e em 1595, a instâncias de Petrus Plancius, por quem fora especificamente treinado para cartografar as estrelas do hemisfério sul, foi incluído entre os participantes da primeira viagem dos Holandeses à Indonésia.

A frota dessa primeira viagem (*Eerste Schipvaart*; cf. Rouffaer & Ijzerman, 1915) partiu de Texel a 2 de abril de 1595. Chegando em Madagascar, 71 dos 248 tripulantes haviam morrido, a maioria de escorbuto. Os membros restantes permaneceram vários meses nessa ilha para recuperar-se e fazer as necessárias reparações nos barcos. Foi durante esse período que Keyser fez provavelmente grande parte de suas observações astronômicas, com a ajuda de Frederick de Houtman. Depois de zarpar de Madagascar, a frota levou quatro meses (fevereiro a junho de 1596) para chegar a Sumatra e por fim a Bantam, na ilha de Java. As transações comerciais pretendidas pelos holandeses, entretanto, não tiveram bom resultado, parte por instigação dos portugueses, parte pela inexperiência dos batavos. A tripulação viu-se obrigada a encontrar água potável e víveres em Sumatra, através do estreito de Sunda, em cujo trajeto morreu Keyser (setembro de 1596). A 18 de agosto de 1597 havia apenas 81 sobreviventes dessa aventura, que conseguiram regressar a Texel, incluindo Frederick Houtman, que provavelmente entregou a Plancius as observações astronômicas de Keyser e as suas próprias.

Graças às observações de Keyser e Houtman, Petrus Plancius criou 12 novas constelações dos céus meridionais, que ainda modernamente são aceitas. Em sua grande maioria foram denominadas com nomes de animais que os exploradores do século XVI haviam encontrado e levado ao conhecimento dos europeus, como a ave do paraíso, o camaleão, o peixe voador e o tucano; os nomes a elas dados por Plancius foram os seguintes:

Apus – a ave do paraíso
Chamaeleon
Dorado – o peixe ‘dourado’
Grus – a gralha
Hydrus – a hidra macha
Indus – o índio americano
Musca
Pavo
Phoenix
Triangulum Australe
Tucana
Volans – o peixe voador.

Assim, quase ao apagar das luzes do século XVI, o índio americano e um nome tupi tiveram a honra de serem entronizados no firmamento!

Essas 12 constelações foram publicadas por Plancius num globo celeste de fins do ano de 1597 e republicadas por Jodocus Hondius num outro globo de 1597 (ou início de 1598). Willem Janszoon Blaeu copiou essas constelações num globo em 1602 e criou um outro, novo, em 1603, baseando-se nas observações de Frederick de Houtman feitas numa segunda expedição (1598-1599), quando ficou prisioneiro do Sultão de Aceh, no norte de Sumatra, aproveitando para estudar a língua malaia local. De regresso à Holanda, Frederick publicou suas observações estelares como apêndice a seu dicionário e gramática da língua malaia e outras línguas (Houtmann, 1603).

Ainda nesse ano de 1603, Johan Bayer copiou as constelações meridionais dos globos de Plancius e Hondius, em seu atlas estelar *Uranometria* [Figura 104], dando o crédito da cartografia a um *Petrus Theodori* (Pieter Keyser).

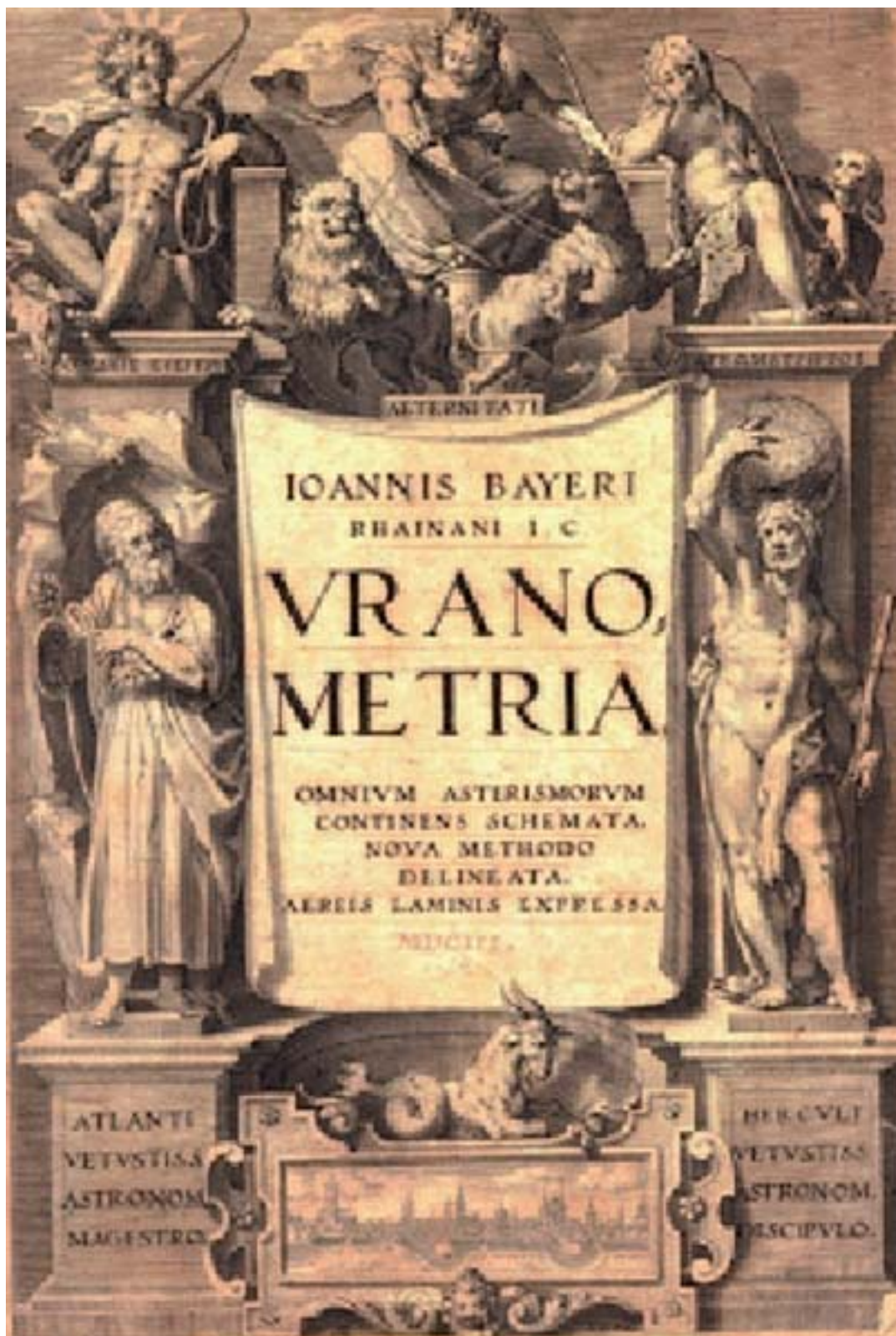


Figura 104. Frontispício da *Uranometria* de Bayer (1603).

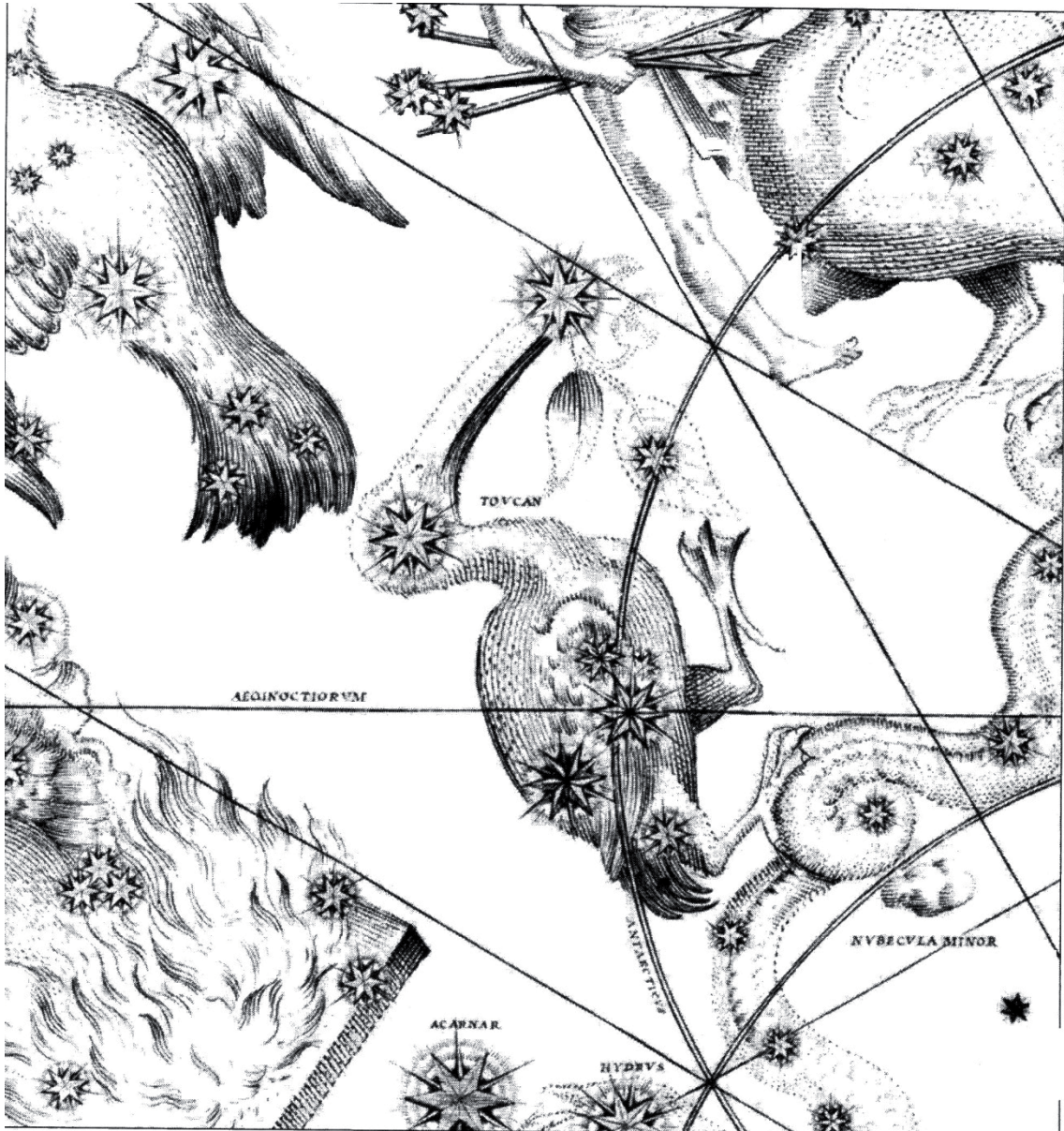


Figura 105. A constelação do Tucano segundo Bayer (1603).

A constelação do Tucano apareceu posteriormente no *Atlas coelestis* de Cellarius (1660) [Figuras 106-108] e na *Uranographia* de Bode (1801) [Figura 109].

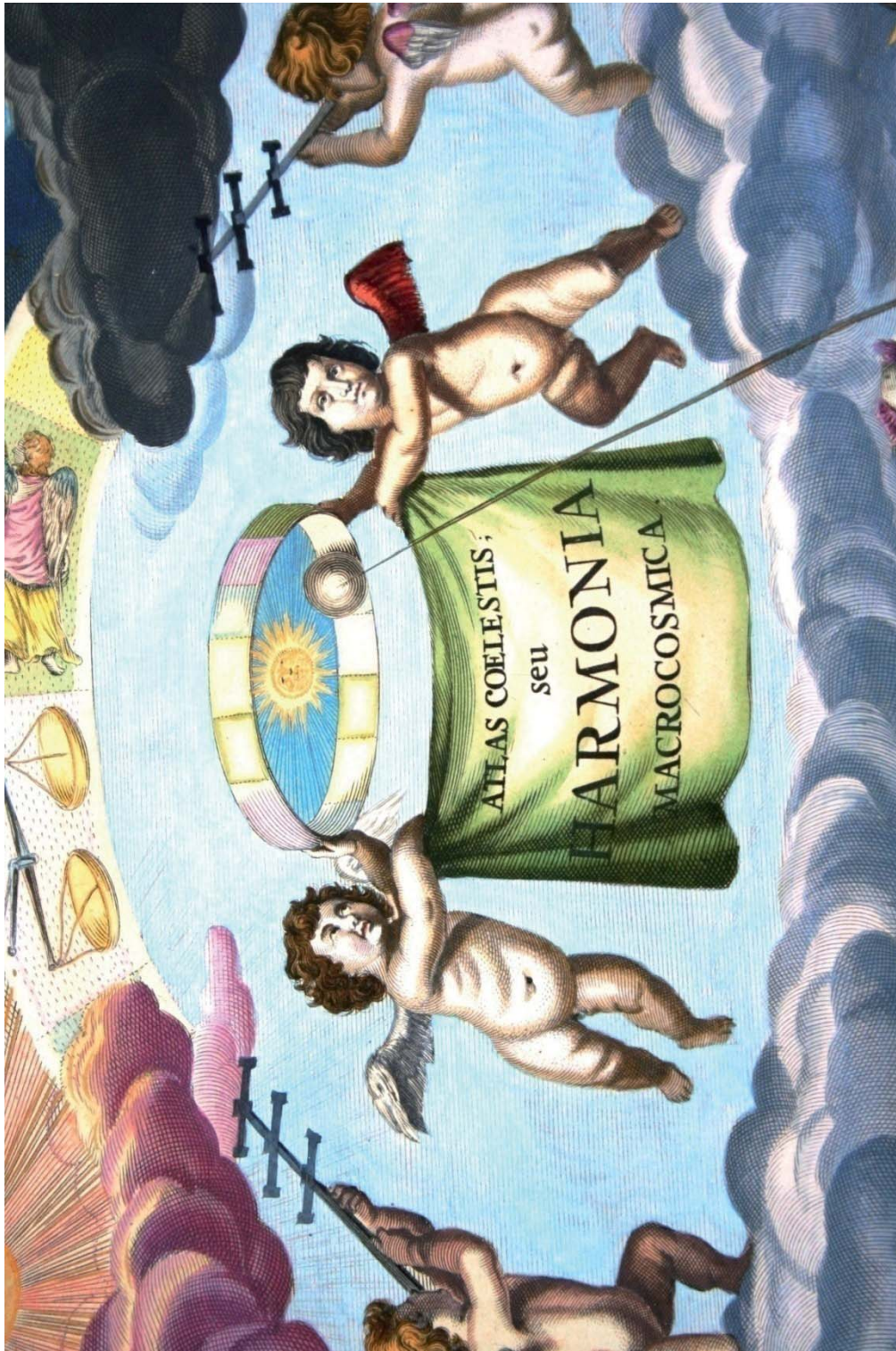


Figura 106. Detalhe do frontispício do *Atlas coelestis seu harmonia macroscopica* de Cellarius (1660).



Figura 107. O *Haemispherium stellatum australe aequali sphaerum proportione* de Cellarius (1660).

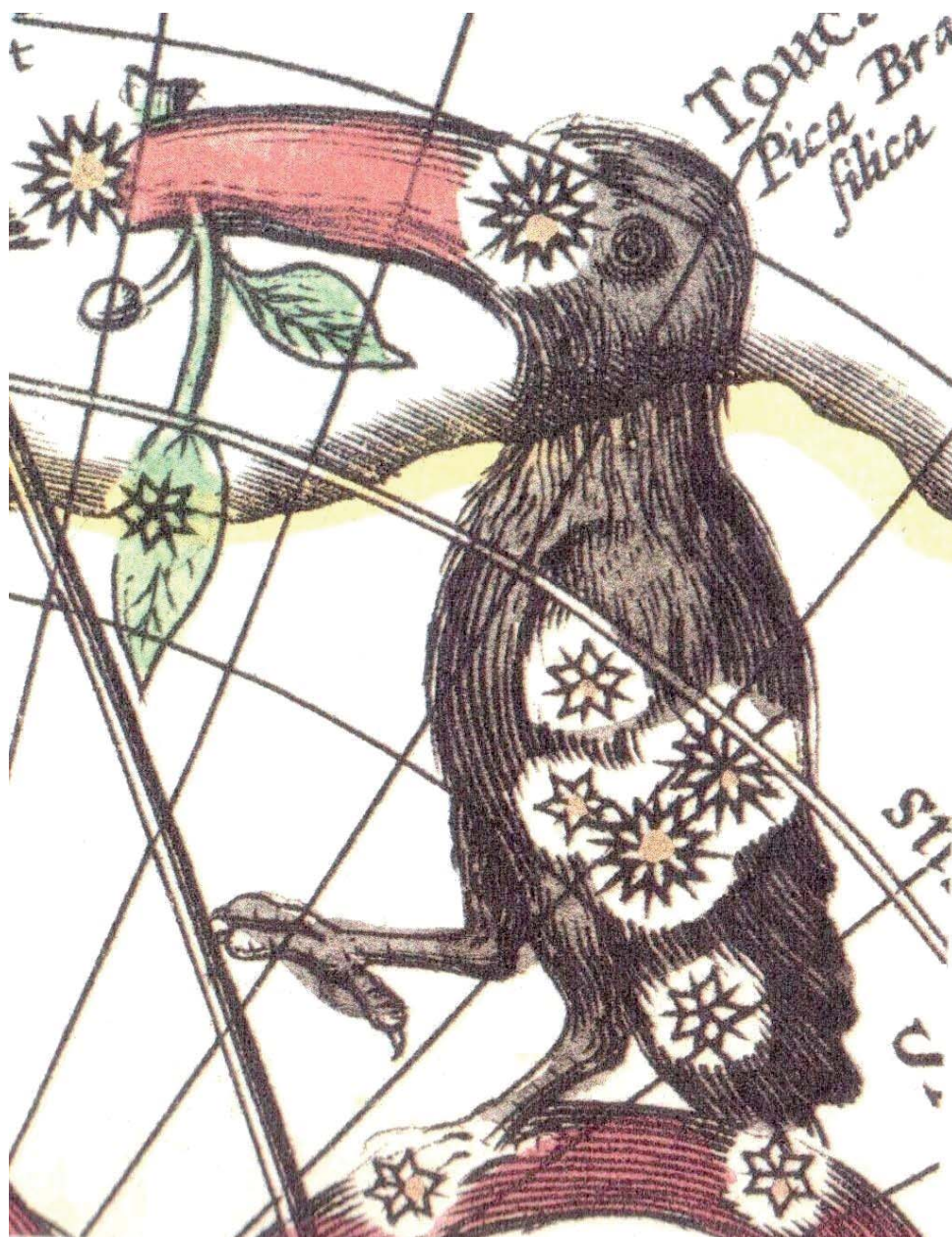


Figura 108. Detalhe da Constelação do Tucano (Cellarius, 1660).

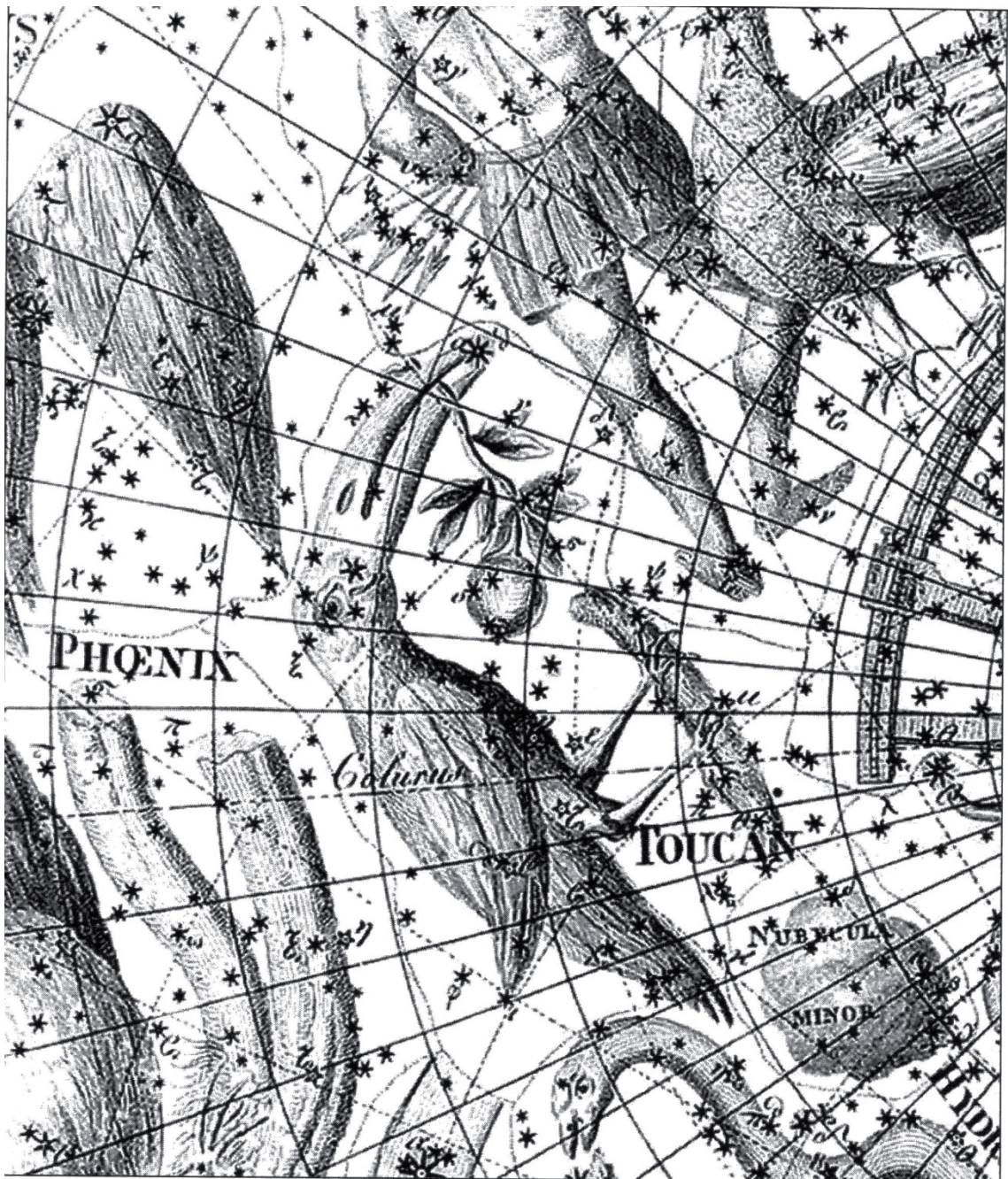


Figura 109. A constelação do Tucano segundo Bode (1801).

35. LEVINUS HULSIUS (1599)

Levinus ou Laevinus Hulse (em forma latinizada Hulsius) (Asher, 1839: 12-16) nasceu em Ghent, na Bélgica, por volta do ano de 1546, no seio de uma respeitável e rica família. Logo cedo mostrou grandes habilidades e estudou línguas e matemática nos seminários e universidades de seu país. Em idade mais madura adotou os princípios do Protestantismo ensinados na Alemanha por Lutero e tornou-se um ardoroso defensor da Reforma da Igreja. Mas um decreto do monarca espanhol, nessa época também reinando sobre os Países Baixos, proscreeu todos os adeptos dos novos princípios, entre os quais estava Hulsius, que foi forçado a deixar sua pátria e suas posses, tornando-se do dia para a noite um mendigo vagando pelo mundo, contando apenas com suas aptidões para prover as necessidades mais básicas da vida. Hulsius finalmente dirigiu seus passos para a Alemanha e, graças à favorável acolhida que teve em Frankfurt, decidiu estabelecer-se posteriormente em Nuremberg por volta do ano de 1590. Essa cidade tinha nesse tempo uma considerável importância, tanto do ponto de vista científico quanto comercial; mais de trinta eminentes livreiros e impressores floresciam sob a proteção da Universidade de Altdorff, situada nas vizinhanças de Nuremberg; Hulsius logo encontrou ali um emprego. Aproveitando-se de seu conhecimento de línguas, de início lecionou francês e italiano; atuou depois como notário público e em 1594 dedicou-se ao ofício de livreiro, publicando suas próprias obras e as obras de outros autores.

Ao atuar como professor e notário, Hulsius sempre sentiu falta de um dicionário, mas não havia um único a esse tempo na Alemanha; portanto, sua primeira obra foi um *Dictionnaire françois-allemand et allemand-françois*, que compilou e publicou em 1596, além de gramáticas e dicionários de italiano, que tiveram grande aprovação e que foram frequentemente reimpressos.

Em 1594 suas habilidades já tinham sido amplamente reconhecidas e Cornelius de Judaeis, um dos professores da Universidade de Altdorff, contratou Hulsius (nessa época já havia latinizado seu nome) para publicar uma obra sobre o uso de instrumentos matemáticos. De Judaeis forneceu as pranchas que já tinha gravado e instou Hulsius a continuar seus trabalhos em seu departamento na universidade. Datam desse período vários títulos de livros sobre o assunto; graças ao prefácio da obra intitulada *Ocularis et radicalis demonstratio* também ficamos sabendo que Hulsius mantinha um bom estoque de instrumentos matemáticos para vender, com diferentes preços. Seus tratados venderam bastante e muitos deles foram frequentemente republicados. Seu sucesso levou-o a compilar várias obras geográficas.

Em 1598, inspirado pelo sucesso da publicação de seus conterrâneos Johann Theodor e Johann Israel de Bry, que também se haviam estabelecido em Frankfurt, empreendeu a tradução de narrativas de viagens marítimas e terrestres que então se publicavam em diferentes partes do mundo, mais especialmente na Holanda e na Inglaterra, que formaram o principal assunto de suas memórias.

Segundo Moraes (R. B. de) (1983: 414): “This Hulsius collection [de relatos de viagens] is composed of twenty-six parts. Several of these parts appeared in more than one edition, and Parts 4 and 5 were translated into Latin, appearing in that language in 1599. The original German edition was published between the years 1598 and 1650, but other editions of some of the volumes were printed up until 1663. Hulsius published his collection for the purpose of competing with that of De Bry¹²⁶. He chose a more convenient format, published the more interesting voyages, and took great care with the translations”.

Em 1599 publicou um resumo da viagem de Raleigh (ver Raleigh, 1596; Schomburgk, 1848), em alemão e latim (Hulsius, 1599a, 1599b [Figuras 110 e 111]). Nestes opúsculos há só um curtíssimo trecho de Raleigh e muito da erudição de Hulsius. Incluiu uma prancha com

¹²⁶ A coleção das viagens e navegações editada por Theodore De Bry constou de 26 partes (cf. relação das obras em Asher (1839: 3-6) e Camus (1802)). Dentro dessa coleção, são de interesse para o Brasil os seguintes: De Bry, 1592, 1593, 1597, 1599, 1628, 1630, 1634.

desenhos de gambá (*simivulpa*) preguiça (*haiüte*) e tatu (*armadillo*) [Figura 112].

Nesse mesmo ano publicou também o relato da viagem de Ulrich Schmidel (Hulsius, 1599c). Com referência a esta última obra, declarou Moraes (R. B. de) (1983: 414): “In the preface to this fourth part of his collection, Hulsius points out the mistakes in De Bry’s edition of Schmidel’s voyage [De Bry, 1597]. These mistakes refer mainly to the names of places. Hulsius claims to have used the original text. Schmidel’s portrait is very well engraved and the map very accurate”.

O vigésimo-primeiro volume dessa coleção surgiu postumamente (Hulsius, 1629), e, ainda de acordo com Moraes (R. B. de) (1983: 415): “It is divided into four parts. The first contains a general description of Brazil, and is entitled ‘Von dem vnderscheyd der Sprach vnd der Völcker in Brasilien: von dem Erdreich vnd der Gelegenheit solches Landes’. This is on pp. 7-37. The second part describes the taking of Bahia, and is entitled ‘Beschreibung von Eroberung des Statt S. Salvator in Brasilia’ (pp. 38-114). The third part (pp. 115-121) is entitled ‘Ob ich wol nicht zweiffele es werde in vorhergehender Relation Johan Georgen Altenburgs der gantze Verlauff der Eroberung vnnnd Verlusts...’. The fourth part, which occupies the remainder of the volume, is an account of the capture of the silver fleet by Pieter Heyn. Of the three plates, two refer to Brazil, one depicting several savages torturing and killing a prisoner, and the other a view of S. Salvador. The third plate shows the silver fleet in the port of Matanzas and the Dutch fleet lying outside in wait. The portrait is of Peter Heyn, and the map represents the Americas”.

Hulsius planejou também publicar uma enciclopédia de matemática; para obter material sobre o assunto, assim como para divulgar aos cientistas estrangeiros suas obras já publicadas, viajou, em janeiro de 1600, pela Holanda e pela Inglaterra.

De volta dessa viagem, decidiu mudar-se para Frankfurt am Main, provavelmente para usufruir das vantagens que lhe foram oferecidas, como livreiro, pelas feiras estabelecidas nessa cidade e também pelo desejo de viver cerca dos De Bry, com os quais mantinha as relações mais amistosas. Isto provavelmente ocorreu no início do ano de 1603. Durante esse ano e nos anos subsequentes encontramo-lo ocupado com inúmeras atividades literárias – republicou muitas de suas obras e continuou a editar sua coleção de viagens e tratados matemáticos, essa faina foi interrompida por sua morte, no começo do ano de 1616. Após sua morte, um de seus tratados matemáticos e a oitava parte e as ulteriores partes de sua coleção de viagens foram publicados por sua esposa e seus sucessores, parte a partir dos papéis por ele deixados e parte em colaboração com os De Bry.

Kurtze Wunderbare Beschreibung.
Des Goldreichen König:
reichs Guianæ in America/oder neuen Welt/ vnter der
Linea *AEquinoctiali* gelegen: So newlich Anno 1594. 1595.
vnd 1596. von dem Wolgebornen Herrn/ Herrn *VValthero Ra-*
legh einem Englischen Ritter/besucht worden: Erstlich auß befehl seiner
Gnaden in zweyen Büchlein beschrieben / darauß *Iodocus Hondius*, ein
schöne Land Taffel/mit einer Niderländischen erklärung gemacht,
Jetzt aber ins Hochteutsch gebracht/vnd auß vnters-
chiedlichen *Authoribus* erkläret.

Durch
Levinum Hulsiurn.



Noribergæ, impensis *LEVINI HVLSEII*,
M D' XCIX.

Figura 110. Frontispício da edição alemão do opúsculo de Hulsius (1599a).

Brevis & admiranda descriptio
REGNI GVIANÆ, AVRI
ABVNDANTISSIMI, IN AMERICA,
SEV NOVO ORBE, SVB LINEA ÆQVINOCTILIA
siti: Quod nuper admodum, Annis nimirum,
1564. 1595 & 1596.

Per Generosum Dominum,
Dn. GVALTHERVM RALEGHE QVI-
tem Anglum detectum est: paulò post jussu ejus
duobus libellis comprehensa:

Ex quibus
IODOCVS HONDIVS TABVLAM GEO-
graphicam adornavit, addita explicatione
Belgico sermone scripta:

Nunc verò in Latinum sermonem translata, & ex variis
authoribus hinc inde declarata.



NORIBERGAE,
Impensis LEVINI HULSIJ, D. M. XCIX

Figura 111. Frontispício da edição latina do opúsculo de Hulsius (1599b).



Figura 112. Hulsius (1599b). Gambá, preguiça e tatu.

36. ULISSE ALDROVANDI (1599)

A Universidade de Bolonha tem um esplêndido *site* sobre Ulisse Aldrovandi [Figura 113] ('Il teatro della natura di Ulisse Aldrovandi – Filosofia e Comunicazione. www.filosofia.unibo.it/aldrovandi'), com a história da origem do Museu Aldrovandi, um resumo de sua biografia, o catálogo de seus manuscritos, reprodução de suas numerosas pranchas coloridas, seu epistolário, a iconografia relativa a esse enciclopédico sábio italiano e a reprodução da clássica biografia publicada por Fantuzzi (1774) [Figura 114].

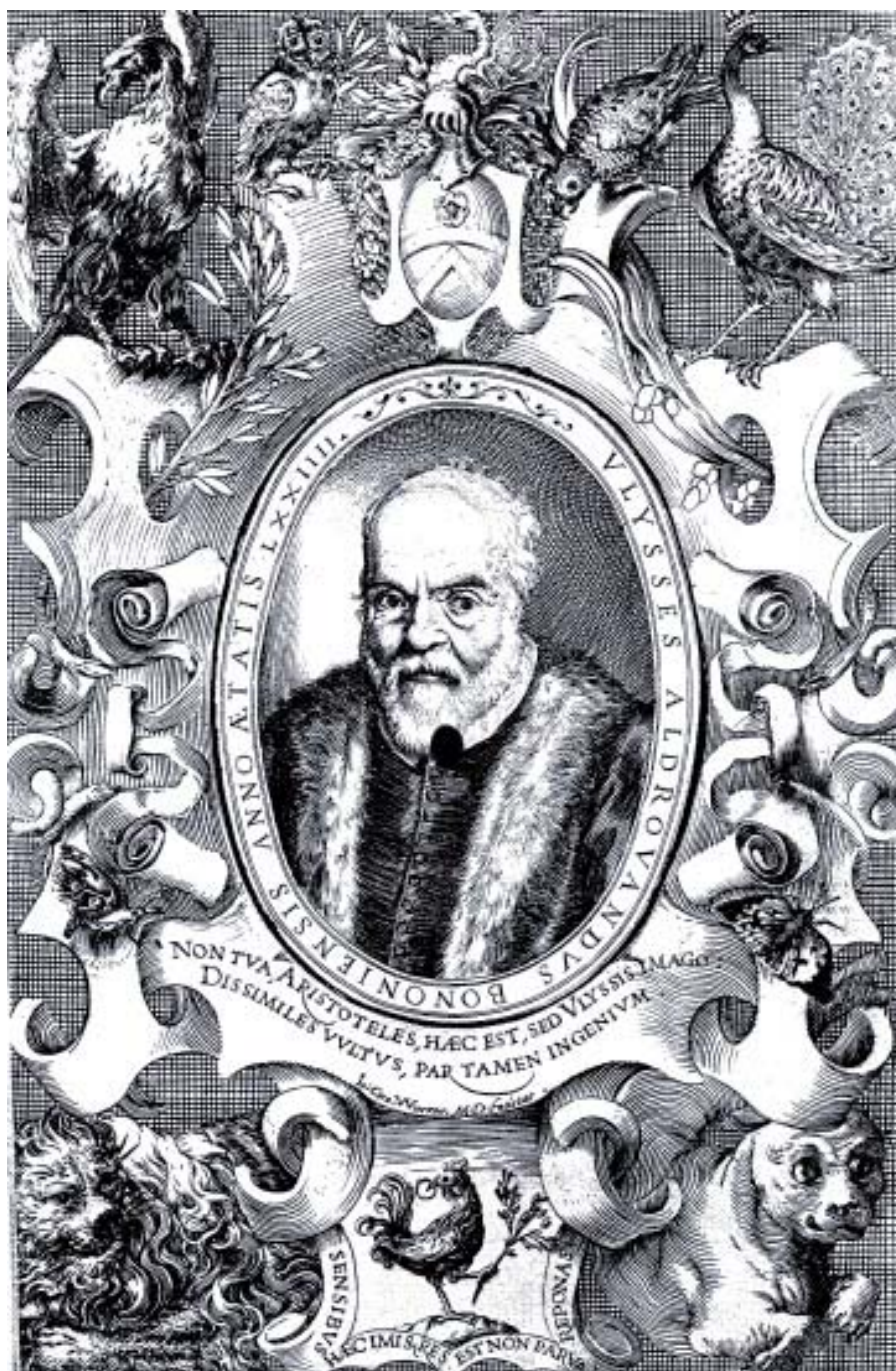


Figura 113. Ulisse Aldrovandi(*in* Aldrovandi, 1599).

MEMORIE
DELLA VITA
DI ULISSSE
ALDROVANDI

MEDICO E FILOSOFO BOLOGNESE

Con alcune Lettere scelte d'Uomini eruditi a lui
scritte, e coll'Indice delle sue Opere Mss., che si
conservano nella Biblioteca dell'Istituto

DEDICATE

AGLI ERUD.^{MI} ACCADEMICI
DELL'ISTITUTO DI BOLOGNA.



In Bologna per le Stampe di Lelio dalla Volpe 1774.
Con licenza de' Superiori.

Figura 114. Fontispício da biografia de Aldrovandi de Giovanni Fantuzzi (1774).



Figura 115. Figura do tucano, adaptada de Gesner (1560c) (Aldrovandi, 1599: 802).

nullo negotio diuelluntur. Color rostri flavescit, sed in infima magis, quàm in supina parte. Color corporis
 Caput pro corpore maiusculum, ac crassiusculum, quale nempe tantę longitudo, & crassitie
 rostrum sustenturum decebat, atrum, vertex tamen, dorsum totum, ac alę nescio quid albidum
 demonstrant. Oculi masculi in medio capite collocati. Iris nigerrima, quam albus circum-
 las, & hunc dein lateus circumambit. Collum, dorsum, atque alę nigra. Pectus aureo, seu
 croceo colore splendidissimo pulcherrimoq; cum quadam rubedine prope initium micat, ut
 ter uerò, & femora cinnabazino, seu minisico uenustissimo. Cauda curtus nigra est, sed in ex-
 tremitate insigniter rubescit. Crura, tibię, pedes etiam nigra, ungues ualidi, ac recurui. Ean-
 dem auem, ni fallor, Ioannes Boterus Benensis describere uidetur, Tocam Italico sermone,
 quo relatione suas conscripsit, appellans, sed de magnitudine eius, ac colore male sensit. Quã
 secundo loco damus, depinximus ex Theuet, & Pareo; uidetur autem planè diuersa.



VICTVS.



PHEVETVS ex eorum relato, qui Bressiliam peragrarunt, hanc aem pipera
 uesci tradit, eaq; audissimè sese ingurgitare, sed mox inconcoctum, & cru-
 dum a. illuc rejicere, et usq; piperis apud incolas precipuum usum esse, ut post
 quod recentè preferant, quoniam uim piperis ab Aue perdonari, atque ita post
 minus noxiam fore sibi persuadent. Referunt, & pleriq; inquit, aia, que
 nunquid uera sine, haud facile a. firmaverim. Hęc itaq; Theuetus.

DE

Figura 115. Figura do tucano, adaptada de Thevet e Paré (Aldrovandi, 1599: 803).

Em seu livro *Ornithologiae hoc est de Avibus historiae libri XIII* (Aldrovandi, 1599: 801-803) tratou do tucano sob o nome de *Pica bressilica*, seguindo Gesner (1560c); incluiu duas figuras [Figuras 114 e 115]. Declarou à p. 801 que ‘Ego non tantum totius auis picturam ad uiuum expressam, sed ipsummet rostrum quoque in museo meo appensum reseruo, quod olim magnificus D. Nicolaus Espiletus Insulanus optimae spei, multeq’ lectionis iuuenis, & discipulus meus charissimus dono mihi è Belgio transmisit’. Aldrovandi mandou executar a cores um desenho da ave, baseado também no desenho de Gesner; pode ser visto no *site* acima citado (entrar em *arquivo online*, depois 2. *Tavole acquarellate, consulta, Tavole 002 Animali (156 figure di ucelli)*, no. 8, figura no. 79. Esse desenho foi também publicado em Alessandrini & Ceregato (2007: 407). Ver também Biancastella (2004, 2005).

Citou os nomes *toucham* e *tocam* (este baseado em Botero).

37. CATÁLOGO DA FAUNA DA COSTA BRASILEIRA NO SÉCULO XVI
COM OS NOMES TUPIS REGISTRADOS PELOS AUTORES
EUROPEUS¹²⁷

FILO CHORDATA

SUBFILO VERTEBRATA

CLASSE MAMMALIA

ORDEM ARTIODACTYLA

Cervidae

1. Veados em geral

*SOUBASSOUB- Thevet, 1575 [SUAÇU] [*Súasu ou sygúasu in* Navarro, 2013: 446]¹²⁸

SEOÄSSOU- Léry, 1578

CUACU- Cardim, 1583

CIGGOAÇU- Valle, 1585

CIGGOAÇÛ- Valle, 1585

SUAÇÛ- Souza, 1587

SOUBASSOUP- Thevet, 1587-1588

2. *Ozotocerus bezoarticus* (Linnaeus, 1759)

*CUACUAPARA- Cardim, 1583 [SUAÇUAPARA] [*Súasuapara – veado arqueado*; Navarro, 2013: 446]

CIGGOAÇÛAPARA- Valle, 1585

CIGUAÇÛAPARA- Valle, 1585

SUAÇUPÁRA- Souza, 1587

3. *Mazama americana* (Erxleben, 1777)

*CIGGUAÇÛETÊ- Valle, 1585 [SUAÇUETÊ] [*Sygúasueté – veado verdadeiro*; Navarro, 2013: 450]

*CÍGUAÇÛPITÁGA- Valle, 1585 [SUAÇUPITANGA] [*Sugúasupytanga – veado avermelhado*; Navarro, 2013: 450]

ÇUAÇUETE – Soares, 1591

ÇUAÇU PITÁGA – Soares, 1591

4. *Mazama gouazoubira* (Fischer, 1814)

*CÍGUAÇUTINGA- Valle, 1585 [SUAÇUTINGA] [*Súasutinga – veado branco*; Navarro, 2013: 446]

Tayassuidae

5. *Pecari tajacu* (Linnaeus, 1758)

*TAYGASU- Staden, 1557 [TAIAÇU] [*Taiasu – dentes grandes*; Navarro, 2013: 457]

TAIASSOUB- Thevet, 1575

TAIASSOU- Léry, 1578 - 6

†TAYACUPITA- Cardim, 1583 [*Taiasupytá – porco que fica, i. e., que não foge*; Navarro, 2013: 457]

TAYAÇU- Anchieta, 1583

*TAIGTETU- Valle, 1585 [CAITITU] [*Taitetu in* Navarro, 2013: 458]

¹²⁷ Muitas das identificações abaixo são tentativas, pois contam com escassos dados sobre os animais designados (ou por vezes dado nenhum). Em outros casos, são nomes ainda em uso, mas polissêmicos (designam diversas espécies diferentes). Após os nomes em sua grafia original acrescentamos o nome atual do animal (quando existe) e a grafia e sua etimologia tais como apresentadas por Navarro (2013). Nas notas de rodapé mostramos algumas tentativas feitas por autores anteriores de interpretar as etimologias – estas vão de bastante plausíveis até os mais desparatados desvarios.

¹²⁸ Barbosa-Rodrigues (1892: 82): “*cua-çu* [Nheengatu], *çua-çu* [L. G.], *çuaçu* [Auanheenga], *çuaçu* [Karani]; *ceça* olho, *oçu* grande”.

- TAYAÇÛ – Valle, 1585
 TAJAÇÛ- Souza, 1587
 †TAYACUTIRICA- Cardim, 1583 [*Taiásutirika – dentes grandes que estalam*; Navarro, 2013: 457]¹²⁹
 TAJAÇUTIRICA - Souza, 1587
 AJASOUP- Thevet, 1587-1588
 TAJASSOUP- Thevet, 1587-1588
6. *Tayassu pecari* (Link, 1795)
 *TAYAÇUETE – Valle, 1585 [TAIACHUETÊ] [*Taiásueté – taciaçu verdadeiro*; Navarro, 2013: 457]
 TAJAÇUÉTÊ- Souza, 1587
7. Não identificados
 †JAPURUTERÊ - Valle, 1585 [*Íapuruterê in Navarro, 2013: 160*]

ORDEM CARNIVORA

8. Não identificados (nomes estropiados; talvez alguns nem sejam de Carnívora)

- ‡IAONA-TONAPECH- Thevet, 1575
 ‡MIRY- Thevet, 1575
 ‡PAU- Thevet, 1575
 ‡IONACSOU- Thevet, 1575
 ‡JTAOCA¹ – - Soares, 1591

Canidae

9. *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815)
 *AGUARAGUAÇU- Anchieta, 1583 [AGUARAÇU] [*Agúaragúasu in Navarro, 2013: 14*]
 AGUARAGUAÇÛ- Valle, 1585
10. *Lycalopex vetulus* (Lund, 1842)
 *IARNARH-BOUTEN – Thevet, 1575 [JAGUAPITANGA] [*Íagúapytanga – cão pardo*; Navarro, 2013: 153]
 JAGOAPITANGA- Valle, 1585
 JAGUAPITANGA- Souza, 1587

Felidae

11. *Panthera onca* (Linnaeus, 1758)
 *JAUWARE– Staden, 1557 [JAGUAR] [*Íagúara ou iaúara in Navarro, 2013: 153*]
 IARNARE – Thevet, 1575
 *IARNARE-ESTE – Thevet, 1575 [JAGUARETÊ] [*Íagúareté – onça verdadeira*; Navarro, 2013: 154]
 IANOUARE – Léry, 1578
 IÁOU-ARE – Léry, 1578
 IANOU-ARE – Léry, 1578
 JAGOARETE – Cardim, 1583
 *JAGOARUCU – Cardim, 1583 [JAGUARUÇU] [*Íagúarusu – grande cão*; Navarro, 2013: 154]
 JAGUARUCU – Cardim, 1583
 IAGOARETE – Anchieta, 1583
 JAGUARA – Anchieta, 1583
 JAGUARUÇU – Anchieta, 1583
 *JAGUARUNA – Anchieta, 1583 [JAGUARUNA] [*Íagúaruna – onça preta*; Navarro, 2013: 154]
 IAGUARA – Valle, 1585
 IAGUARETÊ – Valle, 1585
 †JAGOAPITÁNGUÇÛ – Valle, 1585 [*Íagúapytangusu – jaguapitanga grande*; Navarro, 2013: 153]
 *JAGUARACANGOÇÛ – Souza, 1587 [CANGUÇU] [*Íagúarakangusu – onça de cabeça grande*; Navarro, 2013: 154]
 JAGUARETÊ – Souza, 1587
 JAGUARUÇÛ – Souza, 1587
 JAGOÁRA Anchieta, 1595
12. *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758)

¹²⁹ Cunha (1978: 274): “Taiacutirica < T. taiasuti’rika < taia’su ‘taciaçu’ + ti’rika ‘ruído de estalo’”.

- ***MAGATA-OUASSOU** – Thevet, 1575 [MARACAJÁ-AÇU] [*Marakaïagûasu* in Navarro, 2013: 261]
 ***MARGA** – Thevet, 1575 [MARACAJÁ] [*Marakaïá* in Navarro, 2013: 261]
MARGATA – Thevet, 1575
MARACAYA – Valle, 1585
 †**MARACAYA-E TE** - Valle, 1585 [*Marakaïaeté – maracajá verdadeiro*; Navarro, 2013: 261]
MARACAJÁ – Souza, 1587
 †?**MARACAJAMERJ** – Soares, 1591 [*Marakaïamirĩ – maracajá pequeno*; Navarro, 2013: 261]
13. *Puma concolor* (Linnaeus, 1771)
 ***CÍGOAÇURANA** – Valle, 1585 [SUÇUARANA] [*Súasuarana ou sugúasuarana* in Navarro, 2013: 446]¹³⁰
SUÇUARANA – Souza, 1587
 ?**SECHOU** – Thevet, 1587-1588

Mustelidae

14. *Eira barbara* (Linnaeus, 1758)
 ***HEIRAT**– Thevet, 1557 [IRARA] [*Eirara –toma mel*; Navarro, 2013: 91]¹³¹
CIRAT – Thevet, 1575]
HEIRAT – Thevet, 1575
HIRARA – Cardim, 1583
AIRAT – Thevet, 1587-1588
15. *Lontra longicaudis* (Olfers, 1818)
 †**ATACAPE** – Cardim, 1583 [*Atasapéin* Navarro, 2013: 68]
 †**JAGUAPOPEBA** – Cardim, 1583 [*Iagúapopeba – cão da pata achatada*; Navarro, 2013: 153]
 †**GUAIRACÂ** – Valle, 1585/*Gûairaká* in Navarro, 2013: 131]
IAGUAPOPEBA – Valle, 1585
JAGUARPEBA – Souza, 1587 [*Íagúarapeba* in Navarro, 2013: 154]
 †**JAGUAPOPEBA TAÇAPE** Soares, 1591
16. *Conepatus semistriatus* (Boddaert, 1785)
 †**BIARATACA**- Cardim, 1583
 †**MIARATACACA** – Anchieta, 1583 [*Miaratakaka* in Navarro, 2013: 278]
 †**JAGUARECACA** – Souza, 1857
 ***MARIATATACA** – Soares, 1590 [MARIATATACA]
 ***MARATACACA** – Soares, 1591
17. *Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788)
 †**ZARIGUEMEIU** – Cardim, 1583 [*Sarigûeîmbeîu – sarigué biju*; Navarro, 2013: 439]
 ***ARERAYA** – Valle, 1585 [ARIRANHA] [*Arerâia* in Navarro, 2013: 62]¹³²
ÇARIGUEÍBEJÛ – Valle, 1585
ARERÁ – Souza, 1587
 †**VIVIA** – Souza, 1587 [*Ûiuiá* in Navarro, 2013: 496]¹³³
 †**AHÔ** – Soares, 1591
CARIGUEMEIU- Soares, 1591
 †**JGIJA**- Soares, 1591
TAGUARANHA- Soares, 1591 [*Tagúaranha* in Navarro, 2013: 456]

¹³⁰ Liais(1872: 459, 460): “Suçuarana est une altération du mot Çucuacuara, derive de çu, *la nourriture*, cuacu, *recouvrir*, et ara, une finale souvent employé pour marquer habitude. Cet mot signifie donc *qui couvre sa nourriture*”; Dietrich & Noll, 2010: 91 (“*suçuarana* < t. *sywaçu-a(b)-rana*, ‘veado-pelo-cómo’, ‘parecido à pele do veado’”).

¹³¹ R. Garcia in Cardim (1980: 62): “*Eirara*, *irara* ou *papa-mel*, carnívoro da família dos Mustelídeos (*Tayra barbara*, L.). [...]. O vocábulo tupi deriva-se de *ira* ou *eira*, mel, *ra*, tomar, colher; o que colhe mel, o papa-mel, apelido que lhe vai às maravilhas pelo costume de lascar com os dentes os troncos das árvores onde se encontram os ninhos de Meliponídeos ou o mel-de-pau, de que faz seu principal alimento”.

¹³² Carvalho (1969: 10): “Etimologia de: *ira*, para frente + *ranha*, com rapidez (Liais)... devido à rapidez na água e à agilidade em terra”; Bueno (1998: 59): “de *irara-ana* a falsa *irara*, a que imita a *irara*”; Houaiss *et al.* (2001: 287): “Do tupi *ari’rana*, formado de ‘ari f. metat. de (*e*)i’*rara* ‘irara’ e el. final *-anha* do suf. tupi –‘rana ‘semelhante a’”.

¹³³ Sampaio (1914: 283): “*Vivia*, voz onomatopaica *ui-uia*, da lontra brasileira. É a *ariranha* dos nossos rios”.

Otariidae

18. *Otaria flavescens* (Shaw, 1800)

†**IGUPIÁRA** – Anchieta, 1560 [*‘Ypupiara – o que está dentro d’água*¹³⁴; Navarro, 2013: 531]

HIPUPIÁRA – Gândavo, 1576

YPUPIAPRA – Cardim, 1583

UPUPIARA – Souza, 1587

JGPUPIARA – Soares, 1591

Procyonidae

19. *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766)

***COATY**– Thevet, 1557 [QUATI] [*Kúati in* Navarro, 2013: 237]¹³⁵

COATY – Thevet, 1575

CUATI – Cardim, 1583

COATI – Valle, 1585

COATY – Souza, 1587

CHOATY – Thevet, 1587-1588

COATI – Soares, 1590

QUATI – Soares, 1591

***QUATI MONDE** – Soares, 1591 [QUATIMUNDEÚ] [*Kúatimundé – quati de armadilha*; Navarr, 2013: 237]

20. *Procyon cancrivorus* (Cuvier, 1798)

***JAGUACINI** – Cardim, 1583 [JAGUACINIM] [*Ĵagúasinĩ in* Navarro, 2013: 154]¹³⁶

JAGUACINING - Valle, 1585

GUAÇONĨ Soares, 1591

21. *Potos flavus* (Schreber, 1774)

***JUPARÁ** – Souza, 1587 [JUPARÁ] [*Ĵupará in* Navarro, 2013: 198]

ORDEM CETACEA

22. Baleias em geral

†**PIRAPUÁ** – Souza, 1587 [*Pirapu’ã – peixe erguido*; Navvaro, 2013: 386]

Delphinidae

23. Não identificados

‡**AICÂ** – Valle, 1585

‡**PUCUÇĨ** – Valle, 1585 [*Pukusĩ in* Navarro, 2013: 410]

PUCUCŸ - Valle, 1585

‡**POJUJĨ** – Souza, 1587 [*Poũĩy in* Navarro, 2013: 392]

ORDEM CHIROPTERA

24. Em geral

***ANDIRA** – Anchieta, 1583 [ANDIRÁ, na Amazônia] [*Andyrá ou andurá in* Navarro, 2013: 36]¹³⁷

ANDURA Souza, 1587

25. Não identificado

***ANDIRAGUAÇU** – Anchieta, 1583 [ANDIRA-AÇU]

ANDIRAGUAÇU – Soares, 1591

‡**ANDIRAGUAJ** – Soares, 1591

¹³⁴ “aquam incolentes” segundo Anchieta.

¹³⁵ Sampaio (1914: 261): “*Quati*, c. *quá-ti*, riscado, punçado, ou o lanhado, o que traz riscas ou sulcos; o animal *Nasua*”; Clerot (1959: 87): “Do tupi-guarani *quã-ti* = nariz pontudo; de *quã* = ponta, + *ti* = nariz”; Porto Alegre (1980: 71): “*Cuati*, de *cuá*, cintura, e *ti*, nariz, pelo hábito que tem de dormir enrodilhado com o focinho na cintura”.

¹³⁶ Sampaio (1914: 220): “*Guaxinim*, corr. *gua-chinĩ*, o individuo que rosna, o roncador; allusão ao habito desse animal de rosnar ou roncar quando se lhe toca na cauda”.

¹³⁷ Rojas Acosta (s/d: 119): “*Andira* - de *anguyá ndi*, con el ratón + *baerá*, semejanza”.

Phyllostomidae

26. *Desmodus rotundus* (É. Geoffroy-Saint-Hilaire, 1810)
*ANDURA – Thevet, 1575 [ANDIRA, nesta acepção]
ANDURA Souza, 1587

ORDEM DIDELPHIMORPHA

27. Marsúpio

- †ÇAMBÊAJÔ – Valle, 1585 [*Ambeaiô in Navarro, 2013: 30*]

Didelphidae

28. Não identificado

- *GUAQUICA – Anchieta, 1583 [GUAQUICA] [*Guaikuika in Navarro, 2013: 131*]
*JUPATI – Souza, 1587 [JUPATI] [*Íupaty in Navarro, 2013: 199*]

29. *Didelphis* sp.

- *SERWOY– Staden, 1557 [SARIGUÊ] [*Sarigûê in Navarro, 2013: 439*]¹³⁸
*SARIGUÊA – Anchieta, 1560 [SARIGUEIA] [*Sarigûeia in Navarro, 439*]
SARIGÓYS – Thevet, 1575
CERIGOÊ – Gândavo, 1576
CARIGUE – Cardim, 1583
SARIGOY – Léry, 1578
SARRIGOY – Léry, 1578
ÇARIGUEY – Anchieta, 1583
ÇARIGUEYA – Anchieta, 1583
ÇARIGUEÂ – Valle, 1585
SERIGOÊ – Souza, 1587
SARIGE – Soares, 1590
ÇARIGUE – Soares, 1591
CERIGONE – Botero, 1595

ORDEM LAGOMORPHA

Leporidae

30. *Sylvilagus (Tapeti) brasiliensis* (Linnaeus, 1758)

- *TABITY – Lamy, 1540 [TAPITI] [*Tapeti ou tapiti in Navarro, 2013: 462*]
THABITY – Thevet, 1575
TAPATI – Cardim, 1583
TAPITI – Léry, 1578
TAPITI – Valle, 1585
TAPOTIM – Souza, 1587
TAPITI – Thevet, 1587-1588

ORDEM PERISSODACTYLA

Tapiridae

31. *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758)

- *TAPPIRE – Lamy, 1540 [TAPIR] [*Tapi'ira in Navarro, 2013: 462*]
TAPIHIRE – Thevet, 1557
TAPIÍRA – Anchieta, 1560
*APIROUPSOU – Thevet, 1575 [TAPIRUÇU] [*Tapi'irusu in Navarro, 2013: 463*]
APYROUPSOU – Thevet, 1575
TAPIHIRE – Thevet, 1575
TAPIROUSSOU – Thevet, 1575
TAPIROUSSOU – Léry, 1578
*TAPIJRETE – Cardim, 1583 [TAPIRETÊ] [*Tapi'ireté in Navarro, 2013: 463*]
TAPIRUÇÚ – Souza, 1587
TAPIHIRE – Thevet, 1587-1588

¹³⁸ Liais(1872: 316): “*Sarigue* – nom américain signifiant ventre fendu, et derivé de righé ou rigué, *ventre*, et du verbe çaca ou sasa, *traverser*”; Garcia in Cardim (1980: 61-62): “*Sariguê, sariguê, saruê, mucúra e gambá*, nomes todos esses que na sinonímia popular designam as espécies de marsúpios da família dos Didelfídeos, particularmente o *Didelphis aurita*, L. *Serigoé*, em G. Soares; *sarigeya*, em Marcgrav. A palavra tupi vem de çoo-r-iguê, animal de saco ou bolsa, com referência à particularidade anatômica que caracteriza essa classe de mamíferos, e que o autor descreve”.

ORDEM PRIMATES

32. Não identificados (nomes estropiados)

‡QUINE Moucheau, 1534

‡MURUP – Thevet, 1575

‡QUAINS-PASSA – Thevet, 1575

Aotidae

33. *Aotus* sp.

†SAIANHANGÁ – Souza, 1587 [*Ka'ianhanga* – *macaco diabo*; Navarro, 2013: 212]

Atelidae

34. *Alouatta caraya* (Humboldt, 1812)

*ACKA-KEY – Staden, 1557 [AQUIQUI] [*Akyky* in Navarro, 2013: 27]¹³⁹

AQUIQUI – Cardim, 1583

AQUIQUIG – Valle, 1585

AQUIQUI Soares, 1591

†AQUIQUI PITANGA Soares, 1591

35. *Alouatta* sp.

*GUARIBA – Souza, 1587 [GUARIBA] [*Guariba* in Navarro, 2013: 235]¹⁴⁰

GARIBA – Travaços, 1596

36. *Brachyteles arachnoides* (E. Geoffroy-Saint-Hilaire, 1806)

*PRICKI – Staden, 1557 [BURIQUI ou MURIQUI] [*Mbyryki ou byrygûi* in Navarro, 2013: 82]¹⁴¹

MURIPHGY – Thevet, 1575

BÎRIGGI – Valle, 1585

BURIQUI – Cardim, 1590

BERIQUI – Soares, 1591

Cebidae

37. Em geral

*CAIN – Lamy, 1540 [CAÍ] [*Ka'i* in Navarro, 2013: 211]¹⁴²

KEY – Staden, 1557

CAY – Léry, 1578

CAGUÍ – Valle, 1585

CAÍ – Valle, 1585

CAJ – Soares, 1591

38. *Callicebus personatus* (E. Geoffroy, 1812)

*CACUYCU – Thevet, 1557 [SAGUIGUAÇU] [*Ka'igûaçu* in Navarro, 2013: 212]

ÇAGUAÇU – Valle, 1585

CAIGUAÇU – Valle, 1585

¹³⁹ Carvalho (1969: 10): “Do tupi boreal (oyambi), *akikew* - Certa forma de macaco roncador: *Alouatta* ou *Callicebus*. Etimologia de *akiki*, prender-se + *iwira*, árvores (Martius)... o que se prende às árvores (daí talvez ser melhor aplicado o nome ao grupo *Alouatta* (os guaribas), pela cauda preênsil”.

¹⁴⁰ Clerot (1959: 58): “Do tupi-guarani *guar-ayba* = o indivíduo mau ou feio; de *guar* = o que é, + *ayba* = mau, ruim, feio. Baptista Caetano de Almeida Nogueira [1880] propõe duas interpretações possíveis: *gua-huryb* = chefe dos cantores ou berradores, admitindo grande aglutinação, e *huguari-yb* = o principal de cauda”.

¹⁴¹ Sampaio (1914: 207): “*Buriqui*, ou *barigui*, ou *baregui*, nome de uma espécie de simios amarelos, habitantes do littoral e que atingem a 3 pés de altura (*Ateles hypoxanthus* Kuhl, 1820) [sic]. Outros chamam *Muriki*, corr. *myra-kî*, gente ou povo sujo, immundo”.

¹⁴² Segundo Montoya (1639:86r-86v, 1876: 86r-86v): “Caí. Mono, y de su accion de taparse la cara, lo han tomado por avergonçarse, y verguença, y modestia. Añembocaí, auerguençome, y pongome modesto. Chembocaí, me auergonço. Ambocaí, auergonçarle. Bo. Hára. Cherobácaí, tengo modestia en el rostro. Hobacaíbaé, el modesto de rostro”.

39. *Callicebus* sp.
 ***GUIGÓ** – Souza, 1587 [GUIGÓ] [*Gúygó in* Navarro, 2013: 138]
40. *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1759) –
 ***SAGOIN** – Moucheau, 1534 [SAGUI, nesta acepção] [*Sagûi in* Navarro, 2013: 436]¹⁴³
SAGOIN Marot, 1537
SAGOIN Sagon, [1537]
SAGON – Des Périers, 1537
SAGOÏ – Marot, 1537
SAGOÛN – Marot, 1537
SAGOÛN Anôn., 1537
SAGOÛN Anôn.⁷ [s/d]
SAGOÛN La Fontaine, 1537a, 1537b
SAGOÛN Des Périers [s/d];
SAGOÛN Marot, 1537 *in* Guiffrey & Yves-Plessis, 1929: 148, 1931: 343
SAGOÛN - Anôn.¹², 1551
SAGUIN - Gesner, 1560a
SAGOÎ – Gândavo, 1576
SAGOIN - Jeanne d’Albret, 1582
SAGUIM¹ – Souza, 1587
SAGUI – Soares, 1590
ÇAGUI – Soares, 1591
SAGOIN Montaigne, 1595: 441
41. *Leontopithecus rosalia* (Linnaeus, 1766)
 ***ÇAGOYM**– Fernandes, 1511 [Nesta acepção]
SAGOIN– Thevet, 1557
SAGOIN – Thevet, 1575
SAGOÎ – Gândavo, 1576
SAGOÏ – Léry, 1578
SAGOÛN – Léry, 1578
†**CAGUIUBA** – Valle, 1585 [*Sagûiuba – sagui amarelo; Navarro, 2013: 436*]
SAGUIM² – Souza, 1587
SAGOÛYN – Thevet, 1587-1588
ÇAGUI – Soares, 1591
SAGUIM – Travaços, 1596

ORDEM RODENTIA

42. Não identificado

‡**MEJUARE** – Soares, 1591 [*Meiuaré in* Navarro, 2013: 275]

Caviidae

43. *Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766)
 ***CATIUARE**– Staden, 1557 [CAPIVARA] [*Kapibara ou kapi'ibara ou kapi'iuara – comedor de capim; Navarro, 2013: 217*]
CAPYÛÁRA – Anchieta, 1560
CAPIGOUARE – Thevet, 1575
CAPUGOUARE – Thevet, 1575
CAPIJGOARA – Cardim, 1583
CAPIGOARE – Thevet, 1586
CAPIBARA – Souza, 1587
CAPIGOARE – Thevet, 1587-1588
44. *Cuniculus paca* (Linnaeus, 1758)
 ***PACA** – Gândavo, 1571 [PACA] [*Paka in* Navarro, 2013: 369]¹⁴⁴
PACCA – Gândavo, 1571
PAG – Léry, 1578

¹⁴³ Porto Alegre (1980: 71): “*Saúú*, de çai, olhos alegres, *u*, escuro, e *i* ou *im*, pequeno, grácil, isto é, o pequeno animal escuro que deleita os olhos”.

¹⁴⁴ Sampaio (1914: 253): “*Paca*, gerundio-supino do verbo *pag*, despertar, acordar, avivar. *Paca*, é, pois, a desperta, a acordada, a vivida. É o animal roedor (*Coelogenys paca*)”; Clerot (1959: 77): “Do tupi-guarani *paca*, gerúndio supino do verbo *pag* = despertar, acordar, estar vigilante; = a despertada, a que está sempre atenta (apud Theodoro Sampaio)”.

- PAGUE – Léry, 1578
 PACAI – Cardim, 1583
 PACA – Souza, 1587
 PACQUETA – Thevet, 1587-1588
 PAGUEST – Thevet, 1587-1588
 PACA – Soares, 1591
 PACA – Mendoza, 1592
 PACA – Travaços, 1596
 45. *Cavia aperea* Erxleben, 1777
 *APERÊ – Valle, 1585 [PREÁ] [*Apere'a in* Navarro, 2013: 46]¹⁴⁵
 APERIÁ – Souza, 1587

Dasyproctidae

46. *Dasyprocta azarae* Lichtenstein, 1823
 *ACUTTIA – Staden, 1557 [CUTIA] [*Akuti in* Navarro, 2013: 27]¹⁴⁶
 AGOUTIN – Thevet, 1557
 AGOUTIN – Thevet, 1575
 COTIA – Gândavo, 1576
 AGOUTI – Léry, 1578
 ACUTI – Cardim, 1583
 COTIA – Souza, 1587
 AGONTY – Thevet, 1587-1588
 AGOUTIN – Thevet, 1587-1588
 COTIA – Soares, 1591
 COTIA – Travaços, 1596

Echimyidae

47. Não identificados
 †SOHIATAN – Thevet, 1557
 SOHIATÁ – Thevet, 1557
 SOHIATAN – Thevet, 1575
 *ÇAUJÂ – Valle, 1585 [SAUIÁ] [*Sauiá in* Navarro, 2013: 439]¹⁴⁷
 SAVIÁ¹ – Souza, 1587
 ‡SAVIÁCOCA – Souza, 1587 [*Sauiákoka in* Navarro, 2013: 439]
 ‡SAVIÁTINGA – Souza, 1587 [*Sauiatinga – sauiá branco; Navarro, 2013: 440*]
 CAGUIJA – Soares, 1591
 ‡CAGUIJA PIXUNA – Soares, 1591

Erethizontidae

48. Não identificados
 *CUIÏ – Valle, 1585 [CUIM] [*Ku'i in* Navarr, 2013: 239]
 *COANDÚ – Souza, 1587 [QUANDU] [*Kuandu in* Navarro, 2013: 235]¹⁴⁸
 CUIM – Souza, 1587
 ‡QUEIROÁ – Souza, 1587 [*Keirúa in* Navarro, 2013: 226]
 CORÍ – Soares, 1591
 49. *Coendou prehensilis* (Linnaeus, 1758)
 †CANDUACU – Cardim, 1583 [*Kúandugúasu – cuandu grande; Navarro, 2013: 236*]
 CANDUGUAÇU – Soares, 1591
 50. *Sphiggurus villosus* (Cuvier, 1823)

¹⁴⁵ Azara (1802b: 37): “por este nombre es muy conocido, y significa *aquí te caes*”; Carvalho (1969: 10): “Do tupi-oriental *aperea*. O mesmo que *preá, piriá*. Etimologia de: *ape, api*, caminho + *reá*, continuamente... (Silva e Sampaio), o que mora no caminho, ou o que de contínuo (se encontra) no caminho; alusão ao fato de ser muito comum o animal”.

¹⁴⁶ Martius (1863: 447): “*Cutia, Cotia* - Dasyprocta. *Acuty* verbum significat providum, circumspetum, pavidum esse”.

¹⁴⁷ Rubim (1882: 379): “Saiuí – Do guarani *anguyá* [sic]. Rato do mato, há duas especies, *coca*, que tem o pêlo vermelho, *tinga* ou branco. Em muitos autores está esta palavra escrita *saviá*”.

¹⁴⁸ Clerot (1959: 86): “Do tupi-guarani *quã-ndú* = ligeiro e rumoroso; de *quã* = *aquã* = ligeiro, veloz, + *ndú* = rumoroso, barulhento”.

†CANDUMIRIM - Cardim, 1583 [*Kûandumirĩ – cuandu pequeno*; Navarro, 2013: 237]
CANDUMERJ – Soares, 1591

Muridae

51. Não identificados

‡HIEROUSOU – Thevet, 1557
HIEROUSOU – Thevet, 1575

52. *Rattus rattus* (Linnaeus, 1758)

*GUABIRU – Anchieta, 1583 [GUABIRU] [*Gûabiru in* Navarro, 2013: 129]¹⁴⁹
GOABIRU – Valle, 1585
†SAVIÁ² - Souza, 1587 [Neste sentido]

Sciuridae

53. Em geral

*COTIMERIM – Souza, 1587 [QUATIMIRIM] [*Akutimirĩ in* Navarro, 2013: 27; erro]

ORDEM SIRENIA

Trichechidae

54. *Trichechus manatus* Linnaeus, 1759

†IGUARAGUÁ – Anchieta, 1560 [*Ygûaragûá in* Navarro, 2013: 527]
YGOARAGOA – Valle, 1585
GOARÁGOÁ – Souza, 1587

SUPERORDEM XENARTHRA (EDENTATA)

ORDEM CINGULATA

Dasypodidae

55. Não identificados

DATTU - Staden, 1557 [TATU] [*Tatu in* Navarro, 2013: 467]¹⁵⁰

†TATUPEBUCU – Soares, 1591 [*Tatupebusu – grande tatu achatado*; Navarro, 2013: 468]
TATUSIA Botero, 1595

56. *Tolypeutes trincinctus* (Linnaeus, 1758)

*TATOU – Belon, 1553 (nesta acepção) [TATU]

TATO – Scaliger, 1557

TATOU – Thevet, 1557

TATTOU – Thevet, 1557

TATÚ – Anchieta, 1560

TATOU – Léry, 1578

*TATÚMERIM – Souza, 1587 [TATU-MIRIM] [*Tatumirĩ – tatu pequeno*; Navarro, 2013: 468]

TATOU – Thevet, 1587-1588

TATU – Soares, 1591

*TATUAPARA – Soares, 1591 [TATUAPARA] [*Tatuapara –tatu curvo*; Navarro, 2013: 467]

TATÚ – Travaços, 1596

57. *Dasypus novemcinctus* Linnaeus, 1758

*TATO Gesner, 1554 (nesta acepção)

TATV Gesner, 1554

TATÚ – Gândavo, 1571

TATTOU – Thevet, 1575

TATÚ – Gândavo, 1576

¹⁴⁹ Nogueira (1880: 130): “*Guabiru* - rato em tupi, pois em guarani é mais usado *anguyá* e *arurú*; *guabiru* poderá ser *guab-porú* que devora a comida? *Anguyá* poderá ser *a-cuyá* tragador de fructos? É preciso suppôr que *cur*, tragar, desse o part. *cuyar*”; Sampaio (1914: 217): “*Guabirú*, c. *guabi-r-ú*, o que devora mantimentos, o rato. Alt.: *guavirú*, *guamirú*”.

¹⁵⁰ Nogueira (1880: 490): “*tatú* cataphracto, nome generico dos *Dasypus* (já se-tem visto que *ta* pêllo, por vezes se confunde com *ca* casca, escama, e *tu* pode ser por *tou* = *toó* abs. de *oó* encorpado, denso); enumeram-se diversos cataphractus pelos qualificativos *apára* contôrto, arqueado (*tatu bola* em portuguez), *ai* ruim, *guaçu* grande, *peb* chato, *pichĩ* de pelle lisa, *poýú* de mão flava, *tí*, branco, etc.”; Clerot (1959: 96): “Do tupi-guarani: *tá-tú* = o casco encorpado; de *tá* = casco, + *tú* = encorpado, duro”.

TATU – Cardim, 1583

58. *Priodontes maximus* Kerr, 1792

*TATUAÇÚ – Souza, 1587 [TATUAÇU]

59. *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758)

*TATÚPEBA – Souza, 1587 [TATUPEBA] [*Tatupeba – tatu achatado*; Navarro, 2013: 468]

TATUPEBA – Soares, 1591

60. *Cabassous tatouay* (Desmarest, 1804)

†TATUGUAXIMA – Soares, 1591 [*Tatugúaxima in* Navarro, 2013: 468]¹⁵¹

ORDEM PILOSA

Bradypodidae

61. *Bradypus tridactylus* Linnaeus, 1758

*HAÛT– Thevet, 1557 [AÍ] [*A'y in* Navarro, 2013: 74]¹⁵²

HAÛTHI– Thevet, 1557

HAÿTHI– Thevet, 1557

AIG – Anchieta, 1560

HAÛT – Gesner, 1560a

HAÛTI – Gesner, 1560a

HAÛT – Thevet, 1575

HAUTHI – Thevet, 1575

HAY – Léry, 1578

HAÛT – Paré, 1579

AIG – Valle, 1585

AHY – Souza, 1587

APHT – Thevet, 1587-1588 [nome estropiado]

HAÛT – Thevet, 1587-1588

HAUTHI – Thevet, 1587-1588

HAUTE – Raleigh, 1589

HAUTE – Hulsius, 1599

Myrmecophagidae

62. *Myrmecophaga tridactyla* Linnaeus, 1758

*TAMANDUÂ – Anchieta, 1560 [TAMANDUÁ] [*Tamandúá in* Navarro, 2013: 459]¹⁵³

TAMENDOÁ – Gândavo, 1576

TAMÊDOÁ – Gândavo, 1576

TAMANDUA – Cardim, 1583

TAMÁDOA – Anchieta, 1583

TAMANDOÁ – Anchieta, 1583

TAMANDOÁ – Souza, 1587

TAMANDUA – Soares, 1590

TAMAÊDUA – Soares, 1591

TAMANDUA – Soares, 1591

TAMENDOÁ – Botero, 1595

62a. *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758)

COATI [erro] – Léry, 1578

¹⁵¹ Cunha(1978: 287): “< T. tatuüa’sîma < ta’tu ‘tatu’ + ‘uaia ‘rabo’ + sîma ‘liso’”.

¹⁵² Bertoni (1909: 546): “AÍ. Así la bibliografía escribe el nombre de los Bradipódidos, que en las repúblicas platinas pronuncian Ao ó Ao-aó; yo no sé si en realidad los tupis pronuncian así ó si es un error análogo al de escribir Aní em vez de Ano (...), lo cierto es que Aí ó A’i significaría cabeza o callejo pequeño y como no desdice del animal, acepto el nombre de Aí hasta que el tiempo aclare este punto. Brasil”.

¹⁵³ Martius (1863: 478): “*Tamandúá* - Myrmecophaga. Significat: Formicarum captator: vox composita e *taixi* (formica) et *mondé* (captare) vel *mondá* (fur)”; Nogueira (1880: 476): “*Tamandúá* - nome geral dos Myrmecophagas, de *tacĩ-monduár* caça formigas? não obstante haver outros exemplos de *tacĩ* contr. em *ta*, é difficil admittir-se, tanto mais quanto directamente dá *tacĩguara* comedor de formigas; talvez então *tama* de pellos *uguai* cauda, facil de se mudar em *nduai*”; Garcia, in Cardim (1980: 62): “*Tamandúá*, nome genérico de três espécies de desdentados da família dos Mirmecofagideos. De *ta*, contração de *tacy*, formiga, e *monduar*, caçador: caçador de formigas. Batista Caetano prefere derivar o vocábulo de *tama*, pêlos e *uguai*: cauda, fácil de mudar-se em *nduai*. O primeiro étimo, porém, conduz melhor com o modo de viver do animal”.

CLASSE AVES

63. Aves em geral

- *OURA – Léry, 1578 [GUIRA ou URA, como primeiro elemento em nomes compostos] [Gúyrá in Navarro, 2013: 138]
- GUIRÂ – Valle, 1585
- GUIRÂ Anchieta, 1595

64. Não identificados

- ‡SUUIATH – Thevet, 1575
- ‡GUIRAGOAÇU – Anchieta, 1583 [Gúyragúasu – ave grande; Navarro, 2013: 139]
- GUIRÂGUAÇU Valle, 1585
- ‡GUIRARAIGRUÇU – Valle, 1585 [Gúyrara'yrusu – filhote grande de ave; Navaro, 2013: 140]
- ‡GUIRÂMIRI – Valle, 1585 -
- ‡PITAOÃO – Souza, 1587
- ‡AGUIGUI – Soares, 1591
- ‡ARITARA – Soares, 1591 [Aritara in Navarro, 2013: 62]
- ‡BAÊVAÛ – Soares, 1591
- ‡CUXA – Soares, 1591
- ‡PIPUPIUBA – Soares, 1591
- ‡PUTUNARA – Soares, 1591 [Putunara in Navarro, 2013: 413]

ORDEM ACCIPITRIFORMES

65. Não identificados

- ‡TÔATÓ – Souza, 1587 [Tagúató ou taúto ou túató in Navarro, 2013: 456, 468]
- ‡TOATO GUAÇU – Soares, 1591 [Tagúatogúasu – tauató grande; Navarro, 2013: 456]
- ‡TOATO MERJ – Soares, 1591 [Tagúatomirĩ – tauató pequeno; Navarro, 2013: 456]

Accipitridae

- 66. ?*Spizaetus ornatus ornatus* (Daudin, 1800)
 - †OURAHOUASSOUB – Thevet, 1575 [Gúyragúasu – ave grande; Navarro, 2013: 139]
 - *OUTA-OURAM – Thevet, 1575 [URUTAUURANA]
- 67. ?*Gampsonyx swainsonii* Vigors, 1825
 - †EIXUÂ – Valle, 1585 [Eixúá in Navarro, 2013: 91]
- 68. *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758)
 - *URUTAUURANA [DUPLEX] – Valle, 1585 [URUTAUURANA]
 - †URUTAUURANUÇU – Valle, 1585 [Urutaúranusu – grande urutaurana; Navarro, 2013: 503]
 - URUTAUURANA Anchieta, 1585
 - †CABUREAÇÛ – Souza, 1587 [Kabureúasu – caburé grande; Navarro, 2013: 211]

ORDEM ANSERIFORMES

Anatidae

69. Patos em geral

- †UPEC – Léry, 1578 [Ypeka in Navarro, 2013: 530]
- VPEC – Léry, 1578
- YPECA – Valle, 1585
- UPECA – Souza, 1587

70. Não identificados

- ‡POTIRIGGUAÇÛ – Valle, 1585 [Potirigúasu – paturi grande; Navarro, 2013: 405]

71. *Nomonyx dominica* (Linnaeus, 1766)

- *POTIRÎ – Valle, 1585 [PATURI] [Potiry in Navarro, 2013: 405]

Anhimidae

72. *Anhima cornuta* (Linnaeus, 1766)

- *ANHÍMA Anchieta, 1560 [ANHIMA] [Anhyma in Navarro, 2013: 41]
- ANIMA – Cardim, 1583
- ANIME – Soares, 1590

ORDEM APODIFORMES

Trochilidae

73. Beija-flores em geral

- *GOUAMBUCH– Thevet, 1557 [GUAINUMBI] [*Gânumby in Navarro, 2013: 131*]
 GUAINUMBI – Anchieta, 1560
 CAYCOUPT – Thevet, 1575 [nome estropiado]
 GONAMBUCH – Léry, 1578
 GUAIMIMBIQUE – Cardim, 1583
 GAINAMBÍ – Souza, 1587
 CAYCOUPT – Thevet, 1587-1588
 HAYNÁBIG – Soares, 1591

74. Não identificado

- ‡ARATAQUA – Soares, 1591 [*Arataka in Navarro, 2013: 61*]

75. *Phaethornis eurynome* (Lesson, 1832)

- †GUARACIG-Â – Cardim, 1583 [*Gûarasyaba – penas de sol; Navarro, 2013: 134*]¹⁵⁴ e
 [*Gûarasyá in Navarro, 2013: 134*]
 ‡GUARACIG-ABA – Cardim, 1583¹⁵⁵
 ‡GUARACIG-OPA – Cardim, 1583¹⁵⁶
 GARACIÇA – Soares, 1591

ORDEM CAPRIMULGIFORMES

Caprimulgidae

76. Em geral

- *YGBIJAÛ – Valle, 1585 [IBIJAÛ] [*Ybyia'u in Navarro, 2013: 519*]
 *OITIBÓ – Souza, 1587 [OITIBÓ]

77. Não identificado

- †ABIJAGUAÇU HAIN AIG – Soares, 1591 [IBIJAÛ-GUAÇU; *hain aig* não conta em nenhuma outra fonte] [cf. tb. 73]

78. *Chordeiles acutipennis acutipennis* (Hermann, 1783)

- *UBUJAÛ – Souza, 1587 [IBIJAÛ] [*Ybyia'u in Navarro, 2013: 519*]

Nyctibiidae

79. Não identificado

- †ABIJAGUAÇU-HAIN-AIG – Soares, 1591 [*Abiagûasu in Navarro, 2013: 9*]

80. *Nyctibius grandis grandis* (Gmelin, 1788)

- *URUTAGUÍ – Valle, 1585 [URUTAUÍ] [*Urutaû'i – urutauzinho; Navarro, 2013: 503*] e
 [*Urutagûiin Navarro, 2013: 503*]
 VURUTAGUI – Soares, 1591

ORDEM CATHARTIFORMES

Cathartidae

81. Não identificados

- *URUBU – Anchieta, 1583 [URUBU] [*Urubu in Navarro, 2013: 501*]
 URUBÛ – Valle, 1585
 URUBÚ – Souza, 1587
 VRUBU – Soares, 1591
 ‡VRUBUANGA – Soares, 1591 [*Urubu'anga – imagem de urubu; Navarro, 2013: 501*]

82. *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758)

- *URUBUTINGA – Souza, 1587 [URUBUTINGA] [*Urubutinga – urubu branco; Navarro, 2013: 501*]
 VRUBUTÍGA – Soares, 1591

¹⁵⁴ Cardim in Purchas (1625: 1305, 1906: 462-463): “Guaracig â, that is, Fruit of the Sunne”.

¹⁵⁵ Cardim in Purchas (1625: 1305, 1906: 462-463) : “Guaracig aba, that is, The haire of the Sunne”.

¹⁵⁶ Cardim in Purchas (1625: 1305, 1906: 462-463): – “Guaracig oba, that is, Covering of the Sunne”. --

ORDEM CHARADRIIFORMES

83. Não identificado

‡MATUIMIRIM – Souza, 1587 [*Matu'imirĩ in Navarro, 2013: 265*]

Charadriidae

84. Não identificado

‡MARGUI – Souza, 1587 -

‡?URATEON – Souza, 1587 [*Úyrate'õ – pássaro-morte; Navarro, 2013: 505*]

Jacanidae

85. *Jacana jacana* (Linnaeus, 1758)

*AGUAPEAÇOCA – Souza, 1587 [AGUAPEAÇOCA] [*Agúapeasoka in Navarro, 2013: 24*]¹⁵⁷

*JAÇANÃ – Souza, 1587 [JAÇANÃ] [*Íasanã in Navarro, 2013: 162*]

Laridae

86. Em geral

*ATY – Souza, 1587 [ATI] [*Aty in Navarro, 2013: 70*]

87. Não identificados

‡GUACA – Cardim, 1583

‡ATIMIRÍ – Valle, 1585 [*Atymirĩ in Navarro, 2013: 70*]

Rynchopidae

88. *Rynchops niger* Linnaeus, 1758

*ATINGAÇU – Valle, 1585 [ATINGAÇU] [*Atygúasu in Navarro, 2013: 70*] e [*Atyúasu in Navarro, 2013: 70*]

ATIAÇU – Souza, 1587

ORDEM CICONIIFORMES

Ardeidae

89. Não identificado

*ÇOCO – Anchieta, 1583 [SOCÓ] [*Sokó in Navarro, 2013: 444*]

‡JACUAÇU – Souza, 1587

90. *Ardea alba egretta* (Gmelin, 1789)

†URATINGE-WASU – Staden, 1557

*GUIRATINGA – Cardim, 1583 [GUIRATINGA] [*Gúyratinga ou úyratinga – ave branca; Navarro, 2013: 140*]

GUÎRATINGA – Valle, 1585

URATINGA – Souza, 1587

91. *Egretta caerulea* (Linnaeus, 1758) e *Egretta thula thula* (Molina, 1782)

†CARABUÇU – Souza, 1587 [*Karabusu in Navarro, 2013: 218*]

92. *Nyctanassa violacea cayennensis* (Gmelin, 1789)

†MATUIM-AÇU – Souza, 1587 [*Matu'iúasu in Navarro, 2013: 266*]

93. *Butorides striatus* (Linnaeus, 1758)

†SOCÓRY – Souza, 1587

Ciconiidae

94. *Ciconia maguari* (Gmelin, 1789)

*TABUJAJÁ – Valle, 1585 [TABUIAIÁ] [*Tabuíaia in Navarro, 2013: 456*]

*MAGOARI – Souza, 1587 [MAGUARI] [*Magúari in Navarro, 2013: 254*]

TABUIAIÁ – Souza, 1587

95. *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819)

*IABURU – Valle, 1585 [JABURU] [*Íabyru in Navarro, 2013: 153*]

*TUJUU – Valle, 1585 [TUIUIÚ] [*Tuúú in Navarro, 2013: 481*]

JABORU – Souza, 1587

¹⁵⁷ Pirajá da Silva (*in Souza, 1851: 93, nota 3*): “*Aguapeaçoca – piaçoca*, de *água* = redondo + *pé* = chato + *açog* = bicho: bicho que mora sobre o aguapé. Chama-se água-pé, guapé, guapeva, guapeba, a fôlha chata, redonda e espessa das ninféias, que cobrem as lagoas e margens dos rios. Na opinião de Martius [1863] devia ser: *aguapéaçoca*, composto de: *aguapé* = planta – *Ninféias*, *Pontiderias*, *Eichorneas* etc. + *çoc* = saltar. Marcgrave escreveu – *aguapecaca*. No Sul do Brasil essa ave é chamada – *piaçoca*. *Piaçoca*, diz Barbosa Rodrigues [*in Luccock, 1881*] que significa”*pi* = pé + *assog* = escondido. (Grammar and vocabulary of the tupi language, pág. 94).

Threskiornitidae

96. *Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758)
†UAWARE-PIRANGE – Staden, 1557 [*Guarapiranga*; extinto como nome da ave; só sobrevive como topônimo]
*GUARÁ – Anchieta, 1560 [GUARÁ] [*Gúará in Navarro, 2013: 133*]
GOARÁ – Gândavo, 1576
GUARA – Cardim, 1583
GUARÁ – Cardim, 1590
GUARAZES – Soares, 1590
GUARAZES Soares, 1591
97. *Ajaja ajaja* (Linnaeus, 1758)
*AJAYA – Valle, 1585 [AIAIÁ] [*Aiaia in Navarro, 2013: 16*]
AYAYÁ – Souza, 1587

ORDEM COLUMBIFORMES

Columbidae

98. Não identificados
‡PAICACU – Léry, 1578 [PICAÇU] [*Pykasu in Navarro, 2013: 415*]
PEGASSOU – Léry, 1578
PICAÇU – Valle, 1581
‡PICAÇUTÍGA – Valle, 1581 [*Pykasutinga – pomba branca; Navarro, 2013: 416*]
*JURUTI – Souza, 1587 [JURITI] [*Íuriti ou íreruti ou íurutĩ in Navarro, 2013: 200*]
‡AJUBERABA Soares, 1591 [*Aíuberaba – penugem amarela brilhante; Navarro, 2013: 19*]
JAUETI – Soares, 1591
‡PARAJ – Soares, 1591 [*Pará in Navarro, 2013: 372*]
‡PICAÇU IPEPOTÍGA – Soares, 1591
‡PICAÇUPITÁGA – Soares, 1591
‡TUBURA – Soares, 1591 [*Tubura in Navarro, 2013: 480*]
99. *Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847)
*PAYRARY – Souza, 1587 [PAIRARI] [*Paírary in Navarro, 2013: 369*]
PAIRARI – Soares, 1591
100. *Patagioenas cayennensis sylvestris* (Vieillot, 1818)
‡PICAÇUETE - Valle, 1581 [*Pykasueté – pomba verdadeira; Navarro, 2013: 416*]
*PICAÇU - Souza, 1587 [PICAÇU, nesta acepção]
PICAÇU – Soares, 1591
PICAÇUETE – Soares, 1591
†PICUIGUAÇUSoares, 1591 [*Piku'igúasu – picuí grande; Navarro, 2013: 382*]
101. *Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez, 1886)
*PIQUEPEBA – Souza, 1587 [PICUIPEBA] [*Picaipeba in Navarro, 2013: 382*]
PICAPEBA – Soares, 1591
102. *Columbina talpacoti talpacoti* (Temminck, 1811)
†PICUIPITANGA – Soares, 1591 [*Piku'ipytanga – pomba rosada; Navarro, 2013: 382*]

ORDEM CORACIFORMES

Alcedinidae

103. Em geral
*GARIRAMA – Souza, 1587 [ARIRAMBA, na Amazônia] [*Gúarirama in Navarro, 2013: 135*]
104. *Ceryle torquata torquata* (Linnaeus, 1766)
†JABACATIM – Souza, 1587 [*Íabacati in Navarro, 2013: 151*]

ORDEM CUCULIFORMES

Cuculidae

105. *Crotophaga ani* Linnaeus, 1758
*ANNON – Thevet, 1557 [ANU] [*Anũ ou any in Navarro, 2013: 42*]
ANNON – Thevet, 1575
ANÚ – Souza, 1587

ORDEM FALCONIFORMES

106. Não identificados –

- ‡TAGUATO – Anchieta, 1583 [TAUATÓ] [*Tagúatô ou taítô ou tûatô in Navarro, 2013: 456, 468*]
 ‡EIXUAGUAÇŪ – Valle, 1585 [*Eixúagúasu in Navarro, 2013: 91*]
 ‡EIXUÂMIRI – Valle, 1585 [*Eixúamirî in Navarro, 2013: 91*]
 TAGOATÔ – Valle, 1585
 ‡TAGOATOY – Valle, 1585 [*Tagúato 'i ou taúato 'r – tauatozinho; Navarro, 2013: 457*]
 ‡TAGUATOGUAÇŪ – Valle, 1585 [*Tagúatogúasu – tauató grande; Navarro, 2013: 456*]
 ‡TAGUATÔMIRI – Valle, 1585 [*Tagúatomirî – tauató pequeno; Navarro, 2013: 456*]
 TAGUATOÿ – Valle, 1585
 ‡CABURE GUAÇU – Soares, 1591 [*Kabureúasu – caburé grande; Navarro, 2013: 211*]
 ‡CABURE MERJ – Soares, 1591
 EJXUÁ GUAÇU – Soares, 1591
 EIXUA MERJ – Soares, 1591
 ‡JNAGÊ GUAÇU – Soares, 1591 [*Inaîégúasu – inajé grande; Navarro, 2013: 186*]
 ‡JNAGÊ MERJ – Soares, 1591 [*Inaîêmirî – inajé pequeno; Navarro, 2013: 186*]
 ‡MENHU – Soares, 1591 [*Menhû in Navarro, 2013: 278*]

Falconidae

107. *Milvago chimachima chimachima* (Vieillot, 1816)
 †GUIRIRI – Anchieta, 1583
 *CARÁCARÁ – Souza, 1587 [CARACARÁ; nesta acepção] [*Karakará in Navarro, 2013: 220*]
 108. *Caracara plancus plancus* (Miller, 1777)
 *CARÁCARÁ – Valle, 1585 [CARACARÁ; nesta acepção] [*Karakará in Navarro, 2013: 220*]
 109. *Herpetotheres cachinnans cachinnans* (Linnaeus, 1758)
 *OACAOAM – Souza, 1587 [ACAUÃ] [*Akaúã ou kauã in Navarro, 2013: 25*]
 110. *Ibycter americanus americanus* (Boddaert, 1783) e *Daptrius amazonicus pelzelni* Pinto & Carmargo, 1948
 †URAOAÇŪ – Souza, 1587

ORDEM GALLIFORMES

Cracidae

111. *Penelope* sp.
 *IACOU – Gândavo, 1576 [JACU] [*Íaku in Navarro, 2013: 156*]
 IACOU – Léry, 1578
 JACÚ – Souza, 1587
 JACU – Soares, 1591
 112. *Penelope jacucaca* Spix, 1825
 *JACUCACA – Soares, 1591 [JACUCACA] [*Íakucaca in Navarro, 2013: 156*]
 113. *Penelope obscura bronzina* Hellmayr, 1914 e *Penelope obscura obscura* Temminck, 1815
 *IACOU-OUASSOU – Léry, 1578 [JACUGUAÇU]
 JACUGUAÇU – Soares, 1591
 114. *Penelope superciliaris jacupemba* Spix, 1825
 *IACOUPEM – Léry, 1578 [JACUPEMA] [*Íakupema in Navarro, 2013: 156*]
 JACUPEMA – Soares, 1591
 115. *Aburria jacutinga jacutinga* (Spix, 1815)
 *IACOUTIN – Léry, 1578 [JACUTINGA] [*Íakutinga – jacu branco; Navarro, 2013: 157*]
 YACUTINGA – Anchieta, 1583
 JACUTÍGA – Soares, 1591
 116. *Crax* sp.
 *MOUTON – Léry, 1578 [MUTUM] [*Mutû ou mytû in Navarro, 2013: 320*]
 MOUTÔ – Léry, 1578
 MOTU – Soares, 1591
 117. *Crax fasciolata fasciolata* Spix, 1825
 *MUTU – Cardim, 1583 [MUTUM, nesta acepção] [*Mutû ou mytû in Navarro, 2013: 320*]
 MOTÚM – Souza, 1587

118. *Ortalis guttata aracuan* (Spix, 1825)
*ARACOÁ – Souza, 1587 [ARAQUÃ] [*Arakûã in Navarro, 2013: 59*]
ARACOÁ Soares, 1591

Odontophoridae

119. *Odontophorus capueira capueira* (Spix, 1825)
*URU – Cardim, 1583 [URU] [*Uru in Navarro, 2013: 501*]
ORÚ – Souza, 1587
VRU – Soares, 1591

ORDEM GRUIFORMES

Heliornithidae

120. *Heliornis fulica* (Boddaert, 1783)
*JPECAPÁRA¹⁵⁸ – Valle, 1585 [PICAPARA] [*Ypekapara – ipeca torta; Navarro, 2013: 530*]

Rallidae

121. Não identificado
*SARRACOU – Thevet, 1575 [SARACURA] [*Sarakura in Navarro, 2013: 438*]
CARACURA – Cardim, 1583
SARACURA – Souza, 1587
ÇARACURA – Soares, 1591

ORDEM PASSERIFORMES

Cardinalidae

122. *Piranga flava flava* (Vieillot, 1829)
*QUIAPIAN – Thevet, 1557 [?GUIRAPITANGA]
QUIAMPIAN – Léry, 1578
*TIÉPIRANGA – Souza, 1587 [TIÉ-PIRANGA] [*Tiepiranga ou tiépiranga in Navarro, 2013: 476*]
TIE PIRÁGA – Soares, 1591

Coerebidae

123. *Coereba flaveola chloropyga* (Cabanis, 1851)
†MACACICA – Souza, 1587 [*Makasyka in Navarro, 2013: 254*]

Corvidae

124. *Cyanocorax* sp.
†GUIGRAOBIG – Valle, 1585 [*Gûyraoby – pássaro azul; Navarro, 2013: 140*]

Cotingidae

125. *Pyroderus scutatus scutatus* (Shaw, 1792)
*PANON – Thevet, 1557 [PAVÓ]
PANONKA – Thevet, 1575
PANOU – Léry, 1578
126. *Procnias nudicollis* (Vieillot, 1817)
*GUIRAPANGA – Cardim, 1583 [ARAPONGA] [*Gûyrapunga ou gûyraponga – pássaro que bate, que percute; Navarro, 2013: 140*]
GUIRAPONGA Soares, 1591 -
127. *Cotinga maculata* (P. L. S. Müller, 1776)
*QUEREIVA – Cardim, 1583 [CREJUÁ] [*Kereüá in Navarro, 2013: 227*]
QUEREJUÁ – Souza, 1587
QUEREIBÁ – Soares, 1591

Fringillidae

128. *Caryothraustes canadensis brasiliensis* Cabanis, 1851
†TIJEIUBA - Valle, 1585 [*Tiêiuba – tiê amarelo; Navarro, 2013: 476*]
TIÉJUBA – Souza, 1587
129. ?*Volatinia jacarina jacarina* (Linnaeus, 1766)

¹⁵⁸ -Este nome também é dado ao mergulhão-pequeno (*Tachybaptus dominicus brachyrhynchus* (Chapman, 1899), ave picodípediforme da fam. Podicipididae.

- †TIMUNA – Souza, 1587 [*Timuna – bico preto*; Navarro, 2013: 477]
130. *Sicalis flaveola brasiliensis* (Gmelin, 1789)
 †URAENHANGATÁ – Souza, 1587 [*Gúyranhe'engetá – pássaro de muitos cantos*; Navarro, 2013: 139]
 GUIRANHE-ENG-ETA - Cardim, 1583
 GUIRANHEÊGUETA – Soares, 1591
131. *Euphonia chlorotica chlorotica* (Linnaeus, 1776) e *Euphonia violacea aurantiicollis* (Bertoni, 1901)
 †URANHENGATÁ – Souza, 1587 [*Gúyranhe'engetá – pássaro de muitos cantos*; Navarro, 2013: 139]

Hirundinidae

132. **Em geral**
 †MIGJUI – Valle, 1585 [*Myîu'i in Navarro*, 2013: 321]
133. **Não identificados**
 ‡MÍJUITINGA – Valle, 1585 [*Myîu'itinga – andorinha branca*; Navarro, 2013: 321]
134. *Phaeoprogne tapera fusca* (Vieillot, 1817) e *Phaeoprogne tapera tapera* (Linnaeus, 1766)
 †TAPÊNA – Valle, 1585 [*Tapena in Navarro*, 2013: 462]
 *TAPERÂ – Valle, 1585 [TAPERÁ] [*Taperá in Navarro*, 2013: 462]

Icteridae

135. **Não identificado**
 JAPU OUTRA CASTA – Soares, 1591
136. *Cacicus haemorrhous affinis* Swainson, 1834
 *JAPU – Cardim, 1583 [JAPU] [*Íapu in Navarro*, 2013: 160]
 JAPU – Soares, 1591
 †JAPÍOBA – Soares, 1591
 †JAPIUNA – Soares, 1591
137. *Gnorimopsar chopichopi* (Vieillot, 1819)
 †PEXAROREM – Souza, 1587 [*Pexarorẽ in Navarro*, 2013: 380]
138. *Icterus cayanensis tibialis* Swainson, 1837
 †URANDI – Souza, 1587 [*Gúyraundi in Navarro*, 2013: 141]

Pipridae

139. **Não identificado**
 *TANGARA – Cardim, 1583 [TANGARÁ] [*Tangará in Navarro*, 2013: 461]
 TANGARA – Soares, 1591

Thraupidae

140. **Não identificados**
 *CAIJ – Soares, 1591 [SAÍ] [*Sa'i in Navarro*, 2013: 436]
 *TIE – Soares, 1591 [TIÉ ou TIÊ] [*Tiê in Navarro*, 2013: 476]
 ‡TIE APIRAGUIRA – Soares, 1591 [*Tie'apyragúyra – tiê da moleira baixa*; Navarro, 2013: 476]
 ‡TIE GUAÇU – Soares, 1591 [*Tiegúasu – tiê grande*; Navarro, 2013: 476]
 ‡TIE GUAÍSSICA – Soares, 1591 [*Tiegúaisika – tiê-esfrega-cauda*; Navarro, 2013: 476]
 ‡TIE IMBU – Soares, 1591 [*Tieimbuin Navarro*, 2013: 476]
 ‡TIE MERJ – Soares, 1591 [*Tiemirĩ – tiê pequeno*; Navarro, 2013: 476]
 ‡TIE OBIG – Soares, 1591 [*Tieoby – tiê verde*; Navarro, 2013: 476]
 ‡TIE OBIGUAÇU – Soares, 1591 [*Tieobygúasu – tiê verde e grande*; Navarro, 2013: 476]
 ‡TIE VNA – Soares, 1591 [*Tieúna – tiê escuro*; Navarro, 2013: 476]
141. *Cissopis leveriana major* Cabanis, 1851
 *SABIÁTINGA Souza, 1587 [SABIATINGA] [*Sabiatinga – sabiá branco*; Navarro, 2013: 435]
142. *Dacnis cayana paraguayensis* Chubb, 1910
 †SAYUBUI – Souza, 1587 [*Sa'ioby'i – sai azul pequeno*; Navarro, 2013: 436]

Troglodytidae

143. *Troglodytes musculus* Naumann, 1823
 †MUIEPERERU – Souza, 1587 [*Muiepereru in Navarro*, 2013: 317]¹⁵⁹

¹⁵⁹ Segundo Pirajá da Silva (in Souza, 1851a: 236, nota 7): “Muiepereru – muipararu, na edição de Fr. Mariano da

Turdidae

144. *Turdus rufiventris rufiventris* Vieillot, 1818
†SABIÁPITANGA – Souza, 1587 [*Sabiapytanga – sabiá alaranjado*; Navarro, 2013: 435]
145. *Turdus flavipes flavipes* (Vieillot, 1818)
*SABIÁUNA – Souza, 1587 [SABIAÚNA] [*Sabiáuna – sabiá preto*; Navarro, 2013: 435]
146. *Turdus* sp.
CABIÁ - Valle, 1585 [SABIÁ] [*Sabiá in* Navarro, 2013: 435]¹⁶⁰
?SUNIATH – Thevet, 1587-1588 [Nome estropiado]
*SABIÁ-COCA – Souza, 1587 [*Sabiápoka – sabiá estourado*; Navarro, 2013: 435]¹⁶¹

Tyrannidae

147. *Fluvicola climazura climazura* (Vieillot, 1824)
†UANANDI – Souza, 1587 [*Úanandi in* Navarro, 2013: 492]
148. *Satrapa icterophrys icterophrys* (Vieillot, 1818)
*SUIRIRI – Souza, 1587 [SUIRIRI] [*Suiriri in* Navarro, 2013: 448]¹⁶²

ORDEM PELECANIFORMES

Fregatidae

149. *Fregata aquila* (Linnaeus, 1758)
*CARIPIRA – Cardim, 1583 [CARIPIRÁ] [*Karipirá in* Navarro, 2013: 222]
CARIPIRÁ – Valle, 1585
CARAPIRÁ – Souza, 1587
CARIPIRA – Soares, 1591

Phalacrocoracidae

150. *Phalacrocorax brasilianus brasilianus* (Gmelin, 1789)
*MIGUÁ – Valle, 1585 [BIGUÁ] [*Migúá in* Navarro, 2013: 279]

ORDEM PICIFORMES

Galbulidae

151. *Galbula ruficauda rufoviridis* Cabanis, 1851
†TUPIANA – Souza, 1587 [*Tupiana in* Navarro, 2013: 484]¹⁶³

Picidae

152. Em geral

Conceição Veloso. *Mbiré* = o soprador, trombeta, vulgo *boré*; *mure + pururu* = vocábulo onomatopaico, quer dizer: o que faz rumor – o *boré* barulhento”.

¹⁶⁰ Garcia (1913: 29): “Etyim.: contracção de *hahà-piy-har* = aquelle que reza muito. (Cf. Baptista Caetano [...]); Sampaio (1914: 262): “*Sabiá*, corr. çoó-biá, o animal aprasível, grato, agradável. Alt.: *sobiá*”; Clerot (1959: 90): “Do tupi-guarani çoó-biá = o bicho aprazível, mavioso; de çoó = bicho, animal, + *biá* = mavioso. Essa interpretação, geralmente aceita e consagrada, não deixa de ser forçada e pouco adequada; çoó = animal, não inclui aves, que têm o nome genérico de *uirá* = *guirá*. *Eçá-bái* = olhos ternos, corresponde melhor ao aspecto dessas delicadas aves canoras”; Porto Alegre (1980: 71): “*Habiá*, no guarani (Montoya), *sabiá*, no tupi, de *çá*, por *teçá*, olhos, e *piá*, do verbo abrir. “*Teçapiá* ou *çapiá*, abrir os olhos e indica presteza (Montoya)”.

¹⁶¹ Segundo Pirajá da Silva (in Souza, 1851: 236, nota 4): “*Sabiá-coca – sabiá-poca* = *sabiá + poca*, gerúndio de *poc*, estalar; *sabiá* estalante, alusivo ao canto. *Turdus rufiventris rufiventris* Vieillot”.

¹⁶² Pirajá da Silva (in Souza, 1851: , nota 5): “*Suiriri – quiriri*, uns consideram vocábulo onomatopaico; outros, porém, explicam dizendo que *ub* por *çub* = estar + *quiriri* = silencioso, calado. *Machetornis rixosa* (Vieillot); Garcia (1913: 32): “*Machaetornis* [sic] *rixosa*; Etyim.: de *hub* por *çub* = estar + *quiriri* = calado, silencioso? (Cf. Baptista Caetano [...]). Para outros é onomatopaico”.

¹⁶³ Pirajá da Silva (in Souza, 1851: 111, nota 8 “*Tupiana* – parece ser corr. de *uirapiana*, cuja etim. Tupi quer dizer: *uirá* – alteração de *güirá* = pássaro, *piã* = manchado, pintado? (R. Garcia)”; Garcia (1913: 35): “N. commum a algumas aves da fam. Galbulidae. – Etyim.: de *uirá*, alt. *guirá* = passaro, + *piã* = manchado, pintado?”.

*IPECŪ – Valle, 1585 [IPECU] [*Ipeku or ipekũ in Navarro, 2013: 189*]¹⁶⁴

JPECUM – Soares, 1591

UAPICÚ – Souza, 1587

153. Não identificados

‡GUIRAGUIG – Valle, 1585 [*Gúyragúy in Navarro, 2013: 139*]

‡YPECŪTERETERĒ - Valle, 1585 [*Ipecutereterẽ in Navarro, 2013: 190*]

‡JARATIJ – Valle, 1585 [*Íarati'I in Navarro, 2013: 161*]

Ramphastidae

154. Não identificado

TOCA – Botero, 1595

155. *Ramphastos toco* Stadius Müller, 1776

*TOUCAN– Thevet, 1557 [TUCANO] [*Tukana in Navarro, 2013: 481*]

TOUCAN – Thevet, 1575

TOUCAN – Léry, 1578

TOUCAN Gesner, 1560

TOUCÃ – Léry, 1578

TOUCAN – Paré, 1579

TUCANA – Cardim, 1583

TUCANO – Souza, 1587

TOCAN – Thevet, 1587-1588

TOUCAN – Thevet, 1587-1588

TUCANO – Soares, 1591

TOUCHAM – Aldrovandi, 1599

TOCAM – Aldrovandi, 1599

ORDEM PROCELARIIFORMES

Hydrobatidae

156. ?*Oceanites oceanicus oceanicus* (Kuhl, 1820)

‡GUIRATEÔTEÔMYRĪ – Valle, 1585 [*Gúyrate'ôte'õmirĩ in Navarro, 2013: 140*]

ORDEM PSITTACIFORMES

Psittacidae

157. Não identificado

‡ANAPURÚ – Gândavo, 1576 [*Anapuru in Navarro, 2013: 35*]

ANAPURU – Cardim, 1583

*ANACAM – Soares, 1591 [ANACÃ] [*Anakã in Navarro, 2013: 35*]

‡MARACANAMERĴ – Soares, 1591

158. Araras (na maioria dos casos *Ara chloroptera* Gray, 1859)

*ARAT – Thevet, 1575 [ARARA] [*Arara in Navarro, 2013: 59*]

‡MARGANAN-TRESSATÁ (nome estropiado) – Thevet, 1575

ARÁRA – Gândavo, 1576

ARAT – Léry, 1578

ARARA – Cardim, 1583

ARARA – Anchieta, 1583

ARÁRA – Souza, 1587

ARAT – Thevet, 1587-1588

ARRAT – Thevet, 1587-1588

ARARA Soares, 1591

159. Papagaios

*AIOUROUB – Thevet, 1557 [AJURU] [*Aiuru in Navarro, 2013: 19*]

AIOUROU – Thevet, 1575

AIOUROUB – Thevet, 1575

IEROUIOU – Thevet, 1575

AIOUROU – Léry, 1578

¹⁶⁴ Ihering (H. von) (1898: 279): “O nome indigena de pica-páo ‘ipecu’ vem de ipé = casca de arvore. Marcgrav escreve ipecú. Os indios guaranys do Rio Verde deram-me para os pica-páos os seguintes nomes: pécu-anti para Ce-leus, pecu-nauta para Ceophloeus, pecu-rupacãn para os outros a exceção de Melanerpes flavifrons que é curuti ou pecu-rutui? Pecu-nteré é Melanerpes candidus. É bem possivel que tenham dito ipecu quando eu apenas entendi e notei pécu. Afinal o i no começo da palavra é sem importancia e Montoya escreve pé e ipé para casca de arvore”.

- AJURÛ – Valle, 1585
 JEARIOU – Thevet, 1587-1588 [nome estropiado]
 AIURUJ – Soares, 1591
160. *Tuins* (gênero *Forpus*)
 *TOYM – Fernandes, 1511 [TUIM] [*Tu'ĩ in* Navarro, 2013: 480]
 TUYM – Gândavo, 1576
 TOÛI – Léry, 1578
 TUIM – Cardim, 1583
 TUIM – Souza, 1587
 TOÏ – Soares, 1591
161. *Curicas*¹⁶⁵
 *CORÍCA – Gândavo, 1576 [CURICA] [*Kurika in* Navarro, 2013: 244]
 CORICA – Souza, 1587
 CORICA – Soares, 1581
162. *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758)
 *AGERUÉTÉ Souza, 1587 [AJURUETÊ] [*Aïurueté – papagaio verdaeeiro*; Navarro, 2013: 20]
163. *Amazona amazonica amazonica* (Linnaeus, 1766)
 *AUGEROU-COURAL – Lamy, 1540 [AJURUCURAU] [*Aïurukuráú in* Navarro, 2013: 20]
 AIURUCURO – Cardim, 1583
 AJURUCURAO Soares, 1591
164. *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758)
 *CARINDE – Thevet, 1557 [CANINDÉ] [*Kanindé in* Navarro, 2013: 217]
 CARINDE – Thevet, 1575
 CANINDÉ – Gândavo, 1576
 CANIDÉ – Léry, 1578
 CANINDE – Anchieta, 1583
 CANINDÉ – Souza, 1587
 CANYDE – Thevet, 1587-1588
 *ARAUNA – Soares, 1591 [ARAÚNA]
 CANÍDE – Soares, 1591
165. *Primolius maracana* (Vieillot, 1816)
 *MARGANA – Thevet, 1557 [MARACANÃ] [*Marakanã in* Navarro, 2013: 261]
 MARGANA – Thevet, 1575
 MARCANÁO – Gândavo, 1576
 MARGANA – Léry, 1578
 MARGANA – Thevet, 1587-1588
166. *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 1790)
 *ARARUNA – Cardim, 1583 [ARARAÚNA] [*Araruna – arara escura*; Navarro, 2013: 59]
167. *Guaruba guarouba* (Gmelin, 1788)
 *GUIRAIUBA – Cardim, 1583 [GUARAJUBA] [*Gúyraiúba in* Navarro, 2013: 139]
 *AIURUJUB – Anchieta, 1583 [AJURUJUBA] [*Aïuruúu – papagaio amarelo*; Navarro, 2013: 20]
 AJURUJUBA – Anchieta, 1583
168. *Amazona farinosa farinosa* (Boddaert, 1783)
 *AGERUAÇU – Souza, 1587 [AJURUAÇU] [*Aïuruásu ou aïuruúasu – papagaio grande*; Navarro, 2013: 19]
169. *Aratinga jandaya* (Gmelin, 1788)
 *MARCANÁ – Souza, 1587 [MARACANÃ; nesta acepção] [*Marakanã in* Navarro, 2013: 261]
170. *Aratinga sp.*
 †JANDAJETE – Soares, 1591 [*Íandaieté – jandaia verdadeira*; Navarro, 2013: 158]
 †JANDAJUBA – Soares, 1591 [*Íandaiúba – jandaia amarela*; Navarro, 2013: 158/]
171. *Pionus menstruus reichenowi* (Heine, 1884)
 *SIJÁ – Souza, 1587 [SUIÁ]
172. *Ara severa* (Linnaeus, 1758)
 *MARACANAGUAÇU – Soares, 1591 [MARACANÃ-GUAÇU] [*Marakanãgúasu – maracanã grande*; Navarro, 2013: 262]

¹⁶⁵ Designação comum a vários psitacídeos de cauda curta e porte mediano, pertencentes aos gêneros *Amazona*, *Caica*, *Pionopsita* e *Pionus*.

ORDEM RHEIFORMES

Rheidae

173. *Rhea americana americana* (Linnaeus, 1758)
†ANDUGOACU – Cardim, 1583 [*Nhandugûasu – nhandu grande*; Navarro, 2013: 334]
*NHÃDÛ – Valle, 1585 [NHANDU] [*Nhandu in* Navarro, 2013: 334]
NHANDÛ – Souza, 1587

ORDEM STRIGIFORMES

174. Em geral

- †URUCUREAM – Souza, 1587 [*Urukure'a in* Navarro, 2013: 507]

175. Não identificados

- *CABURÉ – Anchieta, 1583 [CABURÉ] [*Kaburé in* Navarro, 2013: 211]
‡CUYAUJU – Valle, 1585
‡VRUCURIAGUAÇU – Soares, 1591 [*Urukure'aûasu – urucuriá grande*; Navarro, 2013: 502]

Strigidae

176. *Bubo virginianus nacurutu* (Vieillot, 1817) ou *Pulsatrix perspicillata perspicillata*
*JACURUTU – Anchieta, 1583 [JACURUTU] [*Íakurutu in* Navarro, 2013: 156]
JACURUTÛ – Valle, 1585
JUCURUTÛ – Souza, 1587
JACURITU – Soares, 1591

Tytonidae

177. *Tyto alba tuidara* (Gray, 1829)
*ÇUINDARA – Valle, 1585 [SUINDARA] [*Suindara in* Navarro, 2013: 447]
TUINDARA – Valle, 1585

ORDEM SULIFORMES

Sulidae

178. *Sula leucogaster leucogaster* (Boddaert, 1783)
†GUIRATEONTEON – Cardim, 1583
UÏRATEONTEON – Souza, 1587

ORDEM TINAMIFORMES

Tinamidae

179. Em geral
*NAMBÛ – Souza, 1587 [NAMBU; e variantes INAMBU, INHAMBU etc.] [*Íambu ou inambu ou nambu ou nhambu in* Navarro, 2013: 157]
180. *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819)
*MACKUKAWASTaden, 1757 [MACUCAUA] [*Makukaúá ou makukaúá in* Navarro, 2013: 255]
MACOUACANNA – Thevet, 1557
MACOUACANNA – Thevet, 1575
MACUCAGOÁ – Gândavo, 1576
MACUCAGUA – Cardim, 1583
MACOCOÛA – Léry, 1578
MACÛCAGUÂ – Valle, 1585
MACUAGOÁ – Souza, 1587
MACUCAGUA – Soares, 1591
MACUCAGUÂ – Soares, 1591
181. *Crypturellus tataupa tataupa* (Temminck, 1815)
*YNAMBOUMIRI – Léry, 1578 [INHAMBUMIRIM] [*Inambumirî – nhambu pequeno*; Navarro, 2013: 186]
182. *Crypturellus obsoletus* (Temminck, 1815)
*YNAMBOU-OUASSOU – Léry, 1578 [INHAMBUGUAÇU] [*Íambu-gûasu ou inambu-gûasu – inhambu grande*; Navarro, 2013: 157]
183. *Nothura maculosa* (Temminck, 1815)
†YNAMBUTININGA – Valle, 1585 [*Inambutinga – inhambu-branco*; Navarro, 2013: 186]

184. *Crypturellus parvirostris* (Wagler, 1827)
 *XERORÓ – Valle, 1585 [(inhambu) XORORÓ] [*Xerorõ in Navarro, 2013: 509*]
185. *Rhynchotus rufescens rufescens* (Temminck, 1815)
 *NHÁPUPE- Valle, 1585 [INHAMPUPÉ] [*Nhapupé in Navarro, 2013: 335*] [*Nuãpupé in Navarro, 2013: 349*]
 NHAPUPÉ – Souza, 1587
 †NHÛ APOPEGUAÇU – Soares, 1591 [*Nhuãpupegûasu – nhuapupé grande; Navarro, 2013: 349*]

CLASSE REPTILIA

SUBCLASSE ANAPSIDA

ORDEM TESTUDINES (CHELONIA)

186. Não identificado

‡‡ICARA – Thevet, 1575

SUBORDEM CRYPTODIRA

Superfamília Chelonioidea

Cheloniidae

187. *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)
 *JURUCUGUÂ – Valle, 1585 [JURUCUÁ] [*Îurugugûá ou îurukûá in Navarro, 2013: 201*]¹⁶⁶
 *UNÛANÃ – Valle, 1585 [SURUANÃ] [*Unûanã in Navarro, 2013: 499*]
 GIRUCÓA – Souza, 1587

Superfamília Testudinoidea

Testudinidae

188. *Chelonoidis carbonaria* (Spix, 1824) e *Chelonoidis denticulata* (Linnaeus, 1766)
 *JABOTÎ – Valle, 1585 [JABUTI] [*Îaboti in Navarro, 2013: 152*]¹⁶⁷
 JABUTY – Souza, 1587
 ‡‡JABUTIAPEBA – Souza, 1587 [*Îabotiapeba – jabuti do casco chato; Navarro, 2013: 153*]

SUBORDEM PLEURODIRA

Chelidae(não identificados)

189. *JURARA – Valle, 1585 [JURARÁ] [*Îurarâ in Navarro, 2013: 199*]
 ‡‡JABUTEMIRIM – Souza, 1587 [*Îabotimirî – jabuti pequeno; Navarro, 2013: 153*]

SUBCLASSE ARCHOSAURIA

ORDEM CROCODYLIA

Crocodylidae

190. Não identificados

*JACARÊ – Anchieta, 1560 [JACARÉ] [*Îakaré in Navarro, 2013: 155*]
 IACARE – Thevet, 1575
 IACARÉ – Léry, 1578
 IACARE – Léry, 1578
 JACARE – Cardim, 1583
 IACARE – Valle, 1585

¹⁶⁶ Sampaio (1914: 240): “Jurucuá, corr. yurú-quá, o pescoço que afunda ou se esconde; a tartaruga, o kagado; alt.: jericóá, jerequá”.

¹⁶⁷ Clerot (1959: 62): “Do tupi-guarani: yá-u-ti = aquele que não bebe; de yá = aquele que, + ú = beber, + ti = nunca, porque é crença entre os indígenas que ele é insensível à sede. Também pode traduzir, como opina Theodoro Sampaio: o que tem fôlego tenaz (i-abú-ti)”.

- JACARÉ** – Souza, 1587
JACARE – Soares, 1590
JACARE – Soares, 1591
191. Caiman yacare Daudin, 1802
 ***IACAREABSOU** – Thevet, 1557 [JACARÉ-AÇU]
IACHARAP-SOUB – Thevet, 1575
YACAREGUAÇU – Anchieta, 1583
PIRIECO-ABSOU – Thevet, 1587-1588 [Nome estropiado: *Iacareabsou*]
192. Caiman latirostris (Daudin, 1802)
 ***URURÁ** – Valle, 1585 [URURÁ]/*Ururá in* Navarro, 2013: 503]¹⁶⁸
 †**VRURUGUAÇU** – Soares, 1591

SUBCLASSE LEPIDOSAURIA

ORDEM SQUAMATA

SUBORDEM AMPHISBAENIA

193. Amphisbaenidae (em geral)

- ***HEBIJARA** – Gândavo, 1571 [IBIJARA] [*Ybyiara – a que domina a terra*; Navarro, 2013: 519]
HEBIJÁRA – Gândavo, 1571
YBIJARA – Valle, 1585
UBOJÁRA – Souza, 1857
JBIGYARA – Soares, 1591

SUBORDEM OPHIDIA (SERPENTES)

194. Cobras em geral

- ***BOYA** – Valle, 1585 [BOIA] [*Mboia in* Navarro, 2013: 271]

195. Não identificados

- ‡**JAPARANA** – Gândavo, 1571 [*Íaparana in* Navarro, 2013: 159]
JAPPARÁNA – Gândavo, 1571
 ‡**PICOARA-DAGUA** – Valle, 1581
 ‡**GAITIEPIA** – Cardim, 1583
 ‡**MANIMA** – Cardim, 1583 [*Manima in* Navarro, 2013: 257]
 ‡**BOYEÇA** – Valle, 1585 [*Mboiêsapykuára in* Navarro, 2013: 271]
 ‡**UBIRACOA** – Souza, 1587 [*Ybyrakûá in* Navarro, 2013: 521]¹⁶⁹
 ‡**CUCURITÍGA** – Soares, 1591
MANIMA – Soares, 1591

Superfamília Henophidia (Boidea)

Boidae

196. Não identificado

- ***BOYASSU** – Staden, 1557 [BOIAÇU] [*Mboîusu in* Navarro, 2013: 272]

197. *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758)

- ***ÇUCURYÚBA** – Anchieta, 1560 [SUCURIJUBA] [*Sucuriúba in* Navarro, 2013: 448]¹⁷⁰
¹⁷⁰**CUCURIJUBA** – Cardim, 1583
 ***ÇUCURIJU** – Anchieta, 1583 [SUCURIJU] [*Sukuriú ou sukuriúu in* Navarro, 2013: 448]
ÇUCURIJU – Valle, 1585
 ***BOIUNA** – Souza, 1587 [BOIÚNA] [*Mboiuna – cobra escura*; Navarro, 2013: 272]
SUCURIÚ – Souza, 1587
CUCURIJUBA – Soares, 1591

¹⁶⁸ Pinto (1958: 120 (nota 241), 419 (nota 620)): “Segundo Wied (Beiträge, I, pág. 70) [Wied-Neuwied, 1831], a denominação 'ururau', corrente em nossos dias, era aplicada ao macho velho na época do cio, em que a garganta se tingia mais intensamente de amarelo, ao passo que os indivíduos comuns recebiam a de 'jacaré tinga’”.

¹⁶⁹ Amaral (1945: 24): “Tupi ubi + ra + quaa: que dá golpe ou bote = *Bothrops bilineata* (Wied) e, por vezes, *Thamnodynastes pallidus* (L.)”.

¹⁷⁰ Dietrich & Noll (2010: 91): “sucurijuba<t. sukuri-júb-a, ‘sucuri-amarela + sufixo de caso’”.

198. *Boa constrictor constrictor* Linnaeus, 1758
 *GIBOIOSSÚ – Gândavo, 1571 [JIBOIUÇU]
 GIBOYASSÚ – Gândavo, 1571
 *GIBOYA – Cardim, 1583 [JIBOIA]¹⁷¹
 GIBOYA – Anchieta, 1583
 *BOYUÇÛ – Valle, 1585 [BOIUÇU] [*Mboïusu in* Navarro, 2013: 272]
 GIBOYA – Valle, 1585
 GIBOYUÇÛ – Valle, 1585
 GIBOIA – Souza, 1587
 GIBOJA Valle, 1591
 JIBOA – Travaços, 1596

Superfamília Xenophidia (Colubroidea, Caenophidia)

Colubridae

199. Não identificados
 *CANINANA – Cardim, 1583 [CANINANA] [*Kaninana in* Navarro, 2013: 217]¹⁷²
 CANINANA – Valle, 1585
 CANINAM – Souza, 1587
 ‡BOJOÇU PECANGUA – Soares, 1591
200. *Pseustes sexcarinatus* (Wagler, 1824)
 *BOYTIAPUA – Cardim, 1583 [BOITIAPÓ, nesta acepção] [*Mboïtãpúá – cobra do focinho pontudo*; Navarro, 2013: 273]
 BOITIAPOIA – Souza, 1587
 BOITIMAPOÃ – Soares, 1591
201. *Chironius fuscus* (Linnaeus, 1758)
 †GUIRAUPIAGUARA – Cardim, 1583 [*Gûyraupi 'agûara – comedor de ovos de pássaros*; Navarro, 2013: 141]
 URAPIAGÁRA – Souza, 1587
 GUIRAOPIAGUARA – Soares, 1591
202. *Philodryas olfersii* (Lichtenstein, 1823)
 *BOIOBÛ – Valle, 1585 [BOIOBI] [*Mboïoby – cobra verde*; Navarro, 2013: 271]
203. *Xenodon merremii* (Wagler, 1824)
 *BÓIPEBA – Anchieta, 1560 [BOIPEBA] [*Mboïpeba – cobra chata*; Navarro, 2013: 271]
 BOYPEBA – Valle, 1585
204. *Chironius fuscus* (Linnaeus, 1758)
 *ARABOYA – Souza, 1587 [ARABOIA] [*Araboia in* Navarro, 2013: 58]¹⁷³
205. *Chironius carinatus* (Linnaeus, 1758)
 *BOYTIAPUA – Cardim, 1583 [BOITIAPÓ, nesta acepção] [*Mboïtãpúá – cobra do focinho pontudo*; Navarro, 2013: 273]
 BOITIAPOIA – Souza, 1587
 BOITIMAPOÃ – Soares, 1591
206. *Philodryas* sp.
 BOYOBÛ – Valle, 1585 [BOIOBI] [*Mboïoby – cobra verde*; Navarro, 2013: 271]
 *BOIUBÛ – Souza, 1587 [BOIUBU]
207. *Liophis poecilogyrus schottii* (Schlegel, 1837)
 †TIOPURANA – Souza, 1587 [*Tiôpurana in* Navarro, 2013: 478]¹⁷⁴

¹⁷¹ Alencar ([1865] 1878: 64, 214 (nota)): “Giboia – cobra conhecida; de gi – machado e bóia – cobra. O nome foi tirado da maneira porque a serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado; pôde traduzir-se bem, cobra de arremesso”; Sampaio (1914: 216): “Giboia, corr. gyi-boy, cobra de gias, o ophidio que se alimenta de gias ou rãs e vive nos rios e lagôas, dormindo porem em terra”.

¹⁷² Lemery (1716: 107): “Il est en usage dans les antidotes des Indiens, comme la Vipere l’est en Europe. Il resiste au venin. Caninana, vient de Canis, qui signifie Chien, parce que ce serpent fuit des homes, & se laisse prendre comme fait le chien [sic]”; Houaiss et al. (2001: 600): “Do tupi ka’ a ‘mato, vegetação’ e uma forma do verbo tuoi ñane ‘que corre, que se espria”.

¹⁷³ Amaral (1945: 12): “Tupi ara + boi: cobra do ar ou cobra que salta pelo ar (das arvores)”.

¹⁷⁴ Tastevin (1923: 742): “Tiopurana - Cobra grande que se deixa amansar. A palavra não tem a feição tupi; talvez seja teyú purana ou teyú purawa. A cobra caseira se chama giboya : tio vale por gi talvez, e o qualificativo de parawa, pintada de côres varias, conviria a giboia”; Amaral (1945: 23): “(Corruptela de “Timburana”) – Tupi Ti +

Elapidae

208. Não identificados

- ***IBÍBOBÓCA** – Anchieta, 1560 [IBIBOBOCA] [*Ybybiboka – fende terra*; Navarro, 2013: 518]
- IBIBOBOCA** – Cardim, 1583
- IGBIGBOCA** – Valle, 1585
- YBIBOCA** – Valle, 1585
- UBUBOCA** – Souza, 1587
- JBIBOBOCA** – Soares, 1591

Viperidae

209. Não identificado

- ‡**THEÏRAB** [nome estropiado]– **Thevet, 1557** [?Cotiará]
 - ‡**BOICININGPEBA** – Cardim, 1583 [*Mboisinimbeba – cobra que retine, achatada*; Navarro, 2013: 272]
 - ‡**BOICUPECANGA** – Cardim, 1583 [*Mboikupekanga – cobra do dorso ossudo*; Navarro, 2013: 271]
 - BOYCUPECÁGA** – Valle, 1585
 - ‡**JARARAEPEBA** – Cardim, 1583 [*Íararakapeba ou íararakopeba in Navarro, 2013: 161*]
 - ‡**JARERACA COATÍGUA** – Soares, 1591
 - JARERACAPEBA** – Soares, 1591
210. *Bothropoides jararaca* (Wied, 1824)
- ***GERARA**– **Thevet, 1557** [JARARACA] [*Íararaka in Navarro, 2013: 161*]¹⁷⁵
 - ¹⁷⁵**JARARÁCA**– Anchieta, 1560
 - GERARÁCA** – Gândavo, 1576
 - JARARACA** – Cardim, 1583
 - JARARACA** Valle, 1585
 - GERERACA** – Souza, 1587
 - GERARACA** – Soares, 1590
 - JARERACA** – Soares, 1591
211. *Crotalus durissus* (Linnaeus, 1758)
- ***BÓICININGA** – Anchieta, 1560 [BOICININGA] [*Mboísininga ou mboítininga – cobra que retine*; Navarro, 2013: 272]
 - BOITENINGA** – Gândavo, 1571
 - BOYCININGA** – Cardim, 1583
 - †**BOITININGUÇU** – Anchieta, 1583
 - BOITININGA** – Valle, 1585
 - BOICININGA** – Souza, 1587
 - BOITENJGUA** – Soares, 1591
 - BOITENJPEBA**– Soares, 1591
212. *Clelia clelia clelia* Daudin, 1803
- †**BÓIROIÇANGA** – Anchieta, 1560 [*Mboiro 'ysanga – cobra de frio*; Navarro, 2013: 272]
 - †?**BOYUNA** – Cardim, 1583 [*Mboiuna – cobra escura*; Navarro, 2013: 272]
 - BAJUNA** – Soares, 1591
213. *Bothrops jararacussu* Lacerda, 1884
- ***SURUCUCÚ** – Gândavo, 1571 [SURUCUCU] [*Surukuku in Navarro, 2013: 449*]¹⁷⁶
 - JARARACUÇU** – Cardim, 1583 [JARARACUÇU] [*Íararakusu – jararaca grande*; Navarro, 2013: 161]
 - ÇURUCUCUC** – Valle, 1585
 - SURUCUCÚ** – Souza, 1587
 - ÇURUCUCU** – Soares, 1591
 - JARERACAÇU** – Soares, 1591
214. *Bothriopsis bilineata bilineata* (Wied, 1825)
- †**IBIRACUA** – Cardim, 1583 [*Ybyrakúa in Navarro, 2013: 521*]

mboi (ou Ti + mbuu) + rana: semelhante à cobra d'água; nome applicado pelos naturaes da Bahia a espécie não venenosa e que vive de pequenas caças = *Philodryas schottii* (Schlegel)".

¹⁷⁵ Garcia in Cardim (1980: 63): "Jararaca, da família dos Viperídeos (*Lachesis lanceolatus*, Lacep.). Em G. Soares, generaca. Para Batista Caetano, pode derivar-se o nome de yara-roág, que envenena quem agarra".

¹⁷⁶ Clerot (1959: 93): "Do tupi-guarani: çuú-ú-ú = morde muito; de çuú = morder, + ú-ú freqüentativo = o morde-morde".

- IBIRACUA** – Valle, 1585
JBIRACUA – Soares, 1591
 215. *Bothropoides newwiedi newwiedi* (Wagler, 1824)
 †**JARARCOAYPITIUGA** – Cardim, 1583¹⁷⁷
 216. *Bothrops cotiara* Gomes, 1913
 ***BÓIQUATIÁRA** Anchieta, 1560 [COTIARA] [*Mboikúatiara* – cobra pintada; Navarro, 2013: 271]
BOYCOATIARA – Valle, 1585

SUBORDEM SAURIA (LACERTILIA)

INFRAORDEM IGUANIA

Iguanidae

217. *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758)
 ***SENEMBÚ** – Souza, 1587 [SINIMBU] [*Senemby* in Navarro, 2013: 441]¹⁷⁸

Leiosauridae

218. *Enyalius* sp.
 ***ANIJUACANGA** – Souza, 1587 [ANIJUACANGA] [*Anyûakanga* in Navarro, 2013: 42]

Tropiduridae

219. *Tropidurus* sp.
 ***TARAGUIRA** – Valle, 1585 [TARAGUIRA] [*Taragûyra* in Navarro, 2013: 465]

INFRAORDEM SCINCOMORPHA

Teiidae

220. *Tupinambis teguixin* (Linnaeus, 1758)
 ***TOUOU** – Léry, 1578 [TEIÚ ou TEJU] [*Teiú* in Navarro, 2013: 471]
TEJÚ – Valle, 1585
 ***TEJÛGUAÇÛ** – Valle, 1585 [TEJUAÇU] [*Teiugûasu ou teiûasu* – teju grande. Navarro, 2013: 470]
TIJUAÇÚ – Souza, 1587
 221. *Micrablepharus maximiliani* (Reinhardt & Lütken, 1862)
 ***AMERECÍMA** – Valle, 1585 [AMERICIMA] [*Ameresyma* in Navarro, 2013: 31]¹⁷⁹
¹⁷⁹222. *Teius teyou* (Daudin, 1902)
 †**TEJUNHANHA** – Valle, 1585 [*Teiunhana* – teju corredor; Navarro, 2013: 471]
 223. *Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758)
 ***JACARÉPINIMA** – Souza, 1587 [JACAREPINIMA] [*Íakarepinima* – jacaré pintalgado; Navarro, 2013: 155]

CLASSE AMPHIBIA

ORDEM ANURA

224. Não identificados

- ‡**GUARARICI** – Cardim, 1583 [*Gúararysy* in Navarro, 2013: 134]¹⁸⁰

¹⁷⁷ Cardim (1925: 47): ‘Ha outra que se chama Jararagoaipigtanga, sc., que tem a ponta do rabo mais branco que pardo’.

¹⁷⁸ Garcia (1923: 70): ‘Senembí, o lacertilio (*Iguana tuberculata*, Laur.), em algumas partes do Brasil chamado impropriamente Cameleão. - Occorre em Marcgrav Senemby. - De cér amigo de, nhemby soprar, ser soprado, o papavento, que é também um de seus nomes vulgares’.

¹⁷⁹ Martius (1860: 487, 1863: 435): ‘melius *Ameiva ryru eima* i.e. A. sine turgore, sine collo inflato v. strumoso, *Gymnophthalmus quadrilineatus* Merr.’.

¹⁸⁰ Garcia in Cardim (1980: 75): ‘Guararigeig, com melhor grafia guararyey, para denominar certa rã. É difícil de explicar. O nome tupi de rã é yuí; G. Soares descreve a que os índios chamavam jui goaraigarai, talvez a mesma

- ‡**IUI** Valle, 1585 [*Iu'i in Navarro, 2013: 197*]
 ‡**JUIGIÁ** – Souza, 1587 [*Iu'i-îia in Navarro, 2013: 197*]¹⁸¹
 ‡**JUIGOARAIGARAI** – Souza, 1587 [*Iu'igûara'i-gûara'i in Navarro, 2013: 197*]
 ‡**JUIHI** – Souza, 1587 [*Iu'ii in Navarro, 2013: 197*]

225. Girino

- †**JUIM** – Souza, 1587

Bufonidae

226. Sapos em geral

- ***CURURU** – Anchieta, 1583 [**CURURU**] [*Kururu in Navarro, 2013: 246*]¹⁸²
CURURU – Valle, 1585
CURURÚ – Souza, 1587

Hylidae

227. Não identificado

- ***JUIPEREGA** – Souza, 1587 [**PERERECA**] [*Iu'iperereka in Navarro, 2013: 197*]¹⁸³

228. *Hypsiboas boans* (Linnaeus, 1758)

- ***JUIPONGA** – Souza, 1587 [**JUIPONGA**] [*Iu'iponga – rã bateadeira; Navarro, 2013: 197*]

184

CLASSE ACTINOPTERYGII (PISCES, TELEOSTEI)

229. Peixes em geral

- ***PIRA** – Léry, 1758 [**PIRÁ**] [*Pirá in Navarro, 2013: 384*]
 ‡**PIRA-MIRI** – Léry, 1758
PIRÂ – Valle, 1585
PIRA Anchieta, 1595
PIRÂ Anchieta, 1595

230. Não identificados

- ‡**TEBUCH** – Thevet, 1575 [?Ser mítico]
 ‡**ACARAPEAÇABA** – Valle, 1585 [*Akarapeasaba in Navarro, 2013: 24*]¹⁸⁵
 ‡**AIPI** – Valle, 1585 [**AIPI**] [*Aipi in Navarro, 2013: 17*]¹⁸⁶
 ‡**GOAMA** – Valle, 1585 [*Gûamá in Navarro, 2013: 232*]
 ‡**GOAPERUGUÁ** – Valle, 1585 [**GUAPERUÁ**] [*Gûaperuá ou gûaperugúá in Navarro, 2013: 133*]¹⁸⁷
 ‡**GOAYIBICOATI** – Souza, 1587 [*Gûaibikúati in Navarro, 2013: 130*]
 ‡**PEQUITINIM** – Souza, 1587
 ‡**PIRAÇAQUEM** – Souza, 1587 [*Pirasakê in Navarro, 2013: 387*]

de que trata Cardim”.

¹⁸¹ Sampaio (1914: 239): “Juigiá, corr. gyi-yiá, o oriundo ou procedente de gia. É uma rã brancacenta, cujo canto simula o chôro das crianças. Chamam-n’a caçôte, no Norte do Brasil, e cumbáca, isto é, cûm-baca, o que revira a língua, no Sul”.

¹⁸² Nogueira (1880: 84): “Cururú (onom.) rouco, roncante, soando pela garganta; sapo. O s. pôde provir tambem de curú-rúb que tem ou faz sarna; segundo a crença vulgar o simples passar do sapo pelo corpo, e até só pela roupa, produz uma erupção cutanea”; Clerot (1959: 43): “Do tupi-guarani: cororô = o roncador”; Armatto de Welti (1995: 227): “kururú: ku (vació) – rurú (hinchado)”.

¹⁸³ Sampaio (1914: 239): “Juiperega, corr. gyi-pererega, a rã saltitante, conhecida vulgarmente por perereca”.

¹⁸⁴ Cunha (1978: 184): “Juiponga < T. iui'ponga < iu'i 'rã' + 'ponga' que soa, sonante”.

¹⁸⁵ Cascudo (1938: 479): “De acará-piassaba, contrato de piá-assaba, o traspasse de apertar, atadura; nome da fibra da palmeira ‘Attalea funifera’. O Cará-piassaba, que o lembra pelo aspecto ou rigêsa da carne”.

¹⁸⁶ Machado (J. P.) (1967: 161): “Do tupi ayi-pii, ‘o que nasce ou brota do fundo”.

¹⁸⁷ Nogueira (1880: 133): “Guaperua - peixe porco (ugua cauda, pê forcada, ri posp. e guar part.)”.

- ‡PIRAQUIROÂ¹ – Souza, 1587 [*Pirakyrúa* in Navarro, 2013: 386]¹⁸⁸
 ‡PIRAQUIROÂ² – Souza, 1587
 *CARANHA – Soares, 1590 [CARANHA] [*Akaraãia* ou *karanha* in Navarro, 2013: 24]¹⁸⁹
 ‡BOCIMA – Soares, 1591 [*Bosyma* in Navarro, 2013: 83]
 ‡JAJABOÇUJ – Soares, 1591 [*Íaĩabosuĩ* in Navarro, 2013: 154]
 ‡JBIAÛ – Soares, 1591
 ‡JTAOCA² Soares, 1591 [*Itaoka* – *arranca pedra*; Navarro, 2013: 193]
 ‡OBEQUI – Soares, 1591

ORDEM ANGUILLIFORMES

Muraenidae

231. Não identificado

- *CARAMURU – Cardim, 1583 [CARAMURU] [*Karamuru* in Navarro, 2013: 221]¹⁹⁰
 CARAMURU – Valle, 1585
 CARAMURÛ – Valle, 1585
 CARAMURÚ – Souza, 1587

ORDEM BATRACHOIDIFORMES

Batrachoididae

232. *Thalassophryne nattereri* Steindachner, 1876

- †AMOREATY – Cardim, 1583 [*Amoreatĩ* – *moreia pontuda*; Navarro, 2013: 33]
 AMOREATÏ Soares, 1591

233. *Amphichthys cryptocentrus* (Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1837)

- *PACAMO – Valle, 1581 [PACAMÃO] [*Pakamõ* in Navarro, 2013: 369]

ORDEM BELONIFORMES

234. Belonidae

- *TIMUÇÛ – Souza, 1684 [TIMUCU] [*Timuku* – *focinho comprido*; Navarro, 2013: 477]

Exocoetidae

235. Em geral

- *PIRAUENE – Thevet, 1557 [PIRABEBE] [*Pirabebé* – *peixe voador*; Navarro, 2013: 385]
 †MIGJUIPIRÂ – Valle, 1585¹⁹¹
 MÏJUIPIRÂ – Valle, 1585
 GUARABEBE – Soares, 1591

ORDEM BERYCIFORMES

Holocentridae

236. *Holocentrus adscensionis* (Osbeck, 1771)

- *JAGOARAÇÁ – Souza, 1587 [JAGUARUÇÁ] [*Íagûarasá* ou *íagûaresá* in Navarro, 2013: 154]¹⁹²

ORDEM CHARACIFORMES

Characidae

237. Não identificados

- *PÏRÂIUBA – Valle, 1585 [PIRAJUBA, nesta acepção] [*Piraũba* – *peixe amarelo*; Navarro, 2013: 385]

¹⁸⁸ Martius (1860: 522, 1863: 470): “Pira-quiroya vel kyroa i. e. pinguis”.

¹⁸⁹ Martius (1860: 485, 1863: 433): “Acará-aia vel aya - piscis aia i.e., edulis v. salubris, Mesopryon aya Cuv.”; Martius (1863: 443): “Caranha - piscis squamosus, asper, similis Tambaqué (Caranhe = ardere)”; Cunha (1978: 103): “Caranha < T. akara’ãia < aka’ra + ‘ãia ‘dente”.

¹⁹⁰ Cascudo (1938: 483): “de acará-mburú, o cará diabo, o mau cará”.

¹⁹¹ Obviamente “peixe-andorinha”.

¹⁹² Cunha (1978: 170): “Jaguaruçá < T. iaũare’sa < ia’ũara ‘jaguar, onça’ + e’sa ‘olho”.

- *TAIBARANA – Soares, 1591 [TABARANA] [*Taibarana in* Navarro, 2013: 458]
238. **Em geral**
*PIÁBÂ – Souza, 1587 [PIABA] [*Piaba in* Navarro, 2013: 381]
239. **Serrasalminae em geral**
*PIRÂNHA – Valle, 1585 [PIRANHA] [*Pirãia ou piranha – peixe dentuço; Navarro, 2013: 385]*
PIRAYA – Valle, 1585
PIRANHA – Souza, 1587
PIRANHA – Soares, 1591

Erythrinidae

240. *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794)
*TAREIRA¹ – Souza, 1587 [TRAÍRA] [*Tare'ira in* Navarro, 2013: 465]¹⁹³

ORDEM CLUPEIFORMES

Clupeidae

241. **Não identificado**
*ARABERÍ – Valle, 1585 [LAMBARI] [*Araberi in* Navarro, 2013: 58]
ARABORI – Souza, 1587
ARAMARJ – Soares, 1591
242. *Rhinosardinia* sp.
*PIQUIRATÃ – Valle, 1585 [PIQUIRATÃ] [*Pikyratã – pikyra = pele tenra; pikyratã = piquira duro; Navarro, 2013: 382]*
243. *Brevoortia* spp.
†QUERICO – Souza, 1587 [*Kerikó in* Navarro, 2013: 227]

Engraulidae

244. **Não identificado**
‡PIRAQUIRA – Souza, 1587 [*Pirakya – peixe tenro; Navarro, 2013: 386]*
245. *Anchoa tricolor* (Spix & Agassiz, 1829)
*MATURAQUÊ – Souza, 1587 [MATURAQUÊ] [*Maturaqué in* Navarro, 2013: 266]

ORDEM ELOPIFORMES

Elopidae

246. *Elops saurus* Linnaeus, 1766
*UBARANA – Souza, 1587 [UBARANA] [*Ubarana – falsa ubá*¹⁹⁴; Navarro, 2013: 494]¹⁹⁵

Megalopidae

247. *Megalops atlanticus* (Valenciennes, 1847)
*CAMBOROPIM – Gândavo, 1576 [CAMURUPIM] [*Kamurupy in* Navarro, 2013: 215]¹⁹⁶
†KAMOUROPOUY-OUASSOU – Léry, 1578 [*Kamurupyúasu in* Navarro, 2013: 215]
CAMOUROPOUY-OUASSOU Léry, 1578
CAMURUPI – Cardim, 1583
CAMUROPÍ – Souza, 1587
CAMAROPÍ – Soares, 1591
CAMAROPIM – Travaços, 1596

¹⁹³ Souza ([1587] 1851: 289): ‘Tareira quer dizer enxada’; Clerot (1959: 98): ‘Do tupi-guarani: taraguira = o que está de rojo, o que se bamboleia; de tá = aquele que, + rá = solto, + guira = bambolear, cambaleiar’.

¹⁹⁴ Navarro não explica qual sentido dá aqui para ubá; à p. 493 grafa ubá, com o sentido de ‘coxa’; se for este o sentido, concorda com o Pe. Sanchez Labrador (ver nota seguinte).

¹⁹⁵ Sanchez Labrador [1767] in Castex (1968: 165): ‘El pez así llamado por parecerse a un muslo de hombre en lo largo y grueso’; Clerot (1959: 99): ‘Do tupi-guarani: uybá-râna = parecido com flecha; de úyba = flecha, + rãna = parecido, que imita’; Cunha (1978: 304): (‘Ubarana < T. uuua’rana < uu’ua ‘cana, flecha’, ibá’ + ‘rana ‘semelhante’”).

¹⁹⁶ Cascudo (1938: 483): ‘de aca-moro-pim, ter a cabeça dura, forte, rija’.

ORDEM GYMNOTIFORMES

Gymnotidae

248. *Electrophorus electricus* (Linnaeus, 1758)
*PURAQUE – Cardim, 1583 [PORAQUÊ] [*Puraké ou poraké in Navarro, 2013: 411*]¹⁹⁷
249. *Gymnotus carapo* Linnaeus, 1758
*ÇARAPÔ – Valle, 1585 [SARAPÓ]/[*Sarapó in Navarro, 2013: 438*]¹⁹⁸

ORDEM LEPIDOSIRENIFORMES

Lepidosirenidae

250. *Lepidosiren paradoxa* Fitzinger, 1837
*TARAÍBOIA – Souza, 1587 [TRAIRAMBOIA] [*Tare'imboia in Navarro, 2013: 465*]¹⁹⁹

ORDEM LOPHIIFORMES

Ogcocephalidae

251. *Ogcocephalus vespertilio* (Valenciennes, 1837)
†ACUCUA – Soares, 1591

ORDEM MUGILIFORMES

Mugilidae

252. *Mugil liza* Valenciennes, 1836
*BRATTI – Staden, 1557 [PARATI] [*Parati in Navarro, 2013: 372*]²⁰⁰
PARATI – Léry, 1578
*KUREMA – Léry, 1578 [CUREMA]
*COIRIMÁ – Souza, 1587 [CURIMÁ]
PARATÍ – Souza, 1587
CURIMA – Soares, 1591

ORDEM PERCIFORMES

Carangidae

253. Não identificado
‡GOARANHANA – Valle, 1585 [*Gúaranhana – guará corredor; Navarro, 2013: 134*]
‡GUARAGUAÇŪ – Valle, 1585 [*Gúaragûasu – guará grande; Navarro, 2013: 134*]
‡GUARAMIRI – Valle, 1585 [*Gúaramirĩ – guará pequeno; Navarro, 2013: 134*]
GUARANHANA – Valle, 1585
254. *Alectis ciliaris* (Bloch, 1787) ou *Selene* spp.
*ABACATUAJABA – Valle, 1585 [ABACATUAIA] [*Abakatuaiaba in Navarro, 2013: 7*]²⁰¹
*ZABUCAI – Souza, 1587 [ZABUCAÍ] [*Sapuka'i in Navarro, 2013: 437*]
255. *Trachinotus* spp.
*ÇARINAMBIGUARA – Valle, 1585 [SERNAMBIGUARA] [*Sarinambigûara – comedor de cernambi; Navarro, 2013: 439*]
256. *Trachinotus goodei* Jordan & Evermann, 1896
*GOARACÂGUIRA – Valle, 1585 [ARACANGUIRA]²⁰²

¹⁹⁷ Martius (1860: 523): “Puraque, rectius Piraque, Poraqué, a verbo puruc, concutere, quater – piscis electricus”; Sampaio (1914: 260): “Poraqué, corr. pora-ké, a gente adormece, a gente entorpece”.

¹⁹⁸ Sampaio (1914: 264): “Sarapó, c. çará-pó, desprende mão, ou o que escapa ou escorrega da mão; nome de um peixe fluvial”.

¹⁹⁹ Cunha (1978: 205): “Trairamboia - T. tareira'mboia < tare'ira 'traíra' + 'mboia 'cobra”.

²⁰⁰ Garcia (1923: 64): “Parati, um dos nomes dados à Tainha (*Mugil albula*, Linn.). - De pyrâ peixe, ti branco”.

²⁰¹ Machado (J. P.) (1967 (1): 24): “Do tupi abaka'tu'aya, 'cabelo bom e bonito””; Houaiss et al. (2001: 3): “Do tupi awakatu'aya, 'cabelo bom e bonito’, p. ana. com os longos raios das nadadeiras desse peixe”.

²⁰² Cascudo (1938: 481): “De guar-acan-guira, o que tem cabeça de passaro”; Clerot (1959: 18): “Do tupi-guarani: ará-acang-uéra, caveira de papagaio; de ara = papagaio, + acang-uéra = cabeça que foi, caveira”.

257. ?*Caranx guarapucu* Castelnau, 1855
 *GOARAPUCU– Valle, 1585 [GUARAPUCU; nesta acepção] [*Gúarapuku – guará com-prido*; Navarro, 2013: 134]
258. *Caranx hippos* (Linnaeus, 1758)
 †GUARACÍMA – Valle, 1585 [*Gúarasyrna – guará liso*; Navarro, 2013: 135]
 *GUIARÁ – Souza, 1587 [GUIARÁ] [*Gúyará in Navarro*, 2013: 138]
259. *Carangoides crysos* (Mitchill, 1815) ou *Caranx latus* Spix, 1831
 *GUARAJUBA – Valle, 1585 [GUARAJUBA] [*Gúaraíuba – guará amarelo*; Navarro, 2013: 134]
260. *Seriola* spp.
 *GUARAOBANHANA – Valle, 1585 [ARABAIANA] [*Gúaraobanhana – guará da cara manchada*; Navarro, 2014: 134]
 *TAPYRSIÇÁ – Souza, 1587 [TAPIREÇÁ] [*Tapi'iresá – olho de boi*²⁰³; Navarro, 2013: 463]
261. *Trachinotus carolinus* (Linnaeus, 1766)
 *PIRAROBA – Valle, 1585 [PIRAROBA] [Rodrigues (1958: 40): “pi’ra ‘peixe’ + ‘rob ‘amargoso’ + -a ‘nom.’”]

Centropomidae

262. *Centropomus ensiferus* Poey, 1860
 *CAMURÍ – Souza, 1587 [CAMURIM] [*Kamuri ou kamburi in Navarro*, 2013: 215]
 CAMURÍ Anchieta, 1595

Chaetodontidae

263. ?*Chaetodon striatus* Linnaeus, 1758
 *CARAPEAÇABA – Cardim, 1583 [CARAPIAÇABA] [*Akarapeasabain Navarro*, 2013: 24]
 CARAPIAÇABA– Souza, 1587
 CARAPEAÇABA – Soares, 1591

Cichlidae

264. **Em geral**
 *ACARA Souza, 1587 [ACARÁ] [*Akará ou kará in Navarro*, 2013: 24]
265. **Não identificados**
 †ACARA-MIRI – Léry, 1578
 †ACARA-OUASSOU – Léry, 1578 [*Akaraúasu in Navarro*, 2013: 24]
 *ACARAPEP – Léry, 1578 [ACARAPEBA] [*Akarapeba – cará achatado*; Navarro, 2013: 24]
 OUARA – Léry, 1758
 *JUQUIÁ – Souza, 1587 [JUQUIÁ] [*Iuki'a in Navarro*, 2013: 198]
 ACARA-MIRI – Thevet, 1587-1588
 ACARA-OUASSOU – Thevet, 1587-1588
 ACARA-PEP – Thevet, 1587-1588

Coryphaenidae

266. *Coryphaena hippurus* Linnaeus, 1758 e *Coryphaena equisetis* Linnaeus, 1758
 †GUARAOBIG– Valle, 1585 [*Gúaraoby – guará verde*; Navarro, 2013: 134]

Echeneidae

267. **Em geral**
 *PIRAQUIGBA – Valle, 1585 [PIRAQUIBA] [*Yperukyba – piolho de tubarão*; Navarro, 2013: 530]
 †YPERUQUIGBA – Valle, 1585
268. *Echeneis* sp. ou *Remora* sp.
 †PIRA-IPOUCHI– Thevet, 1557
 PIRA-I-POUCHI– Thevet, 1557
 PIRA-POUCHY – Thevet, 1575
 PIRA-YPOCHI – Léry, 1578

Ephippidae

269. *Chaetodipterus faber* (Broussonet, 1782)
 †TAREIRA²– Souza, 1587 [*Tare'ira in Navarro*, 2013: 465]

²⁰³ Ou, originalmente, olho de tapir (anta).

Gerreidae

270. *Diapterus rhombeus* (Cuvier, 1829)
*CARAPEBA – Souza, 1587 [CARAPEBA] [*Karapeba – cará achatado*; Navarro, 2013: 221]

Gobiidae (incl. Eleotridae)

271. **Em geral**
*AMORE – Valle, 1585 [AMORÉ] [*Amoré in Navarro, 2013: 33*]²⁰⁴
272. ?*Eleotris pisonis* (Gmelin, 1789)
†JEREPOMONGA – Cardim, 1583 [*Terepomonga in Navarro, 2013: 474*]²⁰⁵
TEREPOMONG – Cardim, 1583
TEREPONGA – Soares, 1591
273. *Gobioides broussonnetii* Lacépède, 1800
*AIMORÉ – Souza, 1587 [AIMORÉ]²⁰⁶
274. *Awaous tajasica* (Lichtenstein, 1822)
*AIMORÉOÇÚ – Souza, 1587 [AMORÉ-GUAÇU] [*Amoregûasu – moreia [sic]*]²⁰⁷ grande; Navarro, 2013: 33]

Haemulidae

275. *Haemulon* sp.
†PIRAEMBU – Cardim, 1583 [*Pirambu – peixe barulho*; Navarro, 2013: 386]²⁰⁸
276. *Anisotremus surinamensis* (Bloch, 1791)
†MACAPIG – Valle, 1585 [*Makapy in Navarro, 2013: 254*]
*PIRAMBU – Valle, 1585 [PIRAMBU] [*Pirambu – peixe barulho*; Navarro, 2013: 386]

Labridae

277. *Bodianus rufus* (Linnaeus, 1758)
*AIPIMIXIRA – Valle, 1585 [AIPIMIXIRA] [*Aipîmixyra – aipim assado*; Navarro, 2013: 18]

Lutjanidae

278. *Lutjanus purpureus* (Cuvier, 1828) ou *Lutjanus griseus* (Linnaeus, 1758)
*ACARAÁYA – Valle, 1585 [ACARAAIA] [*Akaraãia ou karanha – cará dentado*; Navarro, 2013: 24]
279. *Lutjanus* sp.
*ACARA-BOUTEN – Léry, 1578 [ACARAPITANGA] [*Akarapytanga – cará rosado*; Navarro, 2013: 24]
CARAPITANGA – Souza, 1587
ACARA-BOUTEN – Thevet, 1587-1588

Pomacanthidae

280. *Pomacanthus arcuatus* (Linnaeus, 1758) e/ou *Pomacanthus paru* (Bloch, 1787)
*PARÚ – Valle, 1581 [PARU] [*Paru in Navarro, 2013: 373*]

Rachycentridae

281. *Rachycentron canadum* (Linnaeus, 1758)

²⁰⁴ Bueno (1998: 213): “Do Tupi hemborâ, ‘semelhante à verga ou vara’”.

²⁰⁵ Cardim (1925: 68): “Terepomonga, sc. cousa que pega”; Garcia in Cardim (1980: 72): “Terepomonga. Parece tratar-se aqui da sanguessuga, verme da família dos Hirudinídeos [sic! Cardim deixou claríssimo tratar-se de animal marinho]. O adjetivo tupi pomong quer dizer pegajoso, viscoso, que pega ou gruda”.

²⁰⁶ A semelhança fonética do nome tupi amoré com o nome tupi aimoré e com o nome greco-romano moréia [muraena] (este designando representantes da fam. Muraenidae, Anguilliformes, Actinopterygii, chamado pelos tupis de caramuru) causa grande confusão linguística e taxonômica.

²⁰⁷ Cf. nota anterior.

²⁰⁸ Cardim (1915: 82): “sc. peixe que ronca; a razão he porque onde andão logo se ouvem roncós”, Cunha (1978: 238): “< Pirambu - T. pira'mbu < pi'ra 'peixe' + a'mbu 'roncar’”.

- ***BEIJUPIRA** – Cardim, 1583 [BIJUPIRÁ] [*Mbeïupirá - andorinha peixe* [sic!]; Navarro, 2013: 270]²⁰⁹
BEIJUPIRÁ – Souza, 1587
BEIJUJ PIRA – Soares, 1591
BEIJUPIRA – Travaços, 1596

Sciaenidae

282. Não identificados

- ‡**GOATUCUPAPIXIGMA** – Valle, 1585 [*Gúatukupapixyma – guatucupá da pele lisa*; Navarro, 2013: 136]
‡**GUATUCUPAPUCU** – Valle, 1585 [*Gúatukupapucu – guatucupá comprido*; Navarro, 2013: 136]
***CUPÁ** – Souza, 1587 [CUPÁ] [*Kupá in Navarto*, 2013: 243]
***TACUPAPIREMA** – Souza, 1587 [TACUPAPIREMA] [*Takupapirema in Navarro*, 2013: 459]²¹⁰

283. *Micropogonias furnieri* (Desmarest, 1823)

- ***CURUÇA** – Anchieta, 1583 [CURUÇÁ]
***GUATUCUPÂ** – Valle, 1585 [GUATUCUPÁ; nesta acepção] [*Gúatukupá in Navarro*, 2013: 136]²¹¹
†**MIROCAIA** – Souza, 1587 [*Mirukaia in Navarro*, 2013: 280]

284. *Cynoscion guatucupa* (Cuvier, 1830) e *Cynoscion striatus* (Cuvier, 1829)

- †**GOATUCUPÂÇABA** – Valle, 1585 [*Gúatukupasaba in Navarro*, 2013: 136]
***PIRÂJUBA** – Valle, 1585 [PIRAJUBA, nesta acepção] [*Piraïuba – peixe amarelo*; Navarro, 2013: 385]
***ATUCUPA** – Souza, 1857 [GUATUCUPÁ; nesta acepção] [*Gúatukupá in Navarro*, 2013: 136]

Scombridae

285. *Scomberomorus* spp.

- ***ÇOROROCA** – Valle, 1585 [SOROROCA] [*Sororoka in Navarro*, 2013: 445]²¹²

286. *Euthynnus alletteratus* (Rafinesque, 1810)

- ***CURUATÁ** – Valle, 1585 [CURUATÁ] [*Kuruatá in Navarro*, 2013: 245]
***CURUGUATAPINIMA** – Valle, 1585 [CURUATÁ-PINIMA] [*Kurúatapinima – curuatá pintado*; Navarro, 2013: 245]

287. *Acanthocybium solandri* (Cuvier, 1832)

- ***GOARAPUCÛ** – Valle, 1585 [GUARAPUCU; nesta acepção]²¹³
GUARAPICÚ – Souza, 1587

288. *Thunnus* sp.

- †**CARAOATÁ** – Souza, 1587²¹⁴

289. *Scomberomorus brasiliensis* Collette, Russo & Zavala-Camin, 1978 ou *Scomberomorus maculatus* (Mitchill, 1815)

- ***SOROROCA** Souza, 1587 [SOROROCA; nesta acepção] [*Sororoka in Navarro*, 2013: 445]

Serranidae

290. *Mycteroperca venenosa* (L., 1758)

- †**PIRÂTIAPOÂ** – Valle, 1585 [*Piratïapúa – peixo do focinho pontudo*; Navarro, 2013: 387]

²⁰⁹ Martius (1863: 439): “Beijo-pirá, Beijú-pirá - i. e. piscis panis - Solea”); Houaiss et al. (2001: 452): “Do tupi mbiyupi’ra, de mbe’yu, ‘beiju’ + pi’ra, ‘peixe’”.

²¹⁰ Cunha (1978: 273): “Takupapirema < T. úatukupapi’rema < úatuku’pa ‘corvina’ + pi’rema (< ‘pira’ ‘pele’ + ‘rema’ ‘fedorenta’”.

²¹¹ Cascudo (1938: 487): “de guar-atuc-apá, o indivíduo com o dorso curvo, o torto, o corcovado”.

²¹² Clerot (1959: 93): “do tupi-guarani çororóca = dilacerado, desfeito; é o gerúndio supino de çororóg = desfazer-se, desmanchar-se, espandongar-se”.

²¹³ Sampaio (1914: 219): “Guarapucú, corr. guara-pucú, o ente ou individuo comprido”.

²¹⁴ Stradelli (1926: 400): “Caruatá - Casta de pequeno peixe, que imita na forma uma folha de caruatá”.

291. *Epinephelus* sp.
 *CUNAPÚ – Souza, 1587 [CUNAPU] [*Kunapu in* Navarro, 2013: 241]²¹⁵
292. *Epinephelus marginatus* (Lowe, 1834)
 *PIRACUCA – Souza, 1587 [PIRACUCA] [*Pirakuka in* Navarro, 2013: 386]

Xiphiidae

293. *Xiphias gladius* Linnaeus, 1758
 *ARAGOAGUÁ – Valle, 1585 [ARAGUAGUÁ] [*Araguágua ou araguágua'i in* Navarro, 2013: 58]²¹⁶
²¹⁶ARAGOAGOAY – Souza, 1587
 *PIRAPICÚ – Souza, 1587 [PIRAPUCU] [*Pirapuku – peixe comprido;* Navarro, 2013: 387]

ORDEM PLEURONECTIFORMES

294. Em geral

- *URAMAÇÁ – Souza, 1587 [ARAMAÇÁ] [*Aramasá in* Navarro, 2013: 59]²¹⁷

ORDEM SILURIFORMES

Ariidae

295. Em geral
 *GURI – Valle, 1585 [GURI] [*Gûyrî in* Navarro, 2013: 141]
 GURI – Souza, 1587
296. *Genidens barbatus* (Lacépède, 1803)
 *BACUPUÁ – Souza, 1587 [BACUPUÁ] [*Bakupúa in* Navarro, 2013: 79]²¹⁸

Callichthyidae

297. *Callichthys callichthys* (Linnaeus, 1758)
 *TAMOUHATA – Thevet, 1557 [TAMOATÁ] [*Tamúatá in* Navarro, 2013: 460]²¹⁹
²¹⁹TAMOUHATA – Gesner, 1560b
 TAMOHALA – Thevet, 1575
 TAMOATÁ – Gândavo, 1576
 TAMOU-ATA – Léry, 1578
 TAMOATÁ – Souza, 1587
 TAMOATA – Soares, 1591

Loricariidae

298. Em geral
 *OAQUARI – Souza, 1587 [ACARI] [*Gúakary in* Navarro, 2013: 132]²²⁰
 AGUARI – Soares, 1591
299. *Rhinelepis aspera* Spix & Agassiz, 1829
 †GOAIVICOÁRA – Souza, 1587 [*Gúaibikûara – buraco, vagina de velha;* Navarro, 2013: 130]

Pimelodidae

300. Não identificados

²¹⁵ Cascudo (1938: 485): “de cu-apu, língua ruidosa”.

²¹⁶ Cascudo (1938: 481): “de guar-guára-guára, aquele que come-come, o comedor, o comilão”.

²¹⁷ Sampaio (1914: 280): “Uramaçã, corr. uaramoçã, c. uára-mo-çã, individuo que quebra olho, ou entorta o olho. Designa um peixe da feição dos linguados, vivendo debaixo da vasa, chato, e deitado de uma banda só, o que lhe deforma a cabeça e entorta os olhos”.

²¹⁸ Martius (1860: 491, 1863: 439): “Bacú-puá (i. e. apoam = latus)”.

²¹⁹ Clerot (1959: 95): “Do tupi-guarani: tambú-atá + o que anda em tropel; de tambú = tropel, fazendo rumor, + atá = andar. Esses peixes costumam se arrastar por terra, de um rio para outro ou entre lagoas, movimentando a dupla série de placas ósseas que lhes garante o corpo, passando dias inteiros nessas traverssias. Eles são providos de um aparelho intestinal que lhes permite a respiração pelo tubo digestivo”.

²²⁰ Nogueira (1880: 131): “Guacari - nome de peixes, pode se derivar de guag pintado, ou de cár escama”.

*PIRÂACÂMUCÚ – Valle, 1585 [PIRACAMBU] [*Piraakâmuku – peixe da cabeça comprida*; Navarro, 2013: 384]

*ÇURUBI – Soares, 1591 [SURUBIM] [*Surubi in Navarro, 2013: 449*]²²¹

*PIRAJUBA – Soares, 1591 [PIRAJUBA] [*Piraûba – peixe amarelo*; Navarro, 2013: 385]

301. Em geral

*NHÛDIÂ – Valle, 1585 [JUNDIÁ] [*Nhundi'a in Navarro, 2013: 349*]²²²

NHÛDIA – Soares, 1591

JUNDIÁ Anchieta, 1595

302. Zungaro jahu (Ihering, 1898)

*JAU – Cardim, 1583 [JAÚ] [*Ja'u in Navarro, 2013: 165*]²²³

²²³JAÛ – Valle, 1585

JAÛ – Soares, 1591

303. *Brachyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819) e *Brachyplatystoma capapretum* Lundbergh & Akama, 2005

*PIRÂTINGA – Valle, 1585 [PIRATINGA] [*Piratinga – peixe branco*; Navarro, 2013: 387]

304. *Duopalatinus emarginatus* (Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1840)

*ÛRUTÛ – Valle, 1585 [URUTU] [*Urutu in Navarro, 2013: 503*]

URUTÚ – Souza, 1587

305. *Phractocephalus hemiopterus* (Bloch & Schneider, 1801)

†GOARARA Souza, 1587 [*Gúarará in Navarro, 2014: 136*]

Siluridae

306. Não identificado

‡MÂDIJ – Valle, 1585 [MANDI] [*Mandi'i in Navarro, 2013: 256*]

MANDAIG – Soares, 1591

ORDEM SYNBRANCHIFORMES

Synbranchidae

307. *Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795

*MOÇÛ – Valle, 1585 [MUÇUM] [*Mosĩ ou musũ in Navarro, 2013: 315*]²²⁴

²²⁴MOCIM – Souza, 1587

ORDEM TETRAODONTIFORMES

308. Em geral

*MAYACÚ – Gândavo, 1576 [BAIACU] [*Baiaaku ou maiaaku in Navarro, 2013: 79*]²²⁵

AMAYACU – Cardim, 1583

GOÂBAIACU – Valle, 1585 [*Gûabaiaaku in Navarro, 2013: 129*]

BAIACÚ – Souza, 1587

AMAJACU Soares, 1591

309. Não identificado

†‡AMAYACURUB – Cardim, 1583²²⁶

Balistidae

310. *Balistes capriscus* Gmelin, 1788

²²¹ Sampaio (1914: 240, 266): “Surubim, corr. jurú-bî, a boca pegada ou fechada”.

²²² Porto Alegre (1980: 70): “De yandiá ou nhandiá, comp. de yandi, gordo, oleoso, e á, sufixo intensivo”.

²²³ Sampaio (1914: 238): “Jaú ou jahú, c. ya-ú, o que come, aquela que devora”.

²²⁴ Sampaio (1914: 248): “Moçum, corr. mo-cym (pronunciado mo-çüm), faz que deslize, o escorregadio, o resvaloso”; Clerot (1959: 73): “Do tupi-guarani mô-cym = faz que deslize ou escorregue; de mô = fazer com que, + cym = deslizar, escorregar. O nome traduz: o viscoso, o escorregadio. Altera-se em moçú, mussu e mussum”.

²²⁵ Clerot (1959: 23): “Do tupi-guarani: mbaé-acú, aquele que é quente; porque a carne da maioria desses peixes é picante e venenosa”; Bueno (1968: 472): “Forma primeira: mbaé-acu, o quente, o venenoso”.

²²⁶ Cardim (1925: 88-89): “Guamaiaicurúb. – Estes peixes são redondos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curúb, sc. na língua verruga”.

***MARACUGUARA** – Souza, 1587 [BAIACU-GUARÁ; nesta acepção] [*Marakugûara in* Navarro, 2013: 262]

Ostraciidae

311. *Lactophrys trigonus* (Linnaeus, 1758)
†**ITAOÇA** – Cardim, 1583

Tetraodontidae

312. *Lagocephalus laevigatus* (Linnaeus, 1758)
***GOÃBAYACUGOARÂ** – Valle, 1585 [BAIACU-GUARÁ]
YACUGOARÂ – Valle, 1585 [*Îakugûará in* Navarro, 2013: 256]
†**AMAJACU CORUB ROB** Soares, 1591
AMAJACU GUARA Soares, 1591

CLASSE CHONDRICHTHYES

ORDEM CARCHARHINIFORMES

313. Tubarões em geral

- ***IPPERU** – Staden, 1557 [IPERU] [*Iperu ou yperu in* Navarro, 2013: 190, 530]
HOUPEROU – Thevet, 1557
HOUPEROU – Gesner, 1560b
YPERÛ – Valle, 1585
***ÇUCURI** – Valle, 1585 [SUCURI]
UPERU – Souza, 1587
SOCORÎ – Souza, 1587
CUCURI – Soares, 1591

Carcharinidae

314. *Galeocерdo cuvier* (Péron & Lesueur in Lesueur, 1822)
†**IGPERUPINÎMA** – Valle, 1585 [*Yperupinima – tubarão pintado; Navarro, 2013: 531]*
†**JAPERUJAGUARA**²²⁷ – Soares, 1591 [*Iperuîagûara – tubarão onça; Navarro, 2013: 190]*

?Scyliorhinidae

315. †**MACIURÎ** – Valle, 1585 [*Masiury in* Navarro, 2013: 265]

Sphyrnidae

316. *Sphyrna* sp.
***PANAPANA**– Thevet, 1557 [PANAPANÁ] [*Panapaná ou panapanã in* Navarro, 2013: 370]
PANAPANA – Léry, 1578
PANÁPANA – Valle, 1585
PANAPANÁ – Souza, 1587
PANAPANA – Soares, 1591

ORDEM ORECTOLOBIFORMES

Ginglymostomatidae

317. *Ginglymostoma cirratum* (Bonnaterre, 1788)
***URUMARÛ** – Valle, 1585 [URUMARU] [*Urumaru in* Navarro, 2013: 502]

ORDEM PRISTIFORMES

Pristidae

318. *Pristis* spp.
***ARAGOAGOA** – Valle, 1585 [ARAGUAGUÁ] [*Aragûagûá ou aragûagûa'i in* Navarro, 2013: 58]²²⁸
† ?**IGBIRA** Valle, 1585 [*Ybyra in* Navarro, 2013: 520]

²²⁷ Este nome está extinto, mas originou o nome híbrido cação-jaguara.

²²⁸ Cascudo (1938: 481): “de guar-guára-guára, aquele que come-come, o comedor, o comilão”.

ORDEM RAJIFORMES

319. Raias em geral

- †INEUONEA – Thevet, 1557 [Nome estropiado]
- †JABEBÎRA Valle, 1585 [*Îabebyra in* Navarro, 2013: 152]²²⁹
- JABEBIGRA Valle, 1585
- JABUBIRÁ – Souza, 1587
- ANEUONES – Thevet, 1587-1588 [Nome estropiado]
- JABEBIRA – Soares, 1591

320. Não identificado

- ‡JABEBÎGTINGA Valle, 1585 [*Îabebytinga – jabebira clara;* Navarro, 2013: 152]

321. Não identificado

- †BAEPEÇU – Soares, 1591 [*Mba'epesu in* Navarro, 2013: 268]

Dasyatidae

322. *Dasyatis* spp.

- *AIEREBA – Valle, 1585 [AIEREBA] [*Aiereba in* Navarro, 2013: 17]
- AGEREBA – Soares, 1591

Myliobatidae

323. *Aetobatus narinari* (Euphrasen, 1790)

- †NARINARIPINIMA – Valle, 1585 [*Narinari-pinima in* Navarro, 2013: 327]

Narcinidae

324. *Narcine brasiliensis* (Olfers, 1831)

- *NARINARI – Valle, 1585 [NARINARI] [*Narinari in* Navarro, 2013: 327]
- NARINARI – Soares, 1590
- NARINARI – Soares, 1591
- NARINARJ – Soares, 1591

ORDEM SQUALIFORMES

325. Tubarões em geral

- *IPPERU – Staden, 1557 [IPERU] [*Iperu ou yperu in* Navarro, 2013: 190, 530]
- HOUPEROU – Thevet, 1557
- HOUPEROU – Gesner, 1560b
- YPERÛ – Valle, 1585
- *ÇUCURI – Valle, 1585 [SUCURI]

FILO ECHINODERMATA

SUBFILO ELEUTHEROZOA

CLASSE ASTEROIDEA

326. Em geral

- †JACÎ – Souza, 1587 [*Îasy in* Navarro, 2013: 163]

CLASSE ECHINOIDEA

327. Em geral

²²⁹ Sampaio (1914: 234): “Jabebira, corr. ya-pé-byra, o individuo de pelle aspera, ou pelle de lixa. É o nome generico das raias e peixes chatos. Alt.: jabybura”.

*PINDÁ – Souza, 1587 [PINDÁ]/[*Pindá in* Navarro, 2013: 383]

SUPERORDEM ECHINACEA

ORDEM CAMARODONTA

Echinometridae

328. *Echinometra lucunter* (Linnaeus, 1758)

*PINDAIBA – Valle, 1585 [PINDAÍBA] [*Pinda'yba – pé de anzol*; Navarro, 2013: 383]

*PINDAÚNA – Valle, 1858 [PINDAÚNA] [*Pindaúna – pindá preto*; Navarro, 2013: 383]

FILO MOLLUSCA

CLASSE BIVALVIA (LAMELLIBRANCHIA, PELECYPODA)

329. Concha (de qualquer marisco) ou não identificados

†APÊ – Valle, 1585 [*Apê in* Navarro, 2013: 45]

330. Concha (de qualquer marisco, sem o corpo do molusco)

†APEPUERA – Valle, 1585 [*Apepüera in* Navarro, 2013: 46]

SUBCLASSE HETERODONTA

ORDEM PHOLADINA

Pholadidae

331. Em geral

†UBIRAÇOCA – Souza, 1587 [*Ybyrasoka – verme da madeira*; Navarro, 2013: 523]

Teredinidae

332. Em geral

†TURUIGGERA – Valle, 1585 [*Turuygüera – turu de pau velho*; Navarro, 2013: 484]

†UBIRAÇOCA – Souza, 1587 [*Ybyrasoka – verme da madeira*; Navarro, 2013: 523]

ORDEM VENEROIDA

Donacidae

333. *Iphigenia brasiliiana* (Lamarck, 1818)

*TAREOBA – Souza, 1587 [TARIOBA]

Psammobiidae (Sanguinolariinae)

334. *Tagelus (Tagelus) plebeius* (Lightfoot, 1786)

†APULA – Cardim, 1583

†GOARIPOAPEM – Souza, 1587 [*Gúaripúapê in* Navarro, 2013: 135]

Veneridae

335. *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin, 1791)

*SARNAMBITINGA – Souza, 1587 [SERNAMBITINGA] [*Sarinambitinga – cernambi branco*; Navarro, 2013: 439]

*SERNAMBI – Souza, 1587 [SERNAMBI] [*Serinambi – siri de orelha*; Navarro, 2013: 442]

SERNAMBY – Thevet, 1587-1588

SUBCLASSE PALAEOHETERODONTA

ORDEM UNIONOIDA

336. Conchas de unionóideos de água doce

*IGTA – Cardim, 1583 [ITÁ ou ITÃ] [*Itã in Navarro, 2013: 191*]

†ITÁGUAÇÚ Valle, 1585 [*Itãguasu in Navarro, 2013: 192*]

†ITÂMIRI Valle, 1585 [*Itãmirĩ – itã pequeno; Navarro, 2013: 193*]

†TURUMÛBU – Valle, 1585 [*Turumumbu in Navarro, 2013: 484*]

SUBCLASSE PTERIOMORPHA

ORDEM MYTILOIDA

Mytilidae

337. Em geral

*CERURU – Valle, 1585 [SURURU] [*Sururu in Navarro, 2013: 449*]²³⁰

SURURÚ – Souza, 1587

ORDEM OSTREOIDA

338. Ostreidae

†LÉRY – Léry, 1578 [*Rerĩ in Navarro, 2013: 429*]

RERÍ – Valle, 1585

†LERÍMERIM – Souza, 1587 [*Rerimirĩ – ostra pequena; Navarro, 2013: 429*]

†LERÍUÇÚ – Souza, 1587 [*Rerĩuasú – ostra grande; Navarro, 2013: 429*]

339. Pectinidae

†LERIPÉ – Léry, 1578 [*Rerieba – ostra achatada; Navarro, 2013: 429*]

LERÍPEBA – Souza, 1587

RERIPEBA – Valle, 1585

REIRIPEBA – Soares, 1591

CLASSE CEPHALOPODA

SUBCLASSE COLEOIDEA

SUPERORDEM DECAPODIFORMES

ORDEM TEUTHOIDEA

Loliginidae

340. Lulas em geral

†PIRAIGÇOCA – Valle, 1585 [*Piraysoka in Navarro, 2013: 387*]

SUPERORDEM OCTOPODIFORMES

ORDEM OCTOPODA

Octopodidae

341. Em geral

*CAIYACANGA – Valle, 1585 [CAIACANGA] [*Kaiakanga in Navarro, 201: 212*]²³¹

CAIACANGA – Souza, 1587

CLASSE GASTROPODA

²³⁰ Martius (1860: 529, 1863: 477): “Sururú - vulgo Mexilhão, Concha (in litore post refluxum maris conspicua). Sururú dicitur quoque de mari retrocedente”; Sampaio (1914: 266): “Sururú, corr. çoó-rurú, o bicho humido, o mexilhão”; Clerot (1959: 93): “Do tupi-guarani: çoó-rurú = o bicho úmido ou encharcado; de çoó = bicho, + rurú = aquoso. Talvez melhor de çururú = atolado, porque são apanhados dentro do lodo dos mangues”.

²³¹ Cascudo (1938: 484): “de cái-acang, cabeça chamejante”.

342. Não identificados

- ‡PANAGUACARÊ – Valle, 1585 [*Paragûakaré in Navarro, 2013: 272*]
‡TEICOAREIMA – Valle, 1585 [*Teikuare yma – sem ânus; Navarro, 2013: 470*]
‡SAPICARETÁ – Souza, 1587 [*Sapikaretá in Navarro, 2013: 437*]

SUBCLASSE EOGASTROPODA

ORDEMDOCOGLOSSA

343. Não identificados

- ‡ITAGUÏRUÇÛ Valle, 1585 [*Itagûyrusu – fundão de pedras; Navarro, 2013: 192*]
‡ITAOBAGUÏRA Valle, 1585 [*Itaobagûyra – fundo da face das pedras; Navarro, 2013: 193*]

SUBLASSE ORTHOGASTROPODA

SUPERORDEM CAENOGASTROPODA

ARCHITAENIOGLOSSA

Ampullariidae

344. *URUGOA – Valle, 1585 [URUÁ ou ARUÁ] [*Urugûá in Navarro, 2013: 502*]

ORDEM PULMONATA

SUBORDEM EUPULMONATA

Megalobulimidae ou Strophocheilidae

345. *YATITÁ Valle, 1585 [JATITÁ]
†YATITAGUAÇU Valle, 1585

Melampidae

346. *Melampus coffeus* (Linnaeus, 1758)
†TICOERAUNA – Souza, 1587 [*Tikûeraúna in Navaro, 2013: 477*]²³²

ORDEM SORBEOCONCHA

SUBORDEM HYSOGASTROPODA

INFRAORDEM LITTORINIMORPHA

347. Não identificados

- ‡ÇACURA – Valle, 1585 [*Sakurá in Navarro, 2013: 436*]
ÇAÇURA – Valle, 1585
‡ÇACURAUNA – Valle, 1585 [*Sakuraúna in Navarro, 2013: 436*]
‡ÇARUIAGOAÇU – Valle, 1585 [*Saruúagûasu in Navarro, 2013: 439*]
‡CUPACI – Valle, 1585 [*Kupasy in Navarro, 2013: 243*]
‡CUPACIGUAÇU – Valle, 1585 [*Kupasýgûasu in Navarro, 2013: 243*]
‡OACARÉ – Souza, 1587
SACURAUNA – Souza, 1587
‡TAPUÇÚ – Souza, 1587 [*Tapusu in Navarro, 2013: 464*]
‡TICOARAPUÂ – Souza, 1587

Cassidae

348. *Cassis tuberosa* (Linnaeus, 1758)

²³² Martius (1860: 534, 1863: 482): “Ticoarauna i. e. Tycoara-una (nigra) sunt conchae, quarum animal mucilaginosum sorbetur tamquam Tycoara i. e. farina Mandioca cum aqua (et saccharo fusco) mixta. A verbo Tycoar, miscere”.

†OUATAPOU – Lamy, 1540 [*Gúatapy in Navarro, 2013: 136*]

MATTEPUE – Staden, 1557

†GUATAPIGGOAÇU – Cardim, 1583 [*Gúatapygûsu – guatapi grande; Navarro, 2013: 136*]

GOATAPIG – Valle, 1585

OAPUAÇÚ – Souza, 1587

OATAPÚ – Souza, 1587

Strombidae

349. *Strombus (Strombus) pugilis* Linnaeus, 1758

*PIRAGUAIG – Cardim, 1583 [PREGUARI] [*Pirigûa'i in Navarro, 2013: 387*]

PIRIGOAI – Valle, 1585 [

PERIGOA – Souza, 1587

INFRAORDEM NEOGASTROPODA

Muricidae

350. *Stramonita haemastoma* (Linnaeus, 1758)

*ÇACOARITÁ – Valle, 1585 [SAQUARITÁ] [*Sakûarità in Navarro, 2013: 436*]

FILO ARTHROPODA

SUBFILO CHELICERATA

CLASSE ARACHNIDA

ORDEM ACARI

COORTE ACARIFORMES

SUBORDEM ACTINEDIDAE (Prostigmata)

Trombiculidae

351. Em geral

* MUCUIJÍ – Valle, 1585 [MICUIM] [*Muku'itý in Navarro, 2013: 318*]²³³

SUBORDEM ASTIGMATA (= ACARIDIDA)

Sarcoptidae

352. *Sarcoptes scabiei* De Geer, 1778

*CURUBA – Valle, 1585 [CURUBA] [*Kuruba in Navarro, 2013: 245*]

SUBORDEM IXODIDA

Argasidae e Ixodidae

353. Em geral

†JATEBUCA – Valle, 1585 [*Íatebuka in Navarro, 2013: 164*]

354. ORDEM AMBLYPYGI

†NHANDUABIJÚ – Souza, 1587 [*Nhanduabiú – aranha peluda; Navarro, 2012: 334*]²³⁴

ORDEM ARANEAE

²³³ Porto Alegre (1980: 70): “Picuí, carrapatinho (Montoya). A raiz pim, pij ou pic em tupi-guarani tem a significação de ferir, picar”.

²³⁴ Rubim (1882: 375): “Nhandú-abiu – Do guarani nandu, aranha, abayú, cabêlo ruivo. Especie de lacraia muito cheia de pêlos [sic]”.

SUBORDEM OPISTHOTELAE

INFRAORDEM MYGALOMORPHAE

Theraphosidae

355. Em geral

†NHANDUACÚ – Souza, 1587 [*Nhandugúasu – aranha grande*; Navarro, 2013: 334]

INFRAORDEM ARANEOMORPHAE

356. Não identificado

‡NHĀDUÍ – Valle, 1585 [NHANDUÍ] [*Nhandu'i ou nhandu'ĩ – aranha pequena*; Navarro, 2013: 334]

NHANDUI – Souza, 1587

357. Teia de aranha

‡NHĀDÜIGUEÇABA – Valle, 1585

ORDEM SCORPIONES

358. Não identificado

‡BÓIQUÍBA – Anchieta, 1560²³⁵ [*Mboikyba – piolho de cobra*; Navarro, 2013: 271]

‡SURAJÚ – Souza, 1587 [*Surajú in Navarro, 2013: 449*]²³⁶

SUBFILO CRUSTACEA (BIRAMIA)

CLASSE BRANCHIOPODA

SUBCLASSE CIRRIPEDIA

ORDEM THORACICA

359. Em geral

†RERIAPIGNHA – Valle, 1585 [*Reriapñia ou reriapynha – ostra de argola*; Navarro, 2013: 429]

CLASSE MALACOSTRACA

SUBCLASSE EUMALACOSTRACA

SUPOERORDEM HOPLOCARIDA

ORDEM STOMATOPODA

360. Em geral

*TAMARUTACA – Anchieta, 1583 [TAMARUTACA e variantes] [*Tamarutaka ou tamburutaka in Navarro, 2013: 460*]

SUPERORDEM EUCARIDA

ORDEM DECAPODA

SUBORDEM PLEOCYEMATA

²³⁵ Anchieta diz : “quos Indi Bóiquíba, id est, colubri a pediculos appellant”.

²³⁶ Martius (1860: 528, 1863: 476): “Surajú - Scorpio, verbo: spinam contorquens, a Sururú et jú, spina”.

Palaemonidae

361. Em geral

*POTI – Valle, 1585 [POTI] [*Poti* in Navarro, 2013: 404]

POTIM – Souza, 1587

362. Não identificado

‡ARATÚEM – Souza, 1587 [*Aratue* 'ê - *aratu sávido, que tem muito sabor*; Navarro, 2013: 61]²³⁷

363. *Macrobrachium* sp.

*PÔTĪGUAÇU – Valle, 1585 [POTIAÇU] [*Potîgûasu ou potîûasu – camarão grande*; Navarro, 2013 : 405]

*ARATURE – Souza, 1587 [ARATURÉ] [*Araturé* in Navarro, 2013: 61]

POTIUAÇU – Souza, 1587

364. *Macrobrachium carcinus* (Linnaeus, 1758)

†POTIPEMA – Souza, 1587 [*Potîpema – camarão anguloso*; Navarro, 2013: 405]²³⁸

INFRAORDEM PALINURA (MACRURA)

Scyllaridae

365. Em geral

†POTĪQUIGQUĪYA – Valle, 1585 [*Potîkykyîa* in Navarro, 2013: 405]

POTIQUEQUIÁ – Souza, 1587

INFRAORDEM BRACHYURA

SEÇÃO EUBRACHYURA

366. Não identificados

‡MOTIAPEBA – Valle, 1585 [*Moti* 'apeba – *peito achatado*; Navarro, 2013: 316]

‡GOAIARARA – Souza, 1587 [*Gûaiarara* in Navarro, 2013: 130]

Calappidae

367. *Calappa* spp.

*GUAJÁ – Valle, 1585 [GUAJÁ] [*Gûaiá* in Navarro, 2013: 129]²³⁹

GOAIÁ – Souza, 1587

Gecarcinidae

368. *Cardisoma guanhumi* Latreille, 1828

*GUAINIMU – Cardim, 1583 [GUAIAMU] [*Gûaiamû ou gûanhamû* Navarro, 2013: 130] [*Gûanhumỹ* in Navarro, 2013: 132]

GUANHUMYG – Valle, 1585

GUOANHAMÚ – Souza, 1587

GUANHAMÚ – Souza, 1587

GANHEMŨ – Soares, 1581

Grapsidae

369. *Goniopsis cruentata* (Latreille, 1803)

*ARATU – Cardim, 1583 [ARATU] [*Aratu* in Navarro, 2013: 61]

ARATŨ – Valle, 1585

ARATÚ – Souza, 1587

Menippidae

370. ?*Menippe* sp.

*CERIGOAJÁ – Valle, 1585 [SIRIGOIÁ; nesta acepção] [*Serigûaiá* in Navarro, 2013: 442]

Ocypodidae

371. *Ocypode quadrata* (Fabricius, 1787)

²³⁷ Cunha (1978: 65): “Aratuém < T. *aratu’ê < ara’tu + e’ê ‘sávido, que tem muito sabor.

²³⁸ Cunha (1978: 246) “Potipema < T. potî’pema < po’tî ‘camarão’ + ‘pema ‘anguloso, esquinado’”.

²³⁹ Sampaio (1914: 217): “Guaiá, c. goá-i-á, o que feito como bola, o roliço; o carangueijo; corr. qua-yá, o indivíduo de buraco, ou encovado. Alt.: goaiá, guayá, guajá”.

- *AGUARĀUÇÁ – Valle, 1585 [AGUARAUCÁ, GUARUÇÁ] [*Agúarausá in Navarro, 2013: 14*]²⁴⁰
 GOAIAUSSÁ – Souza, 1587 [*Gúaiáusá in Navarro, 2013: 130*]
 372. *Uca (Uca) maracoani* (Latreille, 1803)
 *AMARACOANY – Valle, 1585 [MARACUAIM]
 MARACOANỸ - Valle, 1585 [*Marakúani in Navarro, 2013: 262*]
 373. *Uca* spp.
 *ÇIÉCIE – Valle, 1585 [CIECIÉ] [*Siesié in Navarro, 2013: 442*]²⁴¹
 *ÇARARĀ – Valle, 1585 [SARARÁ] [*Sarará in Navarro, 2013: 438*]
 *UÇĀ – Valle, 1585 [UÇÁ] [*Usá in Navarro, 2013: 503*]²⁴²
 USSÁ – Souza, 1587

Portunidae

374. **Em geral**
 *CIRY – Valle, 1585 [SIRI] [*Siri ou seri in Navarro, 2013: 443*]
 SERI – Souza, 1587
 375. **Não identificado**
 ‡CIRINEMA – Valle, 1585 [SIRINEMA] [*Sirinema – siri fedorento; Navarro, 2013: 443*]
 376. *Callinectes exasperatus* (Gerstaecker, 1856)
 †CIRIGUAÇU – Valle, 1585 [*Sirigúasu – siri grande; Navarro, 2013: 443*]
 377. *Callinectes danae* Smith, 1869
 *CIRIMIRI – Valle, 1585 [SIRIMIRIM] [*Sirimirĩ – siri pequeno; Navarro, 2013: 443*]
 378. ?*Cronius* spp.
 CERIGOAJĀ – Valle, 1585 [SIRIGOIÁ; nesta acepção]

379. Trichodactylidae

- †GOARARU – Valle, 1585 [*Gúararu in Navarro, 2013: 134*]

Ucididae

380. *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763)
 *UÇA – Cardim, 1583 [UÇÁ; nesta acepção]
 *CUNDURU [a fêmea] – Valle, 1585 [CUNDURU] [*Kunduru in Navarro, 2013: 241*]

SUBFILO UNIRAMIA

CLASSE MYRIAPODA

ORDEM CHILOPODA

Scolopendridae

381. **Em geral**
 *AMBUĀ – Valle, 1585 [AMBUÁ, EMBUÁ] [*Ambu'a in Navarro, 2013: 31*]

ORDEM DIPLOPODA

382. **Em geral**
 *AMBUÁ – Anchieta, 1583 [AMBUÁ, EMBUÁ] [*Ambu'a in Navarro, 2013: 31*]

CLASSE INSECTA

²⁴⁰ Martius (1860: 486, 1863: 434): “Aguara-uça - cancer marinus ‘caninus’”.

²⁴¹ Clerot (1959: 39): “Do tupi-guarani: nome de interpretação difícil; cî = chi = liso, lustroso, luzidio, + é = destreza, referindo-se à sua vivacidade, ou ê = vazio, oco, porque praticamente não tem carne para comer, não satisfazem plenamente”.

²⁴² Rubim (1882: 38): “Uçá – Do guarani uçá, contracção de guarauçá. Especie de carangueijo pequeno dos mangues”; Clerot (1959: 99): “Do tupi-guarani; uçá nome genérico dos caranguejos; de içá, contração de içaba = gordura”.

- 383. Larvas (que vivem em frutas ou matéria vegetal ou animal em decomposição)²⁴³ –**
 †ÇAÇOCA – Valle, 1585
 †IÇOCOCA – Valle, 1585
 IGÇOCA Valle, 1585 [*Ysoka – fere pau* < ‘yb + sok + a; Navarro, 2013: 533]
 JGÇOCA – Valle, 1585

384. Não identificado

- ‡JGTATĪNA - Valle, 1585 [*Ytatina in Navarro, 2013: 535*]
 ‡MBIRA - Valle, 1585

ORDEM BLATTARIA (DICTYOPTERA)

Blattidae

385. Em geral

- *ARAVÉR – Léry, 1578 [ARABÉ] [*Arabé in Navarro, 2013: 58*]
 ARABÊ – Valle, 1585

ORDEM CAELIFERA

Acrididae

386. Em geral

- *TUCURA – Valle, 1585 [TUCURA] [*Tukura in Navarro, 2013: 482*]
 TACURA – Souza, 1587

ORDEM COLEOPTERA

Bruchidae

387. *Pachymerus nucleorum* (Fabricius, 1792)

- †TABURAA – Valle, 1585 [*Tabura'a in Navarro, 2013: 456*]

Curculionidae

388. Gorgulho

- †TIMUCU – Valle, 1585 [*Timuku – tromba comprida; Navarro, 2013: 477*]

389. *Rhynchophorus palmarum* Linnaeus, 1764

- *ARAMÁDAY – Valle, 1585 [ARAMANDAIA] [*Aramanda'i in Navarro, 2013: 59*]

Lampyridae

390. Em geral

- †MAMOÁ – Valle, 1585 [*Mamûâ ou memûâ in Navarro, 2013: 255*]²⁴⁴
 †BUIJEJA – Souza, 1587 [*Buieia in Navarro, 2013: 83*]
 MAMOÁ – Souza, 1587

Scarabaeidae

391. Em geral

- †ENÊBUI – Valle, 1585 [*Enembu'i in Navarro, 2013: 104*]
 †ENÊMA – Valle, 1585
 †UNAUNA – Souza, 1587 [*Unaúna in Navarro, 2013: 498*]

392. Não identificado

- ‡JARATITÁ Valle, 1585 [*Īaratitá in Navarro, 2013: 161*]

ORDEM DIPTERA

393. Não identificado

- ‡OMERY – Lamy, 1540

394. Moscas em geral

²⁴³ Nogueira (1880: 472): “taçog - v. trans. o pêllo, a lan rustir, traçar; s. traça, vérme ou bicho que roe a lan, papel, roupa, madeira; ao raçog polilha, çoo raçog bicho de carne, etc., che raçog o vérme de minha chaga, che taçog as minhas lombrigas”.

²⁴⁴ Sampaio (1914: 243): “Mamoã, c. ma-moã, a cousa que se levanta, a visão subita. Designa o vagalume. Alt.: memoã, mimoã”.

†BERÚ – Valle, 1585 [*Mberu ou meru in* Navarro, 2013: 270]

Anthomyiidae

395. *Stomoxys calcitrans* (Linnaeus, 1758)

*MURUANJA – Souza, 1587 [MERUANHA] [*Muruanha – biru [sic] dentado*; Navarro, 2013: 319]²⁴⁵

Calliphoridae

396. *Cochliomyia hominivorax* (Coquerel, 1858)

†BERUAÍRA [larvas, varejas] – Valle, 1585

†BERURAÍRA [larvas, varejas] – Valle, 1585

MERÚ – Souza, 1587

397. Ceratopogonidae (*Culicoides em geral*)

*MARIGUÍ – Anchieta, 1560 [MARIGUI] [*Marigûi ou maringûi in* Navarro, 2013: 265]

MARIGUÍ – Anchieta, 1583

MARIGUI – Valle, 1585

†MARIGUIUNA – Valle, 1585 [*Marigûiuna – marigui escuro*; Navarro, 2013: 265]

MARGUÍ – Souza, 1587

398. Chloropidae

*NHÊTÍGA – Valle, 1585 [JITINGA] [*Ítinga in* Navarro, 2013: 180]

NHITINGA – Souza, 1587

Culicidae

399. Mosquitos em geral

†YETIN – Léry, 1578

†NHATIÛ – Valle, 1585 [*Íati'û in* Navarro, 2013: 164]

INHATIÚM – Souza, 1587

YATIÛ Anchieta, 1595

400. Não identificado

‡NHATIUM-AÇÚ – Souza, 1587

Cuterebridae

401. Larvas, em geral; em particular *Dermatobia hominis* (Linnaeus Jr., 1781)

*URA – Valle, 1585 [URA] [*Ura in* Navarro, 2013: 500]

?Drosophilidae

402. †NHÊTIGARURU – Valle, 1581 [*Nhetingaruru in* Navarro, 2013: 347I]

Simuliidae

403. Em geral

*PIÛ – Valle, 1585 [PIUM, na Amazônia] [*Pi'û in* Navarro, 2013: 389]²⁴⁶

PIUM – Souza, 1587

PIÛ Anchieta, 1595

Tabanidae

404. Em geral

*MUTUCA – Souza, 1587 [MUTUCA] [*Mutuka in* Navarro, 2013: 321]²⁴⁷

405. Não identificado

‡MUTUCUÇÚ – Valle, 1585 [*Mutukusu – mutuca grande*; Navarro, 2013: 321]

²⁴⁵ Monte (1932: 287): “Parece-me a palavra provir do tupy – Meru (mosca) e Nhanha (correr), ou seja Mosca que faz correr, isto devido á sua picada dolorosa que se torna muito incommoda para os animaes, deixando-os sempre irrequietos”; Clerot (1959: 73): “Do tupi-guarani: mberú-anha = a mosca que dilacera; de mberú = mosca, + anha = dilacerar”; Cunha (1978: 209): “Meruanha < T. mberu’ãia < bem’ru ‘mosca’ + ‘ãia ‘dente’”.

²⁴⁶ Martius (1863: 470): “Piúm a verbo pim pungere, musca Simulium, inderdiu infestans”); Nogueira (1880: 383): “Piû = mbiû - comer a pelle; o que come a pelle; nome de mosquitos”; Pirajá da Silva in Souza (1851: 15, nota 4): “Pium – corr. pi-u – o que pica derreado, agachado. Pium vem do verbo pim – picar”.

²⁴⁷ Pirajá da Silva in Souza (1851: 122, nota 2): “Mutuca – de cotuc – ferroar, picar. (...). Motuca é corr. de mo-tuca – a pungente, aguilhoante”; Clerot (1959: 75): “Do tupi-guarani: mô-tuca = faz que perfure; de mô = fazer, + tuçá = ferir, perfurar, picar”.

ORDEM ENSIFERA

Gryllidae

406. Em geral

†COUJOU – Thevet, 1575 [*Kyû in Navarro, 2013: 247*]

QUIGJÛ – Valle, 1585

Tettigoniidae

407. †TACURANDA – Souza, 1587

ORDEM HEMIPTERA

AUCHENORHYNCHA

Cicadidae

408. Em geral

†YAQUIRANA – Valle, 1585 [JAQUIRANA] [*Íakyrana in Navarro, 2013: 157*]²⁴⁸

YAQUIRÃNA – Valle, 1585

ORDEM HYMENOPTERA

Apidae

409. Meliponini em geral e sua cera

†HIRA – Thevet, 1557 [*Eira in Navarro, 2013: 91*]

HIRA – Thevet, 1575

YRA – Léry, 1578

YRA-YETIC Léry, 1578 (cera)

EIRA – Valle, 1585

JRAITIG – Valle, 1585 [*Iraity in Navarro, 2013: 190*]

HIRA – Thevet, 1587-1588

410. Espécies não identificadas (Meliponini)

‡EÍRAAQUÂYETÂ – Anchieta, 1560 [*Eira-akûâitêta – abelha de muitos pênis [sic]*]²⁴⁹; Navarro, 2013: 91]

‡BORÁ – Anchieta, 1583 [BORÁ] [*Mborá in Navarro, 2013: 272*]

‡EIRUBA – Valle, 1585 [*Eiruba – pai do mel; Navarro, 2013: 91*]

‡EIRUÇU – Valle, 1585 [EIRUÇU] [*Eirusu in Navarro, 2013: 91*]

‡YBIRAIGPIG Valle, 1585 [*Ybyraypy – tronco de árvore; Navarro, 2013: 523*]

‡HERÚ – Souza, 1587 [*Eiru in Navarro, 2013: 91*]

411. *Trigona ruficrus* (Latreille, 1804)

*EIRAPUA – Valle, 1585 [IRAPUÃ] [*Eirapu'a – abelha de bola; Navarro, 2013: 91*]

412. *Oxytrigona tataira* (Smith, 1863)

*TATAEÍRA – Valle, 1585 [TATAÍRA] [*Tataeíra – abelha de fogo; Navarro, 2013: 466*]

†CABECÊ – Valle, 1585 [*Kabesé ou kabesê in Navarro, 2013: 210*]²⁵⁰

CABECÊ – Souza, 1587

413. *Bombus* spp. ou *Xylocopa* spp.

*MÃGÃGA – Valle, 1585 [MAMANGAVA] [*Mangangá in Navarro, 2013: 257*]²⁵¹

MANGANGAY – Valle, 1585 [*Manganga'i in Navarro, 2013: 257*]

414. *Geotrigona subterranea* (Friese, 1901) ou *Schwarziana quadripunctata* (Lepelletier, 1836)

*CAAPOAM – Souza, 1587 [CABAPUÃ] [*Kaapûã ou kabapûã – vespa pontuda; Navarro, 2013: 209, 210*]

²⁴⁸ Sampaio (1914: 237): “Jaquirã, corr. ya-ki-rana, o individuo parecido com piolho (ki ou kiba). É a cigarra cujo corpo parecia ao indio um piolho grande. Alt.: juquirana, jiquirana”.

²⁴⁹ Anchieta traduziu como ‘mel de muitos buracos’, o que faz mais sentido. Note-se que as operárias são fêmeas não fecundadas, e portanto sem pênis!

²⁵⁰ Martius (1863: 441): “Cabecê - Apis species mordax ictu doloroso, in arboribus aedificans. Nomen: apis dolens (cecy)”.

²⁵¹ Sampaio (1914: 244): “Mangangá, corr. mang-ã-caba, contracto em mang-ã-cá, a vespa de gyro alto, ou que volteia alto; o vespão. Alt.: mangangaba, mangancá”; Clerot (1959: 70): “Do tupi-guarani: man-ã-cába = a vespa que se eleva como bola; de mang = bola, + ã = erguer-se, + cába = vespa”.

415. *Melipona (Michmelia) rufiventris* Lepeletier, 1836
 †CABA OBAJUBA – Souza, 1587 [*Kabaoiuba – vespa da roupa amarela*; Navarro, 2013: 210]
416. *Tetragonista angustula* (Latreille, 1811)
 *JATEÍ Valle, 1585 [JATAÍ] [*Iate'i in* Navarro, 2013: 164]²⁵²

Eumenidae

417. †AMISAGOA – Souza, 1587 [*Amisagúá in* Navarro, 2013: 31]

Formicidae

418. Não identificados

- ‡TACIBURA – Souza, 1587 [*Tasybura – taciba erguida*; Navarro, 2013: 466]²⁵³
 ‡TACICEMA – Souza, 1587 [*Tasysema in* Navarro, 2013: 466]
 ‡TACIPITANGA – Souza, 1587 [*Tasypytanga – taciba avermelhada*; Navarro, 2013: 466]
 ‡UBIRAIPÚ – Souza, 1587 [*Ybyraïpu in* Navarro, 2013: 521]²⁵⁴

419. Formigueiro

- †CETAMA – Valle, 1585
 ‡YCOARA – Valle, 1585 [*formigueiro, pelo buraco delles*]

420. Formas aladas

- †GUIBUQUIBURA – Souza, 1587 [*Kybukybura in* Navarro, 2013: 247]²⁵⁵

421. *Atta* sp.

- *IÇÁ – Anchieta, 1560 [Fêmea alada] [IÇÁ] [*Ysá in* Navarro, 2013: 533]²⁵⁶
 YGÇÁ – Valle, 1585 [Fêmea alada]
 *YGÇAUBA – Valle, 1586 [Operárias e soldados] [SAÚVA] [*Ysaúba in* Navarro, 2013: 533]²⁵⁷
 *YGÇAUBÊ [Formigueiro de saúva] – Valle, 1586 [SAUVEIRO] [*Ysaubê in* Navarro, 2013: 533]
 *CEBITÚ – Valle, 1585 [Macho alado] [SABITU] [*Sebitu in* Navarro, 2013: 440]
 IÇAN – Souza, 1587 [Fêmea alada]
 USSAÚBA – Souza, 1587 [Operárias e soldados]

422. *Acromyrmex* spp.

- *AQUEQUÊ – Valle, 1585 [QUENQUÉM] [*Akekê in* Navarro, 2013: 25]

423. *Eciton* spp.

- *GUAJÚ – Valle, 1585 [GUAJU] [*Gúajú in* Navarro, 2013: 131]
 *MOPETECA – Valle, 1585 [MORUPETECA] [*Moropeteka – bate gente*; Navarro, 2013: 309]²⁵⁸

²⁵² Martius (1860: 510, 1863: 458): “Jatahy, Jatehy, Jatchy - apis species, verisimiliter ita dicta, quia in arbore Hymenaea (Jatahy) nidificat”.

²⁵³ Nogueira (1880: 471): “tacibúr - especie de formiga (formiga que emerge, porque vivem em paus podres, ou alterado de tacibû formiga negra)”.

²⁵⁴ Martius (1860: 536, 1863: 484): “Ubiraipu - formica fusca parva in ligno putrido habitans, unde nomen: Ubara = ymira, lignum, ipy origo”; Sampaio (1914: 278): “Ubiraipú, corr. ybirá-y-bú, o que brota da arvore; é o nome de uma formiga que se cria nos pés de pau”; Bueno (1998: 371): “De ybirá-ybu, o que nasce da árvore, formigas que vivem nos troncos das árvores”.

²⁵⁵ Martius (1860: 503, 1863: 451): “Guibuquibura, vox corrupta e keyba et guira - i. e. pediculus avis, formicae alatae”.

²⁵⁶ Nogueira (1880: 197): “Iça - uma especie de formiga (ĩb-háb corta arvore?) M.[ontoya] dá içaú la rabadilla que se come de esta hormiga; no Brazil Içá é justamente a formiga que se come, e içaúb será a ‘formiga mestra’ como eir-ub é a ‘abelha mestra’, tanto mais quanto em uma e outra ub pode equivaler a ĩb que exprime “guia, chefe, principal”; Sampaio (1914: 224): “Içá, antigamente içã, c. y-çã, a fio, em cordão; allusão á marcha das formigas desse nome quando atravessam as terras, como se fôra uma corda (çam ou çã)”.

²⁵⁷ Sampaio (1914: 264): “Saúva, corr. yçá-ub, o pae das formigas, a formiga mestra, no sentido de principal. Pode ser yçá-yba, a formiga das plantas, derivando-se de yaçayba o nome yaçaúba, donde çaúba Alt.: içaúba, saúba”.

²⁵⁸ Chermont de Miranda (1944: 89): “provavelmente de um-peteca, por bater as mandíbulas produzindo um ruído ou estálido [sic], quando assanhada. Não a conhecendo, não podemos sinão aventar a hipótese”.

- ***TAOCA** – Valle, 1585 [TAOCA] [*Taoka* in Navarro, 2013: 461]
 ***GOAJUGOAJÚ** – Souza, 1587 [GUAJU-GUAJU] [*Gúaiugúaiú* in Navarro, 2013: 131]
 424. *Camponotus* spp.
 ***TARAÇANGA** – Valle, 1585 [TRAÇANGA] [*Tarasanga* in Navarro, 2013: 465]²⁵⁹
TARUSÂN – Souza, 1587
 425. *Odontomachus* spp.
 ***TARACUTĨGA** – Valle, 1585 [TARACUTINGA] [*Tarakutinga* in Navarro, 2013: 465]
 426. *Solenopsis saevissima* (F. Smith, 1855)
 †**JTACIBA** – Valle, 1585 [*Itasyba* in Navarro, 2013: 194]
 †**TACIAHI** – Souza, 1587 [*Tasyai* in Navarro, 2013: 466]²⁶⁰
 427. ?**Mutillidae**
 †**AGUARACABA** – Valle, 1585²⁶¹

Vespidae

428. **Em geral**
 ***CABA** – Valle, 1585 [CABA, na Amazônia] [*Kaba – gordura*; Navarro, 2013: 210]
 429. **Não identificados**
 ‡**CABAPOÃ** – Valle, 1585 [*Kabapũã ou kaapũã – vespa pontuda*; Navarro, 2013: 210]
 ‡**CABEÇAPIÇOCIMA** – Valle, 1585 [*Kabesapysoe 'yma – caba cega*; Navarro, 2013: 210]
 ‡**CABOBAIUBA** – Valle, 1585 [*Kaboiũba – vespa da roupa amarela*; Navarro, 2013: 210]
 ‡**CURUPERANA** – Valle, 1585 [*Kuruperana* in Navarro, 2013: 245]
 ‡**TERIGOÁ** – Souza, 1587 [*Teringuá* in Navarro, 2013: 474]
 430. *Polybia (Myrapetra) scutellaris* (White, 1841)
 ***CABATĪ** – Valle, 1585 [CAMOATIM] [*Kabatĩ – vespa pontuda*; Navarro, 2013: 210]²⁶²
 431. *Agelaia vicina* (Saussure, 1854) e *Agelaia pallipes* (Olivier, 1792)
 ***CĂÇUNUNUNGA** – Valle, 1585 [CAÇUNUNGA] [*Kasunununga – vespa que fica zunindo*; Navarro, 2013: 223]²⁶³
 432. *Brachygastra lecheguana* Latreille, 1824
 ***EYXU** – Valle, 1585 [EIXU] [*Eixu* in Navarro, 2013: 91]²⁶⁴
 ***EÏXUI** – Valle, 1585 [*Eixu 'i* in Navarro, 2013: 91] [ENXUÍ]
 433. *Polybia (Cylindroeca) dimidiata* (Olivier, 1791)
 ***TAPIUCABA** – Valle, 1585 [TAPIUCABA] [*Tapiukaba* in Navarro, 2013: 464]²⁶⁵
 434. *Polistes (Aphanilopterus) canadensis* (Linnaeus, 1758)
 ***CABATAN** – Souza, 1587 [CABATÃ] [*Kabatã – vespa valente*; Navarro, 2013: 211]²⁶⁶

²⁵⁹ Sampaio (1914: 275): “Traçanga, corr. tara-çanga, a formiga assanhada ou embravecida”.

²⁶⁰ Rubim, (1882): “Taciahi – Do guarani taci, formiga, i, diminutivo. Especie de formiga preta e pequena”; Cunha (1978: 273): (“Taciai < T. tasyua 'i, ita 'siua 'formiga' + 'i 'pequeno”.

²⁶¹ A descrição do Pe. Valle: “a branca ou a pintada de preto e branco com pelo como ueludo” parece adequar-se a certas espécies de mutilídeos recobertos de pelo aveludado; um dos nomes dados a esses himenópteros, na Amazônia, é formiga-onça ou oncinha. Nossa identificação é portanto tentativa, principalmente por conter a palavra caba – nos mutilídeos as fêmeas são ápteras, muito semelhantes a formigas; os machos são alados, mais difíceis de encontrar, e só a eles (se é que os índios os conheciam) caberia a designação de cabas.

²⁶² Bertoni (1912: 119, sob Kamuatĩ): “*Polybia occidentalis* var. *scutellaris*; “Los guaraníes le llaman Kavichuí si es de nido liso y Kamuatĩ (avispa espinosa) si el nido tiene apófsis”.

²⁶³ Sampaio (1914: 208): “Caçununga, corr. caba-cynynnga, alt. Ca-çununga, vespa zumbidora”; Bueno (1968: 574): “Tupi caa, mato; sunung, fazer barulho”); Cunha (1978: 82): “Caçununga < T. kasu'nunga < 'kaua 'vespa' + su'nung 'zunir”.

²⁶⁴ Nogueira (1880: 115): “eichú (ei-hub busca-mel, ou pai do mel); a abelha mestra; uma especie de abelhas negras [?]”, (1880: 126): “Eychú - abelha mestra; vê eichú”.

²⁶⁵ Stradelli (1926: 664): “Tapiú-cáua - Casta de caba que faz o ninho muito parecido com o da formiga [tapiú]”.

²⁶⁶ Stradelli (1926: 406): “Cauantá - Caba forte, dura; faz o ninho de um barro duro, suspenso aos galhos das arvores, e fabrica um mel claro, saboroso e muito apreciado. O nome não sei si lhe é dado pela qualidade do ninho ou pelas valentes ferroadas que distribue, si incommodada”.

435. *Mischocyttarus (Kappa) socialis* (Saussure, 1854)
 †CAPUERUÇÚ – Souza, 1587 [*Kapûerusu in Navarro, 2013: 218*]²⁶⁷
436. *Parachartegus* sp.
 †SARACOMA – Souza, 1587 [*Sarakoma in Navarro, 2013: 438*]
437. *Polybia (Cylindroeca) dimidiata* (Olivier, 1791)
 *TAPIUJA – Souza, 1587 [TAPIÚ] [*Tapiuía in Navarro, 2013: 464*]²⁶⁸
438. *Synoeca cyanea* (Fabricius, 1779) e *Synoeca surinama* (Linnaeus, 1758)
 †TATURANA²⁶⁹ – Valle, 1585 [*Taturana in Navarro, 2013: 468*]
 TATURAMA – Souza, 1587 [*Taturama in Navarro, 2013: 468*]
439. *Friesella schrottkyi* (Friese, 1900)
 †AIGCABA – Valle, 1585 [*A'ykaba – vespa de bicho-preguiça; Navarro, 2013: 75*]²⁷⁰

ORDEM ISOPTERA

440. Em geral

- *ÇUPIA – Valle, 1585 [CUPIM] [*Kupîá in Navarro, 2013: 243*]
 CUIPIJ – Valle, 1585 [*Kupi'î in Navarro, 2013: 243*]
 *ARARÁ – Souza, 1587 [formas aladas] [ARARÁ] [*Arará in Navarro, 2013: 59*]
 COPÎ¹ – Souza, 1587
 COPY – Souza, 1587

441. Termitidae (*Nasutitermes* spp.)

- *COPÎ² – Souza, 1587 [Neste sentido]

ORDEM LEPIDOPTERA

442. Lagartas em geral ou não identificadas

- *TATAURANA – Anchieta, 1583 [TATARANA ou TATURANA] [*Tataûrana – falso fogo escuro; Navarro, 2013: 467*]²⁷¹
 †IMBUÁ – Souza, 1587
 ‡SOCA¹ – Souza, 1587
 ‡SOCA² – Souza, 1587
 ‡SOCA³ – Souza, 1587
 ‡SOCAUNA – Souza, 1587 [*Ysokaúna – lagarta de pelo preto; Navarro, 2013: 533*]

443. Borboletas em geral

- †PANAMA – Anchieta, 1583 [*Panama in Navarro, 2013: 370*]
 PANĀMA – Valle, 1585

444. Mariposas (e outros insetos noturnos, que revoltam ao redor da luz) [SARARÁ]

- *SARARÁ – Souza, 1587 [SARARÁ]

Crambidae

445. *Myelobia smerintha* (Hübner, 1821)
 †RAHŪ – Anchieta, 1560 [*Raú in Navarro, 2013: 427*]
 BAHŪ – Valle, 1585

Noctuidae

446. *Alabama argillacea* (Hübner, 1823)
 *PURUQUERÊ – Valle, 1585 [CURUQUERÊ] [*Purukeré in Navarro, 2013: 412*]

²⁶⁷ Pirajá da Silva in Souza (1851: 121, nota 9): “Capueruçu – não será cabuçu, corr. do tupi-guarani – caba-uçu = vespa grande?”.

²⁶⁸ Atualmente conhecida como tapiú e tapiucaba.

²⁶⁹ “Tatu falso”. Atualmente cabatatu ou tatucaba.

²⁷⁰ Esta abelha é atualmente conhecida como mirim-preguiça.

²⁷¹ Rubim (1882: 383): “Tataurana – Do guarani tatâúrâ, composto de tata, fogo, aurana, impigem; especie de lagarta cheia de pêlos que, roçando pela pele, cauza dôres crueis”; Ihering (R. von) (1938: 252, 1940: 777): “Tataurã significa verme de fogo, ou melhor: tata - fogo, rana - que parece ser”.

Pieridae

447. †PANAMÁ – Souza, 1587

Tinaeidae

448. Larva (traça)

†IGÇOCAPE – Valle, 1585 [*Ysokapé – verme de casca*; Navarro, 2013: 533]

ORDEM MANTODEA

Mantidae

449. Em geral

†CAAJARA – Valle, 1585 [*Ka'aíara – o que domina a mata*; Navarro, 2013: 208]²⁷²

ORDEM ODONATA

450. Em geral

†IGBIGNAJAYA – Valle, 1585 [*Ybynaíata in Navarro, 2013: 520*]

†JAÇATĨNA – Valle, 1585 [*Íasatina in Navarro, 2013: 162*]

ORDEM PHTHIRAPTERA

451. Em geral

†QUIGBA – Valle, 1585 [*Kyba in Navarro, 2013: 247*]

SUBORDEM ANOPLURA

Pediculidae

452. *Pediculus humanus* Linnaeus, 1758

*MOQUIGRANA – Valle, 1585 [MUQUIRANA] [*Mokyrana in Navarro, 2013: 296*]²⁷³

‡MOQUIGRÃNAIGRA [as lêndeadas] – Valle, 1585 [*Mokyrana'yra in Navarro, 2013: 297*]

‡QUIGBAÎRA – Valle, 1585 [lêndeadas da cabeça] [*Kyba'yra in Navarro, 2013: 247*]

ORDEM SIPHONAPTERA

Pulicidae

453. Em geral

†TUNGUÇÛ – Valle, 1585 [*Tungasu ou tungusu – tunga grande*; Navarro, 2013: 482]

TUNGAÇÛ – Souza, 1587

Tungidae

454. *Tunga penetrans* (Linnaeus, 1758)

*ATTUN– Staden, 1557 [TUNGA] [*Tunga in Navarro, 2013: 482*]

TOM– Thevet, 1557

TOM – Thevet, 1575

TON – Léry, 1578

TUNGA – Valle, 1585

TUNGA – Souza, 1587

TOM – Thevet, 1587-1588

TÚNGA Anchieta, 1595

FILO ANNELIDA

CLASSE HIRUDINEA

Hirudinidae ou Lumbricidae

455. Em geral ou não identificados

²⁷² Martius (1860: 493, 1863: 441): “Dominus foliorum, Mantis”.

²⁷³ Sampaio (1914: 250): “Muquirana, corr. mby-qui-rana, o parecido com o piolho da pelle; o piolho grande”.

- †**CEBOI** – Anchieta, 1583 [*Sebo 'i in* Navarro, 2013: 440]²⁷⁴
‡**CEBOINHÁGA** – Valle, 1585 [*Sebo 'inhanga – sanguessuga que corre*; Navarro, 2013: 440]
‡**TUGUÍGOAÇŪ** – Valle, 1585 [*Tugúygúasu – muito sangue*; Navarro, 2014: 480]
‡**TUGUÍGPABEÍGMA** – Valle, 1585 [*Tugúypabe 'yma – sangue que não acaba*; Navarro, 2013: 480]
SEBUI – Soares, 1591

FILO NEMATODA

CLASSE SECERNENTEA

ORDEM ASCARIDIDA

Ascarididae

456. *Ascaris lumbricoides* Linnaeus, 1758
†**ÇAPOAJOBAYA** – Valle, 1585 [*Sapoaiobaia in* Navarro, 2013: 437]

Oxyuridae

457. *Enterobius vermicularis* (Linnaeus, 1758)
†**TEICOATINA** – Valle, 1585 [*Teikúatatina – ânus fumegante*²⁷⁵; Navarro, 2013: 470]

FILO CNIDARIA

CLASSE ANTHOZOA

458. Não identificado
‡**BOIGPÍRÁGA** – Valle, 1585

CLASSES CUBOZOA E HYDROZOA

459. ‡**MOCIQUIG** – Valle, 1585 [*Mosyky in* Navarro, 2013: 315]
MUCIQUÍ – Souza, 1587

CLASSE HYDROZOA

ORDEM SIPHONOPHORA

Physaliidae

460. *Physalia sp.*
†**MOCÍQUIGCANETARA** – Valle, 1585 [*Mosykykanitara – medusa de canitar, de cocar*; Navarro, 2013: 315]
†**MOCÍQUÍGPIRANGA** – Valle, 1585 [*Mosykypiranga – medusa vermelha*; Navarro, 2013: 315]

FILO PORIFERA

461. ***ITAMANBECA** – Souza, 1587 [ITAMEMBECA] [*Itamembeka – pedra mole*; Navarro, 2013: 193]

²⁷⁴ Bueno (1998: 101): “Está por cheboy, de che, eu; mboy, cobra: cobra de mim, lombriga”.

²⁷⁵ O nome tupi é extremamente bem aplicado, pois este helminto parasita o intestino humano, conferindo prurido (coceira) na região anal (seu sintoma mais característico), que ocorre em razão da migração das fêmeas à região anal para postura dos ovos.

TERMOS GERAIS

462. ANIMAIS DE CAÇA OU ANIMAL QUADRÚPEDE QUE SE COME EM GERAL

†SOÓ – Léry, 1578 [*Soo in* Navarro, 2013: 444]²⁷⁶

ÇOO – Valle, 1585

ÇOÔ – Valle, 1585

463. ANIMAIS DOMESTICADOS

*CHERIMBAUÉ – Léry, 1578 [XERIMBABO]²⁷⁷

RIMBABA – Cardim, 1583

MIMBÁBA Anchieta, 1595 [*Mimbaba – objeto do esconder*; Navarro, 2013: 279]

464. ANIMAIS MONTESES

†CAABÓDOARA – Valle, 1585 [*Ka'abondûara – o que está pelas matas*; Navarro, 2013: 207]

CAABONDOARA – Valle, 1585

†CAAIGGOÃNA – Valle, 1585

CAAIGOANA – Valle, 1585

465. ANIMAL QUADRÚPEDE QUE NÃO SE COME

†ÇOOAIBA – Valle, 1585

466. ANIMAIS MARINHOS EM GERAL (MARISCOS)

†PARANÂBORA – Valle, 1581 [*Paranâmbora – habitante do mar*; Navarro, 2013: 372]

PARONÂMBORA Anchieta, 1595

²⁷⁶ Sampaio (1914: 265): “Soó, corr. çoó, o animal, a caça, o bicho, a carne”.

²⁷⁷ Rubim (1882): “Cherimbabo – Este vocabulo, uzado nas provincias do norte, e sobre toda na do Maranhão, significa animal domestico ou domesticado, que se tem em estimação; animal pequeno, e por ampliação tambem se aplica às pessoas. Vem do guarani ché, meu, mymbaba, animal cazeiro, que com o pronome que o precede recebe a composição re, e fica cheremybaba”; Matta (1938: 330): “De xê meu, minha e mbau-miba a criação, o gado”.

ÍNDICE DOS NOMES TUPIS

(Os números se referem às identificações constantes do capítulo 37)

- ABACATUAJABA** Valle, 1585 – 254
ABIJAGUAÇU HAIN AIG Soares, 1591 – 77, 79
ACARA Souza, 1587 – 264
ACARAÃYA Valle, 1585 – 278
ACARA-BOUTEN Léry, 1578 – 279
ACARA-BOUTEN Thevet, 1587-1588 – 279
ACARA-MIRI Léry, 1578 – 265
ACARA-MIRI – Thevet, 1587-1588 – 265
ACARA-OUASSOU Léry, 1578 – 265
ACARA-OUASSOU – Thevet, 1587-1588 – 265
ACARAPEAÇABA Valle, 1585 -230
ACARAPEP – Léry, 1578 – 265
ACARA-PEP – Thevet, 1587-1588 – 265
ACKA-KEY Staden, 1557 – 34
ACUCUA Soares, 1591 – 251
ACUTI Cardim, 1583 – 46
ACUTTIA Staden, 1557 – 46
AGEREBA Soares, 1591 – 322
AGERUAÇU Souza, 1587 – 168
AGERUÉTÉ Souza, 1587 – 162
AGONTY Thevet, 1587-1588 – 46
AGOUTI Léry, 1578 – 46
AGOUTIN Thevet, 1557 – 46
AGOUTIN Thevet, 1587-1588 - 45
AGUAPEAÇOCA Souza, 1587- 85
AGUARACABA Valle, 1585 – 427
AGUARAGUAÇU Anchieta, 1583 – 9
AGUARAGUAÇU Valle, 1585 – 9
AGUARÃUÇÁ Valle, 1585 – 371
AGUARI Soares, 1591 – 298
AGUIGUI Soares, 1591 – 64
AHÔ Soares, 1591 –17
AHY Souza, 1587 – 61
AICÁ Valle, 1585 – 23
AIEREBA Valle, 1585 – 322
AIG Anchieta, 1560 – 61
AIG Valle, 1585 – 61
AIGCABA Valle, 1585 – 439
AIMORÉ Souza, 1587 – 273
AIMORÉOÇÚ Souza, 1587 – 274
AIOUROU Léry, 1578 – 159
AIOUROU Thevet, 1575 – 159
AIOUROUB Thevet, 1557 - 159
AIOUROUB Thevet, 1575 – 159
API Valle, 1585 – 230
AIPIMIXÍRA Valle, 1585 – 277
AIRAT Thevet, 1587-1588 – 14
AIURUCURO Cardim, 1583 – 163
AIURUÛ Soares, 1591 – 159
AIURUJUB Anchieta, 1583 – 166
AJASOUP Thevet, 1587-1588 – 5
AJAYA Valle, 1585 – 97
AJIJAGUAÇU-HAIN-AIG Soares, 1591 - 70
AJUBERABA Soares, 1591 – 98
AJURU Valle, 1585 – 159
AJURUCURAO Soares, 1591 – 163
AJURUJUBA Anchieta, 1583 – 167
AMAJACU Soares, 1591 – 308
AMAJACU CORUB ROB Soares, 1591 – 312
AMAJACU GUARA Soares, 1591 – 312
AMARACOANY Valle, 1585 – 372
AMAYACU Cardim, 1583 – 308
AMAYACURUB Cardim, 1583 – 309
AMBUÁ Anchieta, 1583 – 352, 382
AMBUÂ Valle, 1585 – 360, 381
AMERECÍMA Valle, 1585 – 221
AMISAGOA Souza, 1587 – 417
AMORE Valle, 1585 – 271
AMOREATÍ Soares, 1591 - 232
AMOREATY Cardim, 1583 – 232
ANACAM Soares, 1591 –157
ANAPURU Cardim, 1583 – 157
ANAPURÚ Gândavo, 1576 – 157
ANDIRA Anchieta, 1583 – 24
ANDIRAGUAÇU Anchieta, 1583 – 25
ANDIRAGUAÇU Soares, 1591 – 25
ANDIRAGUAJ Soares, 1591 –25
ANDUGOACU Cardim, 1583 – 173
ANDURA Souza, 1587 – 24
ANDURA Souza, 1587 – 26
ANDURA Thevet, 1575 – 26
ANEUONES Thevet, 1587-1588 - 301
ANHÍMA Anchieta, 1560 - 72
ANIJUACANGA Souza, 1587 – 218
ANIMA Cardim, 1583 – 72
ANIMA Soares, 1591 - 72
ANIME Soares, 1590 – 72
ANNON Thevet, 1557 – 105
ANNON Thevet, 1575 – 105
ANÚ Souza, 1587 – 105
ANÛ Soares, 1591– 105
APÊ Valle, 1585 – 329
APEPUERA Valle, 1585 – 330
APEREA Valle, 1585 – 45
APERIÁ Souza, 1587 – 45
APHT Thevet, 1587-1588 - 61
APIROUPSOU Thevet, 1575– 31
APULA Cardim, 1583 – 334
APYROUPSOU Thevet, 1575 – 31
AQUEQUÊ Valle, 1585 – 422
AQUIGQUIG Valle, 1585 – 34
AQUIQUI Cardim, 1583 – 34
AQUIQUI Soares, 1591 – 34
AQUIQUI PITANGA Soares, 1591 – 34
ARABÊ Valle, 1585 – 385
ARABERÍ Valle, 1585 – 241
ARABORI Souza, 1587 – 241
ARABOYA Souza, 1587 – 204
ARACOÁ Souza, 1587 – 118
ARACOÃ – Soares, 1591 –118
ARAGOAGOA Valle, 1585 – 318
ARAGOAGOÁ Valle, 1585 - 293
ARAGOAGOAY Souza, 1587 – 293
ARAMÁDAY Valle, 1585 – 389
ARAMARJ Soares, 1591 –241
ARARA Anchieta, 1583 – 158
ARARA Cardim, 1583 – 158
ARARA Soares, 1591 –158

ARÁRA Gândavo, 1576 – 158
ARÁRA Souza, 1587 – 158
ARARÁ Souza, 1587 – 440
ARARUNA Cardim, 1583 – 166
ARAT Léry, 1578 – 158
ARAT Thevet, 1575 – 158
ARAT Thevet, 1587-1588 – 158
ARATAQUA Soares, 1591 –74
ARATU Cardim, 1583 – 369
ARATÚ Souza, 1587 – 369
ARATÛ Valle, 1585 – 369
ARATÚEM Souza, 1587 – 362
ARATURE Souza, 1587 – 363
ARAUNA Soares, 1591 –164
ARAVÉ Léry, 1578 – 385
ARERÁ Souza, 1587 – 17
ARERAYA Valle, 1585 – 17
ARITARA Soares, 1591 – 64
ARRAT Thevet, 1578-1588 – 158
ATACAPE Cardim, 1583 – 15
ATIAÇÚ Souza, 1587 – 88
ATIMIRÍ Valle, 1585 - 887
ATINGAÇÚ Valle, 1585 – 88
ATTUN Staden, 1557 – 454
ATUCUPA Souza, 1857 – 284
ATY Souza, 1587 – 86
AUGEROU-COURAL Lamy, 1540 – 163
AYAYÁ Souza, 1587 – 97

BACUPUÁ Souza, 1587 – 296
BAEPEÇU Soares, 1591 – 321
BAÊVAÛ Soares, 1591 – 64
BAHÛ Valle, 1585 – 445
BAIACÚ Souza, 1587 – 308
BAJUNA Soares, 1591 – 212
BEIJUÊ PÍRA Soares, 1591 – 281
BEIJUPIRA Cardim, 1583 – 281
BEIJUPIRA Travaços, 1596 – 281
BEIJUPIRÁ Souza, 1587 – 281
BERIQUÍ Soares, 1591 – 36
BERÚ Valle, 1585 – 394
BERUAÍRA Valle, 1585 – 396
BERURAÍRA Valle, 1585 – 396
BIARATACA Cardim, 1583 – 16
BÍRIGGI Valle, 1585 – 36
BOCIMA Soares, 1591 – 230
BÓICININGA Anchieta, 1560 – 211
BOICININGA Souza, 1587 – 211
BOICININGPEBA Cardim, 1583 – 209
BOICUPECANGA Cardim, 1583 – 209
BOIGPÊRÂGA Valle, 1585 -428
BOIOBÛ Valle, 1585 – 202
BÓIPEBA Anchieta, 1560 – 203
BÓIQUATIÁRA Anchieta, 1560 – 216
BÓIQUÍBA Anchieta, 1560 – 358
BÓIROIÇANGA Anchieta, 1560 – 212
BOITENINGA Gândavo, 1571 – 211
BOITENÊGUA Soares, 1591 – 211
BOITENÊPEBA Soares, 1591 – 211
BOITIAPUIA Souza, 1587 – 200, 205
BOITIMAPOÁ Soares, 1591 – 200, 205
BOITININGA Valle, 1585 – 211
BOITININGUÇU Anchieta, 1583 - 211

BOIUBÛ Souza, 1587 – 206
BOIUNA Souza, 1587 – 197
BOJOÇU PECANGUA Soares, 1591 – 199
BORÁ Anchieta, 1583 – 410
BOYA Valle, 1585 – 194
BOYASSU Staden, 1557 – 196
BOYCININGA Cardim, 1583 - 200
BOYCOATIARA Valle, 1585 – 216
BOYCUPECÁGA Valle, 1585 – 209
BOYEÇA Valle, 1585 – 195
BOYOBÛ Valle, 1585 – 206
BOYPEBA Valle, 1585 – 203
BOYTIAPUIA Cardim, 1583 – 200, 205
BOYUÇÛ Valle, 1585 – 198
BOYUNA Cardim, 1583 – 212
BRATTI Staden, 1557 – 252
BUIJEJA Souza, 1587 – 390
BURIQUI Cardim, 1590 – 36

CAABÓDOARA Valle, 1585 – 464
CAABONDOARA Valle, 1585 –464
CAAIGGOÃNA Valle, 1585 – 464
CAAIGOANA Valle, 1585 – 464
CAAJARA Valle, 1585 – 449
CAAPOAM Souza, 1587 – 414
CABA Valle, 1585 – 428
CABAOBAJUBA Souza, 1587 – 415
CABAPOÃ Valle, 1585 – 429
CABATAN Souza, 1587 – 434
CABATÛ Valle, 1585 – 430
CABEÇAPIÇOCIMA Valle, 1585 – 429
CABECÉ Souza, 1587 – 412
CABECÊ Valle, 1585 – 412
ÇABIÁ Valle, 1585 – 146
CABOBAIUBA Valle, 1585 – 429
CABURE Anchieta, 1583 – 175
CABUREAÇU Souza, 1587 – 68
CABURE GUAÇU Soares, 1591 – 106
CABURE MERÊ Soares, 1591 – 106
ÇACOARITÂ Valle, 1585 – 350
ÇAÇOCA Valle, 1585 – 383
CÂÇUNUNUNGA Valle, 1585 – 431
ÇACURA Valle, 1585 – 347
ÇAÇURA Valle, 1585 – 347
ÇAÇURAUNA Valle, 1585 – 347
CACUYCU Thevet, 1557 – 38
ÇAGOYM Fernandes, 1511 – 41
ÇAGUAÇU Valle, 1585 – 38
ÇAGUI¹ Soares, 1591 – 40
ÇAGUI² Soares, 1591 - 41
CAGUÛ Valle, 1585 – 36
CAGUIIUBA Valle, 1585 – 41
CAGUIJA Soares, 1591 – 47
CAGUIJA PIXUNA Soares, 1591 – 47
CAÏ Valle, 1585 – 37
CAIACANGA Souza, 1587 – 341
CAIGUAÇU Valle, 1585 – 38
CAIJ Soares, 1591 – 140
CAIN Lamy, 1540 – 37
CAIYACANGA Valle, 1585 – 341
CAJ Soares, 1591 – 37
CAMAROPÛ Soares, 1591 – 247
CAMAROPIM Travaços, 1596 – 247

ÇAMBÊAJÔ Valle, 1585–27
CAMBOROPIM Gândavo, 1576–247
CAMOUROPOUY-OUASSOU Léry, 1578–247
CAMURÍ Anchieta, 1595–262
CAMURÍ Souza, 1587–262
CAMUROPI Souza, 1587–247
CAMURUPI Cardim, 1583–247
CANDUACU Cardim, 1583–49
CANDUGUAÇU Soares, 1591–49
CANDUMERJ Soares, 1591–50
CANDUMIRIM Cardim, 1583–50
CANIDÉ Léry, 1578–164
ÇAMBÊAJÔ Valle, 1585–27
CAMBOROPIM Gândavo, 1576–247
CAMOUROPOUY-OUASSOU Léry, 1578–247
CAMURÍ Anchieta, 1595–262
CAMURÍ Souza, 1587–262
CAMUROPI Souza, 1587–247
CAMURUPI Cardim, 1583–247
CANDUACU Cardim, 1583–49
CANDUGUAÇU Soares, 1591–49
CANDUMERJ Soares, 1591–50
CANDUMIRIM Cardim, 1583–50
CANIDÉ Léry, 1578–164
CANÍDE Soares, 1591–164
CANINAM Souza, 1587–199
CANINANA Cardim, 1583–199
CANINANA Valle, 1585–199
CANINDE Anchieta, 1583–164
CANINDÉ Gândavo, 1576–164
CANINDÉ Souza, 1587–164
CANYDE Thevet, 1587-1588–164
CAPIBARA Souza, 1587–43
CAPIGOARE Thevet, 1586–43
CAPIGOARE Thevet, 1587-1588–43
CAPIGOUARE Thevet, 1575–43
CAPIJGOARA Cardim, 1583–43
ÇAPOAJOBAYA Valle, 1585–426
CAPUERUÇÚ Souza, 1587–435
CAPUGOUARE Thevet, 1575–43
CAPYÚÁRA Anchieta, 1560-43
CARABUÇÚ Souza, 1587–91
CARÁCARÁ Souza, 1587-101
CARÁCARÁ Valle, 1585–108
CARACURA Cardim, 1583–121
ÇARACURA Soares, 1591–121
CARAMURU Cardim, 1583–231
CARAMURU Valle, 1585–231
CARAMURÚ Souza, 1587–231
CARAMURÚ Valle, 1585–231
CARANHA Soares, 1590–230
CARAOATÁ Souza, 1587–288
CARAPEAÇABA Cardim, 1583–263
CARAPEAÇABA Soares, 1591–263
CARAPEBA Souza, 1587–270
CARAPIAÇABA Souza, 1587–263
CARAPIRÁ Souza, 1587-139
CARAPITANGA Souza, 1587–279
ÇARAPÔ Valle, 1585–249
ÇARARÁ Valle, 1585–373
CARIGUE Cardim, 1583–29
ÇARIGUE Soares, 1591–29
ÇARIGUEÁ Valle, 1585–29
ÇARIGUEÍBEJÔ Valle, 1585–17
CARIGUEMEIU Soares, 1591–17
ÇARIGUEY Anchieta, 1583–29
ÇARIGUEYA Anchieta, 1583–29
ÇARINAMBIGUARA Valle, 1585-255
CARINDE Thevet, 1557–164
CARINDE Thevet, 1575–164
CARIPIRA Cardim, 1583–149
CARIPIRASoares, 1591–149
CARIPIRÁ Souza, 1587–149
CARIPIRÁ Valle, 1585–149
ÇARUIAGOAÇU Valle, 1585–347
CATIUARE Staden, 1557–43
ÇAUJÁ Valle, 1585-47
CAY Léry, 1578–37
CAYCOUPT Thevet, 1575-73
CAYCOUPT Thevet, 1587-1588-73
CEBITÔ Valle, 1585–421
CEBOI Anchieta, 1583–455
CEBOINHÁGA Valle, 1585–425
CERIGOAJÁ Valle, 1585–370, 378
CERIGOÊ Gândavo, 1576–29
CERIGONE Botero, 1595–29
CERURU Valle, 1585–337
CETAMA Valle, 1585–419
CHERIMBAUÉ Léry, 1578–463
CHOATY Thevet, 1587-1588–19
ÇIÉCIE Valle, 1585–373
CIGGOAÇU Valle, 1585–1
CIGGOAÇÔ Valle, 1585–1
CIGGOAÇÔAPARA Valle, 1585–2
CIGGUAÇÔETÊ Valle, 1585–3
CÍGOAÇURANA Valle, 1585–13
CIGUAÇÔAPARA Valle, 1585–2
CÍGUAÇÔPITÁGA Valle, 1585–3
CÍGUAÇUTINGA Valle, 1585–4
CIRAT Thevet, 1575–14
CIRIGUAÇU Valle, 1585–376
CIRIMIRI Valle, 1585–377
CIRINEMA Valle, 1585–375
CIRY Valle, 1585–374
COANDÚ Souza, 1587–48
COARAPUCU Valle, 1585–245
COATI (erro) Léry, 1578–62a
COATI Soares, 1590–19
COATI Valle, 1585–19
COATY Souza, 1587–19
COATY Thevet, 1557–19
COATY Thevet, 1575–19
ÇOCO Anchieta, 1583–89
COIRIMÁ Souza, 1587–252
ÇOO Valle, 1585–462
ÇOÔ Valle, 1585–462
ÇOO AIBA Valle, 1585–465
COPI¹ Souza, 1587–440
COPI² Souza, 1587–441
COPY Souza, 1587–440
CORÍ Soares, 1591–48
CORICA Soares, 1591–161
CORICA Souza, 1587–161
CORÍCA Gândavo, 1576–161
ÇOROROCA Valle, 1585–285
COTIA Gândavo, 1576–46

COTIA Soares, 1591 –46
COTIA Souza, 1587 – 46
COTIA Travaços, 1596 – 46
COTIMERIM Souza, 1587 – 53
COUJOU Thevet, 1575 – 406
CUACU Cardim, 1583 – 1
CUACUAPARA Cardim, 1583 – 2
ÇUAÇUETE Soares, 1591 – 3
ÇUAÇU PITÁGA Soares, 1591 –3
CUATI Cardim, 1583 – 19
CUCURI Soares, 1591 –313
ÇUCURI Valle, 1585 – 313, 325
ÇUCURIJU Anchieta, 1583 – 197
ÇUCURIJU Valle, 1585 – 197
CUCURIJUBA Cardim, 1583 – 197
CUCURIJUBA Soares, 1591 – 197
CUCURITĪGA Soares, 1591 –195
ÇUCURYÚBA Anchieta, 1560 – 197
CUIM Souza, 1587 – 48
ÇUINDARA Valle, 1585 – 177
CUIỸ Valle, 1585 – 48
CUNAPÚ Souza, 1587 – 291
CUNDURU Valle, 1585 – 380
CUPÁ Souza, 1587 – 282
CUPACI Valle, 1585 – 347
CUPACIGUAÇU Valle, 1585 – 347
ÇUPIA Valle, 1585 – 440
CUPIJ Valle, 1585 – 440
CURIMA Soares, 1591 –252
CURUATĀ Valle, 1585 – 286
CURUBA Valle, 1585 – 352
ÇURUBI Soares, 1591 –300
CURUÇA Anchieta, 1583 – 283
ÇURUCUCU Soares, 1591 –213
ÇURUCUCUC Valle, 1585 – 213
CURUGUATAPINIMA Valle, 1585 – 286
CURUPERANA Valle, 1585 – 429
CURURU Anchieta, 1583 – 226
CURURU Valle, 1585 – 226
CURURÚ Souza, 1587 – 226
CUXA Soares, 1591 –64
CUYAUJU Valle, 1585 – 175

DATTU Staden, 1557 – 55

EIRA Valle, 1585 – 409
EÍRAAQUĀYETĀ Anchieta, 1560 – 410
EIRAPUA Valle, 1585 – 411
EIRUBA Valle, 1585 – 410
EIRUÇU Valle, 1585 – 410
EIXUĀ Valle, 1585 – 67
EIXUAGUAÇŪ Valle, 1585 – 106
EIXUA MERĴ Soares, 1591 –106
EIXUĀMIRI Valle, 1585 – 106
EJXUĀ GUAÇU Soares, 1591 – 106
ENĒBUI Valle, 1585 – 391
ENĒMA Valle, 1585 – 391
EYXU Valle, 1585 – 432
EỸXUI Valle, 1585 – 432

GAINAMBĪ Souza, 1587 – 73
GAITIEPIA Cardim, 1583– 195
GANHEMŪ Soares, 1591 – 368

GARACIÇA Soares, 1591 –75
GARIBA Travaços, 1596 – 35
GARIRAMA Souza, 1587 – 103
GERARA Thevet, 1557 – 210
GERARACA Soares, 1590 – 210
GERARÁCA Gândavo, 1576 – 210
GERERACA Souza, 1587 – 210
GIBOIA Souza, 1587 – 198
GIBOIOSSŪ Gândavo, 1571 – 198
GIBOJA Soares, 1591 –198
GIBOYA Anchieta, 1583 – 198
GIBOYA Cardim, 1583 – 198
GIBOYA Valle, 1585 – 198
GIBOYASSŪ Gândavo, 1571 – 198
GIBOYUÇŪ Valle, 1585 –198
GIRUCÓA Souza, 158 – 187
GOĀBAIACU Valle, 1585 – 308
GOĀBAYACUGOARĀ Valle, 1585 – 312
GOABIRU Valle, 1585 – 52
GOAIÁ Souza, 1587 – 367
GOAÇONĪ Soares, 1591 -
GOAIARARA Souza, 1587 – 366
GOAIAUSSÁ Souza, 1587 – 371
GOAIVICOÁRA Souza, 1587 – 299
GOAJUGOAJŪ Souza, 1587 – 423
GOAMA Valle, 1585 – 230
GOANHAMŪ Souza, 1587 – 345
GOAPERUGUĀ Valle, 1585 – 230
GOARÁ Gândavo, 1576 – 96
GOARACĀGUIRA Valle, 1585 – 256
GOARÁGOÁ Souza, 1587 – 54
GOARANHANA Valle, 1585 – 253
GOARAPUCŪ Valle, 1585 – 287
GOARARA Souza, 1587 – 305
GOARARU Valle, 1585 – 379
GOARIPOAPEM Souza, 1587 – 334
GOATAPIG Valle, 1585 – 348
GOATŪCUPĀÇABA Valle, 1585 – 284
GOATUCUPAPIXIGMA Valle, 1585 – 282
GOAYIBICOATI Souza, 1587 – 230
GONAMBUCH Léry, 1578 – 72
GOUAMBUCH Thevet, 1557 – 73
GUABIRU Anchieta, 1583 – 52
GUACA Cardim, 1583 – 87
GUAÇONĪ Soares, 1591 – 20
GUAIMIMBIQUE Cardim, 1583 - 73
GUAINIMU Cardim, 1583 – 345
GUAINUMBĪ Anchieta, 1560 - 72
GUAQUICA Anchieta, 1583 – 28
GUAIRACĀ Valle, 1585 – 15
GUAJĀ Valle, 1585 – 367
GUAJŪ Valle, 1585 – 423
GUANHAMŪ Souza, 1587 – 368
GUANHUMYGV Valle, 1585 – 368
GUARA Cardim, 1583 – 96
GUARÁ Cardim, 1590 – 96
GUARĀ Anchieta, 1560 – 96
GUARABEBE Soares, 1591 –235
GUARACIG-Ā Cardim, 1583 – 75
GUARACIG ABA Cardim, 1583 – 75
GUARACIG OBA Cardim, 1583 – 75
GUARACĪMA Valle, 1585 – 258
GUARAGUAÇŪ Valle, 1585 – 253

GUARAJUBA Valle, 1585 – 259
GUARAMIRI Valle, 1585 – 253
GUARANHANA Valle, 1585 – 253
GUARAOBANHANA Valle, 1585 – 260
GUARAOBIG Valle, 1585 – 266
GUARAPICÚ Souza, 1587 – 287
GUARARICI Cardim, 1583 – 224
GUARAZES Soares, 1590 – 96
GUARAZES Soares, 1591 – 96
GUARIBA Souza, 1587 – 35
GUATAPIGGOAÇU Cardim, 1583 – 348
GUATUCUPÁ Valle, 1585 – 283
GUATUCUPAPUCU Valle, 1585 – 282
GUIARÁ Souza, 1587 – 258
GUIBUQUIBURA Souza, 1587 – 420
GUIGÓ Souza, 1587 – 39
GUIGRAOBIG Valle, 1585 – 124
GUIRÂ Anchieta, 1595 – 63
GUIRÂ Valle, 1585 – 63
GUIRAGOAÇU Anchieta, 1583– 64
GUIRÂGUAÇU Valle, 1585 – 64
GUIRAGUIG Valle, 1585 – 153
GUIRAIUBA Cardim, 1583 – 167
GUIRÂMIRI Valle, 1585 – 64
GUIRANHEÊGUETA Soares, 1591 –130
GUIRANHE-ENG-ETA Cardim, 1583 – 130
GUIARAOPIGUARA Soares, 1591 –201
GUIRAPANGA Cardim, 1583 – 126
GUIRAPONGA Soares, 1591 –126
GUIRARAIGRUÇU Valle, 1585 – 64
GUIRATEONTEON Cardim, 1583 – 178
GUIRATEÔTEÔMYRÎ Valle, 1585 – 156
GUIRATINGA Cardim, 1583 – 90
GUÎRATINGA Valle, 1585 – 90
GUIRAUPIAGUARA Cardim, 1583 - 201
GUIRÎ Valle, 1585 – 295
GUIRIRI Anchieta, 1583 – 107
GURI Souza, 1587 – 295
GUOANHAMÚ Souza, 1587 – 368

HAÛT Gesner, 1560a – 61
HAÛT Pará, 1579 – 61
HAÛT Thevet, 1557 - 61
HAÛT Thevet, 1575 – 61
HAÛT Thevet, 1587-1588 – 61
HAUTE Hulsius, 1599 – 61
HAUTE Raleigh, 1589 – 61
HAÛTHI Thevet, 1557 – 61
HAUTHI Thevet, 1575 – 61
HAUTHI Thevet, 1587-1588 – 61
HAÛTI Gesner, 1560a – 61
HAY Léry, 1578 – 61
HAYNÁBIG Soares, 1591 –73
HAÏTHI Thevet, 1557 – 61
HEBIJARA Gândavo, 1571 – 193
HEBIJÁRA Gândavo, 1571 – 193
HEIRAT Thevet, 1557 – 14
HEIRAT Thevet, 1575 – 14
HERÚ Souza, 1587 – 410
HIEROUSOU Thevet, 1557 – 51
HIEROUSOU Thevet, 1575 – 51
HIPUPIÁRA Gândavo, 1576– 18
HIRA Thevet, 1557 – 409

HIRAThevet, 1575 – 409
HIRA Thevet, 1587-1588 – 409
HIRARA Cardim, 1583 – 14
HOUPEROU Gesner, 1560b – 313, 325
HOUPEROU Thevet, 1557– 313, 325

IABURÛ Valle, 1585 – 95
IACARE Léry, 1578 – 190
IACARE Thevet, 1575 – 190
IACARE Valle, 1585 – 190
IACARÉ Léry, 1578 – 190
IACAREABSOU Thevet, 1557 – 191
IACHARAP-SOUB Thevet, 1575 - 191
IACOU Gândavo, 1576 – 111
IACOU Léry, 1578 – 111
IACOU-OUASSOU Léry, 1578 – 113
IACOUPEN Léry, 1578 – 114
IACOUTIN Léry, 1578 – 115
IAGOPOPEBA Valle, 1585 – 15
IAGOARETE Anchieta, 1583 -11
IAGUARA Valle, 1585– 11
IAGUARETÊ Valle, 1585 – 11
IANOUARE Léry, 1578 – 11
IANOU-ARE Léry, 1578 – 11
IAONA-TONAPECH Thevet, 1575 – 8
IÁOU-ARE Léry, 1578 - 11
IARNARE Thevet, 1575 – 11
IARNARE-ESTE Thevet, 1575 - 11
IARNARH-BOUTEN Thevet, 1575 - 10
IBIBOBOCA Cardim, 1583 – 208
IBÍBOBÓCA Anchieta, 1560 – 208
IBIRACUA Cardim, 1583 – 214
IBIRACUA Valle, 1585 – 214
IÇÂ Anchieta, 1560 – 421
IÇAN Souza, 1587 – 421
ICARA Thevet, 1575 – 186
IÇOCOCA Valle, 1585 – 383
IEROUIOU Thevet, 1575 – 159
IGBIGBOCA Valle, 1585 – 208
IGBIGNAJAYA Valle, 1585 – 450
IGBIRA Valle, 1585 – 318
IGÇOCA Valle, 1585 – 383
IGÇOCAPE Valle, 1585 – 448
IGPERUPINÍMA Valle, 1585 – 314
IGPUPIÁRA Anchieta, 1560– 18
IGTA Cardim, 1583 – 336
IGTATÍNA - Valle, 1585 – 384
IGUARAGUÁ Anchieta, 1560 – 54
IMBUÁ Souza, 1587 – 442
INEUONEA Thevet, 1557 – 319
INHATIÚM Souza, 1587 – 399
IONACSOU Thevet, 1575 – 8
IPECÚ Valle, 1585 – 152
IPPERU Staden, 1557 – 313, 325
IPPERU Staden, 1557– 299 ou 309
ITÁGUAÇÚ Valle, 1585 – 336
ITAGUÍRUÇÚ Valle, 1585– 343
ITAMANBECA Souza, 1587 – 461
ITÂMIRI Valle, 1585 – 336
ITAOBAGUÍRA Valle, 1585 – 343
ITAOÇA Cardim, 1583 – 311
IUÍ Valle, 1585 –224

JABACATIM Souza, 1587 –104
***JABEBIGRA** Valle, 1585 – 319
JABEBÍGTINGA Valle, 1585 – 320
JABEBIRA Soares, 1591 –319
JABEBÎRA Valle, 1585 – 319
JABORÚ Souza, 1587 – 95
JABOTÎ Valle, 1585 – 188
JABUBIRÁ Souza, 1587 – 319
JABUTEMIRIM Souza, 1587 – 189
JABUTIAPEBA Souza, 1587 – 188
JABUTY Souza, 1587 – 188
JAÇANÃ Souza, 1587 – 85
JACARE Cardim, 1583 – 190
JACARE Soares, 1590 – 190
JACARE Soares, 1591 – 190
JACARÊ Souza, 1587 – 190
JACARÊ Anchieta, 1560 – 190
JACARÉPINIMA Souza, 1587 – 223
JAÇATÎNA Valle, 1585 – 450
JACÎ Souza, 1587 – 326
JACU Soares, 1591 –111
JACÚ Souza, 1587 – 111
JACUAÇU Soares, 1587 – 89
JACUCACA Soares, 1591 –112
JACUGUAÇU Soares, 1591 –113
JACUPEMA Soares, 1591 – 114
JACURITU Soares, 1591 – 176
JACURUTU Anchieta, 1583 – 176
JACURUTÔ Valle, 1585 – 176
JACUTÎGA Soares, 1591 –115
JAGOAPITANGA Valle, 1585 – 10
JAGOAPITÂNGUÇÔ Valle, 1585– 11
JAGOAPOPEBA TAÇAPE Soares, 1591 –15
JAGOÁRA Anchieta, 1595 – 11
JAGOARAÇÁ Souza, 1587 – 236
JAGOARAPEBA Souza, 1587– 15
JAGOARETE Cardim, 1583– 11
JAGOARUCU Cardim, 1583– 11
JAGUACINI Cardim, 1583– 20
JAGUACINING Valle, 1585 – 20
JAGUAPITANGA Souza, 1587 – 10
JAGUAPOPEBA Cardim, 1583 – 15
JAGUAPOPEBA TAÇAPE Soares, 1591 – 15
JAGUARA Anchieta, 1583 -11
JAGUARACANGOÇÚ Souza, 1587– 11
JAGUARECACA Souza, 1857 – 16
JAGUARETÊ Souza, 1587– 11
JAGUARUCU Cardim, 1583– 11
JAGUARUÇU Anchieta, 1583– 11
JAGUARUÇU Souza, 1587– 11
JAGUARUNA Anchieta, 1583– 11
JAJABOÇUJ Soares, 1591 – 230
JANDAJETE Soares, 1591 – 170
JANDAJUBA Soares, 1591 –170
JAPARANA Gândavo, 1571 – 195
JAPERUJAGUARA Soares, 1591 – 314
JAPIÓBA Soares, 1591 –36
JAPIUNA Soares, 1591 –136
JAPPARÁNA Gândavo, 1571 – 195
JAPU Cardim, 1583 – 136
JAPU Soares, 1591 – 136
JAPU OUTRA CASTA Soares, 1591 –135
JAPURUTERÊ Valle, 1585 – 7
JARARACA Cardim, 1583 – 210
JARARACA Valle, 1585 – 210
JARARÁCA Anchieta, 1560 - 210
JARARACUÇU Cardim, 1583 – 213
JARARAEPEBA Cardim, 1583 – 209
JARARCOAYPITIUGA Cardim, 1583 – 215
JARATIJ Valle, 1585 – 153
JARATITÂ Valle, 1585 – 392
JARERACA Soares, 1591 – 199
JARERACAÇU Soares, 1591 – 213
JARERACA COATÎGUA Soares, 1591 – 209
JARERACAPEBA Soares, 1591 – 209
JATEBUCA Valle, 1585 – 353
JATEÎ Valle, 1585 – 416
JAU Cardim, 1583 – 302
JAÛ Soares, 1591 – 302
JAÛ Valle, 1585 – 302
JAUETI Soares, 1591 –98
JAUWARE Staden, 1557 – 11
JBIAÛ Soares, 1591 – 230
JBIBOBOCA Soares, 1591 – 208
JBIGYARA Soares, 1591 – 193
JBIRACUA Soares, 1591 –214
JEARIOU Thevet, 1587-1588 – 159
JERARACAÇU Soares, 1591 - 202
JEREPOMONGA Cardim, 1583 – 272
JGÇOCA Valle, 1585 – 383
JGIJA Soares, 1591 – 17
JGPIPIARA Soares, 1591 –18
JGTATÎNA Valle, 1585 -360a
JIBOA Travaços, 1596 – 198
JNAGÊ GUAÇU Soares, 1591 –106
JNAGÊ MERJ Soares, 1591 –106
JPECAPÂRA Valle, 1585 – 120
JPECUM Soares, 1591 – 152
JRAITIG Valle, 1585 – 409
JTACIBA Valle, 1585 – 426
JTAOCA¹ Soares, 1591 –8
JTAOCA² Soares, 1591 – 230
JUCURUTÚ Souza, 1587 – 176
JUIGIÁ Souza, 1587 – 224
JUIGOARAIGARAI Souza, 1587 – 224
JUIHI Souza, 1587 - 224
JUIM Souza, 1587 – 225
JUIPEREGA Souza, 1587 – 227
JUIPONGA Souza, 1587 – 228
JUNDIÁ Anchieta, 1585 – 301
JUPARÁ Souza, 1587 – 21
JUPATI Souza, 1587 – 28
JUQUIÁ Souza, 1587 – 265
JURARA Valle, 1585 - 178
JURUCUGUÂ Valle, 1585 – 187
JURUTI Souza, 1587 – 98
KAMOUROPOUY-OUASSOU Léry, 1578 – 247
KEY Staden, 1557 – 37
KUREMA Léry, 1578 – 252
LERÎMERIM Souza, 1587 – 338
LERIPÉ Léry, 1578 – 339
LERÍPEBA Souza, 1587 -339
LERÎUÇU Souza, 1587 – 338
LERY Léry, 1578 – 338

MACACICA Souza, 1587 – 123
MACAPIG Valle, 1585 – 276
MACIURÍ Valle, 1585 – 315
MACKUKAWA Staden, 1757 – 180
MACOCOÛA Léry, 1578 – 180
MACOUACANNA Thevet, 1557 – 180
MACOUACANNA Thevet, 1575 – 180
MACUAGOÁ Souza, 1587 – 180
MACUCAGOÁ Gândavo, 1576 – 180
MACUCAGUA Cardim, 1583– 180
MACUCAGUA Soares, 1591 –180
MACUCAGUÂ Soares, 1591 –180
MACÛCAGUÂ Valle, 1585 – 180
MÁDIJ Valle, 1585 – 306
MÁGÁGA Valle, 1585 – 413
MAGATA-OUASSOU Thevet, 1575 – 12
MAGOARI Souza, 1587 – 94
MAMOÁ Souza, 1587 – 390
MAMOÁ Valle, 1585 – 390
MANDAIG Soares, 1591 –306
MANGANGAY Valle, 1585- 413
MANIMA Cardim, 1583 – 195
MANIMA Soares, 1591 –195
MARACAJÁ Souza, 1587 – 12
MARACAJAMERJ Soares, 1591 – 12
MARACANAGUAÇU Soares, 1591 –172
MARACANAMERJ Soares, 1591 –157
MARACAYA Valle, 1585 – 12
MARACAYA-ETE Valle, 1585 – 12
MARACOANÏ Valle, 1585 – 372
MARACUGUARA Souza, 1587 – 310
MARATACACA Soares, 1591 –16
MARCANÁ Souza, 1587 – 169
MARCANÁO Gândavo, 1576 – 165
MARGA Thevet, 1575 – 12
MARGANA Léry, 1578 – 165
MARGANA Thevet, 1557 – 165
MARGANA Thevet, 1575 – 165
MARGANA Thevet, 1587-1588 – 165
MARGANAN-TRESSATÁ Thevet, 1575 - 158
MARGATA Thevet, 1575 – 12
MARGUÍ Souza, 1587 – 397
MARGUI Souza, 1587 – 84
MARIATATACA Soares, 1590 – 16
MARIGUI Valle, 1585 – 371
MARIGUÍ Anchieta, 1560 – 397
MARIGUÍ Anchieta, 1583 – 397
MARIGUIÛNA Valle, 1585 – 397
MATTEPUE Staden, 1557 – 348
MATUIMIRIM Souza, 1587 - 83
MATUIM-AÇÚ Souza, 1587 – 92
MATURAQUÉ Souza, 1587 – 245
MAYACÚ Gândavo, 1576 – 308
MBIRA Valle, 1585 – 384
MEJUARE Soares, 1591 – 42
MENHU Soares, 1591 –106
MERÚ Souza, 1587 – 396
MIARATACACA Anchieta, 1583 – 16
MIGJUI Valle, 1585 – 132
MIGJUIPIRÁ Valle, 1581 – 235
MIGUÁ Valle, 1585 – 150
MÍJUIPIRÁ Valle, 1585 – 235

MÍJUITINGA Valle, 1585 – 133
MIMBABA Anchieta, 1595 – 463
MIROCAIA Souza, 1587 – 283
MIRY Thevet, 1575 – 8
MOCIM Souza, 1587 – 307
MOCIQUIG Valle, 1585 – 429
MOCÍQUIGCANETARA Valle, 1585 - 430
MOCÍQUÍGPIRANGA Valle, 1585 – 430
MOÇÛ Valle, 1585 – 307
MOPETECA Valle, 1585 – 423
MOQUIGRANA Valle, 1585 – 452
MOQUIGRÂNAIGRA Valle, 1585 – 452
MOTIAPEBA Valle, 1585 – 366
MOTU Soares, 1591 –116
MOTÚM Souza, 1587 – 117
MOUTÔ Léry, 1578 – 116
MOUTON Léry, 1578 – 116
MUCIQUÍ Souza, 1587 – 429
MUCUIJÍ Valle, 1585 – 351
MUIEPERERU Souza, 1587 – 143
MURIPHGUY Thevet, 1575 – 36
MURUANJA Souza, 1587 – 395
MURUP Thevet, 1575 – 32
MUTU Cardim, 1583 – 117
MUTUCA Souza, 1587 – 404
MUTUCUCÛ Valle, 1585 – 405

NAMBÚ Souza, 1587 – 179
NARINARI Soares, 1590 – 324
NARINARI Soares, 1591 –324
NARINARI Valle, 1585 – 324
NARINARIPINIMA Valle, 1585 – 323
NARINARJ Soares, 1591 –324
NHÁDÛ Valle, 1585 – 173
NHÁDUÍ Valle, 1585 – 356
NHÁDÛIGUEÇABA Valle, 1585 – 357
NHANDÚ Souza, 1587 – 173
NHANDUABIJÚ Souza, 1587 – 354
NHANDUAÇÚ Souza, 1587 – 355
NHANDUI Souza, 1587 – 356
NHAPUPÉ Souza, 1587 – 185
NHÁPUPE Valle, 1585 – 185
NHATIÛ Valle, 1585 – 399
NHATIUM-AÇÚ Souza, 1587 – 400
NHÊTÍGA Valle, 1585 – 398
NHÊTIGARURU Valle, 1581 – 402
NHITINGA Souza, 1587 – 398
NHÛ APOPEGUAÇU Soares, 1591 – 185
NHÛDIA Soares, 1591 –301
NHÛDIÁ Valle, 1585 – 301

OACAOAM Souza, 1587 – 109
OACARÉ Souza, 1587 – 347
OAPUAÇÚ Souza, 1587 – 348
OAQUARI Souza, 1587 – 298
OATAPÚ Souza, 1587 – 348
OBEQUI Soares, 1591 –230
OITIBÓ Souza, 1587 – 76
OMERY Lamy, 1540 – 393
ORÚ Souza, 1587 – 119
OUARA Léry, 1758 – 251
OUATAPOU Lamy, 1540 –348
OURA Léry, 1578 – 63

OURAHOUASSOUB Thevet, 1575 – 66
OUTA-OURAM Thevet, 1575 – 66

PACA Gândavo, 1571 – 44
PACA Mendonça, 1592 – 44
PACA Soares, 1591 – 44
PACA Souza, 1587 – 44
PACA Travaços, 1596 – 44
PACAI Cardim, 1583 – 44
PACAMO Valle, 1581 – 233
PACCA Gândavo, 1571 – 44
PACQUETÁ Thevet, 1587-1588 – 44
PAG Léry, 1578 – 44
PAGUE Léry, 1578 – 44
PAGUEST Thevet, 1587-1588 – 44
PAICACU Léry, 1578 – 98
PAIRARI Soares, 1591 – 99
PANAGUACARÊ Valle, 1581 – 342
PANAMA Anchieta, 1583 – 443
PANAMÁ Souza, 1587 – 447
PANÁMA Valle, 1585 – 443
PANAPANA Léry, 1578 – 316
PANAPANA Soares, 1591 – 316
PANAPANA Thevet, 1557 – 316
PANAPANÁ Souza, 1587 – 316
PANÁPANÁ Valle, 1585 – 316
PANON Thevet, 1557 - 125
PANONKA Thevet, 1575 – 125
PANOÜ Léry, 1578 – 125
PARA Soares, 1591 – 98
PARANÁBORA Valle, 1581 – 466
PARATI Léry, 1578 – 252
PARATÍ Souza, 1587 – 252
PARONÁMBORA Anchieta, 1595 – 466
PARÛ Valle, 1581 – 280
PAU Thevet, 1575 – 8
PAYRARY Souza, 1587 – 99
PEGASSOU Léry, 1578 – 98
PEQUITINIM Souza, 1587 – 230
PERIGOA Souza, 1587 – 349
PEXAROREM Souza, 1587 – 137
PIÁBÁ Souza, 1587 – 238
PICAÇU Soares, 1591 – 100
PICAÇU Souza, 1587 – 100
PICAÇU Valle, 1581 – 98
PICAÇUETE Soares, 1591 – 100
PICAÇUETE Valle, 1581 – 100
PICAÇU IPEPOTÍGA Soares, 1591 – 98
PICAÇUPITÁGA Soares, 1591 – 98
PICAÇUTÍGA Valle, 1581 – 98
PICAIPEBA Soares, 1591 – 101
PICOARA-DAGUA Valle, 1581 – 195
PICUIGUAÇU Soares, 1591 – 100
PICUIPITANGA Soares, 1591 – 102
PINDÁ Souza, 1587 – 327
PINDAIBA Valle, 1585 – 328
PINDAÛNA Valle, 1858 – 328
PIPUPIPUBA Soares, 1591 – 64
PIQUEPEBA Souza, 1587 – 101
PIQUIRATÁ Valle, 1585 – 242
PIRA Anchieta, 1595 – 217
PIRA Léry, 1758 – 229
PIRÁ Anchieta, 1595 – 229

PIRÁ Valle, 1585 – 229
PIRÁACÂMUCÚ Valle, 1585 - 300
PIRAÇAQUEM Souza, 1587 – 230
PIRACUCA Souza, 158 – 292
PIRAEMBU Cardim, 1583 – 275
PIRAGUAIG Cardim, 1583 – 349
PIRAIGÇOCA Valle, 1585 – 340
PIRA-IPOUCHI Thevet, 1557 – 268
PIRA-I-POUCHI Thevet, 1557 – 268
PÎRÂIUUBA Valle, 1585 – 237
PIRAJUBA Soares, 1591 – 300
PIRÂJUBA Valle, 1585 – 284
PIRAMBU Valle, 1585 – 276
PIRA-MIRI Léry, 1758 – 229
PIRANHASOARES, 1591 – 239
PIRANHA Souza, 1587 – 239
PIRÂNHA Valle, 1585 – 239
PIRAPICÚ Souza, 1587 – 293
PIRA-POUCHY Thevet, 1575 – 268
PIRAPUÁ Souza, 1587 – 22
PIRAQUIGBA Valle, 1585 – 267
PIRAQUIRA Souza, 1587 – 230
PIRAQUIROÁ¹ Souza, 1587 – 230
PIRAQUIROÁ² Souza, 1587 – 230
PIRAROBA Valle, 1585 – 261
PIRÁTIAPOÁ Valle, 1585 – 290
PIRÁTINGA Valle, 1585 – 303
PIRAUENE Thevet, 1557 – 235
PIRAYA Valle, 1585 – 239
PIRA-YPOCHI Léry, 1578 – 268
PIRIECO-ABSOU Thevet, 1587-1588 – 191
PIRIGOAI Valle, 1585 – 349
PITAOÃO Souza, 1587 – 64
PIÛ Valle, 1585 – 403
PIÛ Anchieta, 1595 – 403
PIUM Souza, 1587 – 403
POJUI Souza, 1587 – 23
PÔTÍ Valle, 1585 – 361
PÔTÍGUAÇU Valle, 1585 – 363
POTIM Souza, 1587 – 361
POTIPEMA Souza, 1587 – 364
POTIQUEQUIÁ Souza, 1587 – 365
POTÍQUIGQUIYA Valle, 1585 – 365
POTIRÍ Valle, 1585 – 71
POTIRIGGUAÇU Valle, 1585 – 70
POTIUACU Souza, 1587 – 363
PRICKI Staden, 1557 – 36
PUCUCÍ Valle, 1585 – 23
PUCUCY Valle, 1585 – 23
PURAUENE Cardim, 1583 – 248
PURUQUERÊ Valle, 1585 – 446
PUTUNARA Soares, 1591 – 64

QUAINS-PASSA Thevet, 1575 – 32
QUATI Soares, 1591 – 19
QUATI MONDE Soares, 1591 – 19
QUEIROÁ Souza, 1587 – 48
QUEREIBÁ Soares, 1591 – 127
QUEREIVA Cardim, 1583 – 127
QUEREJUÁ Souza, 1587 – 127
QUERICO Souza, 1587 – 243
QUIAMPIAN Léry, 1578 – 122
QUIAPIAN Thevet, 1557 – 122

QUIGBA Valle, 1585 – 451
QUIGBAÍRA Valle, 1585 – 452
QUIGJÚ Valle, 1585 – 406
QUINE Moucheau, 1534 – 32

RAHÛ Anchieta, 1560 – 445
REIRIPEBA Soares, 1591 – 339
RERÎ Valle, 1585 – 338
RERIAPIGNA Valle, 1585 – 359
RERIPEBA Valle, 1585 – 339
RIMBABA Cardim, 1583 – 463

SABIÁ-COCA Souza, 1587 – 146
SABIÁPITANGA Souza, 1587 – 144
SABIÁTINGA Souza, 1587 – 141
SABIÁUNA Souza, 1587 – 145
SACURAUNA Souza, 1587 – 347
SAGOÏ Gândavo, 1576 - 40
SAGOÏ Gândavo, 1576 - 40
SAGOIN Gesner, 1560a - 35
SAGON Des Périers, 1537 - 40
SAGOUÏ Léry, 1578 - 41
SAGOUÏ Marot, 1537 – 40
SAGOUIN Des Périers, 1537 – 40
SAGOUIN Jeanne d'Albret, 1582 – 40
SAGOUIN Marot, 1537 - 40
SAGOUIN Montaigne, 1595 – 40
SAGOUIN Moucheau, 1534 – 40
SAGOUIN Sagon, [1537]- 40
SAGOUIN Thevet, 1557 - 41
SAGOUIN Thevet, 1575 – 41
SAGOUÏN Léry, 1578 – 41
SAGOUYN Anôn., 1537 – 40
SAGOUYN Anôn.¹², 1551 – 40
SAGOUYN Anôn.⁷ [s/d] - 40
SAGOUYN Des Périers [s/d]- 40
SAGOUYN La Fontaine, 1537a, 1537b- 40
SAGOUYN Marot, 1537- 40
SAGOUYN Marot, 1537– 39
SAGOÛYN Thevet, 1587-1588 - 41
SAGUI Soares, 1590 – 40
SAGUIM¹ Souza, 1587 – 40
SAGUIM² Souza, 1587 – 41
SAGUIM Travaços, 1596 – 41
SAGUIN Gesner, 1560a – 40
SAIANHANGÁ Souza, 1587 - 33
SAPICARETÁ Souza, 1587 – 342
SARACOMA Souza, 1587 – 436
SARACURA Souza, 1587 – 121
SARARÁ Souza, 1587 – 444
SARIGE Soares, 1590 – 29
SARIGOY Léry, 1578 – 29
SARIGÓYS Thevet, 1575 – 29
SARIGUÉA Anchieta, 1560 – 29
SARNAMBITINGA Souza, 1587 – 335
SARRACOU Thevet, 1575 – 121
SARRIGOY Léry, 1578 – 29
SAVIÁ¹ Souza, 1587 – 47
SAVIÁ² Souza, 1587 – 52
SAVIÁCOCA Souza, 1587 – 47
SAVIÁTINGA Souza, 1587 – 47
SAYUBUI Souza, 1587 – 142
SEBUI Soares, 1591 – 425

SECHOU Thevet, 1587-1588– 13
SENEMBÚ Souza, 1587 – 217
SEOÁSSOU Léry, 1578 – 1
SERI Souza, 1587 – 374
SERIGOÉ Souza, 1587 – 29
SERNAMBI Souza, 1587 – 335
SERNAMBY Thevet, 1587-1588 – 335
SERWOY Staden, 1557 – 29
SIJÁ Souza, 1587 – 171
SOCA¹ Souza, 1587 – 442
SOCA² Souza, 1587 – 442
SOCA³ Souza, 1587 – 443
SOCAUNA Souza, 1587 – 442
SOCORÍ Souza, 1587 – 313
SOCÓRY Souza, 1587 – 93
SOHIATÁ Thevet, 1557 – 47
SOHIATAN Thevet, 1557 – 47
SOHIATAN Thevet, 1575 – 47
SOÓ Léry, 1578 – 462
SOROROCA Souza, 1587 – 289
SOUBASSOUB Thevet, 1575 – 1
SOUBASSOUP Thevet, 1587-1588 – 1
SUAÇÚ Souza, 1587 – 1
SUAÇUPÁRA Souza, 1587 – 2
SUÇUARANA Souza, 1587 – 13
SUCURIÚ Souza, 1587 – 197
SUIRIRI Souza, 1587 – 148
SUNIATH Thevet, 1587-1588 – 146
SURAJÚ Souza, 1587 – 358
SURUCUCÚ Gândavo, 1571 – 213
SURUCUCÚ Souza, 1587 – 213
SURURÚ Souza, 1587 – 337
SUIIATH Thevet, 1575 – 64

TABITY Lamy, 1540 – 30
TABUIAIÁ Souza, 1587 – 94
TABUJAJÁ Valle, 1585 – 94
TABURAA Valle, 1585 – 387
TACIAHI Souza, 1587 – 426
TACIBURA Souza, 1587 – 418
TACICEMA Souza, 1587 – 418
TACIPITANGA Souza, 1587 – 418
TACUPAPIREMA Souza, 1587 – 282
TACURA Souza, 1587 – 386
TACURANDA Souza, 1587 – 407
TAGOATÔ Valle, 1585 – 106
TAGOATOY Valle, 1585 – 106
TAGUARANHA Soares, 1591 – 17
TAGUATO Anchieta, 1583 – 106
TAGUATOGUAÇÚ Valle, 1585 – 106
TAGUATÔMIRÍ Valle, 1585 – 106
TAGUATOÏ Valle, 1585- 106
TAIASSOU Léry, 1578 – 5
TAIASSOUB Thevet, 1575 – 5
TAIBARANA Soares, 1591 – 237
TAIGTETU Valle, 1585 – 5
TAJAÇÚ Souza, 1587 – 5
TAJAÇUÉTÉ Souza, 1587 – 6
TAJAÇUTIRICA Souza, 1587 – 5
TAJASSOUP Thevet, 1587-1588 – 5
TAMÁDOA Anchieta, 1583 – 62
TAMAÉDUASoares, 1591 – 62
TAMANDOA Anchieta, 1583 – 62

TAMANDOÁ Souza, 1587 – 62
TAMANDUA Cardim, 1583 – 62
TAMANDUA Soares, 1590 – 62
TAMANDUA Soares, 1591 – 62
TAMANDUÂ Anchieta, 1560 – 60
TAMARUTACA Anchieta, 1583 – 360
TAMÊDOÁ Gândavo, 1576 – 62
TAMENDOÁ Botero, 1695 – 62
TAMENDOÁ Gândavo, 1576 – 60
TAMOATA Soares, 1591 – 297
TAMOATÁ Gândavo, 1576 – 297
TAMOATÁ Souza, 1587 – 297
TAMOHALA Thevet, 1575 – 297
TAMOU-ATA Léry, 1578 – 297
TAMOUHATA Thevet, 1557 – 297
TAMOUHATA Gesner, 1560 – 297
TANGARA Cardim, 1583 – 139
TANGARASoares, 1591 – 139
TAOCA Valle, 1585 – 423
TAPATI Cardim, 1583 – 30
TAPÊNA Valle, 1585 – 134
TAPERÂ Valle, 1585 – 134
TAPIHIRE Thevet, 1557 – 31
TAPIHIRE Thevet, 1575 – 31
TAPIHIRE Thevet, 1587 – 1588 – 31
TAPIHIRI Thevet, 1587 – 1588 – 31
TAPIÍRA Anchieta, 1560 – 31
TAPIJRETE Cardim, 1583 – 31
TAPIROUSSOU Thevet, 1575 – 31
TAPIROUSSOU Léry, 1578 – 31
TAPIRUÇÚ Souza, 1587 – 31
TAPITI Léry, 1578 – 30
TAPITI Thevet, 1587 – 1588 – 30
TAPITI Valle, 1585 – 30
TAPIUCABA Valle, 1585 – 433
TAPIUJA Souza, 1587 – 437
TAPOTIM Souza, 1587 – 30
TAPPIRE Lamy, 1540 – 31
TAPUÇÚ Souza, 1587 – 347
TAPYRSIÇÁ Souza, 1587 – 260
TARAÇANGA Valle, 1585 – 424
TARACUTÍGA Valle, 1585 – 425
TARAGUIRA Valle, 1585 – 219
TARAÍBOIA Souza, 1587 – 250
TAREIRA¹ Souza, 1587 – 239
TAREIRA² Souza, 1587 – 269
TAREOBA Souza, 1587 – 333
TARUSÂN Souza, 1587 – 424
TATAEÍRA Valle, 1585 – 412
TATAURANA Anchieta, 1583 – 442
TATO Gesner, 1554 – 57
TATO Scaliger, 1557 – 56
TATOU Belon, 1553 – 54
TATOU Belon, 1555a, 1555b, 1557 – 56
TATOU Léry, 1578 – 56
TATOU Thevet, 1557 – 56
TATOU Thevet, 1587 – 1588 – 56
TATTOU Thevet, 1557 – 56
TATTOU Thevet, 1575 – 57
TATU Cardim, 1583 – 57
TATU Soares, 1591 – 54
TATÚ Gândavo, 1571 – 57
TATÚ Gândavo, 1576 – 57
TATÚ Travaços, 1596 – 56
TATÚ Anchieta, 1560 – 56
TATUAÇÚ Souza, 1587 – 58
TATUAPARA Soares, 1591 – 56
TATUGUAXIMASoares, 1591 – 60
TATÚMERIM Souza, 1587 – 56
TATUPEBA Soares, 1591 – 59
TATÚPEBA Souza, 1587 – 59
TATUPEBUCU Soares, 1591 – 55
TATURAMA Souza, 1587 – 438
TATURANA Valle, 1585 – 438
TATUSIA Botero, 1595 – 55
TATV Gesner, 1554 – 57
TAYAÇU Anchieta, 1583 – 5
TAYAÇÚ Valle, 1585 – 5
TAYAÇUETE Valle, 1585 – 6
TAYACUPITA Cardim, 1583 – 5
TAYACUTIRICA Cardim, 1583 – 5
TAYGASU Staden, 1557 – 5
TEBUCH Thevet, 1575 – 230
TEICOAREIMA Valle, 1585 – 342
TEICOATINA Valle, 1585 – 427
TEJÚ Valle, 1585 – 220
TEJÚGUAÇÚ Valle, 1585 – 220
TEJUNHANHA Valle, 1585 – 222
TEREPOMONG Cardim, 1583 – 272
TEREPONGA Soares, 1591 – 272
TERIGOÁ Souza, 1587 – 429
THABITY Thevet, 1575 – 30
THEÍRAB Thevet, 1557 – 209
TICOARAPUÂ Souza, 1587 – 347
TICOERAUNA Souza, 1587 – 46
TIE Soares, 1591 – 140
TIE APIRAGUIRA Soares, 1591 – 140
TIE GUAÇU Soares, 1591 – 140
TIE GUAISSICA Soares, 1591 – 140
TIE IMBU Soares, 1591 – 140
TIÉJUBA Souza, 1587 – 128
TIE MERJ Soares, 1591 – 140
TIE OBIG Soares, 1591 – 140
TIE OBIGUAÇU Soares, 1591 – 140
TIE PIRÁGA Soares, 1591 – 122
TIÉPIRANGA Souza, 1587 – 122
TIE VNA Soares, 1591 – 140
TIJEIUBA Valle, 1585 – 128
TIJUAÇÚ Souza, 1587 – 220
TIMUÇÚ Souza, 1684 – 234
TIMUCU Valle, 1585 – 388
TIMUNA Souza, 1587 – 129
TIOPURANA Souza, 1587 – 207
TÔATÓ Souza, 1587 – 65
TOATO GUAÇU Soares, 1591 – 65
TOATO MERJ Soares, 1591 – 65
TOCA Botero, 1595 – 154
TOCAM Aldrovandi, 1599 – 155
TOCAN Thevet, 1587 – 1588 – 155
TOÏ Soares, 1591 – 160
TOM Thevet, 1557 – 454
TOM Thevet, 1575 – 454
TOM Thevet, 1587 – 1588 – 454
TON Léry, 1578 – 454
TOUCÁ Léry, 1578 – 155
TOUCAN Gesner, 1560 – 155

TOUCAN Léry, 1578 – 155
TOUCAN Paré, 1579 – 155
TOUCAN Thevet, 1557 – 155
TOUCAN Thevet, 1575 – 155
TOUCAN Thevet, 1587-1588 – 155
TOUCHAM Aldrovandi, 1599 – 155
TOÛI – Léry, 1578 –160
TOUOU Léry, 1578 – 220
TOYM Fernandes, 1511 – 160
TUBURA Soares, 1591 –98
TUCANA Cardim, 1583 – 155
TUCANO Soares, 1591 –155
TUCANO Souza, 1587 – 155
TUCURA Valle, 1585 – 386
TUGUÍGOAÇU Valle, 1585 – 425
TUGUÍGPABEÍGMA Valle, 1585 – 425
TUIM Cardim, 1583 – 160
TUIM Souza, 1587 – 160
TUINDARA Valle, 1585 – 177
TUJUZU Valle, 1585 – 95
TUNGA Souza, 1587 –454
TUNGA Valle, 1585 – 454
TÚNGA Anchieta, 1595 – 454
TUNGAÇU Souza, 1587 – 453
TUNGUÇU Valle, 1585 – 453
TUPIANA Souza, 1587 – 151
TURUIGERA Valle, 1585 –332
TURUMÛBU Valle, 1585 – 336
TUYM Gândavo, 1576 – 160
TUYUYU Souza, 1587 – 95

UANANDI Souza, 1587 – 147
UAPICU Souza, 1587 – 152
UAWARE-PIRANGE Staden, 1557 – 96
UBARANA Souza, 1587 – 246
UBIRACOA Souza, 1587 – 195
UBIRAÇOCA Souza, 1587 – 331, 332
UBIRAÇOCA Souza, 1587 - 307
UBIRAIPU Souza, 1587 – 418
UBOJÁRA Souza, 1857 – 193
UBUBOCA Souza, 1587 – 208
UBUJAÚ Souza, 1587 – 78
UÇA Cardim, 1583 – 380
UÇÁ Valle, 1585 – 373
UÍRATEONTEON Souza, 1587 – 178
UNAUNA Souza, 1587 – 391
UNÚANÁ Valle, 1585 – 187
UPEC Léry, 1578 – 69
UPECA Souza, 1587 – 69
UPERU Souza, 1587 – 313
UPUPIARA Souza, 1587– 18
URA Valle, 1585 – 401
URAEHANGATÁ Souza, 1587 – 130
URAMAÇÁ Souza, 1587 – 294
URANDI Souza, 1587 – 138
URANHEANGATÁ Souza, 1587 – 130
URANHENGATÁ Souza, 1587 - 125
URAOAÇU Souza, 1587 – 110
URAPIAGÁRA Souza, 1587 – 201
URATEON Souza, 1587 – 84
URATINGA Souza, 1587 – 90
URATINGE-WASU Staden, 1557 – 90
URU Cardim, 1583 – 119

URUBU Anchieta, 1583 – 81
URUBU Souza, 1587 – 81
URUBU Valle, 1585 - 81
URUBUTINGA Souza, 1587 – 82
URUCUREAM Souza, 1587 – 174
URUGOA Valle, 1585 - 344
URUMARU Valle, 1585 – 317
URURÁ Valle, 1585 –192
URUTAGUÍ Valle, 1585 – 80
URUTOURANA Anchieta, 1585 – 68
URUTOURANA [DUPLEX] Valle, 1585 – 68
URUTOURANUÇU Valle, 1585 – 68
URUTU Souza, 1587 – 304
URUTU Valle, 1585 – 304
USSÁ Souza, 1587 – 373
USSAÚBA Souza, 1587 – 421

VIVIA Souza, 1587 – 17
VPEC Léry, 1578 – 69
VRU Soares, 1591 – 119
VRUBU Soares, 1591 - 81
VRUBUANGA Soares, 1591 –81
VRUBUTÍGA Soares, 1591 - 82
VRUCUS Soares, 1591 -
VRUCURIAGUAÇU Soares, 1591 –175
VRURUGUAGUAÇU Soares, 1591 –192
VRUTAGUI Soares, 1591 –80

XERORÔ Valle, 1585 – 184

YACAREGUAÇU Anchieta, 1583 - 191
YACUGOARÁ Valle, 1585 – 312
YACUTINGA Anchieta, 1583 – 115
YAQUIRANA Valle, 1585 – 408
YAQUIRANA Valle, 1585 – 408
YATITÁ Valle, 1585 – 345
YATITAGUAÇU Valle, 1585 –345
YATIÚ Anchieta, 1595 – 399
YBIBOCA Valle, 1585 – 208
YBIJARA Valle, 1585 – 193
YBIRAIGPIG Valle, 1585 – 410
YCOARA Valle, 1585 – 419
YETIN Léry, 1578 – 399
YGBIJAÚ Valle, 1585 – 76
YGÇÁ Valle, 1585 – 421
YGÇAUBA Valle, 1586 – 421
YGÇAUBÊ Valle, 1586 –421
YGOARAGOA Valle, 1585 – 54
YNAMBOUMIRI Léry, 1578 – 181
YNAMBOU-OUASSOU Léry, 1578 – 182
YNAMBUTININGA Valle, 1585 – 183
YPECA Valle, 1585 – 69
YPECÚTERETERÊ Valle, 1585 – 153
YPERU Valle, 1585– 313, 325
YPERUQUIGBA Valle, 1585 – 267
YPUPIAPRA Cardim, 1583– 18
YRA Léry, 1578 – 409
YRA-YETIC Léry, 1578 – 409

ZABUCAI Souza, 1587 – 254
ZARIGUEMEIU Cardim, 1583 – 17

Referências

- Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1799. *Catalogo dos livros, que se haõ de ler para a continuação do Dicionario da Lingua Portugueza*. Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- Aldrovandi, U., 1642. *Vlyssis Aldrovandi patricii bononiensis Monstrorum Historia cum paralipomenis historiae omnium animalium. Barthomaeus Ambrosinus in patri Bonon. Archigymnasio Simpl. Med. Professor Ordinarius, Musei Illustriss. Senatus Bonon., et Horti publici Praefectus Labore, et Studio uolumen composuit*. Marcus Antonius Bernia, Bologna.
- Aldrovandi, U., 1699. *Ornithologiae hoc est de avibus historiae libri xii. Ad Clementem VIII Pont. Op. Max. Cum indice septendecim linearum copiosissimo*. Apud Franciscum de Francisci Senensem, Bononiae.
- Alencar, J. M. de, 1878. *Iracema. Lenda do Ceará*. 3ª ed. B. L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro. [1ª ed., 1865].
- Alessandrini, A. & A. Ceregato, orgs., 2007. *A natura picta. Ulisse Aldrovandi*. Editrice Compositori, Bologna.
- Almeida, J. V. de, 1900. *Centenário da descoberta do Brasil. Carta fazendo a descrição das innumeras coisas naturaes, que se encontram na provincia de S. Vicente hoje S. Paulo. Seguida de outras cartas ineditas escriptas da Bahia pelo Veneravel Padre José de Anchieta e copiadas do Archivo da Companhia de Jesus. Traduzidas do latim pelo Professor João Vieira de Almeida com um prefacio pelo Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo*. Typ. da Casa Eclectica, São Paulo.
- Amaral, A. do, 1945b. *Biologia e lingüística*. Tip. Edigral Ltda., São Paulo.
- Anchieta, J. de, Pe., 1595. *Arte de grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil*. Antonio de Mariz, Coimbra.
- Anchieta, J. de, Pe., 1946. *Arte de gramática da língua mais usada do Brasil. Edição facsimilar*. Editôra Anchieta, São Paulo.
- Anchieta, J. de, Pe., 1988. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Editora Itatiaia & Editora da Universidade de São Paulo. [A carta de Anchieta de 1560, *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem*, traduzida, está às pp. 113-139]. [Também in Dias, q. v., pp. 317-347].
- Anôn.¹, [ca. 1537]. *Appologie faicte par le grant abbe des Conards sur les inuectiues Sagon, Marot, La Huterie, pages, valetz, braquetz, etc.* [Pierre Vidoux, Paris].
- Anôn.², [s/d]. *Le Bancquet dhonneur sur la paix faicte entre Clement Marot, Francoys Sagon, Fripelippes, Hueterie et aultres*. [Alain Lotrian, Paris].
- Anôn.³, [ca. 1537]. *Contre Sagon et les siens. Epistre nouvelle faicte par vng amy de Clement Marot*. [Pierre Vidoue, Paris].
- Anôn.⁴, [ca. 1537]. *De Marot et Sagon les treues donnez iusqua la fleur des febues, par lauctorite de labbe des Conardz*. [Antoine Bonnemère, Paris].
- Anôn.⁵, [ca. 1537]. *Epistre a Marot, a Sagon et a La Hueterie*. [Pierre Vidoue, Paris].
- Anôn.⁶, [ca. 1537]. *Epistre responsiue au Rabais de Sagon. Ensemble vne aultre Epistre faicte par deux amys de Clement Marot*. [Pierre Vidoue, Paris].
- Anôn.⁷, 1537. *Le frotte-groing du sagouyn, avec scholies exposantz lartifice, &c.* [Guillaume de Bossozel, Benoît de Gourmont, Paris].
- Anôn.⁸, [s/d]. *Plusieurs traictez par aucuns nouveaulx poetes du different de Marot, Sagon et La Hueterie. Avec le Dieu Gard dudict Marot*. [Olivier Mallard, Paris].
- Anôn.⁹, [ca. 1537]. *Replique par les Amys de lauchteur de la Remonstrance faicte a Sagon, contre celuy qui ce [sic] dict Amy de limprimeur du Coup d'essay, ensemble Responce a Nicolas Denisot qui blasma Marot en vers enragez a la fin du Rabais*. [Pierre Gromors, Paris].

- Anôn.¹⁰, [ca. 1537]. *Les Treues de Marot et Sagon donnees iusques a la fleur des febies par lauctorite de labbe des conardz de Caen*. [Pierre Gromors, Paris].
- Anôn.¹¹, 1537. Epistre a Marot par vng sien amy, in *Disciples et Amys de Marot*, q. v.
- Anôn.¹², 1551. *Cest la dedvction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiqves theatres dressees, et exhibes par les citoiens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, A la sacree Maiesté du Treschristian Roy de France, Henri secõd leur souuerain Seigneur; Et à Tresillustre dame Katharine de Medicis, La Royne son espouse, lors de leur triumphant ioyeux & nouuel aduenement en icelle ville, Qui fut es iours de Mercredy & iedy premier & secõd d'Octobre, Mil cinq cens cinquante, Et pour plus expresse intelligence de ce tant excellent triumphe, Les figures & pourtraicts des principaulx adornementz d'iceluy y sont apposez chacun en son lieu comme l'on pourra veoir par le discors de l'histoire*. Robert le Hoy Robert & Iehan dictz du Gord, [Paris].
- Anthiaume, A., 1916. *Cartes marines, constructions navales, voyages de découverte chez les normands, 1500-1650. Par l'Abbé A. Anthiaume. Licencié És-Sciences Mathématiques, Aumônier du Lycée du Havre. Préface de l'Amiral Bucharde. Tome II*. Ernest Dumont, Éditeur, Paris.
- Armatto de Welti, Z., 1995. *Diccionario guarani de usos. Etnolexicología estructural del guarani jopará. Tercera edición corregida. Unidades léxicas vigentes, ya registradas por Montoya en el S. XVII*. Editorial Fundación Ross, Rosario.
- Asher, A., 1839. *Bibliographical essay on the collection of voyages and travels edited and published by Levinus Hulsius and his successors at Nurenberg from anno 1598 to 1669*. A. Asher, London & Berlin.
- Assis, A. A. F. de, 2002. Inquisição, religiosidade e tranasformações culturais: a sinagoga das mulheres e a sobrevivência do judaísmo feminino no Brasil colonial – Nordeste, séculos XVI-XVII. *Revista brasileira de História*, São Paulo 22 (43): 47-66.
- Auquis, P. R., 1824. *Les poètes François, depuis de XII^e siècle jusqu'à Malherbe, avec une notice historique et littéraire sur chaque poète. Tome troisième*. Imprimerie de Crapelet, Paris.
- Azara, F. de, 1802. *Apuntamientos para la historia natural de los cuadrúpedos del Paragüay y Rio de La Plata. Tomo Segundo*. Imprenta de la Viuda de Ibarra, Madrid.
- Azevedo, A. M. de, org., 2009. *Fernão Cardim. Tratados da terra e gente do Brasil*. Editorial Hedra Ltda., São Paulo.
- Baião, A., 1923. O comércio do pau-brasil, pp. 317-347, in Dias, coord., q. v.
- Barbosa-Rodrigues, J., 1892a. Vocabulario indigena comparado para mostrar a adulteração da língua (Complemento do Poranduba Amazonense). *Annaes da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro 15: 1-83.
- Barbosa-Rodrigues, J., 1892b. *Vocabulario indigena comparado para mostrar a adulteração da língua (Complemento do Poranduba Amazonense)*. Typ. Leuzinger, Rio de Janeiro.
- Barreto, C. X. P., 1960. *Os primitivos colonizadores nordestinos e seus descendentes*. Ed. Melso S. A., Rio de Janeiro.
- Barros, M. C. D. M., 1995. Os 'línguas' e a gramática Tupi no Brasil (século XVI). *Ameríndia*, Paris 19/20: 3-14.
- Bates, H. W., 1863. *The naturalist on the river Amazons; a record of adventure, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel*. John Murray, London.
- Bayer, J., 1603. *Ioannis Bayeri rhainani I. C. Vranometria, omnium asteris morum continens schemata, nova methodo delineate, aeris laminis expressa*. Magnus Christophorus, Augsburg.
- Belon, P., 1551. *L'histoire naturelle des estranges poisons marins, avec la vraie peinture & description du daulphin, & de plusieurs autres de son espece, obseruee par Pierre Belon du Mans*. Imprimerie de Regnaud Chaudiere, Paris.

- Belon, P., 1553a. *Petri Bellonni Cenomani De aquatilibus, libri duo cum eiconibus ad viuam ipsorum effigiem, quod eius fieri potuit, expressis*. Apud Carolum Stephanum, Typographum Regium, Parisiis.
- Belon, 1553b. *Les observations de plvsievrz singlaritez et choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, par Pierre Belon du Mans. A monseigneur le Cardinal de Tournon. Le catalogue contenant les plus notables choses de ce present liure, est en l'autre part de ce fueillet*. Guillaume Cauellat, Paris.
- Belon, P., 1555a. *Les observations de plvsievrz singlaritez & choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, par Pierre Belon du Mans. Reueuz de nouveau & augmentez de figures*. Guillaume Cauellat, Paris.
- Belon, P., 1555b. *Les observations de plvsievrz singlaritez & choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, par Pierre Belon du Mans. Reueuz de rechef & augmentez de figures, avec vne nouvelle table de toutes les matieres traictées en iceux*. Imprimerie de Christoffle Plantin, Anvers.
- Belon, P., 1557. *Portraits d'oyseaux, animaux, serpens, herbes, arbres, hommes et femmes, d'Arabie & Egypte, obseruez par P. Belon du Mans. Le tout enrichy de quatrains, pour plus facile cognoissance des oyseaux, & autres portraits. Plus y est adiousté la carte du mont Attos, & du mont Sinay, pour l'intelligence de leur religion*. Chez Guillaume Cauellat, Paris.
- Bertoni, A. de W., 1909. Vocabulário zoológico guarani, pp. 541-603. *Congresso Científico Latino Americano 3, 1905, Rio de Janeiro. Relatorio geral, actas e memorias referentes ás secções de pedagogia, antropologia, agronomia e zootecnia*. Tomo 6. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
- Bertoni, A. de W., 1912. Contribución á la biología de las avisvas y abejas del Paraguay (Himenoptera). *Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires* 22: 97-146.
- Biancastella, A., ed., 2004. *Animali e creature mostruose di Ulisse Aldrovandi*. Federico Motta Editore, Milano.
- Bincastella, A., ed., 2005. *Les animaux et les créatures monstrueuses d'Ulisse Aldrovandi*. Actes Sud, Arles & F. Motta, Milan.
- Bode, J. E., 1801. *Uranographia sive astrorum descriptio viginti tabulis aeneis incisi ex recentissimis et absolutissimis astronomorum observationibus*. Berolini.
- Botero, G., 1595. *Delle Relationi Vniuersali di Giovanni Botero Benese. Da lui corrette, & ampliate in più luoghi*. Vittorio Baldini, ad istanza di Febo dal Giglio, Ferrara.
- Botero, G., 1605. *Le Relationi Vniuersali di Giovanni Botero benese, divise in quattro parti. Nella prima parte si contiene la descrizione dell'Europa, dell'Asia, e dell'Africa; & i costumi, ricchezze, negotij, & industria di ciascuna natione. Et si tratta del continente del Mondo Nuouo. Et dell'isole, & penisole sino al presente scouerte. Nella seconda, si dà contezza de' maggiori precncipi del mondo; & delle cagioni della grandezza de i loro stati. Nella terza, si tratta ancor de' popoli d'ogni credenza, cattolici, giudei, gentili, & scismatici. Nella quarta, si tratta delle superstizioni in che viueuano già le genti del Mondo nuouo; e delle difficoltà, e mezi, co'quali è quiui introdotta la religione christiana, & vera. Con le figure, & due copiosissime tauole. Nuouamente ristampate, & corrette*. Agostino Angelieri, Venetia.
- Botero, G., 1618. *Le Relationi Vniuersali di Giovanni Botero benese, divise in sette parti. Alle quali vi sono aggiunte nuouamente i Capitani dell'istesso auttore, con le Relationi di Spagna; del Stato della Chiesa, & di Sauoia. Nella prima parte, si contiene la descrizione dell'Europa, dell'Asia, e dell'Africa; & i costumi, ricchezze, negotij, & industria di ciascuna natione: Et si tratta del continente del Mondo Nuouo: Et dell'isole, & penisole sino al presente scoperte. Nella seconda, si dà contezza de' maggiori precncipi del mondo; & delle cagioni della grandezza de i loro stati. Nella terza, si tratta ancor de' popoli d'ogni credenza, cattolici, giudei, gentili, & scismatici. Nella quarta, si tratta delle superstizioni in che viueuano già le genti del Mondo nuouo; e delle difficoltà, e mezi, co'quali è quiui introdotta la religione christiana, & vera. Nella quinta, dassi consezza di ciò, che fecero i Capitani Illustri nella Europa. Nella sesta, discriuono le Relationi de i Regni di Spagna, e dello Stato della Chiesa. Con le figure, & due copiosissime tauole. In'oltre s'aggiunge nell'vltimo vn breue racconto di mostri, & vsanza di quelle indici, con le sue figure al naturale d'Alessandro de Vecchi. Nuouamente ristampate, & corrette*. Alessandro Vecchi, Venetia.
- Botero, G., 1640. *Relationi Universali di Giovanni Botero benese. Diuise in quattro parti. Arricchite di molte cose*

rare, e memorabili, e con l'ultima mano dell'autore. Aggiuntoui di nuouo La Ragione di Stato del medesimo. Appresso I Givnti, Venetia.

- Brochado, L., 1569. *Primavera de meninos*. João de Barreira, Coimbra.
- Buck, A., P. Costabel, A. G. Debuset *al.*, eds., 1973. *Les sciences de la Renaissance*. Librairie Philosophique J. Vrin, Paris.
- Bueno, F. da S., 1998. *Vocabulário tupi-guarani português. 6ª edição revista e aumentada*. Éfeta Editora, São Paulo.
- Burnell, A. C., ed., 1885. *The voyage of John Huyghen van Linschoten to the East Indies. From the old English translation of 1598. The first book containing his description of the east. In two volumes. Vol. I*. Hakluyt Society, London.
- Camenietzki, C. Z., 1999. Esboço biográfico de Valentin Stansel (1621-1705), matemático jesuíta e missionário na Bahia. *Ideação*, Feira de Santana 3: 159-182.
- Camenietzki, C. Z. & C. A. de M. R. Zeron, 2000. Quem conta um conto aumenta um ponto: O mito do ipupiara, a natureza americana e as narrativas da colonização do Brasil. *Revista de Indias*, Madrid 60 (218): 111-134.
- Camerarius, J., 1595. *Symbolorum & emblematum animalibus quadrupedibus desumptorum cetera altera collecta a Ioachino Camerario medico norimberg. Exponuntur in hoc libro rariores tum animalium proprietates [sic] tum historiae ac sententiae memorabiles*. Paulus Kaufmann, Norimbergae.
- Camus, A. G., 1802. *Mémoire sur la Collection des Grands et Petits Voyages, et sur la Collection des Voyages de Melchisedech Thevenot*. Baudoin, Imprimeur de l'Institut National, Paris, "An XI".
- [Cardim, F.], 1625. A Treatise of Brazil, written by a Portugall which had long lived there, pp. 1289-1320, in Purchas, 1625, q. v.
- Cardim, F., 1847. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, (S. Paulo), etc. desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovam de Gouvea. Escripta em duas cartas ao P. Provincial em Portugal pelo P. Fernão Cardim Ministro do Collegio da Companhia em Evora etc. etc.* Imprensa Nacional, Lisboa.
- [Cardim, F.], 1906. A Treatise of Brazil, written by a Portugall which had long lived there, pp. 418-503, in Purchas, 1905-1907, q. v.
- Cardim, F., 1925. *Tratados da terra e gente do Brasil. Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garecia*. Editores – J. Leite & Cia., Rio de Janeiro.
- Cardim, F., 1939. *Tratados da Terra e Gente do Brasil. Introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia*. Companhia Editora Nacional [Bibliotheca Pedagogica Brasileira, Série 5ª, Brasileira, vol. 168], São Paulo.
- Cardim, F., 1978. *Tratados da Terra e Gente do Brasil (Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia)*. (3ª. ed.). Companhia Editora Nacional & Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, São Paulo [Brasiliiana, vol. 168].
- Cardim, F., 1980. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Editora Itatiaia Limitada & Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte.
- Cardim, F., 1997. *Tratados da Terra e Gente do Brasil. Transcrição do texto, introdução e notas por Ana Maria de Azevedo*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa.
- Carvalho, C. T. de, 1969. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. Fundação Parque Zoológico, São Paulo.
- Cascudo, L. da C., 1938. Peixes no idioma tupí. (Revisão de notas de Alberto Vasconcellos). *Revista marítima brasileira*, Rio de Janeiro 59 (11-12): 477-501.
- Castex, M. N., ed., 1968. *Sanchez Labrador: Peces y aves del Paraguay Natural Ilustrado, 1767*. Compañía General Fabril Editora S. A., Buenos Aires.

- Céard, J., 1975. Pierre Belon, zoologist. *Actes du Colloque Renaissance-Classique du Maine*, Le Mans 1: 129-140.
- Cellarius, A., 1660. *Atlas coelestis seu harmonia macrocosmica*. Johannes Janssonius, Amsterdam.
- Chermont de Miranda, V., 1944. Estudos sobre o Nhêengatú. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro 64: 1-127 (“1942”).
- Clerot, L. F. R., 1959. *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba. (Estudo de Glotologia e Semântica paraibana)*. Rio de Janeiro.
- Clive, H. P., 1983. *Clément Marot: An annotated bibliography*. Grant & Cutler, London.
- Clusius (L'Écluse), C. (de), 1605. *C. Clusii... Exoticorum libri decem: quibus Animalium, Plantarum, Aromatum, aliorumque peregrinorum Fructuum Historiae describuntur: item P. Bellonii observationes, eodem C. Clusii interprete*. Officina Plantiniana Raphelengii, [Leyden].
- Cole, F. J., 1949. *A History of Comparative Anatomy, from Aristotle to the Eighteenth Century*. Macmillan, London.
- Colet, C., [ca. 1537]. *Remonstrance a Sagon, a la Hueterie et au poete champestre*. [Pierre Vidoue, Paris].
- Colin, G., [s/d]. *Epistre enuoyee a Clement Marot et Francoys Sagon tendant a leur paix*. [Vivant Gaultherot, Pierre Vidoux], Paris.
- Crié, L., 1882a. Pierre Belon du Mans et l'Anatomie Comparée. *Revue Scientifique*, Paris 3 (16): 481-485.
- Crié, L., 1882b. Pierre Belon et la nomenclature binaire. *Revue Scientifique*, Paris 3 (24): 737-740.
- Crié, L., 1883a. Les voyages de Pierre Belon et l'Égypte au XVI^e siècle. *Revue Scientifique*, Paris 4 (7): 197-203.
- Crié, L., 1883b. Pierre Belon et l'Horticulture. *Revue Scientifique*, Paris 3 (17): 534-538.
- Crié, L., 1883c. Pierre Belon et l'Ichtyologie. *Revue Scientifique*, Paris 4 (24): 741-745.
- Crié, L., 1883d. Pierre Belon du Mans et son oeuvre. *Bulletin de la Société Philotechnique du Maine* 3 (3): 121-125.
- Crié, L., 1884. Pierre Belon et l'Histoire Naturelle du dauphin. *Revue Scientifique*, Paris 5 (22): 689-692.
- Cunha, A. G. da, 1978. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Edições Melhoramentos & Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, São Paulo.
- Dalby, D. & P. E. H. Hair, 1966. “Le Langaige du Brésil”: A Tupi vocabulary of the 1540's. *Transactions of the philological Society* 65 (1): 42-66.
- De Bry, T., 1592. *America tertia pars memorabilē provinciae Brasiliae historiam continēs, germanico primum sermone scriptam à Joãne Stadio Homburgensi Hesso, nunc autem latinitate donatum à Teucrio Annaeo Privato Colchanthe Po: & Med: Addita est narrativo profectionis Ioannis Lerij in eamdem Provinciam, quā ille initio gallicē conscripsit, postea veró Latinam fecit. His accessit descriptio morum & ferocitatis incolarum ilius regionis, atque colloquium ipsorum idiome conscriptum. Omnia recens evulgata, & eiconibus in aes incisis ac ad virum expressis illustrata, ad normam exemplaris praedictorum auctorum: studio & diligentia Theodori de Bry Leodiensis, atque civic Francofurtensia anno MDXCII*.
- De Bry, T., 1593. *Dritte Buch Americae, darinn Brasilia durch Johann Staden von Homburg auss Hessen auss eigener erfahrung in Teutsch beshreiben. Item historia der Schiffart Ioannus Lerij in Brasilien welche erselbst publiciert hat jetzt von newelin verteutsch durch Teucrium Annaeum Privatum, C. von Wilden yner hörten wesen der Innwoner von allerley frembden Gethieren und Gewachsen sampt einem Coloquio in der Wilden Sprach. Alles von newen mit künstlichen Figuren in Kuppfer gestochen und am Tag geben durch Dieterich Bry von Lüttich jetzt Burger zu Franckfurt am Mayn*.
- De Bry, T., 1597. *Das VII. Theil America. Warhafftige und liebeliche Beschreibung etlicher fürnemmen indianischen Landschaften und Insulen die vormals in keener Chroniken gedacht und erstlich in der Schiffart Vlrici*

Schmidts von Straubingen mit grosser gefahr erkündigt und von ihm selber auff fleissigst beschrieben und dargestham. Und an Tag gebracht durch Dietterich von Bry Anno M.D.XCVII.

- De Bry, T., 1599. *America pars VII. Verissima et icvndissima descriptio praecipvarvm quarvndam Indiae regionum & insularum, quae quidem nullis ante haec tempora visae cognitaeque, iam primum ab Vlrico Fabro [Ulrich Schmidel] Straubingensi, multo cum periculo inuentae & ab eodem summa diligentia consignatae fuerunt, ex germanico in latinum sermonem conversa autore M. Gotardo Artvs Dantiscano. Illustrata verò pulcherrimis imaginibus, & in lucem emissa, studio & opera Theodorici de Bry piae memoriae relictæ viduae & filiorum. Anno Christi M.D.XCIX.*
- De Bry, T., 1628. *Dreyzehender Theil Americae, das ist: Fortsetzungen der Historien von der Newen Welt oder Nidergangischen Indien waran es auss diese Zeit noch anhers ermangelt. Darinnen erstlich ein seltsame und gründliche Beschreibung dess Neuen Engelandts welches die Englische das new erfundene Landt neunnen so bissher noch nicht an Tag kommen, zum andern ein aussfuhrlichere Erzehlung von Bechafftheit der Landschaften Virginia, Brasilia, Guiana, und Insuln Bermuda, deren man visshero schlechte und unvollkommen Wissenschaft gehabt. Drittens gantz newer aber doch warhafftiger Bericht von dem vissher noch unnerkanten grossen Theil dess Erdkreises Terra Australis oder Incognita, dorvon noch in keiner Reise oder Schiffart melding bechehen. Sampt allem dem jenigen was in einer und andern beschriebenen Landschaft nichts aussgescheiden denckwürdigis zu sehen und mit Lust und Verwunderung anzuhören. Am Ende ist vmb gleichheit der Materien willen hierbey gesugt ein weitlaufftiger Discurs wie die Statt S. Saluator unnd Baia in Brasilien, respective verlohren und wider gewonnen worden. Alles mit eygefugten Kupferstucken und zu gehorigen gantz neuen lustigen Landschafftien erlautert und gesziert auch biss auff das 1627. Jahr continuirt. Gedruck des Gaspar Rotel in Verlegung Matthei Merian, Franckfurt.*
- De Bry, T., 1630. *Vierzehender Theil Americanischer Historien inhaltend erstlich warhafftige Beschreibung etlicher west-indianischer Landen in dem Theil Americae gegen mitternacht hinder Nova Hispania gelegen auss New Mexico, Cibola, Cinaloa, Quiuira, und anderer deren bissher in unserm west-indianischen Werck theils gar nicht theils sehr wenig gedacht worden sampt Denckwürdigen Geschichten und Wundermercken der Natur in Jucatan, Guatimala, Honduras und Panama. Wie auch vom Zustandt etlicher Englischen Colonien, wie sich die in lauffendem 1630. Jahr befinden. Zum Andern eine Schiffart der Holländer under dem Admiral Jacob Eremitn umb die gantze Welt und was ihm auft dieser sehr langer und gefährlichen Reyse begegnet alles in Form eines Journals oder Tagregisters fleissig verzeichnet. Zum dritten historische Erzehlung welcher die sehr reiche spanische Silberflotta durch Peter Hein General der Holländische Armada in dem Hafen Mtanza der Insul Cuba im September dess Jahrs 1628, ertapt und heim gebracht worden. Zum vierdten was massen die Staat Olinda de Fernambuco in Brasilien sampt dem Meerport und dabey ligenden Castelln durch die Holländer under dem General Heinrich Cornelis Loncq erobert worden im Monat Februario dess Jahrs 1630. Alles mit zuheehorigen Tafeln und Kippferstücken gezieret verlegt und an den Tag gegeben durch Mattheum Merian Buchhandlern Kunststechern zu Frankfurt am Mayn. David Aubrey, Hanau.*
- De Bry, T., 1634. *Decima tertia pars Historiae Americanae, quae continent exactam et accuratam descriptionem I. Nova Angliae, Virginiae, Brasiliae, Guianae, & insulae Bermuda, quarum hactenus exigua & imperfecta notitia habita fuit. II. Terrae Australis incognitae, cuius chorographia ante hac in nullo itinero aut navigatione litteris tradita. III. Expugnationis vrbus S. Salvatoris & Sinu Omnium Sanctorum ab Hollandis facta, & quomodo Hispani vrbe & sino illo ursus potitesint. IV. Novi Mexici, Cibolae, Cinaloae, Quivirae, rerumq' memorabilium, quae in Iucatan, Guatimala, Fonduris & Panama observatae sunt, nec non aliquota Anglicarum in locis coloniarum. V. Navigationis Hollandorum per vniversum orbem, disse Iacobo Eremitae. VI. Classis Hispanicae praeditivis ab Hollandis, duce Petro Heinio, in portu insulae Matanzae dicitur, interceptae. VII. Vrbis Olindae de Fernambuco in Brasilia ab Hollandis, duce Henrico Cornelio Lonckio, occupatae. Additis passim tabvlis aeri incisis, quibusjam memoratae descriptiones illustrantur. Sumptibus Matthaei Meriani civis & chalcographi francofurtensis, Francofvrti ad Moenvm.*
- Defaux, G., 1993. *Oeuvres poétiques de C. Marot. Vol. II.* Bordas, Paris. [Pp. 140-148: "Le valet de Marot contre Sagon, Frippelippes, secretaire de l'Abbé de Saint Evroul", de Clément Marot, de 1537].
- Delaunay, P., 1923. Les voyages en Angleterre du médecin naturaliste Pierre Belon. *Proceedings of the International Congress of the History of Medicine*, Anvers 3: 306-308.
- Delaunay, P., 1926a. *L'aventureuse existence de Pierre Belon du Mans.* Edouard Champion, Paris.
- Delaunay, P., 1926b. *Pierre Belon, naturaliste.* Imprimerie Monnoyer, Le Mans.
- Delaunay, P., 1962. *La zoologie au seizième siècle.* Hermann, Paris.

- Denis, F., 1850. *Une fête brésilienne célébrée a Rouen en 1550. Suivie d'un fragment du XVI^e. siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovam Valente*. J. Techener, Libraire, Paris.
- [Des Périers], B., 1537. Povr Marot absent contre Sagon, par Bonaventvre valet de chambre de la Royne de Nauarre, in *Disciples et Amys de Marot*, q. v.
- Des Périers, B., [s/d]. *Responce a Labbe des conars de Roven*. [Louis Blaubloom] Jean Morin, Paris.
- De Wit, H. C. D., 1992-1994. *Histoire du développement de la Biologie*. Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, Lausanne.
- Dias, C. M., coord., 1923. *História da colonização portuguesa do Brasil. Vol. 2*. Litografia Nacional, Porto.
- Dietrich, W. & V. Noll, 2010. O papel do tupi na formação do português brasileiro, pp. 81-103, in Noll & Dietrich, eds., 2010, q. v.
- Disciples et Amys de Marot, 1537. *Les disciples et amys de Marot contre Sagon, La Hueterie et leurs adherentz*. [Louis Blaubloom, Jean Morin, Paris].
- Donattini, M., 1992. Orizzonti geografici dell'editoria italiana (1493-1560), pp. 79-154, in Prosperi & Reinhard, eds., q. v.
- Drumond, C., 1952-1953. Vocabulário na lingua brasilica [Confrontado com o MS. Fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa]. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo 135 (Etnologia e Tupi-Guarani no. 23): 1-154, 1952; 164 (Etnologia e Tupi-Guarani no. 26): 1-149, 1953*.
- Drumond, C., 1952. *Vocabulário da língua brasilica. 1^o vol. (A-H), 2^o vol. (I-Z)*. (2^o ed., revista e conferida com os MS. Fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa). S/e., São Paulo.
- Egmond, F., P. Hoftijzer & R. Visser, eds., 2007. *Carolus Clusius: Towards a cultural history of a Renaissance naturalist*. Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, Amsterdam.
- Eisler, C., 1991. *Dürer's animals*. Smithsonian Institution Press, Washington, D. C.
- Fantuzzi, G., 1774. *Memorie della vita di Ulisse Aldrovandi medico e filosofo bolognese con alcune lettere scelte d'uomini eruditi a lui scritte, e coll'indice delle sue opere mss., che si conservano nella Biblioteca dell'Istituto dedicate agli erud.^{mi} accademici dell'Istituto di Bologna*. Stampe di Lelio dalla Volpe, Bologna.
- Faria, F. L. de, 1972. Os impressos quinhentistas portugueses, referentes exclusivamente ao Brasil. *Revista das Ciências do Homem*, Lourenço Marques (A) 4.
- Farinha, B. J. de S., 1787. *Summario da Bibliotheca lusitana. Tomo III*. Officina da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- Fehr, H. A., 1924. *Massenkunst im 16. Jahrhundert: Flugblätter aus der Sammlung Wickiana*. H. Stubenrauch, Berlin.
- Fernandes, D., 1861. Roteiro de Duarte Fernandes, e mais documentos officiaes, relativos á viagem da náoo Bretoa até Cabo Frio em 1511. Dyario da náoo bertoa que vay para a terra do brazyll de que tem armadores bertolameu marchone e Benedito morelle e fernã de Iloronha e Francisco mjz que partio deste porto de lixa a xxij de feureiro de 511. *Revta trimensal do Instituto historico, geographico e ethnographic do Brasil* 24: 96-111.
- Finger, S. & M. Piccolino, 2011. *The shocking history of electric fishes*. Oxford University Press, New York.
- Fischer, F. C. J., 1792. *Geschichte des teutschen Handels. Vierter Theil*. Helwingschen Hofbuchhandlung, Hannover.
- Fonseca e Silva, J. G. da, 2007. *Modos de pensar, maneiras de viver: Cristãos-novos em Pernambuco no século XVI*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Fontaines, C., 1537. Epistre a Sagon et a la Hueterie, in Disciples et Amys de Marot, q. v.

Gândavo, P. de M., ca. 1571a. *Tractado da prouincia do Brasil no qual se contem a informaçã das cousas que ha na terra, assi das capitãncias e fazendas dos moradores que viuem pella costa, E doutras particularidades que aqui se cõta: como tambẽ da condiçã e bestiaes custumes do Indios da terra, E doutras estranhezas de bichos q' ha nestas partes, offerecido a muito Alta e serenissima Sõra Dona Catherina Rainha de Portugal Snõra nossa. Visto e approuado pellos deputados da Sancta inquisiçã.* MS no. 2026 (cópia, do início do século XVI) da coleção Sloaniana, British Museum, Londres. [Segundo La Figanière (1853: 164-165): 'É dividido em duas partes; a primeira tem por titulo: *Declaração da Costa*, e contém 9 capitulos; a segunda: *Cousas geraes por toda a Costa*, com 8 capitulos. No principio ha a dedicação á Rainha²⁷⁸, e o prologo ao leitor. Falta o nome do auctor. Consta de 48 folhas ou 96 paginas; boa letra portugueza'. Pereira Filho (1965) publicou uma reprodução fac-similar desse manuscrito, com transcrição e comentários. Na Biblioteca da Ajuda há uma cópia do manuscrito do Museu Britânico (Ms. No. 51.V.31), do século XVIII (cf. Pereira Filho, 1965: 21-22)].

Gândavo, P. de M., ca. 1571b. *Tractado da terra do Brasil no qual se cõtem a informaçã das cousas que ha nestas partes feito por Põ de magalhaẽs.* MS F. G. 552 (cópia do início do século XVII) na Biblioteca Nacional de Postugal, Lisboa. [Disponível na internet].

Gândavo, P. de M., 1576. *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. Sñor Dom Leonis Pra governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul da India.* Officina de Antonio Gonsalvez, Lisboa.

Gândavo, P. de M., [1924]. *I. Tratado do Brasil. II. Historia da Provincia Santa Cuz.* Edição do Anuario do Brasil (Classicos brasileiros. II. Historia), Rio de Janeiro.

Garcia, R. [A. de A.], 1913. *Nomes de aves em língua tupi (Contribuição para a lexicografia portuguesa)*, 37 pp. Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Rio de Janeiro.

Garcia, R., 1944. Exotismos franceses originários da língua tupi. *Anais da Biblioteca nacional*, Rio de Janeiro 64: 127-175 ("1942").

Gesner, C., 1554a. *Historiae animalium liber II. de Quadrupedibus ouiparis. Adiectae sunt etiam aliquot quadrupedum figurae, im primo libro de quadrupedibus uiuiparis desideratae, cum descriptionibus plerorumque breuissimis: item ouiparorum quorundam appendix.* C. Froshoverus, Tigvri [= Zürich].

Gesner, C., 1554b. *Appendix Historiae Quadrupedum uiuiparorum & ouiparorum Conradi Gesneri tigurini.* C. Froshoverus, Tigvri [= Zürich].

Gesner, C., 1558. *Conradi Gesneri medici tigurini Historiae Animalium liber II. de quadrupedibus ouiparis. Adiectae sunt etiam nouae aliquota quadrupedum figurae, in primo libro de quadrupedibus uiuiparis desideratae, cum descriptionibus plerorumque breuissimis: item ouiparorum quorundam appendix.* C. Froshoverus, Tiguri [= Zürich].

Gesner, C., 1560a. *Icones animalium quadrupedum viviparorum et oviparorum, quae in Historiae Animalium Conradi Gesneri libro I. et II. describuntur; cum nomenclaturis singulorum latinis, graecis, italicis, gallicis, et germanicis plerumque, et aliarum quoque linguarum, certis ordinibus digestas. Editio secunda, nouis iconibus non paucis, & passim nomenclaturis ac descriptionibus auctior. Le figure de gl'animali quadrupedi d'ogni sorte. Les figures & pourtraicts des bestes a quatre piedz de toute sorte. Die Figuren und Contrafacturen von allerley vierfüßigen Thieren. Accedunt & indices secundum diversas linguas in fine libri.* C. Froshoverus, Tiguri [= Zürich].

Gesner, C., 1560b. *Nomenclator Aquatilium Animantium. Icones animalium aquatilium in mari & dulcibus aquis degentium, plusquam DCC. cum nomenclaturis singulorum Latinis, Graecis, Italicis, Hispanicis, Gallicis, Germanicis, Anglicis, alijsq' interdum, per certos ordines digestae; Explicantur autem singulorum nomina ac nominum rationes, presertim in Latina et Graeca lingua vberimè: et nominum confirmandorum causa descriptiones quorundam, et alia quaedam, presertim in magno nostro De aquatilibus volumine non tra-*

²⁷⁸ Catarina de Áustria ou Catarina de Habsburgo (16507-1578), filha de Joana, a Louca, rainha de Espanha, e de Filipe, o Belo, arquiduque da Áustria e Duque da Borgonha. Casou-se a 5 de fevereiro de 1515 com o rei D. João III de Portugal, tornando-se rainha consorte até à morte do esposo em 1557. Foi mãe da infanta Maria Manuela e do Príncipe João e avó do rei D. Sebastião. Durante a menoridade do neto, exerceu a regência do reino entre 1557 e 1562.

- dita, adduntur: deq' singelis Rondeletij, Bellonij, Saluiani, et nostrae sententia explicantur breuissimè. Le figure de pesci e d'altri animali, li quali uiuono nel'acque salse e dolci, piu che DCC. Les figures & pourtraicts de plus de DCC. poissons & austres bestes aquatiques tant de la mer, que dès aux douces. Figuren vnc Contractaturen Von allerley fischen vnd anderen thieren, die im meer vnd süssen wasseren gefunden werdend, mee[sic] daß DCC. Christoph. Froschovervs, Tiguri.*
- Gesner, C., 1560c. *Icones avium omnium, quae in historia avium Conradi Gesneri describuntur, cum nomenclaturis singulorum latinis, italicis, galicis et germanicis plerumque, per certos ordines digestas. Editio secunda, nouis aliquos eiconibus aucta. I ritratti e le figure de gli ucelli. Les figures & pourtraicts des oiseaux. Die Figuren vnc contracturen der Vögel.* C. Froschovervs, Tiguri.
- Glotelet, N., 1537. Apologie de Maistre Nicole Glotelet, de Victry en Partoys, pour Clement Marot, contre Le Coup d'essay fait par vng Cerite ou Mathelineux, nommé Sagō, in Disciples et Amys de Marot, q. v.
- Grenier, A., 1920. *Oeuvres complètes de Clément Marot revues sur les meilleures éditions avec une notice et un glossaire. Tome premier.* Librairie Garnier Frères, Paris.
- Groves, C., 2008. *Extended Family: Long lost cousins. A personal look at the history of primatology.* Conservation International, Arlington.
- Gudger, E. W., 1934. The Five Great Naturalists of the Sixteenth Century: Belon, Rondelet, Salviani, Gesner and Aldrovandi: a Chapter in the History of Ichthyology. *Isis* 22: 21-40.
- Guénin, E., 1901. *Ango et ses pilotes. D'après des documents inédits tirés des archives de France, de Portugal et d'Espagne.* Imprimerie Nationale & Librairie Maurice Prudhomme, Paris.
- Guiffrey, G. & B. Yves-Plessis, eds., 1876. *Les oeuvres de Clement Marot de Cahors en Quercy valet de chambre du Roy. Augmentées d'un grand nombre de ses compositions nouvelles par ci-deuant non imprimées. Le tout mieux ordonné comme l'on verra ci-après & soigneusement reueu par Georges Guiffrey. Tome deuxième.* Imprimerie I. Claye, Paris.
- Guiffrey, G. & B. Yves-Plessis, eds., 1881. *Les oeuvres de Clement Marot de Cahors en Quercy valet de chambre du Roy. Augmentées d'un grand nombre de ses compositions nouvelles par ci-deuant non imprimées. Le tout mieux ordonné comme l'on verra ci-après & soigneusement reueu par Georges Guiffrey. Tome troisième.* Imprimerie A. Quantin, Paris.
- Guiffrey, G. & B. Yves-Plessis, eds., 1912. *Les oeuvres de Clement Marot de Cahors en Quercy valet de chambre du Roy. Augmentées d'un grand nombre de ses compositions nouvelles par ci-deuant non imprimées. Tome premier. C'est la vie de Clement Marot.* Jean Schemit, libraire, Paris.
- Guiffrey, G. & B. Yves-Plessis, eds., 1929. *Les oeuvres de Clement Marot de Cahors en Quercy valet de chambre du Roy. Augmentées d'un grand nombre de ses compositions nouvelles par ci-deuant non imprimées. Tome quatrième. Epigrammes – Estrennes – Epitaphes – Cimetiere – Complaignctes – Oraisons.* Jean Schemit, libraire, Paris.
- Guiffrey, G. & B. Yves-Plessis, eds., 1931. *Les oeuvres de Clement Marot de Cahors en Quercy valet de chambre du Roy. Augmentées d'un grand nombre de ses compositions nouvelles par ci-deuant non imprimées. Tome cinquième. Elegies – Ballades – Chants divers – Rondeaux – Chansons – Pseumes – Oeuvres posthumes – Oeuvres inedites.* Jean Schemit, libraire, Paris.
- Hakluyt, 1811. A special note concerning the currents of the sea between the Cape of Buena Esperança and the coast of Brasilia, giuen by a French Pilot to Sir Iohn Yorke knight, before Sebastian Cabote; which Pilot had frequented the coasts of Brasilia eighteen voyages, pp. 219-227, in seu Hakluyt's *Collection of the early voyages, travels, and discoveries, of the English nation. A new edition, with additions. Vol. IV.* R. H. Evans, J. MacKinlay & R. Priestley, London.
- Heulhard, A., 1897. *Villegagnon, roi d'Amérique, un homme de mer au XVIe. siècle (1510-1572).* Ernest Leroux, Paris.
- Houaiss, A., M. de S. Villar & F. M. de M. Franco, 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Objetiva, Rio de Janeiro.
- Houtman, F. de, 1603. *Spraeck ende word-boeck, inde Maleysche ende Madagaskarsche talen, met vele Arabische*

end Turcsche woorden: Inhoudende twaelf tsamensprekeningen inde Maleysche, ende drie in de Madagaskarsche spraken, met alderhande woorden ende namen, ghestelt naer ordre vanden A.B.C. alles int Nederduytsch verduyptst. Noch zijn hier byghevoecht de Declinatien van vele vaste Sterren, staende ontrent den Zuyd-pool. Sonderling nut voor de ghene die de Landen van Oost-Indien besoecken: ende niet min vermakelick voor alle curieuse Lief-hebbers van vreemdicheydt. Alles ghesteldt, gheobserveert, ende bescreven door Fredetick de Houtman van Gouda Jan Evertsz. Cloppenburgh, Amsterdam.

Hulsius, L., 1599b. *Kurze wunderbare Beschreibung dess Goldreichen Königreichs Guianae in America oder neuen Welt unter der linea aequinoctiali gelegen: So newlich Anno 1594, 1595, vnd 1596, von dem Wolgeborenen Herrn Herrn VValthero Raleigh einem Englischen Ritter besucht worden: Erstlich auss befehl seiner Gnaden in zewyen Büchlein beschrieben darauss Iodocus Hondius, ein schöne Land Taffel mit einer Niderländischen erklärung gemacht, Jetzt aber ins Hochdeutsch gebracht vnd auss vnterschiedlichen Authoribus erkläret durch Levinum Hulsium.* Impensis Levini Hulsii, Noribergae [= Nuremberg].

Hulsius, L., 1599c. *Brevis & admiranda descriptio Regni Gvianae, avri abvndantissimi, in America, sev Novo Orbe, svb linea aequinoctialia siti: Quod nuper admodum, Annis nimirum 1564 [sic; 1594], 1595 & 1596, per generosum dominum, Dn. Gvalthervm Raleigh eqvite anglum detectum est: paulò post jussu ejus duobus libellus comprehensa: Ex quibus Iodocvs Hondivs tabvlam geographica adornavit, addita explicatione belgico sermone scripta: Nunc verò in Latinum sermonem translata, & ex variis authoribus hinc inde declarata.* Impensis Levini Hulsii, Noribergae [= Nuremberg].

Ihering, H. von, 1898. As aves do Estado de S. Paulo. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo 3: 213-476.

Ihering, R. von, 1938a. Dicionario dos animaes do Brasil. *Boletim de Agricultura*, São Paulo 39: 193-336.

Ihering, R. von, 1940a. *Dicionário dos animais do Brasil*. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo.

Irailh, A. S., Abbé, 1761. Clément Marot et deux poètes décriés, Sagon & La Huéterie, pp. 105-113, in seu *Querelles littéraires, ou mémoires pour servir à l'histoire des revolutions de la republique des lettres, depuis Homère jusqu'à nos jours. Tome premier*. Durand, Libraire, Paris.

Koehler, P. J., S. Finger & M. Piccolino, 2009. The “eels” of South America: Mid-18th-century Dutch contributions to the theory of animal electricity. *Journal of the History of Biology* 42 (4): 715-763.

Kurth, W., 1946. *The complete woodcuts of Albrecht Dürer*. Crown Publisher, New York.

Lacour, L., 1856. *Oeuvres françoises de Bonaventure Des Periers revues sur les editions originales et annotées par M. Louis Lacour. Tome I. Oeuvres diverses – L'Andrie – Le Cymbalum Mundi*. P. Jannet, Libraire, Paris. [O poema *Pour Marot, absent, contre Sagon* encontra-se às pp. 177-182].

La Fontaine, C. de, 1537a. Response a Charles Hvet, dict Hveterie, qvi fait dv Mytouart le Grys, in *Disciples et Amys de Marot*, q. v.

La Fontaine, C. de, 1537b. La complaincte et testament de Francois Sagovyn, dict Sagon, enuoyez a Frippelippes valet de C. Marot, in *Disciples et Amys de Marot*, q. v.

La Hueterie, C. [Huet, dit de], [ca. 1537]. *Responce a Marot dict Fripelippes et a son maistre Clement*. Jean Lucquet [Olivier Mallard], Paris.

Legré, L., 1901. *La Botanique en Provence au XVI^e Siècle*. H. Aubertin & G. Rolle, Marseille.

Leite, S., S. J., 1949. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tómo IX. Escritores: de N a Z (Suplemento Bibliográfico – II)*. Instituto Nacional do Livro e Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro & Livraria Portugália, Lisboa.

Leite, S., S. J., 1954. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil. III. (1558-1563)*. Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo.

Leland, W. G., 1932. *Guide to materials for American history in the libraries and archives of Paris. Volume I. Libraries*. Carnegie Institution of Washington, Washington, D. C.

Lemery, N., 1716. *Dictionnaire ou traité universel des drogues simples. Où l'on trouve leurs differens noms, leur*

origine, leur choix, les principes qu'elles renferment, leurs qualitez, leur étymologie, & tout ce qu'il y a de particulier dans les animaux, dans les vegetaux, & dans les mineraux. Ouvrage dépendant de la Pharmacopée Universelle. Troisième édition. Revûe, corrigée, & beaucoup augmentée par l'auteur. Avec des figures en taille douce. Aux dépens de la Compagnie, Amsterdam.

Léry, J. de, 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, avtrement dite Amerique. Contenant la nauigation, & choses remarquables, veuës sur mer par l'auteur. Le comportement de Villegagnon, en ce pais là. Les meurs & façons de viure estranges des Sauuages Ameriquains: avec un colloque de leur language. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout inconnues par deça, dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Non encores mis en lumiere, pour les causes contenues en la preface. Le tout recueillis sur les lieux par Jean de Lery natif de la Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgogne.* Antoyne Chuppin, La Rochelle.

Lestringant, F., org., 1994. *Jean de Léry. Histoire d'un voyage faict en la terre du Bresil (1578). 2e. édition, 1580.* Le Livre de Poche, Paris.

Lestringant, F., 2003. *Sous la leçon des vents. Le monde d'André Thevet, cosmographe de la Renaissance.* Presses Universitaires de France, Paris.

Letessier, F., 1975. Vie et survivance de Pierre Belon. *Actes du Colloque Renaissance-Classique du Maine*, Le Mans 1:107-128.

Liais, E., 1872. *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil.* Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, Paris.

Linschoten, J. H. van, 1595. *Reys-gheschrift vande navigatien der Portugaloyzers in Orienten, inhoudende de Zeewart, soo van Portugael naer Oost Indien, als van Oost Indien weder naer Portugael; insgelijcx van Portugaels, Indien nae Malacca, China, Iapan, d'eylanden van Iava ende Sunda, soo in 't heen varen, als in 't weder keeren; item van China nae Spaenschs Indien, ende wederom van daer nae China; als oock van de gantsche custen van Brasilien, ende alle die havens van dien; item van 't vaste landt, ende die voor eylanden (Las Antillas ghenaeamt) van Spaensches Indien, met noch de navigatie vande Cabo de Lopo Gonsalues, naer Angola toe, aen de custe van Aethiopiën; mitsgaders alle die coursens, havens, eylanden, diepten ende ondiepten, fanden, drooghten, riffen ende clippen, met die gheleghentheydt ende streckinghe van dien. Desghelijcks die tyden vanden jare dat de winden waeyen, met die waerachtighe teeckonen ende kenisse van de tyden, ende het weer, wateren, ende stroomen, op alle die orientaelsche custen ende havens, ghelijck sulcks alles gheobserveert ende aen gheteyckent is, van de Piloten ende s'Coninghs Stuer-luyden, door de ghestadighe Navigatie, ende experientie byde selfde ghedaen ende bevonden. Alles ser ghetrouwelijcken met grooter neersticheyt ende correctie by een vergadert, ende uyt die Portugaloyische ende Spaensche in onse ghemeene Nederlandsche Tale ghetranslateert ende ovdrgheset, door Jan Hoyghen van Linschoten.* Cornelis Claesz., t'Amstelredam.

Linschoten, J. H. van, 1596. *Itinerario. Voyage ofte schipvaert, van Jan Hoygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien, inhoudende een corte beschyvinghe der selver landen ende zee-custen, met aenwysinghe van alle de vooirnaemde principale havens, revieren, hoecken ende bekent: waer by ghevoecht zijn, niet alleen die conterfeytels vande habytten, drachten, ende wesen, so vande Portugesen aldaer residerende, als vande ingeboornen indianen, ende huere tempels, afgoden, huysinghe, met die voornaemste boomen, vruchten, kruiden, speceryen, ende diergelijcke materialen, als ooc die manieren des selfden volckes, so in hunnen godts-diensten, als in politie en huijs-hourdinghe: maer occ een corte verhalinge van de coophandelingen, hoe en waer die ghedreven en ghevonden worden, met die ghedenckeweerdichste geschiednissen, voorghevallen den tijt zijnder residentie aldaer. Alles beschreven ende by een vergardert, door den selfden, seer nut. Oorbaer, ende oock vermakelijcken voor alle curieuse end lief-hebbers van vreemdheden.* Cornelis Claesz., t'Amstelredam.

Luciani, F. T., 2010. Introdução, pp. 9-28, in Souza, 2010, q. v.

Luccock, J., 1881. A grammar and vocabulary of the Tupi language. *Revista trimensal do Instituto histórico, geographico e ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro 44 (1): 1-31.

Machado, D. B., 1752. *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos autores portugueses, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo presente. Tomo III.* Officina de Ignacio Rodrigues, Lisboa.

Machado, J. P., 1967. *Dicionário etimológico da língua portuguesa, com a mais antiga documentação escrita e*

- conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 2ª Edição. 3 vols. Editorial Confluência, Lisboa.
- Malgaigne, J. F., 1840. *Oeuvres complètes d'Ambroise Paré revues et collationnées sur toutes les éditions, avec les variantes; ornées de 217 planches et du portrait de l'auteur; accompagnées de notes historiques et critiques, et précédées d'une introduction sur l'origine et les progrès de la chirurgie en Occident du sixième au seizième siècle, et sur la vie et les ouvrages d'Ambroise Paré. Tome Premier.* J. B. Baillièrre, Paris.
- Malgaigne, J. F., 1841. *Oeuvres complètes d'Ambroise Paré revues et collationnées sur toutes les éditions, avec les variantes; ornées de 217 planches et du portrait de l'auteur; accompagnées de notes historiques et critiques, et précédées d'une introduction sur l'origine et les progrès de la chirurgie en Occident du sixième au seizième siècle, et sur la vie et les ouvrages d'Ambroise Paré. Tome Troisième.* J. B. Baillièrre, Paris.
- Marot, C., 1537a. *Le valet de Marot contre Sagon. Cum commento.* [Louis Blaubloom] Jehan Morin, Paris.
- Marot, C., 1537b. *Rescript a Francoys Sagon & au ieune poete Champestre facteur de la genealogie de Frippelipes. Aueques vng Rondeau faict par Clement Marot dudict ieune poete.* [Paris].
- Marot, C., 1731a. *Oeuvres de Clement Marot, valet de chambre de François I. Roy de France, revûes sur plusieurs manuscrits, & sur plus de quarante editions, et augmentées tant de diverses poësies veritables, que de celles qu'on lui a faussement attribuées: Avec les ouvrages de Jean Marot son pere, ceux de Michel Marot son fils, & les pièces du different de Clement avec François Sagon: Accompagnées d'une preface historique & d'observations critique.* 6 tomos. P. Gosse & J. Neauime, Haye.
- Marot, C., 1731c. *Rescript a Francoys Sagon & au ieune poete Champestre facteur de la genealogie de Frippelipes. Aueques vng Rondeau faict par Clement Marot dudict ieune poete.* [Alain Lotrian, Paris].
- Marot, C., 1731c. *Frippelipes secretaire de Clement Marot, à François Sagon secretaire de l'abbé de saint Evroul* [à p. 418], in Marot, 1731a, q. v.
- Martius, C. F. P. von, 1860. *Die Thiernamen in der Tupi-Sprache. Sitzungsberichte des kaiserlichen bayerischen Akademie der Wissenschaften zu München* 1860: 471-539.
- Martius, C. F. P. von, 1863. *Diccionario, Wörterbuch, Tupi-Portuguez-Deutsch, pp. 31-97 & Nomina animalium in lingua tupi, adjecta synonyma e multis linguis praesertim Brasiliae. Thiernamen in der Tupisprachen, mit Synonymen aus anderen Sprachen und Dialekten, besonders Brasilien, pp. 428-486, in seu Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Glossaria linguarum brasiliensium. Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallão os indios no Imperio do Brasil. Wörtersammlung brasilianischen Sprachen.* Kunge & Sohn, Erlangen.
- Mason, P., 2007. *Americana in the Exoticorum libri decem* of Charles de l'Écluse, pp. 195-219, in Egmond, Hof-tijzer & Visser, eds., q. v.
- Matta, A. A. da, 1938. *Contribuição ao estudo do vocabulario amazonense. Revista do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, Manaus* 6 (1-2): 21-332.
- Mello, J. A. G. de, 1970. *Primeira visitaçã do Santo Officio às partes do Brasil: Confissões de Pernambuco, 1594-1595.* Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Mendoça, H. F. de, 1922. *Primeira visitaçã do Santo Officio as partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça capellão fidalgo del rey nosso senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Officio. Confissões da Bahia. 1591-92.* Paulo Prado, São Paulo.
- Mesnard, P., 1973. *L'horizon zoologique de la Renaissance*, pp. 197-205, in Buck et al., eds., q. v.
- Miall, L. C., 1912. *The Early Naturalists, their lives and work.* Macmillan, London.
- Monardes, N., 1574a. *Primera y segunda y tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que si tienen en medicina. Tratado de la piedra bezaar, y de la yerua escuerçonera. Dialogo de las grandezas del hierro, y de sus virtudes medicinales. Tratado de la nieve y del beuer frio. Hechos por el Doctor Monardes Medico de Seuilla. Van en esta impressio la tercera parte y el dialogo del hierro nueuamente hechos, que no han sido impressos hasta ahora. Do ay cosas grandes y dignas de saber.* Em casa de Alonso Escriuano, Sevilla.

- Monardes, N., 1574b. *De Simplicibus Medicamentis ex Occidentali India delatis, quorum in medicina vsuus est. Auctore D. Nicolao Monardis Hispalendi Medico; interprete Carolo Clvsio Atrebat. Ex Officina Christophori Plantini, Antverpiae.*
- Montaigne, M. de, 1595. *Les Essais de Michel seigneur de Montaigne. Edition nouvelle, trovvee apres le deceds de l'Authheur; reueuë & augmentée par luy d'un tiers plus qu'aux precedentes impressions.* Michel Sonnius, Paris.
- Monte, O., 1932. Os nomes vulgares dos insectos do Brasil. Coordenados alfabeticamente, com classificação systematica, dados biologicos e seus valores economicos. *Almanack agricola brasileiro*, São Paulo 20: 273-293.
- Montoya, A. R. de, S. J., 1639. *Tesoro de la Lengva Gvarani. Compuesto por el Padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Jesus, Dedicado a la Soberana Virgen Maria.* Iuan Sanchez, Madrid.
- Montoya, A. R. de, S. J., 1876. *Arte, Bocabulario, Tesoro Y Catecismo de la Lengva Gvarani por Antonio Ruiz de Montoya publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Tomo Tercero. Tesoro de la Lengva Gvarani.* B. G. Teubner, Leipzig.
- Moraes, A. J. M., 1858. *Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria, e politica do Imperio do Brasil contendo noções historicas e politicas, a começar do descobimento da America e particularmente do Brasil, o tempo em que forão povoadas as suas diferentes cidades, villas e lugares; seus governadores, e a origem das diversas familias brasileiras e seus appellidos, extrahida de antigos manuscriptos historicos e genealogicos, que em éras diferentes se poderão obter: os tratados, as bullas, cartas regias &c., &c. A historia dos ministerios, sua politica, e cores com que apparecerão; a historia das assembléas temporaria e vitalicia; e tambem uma exposição da historia da independencia, escripta e comprovada com documentos ineditos e por testemunhas oculares que ainda restão, e dos outros movimentos politicos: descrição geographica, viagens, a historia das minas e quinto do ouro &c., &c. afim de que se tenha um conhecimento exacto não só da geografia do Brasil, como da sua historia civil e politica. Tomo I.* Typographia Americana de José Soares de Pinho, Rio de Janeiro.
- Moraes, R. B. de, 1983. *Bibliographia brasiliana. Rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the olonial period*, 2 vols. Latin American Center Publications, Los Angeles & Livraria Kosmos, Rio de Janeiro.
- Morley, H., 1871. *Clement Marot and other studies.* 2 vols. Chapman and Hall, London.
- Morren, E. & L. Crié, 1885. A la mémoire de Pierre Belon du Mans, 1517-1564. *La Belgique Horticole*, La Haye 35: 5-16.
- Moya, S. de, org., 1962. *Subsídios genealógicos: Famílias brasileiras de origem germânica. Volume 2.* Instituto Genealógico Brasileiro & Instituto Hans Staden, São Paulo.
- Navarro, E. de A., 1999. *Teatro (Auto de São Lourença – Auto 'Na Aldeia de Guaraparim'.* José de Anchieta. Martins Fontes, São Paulo.
- Navarro, E. de A., 2013. *Tupi antigo, a língua indígena clássica do Brasil.* Global Editora e Distribuidora Ltda., São Paulo.
- Nicolay, N. de, 1568. *Les quatre premiers livres et peregrinations orientales, de N. de Nicolay Dauphinois, seigneur d'Arfeuille, valet de chambe, & geographe ordinaire du Roy. Avec les figures au naturel tant d'hommes que de femmes selon la diuersité des nations, & de leur port, maintien, & habitz.* Gvillavme Roville, Lyon.
- Nicolay, N. de, 1576. *Les navigations peregrinations et voyages, faicts en la Tzurquie, par Nicolas de Nicolais Dauphinois Seigneur d'Arfeville, valet de chambre & geographe ordinaire du Roy, contenant plusieurs singularitez que l'authheur y a veu & obserué. Le tout distingué en quatre liures. Avec soixante figures au naturel tant d'hommes, que de femmes selon la diuersité des nations, leur port, maintien, habits, loyx, religion, & façon de viure, tant en temps de paix comme de guerre. Avec plusieurs belles & memorables histoires, advenuës en nostre temps.* Guillaume Silvius, Imprimeur du Roy, Anvers.
- Nogueira, B. C. de A., 1880. Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da 'Conquista Espiritual' do Padre A. Ruiz de Montoya. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro 7: 1-603+ ix pp.

- Noll, V. & W. Dietrich, orgs., 2010. *O português e o tupi no Brasil*. Editora Contexto, São Paulo.
- Papavero, N. & M. S. Couri, 2012. Essays on the history of Brazilian Dipterology. I. The first notices about Brazilian Diptera (16th century). *Revista Brasileira de Entomologia*, Curitiba 56 (1): 1-6.
- Papavero, N., J. Llorente-Bousquets & D. Espinosa-Organista, 1975. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces. Volumen III. De Nicolás de Cusa a Francis Bacon*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, D. F.
- Papavero, N. & D. M. Teixeira, 1999a. A fauna brasileira do “Vocabulário na lingua brasilica” de Leonardo do Valle, S. J. (1585). *Contribuições avulsas para a história natural do Brasil (História da História Natural)*, Seropédica 1: 1-8.
- Papavero, N. & D. M. Teixeira, 2007. *A fauna de São Paulo nos séculos XVI a XVIII, nos relatos de viajantes, cronistas, missionários e relatos monçoeiros*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Paré, A., 1579. *Les Oeuvres de Ambroise Paré, Conseiller, et Premier Chirvrgien dv Roy. Divisees en vingt sept livres, avec les figures & portraits, tant de l’anatomie que des instruments de chirurgie, & de plusieurs monstres. Reueuz & augmentez par l’Auteur, pour la seconde edition*. Gabriel Buon, Paris.
- Paré, A., 1841. Appendice av Livre des Monstres, pp. 770-794, in Malgaigne, ed., q. v.
- Parrhasius, I., 1537. Iani Parrhasii poetae senogalliensis carmen Phalaecium hendecasyllabum, in Disciples et Amsy de Marot, q. v.
- Pereira, C., 1941. Sobre as ‘ratadas’ no sul do Brasil e o ciclo vegetativo das taquaras. *Arquivos do Instituto Biológico*, São Paulo 12: 175-196.
- Pereira Filho, E. de, org., 1965. *Tratado da Província do Brasil de Pêro de Magalhães de Gândavo. Edição organizada por Emmanuel Pereira Filho, com leitura e reprodução fac-similar do manuscrito existente na Biblioteca Britânica*. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- Petrucchi, G., 1677. *Prodromo apologetico alli studi chircheriani. Opera di Gioseffo Petrucci romano, nella quale con un’apparato di saggi diversi, si dà prova dell’esquisito studio ha tenuto il celebratissimo padre Atanasio Chircher, circa il credere all’opinioni degli scrittori, si de’ tempi andati, come de’ presenti, e particolarmente intorno a quelle cose naturali dell’India, che gli furon portate, ò referte da’ quei, che abitarono quelle parti*. Jansonio-Warsbergj, Amsterdam.
- Picot, É., 1920. *Querelle de Marot et Sagon: Pièces reunites*. Imprimerie A. Lainé, Paris.
- Pimentel, H. U., 2006. Sob a lente do Santo Ofício. Um visitador na berlinda. *Texto de História, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília*, Brasília, D. F. 14 (1-2): 37-55.
- Pinto, O. M. de O., 1958. Notas, in Wied-Neuwied, M., Príncipe de, *Viagem ao Brasil* (2^a ed.), 536 pp., pls. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Porto Alegre, A. J. G., 1980. *Popularium sul-riograndense (Estudo de filologia e folclore)* (2^a ed.). Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Prosperi, A. & W. Reinhard, eds., 1992. *Il Nuovo Mondo nella coscienza italiana e tedesca del Cinquecento*. Società Editrice di Milano, Bologna.
- Purchas, S., 1625-1626. *Hakluytus posthumus, or Purchas his Pilgrimes containing a history of the world, in sea voyages and lande travels, by Englishmen and others*. 5 vols. Printed by Will. Stansby, for Fetherstone, London. [O ‘Tratado’ de Cardim aparece às pp. 1289-1320].
- Purchas, S., 1905-1907. *Hakluytus posthumus or Purchas his Pilgrimes. Containing a history of the world in sea voyages and lande travels by Englishmen and others*. 20 vols. James MacLehose and Sons, Glasgow [O ‘Tratado’ de Cardim encontra-se no vol. XVI, pp. 417-503. 1906].
- Raymond, P., 1866-1869. Notes extraites des comptes de Jeanne d’Albret et de ses enfants (1556-1608). *Revue d’Aquitaine et des Pyrénées. Recueil historique de Guienne, Périgord, Gascogne, Béarn, Languedoc*,

- Condom[-en-Armagnac], Gers 10: 565-574, 1876; 11: 43-49, 117-130, 178-184, 242-247, 294-298, 380-394, 444-449, 494-500, 544-549, 603;606, 1867. 12: 158-168, 223-226, 263-271, 417-424, 1868; 13: 564-573, 1869.
- Ribeiro, D. & C. de A. Moreira Neto, 1992. *A fundação do Brasil: Testemunhos 1500-1700*. Editora Vozes, Petrópolis.
- Richer, C., 1537. Christophori Richerij in eundem Epigramma, in *Disciples et Amys de Marot*, q. v.
- Rodrigues, A. D., 1958. Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. *Revista portuguesa de Filologia*, Coimbra 9: 1-54.
- Rojas Acosta, N., s/d. *Manual del viajero. Diccionario de la lengua guaraní (extracto de otro inédito, escrito en 1905). Tomo primero. Precedido de substantivos, adjetivos, pronombres y declinaciones así como de listas de verbos comunes, de conjugaciones de verbos usuales y de adverbios comunes. Contiene las voces usuales que aun existen en el Chaco i sobre todo en Corrientes, que tracta de geo, flora y fauna en número de 838 vocablos y 191 frases; todo precedido de palabras guaraníticas comparadas con el francés, griego, español, etc.* S/e, [Resistencia, Argentina].
- Rubim, B. da C., 1882. Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uzo vulgar. *Revista trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Janeiro 45: 363-390.
- Sagon, F. de, [s/d]. *Le coup dessay contenant la Response a deux epistres de Clement Marot avec vne Response a celui qui a escript que limprimeur de ce presente liure auoit beaucoup perdu a limpression diceluy*. [Olivier Mallard], Paris.
- Sagon, F. de, 1537a. *Deffense contre Clement Marot [et Elegie se complaignant a lui mesmes daucuns qui ne prennent bien l'intention de son coup dessay dont il frappa Marot et Pour les disciples de Marot parle a eulx]*. [Pierre Vidoue], Paris.
- Sagon, F. de, 1537b. *Epistre a Marot pour luy monstrer que Frippelipes auoit faict sottte comparaison*. Jean André [Guillaume de Bossozel], Gilles Corrozet, Paris.
- Sagon, F. de, 1537c. *Le rabais du caquet de Fripelippes, et de Marot, dict rat pellé. Faict par Matthieu de Boutigni, paige de Maistre François de Sagon, secretaire de l'abbé de saint Ebvroult*. Au Palais, par Gilles Corrozet et Jehan André, Paris.
- Sagon, F., 1731. *Le rabais du caquet de Fripelippes, et de Marot, dict rat pellé. Faict par Matthieu de Boutigni, paige de Maistre François de Sagon, secretaire de l'abbé de saint Ebvroult*, in Marot, 1731a, q. v. [à p. 430].
- Saldanha, A., 2011. The itineraries of geography: Jan Huygen van Linschotten *Itinerario* and Dutch expeditions to the Indian Ocean, 1594-1602. *Annals of the Association of American Geographers* 101 (1): 149-177.
- Sampaio, T., 1914. *O Tupi na geographia nacional. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. Segunda edição, correcta e augmentada*. Empresa Typographica "O Pensamento", São Paulo.
- Santos, I. M. dos, 2000. *La découverte du Brésil. Les premiers témoignages choisis & présentés par Ilda Mendes dos Santos (1500-1530)*. Éditions Chandeigne – Librairie Portugaise, Paris.
- Scaliger, J. C., 1557. *Exotericarvm exercitationvm liber qvintus decimvs, De Subtilitate, ad Hieronumvm Cardanvm. In extremo duo sunt indices: prior breuisculus, continens sententias nobiliores: alter opulentissimus, penè omnia complectens*. Ex officina typographica Michaelis Vascosani, Lvtetiae [= Paris].
- Scheffer, C., ed., 1887. *Le voyage de Monsieur d'Aramon ambassadeur pour le Roy en Levant escript par noble homme Jean Chesneau l'un des secretares dudict seigneur ambassadeur. Publié et annoté par M. Ch. Schefer, membre de l'Institut*. Ernest Leroux, Éditeur, Paris.
- Scopoli, G., 1845. Relazione de Leonardi da Ca' Master alla Serenissima Republica di Venetia sopra il commercio dei portoghesi nell'India dopo la scoperta del Capo de Buona Speranza (1487-1506). *Archivio storico italiano*, Firenze 2 (Appendice): 9-51.
- Service de Travaux Historiques de la Ville de Paris, 2004. *Inventaire chronologique des éditions parisiennes du*

XVI^e siècle établi par la Bibliothèque nationale de France d'après les manuscrits de Philippe Renouard. V. 1536-1540. Musées, Paris.

Silva, I. F. Da, 1860. *Diccionario bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Tomo quinto.* Imprensa Nacional, Lisboa.

[Soares, F., Pe.], 1927. De algúas cousas mais notaveis do Brazil (Informação jesuítica de fins do século XVI). *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro 148 ("1923"): 367-427.

[Soares, F., Pe.], 1966. *Coisas notáveis do Brasil.* Instituto Nacional do Livro (Dicionário da Língua Portuguesa, Textos e Vocabulários 6), Rio de Janeiro.

Souza, G. S. de, 1825. Noticia do Brazil, descripção verdadeira da costa daquelle Estado, que pertence á Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de Todos os Santos. [Academia Real das Sciencias] *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações ultramarinas, que vivem nos Domínios portuguezes ou lhes são visinhas*, Lisboa 3 (1): 1-342. [MS de 1589].

Souza, G. S. de, 1851a. Tratado descriptivo do Brazil em 1587. *Revista do Instituto historico e geographico do Brazil*, Rio de Janeiro 14: xi + pp. 1-423.

Souza, G. S. de, 1851b. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e França, e acrescentada de alguns comentarios à obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.* Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro.

Souza, G. S. de, 1971. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentarios por Francisco Adolfo de Varnhagen.* 4^a. ed. Companhia Editora Nacional & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Souza, G. S. de, 2010. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587.* Editora Hedra Ltda., São Paulo.

Staden H., 1557. *Wahraftige Historia vnd Beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zú Hessen vnbekant, biss uff dise ij. nechst vergangene jar. Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd yetzo durch den truck an tag gibt. Dedicirt dem Durchleuchtigen Hochgebornen herrn, H. Philipsen Landgraff zú Hessen, Graff zú Catzenelnbogen, Dietz, Ziegenhain vnd Nidda, zeinen G. H. Mit eyner vorrede Dr. Joh. Dryandi, genant Eychman, Ordinarij Professoris Medici zú Marpurck. Inhalt des Büchtlins volget nach den Vorreden.* Gedruckt in Marpurck, im jar. M.D.LVII. Address Kolben, Marpurck.

Stieber, L. S., E. Eusman & S. Albro, 1995. The Triumphal Arch and the large Triumphal Carriage of Maximilian I. Two oversized, multi-block 16th century woodcuts from the studio of Albrecht Dürer. *The Book and Paper Group Annual*, Washington, D. C. 14: 63-85.

Strauss, W. L., 1974. *The Book of Hours of the Emperor Maximilian the First.* Abaris Books, New York.

Strauss, W. L., 1980. *Albrecht Dürer: Woodcuts and wood blocks.* Abaris Books, New York.

Stresemann, E., 1951. *Die Entwicklung der Ornithologie von Aristoteles bis zur Gegenwart.* F.W. Peters, Berlin.

Tastevin, C., 1923. Nomes de plantas e animaes em língua tupy. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo 13: 687-763.

Taunay, A. de E., (1934). *Zoologia fantástica do Brasil.* Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo.

Teixeira, D. M. & N. Papavero, 2002. *Os primeiros documentos sobre a história natural do Brasil (1500-1511). Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonville e da nau Bretoa.* Museu Paraense Emílio Goeldi (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira), Belém, PA.

Teixeira, D. M. & N. Papavero, 2010. O tráfico de primatas no Brasil Colônia, pp. 253-282, in Pessôa, L. M., W. C. Tavares & S. Salvatore, orgs., *Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil.* Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Teixeira, D. M. & N. Papavero, 2012. Uma breve história dos morcegos vampiros (Chiroptera, Phyllostomidae, Desmodontinae) no Brasil Colônia. *Arquivos de Zoologia*, São Paulo 43 (2): 109-142.
- Thevet, A., 1557. *Les singularitez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps*. Chez les heritiers de Maurice de la Porte, Paris.
- Thevet, A., 1575. *La Cosmographie Vniverselle d'André Thevet Cosmographe du Roy. Illustree de diverses figvres des choses plvs remarquables vevës par l'Autheur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes. Tome Second*. Guillaume Chaudiere, Paris.
- Thevet, A., 1586. *Le grand insuluaire et pilotage d'André Thever, angoumoisain, cosmographe du Roy, dans lequel sont contenus plusieurs plants d'isles habitées et inhabitées et description d'icelles*. Ms. Fr. 1542-1543, Bibliothèque Nationale, Paris.
- Tiele, P. A., ed., 1885. *The Voyage of John Huyghen van Linschotten to the East Indies. From the old English translation of 1598. The first book containing his description of the east. In two volumes. Vol. II*. Hakluyt Society, London.
- Travaços, Pe. S., ca. 1596. *Declaração do Brasil. Liuro primeiro em que se declara toda a costa, e pouoações do estado do Brazil*. MS, 1r-40r. (In Cunha, 1978).
- Tricot, J. P., 2004. Le voyage en 1547 à Stamboul du médecin naturaliste Pierre Belon du Mans. *Histoire des Sciences médicales*, Paris 38 (2): 191-198.
- Urbani, B., 2007. Further information on neotropical monkeys reported in the XVI century: Part 2. *Neotropical Primates*, Arlington 14 (3): 121-125.
- [Varnhagen, F. A. de], 1854. *Historia geral do Brazil isto é do descobrimento, colonização, legislação de desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, por um socio do Instituto Historico do Brazil, natural de Sorocaba. Tomo primeiro*. E. e H. Laemmert, Rio de Janeiro.
- Varnhagen, E. A. de, Visconde de Porto Seguro, ed., 1861. Llyuro da náao Bertoa que vay para a Terra do Brazil [de Duarte Fernandes, 1511]. *Revista trimensal do Instituto Historico e Etnographico do Brasil*, Rio de Janeiro 24:96-111.
- Vasconcellos, S. de, 1672. *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv, tavmatvurgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil. Composta pello P. Simam de Vasconcellos, da mesma Companhia, lente de prima na sagrada teologia, & prouincial que foi na mesma prouincia, natural da cidade do Porto* [pp. 1-593] + *Recopilaçam da vida do P. Ioseph de Anchieta*. Officina de Ioam da Costa, Lisboa.
- Vauzelles, M.[athieu ou Macé de], [ca. 1537]. *La Grande Genealogie de Frippelippes. Auecques vne Epistre adressant le tout à Francoys Sagon*. [Pierre Gromors], Paris.
- Vidal, L., 2000. La presence française dans Le Brésil Colonial au XVI^e siècle. *Cahier des Amériques Latines*, Paris 34: 17-34.
- Weller, E., 1872. *Die ersten deutschen Zeitungen. Herausgegeben mit einer Bibliographie (1505-1599)*. H. Laupp, Tübingen.
- Wiederspahn, H. O., 1962. Lins (Lynsen, Linss, Linss), p. 315-320, in Moya, org., q. v.
- Wied-Neuwied, M., Prinz zu, 1831. *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien, III*. Verlag des Gr. H. S. priv. Landes-Industrie-Comptoirs, Weimar.
- Wintroub, M., 2001. L'ordre du rituel et l'ordre des choses: l'entrée royale d'Henri II à Rouen (1550). *Annales. Histoire, Sciences Sociales* 2: 479-505.
- Wolfflin, S., 1970. *Drawings of Albrecht Dürer*. Dover Publications, New York.
- Ximénez, F., Fray, 1615. *Qvatro libros de la naturaleza y virtudes de las plantas, y animales que estan recebidos en el uso de medicina en la Nueva España, y la Methodo, y correccion, y preparacion, que para administrallas se requiere con lo que el doctor Francisco Hernandez escrivio en lengua latina. Muy util para todo genero*

de gente que vive en estancias y pueblos do no ay medicos, ni botica. Traduzido, y aumentados muchos simples, y compuestos y otros muchos secretos curativos, por Fr. Francisco Ximenez, natural de Villa de la Luna del Reyno de Aragon. En Casa de la Viuda de Diego Lopez Davalos, México.

Zuckerman, S., 1998. *The ape in myth & art*. Verdigris, London.